IDENTIDADE

SÉRIE CULTURA PORTUGUESA

VITORINO NEMÉSIO

ESTUDO
E ANTOLOGIA

MARIA MARGARIDA MAIA GOUVEIA

VITORINO NEMÉSIO

ESTUDO
E ANTOLOGIA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
1986

VITORINO NEMÉSIO

ESTUDO
E ANTOLOGIA

Prefácio
de
ANTÓNIO M. B. MACHADO PIRES
(Prof. Catedrático da Universidade dos Açores)

Introdução e Organização
de
MARIA MARGARIDA MAIA GOUVEIA

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

Título
VITORINO NEMÉSIO — ESTUDO E ANTOLOGIA

1ª Edição 1986

NSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTGUESA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*
Divisão de Publicações

Praça do Príncipe Real, 14-1º — 1200 LISBOA
Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Tiragem
3000 exemplares

Capa
Reprodução de uma gravura de Le Breton datada de 1860 representando Angra do Heroísmo. Arranjo gráfico de Daniel de Almeida Martins

Composição e impressão
Gráfica Maiadouro
Rua Padre Luís Campos, 686 — 4470

Depósito legal nº 13992/86

PREFÁCIO

Prefaciar Nemésio — aliás ele mesmo prefaciador de poetas, ensaistas e antologias — não é tarefa fácil. Acresce a dificuldade o facto de se pretender cobrir uma obra profundamente variada à luz dos géneros tradicionais, mas subtilmente coesa e una na humanidade do homem que a escreveu. Humanidade assumida duplamente no criador literário e no professor, no Rouxinol e no Mocho, símbolos que ele próprio invocou para brincando dizer a sério a sua vocação de poeta e de sábio. Tão ambas as coisas, conscientemente assumidas sem uma esquecer a outra, que, depois de toda uma carreira de livros de poesia, como O Bicho Harmonioso, Eu, comovido a Oeste, Nem toda a noite a vida, O Verbo e a Morte (*bastariam estes), de ficção, como* Mau Tempo no Canal, O Mistério do Paço do Milhafre, *de crónicas, como* O Segredo de Ouro Preto, Corsário das Ilhas *(também bastariam estes!), ou de ainda numerosos livros de investigação, ensaio e crónica-ensaio (sobre Herculano, Bocage, Gomes Leal), chegou também ao tratamento poético original de Ciências e linguagens de rigor no* Limite de Idade *(já em 1972), e veio, finalmente, em 1976, dois anos antes da sua morte, a confessar, em crónicas carregadas de ciência e humanismo, experiência e maturidade crítica, que ainda e sempre era acima de tudo poeta: «Intitulei estas considerações* — Era do Átomo/Crise do Homem — *não só por ceder a esse pendor, mas pela vantagem de ganhar indirectamente um símbolo (pois não me esqueço de que sou poeta) [...]»* [1].

A mesma poesia — presente numa página de livros «poéticos», isto é, tradicional e formalmente classificados como tais na papeleta dos géneros, como nas páginas de crónica do seu discreto «Jornal de Vitorino Nemésio», quando, por exemplo, fala, no Corsário das Ilhas, *dos ilhéus das cabras, símbolo-padrão do isolamento, ou do perfume pétreo e salino das «velhas» e adormecidas cidades do arquipélago onde nasceu...*

Essa mobilidade de estilos, essa alternância inesperada e eficiente de registos, essa capacidade de surpreender o leitor com um verso lapidar ou um jogo etimológico, são, a nosso ver, razões bastantes (além de outras!) para antologiar a variedade da obra de um dos mais representativos escritores e homem de cultura deste século em Portugal.

---

[1] *Era do átomo. Crise do Homem*, Lisboa, Bertrand, 1976, Cap. I, p. 9.

Com efeito, Vitorino Nemésio (1901-1978), poeta, contista, romancista, ensaísta, cronista, historiador da cultura, romanista e professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, é uma das figuras mais completas da nossa contemporaneidade: sobretudo porque a uma obra que se espalha por muitos géneros e subgéneros literários, alia uma personalidade profundamente marcante, com uma escrita inconfundível. Aliás marcante não só na escrita como na oralidade e na convivência, entre eruditos como entre os cidadãos comuns, que o admiravam na «cátedra» televisiva do «Se bem me lembro». Prémio Ricardo Malheiros do romance, Grande Prémio Nacional da Literatura (1965), Prémio Montaigne (da Fundação F. V. S., de Hamburgo, 1974), Nemésio, aliás professor em França e no Brasil, é uma figura de projecção internacional; poeta, também, em francês, em La Voyelle Promise, *legitimamente escritor brasileiro em* O Segredo de Ouro Preto, Violão de Morro *e* Ode ao Rio.

E, acrescente-se, o primeiro escritor, que, nascido nos Açores e marcado pela sua ilha natal (Terceira), definiu, a partir da sua própria experiência de ilhéu afastado da ilha-mãe, o que chamou açorianidade (decalque da hispanidad, do seu mestre Unamuno...). Com efeito, é ele quem consegue, em múltiplas formas literárias, poesia ou conto, romance (o célebre Mau tempo no Canal, *1944), crónica ou ensaio, dar a mais assumida expressão da vivência de ilhéu-açoriano, que revive, em* ludus *verbal e imagético, em personagens-símbolo ou em referências paisagísticas e ressonâncias telúricas, um mundo arquetípico de infância, que é válido universalmente, por exprimir a condição intemporal do ser-se açoriano. Ele e Roberto de Mesquita, o simbolista que aliás ele arrancou ao desconhecimento num artigo de 1936 2, são, a nosso ver, os pilares de uma literatura açoriana, se quisermos recortar, nas modalizações nacionais literárias de língua portuguesa, uma literatura assim adjectivada.*

Mau Tempo no Canal, *romance de espaço e de tempo social (os Açores de 1917 a 1919), é uma obra simultaneamente universal e regional, tornada intemporal pela açorianidade do clima, cor e alma humana. De obra referida a algumas ilhas dos Açores, eleva-se a romance épico-telúrico do homem açoriano. Do homem que fica e do homem que parte. De Roberto que regressa, como de Margarida que parte, teorizando na amurada do navio sobre o amor à terra, como se Nemésio falasse dentro dela. E o Ti Amaro, trancador de baleias, conhecedor dos mares do norte, é, com o seu parente literário Matesinho de S. Mateus das* Quatro Prisões debaixo de Armas, *símbolo da apetência*

---

[2] «O Poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita», *in Revista de Portugal*, n.° 6, Coimbra, Janeiro 1939, depois em *Conhecimento de Poesia*, Bahia, 1958, 2.ª edição, Lisboa, Verbo, 1970.

universal e da disponibilidade para o risco do homem açoriano, duplamente universal como português e como ilhéu atlântico sempre pronto a emigrar.

A já extensa bibliografia crítica sobre Nemésio prova o interesse crescente pela sua obra. Sobre ela se pronunciaram relevantemente críticos e professores, como António Quadros, Artur Benevides, David Mourão Ferreira, Eduardo Lourenço, Eduardo do Prado Coelho, Ester de Lemos, Fernando Cristóvão, Heraldo Silva, J. Gaspar Simões, João Mata, José Martins Garcia, Manuel Antunes, Luís Forjaz Trigueiros, Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria de Lourdes Belchior, Maria Lúcia Lepecki, Maria Vitalina Leal de Matos, Óscar Lopes, Vasco Graça Moura.

Em 1974 saíu uma colectânea crítica sobre Nemésio, pela Livraria Bertrand, intitulada Críticas sobre Vitorino Nemésio*; mas recentes achegas, novos dados globais sobre a personalidade de Nemésio e a unidade da sua obra reveladas, por exemplo, no* Jornal do observador*, obrigam, efectivamente, a uma leitura atenta do que se escreveu de então para cá. Em 1978 José Martins Garcia faz surgir* Vitorino Nemésio. A obra e o homem (Lisboa, Arcádia).

A escolha dos textos obedeceu a um desiderato duplamente prático e representativo: prático, porque se tratava de encontrar textos que sejam úteis ao ensino da obra de Nemésio, representativo, para, no seu conjunto, darem ideia da coesão e unidade interior da obra nemesiana.

Igualmente se pretendeu coligir alguns textos críticos fundamentais para a compreensão, divulgação e ensino da obra nemesiana, em Portugal e no estrangeiro. Por razões óbvias, apenas se compilaram textos críticos posteriores à citada antologia crítica da Bertrand, de 1974, que o leitor pode consultar.

Uma palavra sobre a autora da introdução, e colaboradora na escolha dos textos antológicos, Maria Margarida de Maia Gouveia: é actualmente assistente da Universidade dos Açores, preparou um trabalho sobre Nemésio para fins académicos e tem uma recente e cuidadosa leitura da obra de Nemésio.

Julho 1984.

ANTÓNIO M. BETTENCOURT MACHADO PIRES

INTRODUÇÃO

> *«[…] nas ciências do espírito a objectividade pura é um mito. O melhor da interpretação faz-se através do eu, côa pelo cendal íntimo.»*
>
> Vitorino Nemésio, Pref. a *A mocidade de Herculano*, 2.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1978, p. 33.

> *«[…] pode-se tentar uma classificação imamente das obras, buscar as suas próprias «leis» internas, respeitando assim os «tipos», as individualidades, as estruturas únicas e, literariamente, irrepetíveis.»*
>
> Gilberto Mendonça Teles, *A retórica do silêncio*, S. Paulo, Cultrix, 1979, p. 215

O poeta resume o saber de muitas ciências pela maneira lapidar como usa a linguagem. Se é verdade que se pode dizer isto de todo o grande poeta, ainda é mais verdade a respeito de Nemésio que, de modo inconfundível, cultivou várias ciências e dominou várias linguagens, como professor, como crítico e como criador literário. Ele próprio teve consciência da sua duplicidade de crítico e criador, erudito e poeta: «[…] cheguei a pensar em escrever eu mesmo a minha fábula, que seria o Rouxinol e o Mocho […] — pois já nos bons tempos de Coimbra eu era, entre os sábios aquiescentes, um poeta extraviado, e entre os poetas maliciosos um sábio enganado no número da porta […]» — confessa na «Última lição» [1].

De vasta cultura e curiosidade universais, exímio profissional da palavra que criativamente se «desgastou» na docência e na criação literária, natural lhe foi o «desdobramento» de autores. Distinguiu-se como personalidade completa, talento invulgar de disponibilidades intelectuais, como tão justamente escreveu David Mourão-Ferreira —

[1] *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974, p. 23.

«um talento multiforme que daria, à vontade, para mais dez autores» [2]: isto é, filósofo da cultura, biógrafo, historiador, cronista, vários poetas e ficcionistas e alguns críticos.

Criador poético, poeta da inovação, Nemésio situa-se a distância de *escolas* e *movimentos,* criando a sua lógica, por sua própria busca, na composição ou na crítica, no domínio medieval ou no contemporâneo. Afinal, «vocação humanística e cósmica» da qual os intelectuais portugueses tendem a afastar-se, como lamenta numa entrevista (ver *Bicórnio*, n ° 19, p. 62).

A bibliografia de Nemésio acusa, pois, experiências literárias diversas, uma pluralidade de interesses e uma incapacidade em se cingir a um único domínio, que fazem do autor o criador de «estruturas únicas», individuais, «irrepetíveis», já que os géneros literários são — como escreve Torga no seu *Diário* — «camisas-de-ferro complacentes que cada possesso alarga à sua medida» [3]. Daí a irreverência a normatizações e géneros, o pendor para «associações de circunstância» mobilizando tanto as ciências humanas como as ciências exactas, história, etnografia, linguística, epistemologia, física nuclear, química, genética (estas sobretudo no fim da vida).

A literatura não é um feudo subjugado a leis rígidas e convencionais, mas um espaço provocador de um enfeixe de conhecimentos cuja última preocupação é a integridade de uma cultura; ao domínio do literário «não corresponde uma unidade de conteúdo; […] no mesmo saco deste rótulo metemos ensaios, novelas, dramas, cartas particulares, fábulas, máximas, contos, memórias, e cantigas» [4].

Nem no exercício do magistério Nemésio podia condescender com *sapiência* de compêndios, simples somatórios de conhecimentos eruditos ou exibicionismos terminológicos de correntes modernas. Ou seja: não importa — nem é possível — o cientificismo na literatura, mas a «norma de humanidade, testemunho do autêntico». Aliás, «uma sociedade que só instituísse informações teóricas aplicáveis ao êxito rentável teria a civilização moribunda» — diz-nos ainda na «Última lição».

Assim, também uma perspectiva crítica aproveita a experiência do poeta, valorizando personalisticamente o significado do texto, autores e

---

[2] «Sobre a obra de Vitorino Nemésio», *in Tópicos de crítica e história literária*, Lisboa, União Gráfica, 1969, p. 159.

[3] Vol. IX, p. 100.

[4] Vitorino Nemésio, «Meditação ocasional», *in Viagens ao pé da porta,* Lisboa, Ed. Pórtico, [1967], p. 16.

história literária. Nos curtos estudos sobre escritores portugueses e brasileiros que reúne em *Conhecimento de poesia*, avulta, sem dúvida, o crítico que não prescinde de saberes extraliterários (história, antropologia, sociologia, linguística...) mas que os aplica na leitura do texto à luz de uma visão pessoal, íntima — o que ele chama avaliar pelo «cendal íntimo». É o caso de «O Poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita», cuja açorianidade Nemésio só capta à luz da sua própria. O mesmo será dizer: todo o crítico deverá humanizar, com a sua própria experiência, a leitura que faz, sob pena de ficar livresco e fútil. Tudo isto para que não aconteça que a crítica, e história literária fiquem «mais depressa a serem estética de partido, sociologia, dialéctica de escolas, erudição de miunças, do que modos desprevenidos de receptividade e valoração das livres criações do espírito» [5].

De resto, Nemésio tem tendência a abrir um espaço metalinguístico, na medida em que na sua obra, sobretudo na poesia, ocorrem referências ao próprio engendramento poético revelando o poeta *doublé* — de crítico e teorizador:

> «Esta vontade de cantar que pulsa no pessegueiro
> E cria no poeta o indício de alguns versos
> Que antes de serem voz hão-de doer primeiro» [6]

— sem deixar, contudo, de ser prioritariamente poeta, e esta é a razão de ter *intitulado* «poema dos poemas» o conjunto de reflexões sobre «Poesia e metafísica».

Ainda a propósito da autocrítica metalinguística, talvez valesse a pena lembrar como já os títulos de alguns poemas (significativamente de O *verbo e a morte)* apontam para a consciência criadora do próprio poeta, no que concerne o «fazer» poético, o estatuto do poeta, poesia e existência: «Art poétique», «L'impuissance poétique» (*La voyelle promise*); «Arte poética» (*O bicho harmonioso*); «verbo e a morte», «Flatus vocis», « O poeta é o portador», «Poldro de som» (*O verbo e a morte*).

Manifestações que, aliás, tocam «o problema do romance» («O problema do romance», in *Diário Popular*, 8-5-1946), agora não no

---

[5] Vitorino Nemésio, *Conhecimento de poesia* (pref. à 1.ª edição), 2.ª edição, Lisboa, Verbo, 1970, pp. X-XI.

[6] «Primavera embuçada», *in O bicho harmonioso*, Coimbra, Revista de Portugal, 1938, p. 24. Confronte-se com «Arte poética» da mesma obra: «O flanco das coisas só sangrando me comove»; e ainda: «Domador de palavras como feras» («Orpheu», *in O verbo e a morte*).

interior do próprio texto literário, mas num pequeno artigo de jornal, a partir de considerações sobre Joaquim Paço d'Arcos: o romancista. «é o "lugar onde" do ajuntamento das suas criaturas fingidas», e logo acrescenta: não «puro advento de pseudónimos, de protagonistas, de personagens, mas o cruzamento de seres em estado fantástico com seres em estado civil, meio por meio formados na reminiscência e na inventiva, ao mesmo tempo utópicos e moradores, convividos e sonhados». Uma «teorização» que parece exprimir a sua experiência pessoal enquanto criador do *alter ego* Mateus Queimado e da personagem Margarida (*Mau tempo no canal*)? De facto, Mateus Queimado é um estratagema literário, o narrador a quem Nemésio *empresta a pena* para torná-lo porta-voz das suas vivências insulares, no *Corsário das ilhas* e, principalmente, em *O mistério do paço do milhafre.* Não é rigorosamente um heterónimo, mas um «conhecido» do autor, que a este se identifica por traços biográficos e geracionais: também açoriano, de (aproximadamente) a mesma idade [7] e, do mesmo modo, arrancado à pátria de infância — «pseudocosmopolita, que perdeu a metrópole e o microcosmo não sei onde... » («Vida de bordo», *Corsário das ilhas*). E que, curiosamente, fala ao coração de Nemésio: «Quelque chose de la nature de M. Queimado m'a atteint à jamais» («Le mythe de Monsieur Queimado», p. 19).

E Margarida não é ser *convivido* e *sonhado,* que nasce e vive de vicissitudes do criador? Não estará Nemésio, ele próprio, a «teorizar», pelo estratagema da viagem de Margarida no final do romance, sobre *o amor à terra?* — «O amor à nossa terra... Não... Não! Esse é talvez à parte; mais parecido com o outro... um pouco mais exigente... mas por isso mesmo também sujeito às suas loucuras e ao capricho da sorte, […]» [8].

Enfim, o acto de escrever torna-se um acto global, de correlacionação de saberes, códigos linguísticos e reminiscências pessoais: assim em obras ensaísticas como *Sob os signos de agora*, ou em crónicas de viagem, como *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos, Corsário das ilhas, Caatinga e Terra Caída.*

Com efeito, *o Corsário* acusa um binarismo de percursos, ou seja, a solicitação dupla pelo observável e pelo recôndito, pelo exterior e pelo íntimo, que faz do seu autor cartógrafo sui *generis* alçado a construtor de «navios imaginários»:

---

[7] Ver Vitorino Nemésio, «Le mythe de Monsieur Queimado», *in Bulletin des études portugaises et de l'Institut français au Portugal*, tomo VII, Coimbra Editorial, 1940.

[8] 6.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1980, p. 406.

> «Arrisco-me pois, como puro armador de navios imaginários, a fazer dos leitores, passageiros sem segurança nem rumo certo, numa viagem que sinto poder durar meses num quarto de hora, e em que lhes dou, sob pretexto de um rápido turismo evocativo, um mísero rancho de proa e portos enevoados.» [9]

Revisita as ilhas, e as vivências pessoais («a matilha dos [s]eus sentimentos de jornada») ditam o tom de voz da «crónica»:

> «A viagem vai no fim e o coração dá sinal... Não mais ilhas à vista e canais de través! Adeus, céus de borralho, mares de metal, lavas negras! Adeus serenidade, sossego maciço, paz cinzenta! E muitas outras coisas que não me atrevo a dizer, tais como a ausência, e o Escampadoiro ou o Pico da Bagacina, considerados lugares sagrados.» [10]

Muito embora fornecendo amplas informações sobre os Açores, tem sempre com a realidade um envolvimento emocional, razão pela qual algumas linhas depois volta às reincidências líricas:

> «Que mundo é este que se nos revela nestes pedações vulcânicos forrados de um solo magro e cínzeo? Que impressão é esta de apartamento, de alfa e ómega da vida... aquiescência final e paz para se ficar mesmo...?» [11]

Note-se como neste outro contexto se interpenetram as duas atitudes, do cronista que informa e do homem que se sensibiliza com a sua terra de origem revisitada. Vai descrever e reflectir, mas logo o tom impressionista e sentimental conota a realidade observada:

> «De manhã passam as carripanas do leite e dos ovos, as carrinhas, todos os sinais do acordar. As janelas das casas têm as gelosias por fora. *Abrem-se devagar, como pálpebras; e lá aparecem as donas de casa e as raparigas espreitando ou tomando os ares da doca. Ruas mais quietas do que as transversais da Horta nunca*

[9] «Corisco», *Corsário das ilhas*, 2.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1983, p. 100.
[10] «Da Graciosa ao Faial», ob. cit., p. 119.
[11] *Idem*, p. 121.

> *eu vi!* As calçadas ainda são de pedra grada e boa para as ervas crescerem; […]» [12]

E mais adiante:

> *O Faial é discreto e feminino.* As mulheres do campo deixam o sacho ou a forquilha para pegarem na agulha do crivo ou na farpa do croché. Ali borda-se a fio de palha em tule negro, *mais leve que uma nuvem;* fio de palha de trigo: de maneira que uma mantilha ou uma blusa *parecem ter lume aceso.*» [13]

Tem sido dito que no *Corsário* pesa o lado da informação: provam-no os densos capítulos iniciais sobre a Madeira e os Açores que reúnem fauna, flora, história, urbanismo, geologia; ou ainda o erudito capítulo «Freiras da Praia».

Corsário das ilhas é roteiro e itinerário, mas também memórias, viagem sentimental, peregrinação recôndita, como acabámos de ver; «bíblia do saber sobre os Açores, ao mesmo tempo que repositório moral de Nemésio» — na visão crítica de A. Machado Pires[14]. Talvez por ter sido tomado mais como livro «informativo», é que pode haver a tendência para minimizar ou nem dar por este aspecto (mais profundo e mais autêntico!) de diário.

Mas a própria poesia é marcada pela tendência de transformar o puro circunstancial em fonte de reflexões mais profundas. «Nova Esfinge» por exemplo, poema que o autor considerou último tributo à memória de Régio, resulta de uma viagem de avião entre Montreal e Santa Maria, em 14.5.1971.

De destacar, neste poema, a transitoriedade da vida intuída na «transitoriedade» do voo, a hora adiada e o fingimento-alienação vislumbrados no sorriso da hospedeira. Sintomática a linguagem extraída do campo científico que aqui nos aparece com valor simbólico (de resto, dominante nas obras de maturidade, em *Limite de idade* e no *Jornal do observador*) e que Nemésio transpõe para o campo do percurso existencial.

---

[12] *Idem*, p. 123, Sublinhados nossos.

[13] *Idem*, p. 124, Sublinhados nossos.

[14] «Corsário *das ilhas ou os* Açores revisitados», in Vitorino Nemémio, *Corsário das ilhas*, ed. cit., p. 10.

A viagem-viagem (isto é: a viagem aérea, o percurso Canadá-Santa Maria) é tomada como analogia da própria *viagem existencial*:

> «A viagem terá seu termo ou não, biosférico
> E tudo finalmente se arranjará
> Na rosa dos ventos elísios...» [15]

A ideia de morte — o sentimento da «morte-adiada» — surge-lhe a partir da presença da hospedeira que «aliena» a angústia do voo com o seu sorriso elíptico; assim, Nemésio logo intui, por analogia, a vida como viagem com termo inevitável:

> «Eu sei que ela [hospedeira] envelhece,
> Os reactores do avião serão sucata um dia…»

Então, a angústia da própria morte surge expressa em termos de instituição mortuária:

> «Nós seremos chumbados a maçarico
> Pelos hospedeiros da Funerária... »

Nemésio — que várias vezes se seduz pelo tema da Esfinge — postula o problema do *além*, esfingicamente desenvolvido a partir do verso de Régio «ao terceiro dia hei-de acordar». «Nessa Presença sim, é que estamos os dois», (ambiguidade e alusão *à Presença* Revista onde colaboraram os dois): encontrar-se-ão no além? No «dia de lá»? Dúvida resolvida ironicamente, por enquanto, com o sibilino verso «Por enquanto [isto é: enquanto do lado *de cá*] voo, amigo, em sílabas e iões, do Canadá» — isto é, voa no voo aéreo o voo verbal da criação linguística…

A *viagem* verbal leva-o a redescobertas etimológicas, a jogos de metáforas, a passagens da ilha histórica à «ilha ao longe», ao «cais vazio» e à «pedra de memória».

Podemos dizer que Nemésio aproveita uma apurada consciência etimológica em dois sentidos: por um lado, o uso etimológico de um termo, que até lhe dá mais força semântica; por outro, uma exploração estética de usos e restituições ao sentido etimológico. É ainda — e mais

[15] *Limite de idade*, Lisboa, Estúdios Cor, [1972], p. 59. Posteriormente incluído na crónica «De Raul Brandão a Régio», *Jornal do observador*, Lisboa, Verbo, 1974.

uma vez — um aproveitamento lúdico da linguagem («No trânsito aos bons propósitos»: «Vencimento é derrota, e derrota caminho. Não só há quem vença a letra de câmbio, mas tudo cambia e marcha — *O retrato do semeador*).

Ainda outro aspecto deste *ludus* é a passagem do concreto ao abstracto, da realidade física à imaginária, da parte ao todo de que é símbolo. Assim, cais é parte morfológica de ilha e símbolo poeticamente explorado no jogo conceptual partida/chegada, ausência/presença, outrora/agora:

> «Aquele cais ali, agudo e nu,
> Que o mar percute e coroa de asas,
> Sabes? pareces-me tu,
> Adiada — e, ao fundo, casas.
> Tu, não mulher salva ou perdida,
> Nem tu, esperança de pedra,
> Mas terra da minha vida
> Onde o mar alto medra» [16]

O cais físico, sinédoque da «ilha ao longe», logo se desmaterializa, passando a ter existência unicamente *dentro* do próprio poeta, como porto de partida e porto de chegada das suas viagens mitificadas:

> «Ao cais que eu penso
> Não chega vela, nem jamais
> Asa ou ponta de lenço
> Ensina porto ou saudade
> – Que é *pura pedra sem idade*,
> *Dentro de mim, o cais*.» [17]

Este cais é, pois, tal como a «pedra de memória» do poema «A concha» (*O bicho harmonioso*), um pretexto poético para a sua história «de velho ausente das suas pedras *(Limite de idade).*

Uma situação de desnudamento poético que tornaria a ter expressão em vários outros poemas, nomeadamente neste: «A nortada encheu de ilhas o horizonte. / Olhando bem, nenhuma é verdadeira, /

---

[16] *Eu, comovido a Oeste,* Lisboa, Revista de Portugal, 1940, p. 19.
[17] *Idem*, p. 20. Sublinhados nossos.

Mas cada uma em mim tem porto e monte, / Que eu sou homem que vê doutra maneira» (*ibidem*).

Como se vê, o mito parece marcar fortemente a obra nemesiana, a poética e a ficcional. Assim, *Mau tempo no canal*, onde são frequentes as alusões ao quadro cultural fim do século, conserva aspectos míticos da história dos Açores. Fernão Dulmo (Ferdinand Van Olmen), por exemplo, o donatário flamengo das Quatro Ribeiras, ilha Terceira, não deixa de ser referido enquanto suposto descobridor de uma ilha ao Norte da Terceira.

E não são as raízes existenciais tornadas míticas a motivação mais profunda da sua inquietude verbal e do viajar íntimo, imperioso como um *fatum?*

> «Tenho o navio no peito,
> Quando o quero sempre o acho.»

— confessa em *Festa redonda* («Cantigas à ilha Terceira, à cidade, à Praia, e aos montes»).

O telurismo ancestral (resolvido em imagens, metáforas e símbolos de mar, algas e conchas…) acabaria por acompanhar o percurso literário do autor, o qual, na expressão do próprio, se realiza «com os temas coerentes e reiterados do sentido da existência pela representação do passado». («Poesia e metafísica»).

Em todo o caso, as angústias do «exílio» não são suficientemente vencidas com evocações da *ilha*, são sublimadas pelo verbo, na sua capacidade transfiguradora («Flato de voz é morte irreparável, / só Verbo é vida:» — poema «Flatos vocis»).

Talvez seja então possível descortinar na obra de Nemésio certo carácter cíclico, se se considerarem algumas *tendências* evidenciadas nos conteúdos e nos próprios títulos das obras. Esta é aliás uma questão já levantada por Óscar Lopes (*História ilustrada das grandes literaturas*, Lisboa, ed. Estúdios Cor, 1973) e retomada por J. Almeida Pavão em «O popularismo de Vitorino Nemésio» (in *Popular e popularizante*, Ponta Delgada, ed. da Universidade dos Açores, 1981), onde diz preferir a designação de *tónicas* ou *dominantes* à de *ciclos* pela ausência de uma «dicotomia essencial».

É certo que verificamos uma espécie de viragens temáticas e expressivas, mas tal não permite imposições periodológicas, sendo de admitir, por outro lado, obras «limítrofes». no sentido em que acusam

interpenetração ou sobreposição de preocupações e rumos. Veja-se como, em 1981, Jorge de Sena reconhece que pelos anos 40 (com a publicação de *Eu, comovido a Oeste*) «a temática, as imagens, as metáforas, o vocabulário, adquirem uma intenção de austeridade, uma vibração áspera, uma consolada angústia, de quem encontrou na recessão espiritual o assunto que lhe faltava» [18].

Perante este pressuposto de flexibilidade, talvez possamos ver, *grosso modo,* três ciclos: o *saudosista* (marcado pela infância, pela Ilha e pelo passado), o *religioso* (orientado pelo sentimento de culpa, pela fé e espírito penitencial), e o *científico* (influenciado por conhecimentos de física, química, biologia, genética...). Ao primeiro ciclo agregam-se sobretudo *O bicho harmonioso* (1938), *Eu, comovido a Oeste* (1940), *Mau tempo no canal* (1944), *O mistério do paço do milhafre* (1949), *Corsário das ilhas* (1956); ao segundo, *O pão e a culpa* (1955), *Retrato do semeador* (1958), o *verbo e a morte* (1959); ao terceiro, *Limite de idade* (1972), *Era do átomo/Crise do homem* (1976).

Sapateia açoriana guarda experiências literárias com ressaibos ideológicos («Largada à baleia», «Corsários à vista») e, no entanto, não nos parece possível falar de empenhamento político, nem de ciclo ideológico: no fim da vida trazia a intenção de «equacionar vida, ciência e conhecimento poético, reintegrando-os numa visão cósmica, como é a de *Limite de idade*» — *nota* Vasco Graça Moura [19].

Também não se podem rigorosamente incluir em ciclos obras como *Nem toda a noite a vida* (1953), ou *Jornal do observador* (1974), assim como algumas anteriormente citadas revelam tendências imbricadas — seja o caso, por exemplo, de inquietações religiosas, não obstante uma determinada e mais significativa linha evocativa, como n'*O bicho harmonioso.* E em *Limite de idade* cruzam-se temas e ressonâncias que são um *ludus* verbal com linguagens científicas, com elementos míticos ilhéus e com um sentido penitencial mais ou menus evidente. Veja-se, por exemplo, que no poema «Matéria orgânica a distância astronómica» estão presentes um tratamento lírico da origem da vida («Ó alma da manhã fosforilada»), uma evocação da «ilha ao longe» e, no final do poema, um apelo a Deus como fim último da existência («E até — meu Deus que chamo e não oiço — de Ti»). Mas, como se viu, sem nunca deixar de estar presente a sua Ilha matricialcomo sublinha Eduardo Lourenço, «Vitorino Nemésio guardou até ao «limite de idade» a sua

[18] *Estudos de literatura portuguesa I*, Lisboa, Edições 70, 1981, p. 220.
[19] *Nemésio: o lance do verbo. Ensaio*, s.l., 1980.

«formidável infância» [20]. Até porque, eixo fundamental de criação nemesiana seria sempre a preocupação da linguagem pela linguagem: «Do verbo se chega *à* esperança / Do que se quis» («O verbo e a morte»).

Que a linguagem em si mesma é uma preocupação nemesiana (veja-se a epígrafe «A língua é a casa do Ser», *in* «Casa do Ser», *O verbo e a morte*), atesta-o também o facto de querer ser criador literário *por dentro* de outras línguas ou de peculiaridades linguísticas, brasileiras ou açorianas: assim surge o autor de *La voyelle promise,* dos *Poemas brasileiros* e da exploração dialectal de textos referidos aos Açores (*Mau tempo no canal, Quatro prisões debaixo de armas*).

Era, pois, sensível à ductilidade da linguagem e perscrutador de valores da palavra, ajustando uma especial e própria maneira de intuir a realidade, quer física, quer humana, à dinâmica de um sistema de expressão, aquilo a que óscar Lopes chamou «mimetismo linguístico», que tem a ver, afinal, com a «tentação foneticista» que Martins Garcia surpreende no ti Amaro de *Mau tempo no canal* ou no Matesinho das *Quatro prisões.*

Veja-se como, no estudo «Poesia e metafísica», em 1961, Nemésio se refere a um aspecto desta «dramatis persona» (expressão de Óscar Lopes), o da Vogal Francesa: «Como se à língua nativa de um poeta português, que a vogal portuguesa simbolize, uma vogal alheia lhe viesse, de *surcroît*…» (p. 60). E quanto à Vogal Brasileira:

> «Já em Água de Mininos,
> P'ra cá de Montesserate,
> Fui bahiano uma manhã
> *Bebi* meu leite de coco,
> *Comi o* mamão gostoso,
> *Cheirei* a pele moreninha;
> (—)
> Foi em Água de Mininos,
> Na Bahia, à flor do mar,
> Que o português percebeu
> Que isto de ser brasileiro
> É questão de começar» [21].

---

[20] «Nemésio *clown* de Deus — glosa lírica a *Limite de idade*», *in Colóquio-Letras*, n.º 48, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Março, 1979.

[21] «Romance de Água de Mininos», *in Poemas brasileiros*, Lisboa, Bertrand, 1972, pp. 23-24. Sublinhados nossos.

Observe-se a utilização da «expressão brasileira» nos diversos níveis (lexical, semântico, fonético e sintáctico) e como esta utilização pressupõe uma real assimilação linguística. É o que concluímos do seguinte registo: «– Obrigado ao siô! — responde-lhe na língua da terra, sem querer parodiá-lo» [22]. Não é de estranhar, portanto, a sua perspicácia em revelar particularidades expressivas, da região nordestina (as «fortes nasais», *Caatinga*, p. 164) ou do mundo carioca (a melodia de «vogais dentais chiadas», *O segredo de Ouro Preto*, p. 103). Nemésio não fica pelo uso de termos e expressões locais, capta nexos e ritmos da «dinâmica vocal» brasileira, numa linha jakobsoniana do significado («tudo, na linguagem é, nos seus diversos níveis, significante»). A propósito da Rua do Catete escreve:

> «Eu te vou cantar de samba
> E de fado juntamente,
> Com rima, sem rima, bamba
> Na tua corda de gente,
> Forte Rua do Catete, […]» [23]

Para além das variações linguísticas e temáticas citadas anteriormente, há na obra de Nemésio um eixo comum, espécie de fio condutor: um mundo insular arquetípico, a condição do ser-se ilhéu simbolicamente explorada.

«Um homem que transporta uma ilha», como disse Ortega y Gasset; mas que também se serve dessa ilha como pretexto para viagens meramente verbais. «Sou ilhéu e portanto embarcadiço», escreve o Nemésio autor de crónicas no *Corsário*; mas esse *destino,* que arrastará até aos últimos poemas, torna-se porém «uma desgraça de sinónimos de marear» («Poemas ilhéus II»), uma espécie de fecho de ciclo existencial, no termo de repetidas viagens reais que fez no fim da vida aos Açores. Agora os habituais elementos insulares tornam-se, paradoxalmente, incómodo peso de *fatum* ilhéu: *bolor, musgo, calhau-rolado, sonolência*. Então, numa espécie de revolta («Farto de ser ilhéu»), tudo lhe cheira a mofo nas lojas» e, nesses versos finais, datados de Novembro de 1977,

---

[22] «Noite de S. João», *in O segredo de Ouro Preto e outros caminhos,* Lisboa, Bertrand, 1954, p. 153

[23] «Balada da Rua do Catete», *in Poemas brasileiros*, ed. cit., p. 69.

surge com uma espécie de confissão lapidar, em que o seu *ser-se* ilhéu é a condição da sua própria Dor:

> «"Ilhéu: Troca-se por papua ou índio dos Andes".
> "Perdeu-se uma bezerra-lavrada num baldio".
> Estou farto de ser pretexto humano destas coisas
> E quem ouve os sinos no nevoeiro e o boi berrar
> Dorido de me terem feito nascer numa pedra,
> Peço licença, a quem tenha pena de mim, para chorar.» [24]

Julho 1984.

MARIA MARGARIDA DE MAIA GOUVEIA

[24] *In Colóquio-letras*, n.° 41, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Janeiro, 1978.

CANTO MATINAL

Um volume de versos por *Vitorino Nemésio*

Da acreditada Tip. Andrade, editora, de Angra do Heroismo, recebemos um luxuoso volume de 60 págs. É o primeiro volume de um jovem aluno do liceu de Angra, o Sr. Vitorino Nemésio, que, é da praxe na sua idade, cantar o amor, mas canta-o com talento e com sentimento que não mente. Se não é ainda impecável a sua arte, tem para isso a desculpa dos seus 15 anos.

E com esta pouco idade, sabe já dizer, em formosa cadência e fluente estilo, revelando-nos uma cultura literária muito adiantada, o que a sua alevantada imaginação vê e cria, sentindo invulgarmente a policromia da natureza que o cerca e encanta.

É um espontâneo e um sincero sem pessimismos precoces e fictícios.

É uma adolescência prometedora de elevado talento e cultura; é pelo menos o que nos autoriza a dizer este seu volume de versos que lêmos com prazer, e que nos vem provar mais uma vez que nos Açores a poesia floresce com exuberância e as subidas afirmações de talento não escasseiam.

Publicado no jornal de Ponta Delgada *Diário dos Açores* de 25 de Setembro de 1916.

PARA UMA BIBLIOGRAFIA DE VITORINO NEMÉSIO

I — DO AUTOR

1 — *Poesia*

Canto matinal, Angra do Heroísmo, Livraria Editora Andrade, 1916.
Nave etérea. Poema, Coimbra, Imprensa Académica, 1922.
«Soneto», *in Byzancio,* n.º 6, Coimbra, Janeiro, 1924.
«Entrudo» e «La cathédrale engloutie», *in Presença,* n.º 27, Coimbra, Junho-Julho, 1930.
«Sonetos para libertar um estado de espírito inferior», *idem,* n.º 29, Novembro-Dezembro, 1930.
«Moderação», *in O diabo,* ano I, n.º 40, Lisboa, 31.3.1935.
«Primavera que se embuça», *ibidem.* (O mesmo poema figura em *O bicho harmonioso* com o título «Primavera embuçada»).
«A barraca», *idem,* n.º 49, 2.6.1935.
La voyelle promise, Coimbra, Edições Presença, 1935.
«Canto ferino e pedagógico», *in Seara nova,* ano XVII, nº 519, Lisboa, 24.7.1937.
O bicho harmonioso, Coimbra, Ed. Revista de Portugal, 1938.
«Primeira elegia do mar», *in Revista de Portugal,* n.º 6, Coimbra, Janeiro, 1939. *(In Nem toda a noite a vida,* constituindo a parte I do poema «Áspera vida»).
«Poema» *in Cadernos de poesia,* n.º 4, Lisboa, 1941. *(In Nem toda a noite a vida,* com o título «Pedra» e algumas variantes).
Eu, comovido a Oeste, Coimbra, Ed. da Revista de Portugal, 1940.
«Já não estou para rosas», *in Pequena antologia de poesia moderna.* Cadernos da Acção, 2, Lisboa, 1941.
«Xácara de D. Sebastião», *in Seara nova,* ano XXVIII, n.º 1150-51, 1950. *In* Petrus, *Regresso ao sebastianismo,* Porto, s.d. e *in* António Machado Pires, D. *Sebastião e o encoberto,* Lisboa, 1971.
Festa redonda, décimas e cantigas de terreiro oferecidas ao povo da ilha Terceira por Vitorino Nemésio natural da dita ilha, Lisboa, Bertrand, 1950.
Nem toda a noite a vida, 1.ª edição, Lisboa, Ática, 1953; 2ª edição, Lisboa, Ática 1973.
O pão e a culpa, Lisboa, Bertrand, 1955.
«Poema-prefácio» a *Livro de bordo* de António de Sousa, 2.ª ed., Lisboa, Publicações Europa-América, 1957.
O verbo e a morte, Lisboa, Moraes Editores, 1959.
«Canticum Trium Puerorum», *in Colóquio-letras,* n.° 2ª Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1959.
«Pode ser», *idem,* n.º 8, 1960.
«Mão», *in Rumo,* ano VI, n.º 61, Lisboa, Março, 1962.
O cavalo encantado, Lisboa, Moraes Editores, 1963.
Andamento holandês e poemas graves, Lisboa, 1964 (dactilografado).
Ode ao Rio, A B C do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Fundação Infante Dom Henrique, 1965.
Canto de véspera, Lisboa, Guimarães Editores, 1966.
Vesperais (1916-1918), Angra do Heroísmo, Livraria Editora Andrade, 1966.
Violão de morro (...) seguido de 9 romances da Bahia, Lisboa, 1968.

Limite de idade, Lisboa, Estúdios Cor, 1972.
Poemas brasileiros, Lisboa, Bertrand, 1972.
Sapateia açoriana. *Andamento holandês e outros poemas*, Lisboa, Arcádia, 1976. «Poemas ilhéus», *in Colóquio-letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 41, Janeiro, 1978.
«Quando falarem de vergonha ou pejo» e «Uma poesia escrita na sala de exame...», *in Jornal de letras, artes e ideias*, Lisboa, n.º 22, 1982.
Poesia (1935-1940), Lisboa, Moraes Editores, s.d.

2 — Ficção

«Panelas velhas não cantam nos Reis», in *Diário de Lisboa*, Lisboa, 5.1.1923. (*In O mistério do paço do milhafre*, refundido e com o título «Os reis magos»).
«Santo Entrudo. Conto», *idem*, 14.2.1923.
«Os figos pretos», *in Byzancio*, n.º 5, Coimbra, Dezembro de 1923 «Um bago de uva (fragmento)», *idem*, n.º 6, Janeiro de 1924.
«O pranto das reses bravas», in *Tríptico*, n.º 4, série 2, Coimbra, Novembro de 1924. *Paço do milhafre*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.
«Ilha da Fortuna», in *Tríptico*, n.º 7, série 3, Coimbra, Fevereiro de 1925, *In Humanidade*, ano I, n.º 2, Coimbra, 1.4.1925.
«Um pobre homem», *idem*, n.º 9, série 3, Abril de 1925. [«(Do romance inédito, O *ilhéu Venâncio*)»].
Varanda de Pilatos, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1926.
A casa fechada, 1.ª edição, Coimbra, A. Amado editor, 1937; 2.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1979.
«O espelho da morte», *in Revista de Portugal*, n.º 4, Coimbra, Julho de 1938. (Cf. com o conto com o mesmo nome *in O mistério do paço do milhafre*).
«I'm very well, thank you», *idem*, n.º 5, Outubro de 1938. (Cf. com o conto com o mesmo nome *in O mistério do paço do milhafre*).
«Um ciclone nas ilhas», *idem*, n.º 7, Abril de 1939. [1.ª versão do 1.º capítulo de *Mau tempo no canal*].
«Mau tempo no canal. Parte de um capítulo do novo romance de V. N.», *in Diário Popular*, Lisboa, 15.6.1944.
Mau tempo no canal, 1.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1944; 6.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1980. [Com prefácio de David Mourão-Ferreira]. Em francês *Le serpent aveugle* (tradi Denyse Chast), col. Feux croisés, Paris, Plon, 1953.
«Arquipélago dos Picapaus», in *Vértice*, vol. IV, n.º 52, Coimbra, Novembro-Dezembro de 1947, (Cf. com o conto com o mesmo nome *in O mistério do paço do milhafre*).
«Um conto de Mateus Queimado», *in Diário Popular*, Lisboa, 17.6.1948. *O mistério do paço do milhafre*, Lisboa, Bertrand, 1949.
«Páscoa florida», *in Panorama*, n.º 9, 3.ª série, Lisboa, Março de 1958.
«A dança da morte. Memórias de Mateus Queimado», *idem*, n.º 15, 3.ª série, Setembro de 1959.
Quatro prisões debaixo de armas, col. Mosaico, Lisboa, Ed. Fomento de Publicações, s.d.
Quatro Prisões debaixo de armas e outras histórias, Livros RTP, n.º 10, Lisboa, Ed. Verbo, 1971.
«O automóvel e a arma do petróleo», *in Jornal de letras, artes e ideias*, n.º 22, Lisboa, 1982.

3 — *Crónica*

Ondas médias. Biografia e literatura, Lisboa, Bertrand, 1945.
O segredo de Ouro Preto e outros caminhos, Lisboa, Bertrand, 1954.
Corsário das ilhas, Lisboa, Bertrand, 1956; 2.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1983.
O retrato do semeador, Lisboa, Bertrand, 1958.
Viagens ao pé da porta, Lisboa, Editorial Pórtico, 1967.
Caatinga e Terra Caída. Viagens no Nordeste e no Amazonas, Lisboa, Bertrand, 1968.
Jornal do observador, Lisboa, Editorial Verbo, 1974.
Era do átomo/Crise do homem, Lisboa, Bertrand, 1976.

4 — *Teatro*

Amor de nunca mais (peça em um acto), Angra do Heroísmo, Livraria Editora Andrade, 1920.

5 — *Estudos e Ensaios*

Sob os signos de agora. Temas portugueses e brasileiros, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932
A mocidade de Herculano até à volta do exílio (1810-1832), Lisboa, Bertrand, 1934. (2 vols.).
Isabel de Aragão, Rainha Santa. Vida, Coimbra, 1936; em espanhol Isabel *de Aragon, La reina santa de Portugal* (trad. Isabel Alcalde), Barcelona, Editorial Olimpo, 1944.
Relações francesas do romantismo português, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.
Etudes portugaises, Lisboa, ed. do Instituto para a Alta Cultura, 1938.
Gil Vicente. Floresta de enganos, Lisboa, Ed. Inquéritos, 1941.
«Vida de Bocage», *in Bocage. Sonetos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943; 2.ª edição, 1956.
«Moniz Barreto», *in Moniz Barreto, ensaios de crítica*, Lisboa, Bertrand, 1944.
A poesia dos trovadores (sécs. XII-XIV), Lisboa, ed. Instituto de Alta Cultura, 1950.
«Destino de Gomes Leal», in *Gomes Leal. Poesias escolhidas*, Lisboa, Bertrand;
Destino de Gomes Leal. Seguido de Poesias escolhidas, com dispersos desconhecidos, Lisboa, Bertrand, 1952
Portugal e Brasil no processo da história universal, Rio de Janeiro, Ministério da Educação do Brasil, 1952.
O campo de S. Paulo. A companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563), Lisboa, ed. Comissão do IV centenário da fundação de S. Paulo, 1954. *Conhecimento de poesia*, Bahia, Publicações da Universidade da Bahia, 1958; 2.ª ed., Lisboa, Editorial Verbo, 1970.
Vida e obra do infante D. Henrique, Comissão executiva das comemorações do quinto centenário da morte do infante D. Henrique, Lisboa, 1959; 3ª edição, 1967.
«Poesia e metafísica», *in Poesia* (1935-1940), col. Círculo de poesia, n.º 14, Lisboa, Liv. Moraes Editora, 1961. *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974.
Almirantado e portos de quatrocentos, Lisboa, Sociedade de Geografia, 1961.
La génération portugaise de 1870, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1971.

Exilados. 1828-1832. História sentimental e política do liberalismo na emigração, Lisboa, Bertrand, s.d.

«Eurico. História de um livro», *in* Alexandre Herculano, *Eurico, o presbítero* [edição critica dirigida por Vitorino Nemésio], Lisboa, Bertrand, s.d.

6 — Conferências, artigos e outros escritos

O poeta povo, Angra do Heroismo, Livraria Editora Andrade, 1917.

«Sobre a pintura de Vásquez Díaz», *in Conimbriga*, ano I, n.° 1, Coimbra, Março de 1923.

«Colóquios», *in Byzancio*, n.° 1, Coimbra, Março de 1923.

«Grandes de Hespanha. O conde de Romanones», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 4.5.1923

«No paiz vizinho. Literatura contemporânea», *idem*, 7.5.1923.

«Vamos lá escrever uma página sobre Espanha», *in* Mário Ramos e Guilhermino de Matos*, Em terras de Espanha*, Coimbra, «Lumen», 1923.

«Um amor de Garrett na Terceira. Isabel Hewson», *in Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 2.1.1924.

«Eva Aggerholm, escultora», *in Tríptico*, n ° 1, série 1, Coimbra, Abril de 1924.

«Últimas palavras», *in Jogos florais*, Angra do Heroismo, Livraria Editora Andrade, 1924.

«A propósito da Diana», *in Tríptico*, n.º 6, série 2, Coimbra, Janeiro de 1925.

«Camilo» [Conferência promovida pela Universidade Livre e pronunciada no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Coimbra, sob a presidência do Senhor Doutor Eugénio de Castro, em 16 de Março de 1925], *idem*, n.° 8, série 3, Março de 1925.

«É por isso...», in *Gente Nova* (Jornal Republicano Académico), ano 1, n.º 3, Coimbra, 22 5.1927.

«A arte de escrever (composição, sensibilidade, atitude crítica), *in O instituto*, vol. 76, 4.ª série, vol, 5.º, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928. (Existe separata) .

«Uma carta de Monaci sobre o Cancioneiro da Vaticana», *ibidem*.

«Página de memórias», *in Uma hora de jornalismo*, ed. da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, 1928.

«Ortega y Gasset», *in Seara nova*, ano VIII, n.º 175, Lisboa, 22.8.1929.

«Breve meditação», *idem*, n ° 176, 29.8.1929.

«Alexandre Herculano, o historiador», *in* Albino Forjaz de Sampaio, *História da literatura portuguesa ilustrada*, vol. IV, Lisboa, 1929-42.

«1.º Salão dos independentes (escultura-pintura-desenho)», *in Seara nova*, Lisboa, ano IX, n.º 208, 10.4.1930.

«O espólio de Raul Brandão», *idem*, ano X, n.º 231, 29.12.1930.

«Alguns aspectos da prosa medieval principalmente através da Primeira Parte da Crónica de D. João I de Fernão Lopes», *in O instituto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, vols. 80, 1930; 81, 1931; 82, 1931.

«Garrett», *in* Diário de Lisboa, Lisboa, 7.9.1931.

«Açorianidade», in *Insula*, n.os 7-8, Ponta Delgada, 1932.

«Formação e perfil de Herculano», *in Seara nova*, Lisboa, n ° 347, ano XII, 15.6.1933.

«Antero e Herculano», *idem*, ano XIII, n.os 406 a 408, 11.7.1934.

«A casa de Herculano na Ajuda», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 2.8.1934.

«Parágrafos paracríticos», *in Seara nova*, Lisboa, ano XIV, n ° 446, 8.8.1935.

«Os trovadores da Índia — Camões e Kipling», in *Diário de Lisboa*, Lisboa, 7.2.1936.

«A mocidade de Herculano — pequena questão biográfica», *idem*, 17.4.1936.

«O ilhéu», *idem*, 20.5.1936.

«Manuel de Sousa Pinto», *in Revista da Faculdade de Letras*, Tomo II, n.º 2, Lisboa, 1936.
«Uma história de província-Vida conjugal, de João Gaspar Simões», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 6.3.1937.
«Gente da Europa» — Paul Valéry», *idem*, 18.11.1937.
«Vitorino Nemésio fala à *Humanidade*», *in Humanidade*, n.° 41, 18.12.1937
«Um sermão de Bossuet», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 17.2.1938
«Na morte d'Annunzio», *in Revista de Portugal*, n.º 3, Coimbra, Abril de 1938.
«Uma literatura nova», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 29-9-1938.
«Saudades de casa», *idem*, 19.1.1939.
«O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita», *in Revista de Portugal*, n.º 6, Coimbra, 1939. In *Conhecimento de poesia*, Bahia, 1958; 2.ª ed., Lisboa, Verbo, 1970.
«Le mythe de Monsieur Queimado. Une expérience humaine des Açores», *in Bulletin des études portugaises et de l'institut français au Portugal*, Tomo VII, Coimbra Editora, 1940.
«No centenário de Júlio Dinis», *in Revista de Portugal*, n.° 9, Lisboa, Janeiro de 1940.
«O ilhéu emigra», *in Atlântico*, Revista Luso-Brasileira, n.º 1, Lisboa, 1942.
«António Dacosta, pintor europeu das ilhas», *in Variante*, número da Primavera, Lisboa, 1942.
«Pequena antologia dos *primeiros* escritores brasileiros», *in Brasília*, vol. II. Coimbra, 1943.
«Parar, reparar e admirar», *in Litoral*, n.º 1, Lisboa, Junho de 1944.
«Eugénio de Castro», *idem*, n ° 3, Agosto-Setembro de 1944.
O Natal português, Lisboa, Ed. Dois Mundos, 1944.
«No centenário de Verlaine», *idem*, n.º 6, Janeiro-Fevereiro de 1945.
«O sincero fingido», *in Diário Popular*, Lisboa, 26.12.1945.
«Eça de Queiróz e a crítica do seu tempo», *idem*, 6.3.1946.
«O problema do romance», *idem*, 8.5.1946.
«Fialho», *idem*, 15.5.1946.
«Textos vicentinos», *idem*, 24.7.1946.
«Camilo», *idem*, 29.1.1947.
«Cervantes», *idem*, 13.3.1947
«De Júlio Dinis e de Eça», *idem*, 26.3.1947.
«A viagem de Antero à América», *idem*, 16.7.1947.
«A campanha vicentina», in Afonso Lopes Vieira — *In memoriam*, Lisboa, Sá da Costa, 1947.
«Perfil de Eugénio de Castro», *in O instituto*, vol. 109, Coimbra, 1947.
«No centenário das "Memórias": Chateaubriand nos Açores», *in Diário Popular*, Lisboa, 20.10.1948.
«Gil Vicente ou Camões?», *idem*, 3.11.1948.
«Romance e poesia», *idem*, 29.12.1948
«Perfil de Adolfo Coelho», separata da Revista *da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 1948.
Portugal. A terra e o homem. Antologia de escritores dos séculos XIX-XX, Lisboa, ed. Instituto de Alta Cultura, 1948.
«Na morte de Vossler», *in Diário Popular*, Lisboa, 1.6.1949.
«Um livro de Cecília Meireles», in *Diário Popular*, Lisboa, 3 8.1949.
«Sonho de uma manhã de Agosto», *idem*, 17.8.1949.
«Página de diário», *idem*, 24.8.1949.
«Quem se lembra?», *idem*, 31.8.1949.
«Uma literatura sem cartas», *idem*, 7.9.1949.
«Horário de Verão», *idem*, 10.9.1949.
«Oragos: Bocage», *idem*, 21 9.1949.
«A geração do "Orpheu"», *idem*, 26.4.1950.

«Alguns porquês e senões da "Mensagem" de Fernando Pessoa», *idem*, 11.10.1950.
«O problema do estilo», *idem*, 1.11.1950.
«Como vivem os intelectuais portugueses a sua relação com a cultura passada em Portugal?» [Inquérito conduzido por Eduardo Lourenço de Faria] *in Bicórnio,* Lisboa, Abril, 1952.
«Grandezas e misérias do estilo», *in Diário Popular*, Lisboa, 22.4.1953.
«Perfil do Prof Sousa Júnior», *in* Universidade do Porto, Faculdade de Medicina, *Homenagem ao Prof. Sousa Júnior*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1953 (Existe separata).
«Perfil de Hernâni Cidade», *in Revista da Faculdade de* Letras *da Universidade* de *Lisboa*, n. 1, III série, Lisboa, 1957.
«Perfil de José Bruno», *in Insulana*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. XIII — 1.º semestre, Ponta Delgada, 1957.
«O brasileiro», *in Panorama*, n.º 6, III série, Lisboa, Junho de 1957.
Problemas universitários da comunidade luso-brasileira, Lisboa, Anuário da Universidade de Lisboa, 1954-55. (Existe separata, 1957).
«Leite de Vasconcelos», *in Panorama*, n.º 10, III série, Junho de 1958.
«Luís de Camões», *in Merian*, XII, Hamburgo, 1959.
«Leal. António Duarte Gomes Leal», *in Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira* (dir. Jacinto do Prado Coelho), Porto, 1960; 3.ª edição, 1979.
«Açores», *idem*.
«Alocução no banquete de homenagem a José Gomes Ferreira», *in Colóquio-letras*, n ° 20, Lisboa, Outubro de 1962.
Artigo sobre a letra A da *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, Ed. Verbo, vol. I, 1963.
Romance, existência e visão do mundo, separata de *Romance Contemporâneo*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Escritores, 1964.
«No centenário de Unamuno», *in Colóquio*, n.° 31, Lisboa, Dezembro de 1964. «Momento a Cecília Meireles», *in A esfera*, n.º 16, Lisboa, Dezembro de 1964. *Elogio histórico a Júlio Dantas*, Lisboa, ed. da Academia das Ciências, 1965.
«O quinto centenário de Gil Vicente», *in Programa das comemorações do V Centenário de Gil* Vicente, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1965.
«Vida de Bocage», *in Homenagem Nacional a Bocage no II Centenário do seu nascimento*, Setúbal, 1965.
«Evocação», in *Panorama*, n.º 16, IV série, Dezembro de 1965 [impressão em 1966]; em francês «Évocation» (trad. Jean Haupt), *in Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974.
«Os cem anos de António Nobre», *idem*, n.° 23, IV série, Setembro de 1967.
«Uma tarde no castelo de Angra com o tenente José Agostinho», *in Boletim Histórico da ilha Terceira*, Angra do Heroismo, n.º XXVII-XXVIII, 1969-1970.
«Conferência sobre João de Barros [sem título], *in Homenagem ao Dr. João de Barros e ao Visconde da Marinha Grande*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, 1970.
«Palavras de Natal», *in A união*, Angra do Heroísmo, 24.12.1971.
«Alocução do laureado, Prof. Vitorino Nemésio», *in Montaigne-Preis*, Lisboa, 1974. «Última lição» [em 9-XII-1971 no Anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa], *in Críticas sobre* Vitorino Nemésio, Lisboa, Bertrand, 1974.
«Perfil de Aurélio Quintanilha», *In Homenagem ao Prof. Aurélio Quintanilha*, separata da revista *Brotéria*, vol. XLIV (LXXI), n.os 3-4, 1975.
«Para o centenário de Teixeira de Pascoaes», *in O Primeiro de Janeiro*, Porto, 24.11.1976.
«O Natal e os nossos escritores», *idem*, 24.12.1976.
«Perfil de Herculano», *idem*, 1.1.1977

«A "naturalidade" açoriana de Antero de Quental», *idem,* 6.3.1977.
Retrato de Herculano pelos contemporâneos, Lisboa, Bertrand, 1977.
«A segunda geração romântica», *in História da literatura portuguesa ilustrada sécs. XIX e XX*, Lisboa, s.d.
«O problema biográfico do Infante», *in Estrada Larga* (antologia do suplemento de cultura e arte de O Comércio do Porto), n.º 3, Porto Editora, s.d.

7 — *Prefácios*

À margem da questão sebástica (carta prévia a Mário de Castro), Coimbra, 1925.
Ilha dos amores (carta-prefácio a Gervásio Lima), Angra do Heroísmo, Tipografia Insulana Editora, 1926.
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem (Alexandre Herculano), Lisboa, Bertrand, 1934.
Dois anos em África (Maria Sofia Pombo Guerra), Coimbra, 1936.
Cartas (Madame de Sévigné), Lisboa, Sá da Costa, 1939.
O Natal portuguêes, Lisboa, Ed. Dois Mundos, 1944.
Poetas novos de Portugal (Cecília Meireles), Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1944
Viagens na minha terra (Almeida Garrett), Porto, Livraria Tavares Martins, 1946.
Os três patriarcas do romantismo nos Açores (Pe Ernesto Ferreira), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1947.
História de umas barbas (Margarida Roma Machado), Lisboa, 1948.
Grande dicionário francês-português (Domingos Azevedo), 4ª edição, Lisboa, Bertrand, 1952.
Moira (Julien Green), trad. de António de Sousa, Lisboa, Editora Ulisseia, 1954.
Vida e literatura (Pedro de Moura e Sá), Lisboa, Bertrand, 1960.
Poesias inéditas (Fernando Pessoa), Lisboa, Ática, 1960.
Homens, livros e ideias (Manuel Pinto de Aguiar), S. Paulo, 1960.
O pássaro pedinte e ruas dispersas (João Afonso), Lisboa, ed. Panorama, 1960.
A princesa de Clèves (Madame de La Fayette), trad. de Cabral do Nascimento, Lisboa, Estúdios Cor, 1962.
O livro de Cesário Verde, (Cesário Verde), Lisboa, Estúdios Cor, 1964.
O padre em Herculano (Manuel Augusto Trindade), Lisboa, Editorial Verbo, 1965.
As traduções do amor de perdição (Gustavo d'Ávila Perez), Lisboa, Portugália Editora, 1965.
As grandes polémicas portuguesas, Lisboa, Editorial Verbo, 1968.
O pároco da aldeia — o galego. Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé (Alexandre Herculano), Lisboa, Bertrand, 1969.
Açores-actualidade e destinos [artigos de Vitorino Nemésio e de João Afonso], (João Afonso), Angra do Heroísmo, Instituto de Cultura, 1975.
O monasticon: tomo II. O monge de cister: tomo I (Alexandre Herculano), Lisboa, Bertrand, 1977.
O bobo (Alexandre Herculano), Lisboa, Bertrand, s.d.
Cartas de Vale de Lobos (A Herculano), Lisboa, Bertrand, s.d.
Sermões escolhidos (António Vieira), Lisboa, Bertrand, s.d.
As pupilas do senhor reitor (Júlio Dinis), Lisboa, Bertrand, s.d.
Versos de Camões, col. Educativa, Lisboa, Direcção-Geral do Ensino Primário, s.d.
Peau de chagrin (Balzac), Lisboa, s.d.
Os melhores contos portugueses (Guilherme de Castilho), col. Antologias Universais, 3.ª ed., Lisboa, Portugália, s d.
Eurico, o presbítero (A. Herculano) [edição crítica dirigida por Vitorino Nemésio], Lisboa, Bertrand, s.d.

II — SOBRE O AUTOR

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo, *50 anos de vida literária de Vitorino Nemésio [1916-1966]*, Angra do Heroísmo, catálogo de exposição bibliográfica, 1966.

Miscelânia de estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio, Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

Críticas sobre Vitorino Nemésio, Lisboa, Bertrand, 1974.

Recordações de Vitorino Nemésio [*Pró-memória* num jornal angrense], *Ilha Terceira*, Ed. Diário Insular, 1978.

AFONSO João, *Garrett e a Ilha Terceira. Memorial*, Angra do Heroismo, Edição da Câmara Municipal de Angra do Heroismo, 1954.

_____, *Açores — actualidade e destinos* (artigos de Vitorino Nemésio e de João Afonso, com prefácio de Vitorino Nemésio), Angra do Heroismo, Edição do Instituto Açoriano de Cultura, 1975.

ANSELMO Artur, «Não vá embora, não», *in Observador*, n.º 44, Lisboa, 17.12.1971.

ANTUNES Manuel, «Aspectos do panorama literário português de 1954», *in Brotéria*, vol. IX, n.° 1, Lisboa, Janeiro de 1955.

_____, «Reencontro com F. Pessoa e V. Nemésio, poetas», *in Brotéria*, vol. LX, n.º 7, Lisboa, Julho de 1955. Parcialmente transcrito em *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.

_____, «"Poesia e ontologia", à memória de Vitorino Nemésio», *in Brotéria*, vol. CVIII, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1979.

_____, «Vitorino Nemésio — 50 anos de vida literária», *in Occasionalia — homens e ideias de ontem e de hoje*, Lisboa, Multinova, 1980.

AURÉLIO Diogo Pires, «A experiência e a escrita — uma leitura de Vitorino Nemésio», *in República*, de 27 de Abril e 4 de Maio de 1972. *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.

AZEVEDO Rafael de Avila e, «Evocação de Vitorino Nemésio. O regionalismo na obra de Nemésio», *in Boletim Histórico da Ilha Terceira*, n.º XXXVIII, Angra do Heroismo, 1980.

BELCHIOR Maria de Lourdes, «Evocação de Vitorino Nemésio», *in O jornal*, Lisboa, 24.2.1978.

_____, «O espaço ascético-místico da poesia de Vitorino Nemésio», *in Brotéria*, vol. CVIII, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1979.

_____, «Festa redonda e sapateia açoriana — testemunhos da tradição», *in Revista Lusitana*, nova série, n.º 1, Lisboa, 1981

BENEVIDES Artur Eduardo, *Apresentação de Vitorino Nemésio* (elogio académico no doutoramento *honoris causa*, em 21-6-1965, Universidade do Ceará), Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1965

BENTO José, Crítica a *O cavalo encantado*, *in O tempo e o modo*, n.° 7, Lisboa, Julho-Agosto de 1963. *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.

BERNARDINO Teresa, «Vitorino Nemésio e o sentimento do homem contemporâneo», *in Jornal Novo*, Lisboa, 5.7.1978.

BETTENCOURT Luís, «Lembrando Vitorino Nemésio», *in Açores*, Ponta Delgada, 30.4.1978.

BLANC Fernando Faria, Crítica a *O Cavalo encantado*, *in Rumo*, ano VII, n ° 78, Porto, Agosto de 1963.

BOTTO António, *Antologia de poemas-portugueses modernos. Fernando Pessoa e Vitorino Nemésio*, Coimbra, Editorial Nobel, 1944

CAMPOS Álvaro Marinha, «A propósito do último livro de Vitorino Nemésio» [*A casa fechada*], *in Seara nova*, n.º 554, Lisboa, 26.3.1938.

CANNABRAVA Euryalo, «Vitorino Nemésio e a poesia científica», *in Colóquio-letras*, n .º 18, Lisboa, 1974. Parte deste ensaio, «Vitorino Nemésio e a entropia poética», também *in Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.

_____, «*Limite de idade, a imagética*», *idem*, n.º 24, 1975.

CARVALHO Ruy Galvão de, «Poesia e poetas dos Açores», *in Atlântica*, vol. 1, n.º 3, Dezembro de 1956; Janeiro de 1957; Angra do Heroísmo, 1957.

_____, «Possibilidade de uma Literatura de significação açoriana», *in Ocidente*, voI. LXV, n.° 304, Lisboa, Agosto de 1963.

CASTRO Augusto de, «Resposta ao elogio histórico de Júlio Dantas, feito pelo seu sucessor na cadeira académica, Prof. Dr. Vitorino Nemésio», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 28.5.1964.

CASTRO, E. M. de Melo e, «Vitorino Nemésio/poeta», *in Loreto 13*, n.º 2, Abril de 1978.

CECHIN Lúcia, *A imagem poética em Vitorino Nemésio*, col. Antília, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.

CIDADE Hernâni, Crítica a *Varanda de Pilatos*, *in A águia*, vol. X (XXX), 3.ª série, n.° 60, Outubro-Dezembro de 1927.

O conceito de poesia como expressão de cultura, 2.ª ed., Coimbra, A. Amado Editor, 1957.

_____, *Tendências do lirismo contemporâneo*, 2.ª ed., Lisboa, s.d.

COELHO Eduardo Prado, «Vitorino Nemésio — a gramática de Deus ou a ficção reversível», *in Colóquio-letras*, n.° 4, Lisboa, Dezembro de 1971. *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.

COELHO Jacinto do Prado, «Nemésio: uma espécie de humildade», *in Colóquio-letras*, n.º 42, Lisboa, Março de 1978.

CORREIA Natália, «Se bem me lembro, sr. Presidente...», *in Jornal Novo*, Lisboa, 27.2 1978.

_____, «Vitorino Nemésio: razão de uma singularidade insular», *in Açores*, Ponta Delgada, 30-4-1978.

CRISTÓVÃO Fernando Alves, «As viagens "Longe da Porta" de Vitorino Nemésio», *in Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, IV série, n.° 1, 1976-1977. *In Cruzeiro do sul, a norte*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983.

_____, «Um especialista da cultura brasileira», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 30.3.1978. *In Cruzeiro do sul, a norte*, ed. cit.

_____, «Um itinerário: da confissão da culpa ao merecimento do pão», *in Brotéria*, vol. CVIII, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1979.

_____, «Nemésio: uma perspectiva crítica do Brasil», *in Cruzeiro do sul, a norte*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

_____, «A poesia de Carlos Drummond de Andrade glosada por Vitorino Nemésio», *idem*.

_____, «Um poeta luso nos trópicos», *idem.*

C M. [Mário de Castro?], Crítica a *Paço do milhafre*, *in Tríptico*, n.º 1, série I, Coimbra, Abril de 1924.

ENES José, «Vitorino Nemésio escritor», *in Atlântica*, vol. II, n.° 6, Angra do Heroísmo, Novembro-Dezembro de 1958.

_____, «Um "enjeitado" de Vitorino Nemésio», *in* «Pensamento literário e artístico» (página literária de *A união*), Angra do Heroísmo, 10.4.1959.
_____, «A poesia de Vitorino Nemésio (I)», *in Atlântica*, vol. IV, n.° 1, Angra do Heroísmo, Janeiro-Fevereiro de 1960; «A poesia de Vitorino Nemésio (II)», *idem*, vol. IV, n.º1 4 e 5, Julho-Outubro de 1960.
FARIA Duarte, «Vitorino Nemésio: da poesia como modo de ser», *in Outros sentidas da literatura*, Lisboa, Ed. Vega, 1981.
FERNANDES Barahona, «Uma forma de homem completo-a comunicabilidade de Vitorino Nemésio», *in Diário Popular*, Lisboa, 2.3.1978.
FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda, *Apresentação de Vitorino Nemésio*, Lisboa, Portugália, 1952
FIGUEIREDO Adão, «A expansão da língua e da literatura portuguesas no estrangeiro — o que nos disse o Dr. Vitorino Nemésio sobre o leitorado português de Montpellier», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 202.1936.
FREIRE Natércia, «Uma breve nota — Vitorino Nemésio», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 19.10.1972. Também *in Criticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.
GARCIA José Martins, «Vitorino Nemésio: o arquipélago», *in O diabo,* Lisboa, 28.2.1978.
_____, «Singela homenagem a Vitorino Nemésio», *in Açores*, Ponta Delgada, 30.4.1978.
_____, *Vitorino Nemésio — a obra e o homem*, Lisboa, Editora Arcádia, 1978. Pequeno extracto *in* «Algumas opiniões críticas» *in Mau tempo no canal*, 6.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1980.
_____, *Temas nemesianos*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1981.
GONÇALVES Maria Helena, «Aspectos gerais da sua poesia», *in Poesias de Vitorino Nemésio*, Lisboa, Editorial Comunicações, 1983.
GOULART Rosa Maria B., «Vitorino Nemésio: na senda do verbo primordial», *in Arquipélago*, n.º IV, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982.
GOUVEIA Maria Margarida Maia, «O pai de Venâncio, a "loucura insular" e uma simbólica animal em Vitorino Nemésio», *idem*, n.º VI, 1984.
GUIMARÃES Fernando, «A poesia de Nemésio», *in Diário de Noticias*, Lisboa, 23.5.1978.
_____, «A "Presença" e os caminhos da poesia nos anos 20 e 30», *in A poesia da Presença e o aparecimento do neo-realismo*, col. Civilização Portuguesa, Porto, Ed. Inova; *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.
_____, «A expressão simbólica em Vitorino Nemésio», *in Críticas sobre Vitorino Nemésio.* (Publicada com o título «A poesia de Vitorino Nemésio», n'*O Comércio do Porto* de 24-4 e 8-5 de 1962).
_____, «Da ciência da linguagem à linguagem da ciência: Vitorino Nemésio», *in Simbolismo, modernismo e vanguardas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1982.
JESUS Eduíno de, «Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à actualidade», *In Estrada Larga*, n.º 3, Porto Editora, s.d.
_____, «Apontamento à margem de *Mau tempo no canal*», *in Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 15.4.1948.
_____, «Notícia crítica e biográfica de Armando Cortes-Rodrigues», *in Antologia de poemas de Armando Cortes-Rodrigues*, col. Arquipélago, Coimbra, Atlântida, 1956.
_____, Crítica a *O verbo e a morte, in Rumo,* ano III, n ° 36, Lisboa, Fevereiro de 1960.
_____, «Estudo crítico» à *Obra poética de António Moreno*, col. Arquipélago, Coimbra, Atlântida, 1960.

_____, «Interpretação de um movimento poético açoriano», *in Atlântida*, vol. IV, n.º 2, Angra do Heroísmo, Março-Abril de 1960.
_____, «A crisálida do "bicho harmonioso" ou Vitorino Nemésio "avant la lettre"», *in Açores*, Ponta Delgada, 30.4.1978.
LACERDA Alberto de, «*Festa redonda* de Vitorino Nemésio», *in Távola redonda: folhas de poesia*, n.º 3, Lisboa, 1950.
LAVAUD Guy, Crítica a *La voyelle promise*, *in Marges*, Paris, 1936.
LEMOS Esther de, «Vitorino Nemésio-prémio nacional da literatura», *in Panorama,* n.° 21, IV série, Lisboa, Março de 1967; *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.
LEPECKI Maria Lúcia, «Sobre *Mau tempo no canal*», *in Colóquio-letras*, n.º 4, Lisboa, Dezembro de 1971; *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.; *in* «Algumas opiniões críticas», *in Mau tempo no canal*, ed. cit. (extracto).
_____, «Vitorino Nemésio ou a idade ilimitada», *in Estado de São Paulo* (jornal), 4.11.1973; *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.
LINHARES Luísa, «Poética universalizante e significação insular», *in Arquipélago*, n.º III, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981.
LISBOA Eugénio, «Uma carta de Nemésio a Régio», *in Jornal de letras, artes e ideias*, n.° 103, Lisboa, 1984.
LISTOPAD Jorge, «Charlas do grande físico de televisão», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 23.3.1978
LOPES Norberto, «Nemésio repórter», *in A capital*, Lisboa, 25.2.1978.
_____, «Vitorino Nemésio — um inconformista na Academia», *in O primeiro de Janeiro*, Porto, 15.3.1978.
_____, «Um açoriano em Lisboa», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 23.3.1978.
LOPES Óscar, «Vitorino Nemésio, Panorama da sua obra novelística», *in* «A crítica do livro», *in O Comércio do Porto*, Porto, 7.12.1971.
_____, «Linhas de força na poesia de Vitorino Nemésio», *in Diário de Lisboa,* Lisboa, 26 e 31 de Dezembro de 1971.
_____, «Vitorino Nemésio», *in História ilustrada das grandes literaturas,* Lisboa, Estúdios Cor, 1973 (Compilação dos dois estudos anteriores). *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.; *in* «Algumas opiniões críticas», *in Mau tempo no canal*, ed cit. (extracto).
_____, «A obra de Vitorino Nemésio», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 30.3.1978.
LOURENÇO Eduardo, «Vitorino Nemésio ou da livre navegação (no mar poético de Deus)», *in A Capital*, Lisboa, 12, 19 de Maio e 20 de Outubro de 1971; *in Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.
_____, «O último espiritual no século», *in Diário Popular*, Lisboa, 2.3.1978.
_____, «A conversação crítica de Nemésio», *in Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, IV série, n.º 2, Lisboa, 1978.
_____, «Nemésio "clown" de Deus», *in Colóquio-letras*, n.º 48, Lisboa, Março de 1979.
LUZ Torquato da, «Um trabalho (esquecido?) de Vitorino Nemésio», *in Jornal Novo*, 5.4.1978.
MAGALHÃES Joaquim Manuel, «Vitorino Nemésio: *Sapateia açoriana, andamento holandês e outros poemas*», in *Os dois crepúsculos, sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*, A Regra do Jogo, 1981.
MAIA João, Crítica a *Festa redonda*, *in Brotéria*, vol. I, n.º 6, Lisboa, 1950.
_____, Crítica a *Nem toda a noite a vida*, *idem*, vol LXI, n.º 3, Março de 1953.
_____, Crítica a *Corsário das ilhas*, *idem*, vol. LXIII, n.º 5, Novembro de 1956.

_____, Crítica a *Conhecimento de poesia, idem,* vol. LXVIII, n.º 3, Março de 1959.
_____, Crítica a *Mau tempo no canal, idem, vol.* LXXV, n.º 1, Julho de 1962.
_____, «A Vitorino Nemésio», *in Um halo de solidão*, col. Círculo de Poesia, 22, Lisboa, Livraria Moraes editora, 1963.
_____, «Vitorino Nemésio», *in Brotéria*, vol. CVI, n.º 3, Lisboa, Março de 1978. "As fúrias" de Nemésio», *idem*, vol. CVIII, n.º 2, Fevereiro de 1979.
MALPIQUE Cruz, «Vitorino Nemésio humanista e cidadão do mundo», *in Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, n.° 26, 1982.
MARTINS Mário, Crítica a *A poesia dos trovadores (séculos XII-XIV), in Brotéria*, vol. LVII, n ° 5, Lisboa, Novembro de 1953.
MATOS Maria Vitalina Leal de, «"Limite de idade" — experiências do limite», *in Brotéria*, vol. CVIII, n.º 2, Fevereiro de 1979.
MCNAB Gregory, «The regional and the universal in Nemésio's "I'm very well, thank you!"», *in Romance notes*, s.I., 1983.
MEDEIROS Maria Leonor Pavão S., «As bases químicas da vida em *Limite de idade* de Vitorino Nemésio», *in Arquipélago*, n.º V, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1983.
MEIRELES Cecília, *Poetas novos de Portugal*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1944.
MENDES João, Crítica a *O campo de S. Paulo, in Brotéria*, vol. LX, n.º 1, Lisboa, Julho de 1955.
MENDES Macedo, «Vitorino Nemésio — *A mocidade de Herculano*», *in O diabo*, ano I, n.º 37, Lisboa, 10.3.1935.
_____, Crítica a *A casa fechada*, *idem*, n.º 172, 91.1938.
MIRA Ferreira de, *Notícia de La voyelle promise* (seguida de transcrição de «Jeune fille danubienne»), *idem*, n.° 51, 16.6.1935.
MIRANDA Vasco, «Dois decénios de poesia», *in Estrada Larga*, n.º 3, Porto Editora, s.d.
MONTEIRO Adolfo Casais, Crítica a *A casa fechada, in Revista de Portugal*, n.º 2, Coimbra, Janeiro de 1938.
MORNA Fátima Freitas, «Os "canhenhos" de Vitorino Nemésio», *in Jornal de letras, artes e ideias*, n.° 77, Lisboa, 1984.
MOURA Vasco Graça, *Nemésio: o lance do verbo. Ensaios, s.l., s.e.*, 1980.
_____, «Povoamento da consciência», *in Jornal de letras, artes e ideias*, n.º 22, Lisboa, 1982.
MOURÃO-FERREIRA David, «Vitorino Nemésio — na publicação de *O pão e a culpa*», *in Vinte poetas contemporâneos*, Ática, 1960,
_____, «Visão de conjunto», *ibidem.*
_____, Artigo sobre V. N. *in Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, Porto, 1960.
_____, «Sobre a obra de Vitorino Nemésio», *in Tópicos de crítica e de história literária*, Lisboa. União Gráfica, 1969. *In* «Algumas opiniões críticas», *in Mau tempo no canal*, ed. cit. (extracto).
_____, «Para o perfil de Vitorino Nemésio», *in Miscelânia de estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio*, ed. cit.; *In Lâmpadas no escuro*, Lisboa, Arcádia, 1979.
_____, «Sobre as origens e a infância de Vitorino Nemésio», *in Diário Popular*, Lisboa, 3.8.1972.
_____, *Presença da «presença»*, Brasília Editora, 1977.
_____, «Nota preambular», *in* Vitorino Nemésio, *A mocidade de Herculano*, Lisboa, Bertrand, 1978.

_____, «Vitorino Nemésio». *in Portugal — a terra e o homem*, vol. II, 1ª, série, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
_____, «Introdução», *in* Vitorino Nemésio, A *casa fechada*, 2.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1979.
_____, «Aspectos da génese e da fortuna crítica de *Mau tempo no canal*», *in* Vitorino Nemésio, *Mau tempo no canal*, 6.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1980.
_____, «Epistológrafo de primeiríssima água» (Incluindo uma carta sobre *Mau tempo no canal)*, *in Jornal de letras, artes e ideias*, n.º 22, Lisboa, 1982.
NAVA Luís Miguel, *O pão a culpa a escrita e outros textos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
NOGUEIRA Albano, Crítica a *La voyelle promise*, *in Revista de Portugal*, n.º 4, Coimbra, Julho de 1938.
_____, Crítica a *O bicho harmonioso*, *ibidem*.
_____, Crítica a *Mau tempo no canal*, *in Litoral*, n.º 4, Lisboa, Outubro-Novembro de 1944. *In* «Algumas opiniões críticas», *in Mau tempo no canal*, ed. cit., (extracto).
NOGUEIRA Franco, «O último livro de Vitorino Nemésio», *in Diário Popular*, Lisboa, 7.12.1944.
_____, *Jornal de crítica literária*, Lisboa, Portugália, 1954
PAVÃO Jr. José de Almeida, «O popularismo de Vitorino Nemésio», *in Popular e popularizante*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981.
PIRES Alves, «Nemésio, viajor e intérprete do Brasil», *in Brotéria*, vol. CVIII, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1979.
PIRES António Manuel B. Machado. «Notas sobre Vitorino Nemésio seguidas de um poema ("Xácara de D. Sebastião")», *in D. Sebastião e o encoberto*, Lisboa, 1971, 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Bulbenkian, 1982.
_____, «Evocação de Vitorino Nemésio», *in O Dia*, Lisboa, 27.2.1978.
_____, «Marcas da insularidade no *Mau tempo no canal* de Vitorino Nemésio», *in Arquipélago*, n.º I, Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, 1979.
_____, «Nemésio e os Açores», *in Colóquio-letras*, n.º 48, Lisboa, 1979. *In* «Algumas opiniões críticas», *in Mau tempo no canal*, ed. cit. (extracto).
_____, «Vitorino Nemésio professor», *in Linguagem, linguagens e ensino*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981.
_____, «*Corsário das ilhas ou os* Açores revisitados», *in* Vitorino Nemésio, *Corsário das ilhas*, 2.ª edição, Lisboa, Bertrand, 1983.
PROENÇA Raul, «Carta a Vitorino Nemésio», *in Revista de Portugal*, n.º 9, Lisboa, Janeiro de 1940.
QUINTELA Paulo, «Vitorino Nemésio e "Coimbra dos anos 20"», *in O Jornal*, 24.2.1978.
REBELO Soares, «Um homem literário — Vitorino Nemésio», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 30-3-1978.
RIBEIRO Aquilino, «Dez minutos com Vitorino Nemésio», *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 8-3-1935.
RIBEIRO Luís da Silva, «Um livro nosso *(Mau tempo no canal)*», *in A União*, Angra do Heroismo, 13.12.1944.
RIBEIRO Orlando, «Três romances das ilhas», *in Colóquio-letras*, n.º 53, Janeiro de 1980.
ROCHA Luís de Miranda, «Sobre "Ilha ao longe", de Vitorino Nemésio», *in A União*, Angra do Heroísmo, 20-2-1982
RODRIGUES Armando Cortes, *Crítica a Paço do milhafre*, *in Os Açores*, ano I, n.º 11, Ponta Delgada, 1925.
_____, «Vitorino Nemésio», *in Voz do longe*, vol. I, Ponta Delgada, 1973.

RODRIGUES Maria Idalina Resina, «"Mau tempo no canal" — o homem e o destino», *in Brotéria*, vol. CVIII, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1979. *In* «Algumas opiniões críticas» *in Mau tempo no canal*, ed. cit. (extracto).
RODRIGUES Urbano Tavares, «Vitorino Nemésio, meu mestre e meu amigo», *in Ensaios de escreviver*, 2.ª edição, Coimbra, Centelha, 1978.
ROMERO Fernando, «O cristianismo na "Varanda de Pilatos"», *in Seara nova*, ano XIII, n.º 419, Lisboa, 13.12.1934.
ROSSI Giuseppe Carlo, «Due poeti portoghesi d'oggi», *in Idea*, ano IX, n.º 21, Roma, 6.5.1957.
SAMPAIO Nuno de, Crítica a *Vida e obra do infante*, *in Rumo*, ano IV, n.º 42, Agosto de 1960.
_____, «Um grande escritor português — Vitorino Nemésio», *in A Capital*, Lisboa, 11, 15 e 25.8.1971. *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.
SANTOS, A. Borges dos, Crítica a *Corsário das ilhas*, *in Atlântida*, vol. I, n.º 2, Angra do Heroísmo, 1956.
SARAIVA Arnaldo, Crítica a *Isabel de Aragão, rainha santa*, *in A Capital*, ano IV, n.º 50, Lisboa, Abril de 1961.
SARAIVA Manuela, «O humanismo de Nemésio», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 30.3.1978.
SEABRA José Augusto, «Uma poética da morte», *in Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º 2, IV série, Lisboa, 1978.
SENA Jorge de, Régio, *Casais, a «presença» e outros afins*, Brasília Editora, 1977.
_____, «Vitorino Nemésio», *in Estudos de literatura portuguesa* I, Lisboa, Edições 70, 1981.
SERRÃO Joaquim Veríssimo, «Evocação de Vitorino Nemésio», *in Memórias da Academia de Ciências de Lisboa*, Lisboa, 1979.
SILVA José da, «Memória de Vitorino Nemésio», *in Diário Popular*, Lisboa, 2.3.1978.
SILVA Heraldo Gregório da, *Açorianidade na prosa de Vitorino Nemésio: realidade, poesia e mito*, Los Angeles, University of California, 1978 (tese de doutoramento apresentada, nos Estados Unidos. Dactiligrafada). Em volume, Lisboa, Imprensa Nacional/SREC, 1985.
_____, «Açorianidade em Nemésio», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 12.5.1983.
_____, «O português oral dos Açores na prosa de Vitorino Nemésio. Aspectos lexicais e fonéticos», *in Arquipélago*, Línguas e Literaturas, n.º 1, Universidade dos Açores, 1985.
SILVEIRA Pedro da, «A propósito de "Nem toda a noite a vida" de Vitorino Nemésio», in *Ler/Jornal de letras, artes e ciências*, ano II, n.º 13, Abril de 1953.
_____, «O conto açoriano e os seus caminhos», *in Atlântida*, vol. VIII, n.º 3, Angra do Heroísmo, Maio-Junho de 1964.
_____, «Adeus Nemésio», *in O Diabo*, Lisboa, 28.2.1978.
SIMÕES João Gaspar, Crítica a *Isabel de Aragão, rainha santa*, *in Diário de Lisboa*, Lisboa, 11.7.1936.
_____, «A casa *fechada*, (novelas) por Vitorino Nemésio», *idem*, 4.11.1937.
_____, «Vitorino Nemésio», *in Crítica* I, Porto, Livraria Latina Ed., 1942.
_____, *História do movimento da presença*, Coimbra, Atlântida, 1958.
_____, Crítica a *Caatinga e Terra Caída*, *in Diário de Notícias*, Lisboa, 3.4.1969.
_____, Crítica a *Conhecimento de poesia*, *idem*, 1.1.1971.
_____, «Vitorino Nemésio, romancista», *idem*, 23-3-1978.
_____, «Vitorino Nemésio: I *O bicho harmonioso*», *in Crítica II*, Delfos, s. d.
_____, Vitorino Nemésio: II Nem toda a noite a vida», *ibidem*.

_____, «Vitorino Nemésio — *Mau tempo no canal*», in *Crítica III*, Delfos, s. d. In *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.; in «Algumas opiniões críticas», in *Mau tempo no canal*, ed. cit., (extracto).

TRIGUEIROS Luís Forjaz, «Vitorino Nemésio e reinvenção poética», in *Novas perspectivas*, União Gráfica, 1963; *in Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.

VALDEMAR António, «O homem cercado», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 30.3.1978.

VASCONCELOS Taborda de, «O livro da semana: Mau tempo no canal», *in Diário de Notícias*, Lisboa, 11.1.1962.

Originalidade de Vitorino Nemésio. Ensaio, separata da revista *Quatro Ventos*, n.º 4-6, Braga, 1955, *In Críticas sobre Vitorino Nemésio*, ed. cit.; in «Algumas opiniões criticas», *in Mau tempo no canal*, ed. cit. (extracto).

VIEIRA Afonso Lopes, «Carta-prefácio», *in* Vitorino Nemésio, *Paço do milhafre*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

VILHENA Maria da Conceição, «*La voyelle promise*: viagem e viragem», *in Vértice*, n.º 448, Coimbra, 1982.

_____, «Vitorino Nemésio, autor de uma "Art poétique"», in Arquipélago, n° VI, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1984.

ANTOLOGIA

POESIA

CANTO MATINAL

1

TORMENTO

Quando o Sol agoniza no Poente,
Num mar de sangue, enorme, arroxeado,
Eu vejo, sobre o Oceano, alma latente
Dum ser desiludido, torturado.

Essa alma triste desse ser magoado
Que emite a sua voz terna, dolente,
Pelos vagalhões do Mar altivo, irado,
Esvai-se, desfalece lentamente.

Ó Sorte inexorável, Sorte dura!
Tu, muda o seu viver em meiga aurora
Ou sai com ele do Mundo pavoroso,

Desterra essa pobre alma de Tortura,
Leva-a daqui bem longe, Céu em fora,
Acaba o seu tormento doloroso!

2

IDEAL

Voa, meu coração, mui brandamente,
Aos páramos da Luz e da Poesia!
É lá que hás-de estar bem. Só lá se sente,
Lá se canta e se habita na Elegia!

Voa, meu coração, co'o Sol poente,
Vai no eco suave da Harmonia!
Sobe... sobe... e verás mui de repente
Aquilo que sonhaste em certo dia.

Voa, meu coração, que o Céu é belo,
Que só lá há o Prazer e a Ventura,
Voa, meu coração, pobre e doente,

Que, depois, satisfeito o teu anelo,
Hás-de dizer-me assim da branca Altura:
Oh!... Deixa-me aqui estar eternamente!

LE PIN REVERDIT EN FRANÇAIS

Le pin poussait sur les rives du roc
Extrême du monde, larmoyant des larmes sales
Qu'aucun oeil ne pleura, — l'aveugle bloc
Les versant de son noeud sur l'eau qui les avale.
Seul, tordu, malheureusement résineux,
Collant la bise à son écorce fugitive,
Il implorait le creux
Du ciel qui, le matin, des étoiles se prive.
Ni les colombes de Lisbonne,
Ni les avions, oiseaux étudiés,
Ne faisaient aucun cas de ce fût sans colonne,
Mât à la voile déchirée,
Le pin vert.
Seulement les pauvres femmes qui s'occupent
Du repas des pêcheurs, de leurs guenilles
Et des bûchers blafards allumant le désert,
Ramassaient sous le pin, dans leurs jupes,
Une poignée d'aiguilles.

Je les vois qui longent l'inlongeable, ces chouettes.
C'était très bien: le pin pointu; la voix muette;
Le sel seul remplissant la mer; la route triste
Et les pas attardant la revenue du revenant.
Mais le pin demandait, puisqu'il existe,
Pourquoi ne faire toujours son devoir sous le vent?
Il avait oublié la venteuse secousse,
Il pleurait ses rameaux rôtissant des sardines,
Et son pied sanglant rêvait des chevelures à la mousse,
Trempées d'azur, ivres de lui, les mousselines.

De son regard sans oeil priant la lance blême
Qui tranche le fil
A l'inutile,
Le pin tâta ses chicots
Sur lui-même,
Comme qui cherche des allumettes
En pleine nuit,
Sans un mot,
Pour voir un peu dans l'invisible, à l'aveuglette.

Comme au tableau du Saint-Esprit,
Des flammes vives fendent
Le dur roc marin:
De sa racine brûlée suçant les cendres,
Reverdit
Le pin.

Avril

ART POÉTIQUE

L'imprécision, caresse d'or,
Fuit mes doigts trop grossiers
Et, sur les dalles, mes pieds
Refoulent tout le décor.

Si je chante,
C'est que la voix impérieuse
Et ma race impériale
Désignent de son cri et de son doigt d'épouvante
Le chemin inégal
A cette poésie immensement malheureuse,
Involontaire et brutale.

Parfois la nuit gonfle mon être de vacarme
Et les étoiles se disposent
Comme des piqûres sur ma peau:
Alors je déteste bien les roses,
En profitant de mes larmes
Pour bouillir, comme de l'eau.

Si les poètes misérables
Voulaient vraiment saisir le monde,
Es n'y enfonceraient qu'une lance véritable:
Leur sang durci de pureté à Table-Ronde.

Allons, allons, à l'assaut de la vie,
Tous couronnés de vent,
Contre ce lâche mot
Beauté, beauté, hallali!
Sous nos cuisses de fer hennissent les chevaux
Vers une autre Poésie
Qui se dévet en avant.

22 avril.

LA NUIT DANS LE PORT

A LUÍS RIBEIRO, CORTES-RODRIGUES, MADURO DIAS

Moi aussi, j'ai passé cette nuit dans le port
Tellement bleu, malgré l'épaisseur de la nuit déchirante,
Qu'on dirait le ciel redescendu, bourré jusqu'aux éclats des pierres
[du fond,
Echangeant ses étoiles blanches contre des poissons sans couleur.
Le petit paquebot aux trous lumineux poussait parfois
Son cri d'appel:
Et les profondeurs de la ville, à l'éclairage en collier, de répondre;
Et l'écho dessinant une gerbe énorme et toute ronde,
Là-bas, au cœur de quelque femme endormie sous le plis du drap chaud
[et mou...
Moi aussi, j'ai passé cette nuit d'attente,
La veille du premier départ, de l'avant-mort, sur le port
En ronde-bosse, éclairé des lances diurnes
De la lumière açoréenne,
Toujours doublée d'ombre, et de pénombre, et d'autres compositions à
[plusieurs dosages,
Lumière qui est encore dans mes prunelles vagabondes
Et qui luira peut-être au fond de ma fosse
Telle qu'elle luisait et rayonnait quand j'étais gosse.
Et je me rappelle beaucoup plus de choses indicibles
Et parfaitement banales
Qui me sont arrivées dans ce port,
Mais je ne peux pas les dire, parce que ma gorge n'est maintenant
[qu'un canal,
Et les eaux viennent qui le gonflent,
Et les poissons guettent directement par mes hublots
Les étoiles qu'ils n'ont jamais vues qu'atravers la surface des eaux,
Et je me tais, et je plonge, et je ne ferai plus de vers,
Car je n'ai guère de mots,
N'étant que le sein glauque et la voix rauque de la mer.

O BICHO HARMONIOSO

Eu gostava de ter um alto destino de poeta,
Daqueles cuja tristeza agrava os adolescentes
E as raparigas que os lêem quando eles já são tão leves
Que passam a tarde numa estrela,
A força do calor na bica de uma fonte
E a noite no mar ou no risco dos pirilampos.

Assim, gloriosos mas sem porta a que se bata;
Abstractos, mas vivos;
Rarefeitos, mas com o hálito nebuloso nas narinas dos animais,
Insinuado nos lenços das mulheres belas, cheios de lágrimas,
Misturado às ervas grossas da chuva
E indispensável aos heróis que vão rasgar no céu, enfim, o último sulco!

Ser a vida e não ter já vida — era um destino.

Depois, dar a minha Mãe a glória de me ter tido;
A meu Pai, vendado de terra, um halo da minha luz; e tocar tudo,
Onde eu houvesse estado, de uma sagração natural; —
Não digo como as Virgens Aparecidas,
Que tornam imbecis e radiosos os pastorinhos,
Mas como certo orvalho de que me lembro, em pequeno —
Para lá da janela a luz cortada por chuva,
E uma prima que amei, a rir, molhada, chegando;
Mar ao fundo.

Tudo isto, e vontade de dormir, também em pequenino,
E logo uma mão de mulher pronta a fingir de asa aberta;
E preguiça,
Impressão de morrer do primeiro desgosto de amor
E de ir, vogado, num negrume que afinal é toda a luz que nos fica
Desse amor forrado de desgosto,
Como as estrelas encobertas,
Que, depois de girar a nuvem, mostram como estão altas:
Tudo isto seria aquele poeta que não sou,
Feito graça e memória,
Separado de mim e do meu bafo individualmente podre,
Livre das minhas pretensões e desta noite carcomida
Pelo meu ser voraz que se explora e ilumina.

Mas não. Do canto necessário
Para me diluir em som e no ar que o guardasse
(Como o nervo do degolado alonga em tremor seu pasmo)
Não chego a soltar senão uma vaga nota,
E a noite faz muito bem em vergar uma gruta sem ecos
No meu buraco vil de bicho harmonioso.

Deixarei, estampada pelo silêncio definitivo,
A ramagem fremente dos meus dedos, num pouco de terra
Estranho fossil!

Boulogne-sur-Seine, Páscoa de 1935.

A CONCHA

A minha casa é concha. Como os bichos,
Segreguei-a de mim com paciência:
Fachada de marés, a sonho e lixos;
O horto e os muros — só areia e ausência.

Minha casa sou eu e os meus caprichos.
O orgulho carregado de inocência
Se às vezes dá uma varanda, vence-a
O sal que os santos esboroou nos nichos.

E telhados de vidro, e escadarias
Frágeis, cobertas de hera — oh bronze falso! —
Lareira aberta ao vento, as salas frias.

A minha casa... Mas é outra a história:
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,
Sentado numa pedra de memória.

ARTE POÉTICA

A poesia do abstracto...
Talvez.
Mas um pouco de calor,
A exaltação de cada momento,
É melhor.
Quando sopra o vento
Há um corpo na lufada;
Quando o fogo alteou
A primeira fogueira,
Apagando-se fica alguma coisa queimada.
É melhor...
Uma ideia,
Só como sangue de problema;
No mais, não,
Não me interessa.
Uma ideia
Vale como promessa,
E prometer é arquear
A grande flecha.
O flanco das coisas só sangrando me comove,
E uma pergunta é dolorida
Quando abre brecha.
Abstracto!
O abstracto é sempre redução,
Secura;
Perde –
E diante de mim o mar que se levanta é verde:
Molha e amplia...
Por isso, não:
Nem o abstracto nem o concreto
São propriamente poesia.
Poesia é outra coisa.
Poesia e abstracto, não...

O CANÁRIO DE OIRO

Se deixo entrar este canário de oiro
Que me espreita e debica
(Eu, que sou ossos — a gaiola,
Débil passarinho loiro!
Eu, professor — como um menino de escola!)...
Pois sim... Canta; fica!

E então, para que tudo em mim se honre e execute —
Voz, penas e dejectos
Do canário –
Dou-lhe — seus passeadores — os meus afectos,
As minhas veias duras para grades:
Dentro delas, contrário,
Ele se embeleze e lute.

Ai, que o canário é o meu sangue talvez!

Mas então isto que é?! Que violino enguli?
Que frauta rude aveludou a minha noite?
Em que prato de cobre bateu o nó do açoite?
Tão exacto, meu Deus, só vibrado por ti!

Musical, todo fogo, em mim me vou e expando;
Cada lágrima cai de mim como harmonia:
De quatro em quatro, vão a minha dor jogando
Essas lágrimas vãs no tapete do dia.

Que sérias são estas coizinhas de soar,
Poetas que vos is,
Soldados velhos,
Escolhendo na morte uma farda e um lugar!
Somos aqueles imbecis
Desenvolvidos nos espelhos...
Ai, nos espelhos paralelos
Da sala onde um de nós é sozinho a cantar!
Estamos fumados, amarelos,
De tanto ler e delirar!

Inúteis fôssemos, poetas;
Quero dizer: como as cascas cor de laranja ou alvas de ovo,
Que não são laranja nem ovo:
Ainda se havia de ver
Se as podridões quietas
Não são o sal e o renovo.

Que águia trouxe do céu meu diapasão de ferro?
Que milhafre criou minha carne em seu bico?
A mão qual foi que me rasgou no erro,
Mulher, o coração que te dedico?

Quem era aquele de quem tirei o sangue forte,
Esta pequena música corrente?
A veia mamou-a a morte,
Que engorda à custa da gente!

Quem era aquela mulher de branco
Que tinha os seios fortificados
E o ventre puro de onde arranco
E os altos olhos separados?
A de fogo e de fel, reclusa e encordoada?
A que nunca toquei porque estava selada?

E o anjo bravo, só lume, o outro sujeito,
Em que chama tocou sua asa desabrida?
Que maçarico foi que lhe platinou o peito
E o deixou em ferida?

Perguntaria,
Se esfinges mais houvesse,
Em que sal se tornou a que se deu por Maria
E me prometeu o que eu quisesse?

Ah! Aves de parabólica plumagem!
Anjos de matéria nenhuma e de toda a arrogância!
Mulheres e homens de que sou a última viagem
Começada no mar que me salgou a infância!

Ah! Ovo que deixei, bicado e quente,
Vazio de mim, no mar,
E que ainda hoje deve boiar — ardente

Ilha!
E que ainda hoje deve lá estar!

Ah! Sete Espadas, minhas primas!
Estrelas nítidas e diversas!
Piões, pombas, baraças, e até as S.as Simas
Todas quatro alteando as suas toucas perversas!

Onde? quando? já? outra vez? ou ainda não?

O tempo gasta a minha voz como se fosse o seu pão.

É ele, é ele o que tem tudo escondido!
Ele o que A desviou e A violou no vento!
Ele o que fez de mim o menino perdido
E me deu a navalha com que me fiz violento!

Ele leva para o alto as cordeiras e come-as;
Ele esconde no vale os lobos reduzidos;
Ele pede-nos as coisas emprestadas e some-as;
Ele gasta-nos a voz, os olhos e os ouvidos!

Tempo, ladrão, dá-me conta do fardo:
As saudades práli! As promessas práli!
O que te vale é o escuro... Eu ainda ardo;
Minhas estopas são embebidas por ti.

Ai! A cordeira preta, a do velo maior –
Um palmo de gemido-onde a terias posto?
Tinhas os galhinhos entre a lã... É melhor
Desenriçá-los do meu desgosto.

Tempo, molde de todos os lugares,
Pegada de quem desaparece,
Esquema de bocejos e de esgares,
Frio de tudo o que arrefece!

Tempo que levas meu Pai morto,
Com catorze cavalos, todos de músculo solar;
E, para o ano, quinze! e crescendo! e ele absorto!
E os cavalos cada vez mais empinados! Morto...
Com que jarrete ou asa o hei-de eu alcançar?

PRIMAVERA EMBUÇADA (*)

Oh, esta primavera que se embuça
Depois de ter dado as flores!
Esta vontade de cantar que pulsa no pessegueiro
E cria no poeta o indício de alguns versos
Que antes de serem voz hão-de doer primeiro!

O crescimento subterrâneo,
O bordão de cego batendo nas rochas sem ouvidos,
Deitando os sons cá fora à direcção das árvores,
E as flores tendendo já para os frutos caídos,
De onde as sementes, com asas vivas, especiais,
Hão-de lançar a curva aos ramos abanados
E o cheiro que já tolda os ares reconhecidos
E o fuso que nos traz o fio dos pinhais!

O peso de uma manhã!
A largura da tarde!
O espigão da noite segurando o luar ao coração
Ainda com um resto de neve,
Como na velha carda, por esquecimento, lã!
Vejam a flor da amendoeira que arde
E a gota que se atreve,
Como uma força, no chão!

(*) Com o título «Esta primaveira que se embuça», surge *in O Diabo*, ano I, n.º 40, Lisboa, em 31.3.1935.

Mas veio o embuço, o passo atrás de um inverno ainda vivo,
Reter na rede escura a primeira aparência:
Os rebentos cegaram,
As pontas dos ramos não apontaram,
A primavera negou-se
E o poeta secou seus versos na tristeza
Que lhe dá assunto
E resistência.

Pergunto:
Será isto a manhã vagamente pesada,
A tarde desenvolvida,
A noite no meu peito a sua haste implantando
E a terra toda acordada
Como me estava prometida
Sem se saber para quando?

Poeta, retira os teus versos como injúrias,
Levanta as tuas tendas da caravana falsa,
Comunica algum vento às tuas velas caídas,
E que os teus rebanhos guisalhem ao longe
Com o burrinho resignado
Que leva as últimas margaridas
No dente!
Capitão de ladrões, ou filho pródigo, ou soldado,
Intonso, pálido de morte, o cabelo todo rente,
Ou uma mistura de tudo isso: monge –
Na boca (assim o burro) um talo lírico e amargo,
Sinal de um certo apego à caravana falsa... —
Contanto que te vás, que te faças ao largo!

Pode ser que ainda apanhes aquela mulher descalça
Que tem saudades de ti.

Montpellier, 19 de Fevereiro 1935.

IMAGEM

Todas as tardes levo a minha sombra a beber
Como uma nuvem ao mar de que saiu o meu ser.
Não é mais doce a sombra do cavalo
Aberta pelo luar, e o dono a acompanhá-lo.

Levo essa sombra que destinge
Da minha alma e conserva uma mancha de mágoa;
Triste vestido que me cinge,
Deixou a cor no fundo da água.

Eu, cortado de mim como uma flor (e tenho
Vergonha de me sentir a flor), as mãos embebo
Nessa água que leva a visão donde venho,
E é para a não perder que, bebendo-a, me bebo.

Quando eu era pequeno, vinha o navio de sal,
Era um acontecimento!
E meu tio António Machado ia sempre ao areal
Com o seu óculo de alcance desencanudado a barlavento.
Era um hiate cheio de cordas e de velas,
Chamado *Santo Amaro, o Veloz ou o Diligente*,
E, como trazia o sal, que é o sabor das panelas,
Era esperado tal qual como se fosse um ausente.
Na barra do horizonte era um ponto sozinho,
Mas crescia no vento a sua vela crua
E o sol, ao morrer, tingia-lhe de vinho
A sua proa que veste de pau a vaga nua.
Ali vinha, do Alto, sem sextante nem erro,
Enchendo devagar as previstas derrotas,
E plantava no fundo a sua raiz de ferro
Fazendo abrir no céu como flores as gaivotas.

As raparigas sãs da ribeira do mar,
Que traziam na pele um aroma silvestre,
Punham os olhos muito compridos, a cismar,
Nas cordas que secavam as roupas íntimas do Mestre.
Os pescadores mediam com a linha das pestanas
O tamanho do *Audaz*, a sua popa alceira:
Nunca tinha arribado àquelas praias insulanas
Tanto pano de verga, tanto oleado, tanta madeira!
Por isso a Vila, abrindo nas rochas duras
A branca humanidade das suas nocturnas casas,
Se encostava ao bater daquelas velas escuras
Como o corpo de um pássaro se deixa levar pelas asas.
Mas a bolacha-capitão cheia de bicho, e a água salobra,
O olhar amarelo e vazado que tinham as lanternas de vante,
E a magra soldada que toda a companha cobra,
E a calma podre que apenas tem o navio flutuante;
O frio de rachar nas noites devolutas,
O baldear do convés, todo em veios de breu,
E quantas outras vãs marítimas labutas
Ali curtidas, entre mar e céu:
Nem isso, nem o sal nos porões engulidos —
Espécie de luar para ver às avessas —
Lembrava aos pescadores e aos patrões absorvidos
No lucro da chegada e no valor das remessas.
Assim o meu navio de sal, que precipita
Em pedrinhas de neve águas sem importância,
Guarda por fora intacta a sua linha bonita
Escondendo talvez o melhor da sua ânsia.
Ah! Se ele fosse salgar os caldos já tragados,
Tornar incorruptível a mocidade já verde,
Interessar o óculo do velho tio e os vidros suados
Da janela que ao longe este horizonte perde!
Se fosse encher de branco as paragens insossas,
Manter o gosto a vida aos dias moribundos,
Conservar as faces às moças
E o movimento aos mares profundos —
Então sim! levaria a porto e salvamento
A sua carga.
Na dúvida, Capitão, espera o vento,
Iça as velas e larga!

O PAÇO DO MILHAFRE [1]

A beira de água fiz erguer meu Paço [2]
Da Rei-Saudade [3] das distantes milhas:
Meus olhos, minha boca eram as ilhas;
Pranto e cantiga andavam no sargaço.
Atlântido, encontrei no meu regaço
Algas, corais, estranhas maravilhas! [4]
Fiz das gaivotas minhas próprias filhas [5],
Tive pulmões nas fibras do mormaço.
Enchi enfusas nas salgadas ondas
E oleiro fui que as lágrimas redondas
Por fora fiz de vidro e, dentro [6], de água.
Os vagalhões da noite me salvavam
E, com partes iguais de sal e mágoa,
Minhas altas janelas se lavavam [7].

1924.

De 1922 data a 1.1 versão de «O paço do milhafre» (*in Tríptico*, n.º 2, série, 1, 1924), registando as seguintes variantes:

[1] «Paço do milhafre»

[2] «paço»

[3] «De rei-saudade»

[4] «Algas, corais — estranhas maravilhas! —»

[5] «filhas» é pontuado com;

[6] O verso apresenta a seguinte pontuação: «Por fora fiz de vidro, e dentro, de água.»

[7] O último terceto aparece com a seguinte redacção:
«Rocha brava, se a quis, fingi de Deus:
Nas estrêlas afiei os dedos meus
E foi no peito que talhei a frágua.»

AZOREAN TORPOR

Onde a vaga retumba eram as obras do porto:
Roldanas, guinchos, cais, pedras esverdeadas
E, na areia da draga, ao sol, um peixe morto
Que vê passar na praia as damas enjoadas.

A cidade? Esqueci... Um poeta é sempre absorto;
De mais a mais — talvez paragens abandonadas.
O que é certo é que entrei um dia naquele porto
Em que as próprias marés parecem arrestadas.

Porque a mais leve luz que se embeba na Barra
Embacia os perfis dos cais e dos navios
Em frente à linha do horizonte que se perde...

E um desconsolo, um não-partir paira nos pios
Das gaivotas sem céu que o vento empluma e agarra
Estilhaçando o arisco mar de vidro verde.

PARA QUE ME DEIXEM

Deixem-me só no mar, não aluguem o bote:
Medi o salto e o mundo antes de me atirar.
Assim, não há ninguém que me derrote:
Afogado ou flutuante, hei-de chegar!

P'lo amor de Deus, não me deitem a mão!
Já pus sal na garganta para a morte:
Quem se sabe salgar não erra o Norte,
Tem consigo o destino e a duração.

Calem lá a sereia dos nevoeiros,
Que eu palpo a noite, sinto vagas dentro
E movo-me nos ventos verdadeiros
E conheço as funduras, se lá entro.

Apaguem os faróis p'la costa fora,
Cortem todos os cabos, à cautela
Que eu não sou nada: aceito a minha hora,
Encho-a como o navio a sua vela.

E vou, lavado em mar e enxuto em ossos,
Buscar a minha estrela aos céus de Oeste:
De tanta água, levo os olhos grossos;
A tristeza de ser a alma me veste.

Nunca fui senão mar numa coisa peluda,
Mar numas veias cheias da ânsia
De o derramar na superfície muda
Que está à minha espera desde a infância.

Sou isso só, isso deveras –
Como as aves, que têm no voo a própria lei,
E como a pedra é pedra e as feras feras;
Elas não sabem, mas eu sei.

Ah! (ia-me esquecendo) sou também
O mandado do mar a dizer isto:
Que fui um rio até à minha Mãe
E, dela para cá, sou um pobre de Cristo,

Um homem, forte apenas do mandato,
Só grande porque o mar me penetrou:
No mais, mísero e nu; o único fato
É a pele que o pecado me emprestou.

Dito o que — deixam-me só nas águas,
Como o rasto da lua ou a alga fria,
E empreguem melhor as suas mágoas:
Esse destino me enche de alegria.

Não ocupem comigo os pescadores
Nem mergulhem a sonda à latitude
Em que é uso de bordo atirar flores
Ao capitão, morto em refrega rude.

Há tanta gente aí para salvar!
Tirem-me essa ridícula cortiça:
As espumas me aquecem, se eu gelar;
De terra, nem saudade nem cobiça.

Ah! mas ao menos espalho-me!
Ao menos sou autêntico e salino!
Se tenho frio, há musgos: agasalho-me;
Sou um bocado podre e outro divino.

Pica-me a Rosa dos Ventos
Que vem direita a mim como um ouriço.
Só estes fundos verdes, lentos!
Estas madeixas! este moliço!

E esta impressão, dura e insistente,
De que sou o ferro entalado
De um velho lugre desarvorado,
Cheio de craca e bicho ardente!

Oh vida, desaparece
No verde e doce mar mexido!
Já, devagar, pára e arrefece
Meu coração, coral caído.

Agosto, 1937.

Quando penso no mar
A linha do horizonte é um fio de asas
E o corpo das águas é luar;

De puro esforço, as velas são memória
E o porto e as casas
Uma ruga de areia transitória.

Sinto a terra na força dos meus pulsos:
O mais é mar, que o remo indica,
E o bombeado do céu cheio de astros avulsos.

Eu, ali, uma coisa imaginada
Que o Eterno pica,
Vou na onda, de tempo carregada,

E desenrolo...
Sou movimento e terra delineada,
Impulso e sal de pólo a pólo.

Quando penso no mar, o mar regressa
A certa forma que só teve em mim
Que onde ele acaba, o coração começa.

Começa pelo aro das estrelas
A compasso retido em mente pura
E avivado nos vidros das janelas.

Começa pelo peito das baías
Ao rosar-se e crescer na madrugada
Que lhe passa ao de leve as orlas frias.

E, de assim começar, é abstracto e imenso:
Frio como a evidência ponderada,
Quente como uma lágrima num lenço.

Coração começado pelos peixes,
É o golfo de todo o esquecimento
Na mínima lembrança que me deixes,

E a Rosa dos Ventos baralhada:
Meu coração, lágrima inchada,
Mais de metade pensamento.

Casaréus de Tóvim, Natal 1937.

ODE AO MAR (*)

Vejo-me só, de pêlo e pele, numa ilha negra.
Meus irmãos homens desertaram
Com os documentos em regra
Nos barcos que me roubaram.

Sim, porque eu era o Rei da ilha em questão...

Aí nascera.
Lá, uma vaga dera
Uma pancada rara
(A vaga minha madrinha),
Não sei com que força ou vara:
Sei que a pancada vinha
Direita ao meu coração,
Que ainda hoje a reproduz.

Minha Mãe deu-me de mamar.
Santo nome de Jesus!
Eu vinha sujo da viagem;
Vinha na ponta da vara
(Que a vaga lá brandiu
Com sua ampla coragem
Em minha Mãe, cara a cara)
Como um bichinho do mar,
Uma coisinha de nada
Que a vaga arrancou, cobriu
E trouxe, a vaga do mar.

Nas praias me criei
Dos peixes e das lotas,
Comendo o podre e o fresco,
Ensinado das gaivotas,
Que são o meu parentesco.

(*)Publicado pela 1.ª vez *in Manifesto*, n.º 4, Coimbra, Julho de 1937.

Aí me criei e recriei;
Aí — conchas, tons, nudezes e mergulhos.
Metiam na pele do Rei
Pedrinhas de sal e porcarias
Para ele lavar os seus orgulhos:
E eu-sujo, sujo, todos os dias!

Nítido, azul até à exactidão de uns olhos,
Ou verde como uma boca desgostosa,
O mar enchia-me de amor;
Eu descia, directo, a ele, que em mim subia,
E tomava-me até aos olhos
E dava-me a sua rosa –
A sua grande rosa de sal e de amor...

Amplo, cheio, sufocado,
Vestido de um azul viril que me bebia,
Dentro do mar fui proclamado
Rei, e ali logo embalsamado
Por causa das dúvidas que havia.

Ah! Súbditos fiéis que viestes!
Peixes de cor tremendo em círculo e coroando-me!
Sereias levando-me as veias para cabelos!
E o baobá de coral, lá do reino de Orestes,
Puxado pelos Seis Tritões do Cabedelo!

Movimento do mar que te coaste por mim!
Sabor do mar que estalaste a tua língua em mim!
Salgadas extensões imperiais que eu herdo!
Gota que atravessaste o Atlântico Norte
Só para vires luzir no meu mamilo esquerdo!

Aresta e rolo sem impulso
Que tudo isso me atiraste
E que, menino, em mim cresceste e em mim pegaste
Levantando-me a pulso,
Oh mar!
Água súbita, rente e transparente nexo
Urdido por aqueles peixinhos por criar,
Que, vendo-me de papo ao ar, sóbrio em minhas colunas,
Vinham picar-me o sexo!

(Oferendas leais, meu mar, delicadas como estas,
Mestre, tinham de ser tuas filhas e alunas).

E assim os madeiros rolados, cheios de furos e de frestas —
Brutalidades flutuantes,
Utilidades manifestas –
Cobertos de lágrimas e bicos duros
De tetas antigas e funestas
De certas sereias honestas...
E nós impuros! E nós impuros!

Mar, amplo como o Aro de ti mesmo,
Estirado como aquele que dá com a nuca no chão,
Alto como o respingo inviolável,
Profundo, doce e arável
Como terra de pão!

Mestre de angústia, mar! como uma pedra no peito
(E só água!);
Mestre de coragem — diante a — terra, ali direito!
(E tudo isto, com água!);
Mestre de limpeza — o sujo de todos os vestígios
Que vai, com o peito exposto e de cristal cortado,
Desafiando os prestígios,
Provocando os prodígios
E atirando às vezes por desprezo à terra um afogado!

E depois — mar parado... neutro... fosco...
Uma tenaz qualquer, de pedra — e eis a bacia;
Aí está íntimo connosco.

Ali é pobre: até se via
O seu espumante andrajo
Na triste pedra em que o batia.

Ali o conheço e o viajo,
Eu, o Rei da Ilha Negra, o das águas tocado,
O coroado de peixes
Que vêm sobre ele à uma,
E que te pede a ti, Pai Mar, que o deixes
Viver na imitação da tua espuma.

CANTO À BOA ESPERANÇA (*)

Não me toques senão com flores
Que me avivem os dedos
E deles levem a música.
Unge-me de ecos vivos:
Que as pessoas de longe digam tudo
E eu ouvindo-as ressoe.
Põe-me no estado de desejo
E sem esforço levanta-me
Como a pruma no vento.
Abre as coisas;
Eu as afunde e esfrie
De tanto me aquecer em seu forro selado;
E, de vagar, nas rosas e nas pedras
Põe-me:
Sua forma coroe uma essência que trago;
Na escuridão do ser eu seja todo,
Quieto e húmido como um lago.
Para nuvens extrai o que sonho e entreteço;
Para marés meus ímpetos. Redondo
Saia de mim o mar já com velas dispostas
E portos e baías onde só me apeteço.
Se confio em tua mão,
Se a teus olhos me dispo,
E para, nu, cortar com tudo o que me nega
E ser em carne pura o teu menino esperado:
Assim noite e manhã fecham o arco ao dia
Dos que tendem a asas já difíceis
E anjos são à força de alegria.
Enche-me de mar, Boa Esperança do Cabo!
Minhas veias de fogo abre e perturba
Nesse negrume extremo,
E seja minha vida carregada
Do mistério divino que ainda temo,

(*) *Também in Revista de Portugal*, n.º 2, Coimbra, 1938.

Hesitante entre a treva e a madrugada.
Semeados de sal, meus dias sejam
Já brancos e sadios,
Como neve sem vale que os astros vejam,
Como a água do mar ainda doce dos rios.
Aqui, ferido de Deus com chagas cegas,
O muito espero, o nada vou ganhando
Enquanto chegas;
E, crescendo e apurando
O meu licor antigo,
No coração to estendo
Como gotas na rede.
O cálice de luz lá vai suado;
Nele coalhou a demora do caminho:
Mal se vê minha mão que to levanta
Cheio de vinho.
E da minha garganta,
Flor que espreita do muro doloroso,
Grosso, duro e direito,
Sobe aquilo que canta
Homem triste e imperfeito.
Ah, minha Esperança ardente, outra estrela afastada,
Sede brava e sem boca,
Bebe esta terra desesperada
Que é toda a água da alma pouca!

7

(VERSOS A UMA CABRINHA QUE EU TIVE)

Com seu focinho húmido
Esta cabrinha colhe
Qualquer sinal de noite
De que a erva se molhe.

Daquela flor pendente
P'ra que seu passo apela
Parece que a semente
É o badalinho dela.

Sua pelerina escura
Vela-a da noite sentida;
Tem cada pêlo uma gota,
Com passos, poeira, vida...

De silêncio, silvas, fome
Compõe nos úberes cheios
Toda a razão do seu nome
E fruto de seus passeios.

Assim já marcha grave
Como os navios entrando,
Pesada dos pensamentos
Da sua vida suave.

E enfim, no puro penedo
De seus casquinhos tocado,
Está como o ovo e a ave:
Grande segredo
Equilibrado!

9

A minha vida fechou-se entre árvores.
É a Princesa Sombria.
Ali se enche de tempo e trepadeiras,
Sua conservação, sua saudade...
(Um pouco fria).

A minha vida não tem idade:
Tem tempo,
E só por isso ainda é pequenina.

Como quem fez um grande achado,
Lá está sentada na floresta.
Dia e noite, nos troncos, o machado...
E é tanto, tanto o que lhe resta!

Vá! uma mão de cinza
Na testa da princesa embrenhada, esquecida!
Mas com cuidado: como quem deita
A pura flor, a já tornada
No que fica das flores e da vida.

Bela no bosque! Se o sonhara
A minha Mãe, no mar... (Que fresca
É sempre a tarde aos pescadores).
Por isso, ali sentada, pesca
Seus olhos mortos na água clara.

Sim, minha vida! tudo o que fores!

11

(ONDE O MAR ME LEVOU)

O meu amigo mar chegou-se a mim
E depôs o seu sal e o seu aroma.
Deitou aquilo ali, assim...
A mão, que dá, é para que se coma.

Então, do sal comi: provava
Do cristão semeado em mim, já seco.
Fui sempre o fruto que sorvava...
O ramo torto... estéril... pêco!

Mas o perfume... Penetrei-me
Do que ele de longe me dizia
E, sem sair da praia, achei-me
Donde nem era nem sabia.

Vi-me nas terras procuradas
E até nos séculos havidos
Por certas lágrimas choradas.
Os olhos? Desconhecidos.

É só o puro desdobrado,
O casto ardor, o apartamento,
Um não sei quê de soluçado
– E esquecimento! esquecimento!

Pois foi aí. Pesava leve
Em nossas mãos a água chovida...
Viagem aérea e breve
Ao outro lado da vida.

13

Eu me construo e ergo, peça a peça,
De saudade, vagar e reflexão.
Com quase quarenta anos, mal começa,
Ovo de tanta coisa, o coração.

Minha vida — entornada
Foi, como água à cabeça.
Mulher da bilha quebrada,
Fale, p'ra que eu a conheça!

Olha o menino falso,
Fruto de suas mãos,
Caiador de casas ermas...
Tão roto, frio, descalço!
Dêem às aves, como grãos,
Suas palavras enfermas.

Mas já nas horas suaves
Seu rio de tristeza
Sem lho dizer derivem.
Fique sua alma presa
A salgueiros que de aves
Ambas as margens privem.

17

Pus-me a contar os alciões chegados
(Minha memória era água... água…).
Fez-me mal aquela alta tristeza
De bicos vagabundos,
Mas não chorei os alciões desterrados.

Sempre gostei de aves e de lágrimas.
Lágrimas, agora, não podia...
Mas podia os alciões
– E dei-lhes meus alhos para ovos
(Que as fêmeas estavam cansadas
E vinham de terra fria).

Firme e condescendente,
Fechei as pálpebras pesadas
De contradição e de poesia.
– E um mundo novo, de alciões novos,
Esse era o meu quando as abria.

Desocupado
Até para lá da memória…

Ah! poder da saudade!
Sem mão — e remover os pesos e as levezas!
Como a alma de um pêndulo muda
Um segundo para mais tarde
Na roda das horas presas.

É na memória que outra vida hiberna.
Em casa de meu Pai, já fechada ou caída,
A primeira mulher que amei — foi uma cisterna.

A nossa aguinha era pura e pedida.
Que vagarosa chuva, a sua mãe,
Lá no fundo da calha sonolenta,
Lhe dava extensão gelada,
Cheia de sonho e de vida!
E subia no balde, para a cara,
Tonta e arredondada,
Como quem tudo aguenta.

Pois que só a saudade nos governa,
Tudo isso me tolda:
A tarde, a corda, um braço de rapariga,
Minha voz de menino na cisterna,
Imperativa e clara
Como a moça e a cantiga.

Eu sou o que ficou todo nas coisas ágeis
E embebe as solidões como o simume e a lua.
Se lá forem agora, a minha cara
Na água velha ainda flutua.

Aquele cais ali, agudo e nu,
Que o mar percute e coroa de asas,
Sabes? pareces-me tu,
Adiada — e, ao fundo, casas.

Tu, não mulher salva ou perdida,
Nem tu, esperança de pedra,
Mas terra da minha vida
Onde o mar alto medra.

O cais vazio!
O que eu deixei no cais, despachado e chorando!
Meu vulto de menino frio
Que mal aquece um «até quando?».

A linha gris, rasa e arredada
Em minhas lágrimas tão nuas,
E minha ausência procurada
(Um pouco tarde) pelas tuas.

Assim um «teu» num «meu» insiste.
Que mãe anónima adianta
Cabelo longo e riso triste
A filha feita de tanta
Coisa que não existe?

Ao cais que eu penso
Não chega vela, nem jamais
Asa ou ponta de lenço
Ensina porto ou saudade
– Que é pura pedra sem idade,
Dentro de mim, o cais.

A nortada encheu de ilhas o horizonte.
Olhando bem, nenhuma é verdadeira,
Mas cada uma em mim tem porto e monte,
Que eu sou homem que vê doutra maneira.

Carregado de sonhos, vou de leve,
Ao comprido do mar, que o inverno esturra;
Vou; como uma velhinha do pinhal,
De lado, na sua burra.

(A minha é a triste pena que isto escreve
De boa mente e tão mal...)

E, agora por pinhal, por burra e ilhas
Que eu levanto de mim, sem me mexer:
As saudades que eu tenho! as maravilhas
Que a cada instante faço e hei-de perder!

O asno puro e lento que eu me sinto
– Mas com cascos e felpa, e os atafais —
Quando desejo ser (bem sei que minto)
Só paciência e marcha, como os mais!

E, sendo burro, no pinhal que eu tenho,
Vasto e vergado, meu pinhal de ouvido,
Ir eu, ser eu no que digo e mantenho,
Assim, só racional e comovido!

O sol fechou o dia
Sem mão nem chave;
A pouca luz que havia
Deu-a para uma ave.

Então a ave selou
Com seu sono seu ninho,
E a terra toda amou
Na casa do passarinho.

Um ovo é como uma chave,
Mas só abre a vida às penas.
Apetece ser ave!
Ter as mágoas pequenas.

Senhor, nas minhas veias
Trago a morte medida.
Sou lâmpada de pobre:
Nem toda a noite a vida.

Já meu sangue estremece;
Veio uma asa ao lago.
Minha mão arrefece
Nestas coisas que afago.

Que maneira de amor
Fui, no menino ido!
Agora, seja o que for
Já no homem cumprido.

Até ao último fio
Poupei o dote divino.
O homem de Deus perdi-o;
Só salvei o menino.

Esse me leva e enche
Como uma onda do mar;
Minhas fraquezas preenche,
Que a grande força é brincar.

Já vai escurecendo;
O sangue pára de arder.
Agora, o que digo acendo
Para me não perder.

Coimbra e Figueira da Foz,
Julho a Setembro de 1939.

CANTIGAS À MINHA VIOLA

Ó viola encordoada
Com quinze cravos de aposta,
Minha pêra acinturada,
Minha maçã da Bemposta!

Quando te toco nas cordas,
A boca do coração,
Vou-me sangrando em saúde
Que nem sumo de limão.

Tens os pontos doiradinhos,
Tens os espaços de luto,
Cada prima é uma flor,
Cada cravelha é um fruto.

Cada bordão é um zangão,
Cada toeira uma abelha,
Ó jardim de madrepérola
Da minha festa vermelha!

Letrinha de 8 somada
Pelas tuas seis parcelas
Mai-las minhas mãos cansadas,
Amarelas... amarelas...

Pendurada a tiracolo
No teu cordão cor de vinho,
És o meu saco de cego,
O meu burro e o meu moinho.

No florão da minha viola
Pus uma tira de espelho,
Para ver, de quando em quando,
Se estou novo, se estou velho.
Na caixa. da minha viola
Há um letreiro que diz:
V. DA SILVA, VIOLEIRO,
ILHA TERCEIRA — PARIS.

Mas um tolo, um engraçado,
Colou com cuspo uns tarjões:
SILVA, CANGALHEIRO DE ALMAS,
FAZ VIOLAS E CAIXÕES.

Meu amor, deixa falar!
Dorme, não percas a esperança!
Morta, na minha viola,
Serás como uma criança.

Que seis meninas de arame
É que te levam à campa,
Com seis florinhas de pau
Espetadinhas na tampa.

E o limão, a violeta,
A madrepérola, o espelhinho
Hão-de te servir de terra
E de mortalha de linho.

Minha viola de luxo,
Minha enxada de cantar,
Meu instrumento de fogo,
Caixinha do meu chorar!

Viola, bordão de prata,
Vida violeta, violeta...
Prima, coração me mata...
Poeta! Poeta! Poeta!

CANTIGAS À ILHA TERCEIRA, À CIDADE, À PRAIA, E AOS MONTES

Lá vai a Ilha Terceira
Por riba dos mares afoitos,
Carregadinha de amores,
De mistérios e biscoitos!

Esta nossa Ilha Terceira
Sempre foi alto lugar:
Em amores, bodos e toiros
Fica bem a desbancar.

A Ilha Terceira é fêmea,
Sã Miguel saíu varão,
A Graciosa rapariga
E Sã Jorge tubarão...

Olha os Ilhéus a Sã Bento,
Olha Sã Jorge à Feiteira!
Olha o meu amor comigo
Numa cisma verdadeira!

A nossa Ilha Terceira
Em dois pontos fica atrás:
De Deus do Céu e de ti
Que tanta graça lhe dás!

A Graciosa lá longe
Quando te viu na Sarreta
Teve tanta invejidade
Que de roxa ficou preta!

Ó Angra, nobre cidade,
Que tens baraço e cutelo!
Vê-se a croinha do Pico
Das muralhas do Castelo.

Não subo ao Monte Brasil,
Não sou facheiro nem facho:
Tenho o navio no peito,
Quando o quero sempre o acho.

Ó leal cidade de Angra,
Mimória do meu amor,
Pisão da minha alegria,
Castelo da minha dor!

Angra, maioral cidade,
Desterro do Gungunhana,
Onde fui às cavalhadas
No meu cavalo de cana.

Ó Angra da fidalguia
E da procissão do Triunfo!
Em amores puxei-lhe espadas,
Ganhou-me a dama do trunfo.

Eu fui aos toiros de praça
No dia de S. João:
O meu bem era o capinha,
Atirei-lhe o coração!

Não há terra como a Praia,
Nem abrasão como o seu,
Não há gente como aquela,
Não há amor como o meu!

O meu bem não é da Praia
Porque a sorte nã no quis,
Mas como eu nasci na areia
Lá o plantei de raiz.

Ó Praia, muro da fama,
Vila de tanto autorizo,
Só te faltava aquele anjo
Para seres o paraíso!

A Praia é peixe de caldo,
Damasqueiros, escrivães,
E os filhos que vão prà América
Contra vontade das mães.

Quando chegou a Sã Lazro
O meu bem adivinhou
Que eu gostava da ermidinha
Que o verde junco juncou.

Lá foi ver o cemitério
Cheio de saudades minhas
Plantadas pelo Saldanha
Com pena das lazarinhas.

Fez os olhos mais compridos
(Oh que lindo modo o seu!),
Lá disse: «Quero esta cova
P'ra me enterrar mais o meu!»

Quatro portões tinha a Praia,
O das Chagas era um:
Falta o da Luz dos teus olhos
E não sei de mais nenhum.

Olha a Praia espaireçosa
Co üa baía daquelas,
E o meu amor embarcado
Dentro das suas janelas!

Quatro torres tem a Praia:
Espital, Cambra e Matriz;
Falta a torre do teu peito,
Quem no sabe é quem no diz!

Sã Bertolameu é faca,
Sã João uma águia tem:
Troixe no bico palhinhas
Pràs meninas de Belém.

Sã Carlos é espaircimento,
Pico da Urze desvio,
As Bicas são n'os teus olhos,
Tuas lágrimas em fio.

O meu amor é das Cinco,
Para lá de Sã Mateus:
É daquelas Cinco Chagas
Que temos do amor de Deus.

A Sarreta são romeiros,
Santa Barba caras lindas,
As Doze — doze confeitos
Que tu, meu anjo, me guindas.

Os Altares é casamento,
Os Biscoitos vinho novo,
Raminho festa de igreja,
A Terceira pão e povo.

Quatro Ribeiras é lenha,
Biscoito Brabo brabeza,
O das Colmeias é mel:
Terceira, tanta beleza!

Ó Agualva do alvoredo,
Da farinha e do castanho,
Ó mãe daquela beleza
Duma tia que lá tenho!

Nossa Senhora da Ajuda
É a mãe de Vila Nova,
Branquinha a pé do Calvário
Como galinha na cova.

Sã Brás do estreito! se diz
A goela do engasgado.
Viva a terra da Mariana,
Com flores nos cornos do gado!

As Lajes era pão alvo,
Agora é «olha o balão!»
E toiradas, «coisa braba!»
Com favica pelo chão.

Cabo da Praia é tabaco,
Fontinhas teia que eu deite,
Cá'da Ribeira o meu quarto,
Canada dos Pastos leite.

Ah, Porto Martim das uvas,
Baga 'de faia cheirosa,
Minha maçã redondinha,
Pedra negra preciosa!

A nossa Fonte Bastarda
É uma filha da mãe
Que nasceu como um jarrinho
Das muitas grotas que tem.

Ribeira Seca molhada
De leite e de vinho novo,
Minha galinhinha branca,
Massa cevada! meu ovo!

Dizem que a Vila que é feia...
linda como uma moça!
Teve Cambra e o privilégio
De lá passares de carroça.

Porto Judeu são casinhas,
Santo Amaro boa vista,
Feiteira uma presa à prova
Da alma que lhe resista.

No guião da Ribeirinha
Vê-se a firmeza do moço
Para trastejar a casa
E pôr a corda ao pescoço.

Terceira, volta da ilha
E moças pelas paredes,
E este cego de cantar
Aquela que vós não vedes!

Pobre da Ilha Terceira!
Coitado de quem é mãe!
Mesmo se um filho é queimado,
Teve as dores... quere-lhe bem!

E as canadas que esqueci
Lá no céu terão a palma:
Seja a terra da Terceira
A nossa coberta de alma!

A moda da gasolina
Secou o trigo do chão;
Fez das Lajes um terreiro,
Oh que dor de coração!

Ó avião da carreira,
Carregadinho de bombas,
Tu foste a nossa desgrácia
E o espantalho das pombas!

Olha a Praia de hoje em dia
Com cafés de porta em porta!
Vou dar o sim a um inglês,
Que minha mãe nã se importa.

As carrocinhas da Praia,
Que andavam ao peixe e aos ovos,
Agora, que tudo avoa,
Só levam rapazes novos.

Esses ingleses das Lajes
Parecem anjos do céu,
Loirinhos de gema de ovo
Por debaixo do chapéu.

Um amaricano que avoa
Falou-me de casamento:
Galinha não quer queimado
Que a leve para alumento!

Nalgum tempo, os amaricanos
Só vinham de Calafona:
Agora vão cá da terra
Numas asinhas de lona!

Um inglês pediu-me um beijo,
Dei-lhe uma soca de milho:
Querem ver que o confiado
Vai dar a bença ao meu filho?!

– Oivi uma chocalhada,
Di noite, em riba das telhas:
Mas não era caçoada,
Reses, cabras nem ovelhas.

Eram quinhentos queimados
Voando por trás da Serra,
Dando nicões de aço fino,
Traques de fogo de guerra!

Acordei. A minha ergueu-se,
Foi logo direita ò berço,
Agasalhou o menino,
Pegou nas contas do terço.

Quem casa nas Lajes campa,
Na Ribeirinha também:
Braba mulher esta minha!
Que linda cara. que tem!

Tanto caga-fogo de alto!
Tanto bidom, tanto prigo!
Cimento não dá pão alvo
Como dava o nosso trigo.

Ó Senhor Espirto Santo
Lá da Casa da Ribeira,
Leva peste, fome e guerra
Dos campos da Ilha Terceira!

DESABAFO

Não espero amor nem glória de ninguém:
Espero terra e cinza,
Os blocos do abordar lá na doca esquecida,
E ao longe o rolo branco,
Livre e amargo do mar
Que traz com água e indiferença
O cadáver e o frasco azul do adeus marinho.
Como as gaivotas levo água e ferro no bico:
Por isso passo e fico.

Naquilo que outros vêem um vago talento e sorte,
Outros: «belas qualidades, mas purgativo, aquele magnésio…»
Levo coisas tão simples como o meu sonho e a minha morte:
O menino que eu fui, parado nos meus olhos,
O garoto que eu fui, e os sinos que rachei à pedra ainda a vibrar,
Minha mãe no que tenho de condescendente e feminino,
Meu pai na força e pressa do meu próprio coração.

Não espero amor nem glória de ninguém:
Espero a terra e a lisura
Da pá que ma estender,
Além de erva ou torrão de calcadura
E os filhos velhos, graves,
Com um bocado de pão, a minha memória e uma acha a arder
Tudo isto espero com a força e a determinação da esperança,
Com as lágrimas do fraco melodioso
Mas, cheirando a esturro, a pulso,
Sozinho e perigoso.

Terei vestido e pão no mar e nas seus fundos
E nos peixes de cor as flâmulas de guerra;
Hei-de cravar o Sol no meu destino,
Dar a Lua a roer aos que duvidaram de mim,
E transparente como as baías me verão,
Que, vendo-as mansas, me verão a mim.

Mas, se acharem as baías bravas, que se aguentem!
Quando meu tio foi para Manaus, lá me aguentei!
Ah, baías salvadas e coléricas,
Açores de ronda ao vagalhão partido!
Morrer é bom quando se deixa
Algum pecado redimido.

DESENGANO

Já não estou para rosas! Gastei tudo.
Queimem o dia até ao fim!
Só sinto gosto no que mudo
E, se restar, é para mim.

Lá onde nem saudades,
Longe, sem mais desejos,
Errante e casto nas cidades,
Morto sem beijos.

E frio como o aço,
Forte de mão e úmero,
Íntimo no que faço,
Inteiro como um número.

Que a terra que nos come
Cria duro.
Nenhuma estrela dome
O que germina no escuro.

E lá, gastada em si, que seja a vida,
Sem flores nem passos sequer,
Coisa neutra, dividida
Fora de homem e mulher.

Assim se faça. E aumente
No mar a força do mar.

Que grande vela de repente!
O que eu gostei de navegar!

NAVIO

Tenho a carne dorida
Do pousar de umas aves
Que não sei de onde são:
Só sei que gostam de vida
Picada em meu coração.
Quando vêm, vêm suaves;
Partindo, tão gordas vão!

Como eu gosto de estar
Aqui na minha janela
A dar miolos às aves!
Ponho-me a olhar para o mar:
– Olha um navio sem rumo!
E, de vê-lo, dá-lho a vela,
Ou sejam meus cílios tristes:
A ave e a nave, em resumo,
Aqui, na minha janela.

QUADRANTE

Falte-me sonho um dia,
E a vida é como se morte.
Nem tristeza ou alegria
Cabem na minha sorte.

Que a distância é já tanta
Como o silêncio a quis.
Saudade, sim, isso é que é planta!
É só saudade que se diz.

Ah! aromas antigos,
Que é das auras passadas?
Agora vêm os castigos
Das coisas mal começadas.

Quem estraga os canteiros
E perde o tempo da flor
E arruína os verdadeiros
Muros do nosso amor?

Quem se entretém cortando
Já as hastes crescidas
No ar que as ia criando
Rebentadas, comovidas?

Quem deita a chave fora
Como uma rosa fria?
Enfim a torre deu a hora,
Só nossa casa está vazia.

BOBO

Vesti-me todo de ti
Como os bobos de lhama;
A que chamei perdi
E, triste, fiquei de cama,

Tive uma certa mágoa
No que acordado achei;
Fui tanto sangue e água!
Tudo já derramei.

Enchi meus olhos de morte
Para não ver a vida;
Tive uma ave ao Norte,
Do caçador ferida.

Mas não oiço nem vejo,
De profundo que vou
No negado desejo
Do que sou.

Deixa à ida uma pluma
Que eu distraído escolha
Como na onda uma
Rolha.

Deixa os dedos tocados:
Eu nos meus os componha.
Qualquer destino cumpra
O que secreto disponha.

Que já, levados
Na mão de ferro agora,
Somos medidos e pesados
Como quem chega à sua hora.

Tu no vestido de espuma,
Eu de palavras toucado:
No mais, amor, sem coisa alguma,
Que tudo o mais foi separado.

O OVO

Enchi de Oeste a minha vida,
Como se o Sol, que estira os peixes,
Me desse a terra percorrida,
O mar curvado e um não-me-deixes.

Sol fui no arco dos dias
E, pesado
Na minha luz, já mais do que o meu fogo,
Levei as ondas frias,
O vento e a vida logo.

Tudo levei, coroado de horizonte;
O amor queimei na tarde vaga,
Com uma ilha defronte.

Mas queria, mais que o mar, bater
Ainda as praias carregadas
De passos, conchas e do haver
Das aves livres lá pousadas
Que já não posso recolher.

E um ovo,
Nada mais que um ovo,
Num punhado de pó, entre juncais,
Que desse vida, penas, povo
Para as aragens e areais.

LÁPIDE

Uma ave é leve ao coração pesado,
Não se sabe sequer quanto a alma custa!
Só no campo do tempo recordado
Achei raízes à ilusão robusta.

Pávido ouvido ao sonho acostumado,
Se ouve de amor, um simples voo o assusta;
Bainha de erva, cálice orvalhado,
Cadente estrela, lápide vetusta.

AOS MANES DE LUCÍLIA, VIRGEM. Morta!
Avivaram a laje à minha porta:
Que romana há mil anos repudiei?

Não ando bom; sou pálido na água;
Tudo o que toco ou penso me faz mágoa,
Mas dizendo-o nos versos sosseguei.

ÁSPERA VIDA (*)

INTRÓITO

Áspera vida,
Senda pobre,
Deuses remotos,
Homens perdidos.

Quanta energia
Erma no sonho,
E o casto vento amotinado
E a chuva calma em terra aberta
A nossa mente descoberta!

Triste poema
Da hora de espera,
Submissão e pronto no pensamento,
Leva-me todo ao tempo intacto
Que uma palavra pura atinge,
E, já conexo em mente e alma,
Dura no eterno retornar.
Só tu comoves o alto enigma:
Nós não sabemos decifrar.

I

Ah! A saudade dessas milhas salgadas, sem corpo,
E a névoa e extensão que elas mesmas criavam!
O desejo de ser o lado de lá de tudo isso,
Muito mais que horizonte — e ali sempre pregado!
Ali, orla de mim, termo de mim comigo!
Ali, eu osso, e areia o resto, e longe o resto!
Ali, eu sangue, posição e olhos compridos!
O mar formado ali, no sal dos meus desejos,
Rasgado pelas naus que eu fui, de mim fugindo,
Pesando nos fundões que deixei, lá submerso:
Eu, dejecto de estrela e desperdício de anjo,
Coisa sem fim no pequenino,

(*)Com o título «Primeira elegia do mar», «Áspera vida-I» (de que damos este excerto), foi publicado *in Revista de Portugal*, n.º 6, Coimbra, Janeiro de 1939.

A esta hora talvez já mar, só de saudade;
Talvez feito um bocado para onda,
Só de o meu peito se lembrar de outrora,
Um outrora que é água nos meus olhos —
Não que nenhuma lágrima se prenda
A estes meus verdadeiros cílios secos,
Linhas da minha vida em meu olhar:
Mas porque ele mesmo, o olhar, é um pouco de água
Transtornada de humano sentimento,
Prolongada no ver pelo pensar.

Esta saudade é uma maré que eu sou;
Esta tristeza é já meu mar rolando,
Meu vento levantando-se na voz,
Minha contiguidade separando
Seus bocados inermes e sem área,
Seu percorrido igual em todos os navios,
Seu movente e parado eirado frio
Que se aquece nos reinos de coral
E quer quebrar-se em praias — mas que é delas,
Se não são minhas secas desistências
No inútil desenho de alguns passos?
De onde em onde uma luz — mas nem parece,
De apagada e perdida nos socorros,
De intermitente ao vento que já sou…

Assim corto, descalço, a extensão do meu ser.
Vou eu, sou eu o que regressa enxuto
Apesar destas águas cá choradas.
Ó liquida distância em que eu fundava
Tanta esperança viva,
Hoje sem fundo nem âncora nenhuma,
Só lembrança direita e atravessada
Por mim, sem pés nem tábuas!
Minha alma cinge túnica de grave,
Calça tristeza como a enxada terra,
Fecha-se já por dentro do meu rosto,
Desce na minha carne e aos ossos fala,
Entende-se com eles de vida e morte,
Em sua árvore branca amadurece
E, bebendo de mim o que perdura,
De seu rijo tutano come e esquece.
……..

ANJO DA GUARDA

Anjo da Guarda potente,
Andai sempre adiante…

VELHA ORAÇÃO

A noite é o pólen do mar,
A terra o sémen do dia,
O céu é este voar
Sem alegria.

Ave que fui na Ilha,
Não voltarei ao ninho:
Perdi a asa e a anilha
Pelo caminho.

Deus disse ao Anjo: — «Guardarás
Esse menino desviado;
Aspas de luz acenderás
No escuro chão que o traz cercado.

«Cobre teu rosto sem perfil
Com tuas mãos de metilena
Quando ele levar para o redil
A ovelha imbele alva e serena.

«Não queiras ver seus gestos dúplices,
Ou dá-lhes fogo de doer;
Ata de azul os braços súplices
Quando se esboça o arrepender.»

Ó lumes que só conheço
Das orações esquecidas,
Que sono torvo!
Na guerra, desde o começo,
As minhas carnes vão podridas,
Meu coração bicou-mo um corvo.

Anjo que foste de meu Pai,
Que te rezava (estou a vê-lo!),
Nossa inocência preservai.
E quando Eva esconde o seio
Na seda larga do cabelo,
A espada (é tarde?) estende ao meio.

O negro a fogo se esvai.

CÓLOFON

A noite isenta o homem e punge-o.
A mão de Deus desenha a verdade no escuro e a alma se fez clara como
[a lã cardada à neve.
Veio o dia e apagou este fulgor secreto,
Veio a noite e no vácuo tudo se repôs e deu.
Quando na imagem fria outra vez me sei menino? Quanto mudei?
Do que fui não restava senão o pano encardido. Hoje me remoço e lavo.
Irei pedir aos velhos o sabor de suas palavras, aos ungidos o óleo de
[seus gestos, às virgens o sossego de seus seios:
Mas de todo o emprestado que tirarei eu limpo?
A brasa do remorso já não me cresta a carne: meu coração tornou-se
[como o pé do leproso, que não sente a água quente.
Virão do Oriente as espadas em fogo, do Norte as setas geladas, do Sul o
[vento salino:
A ver se arranco o ferro à minha tristeza torpe, à dor bruta e chorada, ao
[calmo desespero que julga que pensando se usurpa:
E se me levam anjos de rastos pelas sarças dos sofridos,
Anjos severos e piedosos com os que fogem à guarda,
Anjos duros de rémige porque no fechar do voo entregam a Deus o grão
[gerado limpo e seco!

HINO AO ESPÍRITO SANTO

Veni, Creator Spiritus,
Mentes tuorum visita.

Fechai a noite a arco de nave,
Selada a porta da Prudência,
E vem, Espírito suave,
De nada reminiscência.

Leve à âmbula de alva,
Língua na vela acesa,
Ténue Espírito salva
Força íntima lesa.

Pomba Te vejo a vulto,
Cego do feixe ledo,
Almo Espírito oculto,
Lúcido ao dia cedo.

Impacto de valor
A área tenebrosa,
Súbito criador
De ínvio fruto de rosa.

Testas dóceis a peixes
Polifónico lume
Logo que as flamas deixes
Em pensamento assume.

E vão, de Ti coroadas,
Espírito impassível,
Promover as aradas
Sobre a terra possível.

Paráclito no terno,
Nem terceiro nem primo,
Nem segundo no eterno,
Mas triádico ao cimo.

Tal a luz ondulante,
Recto raio cadente,
Ubíquo e penetrante
Como o ar envolvente.

Nos sete dons doado,
Dos sete palmos tiras
Pobre corpo cansado
Dos ossos e das iras.

Já luz a sete ramos
Em leque de ave de arca
Nos reúne aos três tramos
Que a catedral abarca.

Vem, Espírito Santo,
Por nome amor e asa,
Como a áscua de espanto
Acende a mente e a casa.

Os corações repletos
Serão de Ti, que amplias,
Como os grãos são completos
Já nas vagens esguias.

Das quais Uma, à luz núncia,
Para mais que anjos feita,
Abre a cruz da renúncia
Sobre a Terra imperfeita.

Vem na consolação,
Indene a gáudio e a pranto,
Tu, Padre, e à dextra mão
O Filho, Espírito Santo.

ANJOS

Os anjos são rijos como as pedras
E leves como as prumas.
Na leira rasa de aves,
Tu, que redras
Terra, névoas e espumas,
– Deus, de teu nome! — sabes
Que um anjo é pouco e imenso:
Por isso cabes
No anjo e ergues o incenso.

Desfaleço a pensar-te,
Ó ser de Anjos e Deus
Que baixa em mim:
Sobe-me na alma, que ando a procurar-te
E dizendo-te Deus
Acho-te assim.

Anjos são os terríveis
Modos de Deus connosco;
Nós, as suas possíveis
Transparências a fosco.

Lívidos, sem respiração
Ficávamos do toque
Da primeira asa vinda;
Mas eles rondam apenas a oração
Que múrmura os evoque,
E vão-se, e tornam ainda.

Deles para cima, ainda mais graus de glória
Relutam ao sentido
Que deles vem à memória
Como uma bolha de ar na água do olvido:
No mais, são tão pesados,
Os anjos leves ao justo...
Tão alados,
Mas desgostosos do nosso susto!

É isso! Disse-mo agora
O verbo súbito surpreso:
Ser anjo é espanto da demora
Nossa e do peso pávido
Que nos estende.
Terrível é quem toca terra
Para a levar, e não a rende.

Que o anjo, de si, é ávido
De transe e rapidez,
E é ele que chora
Nosso chumbo, hora a hora:
ele que não entende
A nossa estupidez.

VISITA

Ela veio ver-me.
Ela quem seria?
Mocidade inerme,
Como voltaria?

Ela foi passado
Que um instante torna
No fulgor gelado
Que a memória amorna.

Ela! Já nem ela,
Mulher ou poesia.
Oh, por conhecê-la
Quanto eu não daria!

Meu tempo menino,
Minha terra e vez,
Arco, trança, ou hino,
Minha Mãe talvez.

Passageira graça,
Como sombra em trevo:
Chega, pára e passa,
Fica só o enlevo.

Fica a graça nova,
Quase só de Deus,
Árvore na cova
Que alguém planta aos seus.

Alma tão quieta,
Quanto te adiantas
No velho poeta
Já com juízo e mantas.

Que tira o pecado
Do cão que se julga
Como a cão de gado
Se cata uma pulga!

Ela? Velho e alheio,
Troco língua e amor,
Que ela só me veio:
Graça do Senhor.

O MOSCARDO

Raio de sol leve
Contra o dia pardo
Na janela esteve
Doirando o moscardo.

Se era gládio duro
Não se via mão;
Para lírio puro
Faltava-lhe chão.

Moscardo, que asinhas
Tal raio te empresta
Com as áureas linhas
Que te põe na fresta?

Só um toque de oiro,
Só mais claro apenas:
E mosca ou besoiro,
Tudo é voo a penas.

«Raio que te parta!»
Dissessem embora:
Desta vida farta
Livre voaste agora.

Moscardo, que alvidro
Já ave mo deu?
Há sangue no vidro
E um raio no céu.

COLHEITA

Os olhos das aves
São já grãos no céu
De colheitas suaves
Que o Senhor me deu.

O meu próprio pulso
Por espiga o tenho,
Chocha neste avulso
Coração que amanho.

Veias já de palha,
Tão maduras no osso!
Mas venha a toalha,
Senhor, que ainda posso.

Levo trigo à fome
De poesia, ao menos.
Quem porém mo come
Em pães tão pequenos?

Sou moleiro e mocho,
Moo à noite; e o dia
Passo-o, burro coxo,
Magro da maquia:

O burro do ouvido,
Amarrado a mim,
Único sentido
Que me é fiel assim,

Espigando frases
Ao leviano vento,
Que por graça fazes
Grão de pensamento.

Nos voos da pomba,
Nos círculos do peixe
Grado trigo tomba,
Quanto a terra deixe.

Ó germe no escuro
Quente da palavra!
Eu finjo que o apuro,
Mas Deus é que lavra.

E tão fundo rego
Me abre na alma vã,
Que há pão e sossego
Na área da manhã,

Clara, porque rezo,
Numa espiga só
Já pênsil ao peso
Do meu próprio pó.

Mas se a morte é meeira
No trigo que eu der,
Ela, que é ceifeira,
Leve o que quiser,

Pois que Tu, que o saco
Me confiaste à mão,
Sabes que sou fraco
E ruim era o chão.

Assim, minha dor
Saltando-te ao crivo,
Seja eu grão, Senhor,
Alvo no pão vivo.

SONO E SOSSEGO

Venho à casa emprestada dormir vida
Como quem põe sua alma no granel.
O ser de quem não tem senão descida
Desce cada vez mais, e isto é cruel.

Entretanto a semente comovida
(Puro estremecimento do papel?)
Faz de sono e sossego a haste comprida
Como a abelha trabalha no seu mel.

Ó hóspedes de todas as cidades,
Quem ficou por vossês nas camas ermas,
Pescadores submarinos de saudades?

Em nossa ausência a aranha do fastio
Encheu os que nos amam das enfermas
Teias da nossa falta, fio a fio.

31.7.59

ILHA AO LONGE

I

Pedra torrada, transtorno do mundo,
Alvorada no pasto à estrela firme:
Numa gota de leite penso a tarde,
Vontade de ir-me,
E o fundo
De tudo arde.

Por cima nevoeiros acomodam
A noite de aves sossegadas sobre o ovo,
Escurecem e rodam,
Embalsamam o povo.

És isto, ilha da noute,
Evocação de légua:
O que me deste dou-te
Como ao pêlo do poldro a saliva da égua.

Por fora só o sinal duro
Altera o estéril horizonte:
Chega-se perto, e sai do escuro
O fôlego, o pão, a vaca, a fonte.

Ilha, capuz sem testa no mar ermo,
A minha fronte te perdeu:
Terei sombra na paz, do dia ao termo,
Que em noite a morte converteu.

4.8.59

II

Quando nasci sabia a fogo
A saia de minha mãe,
De água de lava: seca logo
Nas mágoas — que um filho tem.

Terra queimada me deu bolo,
Cepa de lume imaginação:
A vida de um moço é solo,
A morte evaporação.

4.8.59

O VERBO E A MORTE

Assumo a face da morte
Cá não sei onde,
Que já mais lá parece,
Entre gelar-me e ter
Calor do outro.
Deus é bem tudo e o todo
Que nada aqui supôs
Mente de quantidade:
Seu seio me recebia
Sem mais que sua piedade.
E não porque de esferas
Meu lume novo fosse:
Ardia no aplanado
Campo, fim do acabou-se,
Quando nem principia
A glória dita aqui
Senão o nunca de anjos
Sempre agora vivido,
Deus, ao cabo de Ti.
Minha era a face morta
Quando já vida tinha
Sem a palavra ou o sangue.
E o tempo, foco do eterno,
Apagado nesse escuro
Meio de amor,
Em que luz é precisamente
Não a sentir iluminado
Por que nos falte de repente.
Então Deus é o Tu na face,
O que nos deixa ser em frente,
Como se assim recuperasse
Meu eu sem área, eu morto, eu mesmo,
Que me assumi na face morta,
Perpétuo como a luz que assim se diz:
Pois, ainda e sempre, só por semelhança
Do Verbo se chega à esperança
Do que se quis.

29.8.59

FLATUS VOCIS

Flato de voz é morte irreparável,
Só Verbo é vida:
Aquele que tenta o inefável
Fala de voz proibida.

Segue o clamor o abismo
Como o fumo e telhado:
Segredo eterno diz-mo
Anjo núncio calado.

Angústia é gárgula sem jorro
No silêncio da parede:
Sem voz nem frescura, morro
Á borda de água com sede.

Nem do nefando medrosos,
Balbuciando ao nascer,
Somos silenciosos:
Pregoeiros até morrer!

Que então, parábola de arco,
É nosso destino o nome
Que nos não davam no charco
Mas de que tínhamos fome.

13.9.59

CASA DO SER

A língua é a casa do Ser.
HŒLDERLIN E HEIDEGGER

Língua, Casa do Ser que lá não mora,
E, se chama, não está por morador,
Que só em nós o verbo se demora
Como sombra de sol e eco de amor.

Abrigo sim, porém sem tecto, fora
De torre ou porta, os muros no interior:
Assim a Casa essente rompe à aurora
Para se incendiar com o sol-pôr.

É a noite o seu rápido alicerce,
Enquanto Casa, que não Ser (aéreo
O que nem isso é ia eu dizer
No hábito verbal que corta cerce
A hastilha do jardim da Casa, etéreo
Mensageiro de fogo. Pode ser).

1.9.59

O POETA É O PORTADOR

O poeta é o portador. Carrega tudo,
Mas ele mesmo é a carga e o encarregado,
Tal, na aldeia dos sãos, é o surdo-mudo,
Cheio deles e de si, triste pasmado.

A força do Sentido o faz escudo
Do fogo que não pode ser roubado
Enquanto ofereça o coração agudo
A guerra em que nasceu para soldado.

Sua coragem na palavra o espera,
Aguardado silêncio pensativo,
Como a hora que a torre negra dera.

Além da meia-noite e antes da hora
Prima, que a madrugada álgida chora,
Lágrima a tempo, átono som cativo.

18.10.59

PRECE

Meu Deus, aqui me tens aflito e retirado,
Como quem deixa à porta o saco para o pão.
Enche-o do que quiseres. Estou firme e preparado.
O que for, assim seja, à tua mão.
Tua vontade se faça, a minha não.

Senhor, abre ainda mais meu lado ardente,
Do flanco de teu Filho copiado.
Corre água, tempo e pus no sangue quente:
Outro bem não me é dado.
Tudo e sempre assim seja,
E não o que a alma tíbia só deseja.

Se te pedir piedade, dá-me lume a comer,
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O teu perdão de Pai ainda não pode ser,
Mas lembre-te que é fraca a alma que aguenta:
Se é possível, desvia o fel do vaso:
Se não é, beberei. Não faças caso.

O CAVALO ENCANTADO

Do cavalo encantado o encanto é ele,
Minha vara o condão que o toca e obriga:
Princesa que vestisse a sua pele
Só a erva que leva na barriga.

Pois que sempre era enganá-lo,
Mon poulain, petit Mensonge...
Aqui é mesmo cavalo
O canto que leva longe.

O meu cavalo é todo de memória:
Um fio de vento contra estrelas,
A lanterna que sai da cocheira, como elas
Do pó da noite para as nuvens altas.
Nas lavas do mar doce, ele manso e a quatro
Compõe comigo um largo movimento,
Uma continuação de amor e de começo
Entre canas de aurora e melros debicados:
Ele vivo e móvel como quem é tudo,
Cavalo de horizonte, e pelo modo de beber,
O topete na cara, o olhar de lua, a pata fresca,
Alto da morte por enquanto na minha vida de cavaleiro hoje
[madrugando.

Mas já a baba brilha fora do tanque e eu sou
O topo do galope que se vê da casa da igreja,
A impressão de violência para as pedras
(Uma novilha corre a meu lado assustada).

Memória, meu selim na tarde, aonde, aonde
Os loros cruzarei do muito galopar?
Que eu quero as andas da burrinha de ontem!
Morto do salto, veloz como um pêlo me desligo
Para que a queda seja mais suave
Se memória da vida me faltar.

17.8.1962

REGRESSO

Ao Coronel Sacadura

Cavalo e cavaleiro o vento adornam
Com uma pata e uma pluma;
A tarde unidos tornam,
Um estame de sangue numa rosa de espuma.

Tanta pressa, afinal, para coisa nenhuma.

POLDRO DE SOM

A meu compadre Mário de Castro

Meu poema a cavalo é um poldro de som.
Pégaso de atrelar, que narina o fareja?
Vamos iguais na sela, é o mesmo o dom:
Centauro, filho da inveja!

De uma crina já húmida, na corda,
Desfiro o passo nocturno.
Abri o desabafo ao ritmo certo.
Meu estribo, soturno,
Pende do flanco aberto.

Acaso a noite, acaso
Desfilando por mim me fez sangue de indício
E, então, relincho — ajudas, prazo
Entre o partir e a queda — é o precipício.

Uma estrela entre os olhos me assinala;
Adianto, adianto, mas parou
Coração de cavalo que eu não era:
Outra pata o estacou.

A montada em descuidos uma pedra
Na ferradura engasta.
E doloroso à mão pousar tão duro
No tempo que se afasta.

Um tremor de samarra me revela
Galope e dia andado,
Recolhemos na pressa uma janela,
Tudo o mais é apagado.

Nem guizo de sisgola nem penacho
Te alegram a cabeça, PENSAMENTO!
De unidos que já fomos, vão-se abaixo
O porte e o sentimento.

Foi um poema ou um cavalo ao curto, aquilo vivo,
O lombo de correr à morte e o pino brusco?

Vou me apear para ver de que boca é este sangue.
O cavaleiro cauto recolhe a passo e ao lusco-fusco.

19.8.1962

NENHUMA

O rosto de que guardo uma espécie de imagem,
Na lágrima que penso e não deixo cair,
Já não sei de quem é, nem se foi,
Sei que se foi...
Eu também tenho que ir.

Oh! se Ela me falasse agora como de antes
(E quem me disse haver um pronome e outro tempo?),
Talvez seu rosto viesse,
Toucado de cabelo,
Redondo como a lágrima,
E nada mais.

Mas como me esforço e há silêncio,
Ela não vem,
Nem mesmo posso deitar a lágrima
Em que Ela talvez viesse...
O grão de areia vem numa gota de mar.

Darei talvez seu nome de Nenhuma
A uma filha pensada que hei-de ter.
Oh doce nome nulo
Que já pesas na pálpebra possível
Dessa minha menina,
Comove sua mãe nunca escolhida,
Cria-a, que é essa
A que pesava na lágrima
E que eu não quero esquecer.

6.7.1938

TIO MATESINHO

Mateus, já noutro tornado,
Meu tio, quem te escondeu?
Deveras, foi o menino?
O polvo da mão traiçoeira?
A névoa que a Serra galga?
Ou a morte verdadeira,
Verdadeiramente a morte:
Caixão de prata forrado,
Mau cheiro a cera sem mel,
Dobrado sino de corda,
Meu medo nos teus cabelos,
Um defunto na minha alma
Sala de todo o tamanho...

Mateus é um metro e setenta
De horizonte aproximado:
Seu bigode gris está bom,
Só sua carne podrida,
A memória esmaecida,
A correcção ressurrecta,
A família sucedida
Sem filho, nora nem neta.

O mais — ele mesmo, o meu tio,
O que mexia e me tinha
(E eu tinha a ele, tinha tio),
O homem velho — esse, morto,
Escondeu-o a Serra na Ilha,
Troquei-o na serranilha,
Mas sem trocadilho o choro
Com minha falta de lágrimas,
Melhor que tê-las no lenço,
Nos olhos, na hipocrisia,
Pois é sangue o que condenso
Por ele na minha poesia.

20.8.1959

LIMITE DE IDADE

A. D. N.

I

Afinal sou assim, infeliz e volúvel,
Porque minha alma guarda uma ordem diversa
De pulsões celulares ao longo do seu eixo:
Decifre-me quem saiba, — que, dispersa,
Com nome de A. D. N. aqui na cruz a deixo.

II

Nervo a pavor, fonte renal de rijo,
Cor dos meus olhos, estatura, gosto,
Quanto me importo, ó Deus, quanto me aflijo,
Tudo A. D. N. inscreve no meu rosto.

CANADA-FLIGHT (*)

I — LISBOA / SANTA MARIA

Já voamos na rota do alumínio,
Com ar de bomba, iões de rampa, poços de ar.
Na fuga de desejos das senhoras
Há uma grande ternura de acepipes,
Panos de plástico, o medo à Morte na algibeira
E o ar altimétrico, o eterno ar.
O ozone é longe, vertical, escudo a raios:
Oh, redução de tudo a poucos elementos!
Levo hélio nos leves pensamentos
E plutónio pesado na consciência.
Tão bom, voar a fio de morte na Energia,
Lendo Simone Weil cheia de Peso e Graça!
Meus pecados contidos, se explodissem,
Fariam bem pior que eu morto a voo.
Velocidade, qual? De sedimentação?
900 km à hora e ao ar é pouco,
E mesmo assim o trem de pouso encurta já.
Ai, o burro Junot da minha infância,
Como era mais ligeiro na inocência,
Tão aerodinâmico na humildade!

(*) Publicado pela 1.ª vez *in Colóquio-letras*, Lisboa, Setembro de 1971.

Já desço à ilha que me chama às lamas quentes,
Metano e amónia que me arquitectaram.
Mais baixo fica a cucumária dos abismos,
A estrela-do-mar, que faz de cada raio um filho,
Os mil olhos e a umbela pulsátil da medusa,
Pais do meu coração de vagabundo,
Testemunhas do mar que me deu plâncton.
Meus amores flutuantes eram as rosas-dos-ventos,
Eu fui tu-cá tu-lá com sargaços e cúmulos,
Tratei aves, pintou-me a moreia malhada,
Um goraz na mão lesa do Lestinho
Deu-me fósforo aos versos
E o anel de hemoglobina a um amor taquicárdico.
Agora voo mais que o peixe aéreo,
Plano mais que a gaivota flutuante:
Mas sempre a cálculo, a reactor, na combustão da pena,
Revelado com Deus, lido em Job e Niels Bohr,
Ondulado na luz cogitada e fotónica,
Muito pouco fiel aos mendigos de côdea
Que só apertam o cinto ao descolar da fome,
Que não viram os Andes na Falperra
Nem tocaram o Rio a pés de feltro no Galeão:
Quando muito, uma estrela ou um papagaio
Levantaram seu olhar ingénuo a fio de grude
(Olhar de pobres): — Olha! Ena! Que guita!
A lágrima é ramela
Na cara de quem só tem a pista calculada
No voo de pés juntos para a vala comum.

Mas suspendo. Aterramos sossegados,
Chega a hora do cinto na barriga:
Oprime o pensamento, aperta a esperança.
Desatá-lo ao remorso significa
Parar, pedir ao chão outra vez planta
E juízo comum, modéstia. Oh, nuvens
Furadas para baixo, à busca de destino,
Já vistas para cima em chuva como outrora
Quando a chama a petróleo era o farol de todos,
A luz do pão por Deus e o sinal do silêncio
Na comunhão dos pobres sem aviões.

Meus ouvidos registam a pressão
Da descida ao traído coração.

Os passageiros eólicos, dóceis no rebanho sentado, provam tempo.
São só mortos possíveis:
Os vivos nascem como mortos possíveis
E a hora do extensível força a possibilidade.
– Afivelem os cintos. Não fumem.
Que os vossos pensamentos não consumam seu gás:
No voo numerado é que a entropia espreita
As borbulhas de amor inconfessáveis,
Os secretos juízos aflorados,
Câmbios, desvios de rumo a cano de pistola,
Rija ambição jogada aos cinco continentes,
Mundo de dissuasão, orbe a quantum enérgico
Na bolha de loucura altamente improvável.

Mas eu não vou, apesar de ir no voo do ajuste,
Eu, a mim mesmo alérgico.
Voo — dizem. Rasgo os gorgorões de nuvens
Apenas como um poeta nefelibata,
Um tontinho de sons, riso dos instalados.
Perigo, propriamente risco, só o vejo
Na representação medrosa ao contingente,
Neste abuso de ter a morte no horizonte:
O homem, diz Heidegger, é
Cuidado. Pode-se estar no Mundo acaso pairando num canudo
Blindado de asas, recheado de decúbitos na oblíqua?
Um Vigia, com discos nos ouvidos, vela e capta,
Botões secretos acendem recônditas sinapses:
Tudo isto parece um cérebro centrífugo de fogo,
Um alarme nas nuvens, palavra de passe num relâmpago,
Hiato de aço unindo trama urbana,
Cartografia pura.
7000 tipos de Lisboa, em 50 aparelhos, 5 cada 24 h GMT,
A 900 km horários e a 1 bilião de mícrones longe da sola normal
[dos pés vistos
[a microscópio electrónico de cápsula em órbita?

Pois, pouco depois, são 7000 bicos assáveis a cogumelo de Hiroshima
[no paralelo de Montréal.
A meia viagem, ao mesmo tempo são 9 horas de trás e 5 para diante.
O dia dobra o passo de Este a Oeste.
A agonia cobriu agora mesmo a Terra Nova:
Espreito da janela — e é um bacalhau esticado.

Certos flocos como que coloidais ardem no bicho à escala,
Outras vezes petróleo me parece,
Mas só meu mar de dentro está atoalhado e poluído:
O que fui no ruim, no pirata a tíbia e caveira,
O pérfido de rapto clandestino,
Esquecido da honra e da verdade.

Eu sofro.
Quem voa é o passageiro mas eu, que vou nele, recuso-me,
Eu não posso pensar na Terra Nova
Como quem vai de gozo ao Canadá com dólares.
Espera, poeta. A física dos bólides funciona,
Ainda estás sujeito ao kine em tua angústia,
Só com perda de massa há energia liberta: pesas um pouco menos.
Contrai um pouco já tuas reservas elásticas,
Transformador de pilhas em palavras,
Campo electromagnético de delírios
A que Maxwell algum equou perturbação.
Um trem de fogo que passa por outro tem um espaço seu num
[tempo seu;

Em cada um deles, propulso, anda-se direito às avessas,
As moscas de Galileu e os raios de Michelson
Não estremecem lá dentro como a trapalhada que pensas:
O outro trem ainda vai com Newton por fogueiro
Mas já leva ao emprego, a Berne, o amanuense das Patentes,
Que harmoniosamente, relativamente distraído,
Escreveu a sigla $E = mc^2$ no arco do seu violino.

A dor do Mundo é curva e toda aberta ao nada:
Minha angústia rompeu em paralaxe,
Sua órbita avança oculta aos outros:
Enfim, sistemas diversos,
Que reúno na galáxia dos meus versos.
Deixávamos a Escócia à Grã-Bretanha
Com bardos já sem voz, mas eis que o whisky,
Oportuno na carrinha da hospedeira,
Nos trouxe a Nova Escócia às escotilhas.

Voo 304 quase ao termo.
– Desçam o homem das Ilhas
No pára-quedas do enfermo!

NOVA ESFINGE (*)

O sorriso da hospedeira passou do círculo à elipse,
É gomo e foco a voo:
Abre na rosa supérflua do tabuleiro atoalhado,
Fechou nos dentes dela e no meu medo aéreo,
Fez-se triste em ganhar sua vida sorrindo,
Mas dispõe bem, voa connosco.
Eu sei que ela envelhece,
Os reactores do avião serão sucata um dia,
Nós seremos chumbados a maçarico
Pelos hospedeiros da Funerária,
A viagem terá seu termo ou não, biosférico,
E tudo finalmente se arranjará
Na rosa dos ventos elísios
A 1400 km à hora, com um empurrãozinho à cauda.

Pois é...
Nasce o animal à tarde, cresce de noite, vai a Tebas,
Perguntamos ralados à Esfinge por seus pêlos,
Ninguém responde e tudo finge:
É isso a Esfinge.
«Mas» — como diz o Régio — «ao terceiro dia hei-de acordar».
Nessa Presença sim, é que estamos os dois,
No dia de lá:
Por enquanto voo, amigo, com sílabas e iões, do Canadá.

14.5.1971

(*) Também *in Jornal do observador*, Lisboa, Ed. Verbo, 1974.

EURÁTOMO

Europa, nossa mãe rasgada,
Estrela fria a vinte pontas nos céus de aço,
Ursa a Leste, Leoa aonde? se da Loba
Cabisbaixa só tens pobres tetas sugadas
E o Homem-de-Branco pensativo?
Que é de teu Lis elegante,
Tua Águia bifronte,
Teu Leopardo agressivo,
Licorne de tapete rilkiano,
Europa roubada,
Ursa a Leste, Gata a Oeste,
Mas dos quatro quadrantes retirada.
Eurátomo de Europa,
Sem núcleo,
Neutrão sem massa,
Erva de Átila em que tudo calca e passa,
Tu, que deste a cabeça ao Toiro
E a Jove a mão,
Onde puseste o estéril coração?

13.6.1971

RELAÇÕES DE INCERTEZA

I

É esse o desejado coração,
A paz de folhas em branco?
Mas abro a palma da mão
E é como se fosse manco.
Tudo pergunto em decúbito,
Como um ensaio de morto:
Sinto-me vão de súbito,
Navio longe do porto.
Talvez, mudando o ritmo à vela, expanda
As moléculas ácidas que me tolhem.
A minha vida não anda.
Chove. As aves recolhem.
O céu é um cogumelo radioactivo,
O mar petróleo sem peixes.
Homem, eu, de ti cativo,
Só te peço que me deixes!
Guarda-me em pó, electrifica-me,
Trata-me a equação provável:
Sou o teu gás de sonho — quantifica-me,
Homem, mais que o fumo, instável.
No dia, no dia (digo)
Entrópico, falaremos:
Espera-nos a morte
Na última bolha fria
Da caldeira estoirada,
No positrão oriundo de um urânio exaurido,
Com orbe, coração e o dizê-lo — perdido.

II

Em todo o caso, em todo o caso,
Ainda um *talvez*,
Como em Boltzmann e Gibbs a vastos formalismos:
Uma poeira astral era uma vez
E foi-se pelo γ dos abismos.
Mas logo outra galáxia calculada
O vermelho longínquo condensou.
Eu digo por hipótese: Do nada,
Deus, que é cálculo e amor, tudo tirou.
Que eu, se pudesse, ao giz pedia apenas,
Além da cal mortuária, o α carbónico
De um homem novo:
O meu filho electrónico,
Aliviado das minhas penas.
Mas, p'ra milagre tal, que é dele, o ovo?

13.6.1971

MATÉRIA ORGÂNICA A DISTÂNCIA ASTRONÓMICA

Ó alma da manhã fosforilada
Na crusta daquele pobre caranguejo
Que, apesar de mexer numa pedra azulada
Debaixo de água, na ilha ao longe, eu ainda vejo:
Abres-te a céus de metano e de amónia,
A mais de dois biliões de anos biológicos,
Mas és tão nova ao coração maníaco
Do poeta!
Agora mesmo intacta vieste aos sores ilógicos,
Como uma seta.

Ó coração das lavas, vítreo no céu da noite,
Imitando a claridade racional
Desta angústia de velho ausente das suas pedras,
Com caranguejos de sangue imaginários nos olhos,
Cascas de dores reais cravadas na sua alma,
Palavras loucas silicadas no seu lápis
E no bafo expelido ao coração das faias velhas.

Mas eu falava...? Ah, da manhã com fósforo de mar e olivina das Ilhas,
Apertada ao meu peito, que a perdi,
A milhões de anos-luz para o marciano emigrado
Nalguma galáxia afastada
Quer de Marte quer de mim (que lembro o caranguejo),
Das cinzas de meu Pai, azoto que não vejo,
E até — meu Deus que chamo e não oiço — de Ti.

14.6.1971

O CAVALO SIDÉRIO

Assumo a noite e o mal que nela está
Como na rosca estriada o equinoderme.
Tenho a culpa de tudo, a boca de Eu:
Eu, eu, golfado, — e o mais um verme.

Sou investido por mim mesmo no Outro
Ajoelhado na rua a apanhar trapos,
E o que carrega, e a criança decepada
Encarno em sua mãe e em seus farrapos.

Tiro lama das unhas. Acendo
O cock-tail do desespero, a estrela morta
No milhão de anos-luz. E vendo

Que sou assim como a espora no flanco
Do Cavalo fugido, e o casco, e o pó,
Paro à porta de Deus e choro,
Paro à porta de Deus e choro só.

REQUIESCAT

Direi, pela noite, não ódio que tivesse
Nem detestar vida corpórea e ninhos de manha,
Mas meu alto cansaço, a tristeza de lá
Onde se sente o aqui traído, a falsa entranha.

Direi — não «fora!» ao mundo que me cinge
(Outro onde o sei e como chegaria?),
Mas dos anos de ver, pensar durando
Retiro uma moeda de nada,
Fruto do meu suor, e pago o pão que se me deve,
Compro o silêncio que se me deve
Por ter cumprido a palavra,
Trabalhado nas palavras,
E por elas merecido a terra leve.

15.6.1971

ROMANCE DO LUGRE «FLOR D'ANGRA»

O Capitão do FLOR D'ANGRA
Leva marçanos em flor
Para Belém do Pará.
Foi arribar à Bahia
Com nome de Salvador:
Vinte levou, dez trazia;
Nas Ilhas, o que dirá?
Se o seu lugre foi negreiro,
De caveira em pavilhão,
Apesar da flor de fumo
Na sua barba de neve
Todos o suspeitarão.
Mia o vento nas enxárcias;
Só, passeia o Capitão;
No sino verde de proa
Duas badaladas dão:
Dez marçanitos de bruços
Choram, de rumo a Lisboa,
Os dez que faltando estão.
Aquele que o ranho engolia
(O lenço dera-lho a mãe)
Morreu no mar alto. Agora
Na volta da travessia
(Que negras que as ondas vêm!)
Lá foi pela borda fora
Com o ferro do escovém.
O Capitão do FLOR D'ANGRA
Carregou de boa fé
Vinte flores para o Pará!
Torna com sacas de açúcar
E barricas de café,
E Deus lhe perdoará!
Fia sua tenra idade
Na barba de prata fina,

Lá na ponte, o Capitão:
O lugre voa à bolina,
Que a RESPONSABILIDADE
Segura o seu coração.
Vinte foram os borregos
E trezentas as derrotas;
Quatro restam, quatro só!
À luz da gávea os morcegos
Disfarçam-se de gaivotas
Escarnecendo de Jó.
Vinte foram: dez morreram
À míngua, três de saudade,
Quatro de febre-amarela;
Dois da vida se esqueceram,
Outro fez a felicidade
De uma negra de favela.
Com os dois da felonia
E o pai da parda fatal
(«*Lata de água na cabeça,*
«*Lá vai Maria ...* »),
Todos (que cabeça a minha!)
Morreram do mesmo mal:
Todos de febre-amarela.
O Capitão do FLOR D'ANGRA
Quando chega ao Rio agora
Pede esmola pelas ruas
O pouco que se demora.
E quando as velas do lugre
Fazem de Angra a flor do nome,
À pressa, «*Saudosa Mãe*»
Garatuja o Capitão
Do brigue do Mar das Chuvas
Que fez as vinte viúvas
(Vinte foram — vinte são).
Dá uma libra a cada uma,
De cavalinho — e que brilho!
(Todas! Não falha nenhuma!)
E diz que quem manda é o filho…
Mas, dizendo, a alma lhe sangra
Nos uivos que o vento dá.
Assim faz todos os anos
O Capitão do FLOR D'ANGRA:
O que levava os marçanos
Das Ilhas para o Pará.

ROMANCE DO EMIGRANTE

Os meus olhos emigraram
Na barca FLOR DAS MARÉS,
Minha Mãe ficou chorando,
Meu Pai, de pobre, morreu;
Lá no varejo da Rampa
Aquele moleque sou eu.

Ó Bahia piedosa,
Faz cafuné na minha cabeça!
Todo eu em ti sou piolhos de oiro,
De tua talha em meu pecado,
Do meu desterro em teu olvido.
Mentira... Não emigrei!
O galeguito foi meu Tio
Que há bons seis anos eu levei
A nossa ilha, tão redonda
Que minha Avó a choraria
Como se lágrima fosse...
– Josèzinho foi para a Bahia.
Era a sua sorte… Acabou-se!

E em verso eu cate o piolho de oiro
Que de saudade se nutria!
Faz cafuné na minha cabeça,
Minha Bahia!
Faz cafuné!

Que bom que foi meu tio José!

ROMANCE DE ÁGUA DE MININOS

Lá em Água de Mininos,
P'ra cá de Montesserrate,
Fui bahiano uma manhã.
Bebi meu leite de coco,
Comi o mamão gostoso,
Cheirei a pele moreninha;
Às riscas sangue-de-boi
Vesti a camisolinha.
Já faço na capoeira
Um V de pernas ao ar,
Viro pai-de-santo mesmo
No terreiro do luar.
Lavei minha alma nas águas,
Midi peitinhos em flor
Provando da manga de oiro,
Fiz os possíveis do gringo
Para ser bem brasileiro.

Foi em Água de Mininos
(Pois duas vezes o somos).
Comprei um balangandã
Para dar a uma crioula;
Fui vaqueiro sem couraça,
Malandro sem decisão:
Portuga não reconhece
Que Caramuru foi tempo...
O peito dessa minina
Não é ninho de urubu!

Foi em Água de Mininos:
Cadê, a Paraguassu?
Verde-amarelo não basta
Para maduro de coco
Nem berimbau de capoeira.
Lá em Agua de Mininos
É tudo de outra maneira.

Feche essa fava na mão,
Faça figa de polegar:
Lisboa já mandou muito,
Bahia saiu-lhe ao mar.
Com pedrinhas numeradas
Fiz uma igrejinha de oiro
Para me casar caboclo
E a Moacir baptizar.
Toca sinos na Bahia,
Portuga vai a enterrar.

Deixa essa Água de Mininos,
Que tem mandinga ao beber:
Chega-Negro é mais seguro
Para portuga esconder.
Na volta do Pirourinho
Teus olhos vão se arriscar,
Que o patrão daquele saveiro
É moço, tem reais que amar.

Foi em Água de Mininos,
Na Bahia, à flor do mar,
Que o português percebeu
Que isto de ser brasileiro
É questão de começar.

LARGADA A BALEIA

Ao Eduardo Ferraz da Rosa

Blocos de Ponta Delgada,
Torres de Angra,
Céus da Horta,
A hora é soada,
Um peito sangra
À nossa porta.

Furnas da Graciosa,
Fajãs de São Jorge,
Neves do Pico,
Alguém me forge
O ferro, que eu não fico!

Grotas das Flores,
Chaves do Corvo,
Santa Maria!
Oiço tambores,
O ar é torvo,
A noite fria.

Lá vamos todos, todos,
Como lobos do mar,
Co as bandeiras dos bodos
As canoas varar:
Se o tubarão der à costa
Não falta quem no sangrar:
É perto o porto,
E o livre ilhéu, mesmo morto,
Não cora, se espernear.

Essas lanchas, aí, na carneirada,
Que se aguentem entretanto
No balanço e no remar:
Mar alto, terra salvada,
Co Senhor Espírito Santo
Estamos quase a chegar.

13.3.1976

CORSÁRIOS A VISTA

Duas amigas telefonam-me de Lisboa de urgência.
Alta noite, dormindo em Barcelona, num salto as oiço.
A perfídia centralista outorga carta de Colónia às Ilhas.
Sofro as minhas dores de coxo: pràs do sabote falta-me a paciência.
Os fios telefónicos, com fogo de lagoa, vibram:
Aquelas são das últimas Briandas do Arquipélago:
Uma pobre mulher com traços de fogo nos olhos,
A outra, irada, na alva beleza se excede,
Ambas me emprazam a tudo pelos gados, as nuvens, as calhetas.
O Conselho da Revolução espera-nos amanhã:
Mesmo de maca, ao General compareço.
Um rumor de aguilhadas, de bull-dozers velhos, latas de leite,
[corre as ondas.
Chamam-nos os mortos, o mulherio, os baleeiros mansos com o cabo
[do harpão nas unhas.
As minhas velhas primas, desamparadas, esmolam dos senhores
[do MEC a renda dos vidros
[por que espreitam o mar que sempre foi nosso.
Confiam no velho coxo, e o velho coxo corre a acudir.
É como fogo posto ou briga de arruaceiros de fora.

As furnas são nossas,
As pipas do vinho velho são nossas,
As carroças do peixinho nossas,
O leite das tetas que ordenhamos,
As pontas com poucos faróis e muita craca,
Os caminhos seculares mal calçados.
Os chafarizes com um tapete de bosta quente cheiram bem.
Vamos salvar as Ilhas: Eu tenho lá ossos de Pai e Mãe.
Sujo seria se não acudisse ao chamado. Rufo ou roqueira, fogueira
[acesa aos piratas,
Urro de caldeira, arrebentada, qualquer apito de dedos na goela
[serve para a porrada.
Amiga, espera-me com as tuas inesgotáveis reservas exoftálmicas:
Arregalar os olhos é um privilégio oportuno.
Tu outra, conta comigo na tua dureza brusca (tu que és sempre menina)
E lá vamos bater o pé de Ciprião a Filipe.
O Marquês de Santa Cruz era uma ovelhinha comparado a estes
[carnívoros.
A Sala das Batalhas no Escorial explica tudo.
Eu agarro uma insónia, além de perder a noite a berrar da ciática,
Mas estes filhos de mamã hão-de nos pagar tudo o que nos fizerem,
Estes filhos de cerva hão-de afinal entrar na linha,
E levar nas canelas,
Metidos nos porões
(As moças às janelas),
Os grilhões
Que nos queiram enfiar à socapa nos pulsos duros da canga,
Eles que nos tratam como se andássemos de tanga.

(Até que me passe a zanga).

31.3.76

NOZ DE FOGO (*)

Tu me deste a Palavra, a noz de fogo:
Se o miolo te ficou tenho os dedos queimados.
Dá Deus nozes, Senhor... Sem dentes, desde logo,
Teu Banquete revolta os desdentados.

(*) Confronte-se com a outra versão, *in Canto de Véspera*, que aparece com o título «Seta».

SETA

Tu me deste a palavra, noz de fogo:
Se o miolo te ficou, tenho os dedos queimados.
Dá Deus nozes, Senhor... Sem dentes, desde logo
Teu Banquete revolta os desdentados.

O Pão esperou na Voz fome e saliva,
Ninguém comeu senão da própria suficiência:
Ao menos o menino tem gengiva,
Saboreia a inocência.

Tende piedade dos Críticos,
Dai-lhes o Best-Seller:
Engrossarão seu coro.
Tudo o que for Sentido — desterrado
E oculto no choro!
Fazei guardar por Anjos
A Significação,
E em nossa carne «eles» tenham
Ceva e consolação.
À entrada do Verbo, imo da Morte,
Ponde uma folha a espada.
Podem roê-la, é certo; mas com sorte
A lição do Sentido fora dada.

Tende piedade dos Críticos,
Perdão para os seus juizos,
Mãos largas aos somíticos,
Com muitos guizos, com muitos guizos!
E sobretudo, meu Senhor,
Humilde de alma seja o poeta:
Quando se fere por amor,
O sangue é teu, que é tua a seta.

O Pão esperou na Voz fome e saliva,
Ninguém comeu senão da própria suficiência:
Ao menos o Menino tem gengiva,
Saboreia a inocência.

Tende piedade dos Críticos,
Dai-lhes o Best-Seller,
Engrossarão seu coro.
Tudo o que for Sentido — desterrado
E oculto no choro!

Fazei guardar por anjos
A Significação
E em nossa carne eles tenham
Ceva e consolação.
À entrada do Verbo, imo da Morte,
Ponde uma folha a espada:
Guardaremos a Vida e o Sangue ao Norte
Do Nada.

*
* *

POEMAS ILHÉUS (*)

I

Meus pais tinham a Vinha do Mão Roxa nas lavas
Onde um fumo de faia perfumava a cozinha
E três talhões de Santa Maria, em vasos comunicantes,
Recebiam ao longo do beiral as águas bravas
Por dois buracos de telha por onde também vento vinha.
A lareira era esconsa, em abobadilha de barro,
Duas citrinas de oiro, par a par, davam flor,
Recebíamos leite, à tarde, no seu tarro,
E suspeito que tive ali um breve amor.

Que eu tive muitos e numero-os mal,
Cada um, pela força, me parece o primeiro
(Não vou rimar este verso seguinte,
Quem rima chora o dia inteiro).

Olha o mar longe, entre as vinhas, olha a Bela-
Dona flor dos outonos despedidos;
Estou a ver a tranqueta da janela,
Durmo em memória os sonos lá compridos.

Sou poeta de mais e é um destino duro
Este de arredondar como peras as frases,
Meu coração tornou-se um quarto escuro,
O meu velho baralho está sem ases.

Bem! Basta! Corta o fio à fala louca
Que já para epopeia preparavas:
Esquece as faias, o Mão Roxa! Cala a boca,
Morre às mãos do silêncio sem rima nem fingimento algum
[de qualquer comoção,
Como homem forte que joga longe o coração.

20 Nov. 1977

(*) *In Colóquio-letras*, n.° 41, Janeiro de 1978.

II

Farto de ser ilhéu com leivas na cabeça
Tenho fumos das Furnas a servir-me de bafo;
Cada calheta ameaça-me de baixios,
Sou grumete nas toldas dos navios
E, enfim, uma desgraça de sinónimos de marear.
Respiro vapor de água, quando o que me falta é o ar:
Gostam? Acham vulcânico e ciclónico?
Estar fechado em caneiras dá prestígio à Poesia?
Pois venham cá cheirar todo este gás carbónico
(A rima, aqui, é «maresia»).

Cheira a mofo nas lojas,
Os cabeços parecem coroados de fumo de incêndio,
Ouvem-se galochas (tamancos) nas calçadas de Vila Franca,
Cada rês é ferrada na sua anca,
Mas — se isto da rima me persegue —
Passo a escrever corrido:
Bolor, musgo, calhau-rolado, sonolência.

«Ilhéu: Troca-se por papua ou índio dos Andes.»
«Perdeu-se uma bezerra-lavrada num baldio.»
Estou farto de ser o pretexto humano destas coisas
E quem ouve os sinos no nevoeiro e o boi berrar.
Dorido de me terem feito nascer numa pedra,
Peço licença, a quem tenha pena de mim, para chorar.

24. Nov. 1977

QUANDO FALAREM DE VERGONHA OU PEJO...(*)

Quando falarem de vergonha ou pejo
Diz-lhes que há morte e amor:
Bebe comigo em pâmpanos o beijo
No bordo exacto: mais exacta é a dor.

Vem na pérola que és e diz-te pérola,
Que o nome é teu e minha a boca e a vida;
Fala-me à moda antiga: a concha cérula
És tu, exactamente Margarida.

Pois no teu rosto eu vi o samiguel
Que meu vô pagava, e as pobres unhas
Sujas da terra negra que ele cavava
Já brilhavam nos olhos que em mim punhas.

Como se fosses filha dele, e não
A graça de mulher que bem nasceu:
Deus repara na dor o coração
Dos que não têm: por isso a mim te deu,

Pérola da Vitória, praia branca,
Victoriana de Santa Margarida,
Porto de Martim cheia e carne de anca
De vitela imolada à minha vida.

(*) *In Jornal de letras, artes e ideias*, n.° 22, Lisboa, *1982.*

FICÇÃO

O PAI DE VENÂNCIO DELIRA
E A REVOLUÇÃO FRACASSA

… … …

Os papéis de música esparziram-se por cima da cama e no chão.

– É demais! É demais!! Querem-me fazer doido à força! Vão para o diabo! Não quero!... Estou farto disto até aos olhos! Se me entretenho a cantar, que esteja calado e que durma; é por meu bem! Se compro uma cabra, se me divirto com uma tartaruga viva, fica-me feio, tenho o juízo perdido, devo acalmar os nervos que não regulam direito! É uma vida do inferno!... Ai! Ai!!

Minha mãe acudiu aos gritos, afastando-me:

– Tibério... Tibério...

– A menina deixe-me em paz!

– É que podem ouvir na rua...

– Não quero saber!

Acalmara entretanto, porque meu tio Pedro o abandonara por fim; e declarou secamente:

– Quero sair. Vai buscar o fato cinzento, Maria da Graça. E traze as botas pretas...

Minha mãe acedeu, cheia de medo e de lágrimas. Então a Luisinha costureira lembrou às mais pessoas que era melhor saírem:

– Para ele se não exaltar... E até o passeio talvez lhe faça bem. É nervoso...

A Barraca, ao sair, também declarou:

– É nervoso...

E foi então que acharam chegado o momento de eu aparecer a meu pai.

– Tu por aqui! — exclamou, já com as botas calçadas e cobrindo-me a face de beijos.– Que aconteceu por lá? Feriado?

Tartamudeei que, em verdade, durante três dias tinham fechado as aulas; e a tia Perpétua, que se recomendava muito, aconselhara-me a vir até Vilório, espairecer.

– Pois fizeste bem, meu velhinho — disse meu pai, recebendo de boa fé tais palavras. — Eu vou sair. Vens comigo.

Beijei minha mãe e a madrinha, a quem meu pai disse:

– Adeus! A tia não se incomode. Mete-se a esta mulher cada minhoca na cabeça... Que eu sinto-me bem; não é nada. Algumas noites de pouco sono, apenas.

Vestira o sobretudo e levantou a gola quando saímos a porta. Ao passar pelo tio Pedro, que dobrava à esquina da Rua Alta, encolhido, mudou de humor e saudou-o:

– Homem de Cristo, adeus! Fale à gente!

E metemos a passo descansado para as Devesas de Baixo.

Aí mandara construir meu pai uma barraca de madeira com toldo de zinco ondulado. Era um pequeno mundo de animalejos diversíssimos, desde a tartaruga ronceira, que vivera apenas dois dias, até canários audazes que passarinhavam nas gaiolas. Estava dividida em dois pisos. No inferior, terreiro, um jerico de orelha afidalgada roía de manso na sua baia. Seguia-se-lhe uma minúscula divisão para a cabra, outra que estava vaga; e, sobre o frontal direito, seis casinholos de pinho patenteavam coelhos mansos.

– Vê, que lindos! — exclamou meu pai quando chegámos em frente da repartição dos roedores. — Aquela do canto comprei-a há quinze dias; custou-me seis mil réis. Mas não digas nada à mãe... É duma raça. escolhida.

Despira o sobretudo, arregaçara as mangas do casaco e começou a tirar farelo duma caixa para a gamela de pau:

– Vamos fazer a fareladazinha para os leitões de refugo. Estão lá atrás, no curral.

E, variando, disse:

– O nome do burro é *Fardeta.* Não tem uma cabeça bem feita? Hein? Repara nas orelhas. Olha, olha...

O burro mudara de aprumo escarvando no chão duas vezes.

– Que engraçado! Quando me vê cá dentro não sabe o que há-de fazer. Coitado o *Fardeta…* Coitado o *Fardeta…* Alça!

Mostrou-me um casco roído do animal:

– É de andar desferrado há dias. Coitadinho *o Fardeta…* Sai, burro…

Perguntei então se me poderia servir da montada, e, perante aquela animação pecuária, os meus receios desvaneceram-se.

O pai realmente não corria perigo. Atravessara decerto um daqueles períodos difíceis em que a meus olhos surgia transfigurado, mas humano. Eram sinuosidades na sua linha vulgar de vivente, isso eram. Aqueles desperdícios, o entusiasmo imoderado da música, que o levava a tentar orquestras impossíveis com um violinista da força de meu tio Pedro e quejandos, destoavam redondamente da pacatez de Vilório ascendendo por vezes a proporções vesânicas. Mas a razão, depois, pareceu-me simples. Meu pai era um forçado entre simplórios e medíocres. Nascera sob um signo que não tinha ali cumprimento, ou, se o tinha, precisava de meios necessariamente insensatos. Daí, os nervos dele. A família, os conhecimentos e os amigos desadoravam-no por isso; e, como meu pai

tivesse um temperamento irritável, fazia gala nas birras. Chegava a dormir, além disso, só quatro horas por noite.

Lavou as mãos, sujas da farelada, e, sentando-se na divisória da baia em que o *Fardeta* comia, revelou-me um plano que, parecendo-me falho de senso, não me deixou de atrair.

– Pois, Venâncio — declarou com acento irrevogável e estranho; — estou decidido a embarcar para Lisboa hoje mesmo. O *Garajau* sai cedo… Virás comigo.

– Mas a mãe não me falou em nada…

– Shut! Nem quero que ela saiba. É uma viagem resolvida perfeitamente em segredo e que hei-de fazer por força. Ainda ficarás esta noite em casa da tia Perpétua. Eu como no hotel do Biqueiro. E, à boquinha da noite, ala! que se faz tarde.

Fiz uma cara de espanto.

– Isto é tão certo como estarmos aqui a esta hora — rematou meu pai, com dureza.

– Se não é segredo — arrisquei, — que vai o pai fazer para Lisboa?

– Sei lá... Descansar. Preciso de forças novas para aturar tua mãe, e, além disso, há negócios… Escusas, por ora, de saber… Trago uma coisa em vista.

– Mas, pai — observei então, com ar martirizado, passando-lhe as mãos ao pescoço; — ir-se assim sem mais nada, sem se despedir de ninguém... A pobre mãe vai apanhar um susto!

– Não seja tolo, menino! Vou porque vou, já disse! E bico calado! Arranje a roupa, se a trouxe, e espere por mim ao Telhal, que vamos a pé um bocado pelo caminho de cima. O carro do Trigueiro está à nosso espera ao pé do Pico Redondo.

… … …

EPÍLOGO

Estávamos à vista da barra de Lisboa, com cinco dias de viagem, Bastos levara-me à proa, e, recostado a um rolo de cordame, discorria ao sabor do fumo dum cigarro:

– É o que sempre te disse. Deves cortar com todo o pensamento que te distraia da Causa.

Impenetrável, continuei de olhos fitos na terra esfumada a distância. Seriam quatro ou cinco da manhã, ainda fazia escuro, e a luz rompente era uma nódoa ligeira na sombra deserta das águas.

– Vês? — continuou. — Estás feito para aí um condenado à morte que ninguém arranca de cismas... Acorda! Vamos entrar em Lisboa e a vista da barra é um assombro. Desenganou-te o mundo? Ah, ah... Cedo te dás por vencido.

Quebrei então o silêncio, com lágrimas nos olhos:

– Homem, é que me parece uma aventura perigosa esta em que nos metemos. Eu não conheço Lisboa...

– És tolo! Estou farto de dizer que ficas à minha conta. E que não fosse assim! Precisas emancipar-te, sair da casca, de uma vez para sempre.

Interessado de novo pela missão da *Aurora*, eu quis saber dos seus planos, se a revolução social tardava ou estava perto.

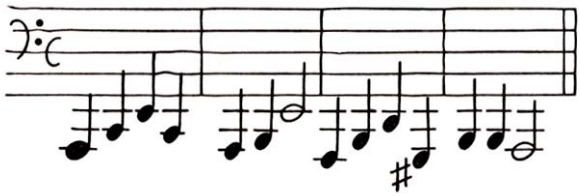
– Bem, bem... — disse o Bastos. — Voltamos agora às ingenuidades saloias. Que te importa saber da hora redentora se não contribuis para ela? Deixa lá isso, homem de Deus, deixa lá! O golpe decisivo há-de chegar a seu tempo; não tenhas pressa. Prepara tu uma consciência bem livre, bem libertária. E deixa correr o marfim...

O convés do *Garajau* povoava-se de vultos. Damas madrugadoras, que não queriam perder a entrada de Lisboa, assomavam, estremunhadas; os binóculos já se assestavam, certeiros, sobre os debruns da costa, e passageiros mais viajados iam de bombordo a estibordo, indicando com solicitude e embófia os mais notáveis relevos:

– Olha o cabo da Roca...

– O farol do Bugio, além... É uma questão de hora e meia.

Tínhamos descido do castelo de proa há bocado e misturámo-nos com as desvairadas gentes que no convés se entretinham. O *Garajau* ia abrandando a marcha e balouçava ao de leve. Ouvia-se o deslizar acelerado de correntões diversos, e os homens da manobra, vestidos de ganga, dobavam. Então, encostando a cabeça a uma escora e observando

o navio segundo a linha de proa, musiquei-lhe a marcha tremida, pausada, como a dum lugre à bolina. A sereia tinha largado um urro expelindo flocos de fumo, dum negro opaco, encaracolado na direcção da gávea, pouco depois perdido. E eram catorze as notas em que se desdobrava aquele som para o meu ouvido absorto. Combinavam com elas o lento arfar da máquina, a torção helicoidal da corda da *barquinha*, e o próprio fluxo interior de meus pensamentos e mágoas devia regular-se por aquele ritmo exótico, descrito à volta duma tónica grave e sombria:

Por duas vezes o Bastos estranhara a cantoria insistente:

– Estás a pedir para as almas?

Talvez… O certo era que a chinesice harmónica era o meu grande arrimo. Tudo o que havia em mim de reflexivo ali achava vazão. Por seu lado, os desejos, a sensação de vácuo e de abandono, todas as fossas abissais do ente sensitivo que me acompanhou desde sempre, encontravam naquela toada esquisita a sua espinha dorsal. Considerando-me, na escala dos seres racionais, uma entidade rítmica, seria aquela a crista melodiosa da paradoxal cascata. Eu vivia por música; a modinha era o *melos*, o diapasão ideal que me afinava a existência.

Mas lá íamos…

Desci ao camarote para fechar as malas, e reparei. Seria aquela a toca fantasiável para viver toda a vida. Ali não só tinha flutuado o meu corpo, somado ao do navio, mas minha alma gozara da incomparável delícia de se sentir levada. E mentalmente recapitulei a viagem. Tínhamos aportado à Madeira numa manhã de rosas, e que encanto não fora o das escarpas sumidas, doiradas no horizonte quando a deixámos depois! O Funchal tinha traçado em meu espírito um plano-relevo volúvel: era uma catarata de luzes, à noite; tinha de dia a configuração de casas esparralhadas cubistamente. Depois, o Porto Santo afigurou-se-me um formidável cenário de panos lisos de areia e bordos de rocha nua. As Desertas ficavam na gravura como desperdícios, pontinhos...

– Venâncio! — gritou o Bastos, neste entretanto. — Perdes a vista da barra! Que diabo estás a fazer?!

Abalroei na escada com um criado.

– Não toma o cafezinho? — perguntou.

– Não tomo.

Em cima, postado junto ao Bastos, que tinha trepado a um banco e se agarrara a uma espia, ouvi-lhe somente:

– Vês?

– Vejo...

– É Cascais.

Depois, já o piloto da barra tinha subido à ponte, Bastos foi declinando nomes atrás de nomes. Eu não dizia palavra. Forçando a massa do rio, o *Garajau* progredia com lentidão enervante.

– S. Julião da Barra! — bradou uma voz a meu lado.

Estava uma linda manhã. A luz parecia de renda sobre a montanha de casas: só na linha dos montes da Outra Banda formava uma manhã fusca, uma neblina que se esgarçava a montante em longos fios frescos.

– Torre de Belém! A Torre de Belém! — proclamou Bastos em êxtase.

E continuou:

– Repara. Aquele casarão, lá em cima, é o palácio da Ajuda. Lá está a Estrela...

O Garajau ia aproando a Santos. Divisavam-se agora os armazéns do Entreposto, os cais ruidosos e imensos, a vida ribeirinha no seu lidar grosseiro. Atracámos. Então, na rodilha de gente que ia desembarcar, agarrei-me ao braço do Bastos, defendi como pude a minha bagagem do aperto, e, como o tutor me escapasse, aflitivamente furei a multidão apressada:

– Espera aí... Homem, espera aí! Posso perder-me sozinho!

– Qual perder, fracalhão!

Estávamos no cais. Bastos fitou-me, benévolo:

– Agora, sr. Venâncio, uma vez que pôs o pé direito em Lisboa, o que se quere, é ânimo! Aqui é que há-de passar-se o *grande e horrível crime*, percebeu? E vamos à alfândega, vamos à alfândega...

A confusão era enorme. Pela primeira vez ouvi este pregão, que nunca mais esqueci:

– Anda amanhã a roda, há um bilhete ou décimo!

Coimbra (Cruz de Celas,
Quinta das Albergarias),
1925-1926.

O TUBARÃO

IV

E, metodicamente, com a porta do quarto bem fechada (para o que era preciso meter o ombro a fundo e sacolejar muitas vezes o pica-porta de mão de loiça), rasgou em quatro pedaços o quadradinho de cartão. As cartas ficavam para uma revisão cuidada — tinha lá muito de seu e coisas que não queria esquecidas. Resolvera com calma aquela meia destruição, depois de uma insónia de três horas; mas sentia-se fresca, desforrada. Uma respiração resoluta alteava-lhe o peito de encontro ao ar da tarde, bufado de um calor gorduroso.

Sentiu-se bater a porta envidraçada do rés-do-chão para o vestíbulo. O Tininho de D. Ema tinha o tritão de cauchu entalado na grade: safou-lho. E, com grande decisão nos passos, um adeus a Maria, que viera à janela vê-la, a estrada sumiu-a em segundos.

Cem metros adiante, numa tasquinha em paliçada destinada a banhistas beberrões (lia-se a giz na testeira de uma velha ardósia de escola: *Crangueijo e Chorissos*), abancavam rapazolas de camisas arregaçadas e *pull-overs* azuis e cor de vinho. Pareciam caixeiros em *week-end.* Atiravam para longe gargalhadas sonoras e cascas de lagostim. Um reparou em Zilda, cochichou, e, depois de um momento de perplexidade colectiva, as cervejas suspensas, desfecharam numa risota alvar entrecortada de shius.

Sem dúvida: era com ela. Não podiam rir-se do seu fato de piquê cor de canário nem do chapéu de palha um pouco derrubado e à banda, que dava uma ideia de como lhe teria evolucionado o cabelo se não fosse o leve tom de carapaça de cobre que herdara da mãe, cujos olhos castanhos via. Zilda percebeu na sonoridade do comentário o retinir de uma graçola.

As terríveis bichezas da praia, fervediças do sumo dos esgotos, ferravam-lhe nas pernas sem meias; pós um pé numa pedra a atar o sapato branco. Porque seria que os homens a olhavam assim a fundo, como holofotes de torpedeiros a crista de uma onda do rumo? Levou a mão ao colar de contas de âmbar, que, carcomidas no enfiado, tinham ganho um baço mortiço de adorno guardado há muitos anos. Atribuía-lhe um chique especial, que gostava de recapitular palpando-o conta a conta, como quem reza a uma Virgem de suavidade longínqua, que não estivesse muito vista. O decote não era exagerado. De Inverno fechava o

pescoço num cós alto, a poucos centímetros do ângulo do véu sobre a gorra e, para cumprimentar os rapazes à saída do cinema ou na plataforma dos eléctricos à cunha, desaninhava a mão do forro da raposa que lhe punha uma pata no seio e o focinho seco numa axila.

Não; não era descarada, nem no vestir, nem nos modos. Como é que dava nas vistas? Seria talvez do andar: e durante uns minutos marchou de olhos no chão, como quem leva a sua sombra pela ponte de pinho de um riacho. Também não devia ser disso. Fazia *sport,* não era delambida: o seu passo tinha a cadência despachada de quem, a meio do *court,* tem de ir parar a bola numa guinada a branco, ao outro extremo. Mas não se saracoteava nem jogava os ombros à moda das bonecas de Hollywood, como certas amigas que estudavam durante dias inteiros a linha que tenta os homens.

Deixando casebres de pescadores e vielas miseráveis à banda, ia já longe. Para cá, vinham bandadas de mulheres com seirões de moliço à cabeça, as pontas dos lenços a abanar e as bocas contando histórias para toda a viagem, «eu seja ceguinho comá Roxa». Também andavam depressa. Viam-se-lhes as pernas rufar sob os saiotes arrepanhados; não pediam licença para levantar um braço nem para abrir os chambres agoniadas do calor ou para mostrar a dentada da comadre Felícia quando tirou a limpo o empréstimo do cordão chamando-a à sua testada. Não; todas andavam como queriam, a não ser as raparigas criadas como ela — para crescerem, irem aos bailes e às verbenas, entrarem e saírem das lojas, até que um vigésimo caixeiro, para lá de um automóvel que arvorava mãos conhecidas e se perdia na ponta do bastão branco dos sinaleiros, atrás de um caixão de roxo que passava esmagando um galego ou de uma força da Guarda comandada por um tenente simpático, que tinham ideia de conhecer, metesse a tesoura - enfim! - à peça de seda bege que dizia com o retalho vinte vezes tirado e posto no saquinho de camurça castanho de fechos do feitio de galhetas.

A vida dela era assim. Mil raparigas como ela iam dos quinze aos vinte anos sem conhecerem mais destino; todos os Invernos — lojas, modistas, chás às mesmas amigas com palitos e fermentos da Padaria Inglesa; ténis, cinema, catequese, um baile num *destroyer* sueco, e, de Abril a Julho (que sempre eram meses mais mexidos e em que se estava menos em casa), os aspirantes franceses que davam um passeio a Sintra; catequese, cinema, ténis. Um bilhete-postal de Toulon –: «*bon souvenir de…*»

Zilda pouco tinha reparado que a vida pudesse ser diferente. Deixara atrás o bairro dos pescadores da Gândara: a Gafanha de Baixo. Mas havia, no rumo que levava, uma corda de casais espalhados; levantavam-se fumos de chaminés pardas, como baús com estopa a arder dentro. De vez em quando, uma taberna alinhava o balcão molhado de vinho, a que um pescador velho encostava a mão de sola

branca ou onde uma mulher engoiada debruçava os seios sorvados, como quem compra as precisões por dois saquitéis de levedura. Eram tão feias, estas mulherzinhas da costa! Duas de preto, cheirando a luto por morte de homem no Banco, passaram cosendo uma à outra uma dor remendada de meses. Zilda ia ouvindo:

– O Inácio tocou o búzio. Vai, ao depois, não se via nada de roda; no lugre atiravam um foguetão. «Ti' Jaleta! Ti' Jaleta! Reme vossemecê mais práqui! Força, ti' Jaleta! Sou o Inácio.»

A outra mulherzinha escutava com a mão esquerda no queixo, a direita arredada com a canastrinha dos percebes. Coçou as repas da frente embiocando o lenço negro, como quem dá carne a um corvo; mas a sua consternação, embora de refegos bem doridos, parecia içada na gávea de um navio que leva bom vento e vê outro com um rombo a meia milha; pelo que Zilda percebeu que não era nada ao Jaleta.

– Ai, Encarnação, o teu homem morreu todo cobertinho de bexigas, mas o ladrão do mar nem me deixou calçar os sapatinhos ao meu!

Ficava para trás de Zilda um fio de choradeira e quatro asas de lenços negrejando na poeira em bulcões. Levantara-se vento. Nuvens sujas, como serapilheiras enfardadas, tapavam a serra do Farol; outras, mais escuras, bebiam no mar. O relógio de pulso, minúsculo e fosforescente na correia cheirosa do tanino, marcava seis menos cinco. Zilda sentia um peso no peito e, olhando a lonjura a que já estava, mais vontade de andar, fugir de si. Depois sentiu sucessivamente repugnância pelo furúnculo de um cordoeiro que, à beira da estrada, entrançava pernadas de pita, e um acesso de ternura por um pequenito de guedelhinhas alvas que roía uma sardinha untada dos sucos do nariz. Oh! Como seria bom beijar aquele serzinho depois de esfregado a coco!

Tinha sede. Uma rapariga forte, de mãos encodeadas, enchia uma cântara de barro a uma torneira de chumbo.

– Dá-me água, menina?

A samaritana olhou-a desconfiada, como um bicho. Pouco a pouco, virando-se, encheu os olhos de uma luz sã e ligeiramente gomosa, que parecia oferecida antes do bochecho de água, como uma bebida mais fina; e, estendendo-lhe a cântara lavada do bocal com dois despejos, disse, muito vermelha:

– Se a senhora quer esperar, vou pedir um copo às do adro.

Mas Zilda acabara de beber pelo barro grosso e fresco. Só então reparou que a rapariga tinha o ventre levedado, como um bombo:

– Tem muitos filhos?

– Três, fora o que foi para o céu, e dois desmanchos.

Zilda nunca ouvira empregar o verbo «desmanchar» senão na costura e em *tricot*. Lembrou-se do quadrado de malha que tinha

começado há poucos dias e que dissera a Nuno, por troça, que era um *pull-over* para ele. E se fosse? Agora não, que o tinha desmanchado para mudar de ponto. Os dois desmanchos da rapariga tornaram-se-lhe de repente evidentes:

– Adeus, e muito obrigada. Vende peixe? — A mulher disse pressurosamente que sim: pescadas, sardinha da areia, «robalinhos vivinhos do nosso rico marzinho», e às vezes camarão, «minha senhora».

– Então, quando for à Gândara, bata no n.º 15 da Rua Patrão Tarrafa, rés-do-chão, Sr. José Murta. Não se esqueça...

A torneira de chumbo escorria já longe o fio de água. As goladas bebidas no pote tinham deixado a boca de Zilda gotejante, sem lhe apetecer enxugá-la. Sentia, num resto de sede vaga, mais da garganta que da língua, uma frescura estranha, um pouco oprimida e quase tão saborosa como um chocolate gelado ou (que disparate!) como um beijo — ela, que detestava beijos, derretimentos, pieguices!

Era preciso não ser tola, e girar, andar mais. O Sebastião, quando ficavam sem eléctrico ainda muito longe de casa, dizia com uns olhos especiais: «Agora, à pata, menina!» E a ela sabia-lhe bem repetir mentalmente esse calão, — «à pata! », «vou à pata!» — como se a tornasse mais elástica e lhe fizesse companhia.

Num recanto do que pensava, como uma fêmea de pirilampo luzindo sem se mexer num ervaçal ao vento, Zilda encontrou de repente uma espécie de explicação para a graçola dos caixeiros da cerveja e do lagostim. Havia nela talvez qualquer coisa de excitante, de escancarado, que se denunciava aos homens, como se levasse sem dar por isso a bandeirola de um rasgão — vestido, combinação, camisa — num lugar pudibundo. Era aquele seu feitio aberto para tudo: se a frincha de uma janela lhe levava um borrifo de vento incómodo ao pescoço numa casa de pouca intimidade (havia certos ventos que eram deliciosos, nos altos, tocando de banda a chuva), não fazia momices embaraçadas, sugestões silenciosas, à espera que os mais resolvessem: «com licença»... — e fechava. E quando, no eléctrico, um atrevido de arroba se encostava a ela mais do que o excesso de bojo permitia, não se fazia encarnada nem ia mudar de assento (das janelas do carro viam-se montras, conhecidos) –dizia: «Tenha a bondade de se chegar um pouco para lá. Ora, assim é que é...»

Tudo isto lhe fazia o ar vagamente seco e masculino, e dava-lhe um tique expedito, de lãmina, quando mudava de posição. A sua frieza entre os rapazes só era bem sucedida à força de camaradagem, gostos iguais em muitas coisas, e (dizia-lho o espelho e a avó) porque era bonita, elegante, com uma distinção que metia uma pontinha de susto.

Mas agora descobria nos olhos dos homens uma faúlha feroz quando a via, e não era só a sua beleza calma; entre natural e conseguida, que podia servir de lenha a esse fogo deixado como um

rasto. Vendo a pureza do mar, a sua nudez monstruosa e redonda, sentiu vontade de se dar a qualquer coisa assim ululante, que não tivesse pêlos, nem olhos, nem pensamentos encobertos, mas que fosse mais forte que o domínio que tinha de si mesma e que a amarrava às coisas e opiniões pequeninas como a corda rija e molhada com que um ano fizera exercícios de tracção em São Martinho.

Marchava de cara dura aos refegões da poeira; o vento crescera. Sentia além disso que o jogo de todos os seus músculos não era indiferente à contensão de um não sei quê que se ia dar. Desafinada como ia, era capaz de se pôr parva, desatar a chorar. Tinha jurado a si mesma durante a insónia que lhe dera depois de voltar do Casino (ah!, como tudo lhe parecera resolvido de uma vez para sempre e fácil de cumprir como um dia destinado de véspera e muito bem aproveitado: de manhã fazer os bolos, comprada a manteiga sem sal à saída da confissão a Mgr. Luazes, cheia de projectos de Acção Cristã e do sorriso basbaque e medroso do Silva brandindo a espátula: «muito fresquinha, da melhor que temos tido!»; almoço, escovar o João que ia para as aulas, ir à modista de chapéus, o cabeleireiro em casa às quatro com uma história muito comprida de M. Marques, que também já fazia a permanente; às cinco as primeiras amigas, para quem se guardava o segredo do maple da sala de estar, ao pé da gravura dos cavalos amarrados à árvore e da dama do vestido até aos pés que ouvia o rapaz de chibatinha; as outras; o craque das cigarreiras dos irmãos das amigas, que deixavam os sobretudos em linha nos cabides do corredor; o chá, uma corrida ao piano, vão sendo horas: Tívoli ou São Luís?)...

Jurara: nunca mais se deixaria prender por nenhum desses pãezinhos. Tinha o seu ténis; a obra da catequese de São Sebastião da Pedreira estava a interessá-la muito, adorava fazer tricot com um pé encostado à parede, respondendo às criadas só com um aceno de cabeça, para não se enganar nas malhas. Era só aumentar aqueles dois ou três interesses, i-los estendendo na sua vida como os rolos de massa folhada ou uma nesga de fustão a ver se ainda dava uma gola.

O céu estava cada vez mais carregado e um calor de boca de forno vibrava no ar em ziguezagues. A serra do Farol barrava-lhe o andamento com o seu espinhaço mais perto. O mar ia despejando abadas de espuma à esquerda, como quem não se cansa de dar. Se ela pudesse livrar-se de tudo o que lhe ia dentro com grandes regaçadas assim: tristeza, chatice, fel, depois respingos de uma imensa ternura recalcada e uma quantidade de coisas inúteis e crepitantes como as do mar-flores, salpicos, a bolha com que andava e que só a deixaria em paz se pudesse rebentar como as marés...!

Dar tanto nada, a quem? Era precisamente a falta de semelhantes a quem distribuir os valores da sua alma devoluta, e que ninguém tendo o

direito de os vir assoalhar e remexer também não podia pedir uns para desdenhar dos outros, o que lhe dava agora, pela primeira vez na vida, a sensação de se levar, caminho fora, como um segredo nunca dito. Reparando nos ares entroviscados, na poeira que parecia proibir-lhe a marcha para a frente mas que acabava por aderir ao seu vestido flutuante e por modelar-se à sua máscara resolvida a aguentar o desafio, sentiu que, apesar de a terem em geral por uma garota, o seu ser resistia, os seus seios arfavam para dar emprego ao ar e talvez a mais alguma coisa. E uma alegria orgulhosa veio abater-se nos seus olhos, como uma ave que ao alto é um ponto, e de repente, no penedo, planta as garras, se espenuja, crocita, cria.

Parecia aliviada. O que estivera a pensar representava-se-lhe apenas como o charuto de um zepelim que escureceu a vista a um quilómetro e foi estampar-se no céu, com as vigias invisíveis, como se fosse mais uma nuvem. Só tinha vontade de precisar o que iria fazer daí em diante, e como receberiam as suas resoluções de independência: em casa, as amigas, os que a conheciam de um mero cumprimento de cabeça, e até os que, quando ia às lojas, mostravam pela maneira de olhar que o seu cabelo e o casaco de Inverno ajustavam a uma só imagem de mulher, como num arquivo de identificação as linhas de uma polegada fotográfica falam, sem nome nem número, muito mais alto que as outras.

Na véspera, ao sair do Casino, dando um balanço repugnante ao seu rompimento com Manuel Portela, pensara em ir para freira, para um convento de Verin onde estava a Helena de Lemos, a sua melhor amiga. Era um escape da sua vocação religiosa desenvolvida na catequese de São Sebastião da Pedreira e estimulada por uma maneira especial de chegar à hora do almoço, luvas e mala numa cadeira, casaco despido lentamente, todos à mesa, a mãe a querer saber quantas comunhões houvera, e um cheiro particular nas suas fontes muito frescas, que o pai denunciava ao dar-lhe o primeiro beijo da manhã: «Deram-te violetas?» (o pai gostava muito de violetas) — e Zilda abria os braços ao mesmo tempo que os olhos, como quem se revista:

«Não...»

Mas a ideia de ser freira voou-lhe da cabeça como a folha estragada que se atira ao caixote do lixo, de um ramo que se está a compor. Era ridículo. Como se estivesse desolada pelo outro a ter deixado! Não. O que ia fazer era continuar em Lisboa com as lições de costura e enfermagem, que começara para ver mais vezes as Buarcos, poder contar a Mgr. Luazes quanto a interessavam obras pias, e vê-lo naquela posição tão espiritual e insinuante em que dizia, com a mão assentada na orla lilás da batina: «A verdadeira cristã é a que tira ao seu

orgulho dois ou três espinhos em cada dia, para que Nosso Senhor a faça humilde.»

Declararia ao pai que queria ir para uma grande cidade de província montar um *atelier,* ganhar dinheiro e, ao mesmo tempo, dar cabo do mau gosto nacional e ser tomada como modelo de actividades e de elegâncias. Ou então, num sanatório, com um véu branco (aí estava a freira…), acomodando as almofadas aos doentes na hora do repouso. Se fora para aquele exame de consciência que viera dar o passeio, deixando o José em casa com a sua enxaqueca se estalar, não havia dúvida que tinha andado bastante. A estrada estava deserta, debruando a areia onde já não caía a babugem dos esgotos da Gafanha; e apenas o mar, a poucos metros, cantava eriçado de pequenos refegos brancos. Um canavial estremecia; sebes de salgueiros penteavam a grenha verde ao vento. Depois, restos da maré cheia, nos campos alagadiços, espelhavam o barro arregoado, um pinheiro torto, uma cercadura de gaivotas altas, de pés encolhidos entre as asas guiando o giro.

Zilda trepou à seteira encalhada de um fortim, para avaliar o caminho que tinha de arrepiar até casa, tarde como era. A *écharpe* voou-lhe ao rés do cabelo; a saia colara-se-lhe às pernas como um pão tendido em ruga. Que poeira para os lados da Gafanha! Depois afirmou-se, o rodilhão cresceu, seguiu, deixou ver numa volta da estrada a carroçaria de um automóvel que tornou a desaparecer. Ouviu buzinar já perto; e, para lá de um novelo de pó, sentiu os travões tensos, os pneumáticos derraparem e uma voz saída da cabeça empoada de cinzento de um homem que conservava as mãos agarradas ao volante:

– Zilda!

– Palavra que não te conhecia; parece que trazes o carro pintado de outra cor.

Uma camada cor de avelã, enegrecida de ilhas de óleo, encobria o vermelho vivo do torpedo de Nuno Cunha.

– Uns pescadores da Pedra do Farol apanharam um tubarão, que deu em seco. Estive para trazer o Rui, mas só tive tempo de entrar na garagem e meter óleo. Queres vir?

Nuno apontou de queixada o assento do lado, sem tirar as mãos do volante. A válvula de escape papejava.

– Palavra que me apetecia... — Chegou o pulso à frente com a correia do relógio: — Seis e meia! E depois, se o José tivesse vindo... Assim, só os dois, que falatório!

– Foi nisso que deram os planos que me contaste no Casino: grandes projectos de independência... não ligar meia ao que possam dizer os outros...? Começas bem! — Levou a mão à alavanca: — Anda daí!

O convite soou dentro de Zilda como o botão de *mise en marche* que vai acordar um motor frio, despertar as velinhas da hélice do torpor do

óleo, interessando cilindros, bielas, depois o eixo e as rodas... Mas ainda observou:

– Faz-se tão tarde!...

– Allô!

Zilda pôs no regaço o casaco dobrado de Nuno com o *kodak* em cima. Com o estalo da portinhola o torpedo rugiu, guinou, marcou o solavanco de uma cova e desapareceu entre os salgueiros.

Uma mulherzinha de preto ficava arruinada à valeta a tirar argueiros dos olhos; depois, um magote de garotos saltaram à banda, urrando, de barretes atirados ao ar. Um padre, em guarda-pó, veio à sua varanda atraído pelo ronco do torpedo num galão de oitenta à hora, e meteu-se para dentro encandeado, resmungando:

– Safa!... Leva o freio nos dentes! — E tinha nos olhos um nimbo com duas pontas de *écharpe* que se desataram e perderam no meio do seu surdo casmurrar.

Nuno aderira ao volante como o abutre cativo ao seu poleiro. O carro cantava; todas as forças da terra tinham perdido a expectativa e a tensão habituais: nem os silêncios se correspondiam na necessidade de se romperem, nem as coisas dispostas à roda desviavam os olhos do rodar. Um movimento único, afiado como o dorso de uma lebre à desfilada, levava torpedo, passageiros, paisagem. Depois, numa recta em plena serra, o conta-quilómetros marcou para Zilda 90, 95, 100... A fitinha da distância andada desde a garagem acusava 7 km 200... e 300... 400... 500 metros. O relógio era quadrado: sete menos um quarto.

Então as cifras, dançando um momento em Zilda com tudo o que ficava para o lado, desde a galinha que esvoaçou cacarejante de aflição até às pernadas de um pinheiro que parecia telegrafar a outras árvores, apagaram-se nas noções de «vertiginoso», «longe», «anoitecer»; depois nas imagens de «serra», «Rua Patrão Tarrafa», uma mesa posta com duas pessoas sentadas e um talher na ponta à espera. Voltou-se para Nuno, atirando-lhe as mãos:

– Uma pedra!

Mas o carro, com a agulha da velocidade recuada bruscamente a 40, já tinha dado um sacão que levantou Zilda ao ar e a fez saltar três vezes no afunilado do coxim avivado do aro das molas. Nuno gritou:

– Não foi nada! — e, de nariz como um gatilho na direcção do pára-brisas, de novo fez cantar o torpedo numa lomba, de que já se avistava a Pedra do Farol.

Quase no varadoiro, desciam suavemente. Reapareciam casas, sinais de aconchego e vida associada. Quando saltaram do carro, atirando com as portas, o radiador fumegava. O tubarão jazia rodeado de curiosos e vítreo, com os olhos rajados e salientes, a língua como um saco de café pendente da bocarra. Os garotos picavam-no a chuço, e, de

entre o cheirete a podre, em que havia um bafor intestinal, voava às narinas de Zilda um fio salino, inexprimível, confundido com a exalação do mar azedo e de vaga imponente, que lhe laqueava o coração.

– Que regalo! — respirou. — E o *kodak?*

Nuno deu dois passos atrás e desfechou a objectiva, de modo a apanhar Zilda com o mostrengo ao rés da anca:

– Com esta escuridão não vai ficar capaz.

Largaram para o carro. O céu arqueava-se baixo, com uma parte lisa, toda desdobrada em cinzento, que ia morrer redonda e descida no mar; o resto negrejado e composto de flocos que formavam uns sobre os outros carrancas imóveis e quentes.

– Vai chover — disse Zilda.

Os dois percorreram com a cabeça a roda da terra embebida no pasmo do mau tempo. O motor zunia subindo. Um retrós de chuva cortou em diagonal o pára-brisas, depois outro e outro, pontuados, até se cruzarem e escorrerem em bambus rabiadas. Nuno tinha uma gota muito grossa num pêlo da mão direita engrifada ao volante, e disse entre dentes:

– Maçada!

Meteu em segunda. Zilda perguntou:

– Quanto levaremos até casa?

– Três quartos de hora.

Eram sete e meia. Em casa de Murta jantava-se às oito: o atraso não era grande. Mas a ideia de que Maria estivesse preocupada, e, entrando pé ante pé no quarto, para não acordar o José um pouco mais calmo da enxaqueca, lhe visse o relógio de algibeira, de corrente enroscada na cadeira — «tão tarde e Zilda sem vir!, com este temporal e sem ter levado abafos!, vou mandar a Rosária com um guarda-chuva à Gafanha» –, contrariava-a, e parecia-lhe a única razão por que se remexia no assento. Inclinava o corpo para a frente, com os olhos levemente rotativos, como se, além do automóvel, ela marchasse também, com um segundo motor não menos diligente. Mas um trovão longínquo, rolado, chamou-lhe a atenção para o céu. Depois, outro que pegava no primeiro, uma pausa, um Z luminoso, em duas emissões, cuja haste se plantava no mar. E sobre o estampido seco a chuva começou a apertar em cordas tocadas do vento, correndo aos lados do carro uma cortina de repes com grandes bugalhos ao longo.

Numa casa isolada, sob a pala do tecto escorrido, entrou uma rapariga a correr, recolhendo roupa branca. Zilda apanhou-a já na porta, como quem filma um episódio inesperado, que pode dar sorte ao operador.

– Dá-me o casaco! — disse Nuno.

Parara o carro, levantou o cochim e tirou uma trincheira cor de azeitona que embrulhava uma chave de parafusos:

– Veste.

Mas ficava larga a Zilda, que, de pé em marcha, tocada de um instinto que a acompanhava como sombra, se pôs a ajeitá-la no cinto, a plissá-la no peito, com vagar e *coquetterie.* Cheirava a borracha, a gasolina e a uma coisa indefinida, mas agradável e acre, que levou Zilda a retomar com um respiro profundo a sua posição no cochim.

– Fizemos asneira em não nos abrigarmos um instante naquela casa. O carro não tem capota e tu já estás encharcada.

– Não, que é tardíssimo!

– Tinha sido melhor. Isto passa; trovoadas de Verão.

Zilda deu interiormente uma guinada no seu motorzinho privativo, como se quisesse passar à frente do torpedo numa volta apertada. Mas com o olhar, explorando a serra deserta, parecia procurar um telhado atrás do alvitre de Nuno, apesar de achá-lo insensato e de ir ajudando com o peito a progressão do *player* niquelado que rasgava o caminho ao alto do radiador. Nada. A essa inquietação astuciosamente colada à sua vontade de chegar respondia a serra ondulante, pinhais encascados de escuro e exangues de resina, a carqueja pelada, e, quando muito, para baixo dos laços do caminho rápidos e sem berma, uma oliveira, um muro, montes.

De repente o carro estacou.

– Que foi?

Nuno respondeu:

– O diabo do motor vai a falhar.

Ainda abriu uma *aba* do capot, esfuracou para dentro nos complicados aranhiços, tentou meter-se por baixo do carro arrumado à direita da estrada. Mas a chuva começava a rechinar no coração do torpedo, brandindo fortes rajadas naquele organismo quente, de que passageira e chófer tinham necessidade para continuarem a correr ao lado um do outro um só caminho. Nuno levantou-se enlameado; um jorro barrento descascara transversalmente a estrada e gorgolejava refegado nos sulcos dos pneumáticos.

– Desce, Zilda. Estamos pingando, e o aguaceiro não me deixa dar com a *panne. É* melhor abrigarmo-nos.

– Aonde? — perguntou Zilda apeando-se e sacudindo a trincheira iluminada como um espelho que estivessem a lavar.

– Ali!

Nuno deitara a correr. Zilda seguiu-o sem palavra, agarrando o chapéu encharcado. Na fuga, perdia as últimas retensões que a vinham minando em viagem. O céu desabava; mas um atalhinho esburgado, de que a lama fugia em regueiras, começara a correr para trás como se ela estivesse parada, e a terra, em desenhos animados, girasse ao comprido

de uma fita. Meteu a mão direita no bolso da trincheira de Nuno; os dedos tocaram numa boneca, de celulóide...

…O impermeável dela ficara em Lisboa, no cabide do quarto de *toilette*, ao lado da estante onde estavam os livros do tempo das lições com Miss Blyth. A capa da história de *Two Children* tinha-a rasgado o João. O desgosto que ela tivera! Estavam por dentro da janela, era um dia de Inverno, a mãe tinha saído. Folheavam as estampas de *Two Children*, o João queria o livro mais para o pé de si...

…«De repente pôs-se mau tempo, e os dois meninos acharam-se sozinhos no meio de uma serra muito alta, onde não passava vivalma. Viram uma cabana…»

Mas na memória de Zilda deixaram de correr estas palavras para aparecerem os dentes empacados de Miss Blyth e a maneira especial como ela lhes corrigia a pronúncia: «They saw a cottage.» Uma folha do livro fraldejava; na figura, a cabana era cor de tijolo. O João puxou... o papel lustroso cedeu... Zilda chorara tanto que parecia estar a chover por fora e por dentro da janela.

– Entra! - disse Nuno. — O que é isto?

– Uma casa dos Serviços Florestais.

Havia ferramentas a um canto, uma mesa de sobro a meio com a taça de um tronco de castanho escura nos veios da seiva, uma manta, um fato-macaco num prego, um enxergão de lona de que parecia ter acabado de se levantar alguém.

– Talvez esteja aí dentro algum guarda — disse Nuno metendo o ombro à porta da rua, perra na soleira inundada.

– Não feches! — disse Zilda. — Sinto vozes...!

Sentara-se à beira do enxergão, prostrada por um grande cansaço. Nuno atravessou o compartimento, abriu uma porta empenada e perdeu-se para o fundo do casebre. Zilda seguiu-o com os olhos, passeou-os pelo fato-de-macaco, pela manta, pela mesa redonda onde deixara ao entrar, estatelada, a maromba de celulóide. Uma confusão muito agradável tomara-lhe conta da cabeça. Atirou o chapéu feito um bolo, palpou o cabelo escorrido...

...Entrara em casa, vinham de um grande passeio e fazia-se noite. Pela janela pintada de verde viam-se pinheiros gesticulando, e uma massa fluida, feita de água e de vento, que parecia viver e esperar que lhe abrissem a porta, para se abrigar ou dizer uma coisa de que vinha encarregada. Mas a chuva repicava baçamente nos vidros, e os pinheiros, com as ramas dobradas para o longe, empurravam a massa movediça...

Zilda começou a desabotoar maquinalmente os botões altos da trincheira. Ainda se ouviam as vozes lá para o fundo da casa. Nuno entrou:

– Não vejo ninguém. É a água a bater numa lata.

Ficaram a olhar um para o outro; depois não puderam. Zilda ia levantar-se da enxerga, mas Nuno assentou-lhe a mão cheia de pêlos num ombro, com a violência carinhosa de quem não deixa um doente enrodilhar os lençóis; e sentou-se na enxerga também.

– Vamo-nos, vamo-nos! — disse ela.

Nuno fê-la oscilar, sempre com a mão no ombro, abrindo num sorriso cuja forma a beira na lata ia marcando pingo a pingo... Zilda, derreando a nuca à medida que o sorriso de Nuno a ia invadindo, arfou, arfou, como se chegasse a correr ao cimo de uma montanha.

MAU TEMPO NO CANAL

Capítulo I [*]

A SERPENTE CEGA [1]

– Mas não voltas tão cedo... [2]

João Garcia garantiu [3] que sim, que voltava. Os olhos de Margarida tinham um lume evasivo, de esperança que serve a sua hora. Eram fundos e azuis, debaixo de arcadas fortes [4]. Baixou-os um instante e tornou:

– Quem sabe...? [5]

– Demoro-me pouco... palavra! Cursos de milicianos... Moeda fraca! Para a infantaria, três meses. Se não fecharem os concursos para secretários-gerais, então aproveito. Bem sei que há só três vagas e mais de cem bacharéis à boa vida... Mas não tenho medo das provas. Bastam algumas semanas para me preparar a fundo... rever a legislação [6]. Entrava em pormenores. Margarida ouvia-o agora vagamente distraída, de cabeça voltada às nuvens, como quem tem uma coisa que incomoda no pescoço, um mau jeito. O cabelo, um pouco solto, ficava com toda a luz da lâmpada defronte, de maneira que a testa reflectia o vaivém da sombra ao vento [7].

Estavam quase ao alcance da respiração [8] um do outro: ela debruçada num muro de pedra de lava; ele na rampa de terra que bordava a estrada ali larga, acabando com a fita de quintarolas que vinha das Angústias até quase ao fim do Pasteleiro e dava ao trote dos cavalos das vitórias da Horta um bater surdo, encaixado. Dali à entrada

---

[*] Este capítulo de *Mau Tempo no Canal* surgiu como um conto com o título «Um ciclone nas ilhas» (na *Revista de Portugal*, n.º 7 / Abril, Coimbra, 1939). Achamos de utilidade pôr em notas a redacção da 1.ª versão, procurando, dentro do possível, contextualizá-la.

[1] «Um ciclone nas ilhas».

[2] «Ah! mas não voltas tão cedo...».

[3] «garantia».

[4] «de esperança que toma precauções, mas era ainda mais forte a vivacidade azulada que lhes dava um brilho animal.»

[5] « — Dizes isso... ».

[6] «— Demoro-me três meses, palavra! As vagas para Secretários Gerais são quatro; é verdade que há cinquenta e dois candidatos e que o júri ainda não reuniu para escolher os pontos; mas as provas... sim, propriamente o concurso demora pouco; o que é preciso é uns meses para me preparar a fundo, sobretudo a legislação».

[7] «com um movimento de cabeça virada de vagar às nuvens, como quem tem uma coisa que incomoda no pescoço, mas pouco. O cabelo, levemente desfeito, ficava com quási toda a luz da lâmpada eléctrica em frente, num poste de pinho, de maneira que a testa ia repetindo o vai-vem da sombra ao vento».

[8] «do bafo».

da quinta corria um [9] muro de pedra solta onde espreitavam trepadeiras e só a uns vinte metros se erguia a parede nobre com o grande portão verde de padieira grossa, que ao abrir bem atrás, devido a uma [10] posição mal calculada [11], batia na borda da sineta arrematada do naufrágio de um veleiro. Do lado oposto [12] à cidade a estrada descrevia uma curva ao longo de muros de cerrados, onde os grilos pareciam, de Verão, o queixume da ilha abafada e em que pairava agora um pasmo solto de tudo, menos do mar [13]. As lâmpadas da rede, lá para Porto Pim, faziam mais escura a massa de águas que devia [14] rolar enrefegada a um começo de vento levantado, pouco e já duro. De vez em quando, o cão [15] da quinta dos Dulmos, poucos metros atrás de Margarida, esticava a corrente e rosnava.

– *Açor*!... Eu nem devia falar contigo a esta hora, com o avô assim tão doente! O pai já anda desconfiado... [16]

-– E que tem?! Não é a última vez?... [17]

– Última?... credo! [18] Isso, nem que tudo acabasse. Mesmo que Lisboa te faça esquecer de mim, somos da mesma ilha, quase vizinhos... apesar do que se passou. Do Granel do avô via-te ir todas as tardes pela muralha fora. Oh! muito antes de perceber...! Nem me passava pela cabeça! É que não posso estar muito tempo fechada; dá-me a impressão de que abafo… até nas Vinhas! Olha que no Pico é a mesma coisa... [19]

– Já não sei quantas vezes te ouvi isso! Naturalmente, também, se vieste aqui hoje, foi para não estares fechada… — disse João Garcia, sorrindo e desenrolando um fio de despiques pequeninos [20], a linha mais excitante de um namoro em que era a quarta ou quinta vez que se falavam.

---

[9] «ia o».

[10] «de arco grosso, que ao abrir até atrás, devido uma».

[11] «estudada».

[12] «Para o lado oposto»

[13] «e onde agora pairava um pasmo desligado de tudo, menos do mar.»

[14] «As lâmpadas do fim da rêde, lá para os lados da doca, faziam mais escura a massa de águas, que devia».

[15] «De vez em quando o cão».

[16] «Eu nem devia ter vindo falar contigo a esta hora, com o Avô assim sempre mal... O Pai já anda desconfiado.»

[17] «— E que tem? Não é a última vez?»

[18] «— Última? credo!»

[19] «não somos da mesma ilha, quási vizinhos?... Do granel do Avô via-te passar tôdas as tardes pela muralha fora... oh! muito antes de perceber...! Nem me passava pela cabeça! É que não podia estar muito tempo fechada. Dá-me a impressão de que abafo. Como na quinta. Olha que no campo é a mesma coisa...».

[20] «— Já não sei quantas vezes te ouvi isso. Naturalmente também vieste aqui hoje para não estares fechada... — disse João Garcia, desenrolando um fio de pequeninos despiques».

Mas o cão estava insofrido e ameaçava arrastar a casota para junto [21] de Margarida. Era um cão de fila, um «rabo-torto» da Terceira, espécie de buldogue [22] atarracado e cor de rolão. João Garcia viu-lhe as orelhas cortadas e guichas do lado de dentro da quinta, num salto de pêndulo que lhe punha as virilhas à mostra, e correspondia [23], na instabilidade, à posição do namorado na rampa de terra da estrada, que o obrigava a escorregar e a trepar alternadamente, para [24] não perder contacto com a borda do muro. Demais a mais, o vento começava a enrodilhar as folhas das faias e dos cedros [25], e de baixo, do caminho, tornava-se difícil perceber o que se dissesse em cima. Margarida atirou-se ao animal:

– Ache! Vá-se deitar, *Açor*! Vá-se deitar! — E ficou de mão espalmada na cabeça quadrada do bicho, que meteu para as patas de trás o [26] inútil vigor de sentinela.

João Garcia fincara os pés na rampa e as mãos no muro, elevando-se como se estivesse a trabalhar de espaldar. A fúria do cão enchia-o de um atrevimento nervoso [27], como se Margarida estivesse em perigo ou o quisesse experimentar criando-lhe um inimigo inferior. Agora era o *Açor* que o via em posição de ataque, só a cabeça e os cotovelos. Açulado por aquela sombra [28], o cão atirou-se por cima da dona ao vulto, de gorgomilos rascantes estrangulados na coleira. Com o impulso, Margarida, resvalou; mas, apanhando rapidamente o casaco cinzento que pusera [29] pelos ombros, fez frente à fera, intimidando-a. João Garcia, de um salto, tinha-se posto ao pé dela.

– Cuidado, que te morde! — gritou Margarida; e, vendo a cobardia do cão e o perigo de falar alto:

– Deixa... podem-nos ver! Não, não foi nada. Só me rasguei na saia. — Sacudiu-se. Mas a rapidez [30] da cena fizera-a logo esquecer que João Garcia estava da parte de dentro da quinta; deixou que ele lhe pegasse na mão raspada pela queda, atento ao arranhão como um enfermeiro profissional. — Não tem importância nenhuma. — Mas ainda assim havia sinal de sangue. Voltou-se para o cão: — Estúpido! Deite-se! Ah, seu estúpido!

---

[21] «para o pé».
[22] «bull-dog».
[23] «à mostra e correspondia».
[24] «alternadamente para».
[25] «De mais a mais o vento começava a enrodilhar as fôlhas dos eucaliptos e dos cedros».
[26] «um».
[27] «atrevimento surdo e nervoso».
[28] «aparição».
[29] «trouxera».
[30] «o repente».

O *Açor* parecia realmente despido da sua pele de cão de guarda, de olhos espantados e fitos naquele par misteriosamente formado, com uma trepidação nas beiçanas pendentes, escorridas de baba [31]. Como que lhe tinham transtornado o campo de operações: a sombra inimiga estava de portas adentro de um lugar que ele tinha obrigação de manter limpo de todos os vultos que ali se atrevessem sozinhos, mas em cuja população acompanhada pelos donos não tinha nada que cheirar. E se conservava um resto de gana no lombo e no focinho anelante, traduzida num rosnar que o vento levava em dueto, é que há sempre intervalo entre um corte de corrente e o parar do motor [32].

Então Margarida tomou mais consciência da situação em que estavam, e, tornada ao ponto em que a sua recente intimidade com João Garcia recuava sobre o antigo constrangimento de dois estranhos, disse-lhe:

– Vá-se! Podem ver da estrada...

– Não vêem. Comigo no caminho é que é pouco prudente. Agora que nos vamos separar, sempre te digo que temos facilitado um pouco. Esta gente da vizinhança é linguareira; mas como havia de ser? Quando eu voltar é outra coisa. Se fizer concurso... Se for nomeado… Mesmo que fique número três. O número três [33] deve ir para Bragança; é frio... Dali a um ano... não? — Ficou à espera, tomando-lhe [34] a mão com doçura. Margarida ouvia-o como se estivesse longe e chegasse muito devagar [35] ao calor de tais propostas.

– Deus sabe o que nos espera, daqui até lá... [36] — E, vendo-se outra vez entre João Garcia e o cão ainda [37] desconfiado e coçando uma orelha à pata, aplicou o ouvido à estrada. Foi ao muro: — Está sempre a passar gente.

João Garcia espreitou, na ponta dos pés; dois vultos dobravam o começo da curva, seguidos das sombras disformes [38]:

– Meu tio Ângelo [39] e o Pretextato... Vão dar a sua volta. Quanto mais perto estivermos da. lâmpada, pior! [40]

---

[31] «Com os olhos espantados naquele par misteriosamente ali formado, uma trepidação nas beiçanas pendentes, franjadas de baba».

[32] «E se havia um resto de gana no seu lombo baixo e no focinho côr de ferrugem, acompanhada de um rosnar que entrava em dueto com o vento, é que há sempre um certo intervalo entre o corte da corrente e o resfriar do motor.»

[33] «é outra coisa. Se fôr nomeado... mesmo que fique número quatro. O número quatro».

[34] «puxando-lhe».

[35] «de vagar».

[36] «espera até lá!»

[37] «o cão, ainda».

[38] «estiradas».

[39] «Cândido».

[40] «pior».

Ao nome de Ângelo [41] Garcia, Margarida perdeu o alvoroço [42] em que a presença do namorado e os nervos do cão a punham. A recordação do maricas acordava nela a soberba dos Clarks, aquele sentimento maciço, enjoado e um pouco cínico, que contribuíra para correr Januário Garcia do escritório da casa Clark e Sons [43] e envolvia a família Garcia num desdém mais snobe [44] do que odiento. Representou-se-lhe Ângelo [45] de bigodinho frisado a ferro, faces de menina, o cabelo ruço e melado sob o chapéu de coco, correndo as casas da Horta com o seu pézinho atrasado. A ideia do avô sempre doente em casa ligou-se-lhe à rápida repulsa. O pai — fora. A mãe — sentada [46] ao pé da *voltaire* do avô, embrulhada no cachine [47] das noites compridas, com uma irritação a que o seu feitio romântico dava uma poesia desafinada, das pessoas que choram e riem sem ter de quê. Olhou para o casarão engolido no escuro da quinta, apenas visível pela esteira de luz que vinha do quarto do avô quebrar-se na janela da saleta. Um pé-de-vento abalou as faias e os cedros, levantando-lhe a [48] ponta do casaco e uma mecha de cabelo.

João Garcia tinha de novo [49] a mão dela nas suas, mas aquela pausa como que a cortara do braço de Margarida. Ia a dizer-lhe outra vez que se fosse, atraída para os lados de casa, quando sentiu melhor o calor daquele homem parado no meio das árvores, ali ao pé dela e a uma distância que a viagem de Lisboa tornava [50] saudosa e sem fim. João Garcia pareceu entender este íntimo movimento [51] e sossegou-a:

– Não tenhas medo. Então não estou ao pé de ti e não hei-de voltar daqui a meses?... [52]

– Mas há tão pouco que nos falamos, e entrares [53] na quinta assim de noite! Se nos vissem...

– Teu pai vem tarde.

– As vezes entra pelo portão da canada... [54]

– Salto o muro.

---

[41] «Cândido».
[42] «a excitação».
[43] «Casa Clark».
[44] «snob».
[45] «Cândido».
[46] «A mãe sentada».
[47] «cache-nez».
[48] «abalou os eucaliptos, levando-lhe a».
[49] «outra vez».
[50] «fazia».
[51] «êste jôgo».
[52] «a meses?»
[53] «nos falamos e entrares».
[54] «do Pasteleiro...».

Os cedros [55] tornaram a ramalhar bruscamente. Agora as guinadas do vento repetiam-se. Vinha certeiro no silêncio e experimentava fortemente [56] as árvores, que durante um segundo descreviam um círculo cheio, como piões no torpor [57]. Mas entre duas lufadas a quinta cerrava-se outra vez; ficava tudo compacto, debaixo de um bafo. Um cheiro a lava salgada e a seiva de cedro inebriava [58].

A quinta dos Dulmos era um retalho de terras em bico com um [59] bocado de pomar mal medrado e outro de arvoredo cortado de atalhos largos, mais altos que [60] os currais de lava em que cedros seculares, faias e alguma piteira brava cravavam as raizes à vista, descarnadas e profundas [61]. Os passeios tinham sido mandados compor [62] pelo velho Clark, pouco depois do casamento da filha com Diogo Dulmo, a quem remira a antiga hipoteca da quinta. Cobria-os então um tapete de bagacina vermelha [63], hoje esburgado, e era ao longo deles que Maria das Angústias, meio governanta [64], meio ama, empurrava o carrinho de rodas de borracha [65] que o avô mandara vir de Londres para a sua primeira neta. Dez anos depois, Margarida continuava por ali as viagens de circum-navegação [66] da sua primeira infância, mas agora montada num garrano de crina guedelhuda, destes que traziam as latas de leite à Horta e a que a manjedoira [67] da quinta dera um pelo menos estúpido e jarretes mais flexíveis. Fora dele abaixo, malhando no curral da figueira, que Margarida abrira a brecha de que lhe ficara uma pequena mossa [68] marcada pela pele de cicatriz [69]. Quando lá em casa se falava às visitas de coisas que se tinham passado há sete anos (e sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo), a mãe mandava-lhe estender a testa à raiz do cabelo e dizia, enquanto ela se sujeitava ao exame irónica e longínqua: «Vê? Ficou assinalada...» [70].

---

[55] «Os eucaliptos».

[56] «Agora os pés de vento repetiam-se. Vinham certeiros no silêncio e experimentavam fortemente».

[57] «como piões quando saem do torpor».

[58] «ficava tudo compacto, debaixo de um bafo».

[59] «em bico, com um».

[60] «mais altos do que».

[61] «cedros seculares, faias, incensos e eucaliptos cravavam as raizes descarnadas, algumas delas arqueadas como as patas do Açor a dormir.»

[62] «fazer».

[63] «moída».

[64] «que a Maria das Angústias, meio governante».

[65] «rodas de vareta e borracha».

[66] «circunnavegação».

[67] «manjadoira».

[68] «uma leve mossa».

[69] «pele contraída».

[70] «raiz do cabelo aloirado, e dizia, enquanto ela se sujeitava divertida e descrente ao exame: «Vê? Ficou assinalada».

Agora era João Garcia quem descobria o sinal, mas deixado ver por ela, como uma revelação necessária, natural ao passarem pelo curral da figueira. Tinham metido por ali, direitos [71] à grota que bordava a quinta, da estrada até ao mar. O terreno ia ficando reduzido a pedra pura, com uns restos de vinha queimada da ressalga, figueiras bravas, um tapete [72] de bálsamo e os primeiros calhaus rolados. Um muro, confundido em parte com ruínas do antigo cinto de fortificação da ilha, já mal servia de divisória entre a propriedade e o «calhau», onde esquadrilhas de gaivotas vinham espenujar-se e gralhar. João Garcia podia escapar-se por ali, no caso de sentirem gente dos lados de casa ou se Diogo Dulmo entrasse de repente pelo portão da canada [73]. Mas Margarida já não mostrava apreensões nem medo de vir alguém [74]. No fundo, talvez João Garcia estivesse menos tranquilo. Era ela que procurava não perder contacto com ele naquela marcha no escuro, já longe do reflexo da lâmpada que vinha do poste às árvores, por cima da casota do *Açor*, e gradualmente afastados da nódoa de luz lívida [75] que, saída do quarto do avô, avivava a janela da saleta. Iam, apesar disso, como se procurassem o sítio mais claro daquela noite, e tanto para não serem vistos como para se despedirem com o à-vontade de duas pessoas que se encontram numa praça à hora de maior concorrência e dizem o que têm a dizer como quem não deve nem teme. Só João Garcia parecia agora hesitante, quase fechado. Margarida, sensível ao vento e à noite, encostou-se-lhe tanto que ele acabou por sentir que o seu braço a enlaçava [76].

Quase sem darem [77] por isso, estavam sentados num banco de lava e tijolo, com painel de azulejos arruinados: [78] restos de cenas da Bíblia e toscos motivos de caça [79], com o caçador ratado e aves [80] maiores do que ele. Pareciam ter muito que dizer, e [81] mal falavam. Levemente inclinados [82] um para o outro, avançavam ambos a mesma porção do corpo [83]. João Garcia perdera a cintura e a mão de Margarida, agora entretida, a rolar a serpente do anel:

---

[71] «Tinham enveredado por ali direitos».

[72] «uma colcha».

[73] «do Pasteleiro».

[74] «nem rebates de ser surprehendida».

[75] «amarela».

[76] «encostava-se-lhe tanto que êle não pôde deixar de lhe passar um braço pela cintura».

[77] «Sem darem».

[78] «numa banqueta de tejolo que conservava nas costas alguns azulejos partidos».

[79] «e motivos de caçadas ingénuas».

[80] «ou garças».

[81] «dizer e».

[82] «dobrados».

[83] «corpo;»

– Tanto que tenho pedido ao pai para me deixar estar uns meses com a tia Teresa em Lisboa… [84]

(A tia Teresa era uma irmã de Diogo Dumo casada com um oficial de Marinha).

– Onde moram?

– Na Junqueira; o tio é sub-director da Cordoaria.

– Se estivesses lá agora...

– Ainda me lembro da casa deles na Pampulha [85], quando lá estive em pequena. Era como se fosse no Faial… Não gosto de Lisboa senão para andar com o tio Saavedra nos rebocadores do Arsenal [86]. A Baixa é uma confusão: [87] cafés cheios de fumo e de sujeitos mal-encarados, tudo escritórios e lojas [88], muitos homens de pasta debaixo do braço... — Encarou João Garcia: — Nunca te lembraste de ser oficial de Marinha? A prima Corina [89] disse-me qualquer coisa a esse respeito; ora, quando [90] foi?...

– Sim, tive a mania de ir para a Administração Naval [91]. Entrava-se com o quinto ano do liceu e uns preparatórios comerciais. — Deu detalhes sobre a orgânica da Escola; Margarida disse que «sim, sim», ao número de galões; conhecia as patentes. Mas João Garcia falava no quadro do Secretariado Naval [92], no quadro dos engenheiros construtores e dos engenheiros condutores, no quadro dos oficiais auxiliares de manobra... Ela procurava a nuvem. [93] — Foi no ano da gripe. [94] Cheguei a mandar os papéis para o Instituto, mas veio a epidemia: [95] não chegaram a tempo. — João Garcia ficou melancólico e retraído: — Um bacharel é sempre um bocado maçador, não é verdade?... [96]

– Que tolice! Falei nisto a propósito do tio Saavedra, que é muito meu amigo. Se o visses! Com cinquenta anos parece um rapaz, sempre a pensar em regatas e em chás a bordo, com muitas raparigas. Mas gosto [97] mais do mar que dos chás. Tu também?

Ouviu-se o baque da maré, lançada com a certeza de mil homens que rolassem um madeiro à alavanca.

---

[84] «ao Pai para aceitar o convite da tia e me deixar ir estar uns meses a Lisboa».
[85] «rua da Creche».
[86] «Arsenal;»
[87] «confusão,»
[88] «livrarias».
[89] «D. Cristina Street».
[90] «ora quando».
[91] «Naval;»
[92] «secretariado naval».
[93] «a nuvem:».
[94] «Foi no ano em que houve umas questões lá em casa».
[95] «gripe,»
[96] «verdade?»
[97] «eu gosto».

– Eu também — repetiu simplesmente João Garcia, como se tanto ele como ela tivessem repetido ritualmente uma frase dita aos dois [98].

– Até durmo melhor, se está bravo! [99]

– O teu quarto é para este lado? — Nas torrinhas.

– Ali onde está uma luz?

– Esse é o da Maria das Angústias; o meu é ao lado.

– Queres ver o anel?... É uma serpente. — João Garcia procurava a cabeça da serpente com o polegar [100] comovido nos dedos de Margarida. — Os olhos são verdes... Não vês, não; falta-lhe uma esmeralda… [101]

– Margarida!...

– Não, não... [102]

O vento soprou com este levantamento misterioso que enche os minutos perdidos. Começava por um assobio rente às figueiras anãs e intenso ao longe, nas árvores, que agora vergavam com fortes estalidos e um ramalhar mais longo.

– Pois vamo-nos -disse João Garcia pondo-se de pé lentamente. — Parece um rabo de ciclone... [103] É o tempo deles.

Margarida compôs o cabelo e levantou o casaco, que [104] lhe caíra nas ervas, embrulhando-se bem. Desencadeava-se uma poeira inverosímil em lugar tão limpo de [105] terra, uma verdadeira nuvem de areúscos arrancados ao atalho que seguiam, de mistura com folhas enroladas [106] e ásperas do leite das figueiras. As plantas da grota, jarros, fetos, apesar de rasas e abrigadas na dobra de lava cavada pelos enxurros, abanavam com uma violência [107] de mata abalada no centro. E, entre [108] árvores estaladas da quinta e o mar já grosso e tapado por uma pasta de escuridão, ficaram um bocado sufocados, sem poderem andar, voltados de repente, como panos de guarda-chuvas, à procura de ar respirável, apanhando nas orelhas o chicote do vento e da areia [109].

Ao longo da grota corria um caminho abandonado, rasgado de relheiras: [110] o Caminho Velho. Partindo dali, cingia a ilha num grande anel, como se tivessem armado um laço de cinza às gaivotas [111]. Só o

---

[98] «repetiu simplesmetne João Garcia.»
[99] «bravo».
[100] «com os movimentos do polegar».
[101] «esmeralda.»
[102] «não... Deixa a serpente.»
[103] «Nem que fôsse um ramo de ciclone...»
[104] «casaco que».
[105] «tão enxuto de».
[106] «seguiam com fôlhas enroladas».
[107] «com violência».
[108] «E entre».
[109] «e do terriço.»
[110] «relheiras —»
[111] «num anel cinzento, como uma fôlha de piteira sêca e estendida.»

interrompiam penedos, fortins, um ou outro posto da Guarda Fiscal, a Doca [112] e a cidade. Apesar de quase só servir aos velhos pescadores de Porto Pim que iam fisgar caranguejo [113], a Capitania do Porto mandara pôr-lhe uma lâmpada ao largo da quinta dos Dulmos. Perto do «calhau», João Garcia e Margarida ficaram sob a luz intermitente que bruxuleava de lá [114]

– Parece um vulto... — disse Margarida, afirmando-se [115].

– Não deve ser. — Mas João Garcia viu claramente [116] uma sombra, um homem, que se debatia com o cabeção do capote revirado pelo vento. A lâmpada baixava [117]. Uma vaga de quilómetro atirou-se à calheta, com um livor que se adivinhava esverdeado à flor de borrifos brancos, desflocados depois do segundo de retracção que precedia o estoiro.

– É o pai! — disse Margarida apanhando a saia, que o vento enfunara bruscamente [118]. Não se sabia se o clarão da maré nascia do próprio mar ou de uma nesga do céu picado [119] de uma estrela. — Mas, meu Deus!, não se pode dar um passo [120]!

– Acompanho-te até aos cedros — disse João Garcia.

– Ai!, não, não! Perde-se tempo se voltas atrás... [121]

– Vais cair...! [122]

O vulto ia e vinha ao pé do poste da lâmpada; depois cortou ao Caminho Velho [123] no sentido da estrada, encostando-se aos muros. Já se não via [124] senão a sombra do capote a abanar.

Uma vidraça aberta da casa da quinta dos Dulmos batera. Tiniram vidros [125]. Maria das Angústias tentou encostar ao menos as portadas. Tinha deixado o candeeiro numa mesinha de jogo [126], ao pé do rolo de fio que os homens que andavam reparando a instalação eléctrica tinham encostado a um pacote de fios e túlipas de vidro [127]. Era na «sala grande», de tecto em pernas-de-asna, com tribuna para a ermida. Uma

---

[112] «doca».

[113] «pescadores do Pasteleiro que se entretêm no caranguejo,».

[114] «sob a tira de luz baça que se estendia de lá.

[115] «— Parece gente... — disse Margarida afirmando-se.»

[116] «perfeitamente».

[117] «com os cabeções do capote revirados pelo vento. A lâmpada bailava».

[118] «— É o Pai! —disse Margarida apanhando a saia que o vento encovava como um lenço a enxugar ainda carregado de água. — »

[119] «céu picada».

[120] «Mas, meu Deus, nem se pode dar um passo!»

[121] «— Ai, não, não! Perde-se tempo se voltas atrás.»

[122] «cair...».

[123] «depois enfiou pelo caminho velho».

[124] «Já não se via».

[125] «Um estreloiço. Acabara de se partir uma vidraça aberta na casa da quinta dos Dulmos;»

[126] «Deixara o candeeiro numa mesa de pano verde,»

[127] «fazendo a instalação eléctrica tinham encostado a um pacote de tulipas de vidro.»

escada de mão mal encostada escacou o candeeiro e [128] Maria das Angústias deu um grito. Com as mãos a escorrerem [129] petróleo lutava contra as portadas. Esfrangalhou-se o pacote, algumas túlipas partiram-se, a riça de ráfia roçou pela parede [130] e saiu pela janela.

– Isto vai tudo pelos ares, madrinha! [131]

– Chama-se a Chica!... [132]

Mas a criada da cozinha lembrara-se de meter o nariz no pátio, a ver para onde corriam as nuvens; [133] e agora, de xaile desfraldado, encarniçava-se em vão contra, a porta. D. Catarina correu lá de dentro embrulhada no cachiné: [134]

– [135] Chica! Acuda à Maria das Angústias, que partiu o candeeiro! Que temporal é este?!... [136] Foi à sala grande fechar a janela!... [137] Vossemecê deixa-a toda a noite aberta!

– Ajude a empurrar, minha senhora! ...

– Não oiço, mulher! Na sala grande... ! [138] — Mas a criada não saía de trás da porta, com um ombro metido às travessas. — Então vossemecê que queria [139] do pátio, com um temporal destes?! E o senhor Clark a precisar de água quente! Onde está o Manuel?... [140] O senhor Dulmo anda fora [141] e a menina sem aparecer! Sabe para onde se meteu?!

A candeia de cima do lar, embora abrigada pelo arco [142] da chaminé, tremelicou e consumiu-se; só iluminava a cozinha um fogo de achas mortiças engolido pela fornalha. D. Catarina meteu finalmente o ombro à porta. No escuro daquele canto sentia-se-lhe a respiração ofegante do esforço e da cólera. Facilmente exaltada, enchia a casa de uma presença desabrida, fazendo num minuto coisas que levariam horas a pessoas trabalhando em conjunto; [143] depois caía numa das imensas poltronas do quarto do pai, e ora chorava, ora ria, ficava ofendida e envergonhada no bioco do cachiné [144].

---

[128] «candeeiro, e».

[129] «a escorrer de».

[130] «Esfandangou-se o pacote, as tulipas partiram-se, a riça de ráfia roçou pelas paredes».

[131] «Madrinha!»

[132] «Rosa!»

[133] «nuvens,»

[134] «cache-nez».

[135] «Rosa! Rosa!»

[136] «Que tempo é êste?!...»

[137] «a janela...»

[138] «Na sala grande!...»

[139] «vossemecê o que queria».

[140] «Manuel?»

[141] «O sr. Dulmo ainda fora».

[142] «pelo profundo arco».

[143] «em conjunto.»

[144] «cache-nez».

Mas os seus repentes, ali, não serviam de nada [145]. A porta ficara entalada pela tranca de sucupira: [146] parecia uma parede da quinta ou a chapa do cofre do Granel [147], na manhã em que, aberta desastradamente por Januário Garcia (supunha-se), emperrara que nem a cacete...! [148] Viera um serralheiro forçá-la. «Então, Januário?... o senhor já nem conhece as letras do cadeado!...» [149]

D. Catarina correu a chamar o Manuel Bana, o criado da quinta. Estava na banqueta do «saguão»[1.], sentado a fumar. Costumava esperar ali que o patrão desse fundo em casa, para [150] o meter discretamente pela sala grande, se houvesse novidade. (Havia, muitas vezes «novidade»). [151]

–Vã ver se fecha a porta da cozinha, que a ventania não deixa! Isto é um grande ciclone! E a menina?

–Vou em cata dela.

– Primeiro a porta. Mas que grande ciclone!

– Estamos à conta de Deus! — disse o criado [152].

D. Catarina entrou para o quarto do pai, a acautelar as portadas antigas, de gonzo e postigos. O velho Clark estava quase deitado na sua *voltaire* de juta, com uma mesinha de jogo [153] ao alcance da mão, de lado, coberta de remédios, de caixas de charutos, a garrafa do uísque [154] para ter a ilusão do beberrico, uma pilha de *Times* intacta. Mal se lhe viam as feições comidas pela barba em leque, branca de neve, sobre que dava em cheio a luz do candeeiro de petróleo velada de *abat-jour* verde [155]. Há dias que quase não falava; e, de quando em quando, vinha Maria das Angústias: [156] pegava de um lado, D. Catarina do outro, mudando-o de posição e batendo a almofada [157]. O velho virou vagamente para a filha os seus olhinhos vidrados [158] e fez um esboço de gesto com a mão na

---

[145] «não serviam para nada».

[146] «pela tranqueta de pau-prêto.»

[147] «cofre do Clark,»

[148] «a cacete.»

[149] «'Vejamos, Januário, o senhor já nem conhece as letras do cadeado'... Infelizmente o velho é que estava agora a entrar no grande e último segrêdo...».

[1.] – Chama-se «saguão», nos Açores, ao vestíbulo das casas a que dá entrada a porta principal: o portão. O «saguão» das casas antigas é lajeado ou empedrado. [Nota do autor. Vem só no *Mau Tempo no Canal*].

[150] «em casa para».

[151] «sala de visitas, 'se houvesse novidade'. Havia muitas vezes 'novidade'. — Minha ama!»

[152] «— Estamos à conta de Deus e de S. João Baptista Machado…».

[153] «voltaire de estôfo desfiado, com uma grande secretária».

[154] «uma botija de genebra».

[155] «candeeiro de petróleo de abat-jour de loiça verde».

[156] «e de quando em quando vinha a Maria das Angústias,».

[157] «mudando-lhe o cantil ligado à algália.»

[158] «Virou vagamente os seus olhinhos de vidrilho para a filha».

manta escocesa [159] que tinha pelos joelhos. As pernas corriam-lhe em rampa sobre uma montanha de coxins [160].

– Um ciclone, pai... [161] A casa parece ir pelos ares!

Clark desfez o gesto. Quando se mexia melhor, teria movido a mão como quem diz: [162] «Entre mortos e feridos alguém há-de escapar.» Era doente crónico, rijo de ânimo, a quem se podiam mostrar a título de curiosidade as vigas devoradas [163] pelo incêndio do quarto em que desse a alma a Deus; o Dr. Nunes [164] invejava-lhe a resistência [165] do coração.

A porta que dava do quarto do velho [166] para a saleta rangeu; era Maria [167] das Angústias:

– Não fui capaz de encostar [168] as portadas; vim às cegas pelo corredor! [169]Na ermida, até [170] parecem pessoas a rolar não sei quê!... [171]

– Há-de ser a pipa — disse Manuel Bana, especado à porta que dava do quarto do «senhor» [172] para o vestíbulo.

D. Catarina nem dera por ele ali; voltou-se na poltrona [173], aflorando ao cachiné [174]:

– Homem, qual pipa? [175]

– A pipa que tem a falta de uma aduela.

– Na ermida?! Então vossemecê guarda as pipas na ermida?... Ouviu-se um estrondo brutal, mas embaçado, absorvido pela casa estremecida desde o telhado [176] aos alicerces. As traves de cedro deram de si. Depois outro pegão mais baço, que parecia entender-se só com as paredes, como se passasse na estrada a draga da Doca [177] numa zorra. Seguiu-se um breve [178] silêncio marcado pelo tremor fugitivo de um espelho [179]. Em cima do tremó — a Vénus de bronze, firme [180].

---

[159] «no chale escossês».
[160] «de almofadas».
[161] «Pai».
[162] «teria trazido a mão pelo alto com a seguinte significação:»
[163] «lavradas».
[164] «Mesquita».
[165] «o funcionamento».
[166] «quarto do Clark».
[167] «era a Maria».
[168] «Não consegui encostar».
[169] «corredor.»
[170] «ermida até».
[171] «quê...».
[172] «senhor».
[173] «sôbre o braço da poltrona».
[174] «cache-nez».
[175] «pipa?!»
[176] «estremecida do telhado».
[177] «doca».
[178] «curto».
[179] «tremor do espelho mareado do tremó D. Maria II.»
[180] «bronze firme».

– Jesus! — D. Catarina pusera-se de pé, pálida; o velho arcou um suspiro difícil, como se o tivessem perturbado [181] no fundo da sepultura. — Parece um tremor de terra! Manuel, a menina?...

O criado não pôde responder. [182] De mão [183] no batente da porta, encolheu-se como quem dá passagem a um animal perseguido [184]. Margarida rompeu, atropelou Maria [185] das Angústias, que lhe barrava o caminho, abriu a porta da saleta e perdeu-se no escuro da casa. Com o casaco cinzento que lhe caíra dos ombros deixara um rasto de caçada. D. Catarina apanhou inconscientemente aquele volume do chão, como se tal pormenor fosse absolutamente indispensável para ir atrás da filha. O casaco cheirava a ervas e a ressalga [186]. Mas na porta da saleta, sem que tivesse sentido [187] passos, o marido agarrou-a por um ombro e arredou-a quase com calma, como se deitasse a mão a uma cancela de molas [188]. Ia cego, de capote de cavalaria, com uma verdasca na mão.

– Diogo! Diogo!...

A porta foi de encontro a D. Catarina [189] com a mesma força opaca que o vento opusera aos esforços de Manuel Bana para fechar a da cozinha. Ouviram-se então gritos abafados pelo vergar da verdasca nos vestidos de Margarida:

– Oh pai [190], pela sua saúde! Oh pai [191], pelo amor de Deus!

– Abre, Diogo! Abre!

A verdasca zunia. Sentiram-se cadeiras arrastadas e um arquejar sem soluços, pura expiração de quem luta em inferioridade consentida, numa defensiva cheia de razões e de reservas braçais:

– Não me bata mais! — A verdasca vibrava. — O pai [192] não me toque, pelo amor de Deus! — Mais verdascadas. As cadeiras tornavam [193] a dançar, como se houvesse uma barricada ao fundo dos salões. — Deixe-me, pai [194]! Deixe-me, senhor!

---

[181] «incomodado».
[182] «não teve tempo de responder;»
[183] «com a mão».
[184] «fugido».
[185] «a Maria».
[186] «cheirava a ressalga e a leituga.»
[187] «sem que se tivessem sentido».
[188] «como se dispusesse da mola de um portilhão automático»
[189] «Mas a porta empatou D. Catarina.»
[190] «Pai».
[191] «Pai».
[192] «Pai».
[193] «tornaram»
[194] «Pai».

Capítulo IX

ENCONTROS

Ao entardecer os campos enchiam-se de neblina, o Pico ficava baço e monumental nas águas. Dos lados da estrada da Caldeira sentiu-se uma tropeada, depois pó e um cavaleiro no encalço de uma senhora a galope:

– *Slowly! Let go him alone...*

Os cavalos meteram a trote e puseram-se a par. O de Roberto Clark vinha suado, com um pouco de espuma na barriga e sinal de sangue num ilhal. O de Margarida, enxuto, meteu a passo.

– Ah, não posso mais... O tio desafiou-me e deixou-se ficar para trás! Assim não vale...

– Largaste-te logo... Eu bem te disse: prender e folgar... prender e folgar... E depois, deixaste-o fazer a curva a galope com a mão do outro lado. *That's dangerous!…*

Roberto Clark exprimia-se correntemente em português; só tinha um nada de entonação ingénua, cheia de *ohs,* que tanto divertia a sobrinha; às vezes hesitava um pouco, à procura de certas palavras, fazendo estalar os dedos como quem deixa fugir precisamente a que convinha. Era um rapaz alto, espadaúdo. Vestia um casaco de *sport* e calção encordoado, à Chantilly, um boné escocês enterrado até às sobrancelhas ruivas, debaixo das quais espreitavam dois olhinhos sem cor precisa, como que metidos na água.

– Que bom, galopar! E depois, este não é como a *Jóia*, que apanhou aquele passo escangalhado da *charrette...*

– Quê? A égua de teu pai, o peru?... *Half-bred…* Já lhe disse que tem de vendê-la.

– Ah! Se o tio conseguisse!...

– Com o dobro do dinheiro da *Jóia* arranja-se um bom cavalo. Eu ponho o resto. É o meu presente de anos.

Margarida sorriu; mas mostrou-se reservada, lassou um pouco as rédeas do bridão e compôs o cabelo. Não sabia o que era fazer anos desde a última vez que os passara na Pedra da Burra, nas Vinhas, quando o avô ainda se mexia e teimava em meter-se ao Canal. Em Fevereiro havia muitos dias de mar bravo, as lanchas afocinhavam nas grandes covas de água cavadas pelo vento da Guia. Para tirar o avô das escadinhas eram duas pessoas: o Manuel Bana dentro da lancha a agarrá-lo por um braço, o cobrador nos degraus do cais, de mão estendida, e sempre aquele perigo de escorregar nos limos. Mas teimava;

metia-se no vão da janela do pomar quase entalado pela mesa, estendia o baralho das paciências na coberta de tapete com a garrafa de uísque ao lado, a caixa dos charutos e dos sisos do *whist* aberta. Ficava ali tardes... a ouvir a tesoura de Manuel Bana, que podava defronte.

Nesse ano quisera nas Vinhas todas as famílias amigas lanchas atrás de — lanchas, o portão do pátio aberto para a *charrette* e com argolas para os burros. Tinham jantado na falsa por cima do barracão das canoas, por arrumar mais gente. A última vez que enfeitaram o bolo com rosas de que ela gostasse, as primeiras rosas de trepar do quintal do tio Mateus Dulmo. E camélias fechadas do Pico, como uns copinhos... Vinte velas a arder diante do seu talher!

– Estás velha, hem?...

– Velha, não; mas enfim... o tempo não passa só para quem viajou muito como o tio. Quem me dera!...

– Viajar ou envelhecer?

– Talvez as duas coisas...

Sentiu sede de se abrir toda ao tio, explicar aqueles dois pontos que ele isolara tão bem a rasto de recordação do seu dia de anos no Pico; mas não achou palavras sensatas, ou pelo menos capazes de serem ditas ali de selim a selim, nos campos tão bonitos. As culturas começavam a cobrir-se das primeiras flores singelas; os olhinhos das árvores abotoavam discretamente. O verde-negro dos pastos, o verde dos Açores, quente e húmido, emborralhava-se até longe. Os cavalos seguiam de cabeça comprida, fazendo vibrar de vez em quando as ventas.

...Envelhecer não seria; mas era deixar passar um grande espaço de tempo, como um troço de filme em branco, fechar os olhos ao peso daquela, doçura da volta, tapar os ouvidos como quem teve um mau dia e chora ao meter-se na cama, moída, gasta... Na manhã seguinte acordar, mas passados uns anos, longe do Faial, ou noutro Faial só com o caminho à roda, o Pico em frente... gaivotas... sem ninguém.

O tio tinha dito: «viajar ou envelhecer?» Margarida gastara a resposta naquele silêncio e os olhos nas orelhas do cavalo. A borda do caminho havia umas casas melhores, com um andar corrido sobre lojas e balcões de cantaria. Dinheiro da América. Todos os dias aquela gentinha do monte trocava dólares na Horta e comprava corpos de terra. Pedro falava às vezes em ir para a Califórnia; mas era um doidanas: do que gostava era de selas americanas, navalhas de Betefete, vida de *cow boy.* Um casal de criados lá de casa, a Jesuína e o Garrancho, tinha-lhe mandado o retrato: ela de gola e plumas, ele com um par de botas de bico inchado e uns «alvarozes».

– «Alvarozes?...» — repetiu Roberto, intrigado.

– Uma espécie de fato-macaco, *over all.* É como eles dizem...

– *Yes, I know...*

Roberto então falou no vago projecto de levar Pedro consigo, empregá-lo na City. Não fazia mal que estivesse verde no inglês: metia-o uns tempos só com rapaziada de *cricket* e *camping;* fazia-o gente. Margarida perguntou se as raparigas estrangeiras encontravam emprego em Inglaterra, mas Roberto achava uma pena enterrá-la num escritório. Nos serviços civis, aproveitando-se a guerra, sim. Enfermagem. Separar correspondência nos campos de prisioneiros; reeducar os feridos com estilhaços na cabeça, que perdiam a memória e até o nome... Uma amiga dele, Mary Low, entrara para a Red Cross e levava uma vida cheia, uma vida feliz.

Fazia-se tarde. Os casebres da estrada apareciam melhor com as luzes da ceia; Roberto mostrou-se preocupado com a peste. Margarida desforrou-se do silêncio de há pouco falando-lhe da teimosia do pai em não a deixar fechar-se num casarão de isolamento a tratar dos pestosos, que as enfermeiras mercenárias deixavam morrer à míngua. Dizia aquilo com um caso de segredo que lhe avolumava o peito cingido do casaco à amazona. Os cavalos, respirando no chão a vizinhança da cocheira, avivavam o passo.

– Porque não fazes a vontade à tia Teresa e não vais passar uma temporada a Lisboa? O comandante Saavedra disse-me que esperou por vocês até Outubro. O Diogo dizia que ia pôr o Pedro no colégio e te deixava com eles...

– Coisas sem pés nem cabeça! — disse Margarida. — A lembrança do tio, deixando à mostra o romanesco de projectos em que ele próprio colaborara, gelou-a.

– O pai bem quer fingir que vai tudo às mil maravilhas, coitado! Mas o tio bem sabe... as coisas mudaram muito, do tempo em que o avô tinha tudo na sua mão. Desde que correram com o Januário do escritório. Não falemos em coisas tristes... Já não é a mesma vida...

Roberto seguia calado. Parou o cavalo e acendeu lentamente um cigarro. Impressionava-o aquela gravidade da sobrinha. O seu perfil forte e sem segurança no selim — mas afoito, amadurecido — fazia-o pensar nas suas manhãs de Inglaterra cavalgando com Mary Low nos arredores da aldeola onde se metia a criar forças para o trabalho no banco. Mary era muito mais velha que Margarida, mas tinha um ar mais criança, uma docilidade um pouco arranjada e egoísta. Falar por monossílabos e ter esta gentileza de preferir as mesmas coisas, apetecer-lhe a primeira casa de chá de que ele se lembrasse, e precisamente um cinema de bairro quando ele se sentia com disposições curtas, era bom como um uísque pouco cortado de soda. Mary era bonita, morena; elegante sem nada de caro, com aquela média de vestidos fechados e com roda, que acaba por ser uma maneira distinta de uma mulher se mexer. E Roberto estava ligado a ela por todos os lados do seu gosto, e até pela sede de silêncio e

de acordo, que era o único excesso ou desmando do seu coração. Por isso mesmo, a presença da sobrinha enchia-o; era como um contraste, a amostra de um mundo extenso e difícil que o comovia que houvesse, e a que lhe não desagradava permanecer alheio. Os hábitos dela, a sua desenvoltura, tinham-no conquistado. Havia uma certa ingenuidade na ideia que Margarida fazia de coisas de vida larga. Mas isso mesmo, propor-lhe certas restrições de *toilette,* ter-lhe dado sabonetes *Yardley* como a coisa mais corriqueira do mundo, e ela dispô-los na gaveta do guarda-roupa, uns à de cima, outros mais para o fundo, era tão agradável a Roberto como se o tivesse mandado montar a escrita de um consórcio estrangeiro à moda do Anglo-Spanish Bank.

Chegavam às primeiras casas de Santo Amaro, ainda a passo. Margarida fazia muito empenho naquele passeio; e, agora que a descida a não forçava à brusca atenção do trote, que o tio queria ritmado e de cabeças a par, concertava o vestido, dava palmadas no pescoço escuro do cavalo.

Oxalá que estivessem muitas pessoas à janela, ao chegar à Vista Alegre! Não tinham passado de meio caminho da Caldeira, e Margarida juntava as palavras do tio na volta, o gosto de tornar a ver as hortênsias ainda sem flor e já cheias de seiva. Uma alusão de Roberto à venda dos pastos da Ribeira dos Flamengos pareceu-lhe levar a intenção de tentar salvar a casa. Essa ideia doera a Margarida. Lembrara-se da insinuação que o pai lhe fizera aquela vez ao jantar: servir-se dela e dos seus vinte anos como de um fiador bonacheirão, casá-la com um tio que vinha aí para o livrar de uma rascada. Mas Roberto fora uma surpresa para ela. Ninguém ligava importância às suas opiniões — e ele ouvia-a muito sério, carregando o cachimbo. Era todo pachorreiro e parava-lhe os olhos com a curiosidade de alguém que vê um bicho. Metiam-se pela quinta dentro e passavam horas na grota a desenriçar as silveiras para apanhar «candeias». As florinhas brotavam escondidas, com aquele seu feitio de dedeiras rasgadas, riscadas de branco e preto. Pareciam viuvinhas de capote, à moda do Faial. Roberto, que fizera o milagre de amansar o *Açor* falando-lhe grave e de mão bem aberta, carregava com o forte anel de ónix na sua cabeçorra quadrada, entalava duas ou três candeias numa côdea. O cão abria as beiçanas, tragava o taçalho de rolão e, sacudindo as orelhas, cuspia as flores trituradas, cheias de baba. Depois corria e esfregava-se. Eram horas de ir conversar um bocado para a sala de jantar com a família. Roberto vestia o sobretudo e tomava a *charrette* para ir dormir ao Granel.

Passaram a Vista Alegre já de noite fechada. Um oficial tirou respeitosamente o boné. João Garcia! Margarida encostou instintivamente os calcanhares ao cavalo; mas Roberto parara, o recuo obrigou João Garcia a dar uma volta de largo: estendeu-lhe a mão.

– Não precisam de apresentação, já sei... — disse Roberto. — Quando aparece pelo clube?

– A noite vou sempre. Estes dias de chegada é que são mais tomados...

– Mas já o tenho visto para os lados do Pasteleiro. Continua os bons hábitos de bordo; metade do tempo sozinho...

– O Pasteleiro é «a volta dos tristes» do Faial... Bastam uns meses longe para a gente ter saudades disto. Sempre que chego gosto de ir ver se o Pico ainda está no seu lugar...

– E o Luís da Rosa? Só lhe falei uma vez, a bordo.

– Anda a ensaiar o grupo dramático do Simaglia.

– E verdade, Margarida! Esquecemos o Simaglia na revista que passámos à rapaziada do meu tempo. Ele ainda toca flauta? Meteu-me o vício do violino; há mais de vinte anos! Sentes-te arripiada?...

– Não, tio. Mas os cavalos vêm suados; o doutor João Garcia está aí numa má posição, com a luz dessa lâmpada nos olhos...

O cavalo de Margarida descreveu lentamente uma volta na calçada e os olhares de ambos encontraram-se ao mesmo tempo que as mãos.

– (Ao menos amanhã... No muro...!)

– *Good bye!*

Quando João Garcia sentiu os próprios passos na calçada já não havia sinal de cavaleiros na rua. Umas mulherzinhas que estavam enchendo os potes no chafariz mediram-no de alto a baixo com uma curiosidade escarninha. João Garcia puxava nervosamente pelo cigarro, de capa traçada.

Acima do bebedoiro luzia uma espiralzinha alaranjada e hesitante no meio de uma teia de aranha: era a primeira lâmpada da rede, num grampo. A água subia escura até aos varões de ferro que serviam de apoio aos potes; a grossa bica de chumbo gorgolava no silêncio. Uma rabada de vaca sumiu-se no negrume da canada.

João Garcia marchava sem destino. Havia um atalho cortado numa barreira; a mão do *stick*, livre do cigarro, pediu-lhe que fazer. Enfiou por ali, chicoteando metodicamente as pontas dos arbustos. Certamente amanhã ela aparecia. Os olhos de Margarida conservavam um brilho fiel, acima daquela crueldade de lhe falar da luz na cara, daquele zelo aristocrático pela transpiração dos cavalos. Ao apertar-lhe a mão sentira-lhe a luva justa. O trote da despedida, desligado do verdadeiro e progressivo afastamento das montadas, ainda batia o pensamento vagabundo de João Garcia, como se fosse o seu sangue circulando a distância. Os despontos das madressilvas voavam na arça do *stick*.

Deixou bruscamente o atalho, cortou outra vez ao chafariz, hesitou entre descer à cidade e ir à Lomba. Mas acabou por dar a volta ao muro do Relógio e estacou. Num banco do jardim e metade da sombra - um

soldado e um vulto à paisana. Só então percebeu que do lado de lá do Relógio estavam outros dois vultos emboscados nas árvores. Em baixo, o paisano parecia entreter o magala com uma história estranha, ao ouvido. Esquisito...!

Arredou-se rapidamente e, aproveitando o escuro contra a torre, num instante se pôs na estrada. Mas aquilo intrigava-o. A ansiedade daqueles dias, a ideia fixa na estrada do Pasteleiro e o contínuo ir e vir pela Rua do Mar e pelas travessas da cidade fizeram-no esquecer-se de que estivera de ronda, na véspera. Palpou os bolsos à procura de lápis, pensou em chamar os soldados, tossiu. De repente, porém, ouviu tocar ao recolher para os lados do quartel e pensou: com que direito iria interpelar os rapazes, ali num passeio público, talvez com licença de pernoitar fora?

Mas as suas suspeitas eram mais fortes que o bom senso. Deixou passar uns minutos e desceu a rampa do Relógio, pé ante pé. O soldado esgueirava-se, e João Garcia viu outro magala passar-lhe como um relâmpago rente às abas da jaca, chutando um chapéu de coco. Deu de cara com Angelo, descomposto, a popa do cabelo ao vento, um grande palpo roxo acima de um olho esbogalhado.

– O tio!

– Vai-te, João! Não é nada... Eu vou pelo meu pé. Não foi nada... Mas João Garcia passou-lhe caridosamente um braço e, através do largo e das ruas felizmente quase desertas, conseguiu metê-lo no seu quarto, em baixo, encostando o portão.

– Valha-o Deus!...

Angelo estava estirado na cama, vestido e sem gravata, com sulcos roxos na cara até ao beiço babado, uma respiração aflita.

– Olha elas lá em cima não nos sintam, João! Teu tio é um desgraçado...

Capítulo XXXVII

EPÍLOGO

(ANDANTE; POÌ ALLEGRO, NON TROPPO)

I

O Verão, nas ilhas, não vem com este calor seco e vibrado que no continente péla os campos e cobre as cidades de um halo dourado de canícula. Em Lisboa, as cervejarias enchem-se de uma multidão burocrática e postiçamente feliz nos tormentos que lhe traz a teimosia da lã, e que só um ou outro casaco alvadio atenua com ar de *clown* metido em procissão de penitência. Mas em vão o Serviço Meteorológico dos Açores, orgulhoso do seu comando europeu de anticiclones e de alísios, telegrafa aos guardiães do teórico turismo insular as médias aritméticas de uma temperatura de encomenda. Não se pode escrever dos Açores (apetece dizer, à moda de Camilo — Como *os leitores viram pelos precedentes capítulos*); não se pode escrever dos Açores, como no BAEDECKER da Madeira: *clima marítimo temperado, benigno de Inverno, suave e fresco no Verão.* Jamais alguém viu um inglês vestido de branco em Dezembro nas ruas pacatas da Horta, ou tomar sorvetes num hotel de Ponta Delgada ou das Furnas, como já tem acontecido no Monte, no Funchal, na noite de Ano Bom, enquanto as sereias dos paquetes urram aos novos doze meses e os cachos de fogo-de-artifício transfiguram um céu de Cítera.

(Olá, Veloso amigo! Aquele outeiro
É melhor de descer que de subir?)

Um céu de algodão sujo tolda o arquipélago das nove ilhas; o «mormaço» apaga os contornos do mar e da terra, e, amolecendo os pastos à custa da pele do proprietário e do pastor, dilui e arrasta as vontades, dá a homens e a coisas uma doença quase de alma, a que os ingleses, médicos do bem-estar, puseram uma etiqueta como quem descobre uma planta nova neste mundo seco e velho: *azorean torpor.*

……

II

Era noite fechada quando Margarida, tendo mudado de *toilette,* subiu do camarote para vir tomar ar ao convés. O *San Miguel*, para fazer as oitenta milhas que separavam Angra de Ponta Delgada com economia de carvão, levantava ferro cedo. Lia-se a giz na ardósia colocada em frente ao portaló: *SAÍDA — 10 h. P. M.* E Margarida, com um casaquinho de malha e o cabelo enrolado na nuca sob uma boina de viagem, deu uma volta ao convés. O vapor cortava as comunicações com terra; os últimos mirones, ao terceiro sinal da campainha, tinham descido aos gasolinas atracados junto da baba de mar que batia preguiçosa no costado. Um marinheiro velhote e curtido de cara pediu a Margarida o favor de se afastar para facilitar a manobra de içar a escada de portaló. André, que subira depois de Margarida e vagueava um pouco com ela entre os grupos da tolda, encostou-se à cadeira de viagem da mãe, armada num recanto; e, como a baronesa começasse a sentir-se enjoada, desarticulou a cadeira, deu-lhe o braço e conduziu-a solicitamente ao camarote. O barão já estava deitado e esgalhava umas passas. E, como a *consigne* que proibia o acesso dos passageiros ao *deck* superior do navio fora gentilmente revogada para a família do barão da Urzelina, Van Dam e Clarinha tinham subido à casa da navegação e conversavam com o comandante Vasconcelos, debruçado na varanda do *deck* com a sua eterna boquilha e a sua bela barba de capitão de Conrad.

Cá em baixo, a amurada estava cheia de passageiros que acenavam aos seus, apinhados nas lanchas. Um lenço ou outro enxugava uma lágrima; e Margarida, encostando-se à varanda de meia nau que dava sobre o porão, viu uma mulherzinha pobremente vestida, à ilharga de um rapaz escanzelado que parecia dorido dos pés, pegar numa criança ao colo, apontar-lhe um velhote de pé num gasolina que começava a afastar-se:

– Beija a mãizinha ò avô! Nã no vês?! Ali... ali!...

O foco de bombordo dava quase de chapa na cara molhada do velho, que puxara de um lenço e dizia adeus em silêncio. Eram talvez pai e filha... Mais um casal ilhéu que iria tentar fortuna. O *Canopic,* da White Star Line, fazia escala por Ponta Delgada dali a oito dias, directo a Providente R. I. Margarida. fez outra vez a ronda do convés e, dando de cara com Damião Serpa, que se preparava para descer ao seu camarote de 2ª, não pôde conter uma exclamação de alegria:

– Você, por aqui!? Como é que viajámos juntos desde as Velas e só agora o vejo?!

Damião explicou que não se levantara do beliche senão para ir à tourada, e quase à última hora. Era aquela maçada do enjoo... uma coisa que até o envergonhava!

– Não diga isso, Damião! Um *sportman...* um ilhéu!...

– Pois é verdade...

– E, então, até Lisboa...?

– Não. Fico em São Miguel à espera do *Canopic*.

– Sério?! Volta então para a América?... Assim se deixa a nossa Horta... aquela linha de *backs* do Faial Sport Club de que você era a alma nas tardes do Relvão da Doca... !

Damião Serpa declarou que não ia para a América por capricho. A Sociedade de Metafísica tomara grande incremento; montara um escritório importante num arranha-céus de Chicago.

– Compreendo... Compreendo... Os espíritos podem mais do que uma pobre rapariga delicada e fiel...

– Quem? A Daisy!?

– Pois quem havia de ser?! ...

– Isso foi uma brincadeira... Isto é: um simples *flirt*... (entenda-se o que quero dizer). Aguas passadas. A Daisy de quem gostava era de seu tio Roberto. O seu tio Roberto falava muito mais àquela alminha de bife... Agora parece uma viuvinha!

Margarida pôs-se de repente grave e mudou de conversa:

– Vai então por muito tempo?

– Talvez para sempre... Sabe-se lá!... Mas não julgue que o espiritismo me deu volta ao miolo. Não! O que eu sou é teósofo; ou, para melhor dizer, um metapsicotécnico... um metapsiquista em geral. E aquilo agora convém-me. Sim... Além dá minha dedicação aos fins da Sociedade (que isso é à parte), sempre são uns oitenta dólares por mês...

«E você, Margarida? Desculpe... Ainda lhe não tinha dado os parabéns depois que casou. É verdade que também ainda a não tinha visto... Há mais de três meses que o Himeneu a roubou à nossa Horta! Como vê, não sou eu que sou mau filho... Mas o seu caso é outra coisa. Aquilo, sem você, nem parece o que era. Ficou tudo murcho... sem graça...

— Margarida sorriu, fitando a biqueira do sapato nas tabuinhas do *deck*.

— Palavra que sim... Até o Pico parece carrancudo. Nem sequer apetece atravessar o Canal para um piquenique nas Vinhas! O último foi o que o Luís Witton da Terra deu na quinta da Areia Larga. Imagine que o vinho estava azedo! O rapaz não sabia (está claro!). Todos de cálice na mão, provando, olhando uns para os outros, e sem terem coragem de dizer ao rapaz que o vinho estava azedo! Só quando ele levou o seu cálice à boca e fez uma careta é que descobriu a coisa: «Mas este vinho está azedo!» Rebentou uma gargalhada. Então o Luís Witton mandou abrir mais garrafas e tudo correu menos mal. Um vinho de estrela e beta, o autêntico «pico» da Criação Velha... daquele que seu pai nos dava na Pedra da Burra! Vê?... Depois que você renegou a Horta, até o vinho azeda! Mas, fora isso, os meus sinceros parabéns!

– Obrigada...

– O André é realmente uma jóia e os velhotes parecem simpáticos. Pais à moda antiga... à moda de São Jorge... que não largam os seus meninos, nem na lua-de-mel... Se não sou indiscreto, vão até ao estrangeiro? Por muito tempo?

– Lua-de-mel, não. Bem vê... Estou casada há três meses. Se isto das luas da vida se regulasse pelas luas da folhinha, a do meu casamento já tinha tempo de sobra para ir no quarto minguante... E na terceira volta!

– Conhece aquele velho ditado: *Luar de Janeiro vale um carneiro, mas o de Agosto dá-lhe de rosto... ?*

– Sim. Você tem razão; o André é uma jóia. Damo-nos muito bem. Parecendo que não, três meses chegam e crescem para um casal ver se se podem adaptar um ao outro. Além de que já o conhecia há mais de um ano, em condições de poder escolher com cabeça. Na vida de todos os dias a questão é só essa... não acha? Haja ou não haja amor (digo, este sentimento que faz as «paixões assolapadas» e em que a gente acredita quando somos tolas... soltas e libertas...), a questão é diferente. O que tem importância é o amor de casados. Não sei... Mas é qualquer coisa de parecido com o que tenho conhecido de puro e sério no mundo: amor de filha, amor de amiga... o amor à nossa terra... Não... não! Esse é talvez à parte; mais parecido com o outro... um pouco mais exigente... mas por isso mesmo também sujeito às suas loucuras e ao capricho da sorte, que me levou, por exemplo, da Pedra da Burra a uma furna de pombos de São Jorge, atrás de um cachalote... O amor de casados, esse é que está ao abrigo dessas situações de *Rocambole.*

– Olhe que nem sempre, Margarida...

– Está!... Para quem se preza e já não tem ilusões, é a grande âncora. Com o hábito e um forte sentimento como o que sinto pelo André, ser uma mulher casada é ser como um daqueles veleiros que se deixavam apodrecer meses e meses na Horta, amarrados a uma bóia da Doca; ou, se quisermos puxar as comparações ao trágico: como um morto que encontra a paz e a luz perpétua numa sepultura que os seus compraram e que trazem asseadinha... Isto, é claro, para discutir o caso independentemente de haver ou não entre casados o tal amor de vida e de morte, em que os rapazes e as raparigas tolas acreditam. Que esse é por natureza uma coisa que só diz respeito a cada um, e que por isso não vem para o caso. Mesmo porque não dura muito... É como álcool aceso numa mecha de estopa... Arde muito e depressa.

Damião Serpa, um pouco afastado de Margarida envolta no seu monólogo como no fumo que sobe da terra em certas manhãs imponderáveis, ia para dizer qualquer coisa, uma destas frases de respeito e de sonho que morrem para cá das palavras. Mas disse só:

– Vão então passear por muito tempo?

– Sim. Meu sogro vai fazer uma cura a Caldelas enquanto eu mato saudades de minha irmã Cecília, que estava no colégio e voltou para casa dos tios. Conhece? O tio Saavedra, que foi promovido a capitão-de-fragata e agora está chefe de gabinete do ministro da Marinha e por isso não sai de Lisboa. Que ele prefere andar embarcado. É cá parecido comigo: gosta muito do mar... — Chegando-se à borda, e espalmando as mãos no varandim como quem se eleva de espaldar, Margarida trauteou:

Ó mar largo, ó mar largo,
Ó mar largo sem ter fundo…

– E, saindo da sua vaga abstracção, como quem dá volta ao interruptor numa sala às escuras: — Depois vamos a Roma; e, enquanto deixamos meus sogros uma temporada em Lurdes, que a senhora baronesa adora, vou com meu marido e a cunhada dar uma volta pela Europa. Paris, Bruxelas, Amesterdão... talvez Varsóvia...

– E Londres?

– Londres não! — disse Margarida vivamente. — A Inglaterra, por ora, não. Preferimos a Holanda. O Van Dam morria se não nos mostrasse os canais e os moinhos um por um... E, como é de perto de Delft, arranja-nos pensão em boas condições.

– Feliz André!... Ainda o não vi depois dos toiros. Ele onde estará?

– Não sei... Talvez no camarote da mãe, que enjoa um pouco; ou com o doutor Diogo, com o médico de bordo, à conversa.

Damião Serpa, sentindo quebrar em si aquela espécie de êxtase que o tornava grave e imóvel, desconhecido de si próprio, gracejou:

– Você, Margarida, pelos vistos, não mudou nada do que era... Deixa lá o marido entregue às delícias da família e fica cá por cima a espairecer... Pois então! Assim é que eu gosto. E ver que o André se porta como um marido moderno ainda me faz sentir mais estima por ele. Também... Só assim se compreende que ele fosse capaz de conquistar a rapariga mais desembaraçada e difícil de contentar da nossa terra...

– Acha?...

– Irra... ! Até parecia que tinha encontrado algum príncipe encantado no caminho e que se metia a freira!...

– Você tem cada ideia!...

– Sobretudo desde que seu tio Roberto chegou. Dizia-se que ele tinha arranjado um lugar de regente numa clínica de Londres. As raparigas da Horta estavam-lhe com uma inveja! Mas já vejo que lhe custa ouvir falar em seu tio... Desculpe. Não me lembrei que era abrir uma ferida... um desgosto recente. Foi uma pena! O Roberto, apesar de ter estado tão pouco tempo no Faial, deixou saudades em toda a gente. A sua vinda às ilhas foi como uma daquelas visitas de príncipes polacos que às vezes rebentam por aí e que

conquistam todos com a sua simplicidade e a sua barba anelada. Seu tio ainda era mais popular do que o príncipe de Mónaco; sempre metido com baleeiros e caçadores de pombo bravo... perdido nessas furnas... O Roberto, sim! Esse é que era um verdadeiro príncipe encantado... E bem encantado ficou!... — Damião calou-se. Debruçaram-se ambos na borda. O *San Miguel*, levemente balançado de popa à proa, cortava rente a estibordo um refegozinho de espuma, Saía de um bueiro do costado o jorro das águas da cozinha. Damião voltou as costas à amurada: — E você não quer que eu diga que aquela Horta é um deserto... um cemitério! Sem você... sem seu tio... — E, numa reviravolta, com bizarria pueril: — E, já agora, sem mim... vamos!, que não sou mau rapaz...

Margarida abriu-se num sorriso franco e quente, que lhe enchia a fieira dos dentes e quase apagava aquele vago mistério sempre latente nos seus olhos. Damião Serpa, quase comovido, parecia analisá-la ou preparar um instantâneo:

– Você hoje é uma senhora casada... talvez eu não devesse atrever-me a dizer-lhe estas coisas... Mas somos velhos amigos; tenho cá certos direitos... do tempo em que brincávamos juntos no Relvão (lembra-se?... à guerra dos anões e dos gigantes; você e as Lemos eram *gigantas*... eu e o João Garcia éramos os anões... Páh!... E rachou-me a cabeça com uma pedra! ...) .

– Ainda estou a ver o sangue em tornos pela sua testa abaixo! — disse Margarida, reproduzindo o esgar aflito que fizera aos dez anos. — O susto que eu passei! Fui sempre assim, como tola... fazendo tudo a valer!...

– Era levada da breca!... — E, retomando o fio da sua habilitação à franqueza: — Estas amizades de criança dão-nos certos direitos... São as que duram mais... as únicas que a vida não suja! E, depois de eu vir da América (as voltas que o mundo dá!), quando a encontrávamos às vezes na Rua do Mar... eu, o Espínola e o João Garcia:... Cocó, Reineta e Facada, como diziam na Yankee House... Mas a verdade é que você está cada vez mais bonita!... E então agora que casou... (é natural... não se deixa assim a vida de solteira sem uma grande transformação...), com esse ar... (como é que hei-de dizer? ...) mais amadurecido... mais assentado... Parece uma daquelas nossas aparições de Boston... parece a Grete Spiel, a noiva do Ximenes.

– Que horror! — exclamou Margarida, rindo e fazendo-se pálida. — Comparar-me a uma alma do outro mundo!...

– É que você às vezes nem parece ser deste mundo...

Margarida tornara-se natural e grave, como uma planta que recebe um raio de sol que rompe a nuvem e outra num instante apaga:

– Talvez mesmo não seja... Deixemos isso! E lá a ginástica do clube? O tenente Espínola...?

– Capitão! Capitão! ...

– Já promovido?... Não sabia.

– Olhe: estreou os três galões no casamento do João Garcia, há coisa de oito dias. Foi o padrinho.

Margarida fez quase sem esforço o gesto de olhos e testa que as pessoas que ouvem notícias acumuladas fazem:

– Ah!... Sempre casou com a filha do Honório? a Lau...ra... Esquece-me o apelido do pai... um apelido tão conhecido!, que foi o do fundador da nossa cidade, o nosso Ulisses... Jos van Huertere. (Que eu agora sou talvez o único faialense que o pronuncia bem: *Hêêêrtere... Hêêêrtere...)* Sabe que comecei a aprender o holandês? Com o mestre de engenho de meu sogro, o Van Dam. O holandês faz pouca diferença do flamengo, a língua dos nossos maiores. Pois não é verdade que é uma vergonha sermos de uma cidade que tem um nome flamengo... banhada pela Ribeira dos Flamengos... com dez por cento de apelidos flamengos na sua população... e não haver uma alma cristã do Faial que saiba uma palavra de flamengo?! — Damião Serpa, de braços cruzados, deixava escoar aquela torrente sábia com um sentimento misto de quem admira e está sendo mistificado. Estarrecido, nem lhe apetecera acudir à real ou fingida amnésia de Margarida dizendo o apelido do Honório. — Eu, não é por usar um apelido flamengo (e, mais, o capitão Fernão van Hulm não era um anónimo...); mas tenho cá esta mania das coisas antigas... das velharias... Além disso, há certas razões de família um pouco mais recentes... Um primo direito de minha avó Margarida Terra, Francisco Bruyn (outro apelido estranho!...), está sepultado na Flandres, no cemitério de Oogenbom. Parece que se queriam bem um ao outro como se fossem irmãos... E eu, não tendo quem me ensine o flamengo, aprendo o holandês, que é quase a mesma coisa. Quer uma amostra? É uma legenda de uma gravura de Angra, do século XVI, do tempo do pastel. Os barcos laranjeiros, que deram aos Clarks a pequena fortuna que ardeu, vieram depois das naus que carregavam o pastel e a urze dos tintureiros... *Glastu* e *persea azorica...* tudo drogas!... (Estou uma rata sábia... não é? Nalguma coisa a gente se há-de entreter, e eu tomei lições de Zoologia e Botânica com o Pretextato do Posto, para matar o tempo... aquela chumbada medonha dos meus últimos meses de Horta!) A tal planta de Angra é de um holandês, Lischoten... Jan Huygen van Lischoten. E a gravura é grande e bonita... deste tamanho. É de um tal Baptista van Doetechum... — Damião Serpa continuava de braços cruzados, com uma gomazinha irónica nos seus olhos de moreno carregado. Margarida como que largou um fósforo ao riso que lhe pairava nos lábios, rindo também da sua própria telha. — Mas quer ou não quer que eu lhe diga a legenda?... Decorei-a para me habituar à pronúncia do holandês. O Van Dam, que não lê quase nada, só tinha umas revistas holandesas de queijos e de manteigas. *Affbeelding vande*

Stat Angra, met het Slot op het Eylant Tercera, welcke alle de Eylanden onderworpen zyn, diemen Azores oste de Vlaemsche Eylanden noemt...

– Pare lá com isso!... Tenha dó da gente! — disse Damião estendendo graciosamente o braço como quem queria tapar a boca a Margarida. — Você está hoje com uma bolha admirável!

– Mas reparou?... reparou? Quem sabe tão bem o inglês como você e esteve em contacto com alemães... a Grete Spiel... a tal alma do outro mundo como quem me acha parecida, entende bem: *diemen Azores oste de Vlaemsche Eylanden noemt*...: «dos Açores, a que chamam também Ilhas Flamengas...» Ilhas de Jos van Huertere... De «Huertere» é que veio Horta, Ultra, Utra e Dutra. É verdade!: Laura Dutra... é como a do Honório se chama. Que cabeça a minha! Mas então, sempre casaram?

Pois casaram... casaram.

– A mim disseram-me que tinham acabado o namoro. Noticias de há mais de três meses... Mas não se admire. Eu nunca andei muito a par dos mexericos da Horta. E cada vez ando menos...

Damião Serpa tomou coragem e disse:

– Isto é um mundo de enganos e desencontros, Margarida... O João Garcia afinal só gostou de uma mulher, que foi de si.

Margarida, aproveitando a passagem de um criado que levava uma garrafa de água mineral e um copo numa bandeja, chamou-o:

– Viu alguém meu por aí? O senhor barão ou o senhor André Barreto...?

– O senhor barão está já recolhido; mas, se V. Ex.ª quer, chamo o senhor barão filho. Vi-o há bocado com a senhora dona Clara, no salão.

– Deixe lá... deixe lá! Eu tenho que ir ao camarote. — E, para Damião Serpa, com um sorriso cheio de uma simpatia que parecia somar e seguir: — Então até amanhã, que ainda nos havemos de ver... E creia que tive um grande prazer em encontrá-lo, Damião.

– Ora essa!... O prazer foi todo meu.

Enquanto Damião Serpa atravessava a passarela, direito à 2ª classe, Margarida desceu ao camarote; e, não encontrando André, espreitou à porta do camarote dos sogros. O barão e a baronesa dormitavam, e Margarida cerrou cautelosamente o reposteiro. Clarinha, que viajava só num camarote com uma senhora de Angra, disse-lhe que André estava para a cabina do médico, com o Dr. Diogo e o comissário. O Sr. Gil de Arruda gostava muito de histórias, e André contava-lhe as suas peripécias de caçador. Clarinha deixara-os às voltas com um mapa de bordo que o imediato fora buscar à casa da navegação; André riscava a dedo os seus itinerários aos pombos nas rochas da costa de São Jorge e ia dizendo os nomes que não vinham na carta inglesa. Contara até aquele caso da escalada do Zimbreiro, na Praia do Almoxarife, em que ia

matando João Garcia, oculto por um penedo... Em apanhando bons ouvintes, André tinha corda para horas...

Margarida, quase descoroçoada, subiu as escadas da câmara e dirigiu-se ao *deck* de popa, fazendo girar a boinazinha na mão. A 1.ª classe do *San Miguel* ficava à ré do navio, que, primitivamente traçado para maior tonelagem, fora encurtado à última hora, ficando com aquele ar atarracado e pesadão que o fazia pouco estável. De quinze em quinze dias, estas frases invariáveis precediam e seguiam a rota do paquete ao longo dos portos das ilhas: «Oxalá que Fulano ou Fulana façam boa viagem! O *San Miguel* balança muito. O *Funchal*, apesar de mais pequeno, aguenta-se mais com mar...» Ou estas: «Quer alguma coisa para Lisboa? Embarco amanhã. Em 2.ª classe, pois claro!... Os beliches da 1ª estremecem muito, por causa das hélices... O *San Miguel* parece um berço, com mau tempo... ».

Carregado de luzes, o vapor já deslizava longe. Margarida deu a volta por fora da câmara do salão, cujas vidraças foscas, de raminhos abertos como a dedo na portinhola de um cupé embaciado da chuva, davam sobre os bancos de réguas como num jardim deserto. Espreitando para dentro, surpreendeu um parzinho ao canto de um sofá. Ela era magra e pálida, de blusa encarnada e saia preta; ele, forte e trigueiro, de cabelo apartado ao meio, passava-lhe o braço à cintura. Uma rapariga feia e de caracóis caídos estava sentada ao piano. As notas de uma valsa perdiam-se no ruído abafado e tremido das hélices. O rapaz pôs-se de pé; e, meio derreado, com as mãos nas mãos da rapariga, como se fizessem corropio, acabou por arrastá-la preguiçosamente na valsa, em voltas retidas e logo fogosamente dobadas, para as ralentar outra vez, de olhos pregados no tecto, como quem medita ou reza. Margarida retirou a cabeça dos vidros e debruçou-se na amurada.

A medida que o vapor se afastava, a cidade, feia ao perto e de casario tapado por Canta-Galo, a Misericórdia e a Rocha, desenhara na rede das luzes o seu corpo de sereia estirada. A bombordo perfilavam-se os vultos escalvados e negros dos ilhéus das Cabras, como uma baleia seguida do seu baleote inviável. A estibordo, fechado de pinheiros e muralhas, o negrume do Monte Brasil.

Margarida deixou-se vaguear naquele recanto do convés. Um velho atlético, de barretinho de seda, dormia de boca aberta numa cadeira de lona, com os óculos na manta de viagem. Ao fundo, aproveitando o foco dos mostradores dos manípulos de manobra e a tampa especada da grande clarabóia que arejava a sala de jantar, um rapaz fino e triste, vestido pobremente, encarniçava-se sobre um lápis e um bocado de papel, contando pelos dedos. Talvez um caixeiro-viajante... Talvez um poeta... Para caixeiro-viajante era melancólico de mais... Os caixeiros de amostras

usavam uns bigodes floridos e fatos espampanantes. Ele tinha um buçozinho sem guias e as calças por vincar.

O encarregado da 1.ª passou com um saca-rolhas na mão. Falava um pouco à moda de São Miguel:

– O senhor é passageiro de primeira?!

O rapaz levantou-se:

– Não, senhor... Estava aqui a fazer horas para me meter no beliche. Era só enquanto se avistava a Terceira...

– Pois faz favor de ir lá para a sua classe! Os passageiros de segunda e terceira só têm carta branca para passearem por aqui enquanto o navio está fundeado.

– Desculpe...

Margarida, percebendo, pelos jeitos, que o rapaz era tímido, e para significar ao criado a sua desaprovação, arriscou sorridente uma palavra:

– Desculpe... mas o senhor vai para a América?

– Vou para Coimbra. Estou no segundo ano de Direito. Como deixei ficar cadeiras para Outubro, vou mais cedo...

– Estes criados do *San Miguel* dão-se muita importância. — O estudante olhava muito preocupado para o topo da escada por onde se sumira o encarregado. — Não faça caso! Agora é como se fosse uma visita minha; estamos aqui a conversar... Se não sou metediça, estava a fazer versos?... É da Terceira?

– Sou das Fontinhas. Estive no Seminário a estudar à custa do senhor marquês da Praia e Monforte; mas, como me faltou a vocação, quis sair...

– Fez muito bem! Foi um procedimento leal, da sua parte. E (perdoe, se sou indiscreta...) como conseguiu ir para Coimbra? Naturalmente seus pais são pobres...

– São lavradores. Quando saí do Seminário tive de me agarrar à aguilhada... E, sabe?... — disse o rapaz, com um sorriso entre desvanecido e triste de quem já conhece o valor de certos ridículos aparentes: — Tocava saxofone-soprano na filarmónica da freguesia... Fazia escola dá noite para ganhar alguma coisa e poder comprar alguns livros...

– E agora... : estudante de Coimbra e poeta...

– Coisas da vida... O senhor Sobrinho da Praia, sabendo que eu tinha pena de não continuar os estudos, afiançou-se por mim. Meu pai hipotecou a casa e cinco alqueires de terra. Quero ver se me formo daqui a três anos.

– Tenciona advogar?

– Talvez não. Cônsul... cônsul é que eu gostava de ser!

– Para zelar os interesses dos nossos patrícios na América...? Cônsul em Bastão [1] ou Betefere... [2] como eles dizem.

---

[1] Boston.

– Gostava mais de uma terra qualquer mais perto... Em França ou na Inglaterra.

– Então na Holanda, por exemplo... Sabe que vou para Delft?...

– Ah... Delft!...

– Sim. Entre Roterdão e a Haia. Meu sogro teve lá em São Jorge um holandês a dirigir a fábrica dos queijos. É o barão da Urzelina; há-de ter ouvido falar... Mas eu sou do Faial... Margarida Dulmo.

– Muita honra em conhecê-la... — disse o estudante, inclinando-se. –Tem graça!... O seu apelido é o mesmo de um navegador que se diz que descobriu uma ilha ao norte da Terceira, o capitão Fernão Dulmo... Li isso nos *Anais* de Drumond.

– Sim... Parece que sou sua tataraneta. Somos todos filhos de Adão... não é verdade?

– O rapaz sorriu também. No acanhamento do seu casaquinho mal talhado, parecia desabrochar. A cabeça do encarregado tornou a assomar ao alto da escada; e, deitando um olhar ressentido àquele falso idílio armado por Margarida para o desprestigiar, o homem demorou a passada com que entrou no salão já silencioso e deserto. Margarida, cada vez mais interessada pelo estudante das Fontinhas, insistiu:

– Mas... seja franco! É poeta? — E, fitando a ponta do papel que o rapaz, na precipitação, não escondera bem no bolso, acrescentou: — Então não me acha digna de receber essa pequena confidência? ... Somos ambos ilhéus... Estamos aqui sozinhos, longe dos nossos... Leia, que ninguém ouve!

O rapaz, quase trémulo, fitou Margarida desconfiado. Depois, puxando do papelinho, chegaram-se ambos para a luz, e ele leu:

Também eu!, também eu velo a noite no porto
Tão azul, apesar da escuridão perfeita...

A voz do rapaz estava um pouco embargada; a sua mão, de repente afoita, roçava quase pelo cabelo de Margarida num gesto de pregador. Mas aquela escrita lírica tornava-se miudinha e torturada. Eram quase uns rabiscos indecifráveis ao próprio autor. Margarida, meio sobressaltada com a sua atrevida atitude e respeitando o segredo que parecia querer fechar-se naquelas palavras riscadas, disse assim:

– Que bonito que isso é! A minha opinião não vale nada, mas creia que acho esses seus versos lindos... Fez muito bem em sair do Seminário. Mas deixe lá... Em poesia, está bem que a gente tenha medo de que os outros se esqueçam de nós. É uma liberdade poética... Na vida... ?...

Margarida fez-se pálida; e, enchendo-se daquele minuto que parecia um presente dos deuses, uma trégua inefável no seu natural

---

[2] New-Bedford.

destino, ia a jogar o todo pelo todo, abrir-se àquele rapaz tímido e escorraçado por um criado de câmara para a sua verdadeira classe, quando o primeiro verso do poemazinho de bordo lhe acudiu todo inteiro, permitindo-lhe assim que recuasse a tempo:

– *Também eu!, também eu velo a noite no porto...* E dê-me licença, que são horas de ir até ao camarote. Amanhã tenho de me levantar muito cedo para aproveitarmos o dia nas Sete Cidades e nas Furnas... Boa noite!, senhor...? Já agora, diz-me também o seu nome...

– João Cardoso Pragana.

– ...Senhor João Pragana.

Margarida, pensando naquele nome de palha de trigo, estupendo para um poeta, entrou no salão, a dar tempo a que os passos do rapaz se perdessem para os lados do rancho de proa. Não lhe apetecia descer; sentia que não ia ter sono. O salãozinho estava perfeitamente deserto, amodorrado nos seus mognos e nos seus estofos castanhos. Junto do piano, ao canto do sofá -um lencinho de rendas perdido. E, como entrara ali fingindo ao rapaz que se retirava ao camarote, Margarida lembrou-se do tempo em que jogava às escondidas com Maria da Paz e as Lemos nos salões abandonados do Granel, ou com elas e a garotada da Horta nos blocos esverdeados e desaderidos da Doca, como Damião Serpa recordava.

O San Miguel agora balouçava um bocado, e o movimento das hélices fazia estremecer os vidros das janelas do salão, que abriam e fechavam em guilhotina, com um tirante de passadeira como os do cupé do barão. Disponível e abstracta, possuída de uma espécie de furor ambulatório que lhe não pedia motivo nem destino para exercer-se, Margarida saiu outra vez do salão; e só ao sacudir o cabelo e ao levar a mão à nuca pensou que se afastava dali para ir tomar ar. Dirigiu-se à varanda que fechava *o deck* à popa, e, com os cotovelos no peitoril, entregou-se à impressão de se deixar levar pelo navio, dissociado de si e seguido de uma esteira branca que morria lá longe, contra a terra deixada. Na linha do horizonte, Angra ficara pouco a pouco reduzida a uma fiada de luzes rasas, que mal se via. A meio do avarandado, por trás dos inúteis volantes do leme, prendeu-lhe a atenção um mostradorzinho metálico e giratório, preso a uma corda tensa e oblíqua à superfície do mar. Era o conta-milhas. A agulha marcava apenas por enquanto uns cinco ou seis mil metros; e Margarida, sem nenhum pensamento preciso, pegou maquinalmente na corda. Aquele seu gesto parecia travar a torção da barquinha que, por um sábio mecanismo, pulsando lá muito ao longe, tirava às águas revoltas o segredo da distância. Mas, largando-se a corda, o calmo corropio de há pouco recobrava o seu ritmo estrangulado. Depois, progressivamente, acalmava-se, e *o San Miguel* parecia só então retomar a sua rota de peixe que se desloca procurando por instinto a densidade e o calor das águas que lhe convêm. Repetindo aquela

experiência, Margarida foi naturalmente levada a olhar para a sua própria mão, que parecia entretida com um boneco de corda ou a corrigir um rumo. E viu o seu querido anel, a serpente de ouro e esmeraldas que herdara directamente da avó Margarida Terra, sem chegar a passar pelo dedo da mãe. Perdera há muitos anos uma das esmeraldas que serviam de olhos ao bicho; com o anel assim mutilado falara de um muro a João Garcia, deixara-lho ver na mão abandonada e alta, sentado na banqueta da quinta numa noite de temporal, depois de ter consentido que ele lhe tocasse no cabelo e examinasse a cicatriz do grande trambolhão da sua infância. E Margarida sorriu amargamente, riu com os nervos todos. Sim... João Garcia não chegara a entrar no Seminário, como o poeta Pragana. Ela, sim! Ela é que tinha tonsura, e uma castidade astral, de serpe cega, esmagada no dedo por uma maculada conceição! Por isso a mãe dizia às pessoas que davam por aquela mossa indelével, a sua «pancada de veneta»: «Vê?... Ficou assinalada!»

Com o anel no mesmo estado conversava vezes sem conta com o tio Roberto no torreão da Poça. Uma tarde, ele dissera, sempre calmo e enigmático, pegando-lhe nas pontas dos dedos: «Essa tua serpente é um segundo Camões!» Depois, já perto de casar, o barão da Urzelina, chegando à Horta para fazer o pedido oficial à família (pedir ao pai a mão que ali estava na corda...), lamentara que jóia tão bonita estivesse assim desvalorizada. E, como Margarida se recusasse a mandar consertã-la, André teve artes de lha pedir por uns tempos para servir de modelo a um ânel que uma amiga de Clarinha encomendara no Porto. Veio de lá com duas esmeraldas novas e com a pedrinha antiga sepulta num pouco de algodão, no estojo do *pendantif* de rubis e brilhantes, presente de núpcias dos sogros. Margarida tivera um desgosto tão grande que levara a chorar dias e dias... E agora, vendo as esmeraldas bicudas e trabalhadas à lupa na cabeça da serpente, enroscada ali no seu dedo como se o bicho bífido esbugalhasse os olhos, Margarida abriu desmedidamente os seus, e, abanando três vezes a cabeça, calçando e descalçando um dos sapatos com a flexão sinuosa e rápida do próprio pé, tomou-se de um furor irreprimível, cheio de rubor e de lágrimas. Carregou com brutalidade o anel contra a trança da corda e fez-lhe saltar sucessiva e inexoravelmente as duas pedras. Depois, tomada de um terror supersticioso e sem saber como explicar aos sogros e ao marido o triste estado da jóia, separou-a cuidadosamente da sua aliança de casamento com os dedos da outra mão. E, considerando um segundo a espuma que saía das hélices daquela serpe enroscada e mesquinha como uma minhoca seca, atirou o anel ao mar.

Com o olhar ainda preso à esteira do navio, Margarida sentiu uma mão suave no ombro e teve um pequeno sobressalto.

– Estavas aqui, minha filha?... Tenho-te procurado por toda a parte... Dei a volta ao navio. São horas de descansar... Vê?... como tens esses olhos pisados! Foi daquele espectáculo do toureiro... São saudades da Horta?... Fala! Não queres descer?...

Margarida deixou-se beijar na testa e disse baixinho:

– Pois sim... Vamos, André! Dá-me o braço...

André pegou-lhe carinhosamente na mão esquerda; e, fazendo rodar com ternura a aliança de casamento, disse, muito espantado:

– Quê?! Perdeste o anel?...

– Estava debruçada na borda e, distraidamente, tirei-o do dedo... Caiu ao mar.

André beijou-a de novo:

– Não te aflijas... Manda-se fazer outro.

E, pegando-lhe no braço, como quem leva um doente, os passos desiguais de ambos, a caminho do camarote, soavam pausadamente nos degraus impermeáveis e percintados de metal.

Enquanto Margarida se deitava, André foi ao camarote dos pais dar-lhes a boa-noite; e, com a ideia fixa no desgosto de sua mulher, não se pôde conter que lhes não desse a novidade. Depois, voltando ao seu camarote, cerrou mais a cortina do beliche inferior, da mulher, supondo-a adormecida e para se despir com recato, trepou ao beliche de cima e apagou a luz mais forte.

No camarote defronte, o barão, às escuras, perguntou:

– Já dormes, Angélica?

– Não. Ainda estou a rezar... Faltam-me só dez ave-marias para acabar o meu terço. Não te prendas comigo!

Pausa.

– Estás acordada, Angélica?

– Estou...

– E que me dizes a isto do anel da tua nora?...

– Tem pouca sorte, coitada...

– Terá... Mas coisas destas não acontecem a todos. Vai muito dos feitios... Esta menina é um pouco levantada. Boa criatura, bonita, representando muito bem... mas levantada!

– Não digas isso, Caetano! É tão amiga do marido... tão delicada connosco!...

– Sim... sim... Mas levantada... levantada... ! Já aquele entusiasmo nos toiros não me agradou lá muito... Será muito próprio, muito chique... mas não gostei.

– Não sejas esquisito, Caetano! Não dês mau pago a Deus... Sabes o que me lembra?... Há criaturas que vieram a este mundo com pouca sorte... Não vês como ela veio ter à nossa casa... naquela canoa... atrás daquela baleia... e logo com o tio ungido e amortalhado em menos de

seis dias!... E a vida que levava em casa, com um pai valdevinos... a mãe um pouco maniada ao pé do avô entrevado... Ainda muito alegre é ela! Coitado o anjo de Deus!...

Margarida, para lá dos cortinados e dos mognos do seu beliche, deixando ao marido a ilusão de que estava nos braços de Morfeu, olhava fixamente para a rede do beliche de cima. E, apesar da *veilleuse* que arroxeava a penumbra do camarote, sentia-se cega... cega como a serpente do anel que nenhum ventre de peixe levaria a mesa humana e que àquela hora jazia, como a *cucumdria dos abismos,* no mais secreto do mar.

Lisboa, 7 h 25 m P. M.
de 21 de Fevereiro de 1944.

OS MALHADOS

II

Escondido por lajes e giestas, a caminho do Facho, o Tenente porém espiara a esquadra de El-Rei quando aproou à Praia. Eram onze horas e meia, batidas no sino da Câmara. Um nevoeiro grosso, como cinza de borralho assoprado, cobria de quando em quando as ladeiras, o desafogo preguiçoso e fosco do mar, e, assim, aquelas embarcações alterosas e nunca vistas. Aquilo, porém, já se esperava.

Desde muito manhã que a armada fôra vista bordejando ao largo das Cinco; depois, fora dos Calhaus da Silveira e rente à Ponta do Monte; enfim, descaindo ao largo dos Fradinhos, corrida dum sudoeste velhaco e cortado de aguaceiros, que ia empurrando os navios à Ponta da Mina, à Ponta do Cavalo, à Ponta da Maria... E ali o Tenente, embasbacado, os via de panos desfraldados, já os maiorais da tropa tinham dado por eles há muito tempo.

As ordenanças estafavam as montadas, trazendo ordens do Quartel-General da cidade e levando bilhetes garatujados pelos comandantes de distrito. Junto das peças, rateadas pelos fortes, os serventes, cheirando-lhes a baptismo de fogo, acendiam as mechas dos morrões.

Assim, logo que a nau capitaina virou de bordo e fundeou, o forte do Porto pôde arrombar-lhe o costado e quebrar-lhe o pau da bujarrona. Aïapado na Serra, o Tenente Porém benzia-se e encomendava-se aos santos. O seu poiso, com efeito, não era dos mais seguros. Tentando varejar a bolsa do areal, o fogo das naus era vivo como fornalha de castanhas. Mas desde que, cerca das três e meia, os barcos de boca aberta começaram a remar para os lados do forte do Espírito Santo com tropa de desembarque, bandas inteiras dos navios esfogueteavam a Serra e o areal daquela banda.

Manuel José, escondido nas toiças, encomendava-se a Deus; e, aproveitando alguma aberta do fogo de terra e mar, ia passando duma moita de giesta a um penedo, dum penedo a uma moita de giesta.

A nau que ia e vinha, dando sinais à esquadra, já era conhecida na ilha. Chamavam-lhe a «Mexeriqueira». Logo que a viu desferrar, seguida à formiga pelas outras, o Tenente Porém sentiu-se mais seguro e desceu a Ladeira Devassa. Ainda estava com as sopas de leite da manhã: quer dizer, quase em jejum. Sentia uma adagada e uma agastúria no

estômago. Se ali viesse um padre com o Santíssimo Sacramento, podia tomá-lo à vontade.

Escura de breu como se punha, a noite protegia-o bem. Tomou sorrateiramente à Canada da Areia, mas até nesse rebeco havia festança e vivório, celebrando a derrota corcunda. Os soldados do Batalhão da Rainha dançavam bêbedos e sujos. Na Iª rua do Paúl passava um rancho pimpão de oficiais, tilintando as esporas; e Simplício Eusébio, o mestre de latim da Câmara, que correra voluntário à batalha, topando o Tenente gracejou:

– Qua faz vossemecê por aqui, seu caceteiro?...

– E vossemecê, seu malhado?!

Amigalhaços de escola, o Simplício e o Tenente saudavam-se sempre assim desde que se tinham armado aquelas cizânias na ilha. Cada um seguia lá o seu partido e a sua crença: No mais, amigo não empata amigo e vá festa para a festa! Mas as paredes têm ouvidos; e um anspeçada, nem que tivesse rompido de baixo do chão, por detrás dum ombro, ao Tenente, perguntou logo à queima-roupa:

– É cão?!

Como se estivessem peitados ali, à espreita, começaram a aparecer *malhados* sobre *malhados* e a cercar pouco a pouco o grupinho, ameaçando o Tenente e o próprio companheiro, que, cheirando-lhe a esturro, deu a senha do dia e gritou:

– Alto! Neste homem ninguém toca! Eu respondo por ele. — E piscando um olho ao Tenente numa cara feia e aflita, intimou: — Compadre! Quem vive?

– Viva Dª Maria II! — gritou Manuel José, com entranhas de quem vê chegada a sua última hora.

Então um urro em coro, capaz de se ouvir na Praça, subiu daquelas bocas afeitas a morder cartuchos e a engolir vinho e morraça. Levaram o Tenente e o Simplício, de charola, à venda do Catrino:

– Vá, camarada ilhéu! Diga lá que é que bebe! Que eu cá, quando vossemecês cortam pela nossa Rainha, até dispo a camisa do corpo. Ti Catrino! um bandola aqui a este amigo, que não sei como é a sua graça...

– Manuel de Soisa, lavrador no Juncal, ao sainte... — acudiu o Simplício, com medo de que o Tenente, bem conhecido na Vila, desse com a língua nos dentes.

– Então seja à saúde do nosso Manuel de Soisa! — tornou o anspeçada. — Beba, camarada! Beba, que não tem pólvora dentro!

Mas o Tenente, sempre sorna, escusou-se:

– Obrigado! Agradecido! Ando queixoso do estômago... Não bebo vinho sem comer.

– Mande vir fava escoada! — teimou o outro. — Fava com molho de unha... Vá!... Chegue-lhe!

– Não, obrigado! Não bebo.

A cáfila estava teimosa e pegada; ofereceram-lhe então bebidas brancas. O anspeçada que tinha interpelado o Simplício caçoou do Tenente: Um *libaral* era *libaral* em tudo. Quem fraquejava na pinga não era valente nas armas:

– Não é assim, seu Simplício? Ora, ajude daí com um latinório! Esse do copo, «oh copos»...

– *Hoc opus…* — acudiu sorrindo o latinista. — *Hoc opus, hic labor est...*

E, dando um grande soco no balcão, chapeado de patacos «malucos», fundidos com os sinos da ilha, o anspeçada apoiou, bordejando: — Dá-lhe por aí, que lhe dás bem! «Oh copos! » O que nós queremos é copos!...

Mas já o Catrino, em mangas de camisa, tinha enchido uma fiada de vasilhas, de quartilho cada. Os bigodes dos soldados, chamuscados pela pólvora e ratados da mordaça dos cartuchos, saíam das funduras do vinho como pincéis de um balde. Ouviam-se bater as rodelas dos fundos dos copos no balcão. E num *ah!* de brutal consolação fumava um bafio de borra, como quem tira o batoque a uma pipa azedada.

Todos queriam pagar ao mesmo tempo:

– Olá, amigo; perdão! Esta é a minha roda!

Ao soldado que teve este rompante respondeu um artilheiro forçudo, com arreganho, que metesse a viola no saco: quem pagava era ele. Um corneteiro que trazia o braço direito ao peito, furado por uma bala, adiantou-se também e puxou com dificuldade do bolso da calça um «maluco», para não ficar atrás. Por fim, lá chegaram a acordo; e o anspeçada, sempre com ares de cabecilha, mandou «carregar as peças» ao Catrino, podre de bêbedo; virou-se para a súcia, com cara de mestre de charanga, e atacou a arieta em voga entre oficiais e sargentos:

Beba-se o Baco,
Baco jucundo,
E só dum trago
Apareça o fundo!

Então o Simplício, para propiciar a despedida e safar o Tenente dali, resolveu cortar com um viva:

– Vivam os nossos libertadores continentais!

– Vivam os libarais das ilhas! — respondeu o anspeçada.

– Vivóóó!... — gritaram todos.

E terceira roda de vinhaça artilhou o balcão da venda, que já há bocado escorria. Mas, vendo a barafunda e o vivório e já de gaveta cheia, o Catrino foi-se escapando sorrateiramente até à porta, retirou o mostrador da alpista e do grão, colheu a bandeira azul e branca amarrada a um

vergalho, e foi-os empurrando com jeito, um a um. A meio do falatório caíra um penico de flores verdes do alto da prateleira; e semelhante incidente, enchendo a venda de cacos, tirou os soldados da pegaça do vivório e do vinho. As bainhas dos sabres, erguidas, ameaçavam agora, por chacota, umas chocolateiras de barro que pendiam do forro do tecto, à ilharga dos mosqueteiros de trança. Mas lá foram saindo.

O Tenente tentou esgueirar-se na Iª rua do Paúl; mas a malta, peguilhenta e expansiva, envolvia-o, e o Simplício deu-lhe a entender por esgares e monossílabos que não era de boa táctica contrariar a corrente. Aproveitariam a primeira aberta no entusiasmo da matula para se porem a recato. Por isso, esvaziada a venda ao Catarino, lá foram seguindo na cola do anspeçada em direcção à Alfândega.

Estava uma noite abafada, e de quando em quando caía um surrieiro quente e brusco, que o chão poroso e seco do Verão absorvia logo. Depois, por algum rasgão do céu de Agosto, que a escuridão geral fazia mais vivo e azul, duas ou três estrelas, como que encovadas, luziam.

Passaram rente ao forte de Santa Cruz do Porto, onde o Alferes " Simão, naquela manhã de refrega, se cobrira de glória e de silêncio. Vinha do Quartel-General, instalado na Casa da Alfândega, um zumbido de vozes animadas, o tilintar de espadas e um ou outro hurra ardente. Aquilo era gente dos comandos e do Estado Maior, que discursavam. Deslumbrada pelas luminárias das janelas da Alfândega e por aquele geral alarido de eloquência e de triunfo, a soldadesca, que envolvera o Simplício e o Tenente na retirada da venda, estacou ali, à espreita. Mas o oficial de serviço, que chegara à janela e descobrira os basbaques, esticou-se no peitoril procurando a sentinela no escuro:

– Cabo da guarda!

Um caçanha precipitou-se da tarimba, compondo o cinturão:

– Pronto, meu Alferes!

– Não quero grupos à porta do Quartel-General, já disse!

– Eu já os corro, meu Alferes! Fique V. Sª descansado.

Desandaram então dali e, chegando à praça da vila, acharam-na deserta de paisanos, fora os dois que levavam de charola e o cura Agostinho de Vila Nova, bem conhecido *malhado* e grande influente no concelho.

Aquela hora, ainda vibrante do rescaldo da fuzilaria da manhã, a população velava em sobressalto nas quintas, metida nas adegas e nas atafonas dos arredores. Como a chuva de salseiros apertasse, os ajuntamentos de mirones e de festeiros da vitória iam-se desfazendo. Vinham da rua de S. Paulo formações de piquete que marchavam direitas aos fortes a reforçar as guardas, e do lado da Barroca surgiu o oficial de dia e ronda, todo imponente e ruidoso nas suas botas de cano. Para a banda do convento da Luz ouvia-se o toque de assembleia

soprado a pleno peito por todas as cornetas do terno — o que fez praguejar o anspeçada:

– Raios abrasem quem tanto manda assobiar!

Entretanto o grupo saído da venda do Catrino, e submissamente seguido pelo Simplício e pelo Tenente, abrigara-se na arcada da cadeia, que, como dissera o P.e António Vieira num sermão da Baía, ficara de pé depois do terremoto de 1624 para escarmento dos mortais. Um vulto atarracado e a passo decidido assomou no cunhal da torre do relógio.

– Lá vem o Naveta! — bradou açodado o anspeçada, como quem anuncia ao seu povo, na hora fatídica do êxodo, a coluna de fogo do deserto.

– O chefe vem sempre a horas! — festejou-o o corneteiro, dando-lhe uma palmada terna e galharda no ombro. E, apontando-lhe o vulto do Tenente Porém calado e murcho a um canto, acrescentou, com voz entre protectora e escarninha: — Aqui tens tu um camarada rente para o que der e vier! Este não é nenhum corcunda, como a maior parte desses ilhéus de borra, com perdão dele que me escuta... Não é, anspeçada?

– Pois claro! Este é dos bons; é o coisa... Ora deixa ver como ele é...? Diga vossemecê a sua graça, camarada, que já me esqueceu! O Tenente resmungou o seu nome como o Simplício o ajeitara, para não levantar suspeitas.

– Que diabo! — mascou o corneteiro. — Vossemecê parece intanguido! Fale, homem! Fale, que não paga nada, a não ser vinho!

Um matulão rompeu do escuro da arcada e apoiou:

– Está claro! Aqui semos todos libarais uns prós outros...

Então o Simplício interveio, acalmando e atenuando. «Manuel de Soisa» não tinha labutação com eles; deviam desculpar-lhe aquela sisudez sem maldade. Questão de feitio... Nem todos têm o mesmo desembaraço numa pândega.

Um pouco quebrados das fumaças do combate e do vinho, a soldadesca deu aquelas desculpas por boas e foram-se chegando para a escadaria da Câmara. Escampara. O céu rasgado, azul ferrete, cheio de estrelas vivas, convidava a girar. Via-se luzir a fenda duma ou outra janela, onde algum aboletado ou alguma família mais afoita já preparavam a deita.

Num pronto, o grupo grulhento refez-se. Contornando então o chafariz monumental da Praça, contra a cadeia, o anspeçada travou do braço do Naveta e interpolou-o:

– É hoje?...

– Cala-te!

– Hoje, se calhar, achas tarde...

– Já disse que te cales! O segredo é a alma do negócio. Não vês que há espias por aí?... Olho no ilhéu! E mesmo esse padre-mestre, que o trouxe atrás de si, também não é de confiança...

Mas já o corneteiro, suspeitando que os dois maquinassem algum assalto — que era o pão-nosso-de-cada-dia das noites negras da guerra — meteu o bedelho no caso e foi de opinião que não havia tempo a perder. Deviam aproveitar aquelas noites de festança, em que a vigilância dos oficiais e dos sargentos afrouxava e o regozijo da vitória obrigava a fazer vista grossa a algum desmando maior.

Então, apesar das precauções do anspeçada e do Naveta, que se tinham distanciado na direcção do adro da Matriz e se supunham livres de importunos, o Tenente Porém e o Simplício puderam ouvir do chefe suspirado e temido o seguinte exórdio de mais largas e graves confidências:

– Pois então vamos ao caso. Mas já sabem... Quem der co a língua nos dentes, margulha! — A baioneta tiniu-lhe na cinta. Apurou o ouvido e olhou de roda: Os vultos dos dois ilhéus pareciam-lhe a uma boa distância; não se ouvia tus nem bus, a não ser o rascar intermitente dos pesos do relógio da Câmara na corrente engrenada aos rodízios. Afoito, o Naveta continuou: — Pois, rapazes! Lá pus a minha policia em campo e descobri o que convém: Um caceteiro que mora bem retirado do caminho, na Portela da Serra.

– Coisa que valha a pena? — observou o anspeçada, mais excitado do que céptico.

– Se vale! Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!... Dizem que recolhe para cima de trinta moios de renda...

Passou um calafrio na espinha do pobre Tenente, que murmurou ao ouvido do Simplício:

– Estou desgraçado!

Mas um encontrão do latinista fê-lo calar a buzina. Entretanto, o Naveta desfiava as riquezas suspeitadas em caixas e burras de ferro e as precauções que tinham de tomar para o golpe sair limpo. A noite que vinha não dava piquete às Piinhas, que os pudesse estorvar. Tudo parecia fácil: Uns cinco ou seis homens, dos firmes, subiriam a Portela deserta, aí pelas onze, meia-noite; e, armados e equipados, fingindo-se patrulha de ronda, intimariam o porco a abrir a porta.

– E se não abrem às primeiras? — objectou o anspeçada, medindo os contras do lance ou meio mordido de consciência.

O Naveta riu-lhe na cara:

– Se tens medo, compra um cão! Então para que servem as espirradeiras escorvadas?! Qué-las pra vista?... — E, moderando-se um pouco: — Nem há-de ser preciso metê-las à cara de ninguém. Com boa pólvora à cinta, basta o tinir do coice da coronha à porta. O medo guarda a vinha...

E preparavam-se para entrar nos primeiros detalhes do assédio quando a sentinela da guarda da Praça gritou «quem vem lá?» e se ouviu o rompante da ronda.

Ao brado de armas seguiu-se o cardar das botifarras dos soldados em acelerado, o tinir dos sabres armando baioneta; enfim a voz do cabo, grave e compenetrada:

– Avance a ronda ao reconhecimento!

Então, temendo que o oficial de ronda os caçasse ali em magote, os conjurados dispersaram, caminhando quase de cócoras, ao abrigo dos muros do adro, não sem que o anspeçada, para garantir o golpe do dia seguinte, cochichasse às abas do chefe:

– Prontos a que horas, Naveta?

– As 9 em ponto! — soprou-lhe o outro esgueirando-se.

– Nas Piinhas?

– Nas Piinhas.

Varado de espanto, o Tenente Porém, que, fino como um coral, seguira a manobra toda, nem perdeu tempo a chorar as suas desditas junto do mestre de latim. Simplício, aliás — comprometido, quase sem o sentir, pela identidade de causa, com os estrategas daquele plano de expedição punitiva, e perplexo diante do amigo que em vão quisera ajudar — não se demorou com lamúrias. Manuel José, dando ao calcanhar, num instante galgou o Passeio e o Largo das Figueiras do Paim, o Portão do Barreto, a Cruz de D.ª Beatriz. E não vendo já luz no postigo do quartinho do quinteiro nem querendo «tocar chocalho» — como ele dizia — para não dar senha aos vizinhos, meteu-se em casa e deitou-se. Nem à mulher, já em vale de lençóis, disse nada. Tinha tempo, amanhã. Graças a Deus não faltavam cabeçalhos de carros e arados para empinar às portas. E havia de armar! — cego fosse ele se não armasse uma armadilha àqueles ladrões!

III

Mal luziu o buraco, no outro dia (os galos estavam roifões, os melros acobardados), Tenente Porém levantou-se e foi espertar o quinteiro. A mulher, que o veio receber ao portal, vendo-lhe cara de caso mandou-o entrar para a alcova, onde o «seu» ainda grunhia.

– Ergue-te, Antoino! Nã vês teu amo?

Ainda remeloso do sono, e sem verdadeiro acordo, o homem deitou de má mente a ponta do nariz à vira. E, enfim, reconhecendo o patrão, sentou-se na enxerga, esfregando ambos os olhos às costas das mãos encodeadas:

– Meu amo é o galo da madrugada! nã tem que ver... Ó Maria! atira-me aí as bragas de riba do fruntal, e alimpa um mocho ò Sr. Tenente, para S. S.ª se santar...

Mas Manuel José depressa lhe tirou aqueles vagares e fidúcias, pondo-o ao facto da sua aventura da véspera e do perigo de morte que os esperava. A mulher do quinteiro desencavou as mãos de baixo do avental de barra, benzendo-se:

– Ubei, menino! Que me dizeis?!

O Antonico saltou da cama, tossiu, abriu a boca até às orelhas, não querendo acreditar no que ouvia. E, picando um cigarro da torcida de tabaco da terra que tirou da algibeira da jaqueta, cacarejava de pasmo:

– Oh... oh... Nã quérim lá ver os trabalhos!...

– É isto que te digo! — tornou-lhe o Tenente. — E nã temos tempo a perder! Toca a chamar os homens de trabalho, esses que andam no poço, e vamos escorar aquelas janelas todas e armar um palãinque à porta. Não achas?

– E esses malhados, sarão muntos?

– Sei lá! Ũa meia dúzia, ou mais! Coisa de duas esquadras... Eu cá cudo que...

– Cudo eu — interrompeu o quinteiro — que eles vêm pra riba de carrinho, mãis hã-de deter de carruage! Ó mulher, bota-me daí a podoa e o machado, que temos que lidar!

E, pondo a jaqueta pelos ombros, enfiando a podoa na algibeira, com riscos de a esbeiçar, pôs o machado às costas e abalou atrás do amo. Entretanto, patroa e quinteira encarregavam-se de ir passando palavra na escassa roda de casebres que vai do Juncal à Portela - quase todos, por renda ou vizinhança, chegados à casa do Tenente. Os homens de trabalho da quinta corriam daqui e dali, saltando portais e passadoiros. Um, trazia um bacamarte; outro, um espadagão ou uma catana; aquele, à falta de melhor, a barra e o alvião da fachina.

Mas o Tenente, muito mais que o armamento, estimava que os seus homens o ajudassem a barricar as portas do granel e da adega,

enchapuzando de reforço as da casa e encostando-lhes também toda a casta de tralha espalhada em palheiro e atafona.

– A porta da sala — lembrou o quinteiro — talvez se possa intaliscar co as duas tranquetas da jàcrandá; mãis, ainda assim, acho pouco...

O Tenente acudiu então lembrando o carro do bodo — o que tinha cabeçalho e chedas de pau-brasil, rijo como ferro — firmado de través contra a soleira; e um grande madeiro ao alto da porta, como se faz à entrada das vendas do caminho, em tarde de toiros, onde o Naveta e a súcia dariam com as ventas num sedeiro.

Assim se fez. Toda a manhã aquela roga de homens serrou, pregou, falquejou, passando a tarde ainda a amarrar tamoeiros e espadão às relhas dos arados empinados contra os cunhais da casa. De maneira que, com o esmorecer do sol e o descer das sombras dos morros da Portela sobre os tabuleiros da quinta, casa, adega, atafona, palheiro, pareciam uma fortaleza fantástica: os moinhos de D. Quixote...

Eram dez horas da noite, marteladas na Câmara, quando o Naveta e o anspeçada arrebanharam os seus homens, iludindo a vigilância de sentinelas e plantões. O quarteleiro, cúmplice do cabo, facilitara as armas. Quem tinha de responder ao recolher, respondera e deitara-se vestido. À socapa, raspava-se.

Cosidos às paredes do sainte da vila, para não darem nas vistas a oficial ou graduado que soubesse que não estavam escalados de patrulha, o Naveta, às Piinhas, mandou formar, não só para meter respeito a quem passasse e tornar natural a surtida, como até para dar à rapaziada um sentimento de legalidade e de confiança na missão. Mas, ao virarem a presa da Cruz, como se aproximassem da quinta e conviesse alcançá-la pelo mais curto e escuso, puseram as armas em bandoleira e, a um de fundo, foram escalando portais, como quem monta serviço de segurança em marcha.

– Caluda! — bradava o Naveta, velando a voz, a algum mais traseiro e grulha.

A malta concentrava-se, cingindo-se bem ao terreno. Ao passarem no Juncal, um vigia buzinava, de atalaia a uma camada de trigo debulhado fora de tempo. A zoada do chifre, que fazia vibrar os restolhos e parecia desatar com mais força os cheiros da faia de Holanda, punha em pé os cabelos de algum, mais constrangido ou acobardado.

– Almas de cântaro! — praguejou o 70. — Vão vigiar a novidade do Inferno, estapores!

Mas já o Naveta e o anspeçada, como chefes de fila, tinham alcançado a canadinha que, debaixo de cedros e de acácias, levava ao portal dos cerrados velhos, cá em baixo. Dali à casa mãe, era um rufo! A canada torcia à ilharga da adega velha, que não servia senão para arrecadar tabuões, lenha e coisas partidas. A noite estava serena, quase

abafada; sentia-se o hálito da terra, o mormaço de Agosto cheiroso da cânula dos restolhos. E a Lua minguante, como uma apara de hóstia, apontava a rebarba às estrelas.

– Quem é que conhece aqui a *tipografia*? — perguntou o Naveta, chocarreiro, mas fitando de esguelha o 70.

O 70 — ou, melhor, Zé Broa, como diziam no Batalhão — era de Penamacor e metera-se de amores com a Luzia do Pírolas, a criadinha do Tenente. Fôra por ele que o Naveta tomara conhecimento das vantagens e riscos do golpe; e ainda na véspera da batalha, apesar de cortadas as dispensas, Zé Broa conseguira dar um salto à Portela e, falando com a moça esbruçada na parede da cisterna, relanceara o terreno e os muros das traseiras.

Por isso, sentindo-se citado pelo chefe, que não era de deitar água a pintos, Zé Broa adiantou-se à malta e, como quem está no segredo dos deuses, abriu caminho:

– Se o cabo dá licença, metemos aqui a este ligadoiro, que pode andar gente no atalho.

– A esta hora?! — observou o Naveta, desconfiado.

– Será milaigre, mas nunca fiando... O quinteiro mora ali na barreira e, como ainda há novidades no campo, pode vir. Transpondo um passadoiro, à cautela, como patrulha de exploração destacada de flecha inexistente, os soldados deram então com um grande maciço de verdura de onde emergia a casa abarracada, mas poderosa, com a sua varanda de sacada e as largas janelas laterais. Debruada, porém, de pranchões e de alfaias, Zé Broa esfregou os olhos como quem não crê no que vê:

– Olhe, olha!...

– Fizeram uma barricada, os excomungados! — observou o Naveta, furioso. E, dardejando um olhar de suspeita a Zé Broa, acrescentou: — Se disseste à cachopa que vínhamos hoje, rebento-te!

– Eu?! Eu?!... — refilou o interpelado, entre ofendido e colérico. — É assim que você, cabo, me paga o serviço?! Olhe que eu só vou a bem, ouviu?...

– É calar a buzina e seguir! — comandou-lhe o Naveta, num tom quase contente daquela reacção, que o acalmava.

E, dobrados com o terreno, de canifrechas em bandoleira, um cá outro lá, aproximaram-se dos pátios. Da arribana fechada, com os janelos blindados a grades de gradar, veio o mugido do boi de padreação, capado havia oito dias, e que o Tenente destinava ao matadoiro da tropa, se lho pagassem bem. Aparte aquele sinal de vida nervosa, não se ouvia alma viva. Uma paz encorpada, feita de sombras de sombras, de rescendores de plantas, de grilos nas covas, de nada, cobria tudo e todos: a casa acaçapada e de moradores ausentes ou alerta;

a vizinhança acusada apenas por portas e postigos; aquela meia dúzia de homens desenfreados pela guerra.

Passaram rentes a um canavial, que farfalhou.

– Vais adiante, 70! — segredou o cabo, à retaguarda. — Tu e o 104. Dêem vocês uma volta por trás da casa, a ver se há novidade, que as sangueiras bem se escusam... E tu, 40, vai aperrando a carabina!

Desatarrachando a rolha do cantil cheio de aguardente de nêspera, empinou-o primeiro e deu uma golada a cada um.

Mal tinham os dois da avançada feito uns passos em frente quando Zé Broa, detendo-se, deu com o cotovelo no braço do outro e disse: — Escuta! Ouviste?...

– Que foi?...

– Pareceram-me passos, e o cão a arrastar a casota. Mas o alma do diabo não ladra!

– Diz-lhe que não... — chasqueou, amarelo, o 104, encurvando o polegar para a banda de ladridos recentes.

– Temos história... O cabo é capaz de ter razão... E se a minha Luzia deu co a língua nos dentes?! Ah! Racho-a de meio a meio, àquela perdida!

– Antes lhe faças um filho, um *malhadinho,* que rachada é já ela!...

Mediram uns passos mais; e, então, ao topo de um patim onde viçavam, entre buxeiros e murtas, canteiros de cebolinho, um grande cão de fila, dos «rabo-tortos» que passaram o chamadoiro a alcunha dos filhos da ilha, avançou para o grupo com uma gana que parecia ter sido até então sofreada a mordaça ou a festas.

– Estende-o já aí com um tiro! — bradou o Naveta ao Zé Broa. Uma voz misteriosa, empastada, com certeza de gente da ilha mas sem que se sonhasse de onde vinha, gritava ao cão esganado: — Pega, *Farrusco!* Pega, diabo!

O anspeçada, a quem só a bota alta livraria de ficar sem a canela, varria a sua testada em frente do cão à coronhada quando, a um assobio ainda mais misterioso do que a voz, o *Farrusco*, furtando-se à batida, desapareceu do pátio, como por artes de mandinga.

– Ele deve andar aí gente perto, — disse o Naveta, — que o cão parece amestrado. Tanto se atira à gente como desaparece!

– Safa! — exclamou o anspeçada, mal refeito do susto. — Só aquelas beiçanas franjadas!... E os navalhões dos dentes!

– Vamos! Vamos!... — disse o Naveta, retomando confiança do silêncio que envolvia tudo outra vez. — E nada de paleio, que não temos tempo a perder! Toca já dois homens a tomar ali a porta, que me parece que vejo uma luzinha lá dentro. Suba um já ao postigo e veja se enxerga alguma coisa... Mas cuidado! O seguro morreu de velho... Enquanto o anspeçada se dirigia para a porta da entrada, o 46, içado aos ombros de Zé Broa, procurava espiar pelo postigo da ilharga, aproveitando-se do

luaceiro do minguante que se espelhava nos vidros. — Que é que vês? — perguntou o Naveta aproximando-se.

– Não se enxerga um palmo adiante do nariz. Calafetaram tudo... — Ouviu-se um tinir de vidraça partida à coronhada, e logo um silêncio sem brecha.

– Enfia a mão pelo buraco! — disse o Naveta.

– Não posso... Aqui, ninguém mete dente! Está tudo forrado com tábuas... A largura de solho... — O 40 fez pausa. Colou-se à parede quanto pôde, a ouvideira no vão do postigo: — Parece-me que oiço rezar...

– Deixa ver... — disse o Naveta trepando aos ombros do anspeçada, como quem se não fia de ninguém.

Como o chanfalho lhe tinisse de encontro ao cunhal, o anspeçada, teso do esforço de servir de escadote ao chefe, disse-lhe em voz sumida: — É melhor descer, Naveta, que não fazemos nada por aí e podemos espantar a caça...

O cabo, então, escoroçoado com aquele murmúrio de reza, que tanto podia inculcar pavor dos sitiados como confiança nos chapuzes, desceu e mudou de táctica. Com efeito, o Tenente, acabado o trabalho de fortificação que gizara como plano de defesa, recolhera a penates, acompanhado do quinteiro, da mulher e dos homens de jorna, todos armados de bacamartes, reiunas e forquilhões.

D.ª Inácia estendeu uma toalha de linho na mesa; e, como no dia de «pão por Deus» ou nos jantares de «função», o Tenente disse a quinteiro e criados que tomassem lugar no arquibanco. Era a mesa redonda do cerco.

Engolido o caldo da ceia entre os esconjúrios das mulheres e a coragem forçada dos homens, o Tenente, fiel às santas práticas do Alferes Velho, que Deus tinha, ergueu-se da mesa e, benzendo-se, começou a dar graças a Deus e a pedir os padre-nossos e as ave-marias do costume, sem esquecer «os que andam por cima das águas salgadas». Desta vez, lembrando-se dos soldados do Senhor D. Miguel a bordo da esquadra vencida, e daqueles malandrins que lhe cercavam a casa, a sua intercessão pelos mareantes saiu mais fervorosa do que nunca.

E foi precisamente a estes pensamentos pios que o vozeirão do Naveta, que acabava de simular voz de «alto» a uma força taluda, o veio arrancar com duas valentes coronhadas na soleira da porta:

– Abram em nome da Rainha!

Mas, conforme ficara combinado entre o dono da casa e o estado-maior de pé rapado, lá dentro ninguém tugiu. Com aquele luaceiro em cima da sua couraça de pranchões e despedindo padre-nossos e salve-rainhas pelas gretas, a casa do Tenente Porém parecia uma nau desarvorada ou um fojo de lobisomens e de bruxas.

– Abram em nome da Rainha! — repetiu o Naveta aldrabando à porta como quem se despede deste mundo. — Abram, ou vai tudo a machado e faço fogo! Carregar...

Fogo?!... Com aquelas cuspideiras de caçador que traziam, o mais que podiam era crivar o reboco às paredes e salpicar a porta, grossa de quase três dedos do melhor castanho da Agualva. E, pela mesma razão, o primeiro machado metido às madeiras não deu rendimento nenhum.

– Vamos pelo telhado! — lembrou de repente Zé Broa, como quem conhece bem a traça à fortaleza.

– Por onde? — perguntou-lhe o chefe em surdina. — Por cima da cisterna, à esquerda.

– Três homens chegam e crescem!

O anspeçada e o 40 adiantaram-se à malta, seguindo no encalço de Zé Broa com o Naveta à frente.

– Ala, Antonico! — murmurou lá dentro o Tenente, que não perdera uma palavra ao estado-maior do cerco, de ouvido colado ao umbral da porta, para se desenfiar de algum tiro. — Dá cá a espingarda e a candeia! Eles vão de roda!

Para chegarem à cozinha, sem a luz revessar do corredor, o Tenente e o quinteiro tiveram que atravessar o quarto do casal, onde D.ª Inácia, transida de susto, se aninhara vestida na cama de pau-brasil, larga como um cerrado e alva do linho das fronhas.

– Ai, Jasu! Entraram já, Manulinho?! Tal desgrácia!

Mas o Tenente, absorto na estratégia, não deu troco à mulher. Ouviam-se já no tecto da cozinha os pés de lã de quemquer que era, debaixo dos quais, apesar das cautelas, às vezes uma telha escarolava.

– Vão direitos ao forno, meu amo! — disse o Antonico, em voz cujo bafo não faria bolir a chama duma vela.

– Ouves? — tornou-lhe o Tenente, suspendendo-se. — Estão a arredar as telhas... Vês aonde é?...

– Vejo, sim senhor. Po' riba da copeira, a pé do frechal... Mãis fale meu amo mais devagar, que eles podem oivir.

O Antonico trepara à amassaria, que, para ficar mais rente ao forro e às asnas abaladas, altareou com uma rasoila.

Entretanto, enquanto o Naveta ajudado por Zé Broa empilhava a telha vã até abrir alçapão, o resto da malta, deixando só dois de guarda à porta, deu a volta à cisterna. Acocorados rente aos canos das armas, abaixo do beiral, apesar de poucos faziam figura de atiradores em linha, esperando inimigo imaginário, — talvez aquela mascarilha do minguante que, negaceado pelas nuvens algodoadas de Agosto, enchia de branco e preto o escoante do telhado.

– O forro deve star caise à amostra, sr. Tenente... — murmurou lá dentro o quinteiro, empoleirado na rasoila. — Quemquer que é, stá aqui a rapar há bocado...

– Deixa rapar!

– E não é só um. Parceu-me oivir um estropido... São oitros que vêm de roda...

Desenhou-se então uma talisga no tecto, uma junta de forro que foi pouco a pouco alargando. Referenciando o buraco, o Tenente apagou apressadamente a candeia, para que não dessem por eles. Sentiu-se então o estalar duma tábua à pressão reforçada duma bota. O Tenente, trepando à amassaria, apeou o Antonico do seu poiso, e apontando o cano da espingarda à fenda, puxou o gatilho.

O tiro despediu, certeiro. Um grito de dor e de raiva varou a noite; um corpo baqueou desamparado no telhado. Então, aproveitando aquela brecha desguarnecida, o Tenente conseguiu esgueirar meio corpo por ela e, enquanto teve munições na espingarda e na pistola que o Antonico lhe estendeu de reforço, a fuzilaria crepitou.

Surpreendidos pela baixa do chefe e por aquele brusco tiroteio, os assaltantes de reserva deram às de Vila Diogo, desmoralizando na fuga a guarda deixada à porta. Só o anspeçada, desesperado e impotente diante de uma deserção daquelas, lhes gritava no encalço:

– Cobardolas! Deixarem o cabo morrer às mãos dos corcundas! Cagões!

Ao cantar dos galos, a Srª Tenenta D.ª Inácia ainda tinha os cotos de cera acesos a Santa Rita de Cássia, orago da Serra da Praia e advogada dos impossíveis.

O Antonico, ajudado de dois homens, à luz dum lampeão que o Tenente empunhava furtivo, cobria com a última pàzada a sepultura do Naveta.

QUATRO PRISÕES
DEBAIXO DE ARMAS!

O Matesinho de S. Mateus era o maior gavola que a Vila da Praia tinha. Isto diziam certos pescadores, cheios de invejidade da sua fisga certeira. Por mim (escreve Mateus Queimado) nunca vi peito mais firme, dentes e riso mais abertos, bizarria maior a contar uma vida caipora, sim, mas mais divertida e rasgada que uma tarde de toiros cheia de fava torrada e de guiseiras.

Pelava-se por vinho e cachaça e entrava às vezes em casa perdidinho de bêbedo. É verdade que passava às vezes um mês e mais sem no copo; mas, em no avezando, acabava-se o mundo! Chegava-lhe — «por alma da caixa velha»!

Embezerrava então pelos cantos das vendas e, nas manhãs de verão, esmalmado na areia, cozia a mona ressonando e enxotando as moscas varejas. O seu fraco era a aguardente do balcão — que emborcava, sem pestanejar, aos dezasseis de cada vez. Numa aposta, mesmo, lá ia meio quartilho. Enxugava também com limpeza o seu cálix de *nêspera*, empinando-se, com o nó da goela a embolar debaixo da papada. De noite esquecia-se pelas lojas a porteirar e a borrichar. A pobre da mulher, então, de xale pela cabeça, lá fazia a via-sacra das vendas da Vila da Praia, espreitando agachada às vidraças.

– Aquele corsairo anda-me sempre nas vendas! — choramingava ela.

Ao que o Sr. P.e Meneses, pachorreiro e gordo, respondia de caçoada, encostando-se ao seu bengalão de videira, de maçaneta mais romba que aquele dedo polegar roído por uma égua:

– Nas compras! nas compras é que ele anda!...

Então o Matesinho arrenegava com a pobre de Estrudes, cabeçudo e gingão:

– Entes me cosesses as ciroilhas, que já nem atilhos têm!

E, como os vizinhos lhe pegassem, de rota batida a casa, cada um por debaixo de seu braço, o Matesinho amassava-se nos passeios, que só de gatinhas ou de rastos conseguiam levá-lo à cama.

Quando o mar não estava de lapas — como dizia a mulher — o Matesinho tornava-se impertinente, pegando por via de tudo. E, no meio do berreiro da filharada miúda, malhava na pobrinha que nem numa estriga de linho. Só se ouvia gritar na rua do Monturo:

– Padaço de traste! Tarraço!

Sem vinho, porém, o Matesinho era o rei dos bemsinados e amigo de acarrear. Não faltava com a novidade, pagava os fiados na loja, e nem que o mar estivesse virado do avesso se se punha como os outros pescadores, estirado na areia, à mangalassa, batendo uma bisca ou um truque. Pegava mas era na fisga e no lampeão; e ao outro dia não faltava caranguejos nem lapas para puxar vinho e cantigas, na venda do Samiguel.

– Ainda um dia me ficas nesses calhaus, servo de Deus! — resmungava Estrudes, querendo-lhe bem como à vida.

– E quem é que há-de calar a boca a esses rapazes, mulher?! Casa adonde não há pão... já lá dezia mê ti Socranca, que Deus haja!

E não havia forças humanas que o prendessem na Casa do Peixe ou no Casão, a não ser (e milaigre era!) alguma noite, a ouvir o ti João Grande contar o triste causo da *Impanatriz Porcina* e a história do *Toiro Azul*. Na venda do Faleiro falavam de madeiros arribados e passados aos direitos, enquanto o vento do Zimbral bufava nas vidraças e os caixotinhos de areia recebiam o cuspo que faz boa boca ao vinho. Com o lucro do cesto de marisco o Matesinho enchia o focinho dos filhos de berlindes e de alfarrobas; e à boquinha da noite, gaiteiro, vinha assentar-se à porta ponteando a *Charamba* na viola. A mulher, sempre noiva apesar das nódoas negras, assentava-se no ladrilho espiolhando a filha. As raparigas da vizinhança acudiam ao canto da presa batendo a palheta da galocha:

– Ó ti Matesinho! Antes toque o *Brabo*, ti Matesinho!

A unha do velho rompia; e a sua voz, rouca da aguardente, cantava:

Ê fui à terra do Brabo
Para ver se imbrabecia:
Cada vez fiquei mais manso
Para a tua cumpanhia...

Mas logo que lhe dava a lua das piteiras (o grande piteireiro!) derramava-se o caldo dos bons dias. A viola — a *Serena* — desandava em rasgados e repeniques por todas as patuscadas, com o tampo encardido dos rebates da *Sapateia* e aquele seu raminho de flores de madrepérola, que parecia nascer das gargantas como um «sim» dado em cantiga.

Matesinho era prezado por esses meus-senhores de boa vida, que gostam de desafios e de cracas. Lá boas partes tinha-as ele, grandessíssimo mariola! Aquilo tirava cantigas nem que soubesse ler por cima; e, aos domingos, todo enfarpelado, de calça festada a ferro e chapeuzinho à Pechuga, fossem lá dizer que era um pescador que ia ali!

É verdade que agora andava um magrizela, «minado à bobida»; mas nos seus tempos de rapaz só parecia uma torre, sempre com aquele peito feito, os olhinhos azuis, a barba rapada à navalha, meses depois de

lhe terem dado em Valência a caderneta, mais carregada de castigos que um barco do Pico de leitões. Quando o Matesinho caçava ouvinte de respeito para as suas pacoetas de tropa dava-lhe às vezes a veneta: corria a casa, à caixa: levava a *Serena* e aquele quadrado de percalina preta, todo ensebado das consultas. E batia-a no peito, o gavola:

– É a viuvinha do rapaz... Há mais de vinte anos que lhe eu falto!

Com efeito, devia de andar a jeito disso que, apurado para caçanha, Matesinho trepara ao Castelo da «Muito Nobre, Leal e Sempre Constante Cidade de Angra do Heroísmo, que vence armas presentadas ò sinal da praça, sintido e toque de retreta, e ainda tem honras de Capitão General, que é posto do valor de Sua Alteza a vinte e um tiros de peça e galhardete vormelho alvorado ò torreão grande!» («Que eu inda sei falar, lá por ser um prove pescador e tomar a minha cardina…»).

No dia da encorporação, quando, já de fardeta e de botas às costas — ainda era lusco-fusco na ponta de Sã Mateus — disse adeus à sua Estrudes, levou o ombro aguado do ranho e das lágrimas da mulher. Não se casasse tã cedo, o ladrão! Se lhe comia a vontade, coçasse-a à gorazeira... Mas o que está feito está feito. Lá aprendeu a recruta a toque de caixa e de corneta, até que passou a pronto e o alvoraram em cabo. Fino como o coral! Pois se o ladrão não talhava sequer uma letra!

Ora, um dia, apesar de alvorado, o sargento Testilha, que era a pele do diabo e o tomara de ponta na teoria, escalou-o de faxina à praça. Vem cabo Conceição — um moço ensocado, perfeito, todo fatigante — e manda-o barrer a caserna. O Matesinho barreu, sabe Deus com que bofes! Mas um home se jura o Rei é para honrar a palavra, e corno seja aquele que suja a barba toda só por um repente tolo, uma prosápia de valente. Q'al o quê!...

Mas porém chega o cabo, aquele prosa de merda! põe-se de cócoras no solho a inzeminar a poeira. Desencava o barretina a Mateus — um alvorado! — esfrega-a no chão e diz:

– Tás a ver?! Q'ando nã tiver disto — «e amostrava-me a copa cheia de terra» — então podes ir à tua vida. Ponha-se já em sintido e faça o que 1'eu mandei! Ordináriú... marche!

Foi como se um fogo pegasse no cabelo anelado de Mateus. Sentiu que o sangue lhe subia das unhas dos pés à cabeça; viu uma coisa cega, toldada, como quando um toiro à corda levanta a terraceira da estrada e abate uma dúzia de bordões: — e ferra com a apanhadeira no toitiço do cabo Conceição!

O sargente Testilha deu-lhe logo voz de prisão, meteram-no dois dias no segredo, e saiu à *Ordem* que ele tinha de embarcar debaixo de escolta, pelo Portão do Relvão, e responder a um destes conselhos de guerra em que ao menos um home se perfila ali diante de coronéis de faixa e de dragonas, que inté os sarilhos estremecem! Por isso o

Matesinho gavolava, batendo na pelúcia do peito toda orvalhada a vinho de cheiro:

– Quatro prisões dobaixo de armas, que stão aqui!

Dizia-se que correra um cabedal de mundo, lá para a outra borda... E consolava, ouvi-lo contar assucedimentos e pacoetas passadas em praças de guerra: Évora-Cidade... Valência do Minho... Almeida... Elvas...

Ah! Elvas! Em Elvas é que tinha sido!

– A gente usava calça preta e bota de cano nas paradas, Vossioria intende...? Ora, ê stava mesmo morrendo pra ir a Badajoz. Terra de femeaço! (Coitado quem viu e cegou!). Muchachas como garoipas!

Mãis stá Vossioria comprendendo que Mateus não avezava um real... Pois o quê! O pré era úa miséria. Descuntava-se pra isto, descuntava-se pra aquílho, descuntava-se pra aqueloutro; e um home, mal se procatava, ficava mãis era a fazer cruzes!

«Ora, ë dormia na caserna a pé dum rapaz de Portalegre, à ilharga do caneco de polícia (injoava que tumbava!): Um maltês còrado, baixote... Mal cumparando, assim coma o nosso João do Porto Judeu, intende o senhor? Chomava-se Antonico Rato; nem parece senão que o stou vendo! Na vespra de Sã João (tinha tocado à retreta mais cedo, que o nosso Manjor era lá todo marialva e nã queria faltar à chigada do curro de Sevilha, toirada de fama em Badajoz...), stávemos a comer uns tramoços (meia midida!), santados acolá à porta das armas, no sainte da cidade (que, aquilho, Elvas é tudo çarrado em muralhas; à noite fecho-se as portas, e mesmo um paisana que queira sair daquelas ruas, entes que seja pra ir chomar quem le acuda à mulher caise a parir, tem que ter salvo-conduito. Pois o quê! É Elvas! Basta-le o nome! A promeira praça de guerra do nosso Pertugal! Logo abaixo é Almeira, e antão é que é cá o nosso Castelo da Cidade, de braço armado, sintido ò sinal da praça, tudo no regulamento...). Stávemos a comer uns tramoços mal curtidos, eu e o Antonico Rato; e vou eu e digo-le:

– «Oive cá, 73! A gente tem que ir amanhê òs toiros a Badajoz, nem que o Diabo arrebente!»

«Diz-me ele assim:

– «Oh home! Por mim, ando à pineira... Coma é que tu queres qu'ê vaia?»

«Eu antão, que ainda tinha buas alembranças (assim as tivesse hoje, que nem é bum falar nisso!), fiz ũa cara ò grave, cá que nem um anspeçada, e digo-le:

– «Rapaz, nã te inquemodes! O bònim é comigo. Nunca oiviste dezer que ilhéu depois de morto ainda dá coice?... Pois eu, atirar não atiro; mãis juro-te pelo *S* do cinturão, que ou nã me chame Mateus, ou havemos de antrar na praça!»

– « Ó toque da retreta — diz-me ele; — e pola Porta das Armas. Há que tempos já cá stamos! »

«Stava de caçoada, comprende o senhor? Como se eu, dizendo-le que havéramos de antrar na praça, falasse mãis era da nossa, lá Elvas, a promeira praça de guerra do reino!

– «Faz-te lutas... — disse eu. — Ê dê um estoiro no inferno se nã te presento ali em Badajoz cum meia dúzia de perras pra meia antrada de sol. Que o melitar sem graduação só paga meia antrada, e quem na tem cabeça nã paga nada, tanto faz em terras de Espanha coma em areias de Portugal... Nunca oiviste falar no causo da *Nau Catrineta?* Anda daí comigo, que nã pagas nada, 73! Fia-te cá no ilhéu, e o mais são cantigas, Antoino!

«O Rato, que a mandado meu era capaz de se atirar a ũa poterna, já stava de olhinho a luzir, pulando-lhe o pé prà moina. Mãis, descunfiado ou cagão, ainda disse:

– «E se o nosso Manjor nos vê na toirada?... Nã falha ũa!...

– «Vê mãis é... (cum licença de Vossa Sioria!) os frutos do tomateiro! Se queres vir comigo, vem. Senão, dá um passo à retaguarda, que cumpanhias nã me falto. Olha... Queres um? O corneteiro que sai de dia. Morto por isso anda ele! »

«O Rato ficou calado comò nome que tinha, sinal de que não ia longe disso, e vai eu e digo-le — «Espera aqui ũa nisca, qu'ê vou lá arriba à caserna e já venho».

«Tirei o cadeado à minha caixa, safei a calça preta, a fardeta de gala, as botas de cano; miti tudo nũa saquinha de retalhos que minha mãe me tinha dado no dia em que santei praça, e vim ó 73. O maltês ficou de boca aberta, diente da corage que ê tinha (Vossa Sioria comprende... Vinder artigos da orde, que ũa praça arrecebe do Casão, seja correame ou pano fino, já se sabe... é aquela conta: prisão dobaixo de armas em cunselho de guerra, e às vezes Costa de África!). O 73 stava sem pinga de sãingue... passado... Mãis valente nã quer cobarde a pé de si, e, pra me nã ficar atrás, sempre me disse:

– «Se queres, 19, tamém vou lá arriba à caixa e trago o que é meu...»

«Botei-lhe a mão num ombro e disse-le:

– «Rapaz! Na porca da vida do sòldado o menos que falta é um aperto! Guarda a fatiota e as palhetas pra qu'ando tas eu pidir. Meia-voltaaa... volver!

«Passámos a frunteira num rufe (que eu era amigo de tu cum guardas e candungueiros), e a trouxa, num alzebebe, ainda rindeu mais dum duro, que é a pataca velha lá deles. Nã le conto nada! Fomos pró bangalé e demos-le pra capote. Nem parece senão que foi onte!... Ê tinha visto correr munto toiro (sem ser à corda, já se sabe!), na praça da nossa cidade, qando era recurta; e entes disso, mal comecei de nabiça e vinha

vinder peixe inté à Carreirinha. Vintemzinho que avezasse, era pràquilho. Via aqueles papéis de seda azuis e amarelos dos pogramas na venda do Balhabém, e era coma um novilho qando se le estende o capote. No domingo, já se sabe, Mateus stava lá caído. Andar...! O Pechuga, o Joseíto, o Calabaça... tudo isso ê vi co estes olhos que a terra há-de comer. E, qando foi das brigas de pechugas e joseítos, que inté as mulheres brigavo à bofatada e à galocha! Que ê cá sempre fui pechuga; o Fandulho de Sã Mateus stá aí vivo e são, que o diga... Ũa vez que me veio pra cá cum laironas por via dum sesgo do Joseíto, botei-lhe ũa aiveca im baixo. Q'al sesgo, q'al o quê! Queria-se ver mãis era citar o boi a pés juntos, e cobrar dos rins pola ilharga, comò Pechuga, que inté se via o pó da praça leventado, do bufo do boi! Carago! Aquilho é que era um ladrão! As sinhóras, nos camarotes, atiravo-le bòqués de flores, e beijos nas pontas dos dedos. Beijos, sim senhor! vi eu ũa, que é hoje uma mãe de familha...

«Mãis, voltando à nossa cunversa, toiradas coma em Badajoz, nã nas avezamos cá. Vi tudo! Os cavalos co as tripas à amostra, as sortes de capote, moleta e estoque na peituga de todos os oito toiros. Aquilho sim, que era pra cunsolar!

– E depois, as botas, Mateus?

– Já lá vamos, cum licença de Vossa Sioria.. . A saída dos toiros (era plo Sã João) atirei um cravo a ũa culatrona de mantilha e *pineta,* sempre a lecar-se de leque: mulher da vida, sim, mãis desimbaraçada e escorreita, linda comò sol, que só parcia mesmo a maromba do cromo que o Finório barbeiro tem na tenda! Mulher de faca e calhau, destas que fúmum de pitilho. No apertão da saída, coma quem nã quer a coisa, passei-lhe a mão à cintura. Aquilho é que era um arrojo! (Oh piqueno, surre-te de diente de mim! (Esta garotada o que quer é só chocalheirar!). Vai brincar co a bichinha pá areia).

«Ela deu-me de zápete; pidi-lhe que troixesse ũa companheira consigo por via do 73, o tal Antonico Rato. Coitado o rapaz... Ele não era pêco, mãis era imbisoirado, mitido consigo. Nã queria que o rapaz ficasse mal.

«Lá, fomos antão pràdonde elas dissero, na Calha de las Fuentes, lá pró cu de Judas, caise no fim de Badajoz. E nunca me temi de nada inté ò dia de hois, graces a Deus; e munto menos naquele tempo, que era um padaço de home (não é por me gavar...). Mãis sempre digo a Vossa Sioria que, ao antrar naquela fonda, ò lá que diabo era, e ver aqueles carcamanos de calça de bumbazina santados nas mesas do chinquilho, a fumar e a alanzoar, que só o diabo os intindia... E beijo a esta, *salero* àquela... que só les faltava... (Olha o diabo do piqueno oitra vez a pé de mim! Surre-te, dimoino!) que só les faltava a cama!

«Mãis, infim... Um home é um home, e eu, de mais a mais, era um soldado de El-Rei de Pertugal que stava ali. Tinha impinhado a minha

farda? Isso era cá comigo! Mãis a vergonha, graces a Deus, lia-se bem na minha cara, àparte algum cope de vinho. Olhei pró Antonico Rato, de braço co a sua manjarona, por trás da toita da minha (um piscocinho peludo, mais fofo cà penuge dũa garça!), e arrefiei-lhe, coma quem diz: «Se algum destes castelhanos diz aqui ũa graça a estas mulheres, a gente arrebenta-lhe os cornos!». Ele nã pestanejou. Acomedado, mansarrão... mãis, em tocando a rachados por quistã de bobida ou de fêmea, era um leão que stava ali!

«Mandei vir ũa roda de anis, que chómum *amuntilhado*, pois sempre era ũa bobida doce, e as mulheres gosto daquilho. Comprei-lhes torrão de Licante. A minha, que era a mais perluxosa e biqueira, pidiu-me ũa pastilha de hortalã. Mandei vir pastilhas pra elas ambas e duas, que nã queria dar parte de fraco, e pràli stivemos todos quatro a comer e a bober e a charolar.

«A espanholada, carcamanos e alfareros do alma do diabo, nã tiravo os olhos de riba da gente. Havia mais mulheres na fonda, ũas que já tinho dono, oitras à espera que les déssim sinal ou fiadas nalgum machacaz que ficasse de ir lá ter. Mãis as nossas passavo a perna a todas, de bem arreadas que estavo, cum pinta e discaramento.

«Ê bem reparei num prosa que stava a jogar às cartas na mesa a pé de mim e nã tirava os olhos da minha Cunsuelo, a quem já tinha atirado algũas baldas certas, coma quem a conhecia de ginjeira. Mãis, sempre procatado, pra nã ferver em pouca (i) auga (que o boi im terra alheia nem vaca é!), em vez de me dar por achado disse mãis foi à rapariga que, se le agradava mais a companhia do marmanjo — amigo não impata amigo nem soldado pertuguês puta espanhola — fosse lá ter co ele. Desfez-se logo em credos e em *miras, por Diós!* — mãis com tal gana de dentro, com tanta *vergüenza* (coma eles dízim), que se pôs toda vormelha, e, diente da minha teimosia em desimbaraçar o campo ó oitro, viero-le as lágrimas os olhos e disse (ê cá nã falo espanhol, mãis nunca mais me esqueceu!):

– *Si no le gusto, me marcho... Pero le quiero... le quiero mucha, portuguesito!*

«Ah, couho! A minha vuntade foi dar-le ali mesmo um beijo, e não era o promeiro que se desse naquela tarde, ali na fonda. Mãis o diabo da muchacha, dezendo-me aquilho a mim, que nã tinha eira nem beira e era pior que um desertor deu-me logo cos pés no coração. E eu, que inté ali tinha stado a pé dũa mulher de porta aberta, dali por diente tomei-lhe um rospeito que, maior, só o que tenho à minha Estrudes. Alambrei-me então, no meio daquela fraqueza, que tinha arrecadada na bolsa ũa medalhinha de prata, da Senhora dos Milhaigres da Sarreta, que minha mãe me tinha dado na vespra do imbarque, na cidade. Era a única galanteria que tinha comigo, além de ser coisa benta. Puxei da bolsa, e,

tamém de olhos vidrados, mãis disfarçando a coisa cá co estes meus déreis de proa, estindi-lhe a medalhinha na ponta dos dedos, e disse-le:

– «Tome lá este arrelique, e, se le prèguntarem quem foi que lo deu, diga que foi o sòldado mais duro e mai' ruim que de Elvas passou a Badajoz...»

«Ela riu-se munto, vormelha como ũa brasa, e pregou a medalhinha no seio. Mal ela tinha acabado de acertar o alfenete, qando oiço o prosa da ilharga, o da jogatina, que durante estes nossos feitios nã tirava os olhos da gente, sempre mal incarado e mitidiço:

– «*Mira, Consuelo! Es Virgen?*... »

«Ah, rapazes! Se quereis ver o que é um espanhol cheio de sãingue c'um murro naquele focinho, era só irdes à Calha de las Fuentes e pordevos a par de Mateus, im pé no mei' da fonda... O pimpão ficou-me estindido ò cumprido dum banco, que ê dei-le a segurar e ele nã contava co aquilho assim tão de rumpante: truque, três-seis. Mãis o pior é que a espanholada toda caíu em riba de mim e do Antonico Rato, que jogava bem ò pau e, c'um sarrafo na mão, tinha aquela canalha em rospeito. A Cunsuelo puxou-me polas abas da jaca cá pra fora, pà rua, e vendo-me perseguido plo marmanjo da graçola, que, de ventas a escorrer sãingue, se tinha posto em pé e avançava pra mim de navalhão aberto, tirou da liga (que perna!) um cuchilho de ponta e mola, um palminho de casco de tataruga invergado, que partia um pente de luxo, e gritou àquele cracamano que, se desse mais um passo, le mandava aquilho à barriga. E é que mandava, mesmo a dez metros de distância! que me disse dipois, que, desde pechinchinha, se intretinha a fazer ponto co a faca da cozinha à porta do quintal da avó...

– E depois, Mateus? Gozaste a moça ou não?

– Deixe-me Vossioria siquer! Os milhores bocados da vida são os qu'um home nã chinca... O estepor do espanhol a negacear ali, diente de mim, que já nã via, de brabo, e ê caise a botar a mão ò cuchilho da minha rapariga pró esfandangar de vez. O Rato, sempre de sarrafo nas unhas, tinha-se safado tamém da barafunda da fonda, e marumbava de capoeira diente da minha Cunsuelo, pra não na apanhárim. Já me poparava pra acabar cum semelhante caçoada, tirando a faquinha à moca e abrindo a barriga a um ò dois, qando sinti a mode ũa pata no ombro, coma quem m'indireitasse a charlateira, e me dero voz de prisão. Távemos cercados por duas parelhas da Guarda, que nem duas parelhas de machos. Mãis não havéro ser os machos do Jaquim Saldanha, que são esfòmeados e miúdos... Ero machos ali da Bataria: quatro còdrilheiros forçudos, mal incarados, destes de chapéu cobrado no toitiço, que lovaro a gente de rópia, eu, o Rato e as mulheres, sem dárim tempo a um deus-te-salve!

«Ò ver rumper ali as sombras daqueles capindós, que nem asas de aventesma, ainda stive vai nã vai pra tentar a minha sorte e, co a ajuda

do cuchilho, afocinhá-los ali. Desertor ò não, é sempre era ũa praça nacional que servia Sua Majestade, e aqueles carabineiros nã passavo duns còdrilheiros da raia, pois já no tempo da Pàdeira sete cracamanos de Espanha nã valio um pertuguês! Mãis, o quê!... Armados inté òs dentes, de carabina im bandoleira, chanfalho e revolvre nos coldres, se ê les fizesse frente co aquela navalhinha de capador da minha mimosa estindio-me ali! E, dipois, o galo nã canta adonde quer... Por minha culpa ò alheia, ê estava mitido num alevante de mulheres... um sòldado inimigo... à revelia de Elvas... É preciso ver as coisas! Um home, afinal, qando o aperto, quebra mais fácel qu'ũa vara! Digo eu isto a Vossioria, pa minha salvação!

«Caramba!... Quem me tivesse visto no rumpante da fonda, todo prosa às fiuzes das mulheres, e me visse agora ali incurralado na patrulha, manso coma um cordeiro (qu'inté parcia, Dês me perche, o Sinhor da Cana Verde amarrado à coluna na procissão!)... quem m'ali visse acabramado havéra de se binzer e de me tomar por um grandessíssemo cagarola. Mãis (torno eu cá à minha) um home que havéra de fazer, desertor im terra alheia, de mais a mais desarmado e pilhado à falsa fé por aqueles quatro judeus de belandrau, que nem os Irmãos da nossa Mizricórdia na procissão da caída da Praia?! Era ustir, caladinho! E foi o qué fiz, e mais o Antonico Rato.

«Lovaro as mulheres pró chelindró da paisana, e à gente ambos e dois mitero-nos na poterna, nos torreães de Badajoz, a pé dos fossos, que só faltava a paviola do Zango, da Casa dos Mortos, pra eu cudar que me io interrar de esmola, vivo, no calejão do espital! As paredes da boca da inxòvia eram tã grossas e baixas, que o gradilhão de ferro, cum varães da gressura dum pulso, ficava ali à face que nem a cancelinha dũa gaiola de cana, destas im que o mestre João cria os melrinhos a papa...

«Dipois de espremido cum prèguntas naquela língua de trapos e virado do avesso e apalpado atrás e adiente, a ver se me achavo dinheiro, armas ò cuntrabando, lá me correro nas costas aquele grandessíssemo ferrolho, que gimia e tornava a gimer entes de entrar na fêmea. Era caise di noite. Rente ò tecto, de bobedilha, via-se, por ũa fresta de palmo (ũa gateirinha à toa a toda a gressura da muralha), um nadichinha de céu, já caise sem azul, coma qando a minha Estrudes se esquece e espreme de mais a bonecra do anil no alguidar da roipa. Olhei pra riba, olhei pra baixo, cum dois passos im frente dei ũa marrada, no muiro, cum quatro à retaguarda um bate-cu na parede, direita e esquerda-volver o mesmo cunseguinte... A (i)auga corria-me às pés que nem a valeta da presa da Mizricórdia, ò balcão do Francisco Cambadinho, im dias de surriada. E pràli fiquei três dias e três noites, a pão e auga, co coração mai' negro qu'ò tinteiro dum polvo revirado!

«Ò cabo disso fui chomado à presença do ofecial da Guarda, que me tomou oitra vez o nome e o numbro, e lá me passou ũa teoria (im espanhol, já se vê!) e me mandou escoltar por duas patrulhas, a mim e ò 73, inté à raia de Elvas. Pai da vida! Mal aqueles cães me largaro, e já oitros afiavo a dintuça pra botar a mão à gente. Era a ronda à gurnição, já da nossa banda de Elvas, que tinha reforçado o piquete e stava à nossa espera, no indireito do cagarrão.

«Dessa vez apanhei ũa conta calada! Fui dado por ausente sem licença, cum extravio de artigos tirados ò regulamento. E bem bum! que, se nã fosse o nosso Manjor da Praça, que era ũa pomba sem fel e passou trabalhos pra se auguantar sisudo qando fui à sua presença e le cuntei o assucedimento da fonda co a pintalegreta do cuchilho, tinha sido mãis era dado po' desertor, que nem Santa Maria me livrava das varadas que davo naquele tempo!

«Apanhei-as dipois... Vossioria já vai ver! — disse Matesinho levantando o chumaço do ombro direito da jaqueta e tentando enfiar a mão esquerda por aquela, espádua abaixo, como quem coça uma pulga. Mas, pelo difícil da manobra, ou por ser ainda cedo para fazer a parte, deixou cair os braços, escoroçoado, e disse, com muito mais proa que lástima: — O qu'ê tenho penado neste mundo, sr. Matesinho, po via desta minha má cabeça! Este rumatismo qu'ê tenho — (e levava as mãos às ilhargas com a elegância e a flexão dum acrobata!) — estas minhas dores de cruzes, dízim qu'é de ir ò carangueijo ...que são as molhas do Ilhéu...! É mãis é tudo minado do mê tempo, da vida caipora! Da poterna de Badajoz e, dipois, da somana que tive no segredo, im Almeira, na oitra raia de Espanha, po via das mortes qu'hoive...

– Quais mortes? — perguntei, encandeado com tamanho enredo e tais desvios.

– O guarda fescal do Cabril, que estindeu o Trovão a tiro qando ele vinha de Val de la Mula c'ũa saca de prata às costas, pra pagar à còdrilha do Tarujo...

– Homem! Andaste metido em ladroeiras?!

– Lá isso, graces a Deus, — (e Mateus, emproado, espalmava a mão no peito, como a lavar o coração) — fui sempre ũa praça limpa! Sou de Sã Mateus, sr. Matesinho! Já mê pai picava ingodo de cabeça alevantada à proa do barquinho que pagou... Dever, devo cabedal a quem mo fia; roibar, nem a ponta dum corno a quem nos tenha! Vossioria já vai ver coma (i)é que o Mateus teve dares e tomares co a gente da còdrilha do Tarujo, que não era ladrão de cambapé.

«Qando saí do cagarrão, im Elvas, quite co a Fazenda e co Rei, fui de castigo pra Almeira: oitra praça de guerra, que fica lá im riba na Beira, cum tudo coberto de neve na força do inverno da raia, que aquilho bufa por lá que nem gato esfregado a melagueta! Vossioria

nunca oiviu dezer que de Espanha nem bum vento nem bum casamento? Pois eu, do casar não expromantei, a nã ser de mão esquerda im riba das inxergas da Calahorra, de Fuentes (qu'ê tinha cá na ilha a minha Estrudes à espera); mãis do vento, inté parece qu'ainda tenho frieiras no nariz!

«Eu a presantar-me im Almeira, e um correcional coma (i)eu (Valantim o alomiavo) a miter cunversa comigo à vez do rancho da tarde (leventávemos as latas juntos). Dezio qu'era um filho do José do Telhado, capitão de ladrães; Vossioria há-de ter oivisto falar dele. O sê nome fazia tremer a passarinha a toda a província da Beira; e, mais, já havia uns pares de anos que o còdrilha dele tinha acabado, uns a pernear na forca, oitros nas Pedras Negras, oitros por ali à revelia. Lá se o rapaz era filho do José do Telhado ó não, só a mãe no sabia, e ainda assim era preciso que nã mitesse oitro na cama, nas vagas do cabecilha... Ninguém escolhe pai pa nacer; e o rapaz era um cara direita que ali stava, fora a pancada na mola. Bobemos ambos e dois, coma quem assina de cruz úa contra-fé de amezidade: golada de cantil a mim Mateus, golada a ti mê cumpadre; e fomos acabar a vigairada a ũa taberna da vilha, que as havia mais bastas que farelo.

«O Valantim presantou-me ali logo os amigalhaços dele: uns, sòldados cá comà gente; oitros, carreiros e faxinas que trabalhavo no puntal que se stava a fazer num barranco, ò passo da raia de Espanha. Paguei a minha roda; eles pagaro as suas, tudo im sessego e à cavalheira. E, dali a dias, érmos todos cinco coma, irmãos ò primos chigados.

«Qando o nosso Capitão da cumpanhia, vendo o mê porte na aprumada, me cumpeçou a dar cônfia, (mãis sempe dobaixo dum rospeito... qu'aquela carranca nem mixia!), o sargento que respundia cumpeçou tamém a alargar-se, a dospansar-me mai' vezes de nicas de plantão e de faxina. E, qando eu me dispachava do mê dado, ò a *Orde* cantava mais cedo... ala, Mateus, inté às vendas da raia, por aqueles povilhéus por li assim, mais cheios de candungueiros que peixe podre de moscas!... «Ũa tarde, tïmos ido mai' lhonge qu'ò questume (vio-se as promeiras casinhas de Val de la Mula na torradeira do Vrão), o Valantim vai e diz-me, coma quem dá senha a ũa patrulha diente do inimigo im linha:

– «Vai buscar a espingarda! Vamos à Portela do Cabril esprar o Trovão, que traz veniaga.»

– «Veniaga, o quê? praguntei-le, à espera que fosse algũa carga de tabaco espanhol ò algũa peçazinha de seda... — (E os olhos azuis de Mateus, os seus dentes de marfim e clara-de-ovo pareciam rasgar-se em *moiré*). — Mãis o Valantim fechou-se co jogo e, abaixando aquela sua voz airosa, dispachada, disse só:

– «Anda! Cal'te...»

«Pa dezer a verdade a Vossa Sioria, é gostava do rapaz, salvo seja, coma dua namorada minha... E, mais, nunca fui pescante! Mãis era ũa prenda dum moço: bem parcido, descreto, latigante. Foi a minha disgrácia! Qu'ê cá, no cuntrabando, tive rasca co ele e cos oitros. Uns veludilhos... ũas sedas... ũa coisa à toa... Mãis o qu'ê nã sabia é qu'eles tavo mitidos co Tarujo, bandoleiro de bacamarte, cum roibos e mortes às costas! Quem no havéra de dezer! Moços desinxovalhados comó Valantim e o Trovão, assaltárim a igreja do Sabugal, lovárim as pratas todas e deixárim os santinhos espalhados: uns sem cabeça, oitros sem na palma; e Sã Benadito, qu'é negrinho, punduirado na verga da porta da sancrestia, nem que fosse inforcado! Tal desacato, senhor! Aquele achincalho!...

«Pois é verdade... Lovaro-me no bote, às fiuzes da veniaga. Qando m'êl disse aquilho, ainda me tintiei cá por dentro. «O quê! — disse eu cos mês botães; — pois ê vou-me miter noitra? eu, qu'inda oitro dia chiguei de Elvas, livre dũa rascada?!» Mãis as falinhas mansas de amigo Valantim e a saga dos vintens da candonga pudero mais cá comigo que a alambrança da minha Estrudes, e da criença, coitadinha, cum qu'eu a deixei acupada... Lá fui.

«Era já noite çarrada qando a gente se escundeu po trás dum penedo do Cabril que nem atiradores estindidos: eu, o Valantim e o Chiganço, que veio de furta-volta por uns atalhos, da banda de La Alameda, dezer que o Trovão, discoberto à saída do pueblo por um paisana espião da Comandância, teve de furtar a volta e havéra de estar a chigar ò oiteiro defronte. Mãis qu'os carabineiros, brabos de o não agarrárim, tinho passado palavra à Guarda Fescal do Cabril, e que duas patrulhas nossas, de cartucheiras cheias, já stavo im riba dele!

«Qando oivimos isto ò Chiganço ficámos sem pinga de sãingue! Mãis o Trovão era um amigo, um camarada da gente ambos. E deixar o rapaz assim, num risco daqueles, era ũa grande covardia! Ê cá nunca dei o mê lugar a ninguém num ajuste de contas; mãis reparei qu'o Valantim ainda stava mais infiado e brabo do qu'eu, naquele aperto.

«Oivimos passos de bota cardada já no vau da portela e mitemos as cabeças pâr' dento do penedo do Cabril, ũa crista afiada que nem ũa navalha de barba. Raso co aquele parapeito, esbruçado na ribeira lá im baixo caise seca da calma, esvigiei oitra vez, cosendo-me co a espingarda. Era ũa das patrulhas, que se tinha escundido tamém. Oivimos o barulho das culatras a abrir e a impurrar os catruchos. Nisto, um grandessíssemo estropido, e um vulto, cum saco a abanar, bem no indireito da gente. Era o Trovão, coitadinho! largado a sete pés adiente da oitra patrulha que o tinha cercado atrás do oiteiro e le vinha no incalço ainda lá longe, mãis fiada nos guardas alapados im baixo, na ribeira. Se a gente cá em riba desse sinal de si, eles disparavo lá dobaixo. Mãis o prove, caise sem fôlgo da carreira im que vinha a fugir dos oitros

malvados, e de mais a mais sem qrer largar o saco, que não era pràí nenhum taleio mãis sempe estrovava ũa pessoa, safava-se dos cães de riba pa cair na boca às dobaixo se a gente le nã grita:

– «Fuge, Trovão! Fuge! Olha esses cães aí im baixo!

«A gente a gritar desta maneira, e os da patrulha dobaixo co as cabeças de fora e as carabinas im mira. Mãis eles lá ero dois, a gente cá im riba três, e o Trovão a correr pra oitra banda... E foi o que valeu, porque os guardas ficaro ali um padaço sem sabêrim se havéro de atirar à gente ou ò Trovão. Aproveitámos a pausa, saltámos do escundorijo e... fogo!

«Um dos guardas afocinhou logo adiente, numa poça de sãingue. Mãis o oitro, procatado, abrigou-se das nossas puntarias e estendeu o Trovão co um tiro à queima-roipa. Foi então que ê vi qu'o saco não era de tabaco nem de seda nenhũa, mãis um saco de duros, que teniro im riba dũa laje que nem a campainha da igreja qando o padre leventa a Deus. Imos já im riba do ladrão que estindera o caipora do rapaz, qando vimos desimbocar a oitra patrulha, de bofes pola boca fora. O Valantim disparou a sua (i)arma, mãis caiu logo prà banda, ferido na barriga da perna. Qando puxei o gatilho pra le acudir, a minha espingarda incravou-se!

«Então, desarmado, cercado, qu'havéra d'eu fazer? O Valantim, co aquela corage dele (o sãingue da perna era im tornos!), vai e disse-me assim:

– «Fuge, Mateus, qu'eles nã te viro!

«Eu ainda me quis fazer forte... Rasguei um bum padaço da minha camisinha e amarrei-lo ò redol da perna; mãis aquilho era mais o sãingue qu'oitra coisa. Quis-le pegar às costas, fugir mais ele. Mãis não era um carreto pra semelhante avantage; e coma stávemos ambos e dois perdidos se ê não aproveitasse a ocasião, ingoli um seluço de brabo e... perna, ajuda tê dono!

«Nem parece senão que stou vendo a cara do Trovão impastada de sãingue, e aquele careta de raiva, coitadinho, cum que espichou a canela! Co a cabecinha dele tapada cüa mão e a oitra que partia tar a apuntar pá alvura dos duros espalhados, só partia úa umage da tábua do Pirgatório qu'o pade tem na Matriz!

«Qando a patrulha botou a mão ò Valantim, nem rasto já se me via! Ainda hois nã posso lovar à paciência nã ter vindimado um ò dois guardas... Mãis é só cá o mê gênio, a furver, a furver... Qu'a verdade é qu'o dinheiro era roibado. Façanhas do bandido do Tarujo!

«Mãis o prove do Valantim, coitadinho, era bum. Ah!... bum antão! Aquilho nã tinha ruindade pra ninguém... Era só aquele seu levante, aquela pancada alta... E, se fazia o mal, era só lá pra ele. Pois Vossioria nã quê ver que negou sempre, a pês juntos, que me tinha visto ali, no meio da sarrafusca?! É de valente ò não é?! E, comòs guardas tamém nã podio jurar falso, só tive ũa somana de segredo e apanhei as varadas antão.

– Varadas?! - exclamei. — Então em Almeida, no seu tempo, ainda havia varadas?!

– Ele o Rei nã nas qria; mãis eles davo-as! Davo-as à sucapa, fora de formatura, inté o sãingue espirrar...

E Matesinho, arregaçando atrás, na cintura, a sua camisola azul de pescador, como se eu fosse um médico e pretendesse ausculta-lo, encostou-se-me:

– Apalpe, apalpe Vossioria aqui e veja este godilhão... este caroiço... — Meteu a camisa para dentro; deu um puxão às calças: — Penar ...! O quê penei por esse mundo, minado à minha má cabeça!... Tamém... posso-me gavar! — E, espalmando a mão direita na tábua do peito, como um herói que ajeita os seus cràchás: — Quatro prisões dobaixo de armas, que stão aqui!

– Mas vossemecê só contou três...

– A oitra nã tem que cuntar. Foi im Évora-Cidade, po via tamém do mulherio...

– Conte! Conte... — insisti.

Mas sentia-se na escusa de Matesinho uma razão secreta, uma espécie de rápido pudor; e, compreendendo-o, calei-me. O seu tom narrativo, tão pitoresco e empenhado, aliás afrouxava. Eu disse ao Jé Cardoso que lhe enchesse um copo de vinho — mas o «bandola», o grande, que levava um quartilho. Matesinho encostara-se pouco a pouco ao balcão, de polegares espalmados na borda chapeada de vinténs do Senhor D. Pedro V. Libertando a mão direita de semelhante posição, a um tempo discreta e inapetente, cingiu o copo de trás para diante, em forqueta, entre polegar e fura-bolos, como era de seu estilo repousado, firme, finalmente galante na proa que dava à cabeça levemente derrubada ao beber. E, pedindo-me licença para preparar o trago com uma boa larada de cuspo branco, saudável, ascarrapachada no caixotinho de areia como uma flor de sabugueiro, empinou, sem pestanejar, o meio litro de vinho. Depois, limpou-se à côdea do polegar, branca e calosa do marisco, filosofando:

– Um home nunca aprende! Inté me demira coma é que nã ferraro comigo nas Pedras Negras, à força de tanta cabeçada... Olhe Vossioria: O que me valeu, no fim do mê tempo de soldado, foi ter ido parar a Valência do Minho e assuceder aquilho no rio.

– Conte lá...

– Eu ainda tinha cabedal de tempo de correias adiente de mim, po via dos castigos; e lá na cumpanhia, no depósito, nã me deixavo sair ũa nisquinha a nã ser ò domingo. Um dia, andava cá munto discansado a passear, mais um camarada de Caminha, a pé da ponte (tava ũa tarde cheia de vento; ũa invernia danada!), qando vejo um vulto no rio, a esbracejar, a esbracejar...

– «Aquilho é um home a afogar-se! » — digo eu ò minhoto.

– «Qal nada!»-- diz-me ele.

– « É um home afruntado! já te disse!» — E, sem le dar oividos é ripanço, fui-me chigando prà marge e cumpecei a correr.

– «Num bás! Num bás!» — dezia-me o socranca do minhoto (qu'eles nã dízim o *vê* comà gente); — «num bás, que te afogas!» — (qu'ê já tinha dospido a fardeta e desabetoado os promeiros botães da braguilha).

Mãis, vendo a criatuira no rio cada vez mais aflita, só tive tempo de puxar os canos das botas e atirar-me à (i) auga, mais amarela e cuspinhenta qu'ò baixio do ilhéu cũa nortada.

«Co a força do vento e da ressaca custava munto a adanar. De mais a mais, preso pola roipa alagada, um home mixia-se mal. Quemquer que era devia de ali star há padaço, qu'a (i) auga stava sacudida dum espumaredo branco ũas poucas de braças ò redol. E, braçada sim, braçada não, o prove margulhava fũindo, que inté partia que nunca mais tornava à de cima d'auga! Fui-me chigando a (i)ele) de mê vagar (que isto, gente botada ò mar, que nã sabe adanar, nã quer saber de contos: atira-se ò salvador coma gato a bofe, e um home stá vindimado!). Dei-le então cá um baque no toitiço, à minha moda, só pra o espravoar, peguei-lhe coma quem leva um molho de luzerna, de braçado; e co braço que stava livre, ajudando co oitro qalquer coisa, remei no indireito da terra.

«Pai da vida! Suei bagada d'auga promeiro que lá chigasse; qu'o home era um home novo, ũa estrela de mancebo, leve mãis intruncado, e tornou a dar acordo de si entes de arribarmos a salvo, que m'ia inquietando ali!

Lá pus a minha troixa im riba da areia, coma Deus quis e foi servido. Mãis assim que m'aleviei daquela carga de preço fui-me abaixo das pernas tamém, que já nem podia tomar fôlgo! Tinha-se ajuntado um poderio de gente, às gritos do camarada. Pegaro antão no arribado e trataro-no logo; e a mim, lovaro-me de charola prà cama do còrteleiro, adonde peguei a dormir dipois de me têrim esfregado que nem a um menino de mama...

«Só sei que no oitro dia acordei na informaria da nossa Praça d'Armas, todo de ponto im branco: lançol de vira novo, cabeçal, fronha fresca, nem um òfecial da linha. Nisto, sinto ũa voz puxada ò rospeito a pé de mim, esfrego os olhos... e que é qu'hás-de ver, Mateus? um fraca figura coma tu, correcional e desertor, ali im sintido a pé de ti?! Sua Sioria o Capitão da cumpanha do depósito, (lá é que ê stava dado...), e à ilharga dele, à paisana, um figuro alto e bem apessoado, maior qu'ò nosso Jão Grande, c'ũa pele cor-de-rosa, fina do munto sabonete, e um cavanhaque de chibo, alvo comà prata de lei! Memo ainda atoleimado e fraco coma ê stava da minha avantage da vespra, quis-me mãis foi pôr logo im pé, assantar-me siquer na cama, nem que tivesse oivisto tocar a

sintido os ternos de clarins e de corneteiros de Elvas, à chigada do Príncepe Real. E cum toda a rezão, que quem ali stava não era ninhum lhagalhé de dragonas: era Sua Incelência o General Rovernador da Praça, José Maria d'Almeira, sinhor de baraço e cutelo... Vai Sua Sinhoria o nosso Capitão e diz-me assim:

– «Deixe-se vossemecê star aí quieto, que Sua Incelência dá licença. A criatuira que vossemecê livrou de morrer afogado onte à tarde era o filho do nosso General, o menino Quiatanino, fique sabendo!» — E lá no sê palavreado ò grave (nunca m'esquece!), vai e diz-me assim: — Vossemecê é um recidente, mãis tirou das garras da morte um moço na flor da mocidade!»

«O nosso General antão deu um passo im frente e poisou a sua mão direita (sinhor de baraço e cutelo!) im riba do meu ombro e disse-me, tamém ò grave:

– «Rapaz! Não é só em campanha qu'um sòldado dá provas de valintia! Salvaste o mê filho! És um herói!»

O Matesinho fez uma pausa, emproou-se um pouco, como era seu costume em lances expressivos e solenes. Os seus belos olhos azuis estavam vidrados de lágrimas. Mas o sorriso fresco e cheio que lhe iluminava os dentes enrugava-lhe a pele dos malares de uma fina ironia, como quem diz: «Coisas que acontecem... Coisas que se gosta de contar...» Depois, endireitando os fios de prata da marrafa que se lhe rebelavam na testa, lá tirou da sua fábula a moral que lhe convinha:

– E agora diga-me Vossioria cá se Mateus, que nã falta ò rospeito a quem no deve nem pisa o traço a ninguem, nã tem rezão qando se nã deixa achincalhar por essa pescadeirada bàdia, e memo po certos mês-senhores... Abaixa a barba! que graces a Deus tamém ponho ũa navalha na cara há munto ano!

– E o General, que lhe fez?

– Que me fez?! Mandou-me ir no dia seguinte à sua presença, òs paços de Valência, santou-me à mesa dos sês criados graves, e foi Sua Incelência e a sua sinhóra que me serviro do bum e do milhor e me dero vinho a bober. O menino Quiatanino, qu'era cadete real do colêgio das armas de Lisboa, veio-me dar um abraço e um corte de roipa paisana que cunsolava a ver. Pano de jarda, pano fino! A minha Estrudes ainda tem um cotão feito do forro da jaqueta... Dipois, Sua Incelência o General diz-me assim:

– «Agora, diz o que é que tu queres: Ũa medalha ò peito ou a tua ressalva amanhë?

Dançou-me na cabeça o punduricalho um padaço, a luzir-me na farda, todo areado, siquer pra miter raivas a certos gavolas, na parada. Mãis lambrei-me de Estrudes... Nã na via há três anos... O piqueno havéra de star caise co essa idade, que qando dobrei a Ponta do Monte,

que nem um degradado, nem se via barriga à mãe! E, entes que m'arrepindesse, respundi:

– «Saberá Vossa Incelência qu'antão entes quero a minha ressalva, e seja p'amor Deus!» — (Que, direitamente, polas contas, nem cum mais dois anos a fio s'ê pagava o mê sãingue ò Rei! Tudo minado òs castigos!).

«E assim foi. Logo ò oitro dia, à parada da guarda, dero-me a ressalva limpa. Ajuntei tuido o que tinha na caixa dentro dũa saquinha, dospidi-me de quem me qria bem, bobemos, charolámos, e, na manhẽ do oitro dia, ala a pé inté Viana, a ver se amanhava passage nalgum veleiro pa Lisboa. Ofreci-me de moço num caíque, mãis o alma do diabo partia a carroça do Trajela: nunca mais chigava à destino. Antrámos a barra de Aveiro, mitemos lastro im Peniche, e lá chigámos cum Deus, ò cabo de oito dias, a Lisboa. Mãis se antrei limpo a bôrdo, mai'limpo saí de lá! Teso coma um chicharro! E agora...? Pagar a minha passage?... De mais a mais, o *Açor* leventava ferro no domingo de manhé… (Chiguei num sábedo). Po' milhaigre, incuntrei no Cais do Sodré o Crica da Ribeirinha, que tamém tinha vindo respunder a cunselho de guerra, mãis cum tanta sorte que já ia solto e liberto e tinha a passage na alzibeira. Disse-me antão que o nosso General Siuves, lá da nossa terra, era um paz d'alma e amigo de valer a um prove. Morava no Dàfundo, ũa légua ò sainte de Lisboa, às portas do mar. Presantei-me a Sua Incelência, cuntei-le o assucedido, mostrei-le a minha ressalva, e Sua Incelência disse-me:

– «Impresto-te o dinheiro da passage, rapaz! Mãis toma munto juizo, que mo hás-de pagar im peixe e cracas, qando eu fôr lá prà ilha».

«E deu-me ũa livra de cavalinho, qu'ainda parece que me loze aqui na palma da mão! Olhei prà livra, olhei pra Sua Incelência, e pansei cá comigo: «Tens d'andar a pescar e a fisgar caise um ano, Mateus, se quisés pagar esta esmola!». Mãis Sua Incelência o General, vendo-me as láigrimas nos olhos, nã me deixou adientar:

– «Vai-te imbora, rapaz! E faz lá vesitas ò Padre Vigairo de Sã Mateus, da parte do General Siuves».

«Olhe Vossioria q'o Dàfundo ainda é bem desviado de Lisboa! Coisa dũa légua, ò mais. Fanquei-me no Cais do Sodré immentes o diabo esfrega um olho, merquei a minha passage, imbarquei, e dipais de seis dias de viage, im que mais de mètade dos passageiros do *Açor* reviraro o buxo do avesso, cum vento de proa e maresia, antrámos a ponta do Monte que nem ũa galera a todo o pano!

«Vossioria nã quê ver qu'ê nem dava fé da Mizricórdia, a mode esparvoado daquele tempo de moina e de má vida, sem qrer acarditar que tinha chigado à minha terra?! A Alfândiga, o cais, a rocha de Cantaglo co a ermida das cumpanhas do Corpo Santo lá im riba, inté o guarda-fescal que m'apalpou a saquinha e que m'alambrou logo a morte

do Trovão, coitadinho, estindido no Cabril à falsa fé... parcia-me tudo a mode um presépio infeitado cum musgos e silvadinho.

«Ninguém m'esprava, já se sabe... A minha obrigação, de mais a mais, era toda de Sã Mateus. Da clássia do mar, do Corpo Santo, só vi o Chico Gorjita, q'andava co a lãinchinha do Chalandra. Mãis, com'ê tinha pidido licença e deixei crecê barba — ũa manchiinha de palha doirada e anelada, qu'isso é qu'era... — o Gorjita nã me tirou polas feições. Ele bem s'afirmava... Mãis ê vinha cá todo prosa co a minha vestimenta de pano fino feita plo mestre do Casão, im Valência do Minho, à custa do menino Quiatanino, e punha-me a olhar prà Mizricórdia, nem brasilheiro rico ò amaricano cum bònim...

«Antrei nũa venda da rua das Fregideiras pa mitê qalqué coisa na boca e bober um copo de vin' de cheiro (tal era a fome e o descunsolo!) e larguei-me a pé pra Sã Mateus. Qando chiguei à antrada das nossas casinhas, adiente dos salgueiros do forte, fiz-me ainda mais disfarçado, cheio de gàjé do cuntinente. E, nã me qrendo chigar munto pra um monte de mulheres e de pescadores a pé da venda do Balhabém, nã fôssim eles matar-me pola fala ou polo andar — que pola focinheira, co a minha barba toda, que luzia mais qu'um punhado de libras novas (assim nas tivesse eu!) nã me tiravo eles — chomei ũa ranhosinha, que pela pinta havéra de ser da frandulage do Fandulho, que as tem sempe mais bastas que petinga, e praguntei-le:

– «A menina diga-me ũa coisa: Sabe adonde é que mora aqui a tia Estrudes, a mulher do Matesinho?»

– «Do que stá no Castel?»

– «Esse memo! »

– «Vou-le insinar!»

«Sempe fingindo qu'era de fora da terra, larguei-me atrás da criença coma quem vai de passeio, mãis sabe Deus com'ê stava todo a tremer cá por dentro! Lá a nossa cambada do mar, vendo aquele home bem amanhado, co a sua barba anelada e um chapèzinho braguês, foro-me no incalço. Qu'aquilho, coitadinhos, tamém, apesar de labutárim todos os dias cum gente e sinhores da nossa cidade de Angra, (que de Sã Pedro à Praça Velha é qaise tudo fidalguia!), parece que nunca viro gente... Qando aparece alguém mal limpinho, de barriga cheia, boto-le uns olhos cumpridos, nem que stivéssim ougados... E é cá comigo: «Bem te cunheço, fresquidão!... Olha o Galhé... Olha o Carum... O Manel da Tia... O Mija-ovelha... A mulhé do Friuras, pranha!...». O mulherio, lá, só cochichava: «Quem sará? Quem sará?».

«Qando chigámos à minha porta, a criença bateu, bateu, immentes m'ê punha ò largo, Oivi esberrear. Havéra de ser o mê menino, nosso Joaquim, qu'ia fazer os sês três anos passante da Festa e qu'a mãe cum certeza tinha deixado no berço, pois nã s'oivia senão a voz do menino a

cramar. Ua das Fandulhas ofreceu-se pra ir chomar a minha a casa dũa vezinha, e ê disse-le antão:

– «Diga vossemecê à tia Estrudes qu'é um camarada que le trás notícias do seu home... Que se maneie!» — E, co coração num figo, incostei-me à umbreira da minha porta a disfrutar a vezinhança, que se péla por tudo o que é chocalheirar.

– «É um home de fora que trás notiças do ti Matesinho à tia Estrudes…» — dezia ũa.

– «Aquilho o Matesinho morreu por lá, nalgũa inxòvia... — oivi eu ò Carum, o grande alanzoeiro! — «Nã gostava de vinho...».

Vou eu:

– «E vossemecê, atira-le pedras?»

Mãis arrepindi-me logo, nã fôssim eles conhecer-me pola voz, imbora ê tivesse apanhado bem o socate do Cuntinente, qu'inda hois há quem diga que tenho um falar difrentioso. Nisto, quem hei-de ê ver, rente à murinho das Garoipas, de xaldinho puxado à testa nem que fosse ũa viuva e co as galochinhas na mão pa correr mais depressa? A minha Estrudes, coitadinha! já piquinina coma hois é, co aquele bum modo dela a prèguntar-me de longe:

– «Ah, sinhor. Vossemecê viu o meu home?! Adonde é qu'ele stá, sinhor?»

«A minha vuntade foi deixar-me cá de caçoadas e dar-le um abraço dos meus, qu'aquilho foi sempre tã piquinina e sujeita qu'um home pegava-le ò colo coma quem levanta ũa pena! E stava bonita, o diabo! co aquele seu olhinho perluxoso, mais melgueiro e doirado qu'um pingo de mel! Mãis, já agora…

(Enquanto o Matesinho soltara as últimas palavras, encostado ao balcão da venda e de costas para a porta, vimos assomar um vulto, uma sombra feminina, de xalinho coçado e em bioco sobre os olhos.

Um dos ouvintes fez-lhe sinal de cá para que não interrompesse o narrador. E a própria tia Estrudes (que era ela em pessoa) conhecendo por instinto e por deixas a altura em que Matesinho de Sã Mateus ia da sua história, quedou-se encostada à porta, primeiro com a cara de censura e de lástima que sempre arvorava em o vendo, e logo siderada, embevecida a ouvi-lo, abanando a cabeça cheia de experiência e de brancas).

– «...Mãis já agora — continuava o Matesinho — sempre quis lovar a minha àvante e disse-le, coma quem se livra de esculcas.

– «Preciso falar a vossemecê de parte. Olhe vossemecê qu' o seu home... »

«Mal tinha é dito isto, e Estrudes começa a esberrear, a gritar: — «Ai qu'o meu home morreu, cara da minh'alma! Ai, qu'há-de ser de mim sem o mê rico home, mê Dês! »

(A tia Estrudes, ainda especada à porta, abanava a coca do xale como quem diz: «Tal e qual... Tal e qual... »).

«Então agarrei nas barbas que me fazio disfarçado, apertei-as de mão cheia contra o queixo e o piscoço coma quem troce a folha a um cambulhão de milho e disse-le, a rir, cunsolado de a ver ali, diente de tanta gente, sujeita e fiel ò meu rospeito:

– «Ó mulher! Pois tu nã me conheces?! Nã vês que sou o Mateus?!»

As galochas de pau da tia Estrudes, estreloiçando talvez com a emoção dela, traíram-na ali à escuta. O Matesinho, ouvindo o ruído, virara-se lentamente para a porta: primeiro com a cara de quem não gosta de ser espiado ou interrompido; depois, reconhecida a mulher, ainda com a suspicácia de quem nunca era interpelado pela cara metade para bom fim... Mas, vendo-a tão atenta e como que encantada a ouvi-lo, mediu-a em sua pequenez sofredora, sorriu-lhe enigmático e distante, e disse-lhe então:

– «Eras tu, Estrudes?... És mais sorrateira qu'ũa lavandisca, a andar! Tavas antão aí?... Quem escuita, de si oive...

E, como a pobre, que em geral não fazia a romaria das vendas senão para o cobrir de lástimas e más palavras, se ficasse a mirá-lo com enlevo resmungando apenas: — «Quem tanto ajunta!... graces a Deus!... O qu'aquilho vai buscar!...» — considerou-a uns segundos em silêncio e rematou, depois de enxugar outro bandola que eu lhe mandara encher:

– «Todos dízim qu'és santa, mulher! Splandor nunca to vi... Mãis, s'és santa, a mim mo deves! »

E, mandando-lhe pesar uma quarta de açúcar que ela embrulhou no xalinho, saíram à ilharga um do outro como noivos com os sinos repicando.

CABEÇA DE BOGA

I

Quando o Abílio foi para o Brasil (conta Mateus Queimado), a mãe dele fez-lhe medas e medas de camisas e de ceroulas. Lembro-me disso muito bem. Éramos uns poucos: o Abílio, eu, o Fausto, o Hemetério, o Francisco da Segunda, o Tiàzé. Mas estes dois não iam jantar nem passar tardes connosco, de bibes embrulhados ou pela mão dum criado, como o Chinchinho. Cheiravam a peixe e, quando o ranho era muito, limpavam-no à manga do casaco e engoliam o resto, fungando.

O Francisco da Segunda era miúdo e vivo como azougue; o Abílio pacato e pesado. O Hemetério tinha um corpo de galgo e pegava-se um pouco na voz; o Fausto estava acima de todos na escola e era pitosga. Quem o queria bravo era meter-lhe um calhau na algibeira ou puxar-lhe disfarçadamente pelas abas da jaca, quando estava a estudar. As duas coisas ao mesmo tempo, comandadas pelo Francisco da Segunda (que para isso piscava o olho), punham-no fora de si. Tornava-se muito vermelho, baixava a cabeça e investia. Então fugíamos todos; e enquanto o Segunda, leve como um macaco, o ia capeando, ouvia-se em coro o apupo selvagem:

– Fausteca doida! Fausteca doida!

O Abílio evitava tomar parte nestas montarias, bonacho e gordo. Só pensava nas marcas do jogo e num irmãozinho de cinco anos que tinha em casa e nascera fora de tempo: o Pirrilha. Sendo preciso, o Abílio corria cem metros dum fôlego e nem o Segunda lhe pegava: Apertava muito os beiços, e, de rabona a dar, a dar, estalava a patada na meta que até se acabava o mundo! Mas, se corria muito, ficava a suar. Sentava-se nos degraus da escola e precisava de minutos para se lhe não ouvir o fôlego. Depois, limpava as bagadas do suor e ficava para ali um fraquezas, que o próprio Tiàzé lhe chegava o cuspo ao nariz sem perigo de chapada no focinho.

Tínhamos inventado havia pouco essa maneira suprema de levantar a luva. A mínima pega de palavras — uma aposta, um pião contestado — o mais forte ou afoito fazia peito:

– É mintira? É mintira?! Toca-me no nariz!

O outro cuspia na cabeça do dedo, e, se tocava, sentia-se cantar a bofetada, até que o primeiro soco estreme pusesse umas ventas *knock out.*

Mas o Abílio não gostava de choques, um pouco sombrio e bom. Os desafios eram principalmente para os que tinham pai pescador, acostumados ao falatório nas vendas até que horas! às pragas do puxar da rede, às juras terríveis das mães tratando-se de curtas e compridas nos lavadoiros públicos, até que uma esguedelhava a outra ou lhe virava o traseiro sugerindo à força de palmadas não me lembro que prova de limpeza. Os maridos vinham fazer as pazes ou iam liquidar o caso abaixo da muralha, de navalhão nas unhas.

Nós, «os da terra», bincávamos a outras coisas. Os nossos pais tinham escritórios ou lojas; as nossas mães tinham salas com consoles, avencas e begónias. Era outra loiça…

Minha Mãe, por exemplo, gostava muito da Sr.ª D.ª Claudina. Era a mãe do Abilio. Dizia sempre:

– Eu vou poucas vezes a casa da Sr.ª D.ª Rosinha, mas somos amigas, que isso é que é! O meu Abílio e o Matesinho, então, são como a unha e a carne...

Minha Mãe, essa caçoava, ao ver-nos:

– Lá vem o cego e a sanfona...

Se fôssemos a tomar o dito a sério, o cego seria o Abilio, salvo seja. Tudo o que eu quisesse. Para a areia, cortar canas? Para a areia, cortar canas. Faz-se uma gaita! Ele preferia uma espingarda e um terçado — com que ficava pândego, grande negalho de barbante a medir-lhe a barriga. Mas eu dizia: «Faz-se uma gaita?» — e eram logo duas gaitas o que realmente se fazia, ficando para mim a que tinha a película melhor. E — «nhom… nhom… nhom…» — dávamos razão a minha mãe no dito de «o cego e a sanfona».

Estávamos a ficar espigados. Ao meio-dia, o Sr. Professor tocava a campainha, íamos quietos e direitos até ao corrimão; depois, quem tinha mais perna chegava primeiro à rua. Da varanda da casa da escola via-se rolar o mar. De inverno era quase sempre verde e grosso, como que cuspido. A praia — mais curta. Grandes rejeitadas de espuma salvavam o barracão das redes. E, se pegava o vento e a chuva, era quase sempre uma chuvinha à toa, uma morrinha virada a Nordeste, de gaivotas chiando à venda do Pexinho. No saguão da escola jogava-se ao pulga-piolho e fedia a eflúvio humano…

Mas, passados os nevoeiros, o céu das ilhas rasgava-se, o Sr. Professor vinha à janela fumar e disfarçava. Ao longe, já havia pretextos para o Sr. Professor fazer o caso disfarçado: Toninhas à tona de água, e as velas da companha do Velhinho, que no outro Inverno morreu no mar. Íamos então tomar uma banhada, deixando a roupa e o calçado escondidos nas caneiras.

Um dia, eu e o Abílio achámos engraçado que aquilo que Deus nos deu ficasse arrepiado ao vir do banho. A nossa pele, amarelada da

calma, escorria. Mais de uma hora no mar (faltámos à escola da tarde) fazia-nos bater o queixo. Enxugámo-nos rolando na areia. Depois, ainda nus, sentados, o Abílio atirou-me um punhado de areia ao umbigo.

– Está quieto!

O Abílio atirou-me um cuspo um pouco abaixo do umbigo.

– Está quieto!

Zás!: Um bocado de cortiça de rede exactamente ao mesmo sítio. Estávamos secos, ambos de pele retesada; sentia-se ao longe o tape-tape da fábrica de moagem e a burra do Trajela zurrando. A maré ia na vazante, e por isso se ouvia aquele seu gorgolhar longínquo e entorpecido. Então, com gravetos, tomámos medidas mútuas e falámos cá das nossas coisas. Apesar daquela solidão, mal nos ouvíamos. Os nossos interesses acordados pela nudez eram dum mundo ainda mais sério e isolado, para lá daquela redondeza de areia lisa e quente.

Eu disse que a nossa criada, a Malagrida, se punha a bufar nas brasas ao dar trindades da noite. Minha mãe — fora.

– E tu?

– Eu, por trás...

Cada um de nós abria a sua covinha na areia com os gravetos das medidas. Olhámos de través um para o outro. Vi o branco do olho do Abílio molhado duma goma lustrosa:

– Pois eu…

– Conta!

– Eu não tenho nada para contar. Eu, cá, namoro a Lucinda. — Nunca o vira assim sério; tinha a mão dentro da cova, a arredondar o fundo. Como eu ficasse calado, tirou areia e disse: — Hei-de ir para o Brasil ganhar o dinheiro da passagem para ela ir lá ter.

– E é bom?... — perguntei eu, ainda aferrado à lembrança da saia da Malagrida curvada e bufando as brasas.

O Abílio franziu a testa e disse, encarando-me com espanto:

– Bom o quê?! — Pausa. Eu, para Deus me levar! Talvez contente com a gravidade estúpida que se devia ler na minha cara, condescendeu então: — A gente, cá, é só quando casar... Queres ser meu compadre? Abotoámos os suspensórios e ficámos amigos como nunca.

II

No exame do segundo grau fiquei distinto; o Abílio ficou suficiente. Uma tristeza! Compareceu de calça comprida, colete branco, a *châtelaine* de D.ª Claudina fazendo de corrente de relógio. Como roía nas unhas, o relógio era um descanso para encher o minuto de ignorância, atrapalhado com aquilo de — «Qual foi o rei que mandou plantar o pinhal de Leiria?».

O Sr. Fontes, o professor das Cinco, que era membro do júri, bem cochichava de lá: «D. Dinis… D. Dinis!...» O Abílio, porém, doido por toiros, saíra-se com «D. Afonso IV, o Bravo» — e teve a raposa por um tris.

Cá fora, esperavam-nos meu Pai e o dele ao lado do Sr. Professor. O mestre não me disse nem palavra; mas a ele não o largou:

– Este cabeça de boga, que me vai estragar os resultados!

O pai do Abílio estava com vergonha do filho, com raiva ao filho, com raiva ao Sr. Professor, com pena de si, do Sr. Professor e do filho:

– Pedaço de mariola! (Olha como tens esse colarinho!). E fazer-me gastar um dinheirão, para ver isto!

– Este cabeça de boga, pôr-me uma nódoa na pauta! — teimava o Sr. Professor.

O pai do Abílio agachara-se um pouco para lhe limpar as lágrimas, mas carregava no lenço e obrigava-o a assoar-se sem precisão nenhuma:

– Força!... O toleirão, que era o primeiro em decimais! (Ó pequeno, não chores, que o Sr. Professor manda na escola, e em ti quem manda sou eu!).

Mas o Abílio chorava mordido e com os olhos raiados de sangue. Quando proclamaram os resultados, o Sr. Professor abrandou.

– *Abílio Cardoso de Aguiar, suficiente. Mateus Queimado Gomes de Meneses, óptimo.*

Meu Pai deu um beijo no Abílio antes de me beijar a mim. O pai do Abílio apertou solenemente a mão a meu Pai:

– Ah, Sr. Meneses! Que consolação, um filho assim!

Estávamos todos mais ou menos vexados; só o Abílio deixou de chorar. Não se sabia bem se por escapar à raposa, se por qualquer outra coisa. Num ímpeto de todo o seu ser atirou-me os braços e disse-me:

– Ó Mateus, ainda bem!

E foi nos olhos dele que eu me senti distinto…

III

Desde aquele dia nunca mais se fez em casa do Aguiar senão roupa de dentro para o Abílio, com tanta freima e ajuntamento de amigas e de vizinhas de D.ª Claudina, a mãe dele, que (estúpida lembrança!) só me parecia a lida do picar da cebola (até pelas lágrimas da mãe!) na véspera duma matança de porco…

Eu andava no explicador para o primeiro ano do Liceu; o Abílio entrara para o armazém do pai, a medir petróleo e vinho. Mas era por pouco: Ia para o Brasil ter com um tio. A tarde, se eu entrava na loja, o Sr. Aguiar lá se comovia e dava alta ao filho:

– Vá lá passear com o Matesinho! Já que não teve cabeça para estudos, talvez tenha lombo para carregar café... — E, mudando de tom: — Deixa estar, que teu tio não tas poupa...

Mas o Abílio — tão sentido por tudo, tão amigo do pai! — tornara-se duro, indiferente, como que cínico. Andava muito mais pálido, com os beiços mais brancos; mas as cordoveias do pescoço estavam cada vez mais rijas e, ao longo das ruas da vila, na passeata, suspirava e ficava a olhar para mim com os olhos em que eu lera a minha verdadeira distinção.

A mim parecia-me, porém, que uma coisa qualquer estava a tornar agora o nosso Abílio distinto, a mim suficiente — e viva o velho! Não sabia o que era, nem se era: Sabia que o tio do Brasil era o tio dele, se chamava Barrão e tinha um açougue no Rio. O Abílio mostrou-me a carta de chamada, o retrato do tio de bigode frizado e ovo estrelado no colete, e a carteira que a mãe lhe tinha dado para ele meter o passaporte e a estampa do Sagrado Coração. Apertava-se com um elástico; era castanha e rangia. O Abílio pediu-me uma *Prova Escrita: Recordação do teu dedicado amigo Mateus Queimado Gomes de Meneses.* E foi então, quando ele ia a meter a minha lembrança na carteira, que eu vi um retrato da rapariga e — *Alto! O Coração de Jesus está comigo!* — Era a sua Lucinda.

IV

Nesse ano crescemos por muitos em que só tínhamos brincado e pegado à tapona. Minha Mãe raras vezes ia visitar D.ª Claudina; mas, sempre que ia, levava-me, e tínhamos que ver as ceroulas que se estavam fazendo para o Abílio. Parecia, em suma, uma noiva nas vésperas do nó.

Enfim: fomos lá a casa outra vez, que já estava a mala de porão envernizada no corredor. Lembro-me bem que era amarelada, às riscas cor de pulga, e tinha-a visto na véspera às costas do Augusto Escanchado, que costumava carregar os caixões de defuntos assim. D.ª Claudina estava lavada em lágrimas, empacando ceroulas. Cheirava a engomado e aos limões contra o enjoo.

Foi quando D.ª Claudina os deu a sopesar a minha Mãe que se ouviram os pés do Sr. Aguiar no capacho. Deu a boa noite. O candeeiro de petróleo luzia tristemente ao fundo do quarto de jantar.

– Trouxeste a corda? — perguntou D.ª Claudina. O Sr. Aguiar ostentou silenciosamente um rolo. - Não será pequena?

– Para reforçar a mala, chega. Basta uma laçada em cruz.

Agora começava o trabalho de meter o enxoval do emigrante naquela tumba. O Sr. Aguiar empunhava o candeeiro; minha Mãe ia dando camadas de roupa, que D a Claudina calcava.

– Aí tem a Sr.ª D.ª Rosinha o resultado que dá não ter cabeça...

– Aguiar! Nem sequer hoje te calas?! Lembra-te que amanhã, por estas horas, aquele anjo de Deus já vai por esses mares abaixo!

Aguiar, duro, agarrava o candeeiro:

– Ele bem sabe que tenho feito o que é da obrigação dum pai. Mas lá dizer que é uma águia, quando não passa dum cabeça de boga, como o confiado do Professor se atreveu a dizer na minha cara... Ele o rapaz onde está?

Pareceu-lhe que estaríamos os dois para o quintal. Mas o Abílio, no quarto onde dormia ao lado do irmãozinho (e ouvia-se tudo pela porta), contava um resto de botões do jogo das marcas para mos dar a mim. Uma vez, que, por diferença de uma unha de làjão a làjão, perdera com o Tiàzé ao fim duma tarde de azar, chegara a arrancar os botões da braguilha, só para honrar a sua palavra! Que surra!...

Enfim, pegou na navalhinha velha (a mãe dera-lhe uma, nova em folha, para a viagem) e insistiu que a aceitasse. Eu não queria.

– Toma! É a última coisa que te dou.

– Pode servir ao teu irmão...

– O Pirrilha ainda é pechinchinho para brincar com navalhas. Olha a mãozinha dele... — Pirrilha dormia de boquinha aberta, punho fechado. Os olhos do Abílio, aqueles seus olhos puros e de repente responsáveis, marejaram-se de lágrimas: — Ouviste o que disse o meu Pai?... Pega... É a última coisa que te dá o «cabeça de boga»...

Escondeu por um instante a linha das sobrancelhas no pulso, considerou a testinha do Pirrilha e levou-me para os lados da cozinha. Estava todo descorado, com um bocado de sorriso pegado a um canto da boca. Mas, no quintal, vi que os beiços lhe tremiam e que a sua cara de treze anos se tinha forrado de amargo.

Fazia um luar como dia, um luar mexido e sonoro da massa do mar. O quintal era grande, com couves tronchas e, ao fundo, um cedro das Bermudas. Conversámos para ali...: O Francisco da Segunda caía no banho de pranchada: Comecei a teimar que o Tiàzé ia mais longe a nado; e o Abílio: que o Estoiro é que era o campeão de braçada e o que aguentava mais tempo debaixo de água e vinha à tona sem se cuspir. De saudade em saudade falámos de tudo: da escola e das caneiras. O Abílio teve vontade de aliviar («ir acima dos pés» — dizia-se lá na ilha). Para não perdermos conversa, arriou ali mesmo, numa cova ao pé do cedro.

– E sempre queres que eu seja teu compadre, Abílio?

Ele limpou-se a uma mancheia de folhas de erva-limão e disse-me com um ar mais murcho do que triste:

– A Lucinda deixou-me quando tive o suficiente...

*
* *

A DANÇA DA MORTE

MEMÓRIAS DE MATEUS QUEIMADO[*]

Não sei datar a minha primeira experiência externa da morte, assinalar o dia em que soube que tinha de morrer também. Se é certo que o sentido de um colapso fatal deve acompanhar o corpo e ser como que o órgão da sua defesa instintiva e da sua persistência no Mundo, a verdade é que só quando vemos morrer alguém, ou encaramos um cadáver pela primeira vez, a certeza da morte — da nossa morte — nos chega, por semelhança e como exemplo. E é esse «Eureca! Thánatos! » que eu não sei bem situar.

Talvez o soltasse intimamente por morte de minha bisavó ceguinha. Talvez quando morreu a tia Rosa Vieira... De ambas as vezes sei que fitei a morte de perto; mas, como não me lembra qual das duas velhinhas entrou no seio do Senhor adiante da outra, não posso decidir. Temos sempre a mania de que isto do inefável e íntimo se deixa apanhar na memória como uma borboleta numa flor ou um fio na riça de um novelo! Oh alma, de quantas larvas saíste? De quantos fios quebrados Deus te urdirá o destino?!

Se o aprendizado da morte pela primeira leitura do cadáver pudesse ser mais perfeito quando a voz do sangue intervém, eu diria que o meu datava da bisavó ceguinha. Mas, além de que me pude defrontar com o seu corpo ainda quente durante algumas horas e com a naturalidade cerimonial de um menino e de um descendente (o que me parece tirar à experiência infantil da mortalidade humana as condições de força, repente e indiferença impessoal que concorrem num morto estranho), eu iria jurar que, quando a ceguinha me faltou, já eu tinha bitola para medir tal fundão. E foi (deve ter sido...) a tia Rosa Vieira que ma deu.

Ela, não era minha tia: era «a tia Rosa Vieira» de todos e de ninguém. Pobrinha como Job, não lhe conheci parentes. Minto! Tenho uma vaga suspeita de que seria aparentada a uns Vieiras muito de casa dos meus avós da Praça: quem sabe se irmã daquele pobre José Vieira, com alcunha tão grosseira, cambrónica, a qualificar a palavra «Alma», que quase todos lha eufemizavam em «Alma de Nossa Senhora...». O José Vieira que fora trabalhador de meu avô Joaquim, que sofria maus tratos e afrontas da Rosa Carneira, a mulher, e que, faltando num domingo involuntariamente à missa e estando a cavar uma horta dos

[*] In *Panorama*, n.º 15, III Série, Lisboa, Setembro de 1959.

meus, ouviu «levantar a Deus» no sino da Matriz. Lembrou-se então com grande dor que não tinha cumprido o preceito, e, de queixo abatido nas mãos postas e apoiadas à enxada, o carapuço atirado para cima do rego da couvinha, rezou com tal fervor, tão de dentro, que viu (contava ele a minha avó Rosa, com as lágrimas nos olhos de ambos: servo e ama) «uma Senhora muito branca, muito linda, aparecer no céu» sorrindo para ele, como que para o desculpar!

Invento? Eu digo: suspeito... Que ele, realmente, tal laço entre a tia Rosa Vieira e o José Alma de... — sim! afinal, Alma de Nossa Senhora! — faria destas míseras memórias legenda bela demais…

A tia Rosa era mulher de voltas; ia às compras ao sábado em casa de meus pais. Em casa das tias do Adro era Maria Cândida do Jé Roque; de xale e lenço negros, de quem me lembrava depois, sempre que, no *António Maria*, via a «mulher do josèzinho» de Rafael Bordalo, e que me atenazava, curvando-se para mim com o cesto debaixo do braço:

– Caldinho di fango... Caldinho di fango... — alusão às minhas frequentes bronquites e certamente às minhas primeiras exigências de gula na convalescença.

O que em Maria Cândida era mordaz e embirrativo, na tia Rosa Vieira era doçura e bondade. Tinha essa espécie de magreza estrutural de certos pobres, que se não sabe bem se é congénita, se fruto da humildade e do mau passadio. Aparecia lá em casa sempre de xale traçado e de lenço em coca na testa, um xale da cor das coisas que já não a têm. Os seus dentes amarelos, descarnados, estavam reduzidos a dois de cima e três de baixo, um dos quais abanava à medida que ela falava ou ensalivava a comida. Eis tia Rosa Vieira, sempre suspirando um pouco, levando a mão à ilharga como que a sustar maior queixa, muito lépida a andar nos seus chinelinhos de ourelo que o tempo de verão consentisse, ou nos sapatões herdados de «coberta de alma» de alguém, próprios para as lamas da ilha.

Enquanto minha mãe lhe enumerava as compras a trazer das lojas eu abeirava-me dela, como aprendera a fazê-lo de minhas múltiplas tias, na esperança de lhe ver sair das algibeiras da saia um rebuçado ou um biscoito. Cedo porém devo ter desistido do ardil. Uma expectativa dessas não era para o trém de vida da pobre Rosa Vieira, sem ter onde cair morta a não ser no bafio da Casa do Senhor, onde com efeito a fomos buscar a seis, de cruz alçada.

Era lá que morava. A Casa do Senhor era uma dependência paroquial, uma espécie de longo granel afecto à arrecadação de velhas alfaias do culto, que ficava na rua da Cadeia, com frente para o muro da sacristia da Matriz. Como dizia meu avô Severino — que, quando trabalhava de carpintaria para a igreja, armava lá o seu banco ao lado de mestre José, — a Casa do Senhor pertencia aos «bens da fábrica». Numa ponta do prédio abarracado, de telhado quase a cair, resolveu o nosso

Vigário mandar fazer umas obras para acomodar duas velhas que já não cabiam na albergaria da vila adaptada a moradia de inválidos sem gente sua: a Casa dos Pelingrinos, no calejão do Hospital. Uma delas calhou ser a Rosa Vieira.

Quantas vezes a ouvi «tramar» a minha Mãe! Eram só dois cochichos e cozinha, para ela e para a Emília chamada, desde então, do Senhor. O cochicho maior, à frente, servia de dormitório a ambas. No outro, com uma lucarna ao rés do tecto, tinham as arcas e comiam.

– Oh senhora! — explicava ela a minha mãe, ao cabo de um fialho de conversa, feita menção de partir com o cesto das compras no braço e voltando para trás, quase pateticamente, enquanto ajeitava as franjas do xale esvoaçando: — Se uma pessoa quer ir (é uma comparação) a um vaso, nem tem adonde o despeje. Só se na soleira da cozinha...

De repente porém lembrava-se da sua condição de pobre, encolhia as pontas do xale e o começo de indignação:

– Mas bem bom! Esmolas de Deus! — E, pondo as mãos: — O sr. Padre Vigário, então, tem sido um santinho para a gente... Apresentado lhe seja tudo na mesa do Céu! — Ía a largar; tornava: — Olhe, sr D.ª Maria da Graça... Estão sequer para ali estas duas almas penadas... Eu e a Emília do Senhor!

Ficava-me do seu xale e da sua queixa resignada um cheiro a alecrim e a côdea de pão de muitos dias. Que ela era muito limpinha, muito prendada de mãos para a sua pouca roupa. E, sempre que passava pelo pé de alecrim do Norte que havia no nosso quintal, lá tirava um galhinho.

Um dia, acordei aos brados da nossa criada Genuína, que vinha da porta do quintal:

– Oh senhora! Oh senhora! Morreu a tia Rosa Vieira! Deu-lhe um mal de repente. Está ali a Emília do Senhor a pedir um lençol para a amortalhar.

Não saberei referir o mais que se passou até ao enterro, e já agora não vou inventar. Tinha eu seis anos? Sete? Creio que ainda não me confessava. Só me estou vendo, como aqui, no cochicho da Casa do Senhor, de opa branca a arrastar com uma larga obreia escura: eu, o Ezequiel menino de coro com a caldeirinha na mão, e o Matesinho Pão de Rala com a cruz paroquial no braço esquerdo, como se nanasse, menino, a Jesus Cristo Senhor Nosso. O sr. Padre Vigário, de estola preta e barrete de borla na cabeça, abria o Ritual e dizia o latim, de olhos baixos.

Fora da porta, esperando, uma dúzia de varões da vizinhança. Só o mulherio, dentro, acudira em maior número. Nós não morávamos longe da Casa do Senhor, e por isso eu conhecia os moradores das redondezas fogo a fogo, alma a alma. Gente misturada de igualhas: tanto «senhores ricos» como disto de pobreza envergonhada mas limpinha. Não havendo diferenças para mortos senão nos sinais dobrados dos

sinos e na encomendação de benesse dos ricos, estaria um pouco de tudo no enterro da tia Rosa (vá um homem lembrar-se!).

Ainda vejo o friso de caras de lenço chegado adiante, à roda do esquife da Misericórdia, com a tia Rosa Vieira muito tesa lá dentro, no meio das duas viras de lençol lá de casa, como um pão já tendido no tabuleiro para o forno. Não posso daqui medir o tempo que levámos cara a cara, eu e a tia Rosa morta. Só rezando agora a relógio o ofício dos defuntos — e, ainda assim calculando a respiração e as pausas pela unção e calma do nosso santo Vigário a pé firme. (Mas que graça me traz a sua voz no ouvido?). O que sei é que dos pés juntos da pobre, da compostura negra da sua sainha lisa, das mãos postas atadas com um vincilho roxo, e os dedos e a testa cor de bola de bilhar muito batida (uma malhinha ou grão de tafetá que ela tinha na pele junto ao nariz, dava-lhe, de olhos cerrados, não sei que ar de princesa-santa morta) me veio, de uma vez só, o saber derradeiro do rumo a que temos que ir.

A morte? Mas a morte não é nada ou alguém! Como o juízo, o inferno, o paraíso, a morte é um dos novíssimos do homem, é o limiar do juízo. Bem procuro a emoção que me teria causado a revelação da morte no corpinho seco e estendido da tia Rosa Vieira (se foi ele que ma deu). Nada encontro. Diante da morte não se tem senão pavor epidérmico: medo, como ao papão. E agora me lembro que em pequeno não era a presença dos cadáveres que me metia esse medo, senão os fabricos lúgubres e fantásticos que a imaginação me fazia com a súbita imagem deles. Junto dos amortalhados só sentia atracção e bem-estar. Que suaves eram! A tia Rosa, vestida de pobre no nosso lençol de esmola; a bisavó ceguinha no seu hábito de terceira do Carmo; meu tio Júlio Nunes na sua andaina de cheviote — com a única diferença (para o modo de andar vivo e a pé) de lhe terem como que forçado a mão direita, que ele metia por baixo do jaquetão como se a trouxesse ao peito, à posição funeral e cristã das mãos postas (e eu como que a ouvi-lo ainda comentando a bisca às cunhadas: «Vocês são umas zagaias! São umas zagaias!»).

A morte medonha era o aparelho de terror que os costumes e a lábia dos adultos manejavam connosco: não os cadáveres sossegados, de uma palidez de ébano, vestindo do mais decente e com aquela luz já perpétua luzindo-lhes no sorriso adocicado. Eram as essas empinadas na sacristia velha entre os lampeões da Santa Unção; o cemitério fechado, ao anoitecer, vendo-se só os topos das cruzinhas às grades; os sinais dobrados pelos dois sinos grandes, que me esmagavam e atordoavam das vezes que subira à torre e eles de badalo ao léu (o da rua do Rego sempre inclinado e em perigo; o do adro vibrante das picadas diárias para a missa). E o abuso de histórias tétricas de criadas e tias, as «almas do Outro Mundo», a Morte de gadanha ao alto.

E era a história encantada que meu pai contava do tio Dimas, quando minha bisavó, mãe de sua mãe, morrera. Meu pai fora criado em

casa dela, que morava viúva com aquele filho grave e solteirão (o padre com casa à parte, João no Brasil, Tiago em Coimbra, as duas filhas casadas com as suas obrigações). Tinha uns dez anos quando a velhinha faltou; o tio Dimas ficava muito só naquele casão. Ora, numa noite, véspera de Finados, dormindo ainda meu pai no vão da parede que ocupava a sua caminha com a avó, e tio Dimas lá longe, ao fundo da casa estirada, ouve-se um vozeirão:

Quando nós éramos vivos
Comíamos destes figos:
Agora, que somos finados,
Comemos dos mais passados…

Meu paizinho corre, em fralda, ao quarto fundeiro da casa:

– Ó tio Dimas! Ó tio Dimas!

E o velhote, risonho e malicioso, esperando-o atrás da porta para o aninhar no seu catre!

Isto sim, que é pavor. Mas morte, só mesmo a de alma: morta a Deus em sua eternidade sem recurso. Vida irreversivel ao tempo que em vida tão mal se usou. Perpétua, negra, dolente como no Dante. Senão, porque buscava eu os cadáveres? Porque me não eram medonhos? Porque eram os vivos ainda quentes, fixando uma última vez as feições e deixando-as aros seus para se conferirem todos na ressurreição da carne. Por isso me trepei a um banquinho, à cabeceira do caixão da bisavó ceguinha toda velada de branco, e não desarvorei dali senão quando o Padre Vigário chegou de sobrepeliz e estola preta para ma levar para sempre.

Vejo tudo: o choro mais alto dos nossos; o duplo movimento das duas abas forradas fechando-se; a volta à chave de laço de crepe preto que eu fui entregar na escada ao médico que a tratou; e logo o romper da filarmónica na marcha *Soledade* e *Adeus*, que tinha o condão de fazer arquejar os peitos num soluço, à macetada dada pelo Cândido do bombo num dos pratos de metal, ao terceiro compasso da entrada!

Mas logo, ao desanojo, o ambiente de casa mudou. Afinal a velhinha não morrera! Estava ali o seu quarto do oratório, a coroa fúnebre de vidro abaulado e de vidrilhinhos brancos com o seu retrato de xale brochado e cabelo apartado ao meio, o seu bordãozinho de cega arrumado contra um canto, a bicha sem fim das visitas de pêsames às filhas que lhe faziam a lenda da morte:

– Minha mãe, Deus lhe dê o céu, ainda na véspera conversou. O sr. Doutor achou-a, até, mais animada. A noite deu em piorar; chamou os filhos todos para a beira da cama, e os netos. Ao passar a sua mão pelas cabeças, a ver, ainda conhecia todos: «Esta é Maricas... Rosa, tiveste notícias de Joaquim? (E o nosso cunhado já no outro Mundo!). Então, pôs-se calada, deu-lhe a modo um piaço... «Mãe, vamos tomar o remédio!»,

disse-lhe eu estendendo-lhe a colher. Só me respondeu, arredando-a «Menina! O remédio é o de Deus!» E passou-se... Passou-se...

O remédio é o de Deus. Morte não há. Eu falo sempre, é claro, daquela morte mito, pessoa escaveirada e com uma casaca de costelas, com que nos afastam em crianças do verdadeiro temor da morte pelo pecado, enquanto sornamente íamos pelos quartos escusos lambiscar guloseimas ou levantar as saias na cozinha à criada que soprava o lume!

Uma vez (já eu então era crescido e taludo, e talvez namorado!), em casa de Iria, casada de fresco, recebiam-se máscaras pelo Entrudo. Era um velho costume galante: a quemquer que lá fosse mascarado. Arredavam-se cadeiras e consolas para deixar campo aos engraçados; parentes e conhecidos sentavam-se ao redor, esperando. Lá vinha entrando o corcunda, a dama de luneta, o dominó... Todos de máscara de cartão, ou pelo menos de nariz apostiço a que se grudava um bigode... E assim té altas horas!

As noites de Primavera dão geralmente vento e chuvascos na ilha, o que fazia o Entrudo nocturno às vezes funéreo, pesadão. Passara-se talvez em casa da prima Iria, nessa noite, um dos tais quartos de hora longos como meses boreais, em que, com a sala erma de máscaras e os candeeiros de mecha já um pouco fumarenta, só se ouviam uns passos de vegete pingalhão, que logo se arrependia de subir e largava, escada abaixo. Quando, entre o pasmo geral e os gritinhos das moças, entra a Dança da Morte ou Rancho das Caveiras.

Eram uns doze engraçados, envolvidos cada um em seu lençol, uma máscara alvadia afivelada figurando a caveira, de vela acesa numa das mãos, na outra uma campainha pouco maior, para aí, que um guizo de furão. Entraram em bicha precedidos de um que parecia o maioral, embora se distinguisse apenas por não ter vela acesa e tocar uns ferrinhos triangulares, ao ritmo dos quais o rancho ia desenvolvendo a sua aparição espectral.

Não cantavam, não riam, não falavam: apenas, ao som dos ferrinhos e dos guizos, iam girando em torno e cumprimentando-se de cabeça, os donos da casa e os circunstantes. E, como que por milagre, o pânico que se esboçara em gritinhos de senhora e em benzeduras foi-se convertendo em curiosidade, os protestos de escândalo amainando, os candeeiros alteados de chama a ver se se identificavam os graciosos inalteravelmente correctos e mudos nas suas caveiras de cartão. Ouviam-se já risadas e exclamações das meninas: — Olha Fulano! E Cicrano! É ele... Louvado!...»

Salvo o faceto macabro da dança carnavalesca, — o Dia do Juizo, ao fim dos tempos, na hora da morte da Morte, encontrará e fará encontradas assim as almas outrora apavoradas. Um reconhecimento universal e tremendo dos mortos revivos, imortais!

*

* *

Para me completar a revelação da morte só faltava aquele trágico andaço do tifo, que ia levando a flor das Virgens do Espartel. O Doutor, sempre com uma mão nos rins e a outra entalando o charuto, quando lhe perguntavam à noite, no cavaco do clube, a causa da epidemia, parava um pouco do passeio para cá e para lá no soalho, absorto em fumo e apreensões. E, encarando o curioso por cima dos óculos cintilantes, respondia:

- Se até urinaram nas arquinhas! E não fervem a água!

A água do Espartel vinha dos Lourais e das Beiras, por canos de barro podres, e às vezes em calhas de telha vã, a céu aberto. Eu sentira-a cantar em alfombras de ribeira, muito lá para a origem, quando o meu tio boticário me levava a passeio, de bordão, e ma dava a beber numa folha de inhame, onde pingava em gotas de prata como quando quebrei o depósito ao termómetro na botica. Podia lá ser que uma água pura daquelas, um quilómetro abaixo, viesse a ser a causa da morte das Virgens do Espartel!

Na minha tendência a tudo desvirtuar, foi assim, por este nome, que fiquei conhecendo o que me pareceu uma hecatombe, e que naturalmente não passa de uma diminuta mancha da coluna estatística dos óbitos por doenças infecciosas, no concelho da Vila do Espartel, ilha das Cabras, no ano tal... Mas, se nos maços atados a nastro da Direcção de Saúde os citados números não doem, doeram a pais e mães vivos, a irmãos carnais, a mim mesmo! Aquelas unidades de baixa, antes de o serem, estiveram em lençois molhados de água fria; a algumas cortaram-lhes rente os cabelos; a todas a morte levou antes da taça cheia.

A minha ideia disso é em tudo vaga. Só o meu coração, que não tem ideia alguma, se encoraja e recorda. Eu iria jurar que todas se chamavam Bernadettes, as que não se chamavam La Salettes ou Lourdes. Duas ou três identifico: como a filha do sr. Mestre Jacinto e a filha de José do Cruzeiro. A avó da Praça era de todos os nossos quem conservava mais viva a lembrança das malogradas — talvez porque tinha filhas novas! Quem sabe se porque veio a morrer aos setenta anos com o seu cabelo todo preto e uma alma de menina? Dizia sempre:

– Tão novinhas na essa, que nem a gente queria crer! Coitados os anjos de Deus...

Mas como pude eu ficar com esta impressão colectiva de degolação dos Inocentes ou de martiriológio romano, a partir de umas simples mortes locais da tifóide, com meia dúzia de casos, se tanto, de gente de verdes anos, que a minha pieguice posterior converte em donzelas desdichadas?

O certo é que uma atmosfera de tédio e susto universal enchia a vila. Rara seria a manhã em que Maria Cândida de Jé Roque, com o seu falso ar de alcaiota, não entrava em casa de minhas tias do Adro sem exclamar, batendo a palheta da chinela e abrindo o xale em *pax tecum*:

– Fulaninha está pior! Mariquinhas dos Anjos morreu!

– Cale-se lá, mulher! — dizia-lhe a tia Petronilha, que detestava noveleiras e julgava conjurar desgraças negando-as contra a evidência.

– Ah, senhora! Pela minha salvação! — tornava a outra. — Mariquinhas dos Anjos vi eu, com estes que a terra há-de comer, já amortalhadinha de Nossa Senhora de Lourdes, ali com a sua faixa azul que até parecia no altar...

Não creio que eu chegasse a surpreender nenhuma dessas virgens mortas metida no caixão, em casa, antes do saimento. Nem uma só me era nada. Na igreja, à encomendação, já o caso é diferente. Talvez que lá… Embora não fosse (com que desgosto meu!) menino do coro verdadeiro, cedo vesti a minha opa e assim me fiz íntimo de capela e de sacristia com Deus. Ouvindo dobrar sinais, corria ao adro, a indagar. A porta da Matriz abria-se de par em par, ao fundo dos seus arcos de ogiva, com o gablete de mármore como se fosse uma flor na ponta de uns dedos de mãos postas. Ainda em magote, no adro, tirando a correr os barretinhos e pondo termo à gralhada com que nos acercáramos do pórtico, recebíamos no silêncio e no espanto boquiaberto o escuro da nave do meio. Entrávamos pé ante pé. A igreja erguia-se velada por uma sombra que parecia coisa viva, — uma pele sem contacto, um bafo errante e tépido junto dos quatro tocheiros acesos.

Lá estava ela. Ela, quem? La Salette de José do Cruzeiro? Bernardette de Mestre Jacinto? Não. Ela, a alma. Matesinho Pão de Rala dizia neutralmente: «o corpo», «o corpo está a chegar», como um perfeito sacristão. Esse sim, que parecia o filho mais velho da Morte e o cunhado de todas as caveiras. Pudera! Se espiritualmente era ele o servo e preparador dos defuntos: pendurado na corda do sino-bordão da rua do Rego com aquela mão de hóstia e de cianeto que parecia pendente à porta de uma loja de cera; escorando-se para abrir o gavetão do mesão da sacristia (pau-brasil! e ele, um espeto de batina!) e tirar a capa preta para o Padre Vigário, ao *Libera me…* Ele que aprontava a caldeirinha; ele que tocava a benesse; ele que arvorava a cruz do enterro, fungando; ele que engrolava o *Erne, Domine* contra as portas do Inferno...

Sempre pé ante pé, invejosos dos meninos do coro que nos beliscavam e corriam, chegávamos, enfim, ao alcance da essa. Que linda e quieta morta! Como éramos miudinhos, não descobríamos toda a extensão maravilhosa do cadáver, anunciado pela coca ou diadema do véu sob um festão de flores feitas, depois as pontas dos dedos das mãos postas com a fita lilás do rosairinho; enfim, dos sapatinhos de seda, para sempre pareados, apenas as tímidas biqueiras.

A igreja entrava em negrume porque era geralmente lusco-fusco e porque os registos dos ripansos dos padres velhos regiam negro. Lá vinham! Pão de Rala adiante, padres Acrísio e Nogueira cada um a sua ponta da capa do Padre Vigário. O sr. Josèzinho Canavezes, se havia «corpo presente» de *Capela Cantorum*, guiava Felipe na lenta modulação gregoriana, ao terror gutural do *Dies Irae.*

Podiam, enfim, aproximar-se os homens que «iam às trancas», e que levavam o caixão pela igreja abaixo como em rede a mancheia de sardinha. A essa, aliviada do peso às mãos de quatro, parecia uma casa varrida. Era uma vida arrumada. O Joaquim Pacheco e o Calhoiço ganhavam cada um deles seis-e-cinco pelo trabalho de «ir às trancas».

Deus vivo! Estas Virgens Mortas da minha memória acrobática estarão realmente dolorosas no meu coração mal mandado? Eu recebi o halo da Morte da coroa de alguma delas? Entendi acaso o sinal de apego ao mundo que no ríctus de alguma descobrisse? Ou tudo isto é como o que não é quente nem frio e o Senhor prometeu ser vomitado?

Deus meu! Tive quase uma irmã que me morreu malograda e não me deste que a visse! Lucina lá se foi como uma flor e não a acompanhei também! Será que não tenho estofo para José de Nicodémus? Que, conhecendo-me a ruindade, o empedernido, a vil macaqueação das tuas quedas sucessivas debaixo da cruz, que faço — torpe e adulterado, arrependendo-me e recaindo, arrependendo-me e recaindo... — Tu me tenhas expulso dos Corpos Presentes que eu mais queria, e às minhas lágrimas de crocodilo?!

CRÓNICAS

O CAPUCHINHO DA ARRÁBIDA

A Arrábida — aonde, no tempo da gasolina, nos levava pela estrada de Azeitão com tanta bondade o automóvel... — voltou a fechar-se nos seus penedos e medronhos. Talvez esteja mais pura. Os séculos têm afrontado a sua face — como diria algum bom pregador. Os incêndios comeram pouco a pouco a maior parte das árvores. Enquanto algum pastorinho ia ao Convento Novo avisar, ou alguma pobre apertava mais depressa o molhinho de zambujo para fugir, o fumo de aroeira, de murta, de aderno, ia correndo aquela extensão sózinho e restituindo ao céu o que de lá viera, do bico das aves.

Eu falo assim porque a Arrábida não é deste mundo. Depois dos cabreiros, é dos ermitas e dos poetas. Todos nós nos lembramos do austero Herculano das selectas, quando, entre lágrimas como punhos, filhas da nossa má sintaxe, nos obrigavam a entoar aquele «*salvé, ó vale do sul, saudoso e belo!», o* vale de *A Arrábida.* Ouvia-se latir o lebréu, e a brisa inclinar os topos do zimbro nos versos rijos de Herculano. As vezes a mão do sr. Professor enrijava a nossa a outro ritmo... Mas eram bons tempos. Havia vagar, havia estilo...

Hoje, o que quero é aquecer o vosso rádio com o capuz de um fradinho. Foi com certeza um galante rapaz:

> Os versos, que cantei importunado
> Da mocidade cega a quem seguia,
> Queimei (como vergonha me pedia)
> Chorando, por haver tão mal cantado.

E, nesta tristeza, como que se lhe levanta a cabeça. A côca do capuz não deixa ver mais que uma linha de sombra numas sobrancelhas flectidas, à busca dos anos na memória. Fr. Agostinho da Cruz (que assim se chama o fradinho) está sentado numa pedra. Ninguém reconheceria naquele servo de Deus um certo Agostinho Pimenta, um minhoto, vindo lá de tão longe, das veigas de Ponte-da-Barca, cortar bordões de aroeira, apanhar percebes no Portinho, correr como um maluco as lapas, o estirão dos atalhos da serra em mil direcções, ao sol, à chuva, a um vento com fôlego para atravessar mais de três séculos e ser, no poema de Herculano, o mesmo que foi nos versos dele, — e enfim dormir, com a cabeça numa pedra, até a manhã pungir à boca da gruta. Se o querem ver, cheguem-se mais. É ele próprio que se pinta: vestido de lã de cabra, atado pela cintura, «*sem bolsa, sem surrão, e sem cajado*». A

mim, lembra-me um daqueles «mendigos de azul» de *O Enguiço* de Mallarmé, que, «*sempre na esperança de encontrarem o mar, viajavam sem pão, sem cajados nem urnas*»...

Aqui o Capuchinho tem sempre o mar diante, mas viaja cego por ele. Como?! E ali à mão, no Portinho que lhe dá pesca?! — É o outro mar. É o mar da bondade sem fim e do ser sem começo; é esse o porto dele, com a sua grande âncora à entrada, os braços franciscanos deixados na nau desta vida com resignação e renúncia, e aquelas revoadas de passarinhos da serra a fingir de anjos, — anjos num porto de espera!...

Lá está ele; — chegado a porto e salvamento ainda não, — mas ali sentado na pedra, calvo da testa até à nuca, com um rosário de pedras furadas e de gravetos ao pescoço. Quando os maus pensamentos se desencabrestam na sua alma (e mau pensamento, para um capuchinho da serra, é mesmo só às vezes apetecer-lhe carneiro assado); quando, à meia dúzia de buracos onde está com seus irmãos, chega de fora, do mundo, uma murmuração longínqua, como respingo de vaga ou raio nas águas de Alportucho, — então, para não responder nem murmurar, o frade atravessa «*um pau nos dentes*», como quem dá ensino e préstimo a um cão.

Como é que o rapaz minhoto que queimou os versos de amor chega a este afino? Que desencontro foi esse seu? Com quem se desencontrou?

Ninguém o diz. Tinha quinze anos, em 1555, quando entrou ao serviço do Senhor D. Duarte, neto de D. Manuel. (Quando um príncipe tinha um deslise, como o Infante D. Duarte, chamava-se ao filho «o Senhor D. Fulano», para se saber que lhe corria nas veias a mesma matéria-prima das cóleras e amores de El-Rei, e não se falar em tal). A casa do Senhor D. Duarte era verdadeiramente principesca. Tinha mordomo-mor. A esse título entrara no mesmo ano de Agostinho outro poeta, Pero de Andrade Caminha, mais velho do que ele vinte anos e da mesma idade de um irmão que ele tinha, chamado Diogo Bernardes, homem também de musas, com versos excelentes, agradáveis, às vezes belos, em todo o caso melhores que os de Caminha, mas muito aquém daquelas verdadeiras pulsações que a mão de Agostinho ia passando do coração ao papel. Diogo Bernardes era da roda literária de António Ferreira, o autor daquela bela *Castro* das lágrimas de cristal quase quentes, grande doutor em musas. Assim o escudeiro do Senhor D. Duarte recebia a lição das boas letras. E a «*mocidade cega*», a carne dos seus versos queimados? Isso sim! Dos amores humanos do frade não ficou mais do que um travo na sua poesia de místico:

> Vai-se-me consumindo a vida minha,
> De um gosto noutro falso pendurada;
> Dos quais um me remorde, outro me espinha.

Mais nada. Limabeu — que assim se mascarava ele nas éclogas, em obediência a um costume literário do seu tempo e para não se esquecer de que nascera no Lima; — Limabeu sepultou o homem profano naquele hábito de capuchinho, e tudo o mais era caso para esquecimento e silêncio. Esses franciscanos da Arrábida andavam pela serra há muitos anos. Chamavam-lhes também «barbadinhos», pela impressão que metia ver aquelas fracas figuras mendigando pelos caminhos e tirando às vezes das dobras do hábito, como se a trouxessem numa saca, aquela barba longa e calcada pela tijela do caldo. Vestiam burel pardo; andavam de capa, que podia servir de alforge e sempre era um tapa-misérias. A igreja e o convento tinham sido mandados fazer por D. João de Lencastre, primeiro Duque de Aveiro. Mas não era um mosteiro autêntico, com refeitório e claustro. Eram uns buracos de pedra e cal destinados a dar uma certa aparência de telhas a quem em geral dormia assolapado ou ao relento, nas furnas da rocha do Portinho, nos penedos da serra, nalguma dobra de terra achada na encosta do sul, onde a alfarrobeira e o zimbro cortam de longe em longe aquele infinito pedregal.

O primeiro ermita fôra um nobre espanhol, Fr. Martinho, que prometera vida santa; mas, nesse tempo, não se conhecia na Arrábida senão o teto do céu. Depois chegou quem havia de andar nos altares e chamar-se S. Pedro de Alcântara, e a vida do cenóbio atenuou-se. Teve estas melhorias: dormiam numa esteira ou numa casca de cortiça. Nos meses temperados, venciam uma manta; nos meses de inverno, duas. E em Março, quando a pele da serra começava a comover-se e até os penedos davam flor, andavam de saial, como os porqueiros alentejanos. A asa de um pássaro que rompia dos ramos, na floresta, respondia às vezes em baixo a capa de um capuchinho que se desenriçava dos troncos.

Agostinho tinha vinte anos quando cingiu o cordão branco. Fizera-se muito amigo dos senhores e senhoras da Casa de Aveiro, então dona da serra e protectora dos fradinhos. Tinha conhecido o Duque D. Álvaro em casa do Senhor D. Duarte; outro Lencastre, o Duque de Torres-Novas, também ia por lá. Mas de todas essas altas pessoas quem melhor o entendeu foi a Duquesa de Aveiro, que durante doze anos teve ali uma espécie de foreiro, de responsável pelo rendimento da serra em orações, flores, versos, enquanto os mordomos da Casa prestavam atenção aos rebanhos e a algum mimo que, dos lados de «Azêtão», pudesse trazer para os senhores algum laparotinho de surrobeco e de safões.

Recebido o hábito em 1560, dia da Vera-Cruz, no conventinho de Sintra, — o convento da *Cruz Mutilada* de Herculano, — Fr. Agostinho escolheu para nome religioso o da padroeira da casa. E, no ano seguinte, no mesmíssimo dia, professou.

Agora, armado daquela invocação ao mesmo tempo penitencial e poética, — pois eram os próprios franciscanos que faziam todas as cruzes, com os seus braços e os ramos ou toros de lenha que apanhavam

nas matas e nos caminhos, — Fr. Agostinho da Cruz podia ser frade sessenta anos; guardião contra a vontade, já velho e sedento de ermo. Felizmente, no mesmo ano em que a obediência o levou à cabeceira da mesa do refeitório de São José-de-Ribamar como imagem mortal do Cristo, do Pai vivo, nesse mesmo ano o deixaram retirar-se enfim à sua Arrábida, onde fez uma linda choupana de ramagens para dormir. Assim esteve seis meses. Depois, parecendo ao Duque D. Jorge que o ermitério era fraco, escolheu-se terreno e fez-se sinal de alicerces.

Fr. Agostinho da Cruz corria a serra, embrenhava-se nos medronheiros, sentava-se em penedos onde só aves semeavam, matutava na sua vida antiga e naquela de agora, não isenta de tentação e pecado.

Tudo era questão de grau e de cúmplices. Antigamente, — o mundo, o diabo, a carne. Agora, da carne ao diabo (que era o mesmo), e dele, o ladrão! à saudade do mundo, à sua ausência. Era a altura de puxar pela réstea de bugalhos e rezar. Ou, então, — e era assim quase sempre, — ouvir aquele murmurinho das palavras apuradas pelos senhores letrados desde Sá de Miranda a Ferreira e ao mordomo Caminha, cheias de amor e de sangue na boca de Camões, e agora atiradas por ele ao céu como as pedras de funda dos cabreiros e o atrevimento dos passarinhos. Na gruta, um cordeiro esperava o capuchinho. Depois, uma corça. E até a dóninha que um dia, não o achando na lapa, foi pelo cheiro das pegadas até ao convento ter com ele. Uma águia levou nas garras o cordeirinho do frade. Agora, os gatos levavam-lhe a «geneta», a dóninha...

Passam dias e meses, passam anos,
A vida com o tempo vai fugindo,
E nós dos seus, ou nossos desenganos.

Assim se nos vai tudo consumindo;
Assim de mal em mal imos cavando
A negra terra que nos vai cobrindo.

É esta a voz de Fr. Agostinho da Cruz, e a flor que, para o dia de Juízo, prepara a Serra da Arrábida.

IV

NOITE DE S. JOÃO

Baía! Baía! E sinto a estralejar dos foguetes da noite de S. João; o torpor doce, como que açucarado, do ar do mar e das copas de oiticeira que ficaram lá em baixo a meus pés, vistas da janela do hotel. Este palácio de cimento e de vidro onde me hospedaram, que dá sobre a ilha de Maré dos versos culteranistas do excelente Botelho de Oliveira, será a urna de cristal de Iemanjá, a deusa das águas, no Recôncavo, e «virei» eu acaso o filho do judeu de Amesterdão que Eugénio de Castro apaixonou pela nereide de Harlém? Terei por ventura casado reminiscências de leitura de uma adolescência impune com a lembrança das cartas de meu tio emigrado na Baía, quando mandou para a Ilha, a minha avó, saudosa, a sua efígie de índio estilado num carnaval de há quarenta anos?

O certo é que estou no Salvador há quase vinte e quatro horas e ainda não preguei olho. Na noite sedosa e tropical vão rebentando bombões a pequenas pausas de salva. Apesar de metade do janelão de reixas corridas, para vedar brisa e luz, — a outra metade abafada por *reps* de pano de boca, — o esfuziar das roqueiras de lágrimas deslumbra-me. Cioso dos meus direitos de hóspede da cidade ao sono, vou para me irritar; mas debruço-me, e o mar do golfão cintila ao clarão do fogo de artifício. As ilhas do golfo baiano lembram-me as de longe onde nasci; adivinho a negrada batendo papo, contente. Que remédio senão aderir?

Para pôr cobro aos suplícios da insónia emparedado, ergo-me ao luzir do buraco. Os saveiros pontuam a placa do mar cintilante; o verde das árvores do Campo Grande (pois também aqui há um) parece lacado sobre as casas de gelosias fechadas e sobre os adarves de um resto de fortaleza encravado diante do palácio do Governador do Estado. O seu anfitrião é o bondoso dr. Régis Pacheco, que, com um ar desprendido e um tacto de «facultativo» emigrado na alta política, me parece da estirpe cívica dos nossos António José de Almeida e — melhor! — Brito Camacho: gente que levava a lhaneza e a gravidade do «homem da rua» ao impertigante clima da governança de pragmática.

Sim: tudo aqui respira nobreza e cordialidade a meias. Saio à rua, e o crepúsculo abriu numa manhã deliciosa. Se chove, é às bátegas, e logo a tepidez do Inverno tropical se recompõe. Passo as Portas do Carmo e os seus rumorosos bazares. Na capital de Estado e metrópole cardinalícia ainda são possíveis episódios de rua tão primitivos e pobres como uma carroça com um burro de esquilinha e dois negros à trela. Na Praça Cairu, ao Porto dos Mastros, — viola, pandeiros, cavaquinho. É

um «choro»: isto é, um sol-e-dó baiano. Como a minha manhã tem pano para mangas e a cidade é concentrada, estou ora aqui, logo além, dominando o roteiro numas horas. Cruzo no Terreiro da Sé o homem que vende rebuçados e grita:

– Mel, banana, araçá, genipapo, abacaxi! - que tudo isto lhe surte a quitandinha. — Tem bala-polícia também! — (Bala-polícia?! Há-de ser bom…).

Aliás, tudo aqui é comestível: ou doce de derreter como as pastas de açúcar saídas dos loiros melaços de engenho, ou de levar o céu da boca como o verdadeiro vatapá. Os guris da Baía descascam uma laranja de umbigo enquanto o diabo esfrega um olho, e num fio de casca só. As vizinhanças da Sé lembram-me o Bairro Alto, com seu quê do Barredo ou Massarelos. Aqui é a tabuleta de EDVALDO PAIM, ALFAIATE; ali, AO MUNDO DAS SEDAS, com guarda-chuvas pendentes como chouriços no fumeiro. Furto-me no passeio à bengalinha branca de um cauteleiro cego que brada:

– Vá lá Borboleta e Gato, 14! Vá lá a sorte que São Pedro mandou! Só eu não quero nada com os palpites do ceguinho...

No maravilhoso xadrez deste coração de burgo vizinham um santeiro cheio de imagens e uma costureira de Lamartine com a sua máquina de costura na escada. Na rua do Bispo, a TIPOGRAFIA DE S. JUDAS TADEU fica paredes meias com um sapateiro remendão; defronte, O SALÃO DE SNOOKERS GATO PRETO, e à esquina da rua do Saldanha o Sr. Garrido dos móveis. Na esquina dianteira, A TRIUNFADORA; um pouco adiante, a PENSÃO GLÓRIA.

Mas esta Lisboa dos trópicos tem ainda mais «ralé» do que a nossa, temperada. O tempo, aqui, ficou quase suspenso desde os governadores gerais, conservado em chuvascos e fumaceira de charutos, balançando nos bordos dos saveiros da Rampa do Mercado, nos terreiros acesas dos candomblés e da capoeira, na doçura dos ares torrados e das mulatinhas pobres, nos conventos fiéis às horas canónicas e à licoreira do convento do Desterro. Os quintais afogados em bananeiras e flores sugerem justilhos e saias do tempo de Castro Alves, e, todavia, rolam em bicha os grandes automóveis de luxo e as meninas saem à rua com um mínimo de blusa ao rés dos seios. A negra do acarajé, de pano da Costa traçado, como que ainda conheceu Júlia Fetal e o seu assassino de amor, enquanto a filha ou a neta ostentam linhas de vampa, sem deixarem de atirar cascas de tremoço à valeta...

E, depois, não se come mal nem caro na Baía. O clima quente é já de si nutritivo: respira-se um pouco e a fome acalma. Uma laranja de Cabula chega para meio almoço. Quem queira porém comer de garfo e faca e acomodar-se à pobreza dos arredores da Sé, tem um «almoço comercial» por onze cruzeiros, não mais: sarapatel, 9; verduras, 2 — e disse... Também se mata a fome com espigas de milho tenro que uma crioula descansada passa pela grelha e vende, enquanto, para si,

lânguidamente descasca uma banana-prata. Até pelo milho assado continuo fiel aos meus Açores!

Não sei como o sono, que me empasta, ainda me deixa andar. É deste sortilégio morno deste Portugal metamórfico, assimilado por um Brasil que o digere, ultrapassa e compreende. Estou enfeitiçado, em renovo, paradoxalmente restituído às raizes lusiadas neste recôncavo da América. As grandes siglas históricas que enobrecem o corpo da Baía prefiro, esta manhã, o anonimato das ruas e as bagatelas dos bairros da gentiaga. Até a nespereira da varanda da Mouraria alfacinha está aqui representada por riças de avencas pendentes, que de repente enfeitam os pés das morenas às janelas. E é O PETISQUEIRO à esquina da Faculdade de Medicina, a BARBEARIA GENIAL para lá se deixar o pêlo, a igreja do Rosário ou do «Pirourinho» em baixo, rodeada de colchoeiros, de ferros-velhos, de adelos de vasto sortimento...

Perfeito símbolo do tempo remansoso que aqui há é aquela roda de negros que poisaram os seus caixotes de carga à volta do tronco de uma árvore e armaram logo ali seu batepapo, fumando. A nossa concepção aristocrática do charuto vai-se abaixo diante deste velho negro que chupa olimpicamente um *breva* ao nível da aba do palhinhas. Agora, subi a Barroquinha e pretendo voltar para o hotel, com as pálpebras grossas de sono. Como ainda não sei o caminho e é preciso «pegar bonde», um bravo rapaz obsequioso, de camisolinha de algodão, leva-me à paragem da linha (aqui, «o ponto») e diz:

– Só não toma Barris, Tóróró e Nazaré...

– Obrigado ao siô! — respondo-lhe na língua da terra, sem querer parodiá-lo.

Isto, decididamente, é um mundo que tem que ver: — um mundão! Por exemplo: uma escada metálica de serviço, maior que a de Jacó, transportada à vontade numa carrocinha de burro, como se Picasso tivesse concebido e pintado semelhante associação de mundos e técnicas em briga. Mas, como desci, fascinado por esta verdadeira Babel dos trópicos, tenho que me postar noutro «ponto» da carreira de bondes, e dizem-me:

– Pode tomar Barra-Avenida, Canela, o 3 ou o 4...

(Gente braba!).

À mesa do almoço, uma descoberta amena: o criado que me serve é baiano; mas, filho de galegos, trabalhou muitos anos em Lisboa, num hotel meu conhecido. O seu sotaque é português, e é com vogais fechadas que me diz que o cozinheiro é de Vila Nova de Gaia. Então, ruminando a minha solidão com o garfo da goiabada, soam-me os versos de Unamuno:

> Del Atlantico mar en las orillas,
> Desgreñada y descalza, una matrona...

(Mas que margens? Que margens? Mar da Palha ou Recôncavo?).

Depois do almoço tenho de ir ao Arquivo da Prefeitura fornecer-me de fotos da Baia, por amável deferência dos queridos amigos baianos; e aquela Ladeira da Praça é como se fosse um refego dos bairros de Lisboa Oriental: Largo do Contador-Mor, ou assim... Da varanda aberta sobre o casario antigo vejo as ruínas da casa onde nasceu Rio Branco e, à esquerda, o castiço bairro de Santa Ana com a igreja do convento do Desterro. Já o meu caderno diz: «Os bondes sobem a ladeira para a Praça Tomé de Sousa como se em Lisboa subissem a Calçada do Marquês de Ponte de Lima os carros para S. Tomé». Furgonetas da Rádio percorrem as ruas berrando, quais filarmónicas em dia de concentração marcial. A tarde pôs-se cinzenta e azulada até longe. O pôr-do-sol é baço e lilás como nas ilhas dos Açores; a mais, aqui, o cheiro penetrante a café, e uma moça vestida de amarelo, de cabelo rojando, que parece fugir a um poema dos «malogrados» brasileiros. Ainda em pleno capítulo de «eterno feminino», passam uma blusa verde e dois vestidinhos cor-de-rosa; depois, um bombeiro e a *scie* do cartaz da coca-cola.

Pingam melancolia os bondes atulhados; alguns parecem desfazer-se, e a lotação esfuzia de cores, de gestos, de falácia. Mas são prestimosos, andarilhos, na cidade que vai emergindo do seu vago torpor antigo e preparando-se para ser amanhã a grande metrópole do petróleo que a sua consciência histórica de timbre conservador e sedativo teme de ver surgir.

Apesar de fatais erros curuis próprios de toda a parte, como o bota-abaixo da Sé por causa de uma linha de bondes e a desfiguração, felizmente remediável, da velha Casa da Câmara, a Baia timbra da sua capitalidade brasileira atestada por fortalezas ermas e mosteiros ainda povoados, — sobretudo pelo tom castiço, entre reinol e pau-brasil, com que responde às sereias ultra-americanas da era técnica.

Mas faz-se tarde e, afinal, ainda não me refiz da noite em claro a ouvir os morteiros de S. João e a ver rabiar busca-pés. Seja como for, o segredo desta terra já me trabalha e aclimata. Sinto-me bem aqui, neste ar fresco e emoliente, entre esta gente de todos os matizes raciais e de uma só alma viva. A porta aberta da igreja de S. Francisco, cume do barroco torêutico, convida-me a entrar ao entardecer. Não digo nada ainda do oiro das ramas e dos anjos. Uma velha negra, de torço azul na cabeça e cotão branco no seio, reza as suas contas brancas, muito digna e limpinha. Já não preciso de guia.

> Tenho a Baía no sangue;
> Sabe-me a torres a boca...

E estiro-me no quarto, consolado.

V

AS RUAS DESERTAS

O ALEIJADINHO, ou O SEGREDO DE OURO PRETO bem podia ser o título de um livro a escrever sobre a antiga capital mineira, obra de um desses fervorosos rapazes de 1915, de uma geração antes da minha, que em Coimbra e Lisboa (e certamente no Rio, no Recife, em São Paulo) compunham a sua visão sentimental do mundo à leitura do GRECO OU LE SECRET DE TOLÈDE, de Barrès. Porque Ouro Preto é realmente uma cidade integra morta, e, se não tem a profundidade história de Toledo nem os seus tesouros de arte, é, como Toledo em relação à cultura hispânica, um mundo abreviado do barroquismo religioso e minerador luso-brasileiro.

Uma civilização dividida entre a salvação e a cupidez cristalizou ali no lapso de pouco mais de um século. Para ter a fundura e a radiação de Lima ou de Cuzco faltou a Ouro Preto a tragédia de uma civilização magnificente e vencida sobre cujas ruínas o europeu ibérico edificasse a cidade da conquista, santificada com igrejas e selada com muros de tributação e de domínio. Mas as proporções, a bitola histórica desvanecem-se perante aquele verdadeiro cristal de um certo tempo, de uma dada atitude diante do mundo e da vida. Atitude «extractiva» que tenta abençoar o ouro com uma dedicação cultual que transmuta o bezerro idolátrico. Compromisso da avidez com um certo sentido da encorporação das classes ávidas ao lado das classes servis, referindo o espiritual a Deus enquanto o temporal se regista nos «contos» dos «quintos».

Mas hoje, abrindo os meus cadernos de viagem ouro-pretana, embrenho-me mais nas páginas em que pulsam as minhas impressões provincianas de Ouro Preto do que nas notas em que a genuína voz do século XVIII se levanta. No esquema urbano da capital abandonada das Minas perdurou uma população resignada, de ofícios arcaizados e de ocupações sedativas, que vive de guarda ao passado com uma vaga mão estendida ao futuro. É essa nota dos vivos que velam os mortos a tónica do acorde de Ouro Preto. Só com oito ou dez dias de demora não se pode aqui perder tempo. Saio de manhã à noite. Hoje percorro a cumeada da cidade que leva a S. Francisco de Paula. Oiço um sino ao crepúsculo. O vértice da ansa é a ponte sobre um enrugamento onde corre o ribeiro que molha os espigões da Casa dos Contos. Do alto, a cidade encova as pinhas do seu casario de Épinal. Lá está o Palácio dos

Governadores e o Carmo aristocrático; o crepúsculo vai dourando a cumeeira em redondo até se quebrar no anteparo escuro do Itacolomi. O perfume da aragem nocturna rocega a ondulação dos montes que engastam Ouro Preto. Estamos a mil e cem metros de altitude, e é daqui que Vila Rica, a morta, lembra uma vaga Toledo rebatida e olhada das nuvens. Desço às ruelas da Baixa para me impregnar do viver deste gente abolida, e até porque vão sendo horas de me recolher também. Num bilhar da rua de S. José, nervo da terra, previne-se que só podem entrar «maiores de 18 anos»; mas, embora esteja nos casos, prefiro levar a imagem do pano verde ao passar. No CAFÉ FAMILIAR servem sorvete e picole; a tabuleta de LEMOS ALFAIATE tranquiliza-me quanto a algum improvável percalço de bragal.

De tal modo a vida antiga aqui deixou o seu selo que os escaparates cintados prudentemente de ferro, ao fechar dos armarinhos, parecem capelas de Passos à espera do dia da procissão. Vem gente de toda a parte à Semana Santa de Ouro Preto, pequena Sevilha brasileira, e uma das fontes de receita das lojas de recordações locais é precisamente a da venda de fotos das ruas pelo tempo da Paixão.

Um mínimo de modernidade polvilha os baixos das casas setecentistas da terra: Há uma «*brasserie*», o SALÃO VILA RICA para o cinema, a CHAPELARIA IPIRANGA e o BAR SANTA EFIGÉNIA, com pequenos letreiros luminosos. E tudo isto, é claro, sonorizado à rádio. Para acertar o passo com o civismo brasileiro de hoje, a Rua de S. José passou à égide do Presidente Getúlio Vargas, que andou por aqui nos dias da sua mocidade. Mas toda a modernização de Ouro Preto esbarra com o insidioso despotismo dos tempos que foram, e nem o Grande Hotel, castiça e confortavelmente gizado pelo arquitecto Niemeyer, conseguiu desterrar o HOTEL TOFFOLO com a sua vendola em baixo. Camilo Abdo — um sírio talvez — é A MAIS BARATEIRA, e em frente da velha hospedaria abre-se A GARAPINHA ou tenda de caldo de cana com as suas duas grandes porteiras e cadeirinhas austríacas que o dono pintou de branco para convidar ao bate-papo. A PENSÃO OURO PRETO é outra sobrevivência da antiga arte de albergar e, assim, outro protesto da cidade contra o excesso de cómodos.

Vou muito bem acompanhado por quem dedilha a cidade como se um violino fosse: um pernambucano que viveu largamente em Paris e que, assim, lê na alma de Ouro Preto com olhos ao mesmo tempo brasileiros e cosmopolitas. É o meu amigo Pedro Correia de Araújo, perito do Serviço do Património que estende até aqui o calor da conservação e do restauro das coisas veneráveis, que são a cidade inteira. Rodrigo de Melo Franco de Andrade — outra boa amizade feita no Rio de Janeiro ao sabor do seu fino tacto de historiador da arte — sente tanto este mundo mineiro e barroco que aqui tem casa e aqui se

refugia nas suas raras horas vagas da direcção do Património e aqui instalou a delegação do Serviço na casa dos Barões de Camargo.

A sede, por si só, é um monumento, apesar da sua modéstia de sobrado colonial apenas mais vasto que os vizinhos da Praça do Palácio. D. Pedro — como familiarmente chamam a Pedro Correia de Araújo — faz gemer as couceiras do portão venerável, e a sua capa espanhola de colchetes de prata, o seu cachimbo aceso como um lança-perfumes povoam o vestíbulo lajeado, as escadas, os quartos, como uma família inteira do tempo de D. Pedro II. Os restauradores da talha e das pinturas do Carmo vivem aqui como estudantes. As portas azuis esverdeadas avivam-se com um rodapé de almagre; os postigos das janelas ostentam os seus ferrolhos práticos. Há bufetes do século XVIII, uma imagem do Salvador com uma auréola-dossel e quatro cravos pregados, sendo um de orelha a orelha. É o patetismo icónico do barroco luso-brasileiro no seu frenesim colonial. Um anjo está suspenso num dos raios da santa auréola.

Presidindo aos manes da casa, o velho Barão de Camargo em efígie, de barba passa-queixo, parece que quer sentar-se na preguiceira de palhinha do casarão provincial. Uma pequena galeria dá para um pátio interior onde se ouviriam escarvar as patas dos pangaréus. De uns quartos para outros há às vezes degraus. O mobiliário aqui reunido já é certamente colectício, mas o sabor antigo naturaliza-se ainda no ambiente morto, intacto.

Assomamos às janelas do terreiro do Paço, que celebra o Tiradentes, e aos bastiões e guaritas da alcáçova setecentista só falta o chapéu e o bacamarte dos vigias e roldas passeando. A pressão do passado destinge aqui já tanto sobre a melancolia, que estou a ver que a excursão acaba no cinemazinho de loja da rua de S. José, que anuncia O FILHO DO ZORRO com Jorge Turner, MALVADA com Bette Davis e Ana Baxter, além de QUANDO EU TE AMEI… Em Ouro Preto é preciso cortar o copo de água do Letes com algum guaraná ou com um pouco de caldo de cana.

Ouvimos em silêncio os nossos próprios passos nas lajes das rampas ermas. A capa espanhola embuça D. Pedro recortado pela lua-cheia no chão.

CORSÁRIO DAS ILHAS

II

OS AÇORES*

Os Açores são humanamente mais novos que a Madeira cerca de um quarto de século. Em vez de uma grande ilha pletórica que reduz Porto Santo a uma relíquia, como acontece ao grupo insular madeirense, pontuado pelas Desertas, dos Açores já se disse que são como um porta-aviões de seiscentos quilómetros, tantos quantos separam Santa Maria do Corvo. Embora a maior população e as maiores riquezas económicas e paisagísticas se concentrem na ilha de São Miguel, todas as outras ilhas conservam a sua originalidade e o seu poder, e o arquipélago desenvolve-se como uma teia de três malhas — os três grupos ou pequenas constelações de ilhas próximas — , omitido um dos quais, ou uma das mais ínfimas unidades (Santa Maria ou o Corvo, a Graciosa ou as Flores) se arrisca a harmonia do conjunto.

No extremo sudeste a pequena plataforma escalvada de Santa Maria vibra de motores de aviões: no extremo noroeste o Corvo persiste no seu velho sono sem história. Numa ponta do mapa, São Miguel com a sua velha civilização concentrada e progressiva: na outra, as Flores com o seu viver patriarcal e vaqueiro, não isento das visitas inopinadas dos cómodos que a emigração para a América provoca. No coração do sistema a Terceira couraça-se ainda como um velho reduto histórico, ressoante de combates e cheio de relíquias gloriosas: não longe, São Jorge refecha-se numa existência arcaizada de teares e de pascigos. A Graciosa conserva os seus vinhedos e a sua furna como que à margem do mundo: o Faial antepara a muralha vulcânica do Pico com um porto-canal e uma cidadezinha, a Horta, que alia a um viver semi-rural uma nota cosmopolita.

Os seiscentos quilómetros do porta-aviões açoriano referenciam-se a voo por nove manchas vulcânicas: a mais próxima da Europa a mil e quatrocentos quilómetros, a menos longe da América a três mil e seiscentos. População — pouco superior à da Madeira e também quase duplicada por emigrantes esparsos nas Américas, principalmente na do Norte. A Califórnia como que realiza um sonho de unidade pastoril que o açoriano não pôde realizar nas suas ilhas longínquas: aí, os «ranchos» de vacas do homem das Flores são vizinhos dos do íncola da Terceira, e de São Jorge, e do Faial. O culto popular do Espírito Santo com o seu complicado folclore transplanta-se dos «bodos» islenhos para os do vale do Sacramento.

---

* Também in *Os Açores*, introd., selec. e notas por Armando Cortes-Rodrigues, Antologia da Terra Portuguesa, n.º 14, Lisboa, Bertrand, 1965.

Obscuramente adivinhados nos mais vetustos exemplares da cartografia veneziana, catalã e malhorquina, os Açores só foram abordados, com ocupação imediata, ainda que experimental e lenta, em 1431, com a viagem pilotada por Gonçalo Velho, comendador de Almourol, aportado a Santa Maria; e desde o desembarque nessa ilha até à chegada a São Miguel, apesar da mútua visibilidade, ainda decorreram catorze anos de indecisão e de torpor. Há prova porém de que um «piloto de el-rei de Portugal» aproou aos Açores em 1424, antes de Gonçalo Velho: um certo Diogo de Silves.

Só em meados do século XV a colonização se estendeu lentamente a todas as ilhas, que um século depois já desempenhavam papel de relevo na história de Portugal, sobretudo a ilha Terceira, tornada base de apoio às sondagens ao Novo Mundo desde fins de Quatrocentos. João Vaz Corte-Real e Alvaro Martins Homem, que partilharam entre si a donataria da ilha central do arquipélago, figuram entre os primeiros pilotos que se arrojaram a procurar «a parte ocidental» do mundo, embora seja fraco o grau de certeza histórica das rotas que levaram a cabo, que alguns querem ligar com certos empreendimentos dinamarqueses no Atlântico noroeste.

Mas se as aventuras marítimas destes dois homens se esfumam no hipotético, as do terceirense que deu o nome à península do Lavrador, João Fernandes, e que durante alguns anos navegou associado a outro povoador da Terceira, Pêro de Barcelos, estão documentadas. É este que as refere ocasionalmente, num instrumento notarial, com a sublime simplicidade de quem conta uma singradura qualquer: a que lhes permitiu serem os primeiros ocidentais a tocarem na Gronelândia. E da Terceira partiram também os Corte Reais quando alcançavam a Terra Nova.

Era em Angra que escalavam, na volta da Índia, as grandes frotas, a começar pela primeira, a de Vasco da Gama, que lá deixou sepultado o irmão e companheiro, mandando à frente, a Lisboa, o aviso da grande nova. Ali se estabeleceu uma provedoria das Armadas, como que hereditária na família de João da Silva do Canto, e mercê da qual o prócere instituiu opulentos morgados que puderam patrocinar um dos mais activos colégios jesuítas de formação missionária e, no ocaso do século XVI, sustentar rijamente a causa do prior do Crato.

Longe de ser um mero episódio hiperbólico de história regional, a resistência da Terceira a Filipe II, pela dificuldade com que a sua frota a quebrou, conta como um dos troféus que o grande rei mais prezava, a ponto de fazer pintar aos dois topos da Sala das Batalhas, em pleno Escorial, o desembarque da Salga, na Terceira, e a batalha naval ao largo de Vila Franca, em que a Invencível bateu Filipe Strozzi e os escassos galeões de D. António. E enquanto Ciprião de Figueiredo e D. Violante da Silva do Canto defendiam, com um velho heroísmo «chamorro», o último reduto português do fraco rei popular, o destino ria-se de lealdades

conferindo ao donatário consorte e absentista de Angra e da ilha de São Jorge, Cristóvão de Moura, o mesquinho papel de negociador da pátria.

Vivendo sobretudo, nos primeiros tempos históricos, dos lucros da exploração do pastel dos tintureiros e em contínuos sobressaltos causados pelo corso marroquino, o povo dos Açores formou-se à custa de sucessivas levas de colonos continentais e madeirenses e de alguns capitães-mercadores oriundos da Flandres. Eram flamengos o primeiro donatário da Terceira, Jácome de Bruges, e o do Faial, Jos van Huertre, sogro de Martim de Behaim, o pretenso rival de Diogo Gomes nos seus descobrimentos sul-atlânticos. Flamengos eram também Guilherme van der Hagen ou da Silveira, povoador de São Jorge, e Fernão Dulmo, capitão das Quatro Ribeiras, na Terceira, que em 1486 projectou o descobrimento de uma grande ilha, ilhas ou terra firme a oeste, sendo o primeiro europeu a conceber claramente a continentalidade americana. Assim, o papel que os Açores foram recentemente chamados a desempenhar como traço de união entre o velho e o novo continente foi preludiado pela acção dos navegadores açorianos dos fins do século XV, e o relevo tomado pela América nas ligações aéreas de que as ilhas são plataforma surge naturalmente como o histórico *pendant* dessa iniciativa remota e decisiva para os destinos do mundo.

A emigração para o Brasil culminou no século XVIII com a colonização do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina por dezenas de casais açorianos providos de alfaias agrícolas e protegidos por um sistema racional de garantias coloniais. A partir da cultura do pastel, as ilhas foram organizando a sua economia, acidentada por várias vicissitudes mas constantemente animada por um esforço tenaz. Acentuou-se a auto-suficiência alimentar, apesar das crises cerealíferas. Os excedentes pecuários, provocados por excelente regime natural de pascigos, foram finalmente absorvidos pela exportação de gado e pela industrialização racional dos lacticínios. Criaram-se novos produtos de comércio externo: primeiro a laranja, colocada sobretudo na Inglaterra; finalmente o ananás de estufa, com base no qual a ilha de São Miguel pôde lançar uma considerável flotilha mercante. A pesca da baleia, desenvolvida no começo do século XIX em contacto com os veleiros rivais da América e da Inglaterra abrigados no canal do Faial, não só possibilitou uma indústria local importante como abriu ao açoriano o caminho pastoril do Far West e o trabalho na Nova Inglaterra.

Se os empreendimentos de fabrico e de troca assumem certa importância — como o chá, a cerveja, o álcool, o tabaco, a fibra de espadana — , os produtos agrícolas abundam num solo fecundo e repartido, com excepção de alguns tratos da ilha de São Miguel, onde predomina o latifúndio e abunda um proletariado rural precário. Afora isso, o nível de vida equilibra-se, e pode dizer-se que nas classes

populares é por vezes superior ao de certas regiões do continente. O açoriano, acostumado à variedade do trabalho num meio isolado e restrito, afeito ao trato marítimo sempre referido a uma forte tradição patriarcal, torna-se naturalmente um elemento social rendoso. O escol humano é considerável. Os Açores deram ardidos capitães às praças de África e às feitorias do Oriente; o terceirense João Baptista Machado figura no martirológio das emissões jesuítas ao Japão, como o também terceirense padre Francisco Pinto foi desbravador e mártir do Ceará; os micaelenses Bento de Góis e Roberto Ivens figuram entre os grandes pioneiros dos continentes descobertos; o Padroado do Oriente conta, até aos nossos dias, um luzido número de prelados e missionários açorianos. E bastaria o nome de Antero de Quental para firmar uma alta contribuição dos Açores para o pensamento português.

Do ponto de vista natural, são nove ilhas vulcânicas de largos e belos panoramas. Ao contrário da Madeira, os Açores não figuram entre as rotas turísticas mundiais. O seu afastamento tornava o arquipélago pouco acessível até aos grandes progressos da navegação mecânica. Os aviões transatlânticos têm-no actualmente apenas a horas de Lisboa e de Nova Iorque. Mas o principal motivo da relativa obscuridade turística dos Açores está talvez no aspecto brumoso e áspero das suas paragens, cuja austera beleza escapa aos viajantes apressados, que procuram céus de anil coroando panoramas coloridos e edénicos.

Muitos escritores, sábios e homens de gosto estrangeiros notaram o encanto envolvente daquela cadeia de ilhas. A disposição delas em grupos permite que se vejam umas das outras num véu de nuvens e brumas que ora vela, ora entremostra as casas, e até os rebanhos cabisbaixos ou a árvore-seca dos veleiros balançados nos portos. O conde de Ségur anotou pitorescamente os costumes conventuais da Angra do século XVIII. Chateaubriand, escalando na Graciosa a caminho da América e costeando a ilha do Pico, celebrou a majestade do seu cume e o aroma das suas lavas e vinhas. Darwin colheu amostras de rochas e espreitou a fauna da Terceira, consignando as suas observações no diário de viagem do *Beagle*. Mark Twain, Drouet, Bédemar, Fouqué, Buttler, Herculano, Raul Brandão e muitos outros comoveram-se com as riquezas tectónicas do arquipélago, com os vastos panoramas de São Miguel e do Faial, enfim com o sabor arcaico e patriarcal das ilhas pequenas.

As rochas basálticas — que com as traquites estruturam os Açores — dão-lhes aspectos apocalípticos, que uma vegetação profusa, rica na gama dos verdes, suaviza e veste de intimidade. O óxido de ferro e de magnésio desse esqueleto vulcânico acentuam-lhe o nitido negrume. Como que assistimos ali a grandes convulsões do globo, atestadas por algares sem fundo, tépidos e vestidos de «mofedo», e por furnas

provocadas pela súbita consolidação superficial de lavas rolantes que deixavam oco o subsolo.

Entre a lava basáltica, que os naturais chamam «biscoito» pela sua consistência torrefacta, são frequentes as «bombas» — designação dada pelos geólogos ao pedraço torcido no trajecto eruptivo dos fragmentos, que executavam no ar rápidas rotações, como projécteis accionados por máquinas de guerra. Pastosas e esfriadas, essas pedras ostentam belas tonalidades ferruginosas e arroxeadas tomando formas caprichosas: agudas, estriadas, zoomórficas. É típico o Algar do Carvão, na ilha Terceira; entre as furnas cavernosas avulta a da Graciosa, a que o príncipe Alberto de Mónaco, grande conhecedor do arquipélago, gostava de descer de archote e corda à cinta.

Mas a maravilha do vulcanismo açoriano é as Furnas da ilha de São Miguel, com as suas sulfataras, salsas e mofetas prodigiosas, os seus géiseres ou «caldeiras» fumegantes, as suas águas carbonatadas sódicas e mistas, que brotam em cachão e são capazes de cozer o «inhame» das margens e a galinha dos piqueniques. Os nomes populares das micaelenses traduzem o espanto que elas causam: a Caldeira dos Tambores com as suas águas tonitruantes, as Quenturas, a Camarça, Pêro Botelho, Asmodeu.

O sódio, o potássio, o cálcio, o lítio, o ferro combinam-se em prodígios rochosos e termais. E, todavia, vencida a surpresa das vascas e dos ruídos subterrâneos, o perfil das Furnas é paradisíaco e sedante, com os seus tufos de cedros, de pitosporos e de criptomérias, o tapete espesso dos fetos variegados, muitos dos quais arborescentes, o matiz das flores em que quase se não distingue o espontâneo do cultivado e aclimatado. Os parques sucedem-se aos parques, os casais patriarcais às vivendas elegantes. Uma população castiça, de mateiros e moleiros à arreata do seu «asno», dá os cicerones a uma estância turisticamente apenas comparável ao Parque Nacional de Yellowstone.

Apesar da presença de algumas rochas sedimentares, a tectónica açoriana é manifestamente vulcânica. Muitos tratos do solo foram remodelados por erupções verificadas em épocas recentes, históricas. Sismos frequentes faziam às vezes brotar ribeiras caudalosas de lava. A parte escoriácea, cínzea, recobre certas extensões estéreis do interior que tomam a nome de «mistérios», e, cobertas de uma vegetação rastiça de urzes e de tamujo, descansam a vista debaixo dos cambiantes nublados e macios do céu.

A parte esponjosa aglomera-se numa massa triturável e áspera — a «bagacina» –, que se acastela em outeiros ou montículos, de onde a extraem como saibro de piso, avermelhada e porosa. É sobre esses tapetes paradoxalmente vidrados e macios, cravejando as solas dos

sapatos, que se abatem as bátegas da chuva primaveril que os deixa de repente secos.

Em certos pontos do litoral o solo recama-se de «biscoito», e é removendo-o que, principalmente no Pico, na Graciosa e na Terceira, o açoriano põe a descoberto o húmus que dava o famoso vinho verdelho, outrora exportado em pequenos veleiros para tão longe como a Rússia. Garrett, filho adoptivo da Terceira e peregrino na Graciosa, cantou na sua fase arcádica o «rescendente Pico».

O aspecto desse chão pedregoso, quadriculado de murinhos que o vinhateiro transpõe refazendo atrás de si a pilha de pedras dos portais, é de uma beleza grave, um pouco torturada, mas que a abundância das fruteiras, faias e pistosporos alegra de corais de melros e de canários. No Outono, um tapete de beladonas e de cambará («ovos mexidos») dá um perfume exótico e penetrante às lavas.

Algumas dessas grandes erupções ocorridas em tempos históricos gravaram-se profundamente na memória das populações insulares: a do Pico do Sapateiro da ilha de São Miguel em 1563, a das Furnas em 1630, as do Capelo, no Faial, em 1672, a do Pico em 1720, a da Urzelina (São Jorge) em 1808. Semelhantes convulsões, acompanhadas de tremendas enchentes de mar, chegaram a levantar efémeras ilhotas costeiras, como a Sabrina, em São Miguel, em 1811, onde um navio estrangeiro chegou a cravar a bandeira de uma ocupação ilusória, e o ilhéu fantástico que em horas brotou e se sumiu, em 1867, na costa ocidental da Terceira. Alguns terremotos mais violentos chegaram a fazer ruir vilas inteiras. Os de 1522, em Vila Franca, deixaram rasto num belo romance popular e na *Miscelânia* de Garcia de Resende. Os da Praia, na Terceira, em 1624, comoveram o padre António Vieira ao pregar na Bafa; e os de 1841, na mesma vila, ainda há poucos anos eram comemorados lugubremente numa procissão de penitência com painéis quinhentistas alçados.

Apesar porém deste velho aparato telúrico, a sismicidade dos Açores é benigna; e as populações, à parte uma ou duas catástrofes com vítimas de morte, já remotas, tiram dele apenas o cenário majestoso do seu solo e um certo instinto do «mistério» e do carácter precário da existência. Sob um clima propício e numa natureza pródiga, que o mar modela retumbando em falésias e furnas cheias de pombos bravos, o açoriano é festeiro, acolhedor, feliz. O perfil austero das rochas e dos tratos de lava alterna com a feracidade das pastagens e terras de cultura. Nas ilhas mais pastoris — São Jorge, Fores, Faial, Terceira — ouvem-se mugir os bois pelas canadas e caminhos, junto dos bebedoiros e atafonas, ou curvados sobre o trevo e a serradela nas lombas ladeadas de verdadeiras muralhas de hidrângeas ou hortenses, que transformam as ilhas, no Verão, em largas aguarelas de azul, verde e negro.

A temperatura média anual é de 17°,6; a do mês mais frio 14°,3, nunca descendo abaixo de 5°,6. Agosto, o mês mais quente, não excede 28°. Enfim, a cinco meses de temperatura superior à média sucedem sete meses abaixo dela, dos quais Janeiro, Fevereiro e Março desencadeiam um Inverno benigno e emborralhado. A pluviosidade concentra-se sobretudo deste Outubro, o mês dos raros mas espectaculosos ciclones em que um mar de Génesis se desdobra e retumba, até passado o Natal e os Reis, quando os nevoeiros baixos anunciam a Primavera e os pastos retoiçados engordam as reses a imolar «ao Senhor Espírito Santo».

Com uma percentagem de humidade que oscila de 73 a 77, predominam os ventos de sudoeste e nordeste, espreitados das torres meteorológicas de Ponta Delgada, Angra e Horta, que previnem a Europa das surpresas eólicas que a esperam… É geralmente de um sudoeste húmido e borrascoso que se levantam, de raro em raro, esses rápidos e belos tufões do Outono, que, com alguns destroços de barcos e de muros de «casa do sal», deixam outra vez as ilhas no seu remanso de gados, pescarias e fumos de chaminé da ceia.

Os céus cínzeos transtornam suavemente a linha dos cumes e das rochas, amaciando as perspectivas. Cresce um vago torpor da pressão atmosférica acentuada, e uma humidade rorejante desentranha da lava um cheiro vivo. Mas a «mornaça» é mais uma lenda negra de forasteiros malévolos ou insensíveis do que uma realidade ambiente que nos arruíne o moral. A verdade é que o açoriano, embora comedido e pausado nos seus gestos, como quem ainda há pouco não tinha o tempo racionado, civilizou largamente as suas ilhas e ainda teve vagares para ajudar a fazer a terra alheia, sobretudo o Brasil e a América. Um Inverno mais astronómico do que continental prolonga as meias estações até Dezembro e muito para além do sã-joão. A Corrente do Golfo, que se aproxima do arquipélago, bafeja-o com os seus 23° estivos. Em suma — um clima atlântico, temperado, que hiberna docemente e tarde, como que tocando nos homens com uma pele feminina. A sua semelhança com o do litoral da Califórnia ajuda a explicar a preferência dos vaqueiros açorianos pelos ranchos do vale de São Joaquim [1].

Em semelhante moldura, tépida, gris e cambiante, debaixo de céus raro límpidos mas onde os rasgões de azul ganham tons opalinos de uma doçura de sonho, é fácil conceber a paisagem dantesca das Furnas, mas de um Dante que descansou dos círculos do Inferno na pintura do Paraíso; a das Sete Cidades, cujo topónimo ecoa as viagens aventurosas dos pioneiros das descobertas em prodigiosas lagoas de espelho verde e

[1] Os dados de história natural deste esboço são tomados do excelente artigo «Açores» da *Enciclopédia Luso-Brasileira,* da autoria do tenente-coronel José Agostinho (nota do autor).

azul-ferrete; as das fajãs de São Jorge, como que precipitadas da sua serra dorsal no fundo dos pesqueiros e fajãs e regadas de ribeiras margeadas de fetos e aroídeas, onde se chegam a enterrar as vitelas ainda quentes do parto para obviar à sobrepopulação pecuária, e onde os homens vivem, a poucos quilómetros da sede da comarca, ao melhor estilo caseiro do tempo de D. Afonso V...

Só à luz de um critério turístico fechado a fama das paisagens açorianas tende ao monopólio micaelense das Sete Cidades e das Furnas, incontestadas maravilhas. Na própria ilha de São Miguel, a costa de nordeste, a serra de Água de Pau e a lagoa do Congro reservam-nos surpresas fantásticas. A Terceira, sem panoramas feéricos, dá-nos a visão de um povo agrário e pastoril atido às suas criações de gado bravo e às suas vacas leiteiras, entre uma cidadela filipina cimentada com o sangue dos pobres, conventos desafectados e solares que respiram história, e o sossego telúrico das Furnas do Enxofre, da lagoa do Negro, do ermo milagroso da Serreta, de onde a Graciosa, São Jorge e o Pico acenam velados de lilás.

Mas o panorama de canais e de ilhas por excelência é o da Espalamaca, no Faial, ilha ridente abreviada em que os oásis abundam: os Cedros, o vale dos Flamengos, o Capelo vulcânico e faroleiro. Daí se descobre a ilha do Pico no seu perfil de Vesúvio, com a ponta garrotada por uma nuvem; a ilha de São Jorge oblonga e gris nas suas vertentes; mais longe, curta e negra, a Graciosa. A nossos pés, a Horta ri na sua linha de casas coroadas pela antiga igreja dos Jesuítas e com o tapete da doca, onde algum petroleiro, um navio de guerra ou cargueiro de óleo de baleia nos dão notícias do mundo. Jules de Lasteyrie, sobrinho do senhor de Neuville, já em meados do século XIX reparava na sua «fisionomia europeia».

A ilha das Flores, no extremo ocidental do arquipélago, rivaliza com a de São Jorge nos recessos edénicos e alpestres. As suas duas vilazinhas, Santa Cruz e Lajes, comunicavam-se apenas, ainda há pouco, a cavalo, por veredas de hortenses. Foi nesse suave e compacto isolamento que, há sessenta é poucos anos, os Açores criaram o seu maior poeta depois de Antero de Quental: Roberto de Mesquita, que, escrivão de Fazenda, alternava a leitura aturada de Verlaine e a revisão das matrizes prediais com o ensaio de primeiro-clarinete na filarmónica local... E foi ai que nasceu e se inspirou na adolescência o romancista norte-americano Alfred Lewis (como quem diz «Alfredo Luís»...), autor de My *Home is an Island*.

Enfim, o Corvo fecha a oeste o segredo das ilhas dos Açores, com o seu gado vacum anainho o seu cento ou dois de fogos sem ferrolhos e os seus patriarcas de barbas e arrecada baleeira, que resolvem sentados numa pedra os pequenos interesses da comuna.

I

«ISOLAMENTO»: SOLIDÃO DE ILHA

Tovim, 24 de Julho de 1946

Uma cabrinha de barro (escreve Mateus Queimado), um paliteiro de Barcelos que o acaso me pôs, de pesa-papéis, na pilha de papel *extra-strong* ao lado da máquina de escrever, parece dizer-me do alto da sua pêra preta e do assobio de barro

– Então, vais-nos deixar? Que vais tu lá fazer?

«Lá» — São as ilhas. «Cá» — é o país da cabra de Barcelos: «o Continente», como diz todo o ilhéu, fazendo ressoar neste nome aquilo que ignora e que não é capaz de tirar aos seus horizontes movediços, cheios de nuvens estáticas, de velas excessivas, de algum antigo cavername cinzento de *destroyer* passando, e do jogo diário do Sol que nasce para morrer.

Claro que o boneco de barro não me diz nada disto. É um estúpido e ameno *bibelot* que aqui tenho. Eu é que atiro para cima das coisas circundantes a cobardia de partir para as Ilhas em viagem sentimental, e faço falar as pedras e as cabras de barro no estilo do velho do Restelo.

Fecho os olhos e, nas teclas da máquina, encalorado, antecipo-me. O próprio dactilografar, um tudo-nada excitado pela minha primeira inspiração de longo curso, imita a pulsação do paquete largando. Mais um dia, umas horas — e ficará para trás o Restelo da prudência com a sua bela torre branca e a curva do rio das Aventuras (como se diz: «rio das Amazonas»). Talvez de aqui partisse o primeiro Queimado para as Ilhas... Talvez eu esteja repetindo, desmemoriado por duas séries de dez anos de ausência, a experiência virginal de meu tetravô Queimado: colono, deportado ou emigrante de meio caminho.

Mas não. Nem esse meu longínquo e hipotético progenitor se chamaria Queimado, nem o meu despaisamento das ilhas dos Açores é tamanho que eu não saiba de antemão tudo o que lá vou ver. Fecho os olhos de novo e toco nas coisas todas. Uma por uma levantam-se as ilhas no arco do horizonte como navios à capa, disfarçados uns dos outros pela cortina de mormaço.

Aqui, Santa Maria, na sua solidão compacta, hoje quebrada pela colossal plataforma de um aeródromo. Nas ilhas de Baixo conhecíamo-lo apenas pelos seus potes de barro, pelos grandes e bojudos «talhões» onde o Inverno ilhéu vertia, nas escorralhas dos beirais, as reservas de

água de Verão. Dali se importava, em barcos de boca aberta, o magma de barro que ia reforçar em qualidade a olaria rudimentar dos outros portos islenhos, sobretudo os «telhais» que fabricavam o tijolo de forno e a telha-vã.

Ali, São Miguel, com as suas lombas pardas e as suas povoações castiças, os seus latifúndios e os seus parques. Diziam os madrugadores que São Miguel se avista da ilha Terceira em dias límpidos. Um negro a avistou das alturas de Santa Maria (se Frutuoso não mente), lá pelas brumas da memória e do descobrimento... O nome dele, porém, não figura entre os Velhos, os Zarcos, os Teixeiras. Preto não ter cabidela entre heróis... Mas seria o seu olho fino que tirou São Miguel da negaça das nuvens? A sua dentuça branca a primeira que se arreganhou de surpresa e alegria ao ver terra? Pobre preto sem nome!

Raul Brandão escreve, n'*As Ilhas Desconhecidas:* «Já percebi que o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente: o Corvo as Flores, Faial o Pico, o Pico São Jorge, São Jorge a Terceira e a Graciosa...». Esta verdade de panorama começou por ser simplesmente uma verdade de «achamento». As ilhas descobriram-se, por assim dizer, umas às outras, pouco faltando para que ficassem conhecidas por um seco e simples número, como uma flotilha de contratorpedeiros estacados no mar.

Assim, é com uma espécie de orgulho de marujo perdido numa rua de bares que respondo à curiosidade geográfica de alguém: «Sou da Terceira.» Como quem diz: «*Home Fleet*, terceira linha...» Ou: «Terceiro couraçado da Armada do Atlântico.» E posso precisar: latitude norte 38° 38´ 33´´; longitude oeste (Greenwich) 27° 12´ 48´´.

Tudo, para o ilhéu, se resume em longitude e apartamento. A solidão é o âmago do que está separado e distante. Quando eu era garoto via apenas, da vila de lavradores e de pescadores onde nasci, o minúsculo e alcantilado ilhéu do Norte; e, ainda assim, precisava subir à serra do Facho e deitar homens e casas para trás das costas. Resvés do Zimbral — uma rocha medonha –, aquele penedo emerso era a primeira amostra de terra fora do nosso pé. Mas era tão perto aquele país da craca, que uma bateira do Joaneta, a remos de tolete, o alcançava em coisa de uma hora de bordejo e de contorno da Má Merenda.

Tudo é relativo neste mundo absurdo e absoluto... Já houve, é claro, a circum-navegação de Magalhães, o périplo de África e as tentativas do pólo. Dos próprios Açores (e a partir da Terceira) se tentaram, em barcos frágeis e em tempo de rotas duras, a Terra do Bacalhau e a Terra do Labrador. Os do Pico iam aos «Mares Japanis» e ao Arioche (Arctic Ocean) como quem bebe um copo de água. O certo é que ir ao ilhéu do Norte, do varadoiro da Praia, não era para qualquer. Como dizia o Macetinha: eram «três tantos» do Poção — o pacato

pesqueiro do chicharro e da cavala miúda, fronteiro ao casario da vila e ao estendedoiro das redes. De pé à popa, com o facão do engodo nas unhas, os mestres de barco ouviam do Poção as trindades da noite, desbarretavam-se e acendiam o lampeãozinho de proa, fanal de uma braça de água...

Para se ir ao ilhéu do Norte dobrava-se a ponta da Má Merenda, entrava-se na sombra azul-ferrete da rocha do Zimbral, que, de escura, parecia o tinteiro revirado de um polvo monstruoso. E só então, entre as escarpas da ilha e as ravinas do ilhéu, começava a peripécia da apanha da craca a picão — a craca de três válvulas, forte como um castelo e suave, ao chupar, como mamilo de sereia...

Depois, estendendo para sul e para oeste, com as promoções do liceu, as minhas andadas de ilhéu, subi uns furos na experiência e no gosto da solidão. Até mais de meio caminho de Angra ainda se não viam ilhas. Mas os ilhéus das Cabras eram já outra coisa, quebrados pelo meio como um pão mal tendido, suficientemente afastados da terra para que pudessem passar por um país estranho... — em todo o caso, outra plataforma talvez só própria para bichos (os do seu nome), embora uma lenda rezasse que ali tinha estado de castigo um amante infeliz ou um traidor.

Os ilhéus das Cabras não tinham cabra alguma, mas uma cisterna salobra e meia dúzia de carneiros. Eu, que tinha a mania da geografia fantástica, chamava-lhes a Terra do Perrexil — a plantazinha rasteira, de folha carnuda como a da beldroega, que se curtia num frasco e nos servia de *pickles.* Mas a grande lição dos Ilhéus não era nem o perrexil, nem o carneiro: era a prova provada do nosso emparedamento num vasto calhau atlântico: por assim dizer, a estátua da nossa solidão arrancada das nossas entranhas e ali posta, junto ao Porto Judeu, como o símbolo de um destino e o padrão de uma vida interior.

Do espectáculo dos ilhéus das Cabras, a que uns cachopos mais longínquos davam projecção e tristeza, passávamos à visão diuturna das primeiras ilhas de Baixo. Angra, como velha «cabeça e corte das mais ilhas», no dizer de Frutuoso, tinha São Jorge e o Pico ao alcance dos torreões do seu castelo hispânico, ele próprio torreado num istmo, como que no flanco de outra ilha — o tríplice e taciturno Monte Brasil dos facheiros. Do Torreão dos Mosquitos via-se, para lá das quintas ribeirinhas do Caminho de Baixo, a grande barra verde, roxa, gris, azulada da ilha de São Jorge, tão sensível às manobras do sol como um toiro puro à capa do matador. Por detrás, como uma cabeça à espreita, surgia a agulha irreal e esbranquiçada do Pico.

Em dias luminosos e nítidos (garantiam alguns) via-se roupa a corar... Com mais forte razão se avistaria uma casa ou outra, se as houvesse na falésia áspera e feia, como que cortada a cutelo, que é o lado

de São Jorge visível da banda de cá. Mas já estes «diz-se» e «consta» da visibilidade entre as ilhas eram uma senha misteriosa. Aprendíamos pelos olhos a existência de mais mundo, mas mal queríamos crer... tão pequeno era o espaço em que nos movíamos da vida à morte e tamanho e tão salgado o mar que nos rodeava e enchia.

Uns quilómetros mais para oeste, no sentido das rochas inabordáveis da ilha, e divisavá-se outro calhau longínquo: a Graciosa. Esse ficava espaldado pela hóstia do Sol ao morrer — um Sol encarnado e redondo, cujo cobiçado e raro raio verde parecia tirado às tintas dos pinhais da Serreta e das algas do mar do Peneireiro.

Ilhéu do Norte (o sugestivo Espartel das cartas de marear)... Ilhéus das Cabras... São Jorge... o Pico a meio busto e coroado de nuvens perpétuas... enfim, o pão preto da Graciosa no extremo oeste... — e estava fechado o aro do nosso confinamento atlântico, a que aquelas amostras de rocha esmaltadas de pasto e de cores búcias davam uma promessa de convívio.

Oh, solidão das ilhas!... Conquista da terra por firmeza no pouco que se tem e por tino e recuo a tempo no muito que se deseja... Portos fechados, ilhas à vista... Entre nós e o mundo aquela porção de sal que torna incorrupto o aro da terra... Movimento e força; outras vezes tranquilidade e pasmo... Extensão... Extensão... (E, por mais que embirremos com reticências, que são espasmos tipográficos, a coisa é assim mesmo... Tem de exprimir-se nesta dose exacta de exaltação e de pouca sintaxe...). Ilhas pontuadas naquela brutalidade oceânica que é afinal a única coisa delicada e discreta da nossa vida o mar do nosso segredo... a volubilidade do nosso ardor que nada estanca... esta inconsistência de projectos humanos (mas desumano é o lógico, o ético, o inflexível!). Além disso, o vapor da carreira... o boletim meteorológico (grau de humidade à saturação cem...), e o acostamento de Santos com a bandeira de saída... Oiço os rebocadores.

Mas, por ora, as cigarras da Beira ainda cantam na calma. Uma borboleta amarela acidenta a paisagem de olivais que me circunda. Hesito diante do calor e da luz peninsular a que me afiz. Vou? Não vou? Pelo sim, pelo não, vou colando os rótulos nas malas e dizendo com não sei que autor bem-falante e avisado: «É sempre tempo de recolher a vela a uma desilusão... »

X

A CIDADE DO CANAL

11 de Outubro de 1951

Prometi uma vez retratar as sete cidades ou burgos em que vivi por mais tempo, e afinal não passei de umas duas. Tendo começado pela terra onde nasci, esqueci-me por lá em minudências saudosas.

Os naturais dos sítios são como os criminosos: voltam ao lugar do delito. Não que eu subscreva àquilo do poeta que diz que *sempre o pior mal é ter nascido.* O mal ou a culpa de Adão remiu-a Cristo com sangue — e Ele próprio se lustrou nas águas do baptismo, ainda que o Santo Espírito o tenha gerado sem mácula. Fora disso, não há mal algum em cá vir. Se o mal existe independente da consciência que o apreende e do coração que lhe dá campo, tal como o bem impassível, os homens de carne e osso os vivem e padecem — pois que o bem proceder nasce da paixão levantada. Sem suor do rosto, sem alento e outros sinais de existência, como queixar-nos da vida? Isto de mundo é irrecusável. Só há perdão para a respulsa do mundo no anelo da Santa Cidade.

Ora, as minhas cidades não seriam santas, decerto — que nem Jerusalém nem Roma me couberam –, mas eram as melhores que dar-se podiam a um vivo desenraizado. O mais importante nas memórias de homem um pouco peregrino é esse ponto dorido que o coração acusa quando se lembra do transplante. Partir, arrancar de um lugar, é pagar o preço da viagem, que sempre nos sai da pele. Morei em terras estranhas por largos lapsos de tempo e, apesar de as deixar para voltar às nossas, estremecia sempre. Vamo-nos semeando pelo mundo como um punhado de trigo que só numa única leira daria seara que se visse. E estes semeadores salteados, custa-lhes muito a ceifar... «Terra quanta vejas» - é o lema de morar e possuir.

Os pés de barro que tornam o recordar vulnerável são o «eu fiz», «eu aconteci», forçosos na recordação. Mas já me desenganei; pois, como oficial de escrever e de falar, tenho de me agarrar ao pronome antipático e ostensivo: «eu», «eu» a torto e a direito... Como o bom carpinteiro não larga a plaina da mão, o escritor, mais que a pena ou o teclado da máquina de escrever, não pode largar o «eu». *Que me arrancara mi yo!* — gostava Unamuno de gritar, creio que com Michelet. A primeira pessoa do plural, aliás, também não fica bem a quem não apascente ovelhas de redil humano. Oh!, o emprego dos pronomes: a eterna história de *O Velho, o Rapaz e o Burro…*

Mas dizia eu que o arranque do sítio onde vivemos resume o pó da jornada, fá-lo tragado e sufocante como nenhuma outra curva do caminho. Lembro as pequenas torres das igrejas e da Câmara da Praia, na ilha Terceira, que, deixadas ao alto da Boa Vista, me pareciam sepultar nos seus alicerces de tufo as casas dos meus e dos vizinhos, a escola, as ruas do trânsito e da gandaia, o cais e o areal dos sonhos. Eu chegava a Angra e, pouco a pouco, outras torres — maiores e tão duramente históricas, que duas delas, as da igreja do Castelo, campeavam entre torreões que haviam sido estrangeiros, assestando bocas de fogo sobre os naturais da ilha inermes — começavam a organizar em torno de mim a intimidade, a confiança, e dali a bem pouco o apego. Alguns anos bastaram para me naturalizar ali. E confesso até que, apesar de ter feito o meu transplante num palmo redondo de ilha, nunca uma aclimação me custou mais do que essa.

As raízes então violentadas eram as mais tenazes, as primeiras. Depois, lentamente, a planta humana vai-se acostumando a que o destino, que é jardineiro, a «disponha» — e acaba por ter o seu sistema de implante como que em estado de alarme. Umas gotas de água de rega chegam para lhe tornar algum viço.

Mas dói, custa sempre... Recordo-me mesmo de que a minha segunda transplantação, a de uma ilha para outra, foi que me deu o tema para reviver a terceira — então já um salto grave, quase transoceânico, das ilhas para estas nossas portuguesas paragens, a que nós, os ilhéus, chamamos «o Continente», de um ponto de vista telúrico que deve ter seu sentido em etnopsicologia. E é curioso que a evocação da largada decisiva tenha surgido noutro transe crucial de filho pródigo: a minha primeira fixação no estrangeiro.

A sempre-mesma visão da terra deixada, em panorama, parecia levar, com o apartamento, a carne do saudoso aderida! Era outra vez toda a planta arrancada que se retraía e sentia murchar pouco a pouco. Algo assim como estas modestas largadas deve ser o passo do rio de Caronte. A uma perspectiva negra, de eclipse e de fim de mundo, sucederá, mediante a transição adequada, a adesão gradual à perspectiva nova que nos vai convidando e absorvendo. Não custa estar... ser objecto de censo demográfico, de recolher e de alvorada, de almoço, de sesta e ceia. O que dói é tornarmo-nos de repente sujeitos do mundo concluso e ausente, juízes na própria causa subitamente processada ali diante de nós... naquelas casas do amor e do hábito que fogem... que se aninham ao longe e é em nós que se comprimem.

A Horta de 1918, a seis meses do armistício e da paz de Versalhes, era mais ou menos o que hoje é, apesar do terremoto que em 1926 lhe deitou metade das casas abaixo. Era uma cidadezinha branca, disposta ao longo de duas rugas de trânsito — das quais a Rua do Mar, a mais livre de casas, corre paralela à doca. O resto do roteiro corre em

anfiteatro e pende sobre essas artérias mestras, alinhando calçadas que conservam o carácter antigo e suburbano da vila que o duque de Ávila, por lá ter nascido e medrado, promoveu a cidade explorando decerto as boas recordações que o rei D. Luís conservava de uma antiga escala dos seus tempos de capitão-de-corveta.

Obscurecida em trato por Angra e Ponta Delgada — a capital política e a capital económica dos Açores –, a Horta ficou secularmente fiel ao pacato destino de ninho de povoamento que lhe marcara Jos de Huertre, o seu primeiro capitão e fundador flamengo. Mas o que a cidadezinha de oeste perdia em importância imediata, ganhava-o como nó de comunicações entre três ilhas centrais — Faial, Pico e São Jorge — e as duas avançadas longínquas do arquipélago sobre a América. Uma dessas atalaias, a ilha das Flores, fora em 1550 a alvíssara que Diogo de Teive merecera, na volta da sua misteriosa expedição ao norte do Novo Continente. A outra, o minúsculo Corvo, ficou sempre nimbada da lenda da estátua geognósica de um cavaleiro que se dizia apontar profeticamente em direcção a noroeste. Chateaubriand deu-lhe voga universal nos *Natchez;* Mouzinho da Silveira e Raul Brandão consagraram o Corvo como um refúgio de Robinsons. Agora, um jovem romancista luso-americano, Alfred Lewis, faz correr mundo as Flores sob a tentadora divisa: *A Minha Casa É Uma Ilha.*

De guarda a estas sombras, em frente o Pico austero e coroado de nuvens cambiantes, a Horta esperou em silêncio a hora da crise mundial da caça da baleia, e logo o tráfego oceânico carecido de carvão e de cabogramas. De antes, era um modestíssimo assento de capitães-mores e de vinhateiros, vivendo da hortaliça e do leite dos bucólicos vales do Faial e das mercadorias trazidas pelos pequenos veleiros que levavam o vinho do Pico até à Inglaterra e ao Báltico. Apenas a sombra de Martim de Behaim, genro de Huertre, compendiando ali os dados semi-secretos para o globo que engenhou e ofereceu à sua pátria Nuremberga, projectava na Horta dos séculos XVII e XVIII um brilho de chave dos mares. No fim da Grande Guerra fui encontrá-la remoçada, de *maillot* e de guiga de regata, hospedando galhardamente navios-escolas de todos os pavilhões.

As cidades pequenas e isoladas no Atlântico — Las Palmas, Bermudas, Funchal, Angra, Horta — têm um perfume salino e pétreo de fronteira entre o sonho e a realidade. Os ventos do largo levam-lhes o anúncio das orlas continentais nos bandos de gaivotas e cagarros que tentam as gáveas lá aproadas. Os sargaços e as algas flutuantes arrojados às costas são como que mensagens a laço, estranha telegrafia que os garotos ilhéus enrolam nas pernas ao banharem-se e que parecem decifrar com a mesma atenção e alvoroço com que guardam as garrafas misteriosas que a maré-vasa lá deixa.

Tudo no périplo de uma ilha alude ao possível na distância. Mas a Horta de 1918 já não era a simples cabeça intra-atlântica que espera das

aves marinhas, no topo de algum raro mastro, a boa-nova do mundo. Nos seus botequins coloridos de frascos de bebidas esquisitas os monossilabos ingleses respondiam irónicos e benévolos às perguntas dos jovens faialenses feitas pel'*O inglês tal qual se fala*. No seu relvão da doca vibrava a bola dos onzes internacionais improvisados.

Depois, a cidade recaía no seu morno e intrínseco silêncio; voltava-se para o Pico sobranceiro; esteiava-se na dúzia de araucárias que, à falta de torres imponentes, lhe acastelavam o vulto espelhado nas águas do canal. O sino da igreja dos Jesuítas dava as horas pausadas. A couraça do *Vasco da Gama*, comandado por um oficial da escola de Mouzinho — Coriolano da Costa — , refazia-se a tinta cinzenta, abrigada na doca.

Dois ou três meses bastam para criar entre um forasteiro e o seu efémero exílio uma acomodação razoável. As raizes cortadas longe pegam perto. Há logo ramaria nova, amigos que se admiram de nos conhecer há tão pouco, ruas que nos parecem reboar de passadas que teríamos ouvido no berço. O acerto não vem logo; o tempo decorrido no exílio é retrospectivo, remitente, mais consagrado ao perdido do que ao que se acaba de ganhar. Mas vem a hora do adeus, e tudo o que parecia violência feita à nossa tendência imóvel, que refere a paz e a felicidade ao primeiro lugar que nos calhou, torna-se «o melhor tempo», o território da lembrança que os faróis da noite vão lentamente dourando e logo remetendo ao escuro... *Mau Tempo no Canal*.

XII

ENCONTRO DE ANGRA

7 de Novembro de 1946

Recém-chegado à Terceira, passo uns dias na Praia, para ver os parentes, e logo volto a Angra, onde me instalo uma semana, em casa de família também. Venho achar tudo intacto: a ilha perpetuamente redonda e cinzenta no horizonte (verificação de bordo); os montes, carnudos e cínzeos, embrulhados num eterno pano de névoa; e os campos, quietos, agora da cor da palha que o Verão amadureceu, talhados aos quadradinhos nas achadas e nos vales.

Mas a maior constância (*muito nobre, leal e sempre constante* chamou Garrett a Angra, num decreto armorial que Passos Manuel lhe encomendou)... a estrita fidelidade guardada ao tempo e ao filho pródigo é a das pessoas, a dos hábitos, a das coisas e casas. Apesar da aviação, das tropas de atalaia à guerra, dos dez e vinte anos volvidos, de tudo o mais que corre e se transforma, destes anglo-saxões que enxameiam nas ruas da cidade e da Praia — o corpo da ilha e a sua alma estão concordes comigo. Nada aqui se alterou.

Tomado de uma espécie de medo de que tudo isto, tão querido e exacto, seja falso, levanto-me muito cedo e vou por aí verificar. Moro ao lado da Sé. Na casa sossegada, imensa para as quatro pessoas que somos, os passos têm uma intimidade profunda; mesmo com cada qual numa ponta da casa e a contas com os seus cuidados são passos que aproximam. Um amigo médico que cá vem clinicar chama a isto - o Convento! E aqui, sim, que posso representar o drama do filho pródigo com guarda-roupa e cenário: Eleázaro roto e faminto, intonso (corto o cabelo na barbearia ao lado, onde o cortava há vinte anos), sorrindo só quando se avistava o telhado e o fumo da chaminé. E, se não há aqui o pai com a sua barba e a fala grave, no suave reproche do regresso, há quem o tenha tão vivo e presente como eu mesmo — mais, até, pois mo evocam com as suas feições e ditos de menino, as suas predilecções e singularidades. Assim reaclimatado à atmosfera doméstica, resta-me ver se a outra me deixa respirar um pouco...

Na rua, tudo idêntico. As calçadas têm a mesma nitidez desimpedida de outrora. Acordam devagar, ao bater da galocha matutina do cocheiro que ainda dá água à besta. Só agora não há trens de praça, e portanto quase não há muares nem cavalos de tiro.

Sigo maquinalmente o traçado urbano todo: primeiro um bairro, depois outro, e outro. Duas ou três manhãs chegam para este reconhecimento piedoso. Primeiro, S. Pedro, que olha a oeste, que me acabou de criar e ajudou a crescer o coração. O Alto das Covas descobre toda a extensão residencial dos arrabaldes de Angra, e, para lá das duas ou três araucárias gigantescas que torreiam a saída da cidade, a negaça de uma ilha ao longe, que espreita por trás de outra ilha: é o cone do Pico, barrado pela faixa gris e lilás de S. Jorge. Umas vezes vê-se muito bem aquele chapéu de neves e de nuvens e o seu formidável anteparo; outras vezes é tudo duvidoso, fosco e falso. A ilha é a nuvem ou a nuvem a ilha? Veremos...

Mas já o bairro se deixou penetrar dos meus passos e me mostrou os antigos segredos bem guardados. Esquina por esquina, vi as sombras; horta por horta (ao Caminho Novo) reconheci o meloal... As casas solarengas têm as mesmas pessoas às portas. Lá está o relojoeiro, a padaria, o sapateiro, o Império e a flor de estufa. Só o amigo Maranhão, com os velhos potes de barro no escaparate do muro, não dá sinais de me suspeitar sequer. Começamos a ser estrangeiros onde nascemos, ou como?!

Agora é o coração que se constrange. Vivi aqui e ali. Uma, duas, três casas, que abrigaram o adolescente e parecem olhar o homem maduro com olhos cegos, janelas ocas... Tudo isto do sonho e da saudade é uma mentira arranjada, um embuste literário, ou o quê? Então não é verdade que aquela vidraça era minha?, aquele ferrolho o descanso da mão de minha mãe?, aquela beira e sobeira as telhas que choraram os aguaceiros que eu vi? E a nossa melancolia nasceu ou não destes céus tristes, baixos, burros? Porque nos não conhecem e festejam as janelas, as begónias dos «gabinetes» e as pedras das calçadas?

Mas passamos ao largo de tudo e tudo fica incólume. Aqui só há uma coisa que se comove — o coração que vai passando. As coisas chegam às vezes a um ponto de saturação no regresso e no amor que não há lágrimas vivas que sejam dignas de nós! Desaforo expressivo... Excesso confissional... Vou-me conter. Não digo mais nada desta jornada matinal das ruas de Angra e dos seus portões ultrapassados em peregrinação recôndita. Tudo isto é turismo baldado, roteiro inerte... Para quê teimar em recolher coisas talvez mal passadas pela memória, e só aí?... A maior parte da matéria do mundo interior que levamos é dessa qualidade intransferível: tem essa só realidade unilateral, mesmo quando empenha dois lados, como por exemplo o amor.

Aqui da Canada Nova vê-se o Fanal recortado e coberto das sombras do Monte. Não quero mais paisagem. Vou ao Mercado ver os melões do Trovão e os torresmos do Facelita. Entro no Jardim (e recaí...). Mas é a navegação da paisagem o que eu aqui procuro! Reconheço os lugares, as relações das pedras — mais nada! Ali é a furna das avencas, que até humedece a alma! Ali o quiosque da música, a magnólia desatada em carne

branca e aroma, a roseira enxertada, o feto arbóreo, a palmeira emplumada e cabeluda. Já cá não está o Salvador com a sua barba branca de guardião paradisíaco; já se não ouvem lá em cima as tacadas do cróquete nas tabelas e o António dos Santos, quixotesco, esfregando as mãos: «Bela bola!» A alma do Jardim é esta... O segredo da vida aqui está! Ali foi o caramanchãozinho das gueixas e o mais que se mudou; acolá sentavam-se o senhor Vilar, o senhor Picanço... O Senhor Vilar, que, pigarreando, proclamava de quarto em quarto de hora contra a inanidade ilhoa:

– No continente, sim! Isso é que são terras!

Evoco. Uma bengala de castão de prata risca a areia. O repuxo central tece ao vento as suas *gerbes* de Boémia. Há peixes vermelhos, peixes de prata, um peixe com um cancro ou uma flor na barbatana. Lodo de chumbo e arquinhos de ferro a toda a orla do lago. Uma menina de trança e laço encarnado pára e vê-se... Também eu vejo ao espelho do tempo que se foi o que me custa a envelhecer.

Vamos lá ver o preto. O preto é de pedra e vomita água por um canudo: foi a primeira escultura profana que em minha vida vi! Subo mais, e oiço a velha levada dos moinhos: oiço cantar a água pura, valente, que desce das entranhas da ilha. A deusa tem no peito um calor qualquer que dá desta água... Isto não pode ser senão um sinal de Cíbele. Mas Cíbele quem é?

Vagueio por toda a velha cidade, de lés a lés. Madruguei, e por isso pude apanhar este sol íntimo e leve, que parece um pinto de oiro que acaba de furar a casca de ovo. Vim até à Memória (o antigo Castelo dos Moinhos), que é o ponto mais alto da cidade. Memória! Que isto se chame como o meu sustento parece-me coincidência de mais! Daqui abranjo e tenho tudo o que um dia foi meu ou que talhei para isso no «pano para mangas» do sonho. À vontadinha... Dos ilhéus das Cabras poderia ser o donatário; dos Fradinhos o foreiro, mas que é do Facho do Monte Brasil? Quem já faz sinais aos navios entrados? Quem iça o cesto?... A oeste ficam-me as torres de São Mateus e a igrejinha velha, desbancada, que as vagas de Inverno ameaçavam cobrir e despejar. E atrás de mim São João de Deus, a Pateira, o Reguinho — as avançadas do mundo do pasto e da galhada.

Quero perder-me neste Pisão, nesta Pereira, neste Desterro — nestas casinhas dos bairros populares e forâneos desta cidade histórica, que combina tão bem o seu orgulho torreado com o dom burguês da alegria. Terra de festanças, comida a rodos; como se diz por cá: cheia de carniça e de panzoada. O Corpo Santo é o solar dos pescadores e dos remadores da baía; mas em vão procuro às portas a cara do Castanheta ou do Chico Gorjita, meus camaradas da recruta de Infantaria 25, perfeitos exemplares desta boa e manhosa lábia de Angra. A Rua do Castelinho é silenciosa e expressiva, quase miserável. Na do Cardoso moram costureirinhas, pequenos empregados e operários. Tudo com

janelas de vidraça miudinha e de batente verde. Tudo escaiolado: há cortinas de cassa em todos os postigos e uma begónia de folha lesmada e caule peludo que espreita o passante.

Como tudo isto respira o ar de quem não vejo! Como estes telhados, estes balcões, estes girassóis dos quintais se parecem com a ausente! Agora, é a cavalo que, na volta de um passeio por Pico da Urze e São Carlos, faço o périplo de Angra. O cavalo é um grande cicerone: levanta-nos e dá-nos o que está para lá dos muros — a perspectiva de um arredor. Eu e o meu amigo Virgínio Avila, cavaleiro tauromáquico e equitador, vamos de nosso vagar recolhendo a tarde adiantada, afagando as montadas à vista dos camiões, «falando-lhes», discorrendo... Que descanso me dá este bicho de pescoço em sifão e de olhos de pedra-de-lua, que obedece a toques de perna e a contactos de rédea e cujos nervos mimosos acusam não só a presença das éguas mas a vizinhança das sombras! Tanto ele como eu esquecemo-nos do seu honesto mas duro ofício de factor do *crescei e multiplicai-vos* que também obriga os cavalos, preservados na Arca de Noé... Vamos por aqui fora distrair-nos um pouco, ver as velhas presenças e marcar as faltas inefáveis às pessoas e às coisas.

Mas a volta vai no fim. Um tratador leva o cavalo enxuto e cabisbaixo. Angra cobre-se lentamente de luzes, da Carreirinha ao Relvão. É a hora dos cafés e do fresco no Pátio da Alfândega, a hora do cinema (mas eu tenho horror à tarracha do *fauteuil!*). Sentamo-nos junto dos degraus da Sé, eu e velhos amigos. E, como no grupo há um meteorologista, penso que somos aparelhos graduados para marcar o espessar dos negrumes da noite. Todos nós, porém, estamos ali desenfadados. Esta é a tertúlia do sossego, do desinteresse, do tempo perdido... Está-se aqui com a serenidade do jazigo e a bonomia do Sector 1...

Já o relógio da Sé avança no terceiro quarto *post meridium*. Que finas e belas badaladas, mais puras que as do *Big-Ben*!

– Meus senhores!... — e levanto-me.

Entro no Convento como se tocasse a Completas. E, realmente, nada me falta - senão o que sempre me faltou!...

NO TRÂNSITO AOS BONS PROPÔSITOS

31 de Dezembro 1952

O sentimento de fim de ano é dado pela forma periódica cíclica que a categoria do tempo toma no homem civil da duração. Como o homem é o único ser terrestre que pode prometer e esperar, e como promessa e esperança implicam prazos, forçoso era chegar-se ao cômputo e à planificação do fluir crónico, sensível no jogo alterno dos dias e das noites — isto é, da luz e da sombra. Mas luz e sombra solares não alternam a intervalos invariáveis. A regularidade do seu mútuo só se apreende ao cabo de um longo lapso, que deu o ano solar.

Os pastores precisavam cuidar da economia dos rebanhos, que não têm prados perenes num só sítio. Os lavradores aprenderam que se não semeia e colhe à toa. Os nautas viram que, não sendo os mares sempre mesmos, partidas e chegadas tinham condição temporal. Mas isto, por si, não bastaria para dar ao calendário a rigidez de espartilho que, sobretudo nos «dias lembrados», aperta o peito dos homens. Quem apascenta, lavra e navega, se é cuidadoso e sensível aos câmbios periódicos do espaço, é tolerante em requintes de pontualidade que só outras sortes de homem puderam criar e levar a um afino que tanto nos tortura. Esses homens foram propriamente os empresários da história, feitos maquinistas do tempo.

Assim, só aos Romanos importou verdadeiramente a questão da folhinha, como peritos que eram na urgência, em sentido lato: isto é, na intervenção, na acção sobre algo e alguém. A história do calendário ocidental, de alçada romana, é bem sabida, mas são precisamente as coisas sabidas que esquecem. Rómulo, um dos amamentados pela loba, inventou o ano de trezentos dias e dez meses. Veio Numa e acrescentou-lhe outros dois. Sendo conveniente numerar esses círculos maiores do tempo civil, os Romanos adoptaram como ponto de referência ordinal a fundação da sua cidade.

Era pois o ano de 708 (e como nós gostávamos, em verdes anos, de desdobrar aquele A. U. C. ou aquele A. C. N. que pareciam fazer-nos latinos-pagãos ou cristãos, não importava!)... Era pois o ano de 708 da fundação de Roma quando Júlio César resolveu pôr de acordo o ano civil com o curso do Sol, intercalando (e aqui é que o verbo tomava a sua propriedade) um dia «bissexto» (duplo-sexto) depois do sexto dia antes das calendas de Março. Isto de quatro em quatro anos. Mas nem assim os interesses periódicos dos homens combinavam com o matemático desinteresse do Sol. Ao cabo de novecentos anos havia um erro de sete

dias; o equinócio da Primavera saltava das agulhas pontuais. Gregório XIII obviou a este contra, fazendo saltar de cinco para quinze um dia de Outubro, um pouco como o dono de casa que, temendo não ter o jantar a horas em dia de prazo-dado, adianta sessenta minutos o relógio da cozinha...

Nisto se ficou, cá pela Europa ocidental, uma vez que Russos, Gregos e Turcos, desafectos ao papado, se reservaram o direito de contar o seu tempo ao seu modo. Ainda há um errozito de um dia em quatro mil anos, — mas o que é isso comparado a esta maravilha de o dia tantos no dia tantos, esta precisão terráquea dos nossos prazos, dos nossos estos, do «já não é sem tempo»?!

A questão do tributo religioso, cultual, teve também muito peso na periodicização da existência. Mas o jogo da vida civil pôde mais, — o prometer e cumprir que gera o crédito e o débito, e que já levou um grande poeta nosso, António Nobre, a conferir dignidade lírica a esse tipo de experiência que comanda o calendário tanto ou mais que os dias de mudança de estação, os feriados, os aniversários e este «S. Silvestre» da meia-noite esfogueteada em que o pio leitor porventura me lê... «Ai *de quem tem amanhã uma letra a vencer!* » — escreveu Anto.

Vencimento é derrota, e derrota caminho. Não só há quem vença a letra de câmbio, mas tudo cambia e marcha. Feliz do comerciante que, intensificando a 31 de Dezembro a política dos apuros, fecha a porta e dá balanço à existência. Não precisamente à sua, mas à da loja, que, fazendo-o inventariar o sortimento «estante», o distrai daquele *stock* bem mais genérico e duro de deslindar que é a sua existência dele lojista, integrado em família e vizinhança, nação e *entente* de Estados, cuidados dele e dos outros.

O «S. Silvestre» reporta-nos àquele transe da infância à adolescência em que a tendência cronométrica da vida moral e religiosa nos fazia supor que, encerrado um ano, o que vinha se poderia preencher literalmente com sentido de reforma e de renovo. Não era um mero programa de emenda conseguida pela vontade vigilante que, forte da experiência passada, conta com a recidiva certa mas remediável das más inclinações. Era uma ingénua confiança no poder do arbítrio apoiado pelo carácter novo em folha do novíssimo maço da folhinha. Talvez até que entrasse já neste jogo infantil a consideração, bem adulta, de que o tempo cura tudo. Fosse como fosse, o freguês punha alerta os propósitos enchendo as entradas de Janeiro das boas intenções que abarrotam o Inferno.

Tempo frio e chuvoso, com este sol de ovo goro que é apenas uma nota original para pintores. As rosas-do-Japão cobriam de neve o chão que naturalmente a não tinha. As laranjeiras ardiam de coisinhas redondas e polposas. Aí estava! Aí estava a primeira tentação, em que uma citrina fazia de Arvore do Bem e do Mal, e, de serpente, a própria

verdura do tronco eriçado de espinhos como escamas. Qualquer Eva, nossa companheira de brinquedos, estendia o fruto que se transformava em péla, sabendo-se que o dono do horto prezava, além da integridade da sua laranjeira única, a dos vidros da sua vidraça... Isto quando se não invertiam paradisiacamente os papéis e era Adão em pessoa que começava a amolgar o fruto na parede...

Não. A vida não é geralmente reformável de salto. A vida é acima de tudo contiguidade e aquilo a que Vico, pensando-a historicamente, chamava *ricorso*. Os nossos genos não esquecem um ápice da virtualidade com que entraram na base desta construção prodigiosa, nem angélica nem bestial senão humana, que se chama uma pessoa. É certo que o homem é convertível, — de onde: o tipo moral do regenerado e o tipo religioso do converso. Mas essas mutações bruscas escondem quase sempre um processo interno especial, em que dado ciclo individual de vida como que se estrutura numa tese e numa antítese únicas: — o mal longamente primeiro, o bem longamente depois. A simultaneidade biográfica do mal e do bem alternos parece ser a lei geral do desenvolvimento pessoal da existência.

Os adolescentes, que jogavam na carta do ano novo a esperança da vida nova, mostravam apenas verdura de consciência momentaneamente favorecida por um resíduo de ingenuidade histórica ante o vindoiro, que lhes impregnava o meio familiar e social. Se há uma nota por assim dizer « contêxtil» da consciência, essa é a de que o mal e o bem de que somos portadores e alvos nos vão conformando em proporções que escapam à previdência. O consaber da consciência nem sabe muito bem o que se é por virtude própria. O exame de consciência faz-se mediante um dispositivo memorial dos próprios actos, e até a memória do homem recto trabalha, a seu «nesciente», segundo uma certa conveniência de arranjo imediato do pretérito moral sub *judice*. Só o grande justo e o santo, exercidos na prática dos ademanes do Inimigo, lhe desfazem as teias da ilusão com que ele cobre o pecador.

Mas até estas palavras de «Inimigo», «pecador», «justo» e «santo» soam a uma língua morta. O antropocentrismo da moral contemporânea desterrou-as praticamente do vocabulário comum. Além de poder ser farisaico o empregá-las, é «possidónio» o dizê-las.

No primeiro de Janeiro propúnhamo-nos virtuosos e assisados: lá para sete ou oito tínhamos recaído... Era como o jogo do siso. Uma candura infantil dealbava todavia as almas do bom propósito. O tempo das camélias, das laranjas, das despensas burguesas cheias de vestígios das «festas» ia reedificar uns pares de corações lavados como os vidros do quarto onde o Menino Jesus sorria às tarlatanas. «*Mundare*» era um verbo do latim litúrgico que se esclarecia em nós pelo «imundo».

Fernando Pessoa, poeta-filósofo, além de poeta sem mais nada, tem nos seus versos uma admirável descrição do acto de consciência

que, apreendendo o eu do ser, dá implicitamente a fórmula do eu moral: «*Olho por todo o meu passado e vejo / Que fui quem foi aquilo em torno meu, / Salvo o que o vago e incógnito desejo / De ser eu mesmo, de meu ser me deu*».

Ora, «o vago e incógnito desejo de sermos nós mesmos» dá-nos tanta ou mais surpresa do que aquilo de que, estando em torno de nós e sendo esse «em torno», nos constituímos passivo.

MEDITAÇÃO OCASIONAL

27.8.1947

Da minha janela de Verão vê-se o céu azul da praia, e uma linha de acácias e loureiros acusa os ventos do mar. O dia esteve quente, mas bastou uma ráfaga de nortada num punhado de sal e de algas para refrescar a pele e a tarde. Esta luz de oiro que precede o pôr do sol e se faz quase lilás na linha de água é o bastante, com um pouco de ar salino, para nos dar consciência dum bem inestimável: a doçura de clima a cinquenta, a cem quilómetros do forno e da torradeira, com o seu cortejo de suores, de seca, de palha e de pragas, — os rios enxutos, as árvores murchas na força do meio-dia, e as cigarras que ouvimos anteontem já roucas de rascar...

E entretanto, a dois passos de mim que me refaço e descanso — e sou ao mesmo tempo forçado a pegar na máquina de escrever para dizer que sim, que me refaço e descanso — Fulano e Cicrano discutem sobre se a Literatura é susceptível de conhecimento científico e se a história dela é essa tal ciência dela: se a critica literária é científica, etc., etc. Meu Deus!

Não quero agora mais que o perfil da bateira *Deus te guie* inserido no azul horizontal (se.: azul do horizonte), e Deus me livre de me embrenhar em disputas que não procuro e que tenho por mais ou menos estéreis, — desta esterilidade que nasce da inadequação duma sementeira à terra onde a fizeram, e donde afinal os pássaros a levarão no bico antes de todo e qualquer gérmen. Neste caso a sementeira foi a de tais preocupações teóricas; o terreno o meu juízo em férias, a minha imaginação desregrada...

A verdade, porém, é que a obrigação nunca cede de bom grado o «depois» à devoção. Não digo a obrigação no sentido moral, — mas o jugo, o estar acorrentado por um liame de hábito e de ofício a uma certa ordem de preocupações e de pensamentos.

Literatura! Mas se a esta rubrica não corresponde uma unidade de conteúdo; se no mesmo saco desse rótulo metemos ensaios, novelas, dramas, cartas particulares, fábulas, máximas, contos, memórias e cantigas: — como pode constituir-se ciência de tão heteróclito objecto?!

Poderíamos falar duma ciência do estilo quando descobríssemos as leis da associação vocabular no discurso, e definíssemos o condicionamento dos estímulos da expressão literária — procurando estabelecer, por exemplo, se a criação novelística é meramente gráfica, ou se pelo contrário o romancista, integra a escritura num sistema mais vasto de expressão que abrange a linguagem orada, o gesto, a intencionalidade rítmica, o simbolismo fonético,

etc. Mas uma ciência da Literatura? – isto é, de uma coisa sob cuja rubrica estudo indiferentemente *Os Lusíadas, o Verdadeiro Método de Estudar, O Alfageme de Santarém* e *O Brasil e as Colónias Portuguesas*?

Esta insistência em «cientificar» coisas e métodos diversos das ciências e dos métodos científicos provém, a meu ver, duma espécie de superstição de prestígio criada no século passado sobre o incremento das ciências tomado nos dois ou três séculos anteriores. As humanidades, primitivamente resumidas e arrumadas no Trívio, em face do Quadrívio, foram pouco a pouco aspirando à promoção a este outro quadro do saber, — aquele que a matemática, a física, finalmente as ciências da natureza tinham nobilitado com a Lei, a Observação, a Experimentação.

As actividades espirituais do século XIX vieram dar alento a esta pretensão humanística, quando homens como Bopp e Diez fundaram a Filologia, e sábios como Renan aplicaram os seus sortilégios de estilo e de visão histórica às suas noções das línguas orientais e às suas investigações do modo como as sociedades antigas conceberam e instituíram o «santo» e o «numénico».

Paralelamente a um Humboldt, geógrafo e linguista, um Fauriel ou um Sismonde de Sismondi não se contentaram com menos do que aplicar uma bitola sedicente científica, — um à literatura francesa, o outro às «literaturas do Sul da Europa», — expressão mediante a qual se introduzia algo do método comparativo do fenómeno literário e se tomava a invenção literária — ao menos no nosso continente — sob um anglo geo-civilizacional.

Estes vários esforços e conseguimentos foram sem dúvida fecundíssimos, e é certo que o exemplo das ciências da natureza, tais como o fim do século XVIII as viu desenvolverem-se, contribuiu para sugerir e fixar os procedimentos e métodos que levaram a tais novidades e semelhantes êxitos. A taxinomia e a sistemática da zoologia e da botânica abriram o caminho à comparação e seriação histórico-literárias.

Mas a superstição científica — isto é, o naturalismo e o «legalismo» que deram às ciências própria e primitivamente ditas o fulgurante prestígio de quadros do conhecimento objectivo e probante turvou a cabeça dos humanistas e dos historiadores, levando-os a pretenderem dourar o seu ramo de trabalho com os prestígios em folha da demonstração e da experiência.

Trata-se pois, fundamentalmente, de um caso psicossociológico de voga, moda, ou aura, — e tanto mais estranho quanto, como se sabe, as ciências se autonomizaram graças ao alimento espiritual que receberam, na Antiguidade, na Idade Média e até no Renascimento, das humanidades em geral, não só coabitando com elas mas movendo-se na mesma órbita especulativa, como modos diversos duma mesma e fundamental actividade noética.

Ah! Era bom, era, reduzir todo o fluxo de singularidade psicológica, de relações de estímulo, de representação, de figuração, de alegoria, que atravessa a *Divina Comédia* ou o *Crime e Castigo*, a umas quantas fórmulas e a meia dúzia de esquemas a que chegássemos através da Observação e da. Experimentação, e que exibíssemos triunfantes na ponta dum gis estético-logístico, na ardósia dos grandes brilházios e palmarès!. ..

Entretanto, o bom de Boileau, o lúcido Voltaire e o mágico Sainte-Beuve não precisaram arvorar insígnia científica para falarem de Literatura! Mas não há nada mais compósito, mais híbrido, mais complicado... Aquele mete no romance, através de personagens e de ambientes, todo o «clima» do evolucionismo darwinista convertido em religião popular e em panaceia explicativa; o outro introduz na peça de teatro o *subliminal self* e o *élan vital*. E então, para os estudarmos, o método é cientificamente literário ou histórico? estético estreme ou puramente filosófico? E se o método é feito de um poucochinho de cada um, onde está a sua unidade como método, e portanto a coerência interna da ciência da literatura como ciência?

Minha rica tarde perdida à beira-mar e de costas voltadas para ele! O bardo de acácias e loureiros ficou pouco a pouco quieto; uma pilha de blocos de cimento espera ali rijamente as mãos do construtor; uma voz de mulher levantou-se e canta há meia hora. A princípio pareceu-me que me estragaria a tarde torpedeando-me o artigo... Mas, pouco a pouco, acomodando o ritmo da máquina de escrever à cantiga, pude seguir o fio bambo de uma meditação ocasional. E, para lá dele, leve como o pé dum pássaro, - a minha imaginação repousada na cantiga da moça ou da mulher.

Esta relação é que eu queria ver destrinçar aos cientistas da poesia e do mistério. Mas já sei... Iam ali pedir ao psicotécnico a bibliografiazinha do que há sobre o fenómeno de concorrência de «campos» na atenção. E vinham, por exemplo, de Genebra, carregados de Claparède, cujo saber tentavam hibridar com discreteios da própria lavra.

Mas eu prefiro deixar-me levar neste agradável equívoco da «*noiseless portable*» e da voz agradável, flutuando por meio dele no fluido das minhas lembranças de ontem e das minhas saudades de já. E, em vez de continuar discreteando ou disputando com pessoas aliás tão estimáveis quanto críticas, lembro, por exemplo, uma vereda, um muro e oliveiras, o vento levando papéis, o tempo morrendo-nos nas mãos e a certeza do destino crescendo.

A reminiscência é o que queda da vida como orvalho em poeira. É tudo tão breve e pouco neste mundo! Para quê? Sim, para quê, definições? Dar fim, contorno às coisas, acepções às palavras, precisão às ideias, remate aos artigos...

E, daí... Talvez quem define e arremata é que tenha razão.

PRIMEIRA CRÓNICA DAS ÁGUAS NOVAS

14.9.1949

Já choveu. Nem as gerações mais novas sabiam ainda o que é chuva. Feijoeiros de trepar, nados em área de poço, lá tinham recebido uns orvalhos; mas a água era pouca e barrenta, o céu um crivo. Não havia pais, e muito menos avós, no país dos feijoeiros, a quem perguntar pelo estranho e anídrico procedimento da Natureza. Mas a seca tornou as leguminosas inteligentes e ávidas. Um feijoeirito particularmente amarelado perguntou a um irmão mais velho, à hora da rega: «– Será isto a chuva, irmão?» «– Não, não é chuva... É o rezar por alma dos feijoeiros do lavrador. E aquela lata furada é um hissope... Estamos mais desgraçados que os retirantes do Ceará!»

Mas choveu. Choveu enfim! Vi eu. Sentimos nós todos, os que ainda éramos do tempo da chuva e podíamos testemunhar. É verdade! Grossos, vivos, bons para molhar, os pingos entravam na pele dos homens, na casca das árvores, na côdea da terra. E pouco a pouco aquela crosta coriácea foi cedendo e amolentando. Até já há lama, rapazes! e as bermas dos caminhos velhos rebentam carregadas de detritos. A chuva ontem foi tanta, que abriu regueirões no meio da estrada a pique. Há ribeiras que levam menos água do que tais bichas de rabiar, gordas do barro e da espuma. E como os frutos do pilriteiro se puseram encarnados! Parece outra vez o tempo das cerejas. O Outono engraça com a água e vai azular especialmente os céus e os horizontes.

Eu não quero ser elegíaco: mas os feijoeiros foram-se. A água não veio a tempo de salvar plantas tão débeis que se encostam às canas como inválidos ou convalescentes. Além disso, a sazão passou. Os tomateiros, sim, que estão mais perfumados, desse perfume casto, acre, solâneo, com que orgulhosamente nos lembram que vieram de longe à horta. E cheirando os seus canteiros, dá-nos saudade do cambará...

Se eu fosse brasileiro havia de gostar da «mãe d'água» e amar a «terra caída» do rio das Amazonas. No Ceará chove pouco, mas a água é sempre boa e em qualquer parte se esconde. Os «vèdores» de água beirões adivinham-na quase pelo ouvido; mas essa é a subterrânea, a água que se faz rogadá e que só à sonda espirra. Gostaria de construir o meu poço como se fosse uma torre de Montaigne às avessas, onde só à bomba de profundidade apanhassem os seres lá metidos.

Da tona de água para cima, entre os coucelos e avencas do bocal dos poços sólidos, habitam os sardões e as lagartixas — povo sagrado, ágil e sério: povo hierático, puro, como nós gostaríamos de ser. Não sei porquê, mas talvez no México... O México é terra de adobe; acredita-se no Sol, e, quando a civilização é velha, é velha mesmo como na Mesopotâmia e no Egipto. As serpentes põem um capuz de guizos na cabeça, e até as há que

têm penas. Porém, do México vimos apenas o meu amigo Carlos Arruza e Gregório Garcia nos três tércios... Choveu! Choveu!

A chuva apaga o pó das últimas arenas e refresca a pele sofredora. Faz bem ao peito, à azeitona, ao ferragial. Todo este vasto ardor de meses como que se *achica*; é um fruto que cai no meio das folhas molhadas. Os ratos têm agora mais sensibilidade aos ruídos; ficam de olhinhos pequenos à flor dos buracos, sem saberem se hão-de tornar à eira molhada ou serrar a tábua podre. Com mofo, barro e trapos faz-se ninho de rato; mas ser rato é difícil: é preciso ter ouvido!

Choveu já muito, sim, mas pouco para o preciso. São trovoadas de serra. Forma-se além um negrume, vem o vento soão e bufa um pouco: depois cai uma grande surriada e os alustros parecem fósforos de quem entrou em casa às escuras. Em pequeno e em rapaz tive um medo telúrico de trovoadas, mas depois passou-me, ou quase. Há quem goste de as ver de palanque, como fogo de artifício; e confesso que, quando são ao longe e no mar, parecem o filme da batalha da Jutlândia.

O homem é um sádico da morte e das ruínas: por isso creio que seria melhor ir para a América do Sul pré-colombina adorar o raio e as potências secretas. Lá, sim! Quando nasce um filho ao casal índio, o homem é que fica todo puerperal na rede; ela não. Também é boa e bela a vida do tamanduá, que acha saboroso o ácido fórmico, e qualquer nambiquara é mais feliz do que um dolicocéfalo aceitável a Gobineau. (Água, se Deus a dá!).

Em chuva de oiro se tornou o sacripanta de Zeus para raptar Dánae. Há terras onde chove cor de sangue, e as costas do Mar Vermelho fazem ainda, o possível para honrar o nome às águas. Com algumas rodofícias no fundo, a Fonte das Lágrimas pôde deixar supor que guardava o sangue de Inês. Mas o sangue das bem-amadas vai-se no amor fecundo: só simbolicamente o podemos captar nos cromossomas de meia dúzia de criptogâmicas cobertas de água estagnada.

Água corrente! Pois não se chegou a dizer que Pedro e Inês se carteavam em Coimbra com a ajuda da calha que a Rainha Santa mandou abrir para levar água ao seu convento? O convento e a igreja submersa das claristas, a *cathédrale engloutie* do Rossio de Santa Clara, grande lugar para Outono!

Já os sinceiros começaram a criar fuso novo, despido de folhas inúteis. O Mondego, um fio de água, engrossará daqui a dias. Só no Tejo é difícil dar pelo aumento do caudal, a não ser aos clássicos níveis de Abrantes e Santarém, operação hidrográfica que mediocremente me interessa. Eu dava tudo mas era por um cabelo de Iria, arrastada pelas águas do Tejo entre mouchões e lezírias. Há gente assim — e o Outono segue sempre.

Amo Almourol e todo o património templário: os pinhais de Constança e a pensãozita de soldados onde, cabo de infantaria, comi caldo verde; Vila Nova da Barquinha e os tantos quilómetros que fiz a pé, aos dezoito anos, por causa de um vale do correio. Abuso reminiscente? Se

metade da vida está usada, que fazer senão abusar, ou seja usar outra vez? Todos queríamos voltar aonde não podemos, e assim é bom. Refazia-se tudo bem feito. O passado, porém, só é melhor porque já não o aturamos. São as águas passadas e, estas, as águas novas. Assim chama o povo ao renovo das chuvas entre o Verão e o Inverno incógnito.

A chuva foi tão chorada que, ao aparecer, aldeia houve que rogou os gaiteiros e molhou a palavra na taberna. Eu lá os ouço rufar e ganir ao longe. Outro milagre puro das civilizações profundas, este gaiteiro galego, minhoto e beirão que o Vale do Tejo repele, como terra já moira. Oh, força do cerne celta, que chegas até nós na gaita morrinheira e nos irmanas com os nossos amigos escoceses de saio e perna ao léu... com os nossos amigos bretões do dólman e menhir...

Bendito seja Deus que não perde as sementes do homem! As vezes, numa lasca, lá vão três mil, quatro mil anos. Um caracol de meu avô troglodita deixou a sua espiral gravada num pouco de sílex, mandando-lhe a boa nova pela Associação dos Arqueólogos. Deixarei eu do mesmo modo as papilas do polegar da mão direita que imprimi a alcatrão e petróleo nos dossiers de um arquivo antropométrico? Em que ficamos, afinal: fóssil ou dactilograma? («–Aqui tem água para as mãos.» «– Obrigado.»).

Mas parou de chover. Só o Bóreas buzina à porta do lavrador e à janela do poeta sem poesia. A azeitona já pinta: o verso nunca mais! Outras estações hão-de dar azeite ao lagar e inspiração a moços crédulos; novos dias e noites acordarão os homens e os deixarão a dormir, como tiver de ser. Bem bom, que ao menos os poços, desta vez, recebam uma manada de água, e daqui a pouco os mananciais escondidos na terra revessarão do que é preciso. Já do lado do norte os troncos dos castanheiros calçarão musgo verde. Os ouriços estão mesmo, mesmo a abrir, amarelinhos e cerdosos como os seus irmãos cacheiros. Até à castanha a chuva ainda veio fazer bem!

Ouço cantar:

> No alto daquela serra (oh meu bem!)
> Tem meu pai um castanheiro,
> Que dá castanhas em Maio (oh meu bem!),
> Cravos roxos em Janeiro!

A poesia é isso: fazer com que os castanheiros dêem castanhas agora e cravos mais logo, sem transtorno do Mundo nem míngua do assador. E que chova! Chova do céu a água precisa, entre na terra a que baste, e empoce a restante até à evaporação. Com poças estreladas se fazem nuvens novas. Com nuvens novas se enchem as poças velhas, e assim por diante. Eterno retorno. *Los mismos gatos con otro pellego*.

E aqui termina a crónica das águas novas.

CAATINGA E TERRA CAÍDA

IV

IGREJAS E CAIS DO PARÁ

1 de Dezembro de 1958

Uns dias de demora em Belém do Pará, à espera de vapor para Manaus, deixam-me criar maior intimidade urbana com a «Cidade Morena». Propondo-me ver igrejas, na esperança de rastrear a influência portuguesa, levam-me à «basílica» da Nazaré como uma maravilha. E, de facto, os materiais são soberbos: tudo de muito peso, valor e feitio. É uma arca templar feita no espírito ostentoso de uma espécie de neo-barroco que nos sai afinal arte-nova, cheia de mármores de Carrara, de encrustamentos de pórfiro, de debruns de bronze e ouro. Tivessem-lhe aplicado cristais de rocha mineiros e nordestinos, e haveria pelo menos a desculpa de uma tentativa de plateresco nativo. Assim, não. Assim, a Nazaré do Pará fica sendo, como disse Herculano de Mafra, um «toucador ao divino», com a sua porta monumental de bronze e os seus baixo-relevos com os belos epítetos marianos tirados da Ladainha. Resta, do esforço fabriqueiro, a boa intenção da majestade ao serviço de mais um culto lusitano a juntar aos do Senhor de Matosinhos e do Senhor do Bonfim: mineiro aquele, este bahiano, e todos eles importados de Portugal no século XVIII.

Já a catedral paraense, primacial da Amazónia, é de outra estirpe. Apesar das pirâmides exageradas do frontão, o seu alçado barroco, com nicho e torres robustas, situa-nos gratamente na atmosfera da boa arquitectura colonial brasileira, tanto mais que se integra num conjunto harmonioso com a igreja de Santo Alexandre, belo exemplar, em frente, com o forte do Presépio e o paço arquiepiscopal. Dias volvidos sobre esta minha excursão, terei o prazer de conhecer, na Assembleia Paraense, generosamente convocada para festejar nossa visita, o ilustre sucessor de D. Fr. Caetano Brandão, o Senhor D. Alberto Gaudêncio Ramos, filho de um português de Lorvão e de uma portuguesa de Espinho, ele mesmo íntimo com a terra portuguesa, que conhece desde os seus tempos de Bispo e Arcebispo de Manaus, onde foi aluno de uma escola, comercial da nossa colónia de trabalho.

Na igreja de Santo Alexandre pregou António Vieira; na Sé, o grande prelado pombalino que missionou até ao Rio Negro e ao Madeira, antes de acabar os seus dias como Arcebispo de Braga: D. Fr. Caetano Brandão. Tudo, na velha Belém, fala do ímpeto lusitano com que no século XVIII se retomaram os trilhos de Pedro Teixeira até às remotas cabeceiras do Tapajós e do Purus. Do consulado urbanista do Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado ficaram, por exemplo, na Rua do Dr. Assis,

duas belas casas nobres, e um grande palácio na Praça Carneiro da Rocha, onde está hoje o Asilo do Bom Pastor.

Mas, mais do que os vestígios arquitectónicos do passado, interessa-me ir ver o coração do porto do delta amazónico, o Cais da Ribeira de Belém do Pará: em suma, o Haver-o-Peso, que lá se chama, por redução ao corrente, «Ver o Peso».

É um vasto cais coroado de mastreação de cabotagem, dos canos das «gaiolas» e dos «vaticanos» que sobem o caudal do Amazonas, das vergas dos veleiros que vêm de Bragança, no Atlântico; e de Soure, capital ribeirinha da ilha de Marajó. Era ali que, dos tempos coloniais aos do Império, os armadores e os grossistas do Pará tinham que dar contas das suas mercadorias à Alfândega. A Alfândega instalou-se num convento. Hoje, à parisiense ou à marselhesa, tudo isto é o chique Bulevar Castilho França, onde o nosso amigo Comendador Dias Pais, natural de Almargem do Bispo, em Sintra, tem posição comercial simétrica à das grandes agências de viagens do Cais do Sodré, *city* portuária alfacinha.

Depois de uma volta pelo cais da baía de Guajarás, na foz do Guamá, continuo o périplo das igrejas. O Carmo tem o seu presbitério acrescentado, mas conserva a boa traça, sobretudo no pórtico de galilé, que os Salesianos custodiam. Os púlpitos de talha gorda cobrem-se de baldaquinos; há um altar de prata cinzelada e mármores geométricos, no gosto de Mafra e de S. Roque, tudo italianizado. Reparo numa grande tela da Visitação, que é curiosa, e no altar da Ordem Terceira cheio de imagens de roca, que me lembram a quaresma procissional das minhas Ilhas. A sombra da galilé (visito-a já noite fechada) entenebrece-nos docemente; mas houve um padre argentino, com pruridos de pintor, que pincelou a igreja de novo, desfigurando tudo — e desespéro... Entro numa gruta de Lourdes transformada em escritório dos Terceiros; fixo-me finalmente numa estela funerária veneranda: a do Capitão-General Pedro de Albuquerque, Governador da Capitania do Maranhão e do Grão-Pará, falecido em Belém em 6 de Fevereiro de 1644. E é como se tivéssemos apreciado juntos o sermão de Vieira em Santo Alexandre, ali defronte...

Enfim, para nos despedirmos de conventos e igrejas de Belém do Pará, vamos ver Santo António, num canto de praça, com a sua bela arcada e a grade sobrepujada por um nicho. Como isto é íntimo e santo! Conheço isto de aonde? No ângulo, a torrinha barroca, a empena de tímpanos e o nicho em cruz. A arcada de grade dá para a galilé,, sobre o porto; abrem-se janelas gradeadas para o interior da igrejinha. E que lindo, o claustrozinho de arcos de volta inteira, com a sineta que hoje chama pelas Irmãs Doroteias depois de ter chamado pelos tristes e grandes Capuchinhos da Província da Piedade, heróis da ocupação radial da Amazónia. Esses instalaram-se aqui em 1626; as Doroteias estão na casa há bons oitenta anos.

FIDES. SILENTIUM — diz a sacristia pintada. E a verdade é que o próprio silêncio claustral gera sossego e fé, nas raizes atlânticas da Amazónia.

JORNAL DO OBSERVADOR

NÚMERO 1

Ora então vamos lá, pela n-ésima vez, a lançar aos quatro ventos uma nova versão do meu *Jornal.* Não tenho feito outra coisa, desde que me conheço. Além da minha própria facúndia, a culpa é da invenção da Imprensa, em geral, e da chegada do primeiro prelo à ilha Terceira, em particular. O prelo em que os emigrados políticos, que tinham iludido o bloqueio inglês nos mares dos Açores cerca de 1829, estampavam as suas esperanças constitucionais e as informações chegadas à *Ratoeira.* (Assim se alcunhava a ilha-refúgio dos liberais, mas houve engano: a «ratoeira», afinal, nem foi o Porto cercado, pois o feitiço virou-se contra o feiticeiro com o desfecho de Évora Monte.)

Mas que fundamento longínquo, especioso, para delito tão actual! Culpar do meu abuso de facilidades tipográficas o pobre Luz Soriano e os outros redactores da *Folhinha da Terceira,* e o tipo dolorido e gasto da Imprensa do Governo em que foram compostas as *Noites do Barracão*! Ainda quase o toquei, ao tipo de que falo. Tinha ido parar à Imprensa Municipal de Angra, e nele devorei o meu primeiro modelo de narrativas históricas, do meu mestre Deusdado que chamava «etopeas» — «breves ethopeas» — aos seus *Quadros Açóricos.* Assim, na esquisitice do adjectivo toponímico e da classificação de género de umas lendas e tradições tal ou qualmente ligadas a um suposto *ethos* das ilhas, Manuel António Ferreira-Deusdado, meu sábio professor de História e primeiro consultor literário, me meteu nesta vida de letra de forma periódica e de espírito *irreciclável*… Ele e Manuel Joaquim de Andrade, antigo aficionado editor de folhas tauromáquicas, ao nível cronológico da guerra de 14 feito editor mais grave de um almanaque literário e de livros locais invendáveis. Mecenas verdadeiro.

Mas isto são contos largos, a que poupo o leitor. Só quero acentuar que, numa ilha crivada de prelos e de jornais de todas as cores ao longo do século XIX e da ponte dos primeiros quinze a vinte anos deste, era muito difícil que um mocinho, permeável aos signos linguísticos como o «enxugador» à tinta, escapasse ao hábito de se fazer estampar quase todos os dias. Jornais políticos, noticiosos, corporativos. Quinzenários, semanários, diários (desde a inauguração do cabo submarino, por 1900). De cabeçalhos simbólicos, como *O Tempo* (ateu e republicano) e *A Verdade* (católica e monárquica), e de cabeçalhos humorísticos: *A Borboleta* e *A Filha da Borboleta.* Séries inteiras, títulos retomados, todo um sistema tentacular de dicacidade e de opinião.

O anoitecer na cidade é que nos trazia o jornal, com o pão do forno. Não havia pregões nem ardinas, mas «distribuidores» ao domicílio. A

folha quente da tinta, de exemplares acamados numa pasta de cartório sobraçada por um moço, metia-se «debaixo do portão» das casas, numa romagem parecida à do acendedor de gás, onde o havia. Lia-se a gazeta à ceia, pelo menos os telegramas, rematados com o câmbio sobre Nova Iorque e Londres. O de Nova Iorque importantíssimo em ilhas que tinham sua população dobrada nos portos de Nova Inglaterra e nos ranchos da Califórnia.

Vida, movimento, câmbio (à espanhola), eis o que a imprensa era na era da opinião. As crianças aprendiam dos grandes a forma do diálogo impresso, convencional, polido, hipócrita talvez, mas sem entraves coercivos, feito para abrir e reatar: exaltar as pessoas, tratá-las bem (e, em certos casos, mal, muito mal mesmo!), dizer quem morria ou estava doente, quem fora eleito, contar prodígios, dar parabéns. «Passa melhor da sua importante saúde»...

Disto tudo retive principalmente a forma circulante do pensado, o hábito de fundir alma e mente na apreensão do quotidiano. Não fazer distinção entre o discurso didáctico e a declaração de um sentimento.

A primeira impressão, com toda a frescura perceptiva: e, depois, se possível, a reflexão a todo o poder do ponderado — pois que «pensar» é «pesar» — e com as seguranças possíveis do lado do aprendido e bem provado. Em suma: respeitar os géneros e campos de comunicação a seu tempo, não tratando de coisas económicas na linguagem do devaneio nem a filosofia moral pela teoria das cores. Nem escrever uma convocação de assembleia geral omitindo o «não comparecendo a maioria dos sócios...», que não há outra forma de dizer. Mas, no mais, deixar correr a pena como o estilete em negro de fumo ou, se possível, fazer do jornal ou do livro, pela parte que nos toca, o electrocardiograma da nossa sinceridade.

Linguagem é sempre duplo sentido, alusão. Só os auto-suficientes supõem que só dizem o que querem, e com todo o rigor. Não há tal. A fala remete de uma realidade a outra. Um símbolo descarrega-se noutro símbolo. Nenhum sinal linguístico é afinal transparente senão no sentido de que a verdade não está nele: vê-se através. Por isso através deste *Jornal* talvez me realize um pouco e os leitores me entrevejam e ao que penso. Sobretudo ao que sinto.

[26.2.1971]

Agora que tomei este encargo semanal dou-me conta dos riscos que traz. Quero dizer: dos problemas que me põe, as inibições que provoca. Um *Jornal* no sentido que dei a esta página-tanto crónica ou artigo como efemérides pessoais — sai fora dos nossos hábitos, cria o que chamarei o «soslaio», a desconfiança de través, a começar pelo autor. Nós, portugueses, não somos muito de memórias, e muito menos de confissões. O coração ao pé da boca da arraia-miúda e a galhardia varre-feiras da cavalaria vilã não chegaram para suporte psicológico de géneros literários que mais pedem sinceridade e consciência aberta que bravata.

Isto não quer dizer que a bibliografia portuguesa seja deserta de memórias: Memórias, temos; leitores para elas é que não. Tenho ideia de já haver tratado um pouco este assunto ao longo de uma vida de *Jornal* (pelo menos seis volumes deste género e com esta sob-rubrica já levo na prateleira), mas por isso mesmo que se trata, por definição ou pressuposto, de fazenda, editorial sem clientela, não corro o risco de que algum leitor faça «boneco»...

Do século XIX ao limiar deste, pelo grado, importantes «memórias» de autores portugueses saíram. Poucas editadas, é certo, por iniciativa deles. Estão neste caso, que me lembre, as *Memórias da Vida* de José Liberato Freire de Carvalho, agostiniano mais que egresso — acintosamente *défroqué* — , feito noveleiro de exílio e polemista de facção. Homem enérgico, um pouco bilioso sim, mas desassombrado, muito representativo do extremismo liberal da emigração.

É sabido como Oliveira Martins tirou partido das ditas *Memórias* no seu *Portugal Contemporâneo*, de que foram a fonte factual mais corrente. As outras, que me lembre, publicadas em vida do autor, são as *Recordações da Minha Vida,* de Soriano (Simão José da Luz Soriano). Fastidiosas, prolixas (Mouzinho de Albuquerque, para mostrar quanto lera numa forçada imobilidade de meses, escreveu que «até» os dez tomos da *História da Guerra Civil de Soriano* devorara!), as *Recordações* esclarecem muita coisa da vida nacional do século XIX. São mesmo um bom teste do sentimento de situação de um *midd'le-class* — filho de uma pobre mãe «na domesticidade», como honradamente ele confessa — numa sociedade em que a liberdade alvorecia multiplicando as promessas de integração igualitária. Mas como geralmente acontece neste tipo de capilaridade humana, Soriano parece mais um ressentido que se desforra imitando a «alta» em seus ritos do que um «humilhado e ofendido» que refaz uma personalidade independente. A esse respeito (digamos assim) «sociomórfico» dos agentes dialécticos de crise histórico-social, o caso de José Liberato é muito mais vigoroso. Aí, um fidalgo e monge de «dom» convertem-se num agenciário ou homem da rua e aríete da boa sociedade.

Testemunhas «liberais» que tenham imprimido em vida os seus depoimentos — lembro estas. Autores de «diários» íntimos do mesmo

tempo foram: Fortunato José Barreiros (Visconde da Luz) no campo «malhado», António Ribeiro Saraiva no campo «corcunda». Ambos muito curiosos; Saraiva mais longo e minucioso, depondo sobre o rico e portuguesmente duradoiro meio da Londres vitoriana. Mas só depois de mortos, um filho (Eduardo Montufar Barreiros, *Os Papéis de Meu Pai*) e Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres, empreenderam a divulgação, respectivamente, das intimidades escritas de Sarreiros e de Saraiva.

Mas quantos memorialistas bons observadores tivemos! O Marquês de Fronteira D. José Trasimundo, privilegiada e irónica testemunha presencial do trânsito do século XVIII retardado no XIX a este último, e seu narrador até tarde. O Conde de Lavradio D. Francisco, menos impressionista, mais diplomata, mas muito atento também. Aragão Morato, lente e ministro, tão neutral em política, que mais parece um epígono do «iluminismo» do que um presidente das Cortes de 1820. Dele a Norton de Matos e a Cunha Leal quantos homens públicos nossos se não resignaram a declinar sobre os vindoiros a tarefa espinhosa de narrar as peripécias em que se viram metidos ou que resolutamente procuraram.

Mas não só políticos: outros cidadãos também. João Chagas militou, é certo, mas quis-se sobretudo literato; o seu *Diário*, tão cruel para os contemporâneos, tem um traço excitante, incisivo, que documenta. Egas Moniz, também com um pé na política e outro na vida mundana, recordou com prazer. Cientista promovido ao nível do Prémio Nobel, é pena que nesse campo o que rememorou seja escasso. Falta-nos, para os investigadores puros, um livro como o de Ramon y Cajal. Lástima é que espíritos ao mesmo tempo tão atraídos pelo experimento e tão humanizados pela cultura como Carlos França, Aníbal de Bettencourt, Celestino da Costa, não se tenham contado com vagar.

Lembro, por exemplo, entre as memórias amplas, a toda a extensão do vivido, as de D. Tomás de Melo Breyner, Conde de Mafra, médico e áulico, íntimo de escritores e artistas (Francisco de Lacerda, entre outros), exemplar admirável da casta dos grandes fidalgos que Lisboa trouxe ao nível do trabalho burguês e do convívio sem morgue. Os seus pequenos quadros dessa sociedade moribunda aproximam-se, em humanidade, dos que Raul Brandão nos dá genialmente nas suas *Memórias*, sem o contra do boato escandaloso que o mestre de *Os Pobres* não evitou.

Mas... onde já vou! Embaraçara-me o gosto do falar e escrever abundante, sem reservas, que me é próprio, pois traz complicações, inibições sobretudo: o pudor de abuso do «eu» odioso; o reproche iminente do leitor corriqueiro ou «informático»; a velha história do velho, o rapaz e o burro de toda, a forma cultural que implique alguma exibição. E vim ter a um problema quase bibliográfico dos géneros da história quotidiana! Ossos do outro ofício, afinal...

[9.4.1971]

Exagerei talvez, na última crónica, o alcance da nossa literatura de memórias. Quis mostrar, sobretudo, que a indiferença do leitor e do editor é bem maior que a escassez do género em Portugal. Os nossos antepassados foram mais cuidadosos em registar o que passaram do que nós perguntando às sombras deles o que fizeram. Mas daí a afirmar que autobiografia, diário e memórias portuguesas são um acervo de obras-primas vai sua distância, oh, se vai!

O que me encanta nas *Memórias* do Marquês de Fronteira, por exemplo, é o tom corrido a evocar um tempo histórico tamanho e tão perturbado: as personagens, caricatas ou excêntricas, como o Conde do Funchal, embaixador em Londres, e a avó do narrador, a Marquesa de Alorna, ludibriando a policia das «moscas» com um estojo de *toilette* suspeito de engenho mortífero. Esse dom da intimidade, mesmo sem estilo algum, é o que nos prende em Fronteira. Liberato, um pouco também. Mas esse interessa sobretudo por ser muito velho em 1850, homem de dois regimes — *a Nau Catrineta* do Liberalismo, que tinha muito que contar.

Enfim, não reincidirei no balanço. Quero voltar-me apenas para o que Mauriac designa, no seu caso directo, por «Memórias Interiores»: a zona do lembrar em que já pouco importam os acontecimentos datados, mas as reacções pessoais profundas que eles provocam. É o próprio movimento do ânimo, a reflexão que amadurece intimamente a pessoa, as emoções que a alteram ante o espectáculo dos outros, é isso o que aquele que se conta quer captar. Assim, em vez de relatar, interroga. Ou, como se costuma dizer, fecha os olhos e evoca.

Nessa atitude, com «bordões» estilísticos adequados, Raul Brandão ressuscita, nos longos prefácios dos seus três volumes de *Memórias*, o mundo morto da infância passada na Foz do Douro. *O Silêncio e o Lume*, no primeiro volume, é o título que melhor significa a preparação para lembrar: à lareira — e calado. O factor narrativo reduz-se então a bem pouco: em paisagem, por exemplo, à «Outra-Banda verde» do Cabedelo da Foz. Uma nota, um nada levanta diante de nós o quadro encantado, de repente.

E, no entanto, o leitor não sai do trecho com a impressão de ter sido roubado na sua expectativa de informação sobre um passado pessoalmente significativo — o de um escritor testemunha de tempos e lugares relevantes. A Foz dos lugres, do piloto-mor, dos naufrágios de Leixões, da barca *Oliveira* que trouxe do Brasil o pai de António Nobre e os «brasileiros» geralmente caluniados dos romances de Camilo inscreve-se na prosa de Brandão como uma luz de fundo num primeiro plano de borrascas. E aqui, a imagem do mau tempo exprime a menos

— valia do presente evocador ante o passado evocado. *Laudator temporis acti* — (é bem o caso de reabilitar um latim de má fama).

«Memórias íntimas», verdadeiramente passadas pelo duto do eu, são essas de Raul Brandão, que fazem compreender ou perdoar o acolhimento leviano dado pelo autor — ainda que com aviso aos incautos — à boataria política e denegridora do seu tempo. Ou não fosse Brandão o criador genial das avantesmas e espantalhos de *A Farsa*, de *Os Pobres* e do *Húmus*. Ora, o Boato, com B, é o espantalho da História.

Já em Camilo Castelo Branco o dom português da evocação profundamente emocionada dera as mais altas provas. É a queixa pastoril de Bernardim Ribeiro desfocada do seu plano novelesco, de convenção renascentista e confidência introspectiva, para o terreiro romântico das vidas de signo dramático como as do pai e tios do próprio escritor, os Simão Botelho e *Brocas* que se prolongaram na vida cruciante e expiada do narrador. São tantos e tais, de tal relevo, os passos memorialísticos das obras profusas de Camilo, que Alberto Pimentel não teve dificuldade em urdir O *Romance do Romancista*, retomado por Aquilino Ribeiro como tributo estilístico do discípulo a seu mestre e afim. E um erudito de há meio século, Tavares Proença, pôde publicar no velho editor coimbrão França Amado um curioso livrinho que não é reais que uma teia (mas parece inconsútil!) de excertos autobiográficos de obras camilianas muito diferentes umas de outras.

A unidade, em «memórias interiores» como em tudo o que pertence à criação artística, vem da «invariante» do respectivo criador. É uma força fatal e autêntica, «teleonómica» ou finalista como no código genético (vá isto por conta de O *Acaso e a Necessidade*, do Prof. Jacques Monod, Prémio Nobel de Medicina 1965, *best-seller* há mais de dois meses das editoriais de França).

Ah! Mas se o código genético *condiciona* os *stocks* de memória factual — que nervosa é, de base — , a chave dele, mesmo que já nos estivesse inteiramente nas mãos, não abria o segredo do crescimento íntimo, da fenomenologia lenta, estratificada, do recordar. A memória verbal do adulto é uma recuperação fictícia ou especiosa do tempo. Não passa exactamente pelos caminhos nervosos que o conduziram de sentimento em sentimento, de pulsação em pulsação. Já não é memória orgânica, ou, se a ela se apoia, extrapola-a. As memórias literárias alimentam-se de um ânimo que já nada tem de metabólico, um ânimo puramente cultural.

E como nos falam bem! Desde Santo Agostinho, que sentia Deus mais íntimo que ele mesmo, até Rousseau e aos seus descendentes românticos, que somos todos nós, impenitentes confessores daquilo por que ninguém nos pergunta e que poucos querem saber...

[16.4.1971]

ERA DO ÁTOMO — CRISE DO HOMEM

I

Vamos tentar versar o tema crucial do nosso tempo: as dúvidas que se levantam — em certos espíritos, pelo menos — acerca do caminho por onde a civilização conduz o homem moderno.

Generalizou-se a designação de Era Técnica para o tempo que vivemos. Mas, dado que o aspecto mais saliente e característico da Técnica gerada mundialmente pela revolução industrial é a desintegração da energia nuclear, que produziu a bomba atómica, há já quem chame ao nosso tempo a Era Atómica. Não certamente pelo volume de energia dessa proveniência ao dispor das tarefas da paz, mas porque o espectro da guerra, desde a terrível revelação estratégica de Hiroxima, é dominado pela ameaça do poder catastrófico dos engenhos nucleares teleguiados.

Intitulei estas considerações — *Era do Átomo / Crise do Homem* — , não só por ceder a esse pendor, mas pela vantagem de ganhar indirectamente um símbolo (pois não me esqueço de que sou poeta) para exprimir o lado talvez mais alarmante da crise contemporânea: a despersonalização massificada — e portanto atomística — do tipo de homem que a vive ou nela é gerado.

Esse símbolo — o Átomo — tem pois duas funções (e eis-me em flagrante delito de usurpação semântica à ciência matemática, hoje rainha do mundo): a de figurar a partícula estrutural da matéria que a terrível bomba tornou célebre — e que serviu de expoente à Física moderna enquanto o núcleo do átomo não lhe tomou a dianteira –, e a de afectar de temor de desagregação espiritual o componente da sociedade empenhada nos prodígios do átomo e derivados.

E, agora que não posso voltar atrás nos prós e contras da minha tabuleta efémera de pregador de alarmes, tentarei honrá-la definindo-lhe ou limitando-lhe os termos.

A primeira restrição a pôr é a da legitimidade de classificar o tempo em que vivemos. «Era» é uma categoria grada do tempo histórico, o qual não é uma mera variedade do tempo em geral, mas todo o tempo mesmo, pois o próprio conceito físico-matemático de espaço-tempo é histórico com Einstein e com todos os que a ele chegaram e dele se podem servir. Toda a imagem do mundo, como teoria pura, é verdade para o homem e, assim, contingente como ele.

O conceito de «era», porém, é muito mais modesto e bastante flutuante. Ao contrário do conceito de «idade», que, quando aplicado na Pré-História, goza da vantagem da forte caracterização e monotonia do instrumento que o adjectiva (a pedra lascada, a polida, o bronze, etc.), o

sentido de «era» é bastante mais impreciso. Define-se geralmente uma Era pela grande personalidade individual que lhe condiciona o curso. E enquanto Idade, nos hábitos do mundo ocidental, é como que a versão historiográfica dos três aspectos do tempo — um passado remoto e outro mais próximo, a Antiguidade e a Idade Média; uma espécie de presente profundo, que é a Idade Moderna; e uma Idade Contemporânea que, arrancando da Revolução Francesa, é já razoavelmente pretérita, e que pelo demais se some em períodos cada vez mais curtos na voragem, devorando o futuro humano como à personagem de Balzac encolhia a *peau de chagrin*…

E ainda sobre isso do divisor personalista das Eras ocidentais haveria muito a dizer. Mais do que categoria do sentido da história, a palavra Era traduz um sistema de data. César, nascido um século antes de Cristo e morto aos cinquenta e seis anos, foi dando o seu nome à contagem paralelamente a um estilo cristão de datar, que só triunfou definitivamente à beira dos tempos modernos. A Revolução Francesa ousou a um calendário próprio, que poetizou floralmente. O Fáscio italiano ensaiou também o seu. Assim, pode dizer-se que presunção e Era cada qual toma a que quer... Nós promovemos o Átomo a deus epónimo. Poderá perguntar-se se o calendário atómico durará mais que os dois usurpadores.

A verdade é que carecemos de ponto de vista para caracterizar um troço do curso temporal no qual estamos duas vezes insertos: pela inserção cronológica e pela incerteza anímica: *insertos* com *s* e *incertos* com… E uma situação parecida — a nossa perante o sentido e o nome do tempo presente — com a de uma das maiores descobertas da física contemporânea, ao ver-se impossibilitada de dar conta, ao mesmo tempo, da posição e da velocidade de um corpúsculo ou partícula material em radiação, de um modo matematicamente exacto. A dificuldade foi contornada, como se sabe, graças a Max Planck, mediante a fórmula de uma constante que é o limite inferior de aproximação dos dois cálculos imprecisos: o da posição e o da velocidade da partícula.

Assim, mal comparando, em consciência histórica não podemos simultaneamente fazer o ponto do que somos (posição da partícula) e do para onde vamos (a nossa velocidade).

Mas ainda há mais simbolismo na física nuclear para o homem histórico que lhe assiste. E é que, a partir (para baixo) de um certo degrau de observação dos estados físicos, ou seja do comportamento de partículas ínfimas do que se chama vulgarmente a matéria, em meios de névoa húmida saturada ou em ecrãs fluorescentes, o observador e os seus meios afectam a natureza do fenómeno, desaparecendo totalmente aquela impassibilidade e incontaminação entre observador e observado com que o determinismo da física clássica contava para detectar a realidade e formular-lhe as leis.

O único remédio, na minha situação como na do microfísico, é o refúgio na probabilidade. Ele, mediante um sábio tecido de cálculos estatísticos, uma finíssima rede de relações de relações: eu, pobre de mim, através de umas tímidas efabulações mais ou menos filosóficas e de alguns toscos gestos de observador do tempo, a quem Deus livre de vir a passar por pitonisa.

Outra questão prévia ao pequeno ciclo de palestras sobre *Era do Átomo / Crise do Homem* é a da legitimidade do orador para se ocupar do assunto. Uma vez que o nível científico e técnico dos sucessos atómicos está de algum modo implicado no enunciado, é caso para perguntar se um homem de ciências humanas, que por acaso sou, pode tratar sofrivelmente dessa premissa inegável da crise histórica actual.

Tranquilizaremos os cépticos lembrando-lhes: primeiro, que a epistemologia ou filosofia das ciências não é apanágio de matemáticos e de físicos — os quais, embora avantajados para fazê-la se logram preparação teórica do conhecimento para tal, lhes não é lícito exprimirem-se na linguagem cerrada dos seus ramos; segundo, que a revolução e o sentido da ciência positiva actual estão, como objectos de cultura, ao alcance do historiador, e até do culto homem médio, através de excelentes sínteses e exposições especiais.

Dos muitos problemas que se erguem no espírito do homem de hoje, vividos como as aves de agoiro que largavam do punho do arúspice, o do uso que as grandes potências farão dos seus arsenais atómicos é o mais premente, decerto. Liga-se à fragilidade desse potencial terrível, considerado como uma complexidade mecânica que se resolve afinal numa fina teia de comandos, é certo que altamente controlados, mas que na própria maravilha dos sistemas automados e telecíclicos do disparo leva o clássico perigo, a tentação pueril do aprendiz de feiticeiro. Mas esse papão-mor ainda será talvez o mais pronto a espantar.

Mais fortes e insidiosos se afiguram outros temores e dúvidas, postos como questões. Que tipo de homem resultará da mecanização progressiva? Se o manejo da máquina metalicamente pesada e monotonamente operadora brutificava o operário, a mera vigilância de índices visuais e a resposta reflexa a estímulos de mostrador serão com ele mais clementes? E os próprios vagares (*loisirs*), tão cobiçados, em que os entes cibernéticos deixarão o homem moderno, devolvido do ergástulo das oito horas de trabalho por dia ao quase brinquedo de uma ou duas, em que estado de ânimo o vão pôr? Estes e outros problemas vamos aflorar aqui.

Na próxima palestra sondaremos a «crise» e o «homem», para regressarmos depois ao «átomo» como símbolo físico, e decerto humano também.

II

Era do Átomo / Crise do Homem — repetimos. Na primeira palestra da série vimos como é precário ordenar entre as eras ou idades aquela a que pertencemos. Vivendo nela e ela em nós e por nós, como tê-la em frente perfilada? O próprio definir de um ciclo do passado — escola ou período, estilo ou classe social — é uma simples operação condicional do intuir da duração, um pressuposto metódico para dar sentido ao que foi. Clássico e romântico são sucessivos e diferentes, mas Garrett foi clássico e romântico ao mesmo tempo. Há clássicos do tempo clássico que foram românticos sem tal nome. Bernardim Ribeiro, por exemplo. E este surrealista de 1930 parece mas é um barroco de 1660.

Dir-se-á: a designação de Era ou Idade por matéria-prima, artefacto ou acontecimento dominante é menos arbitrária, ou mesmo o não é de todo. O auge da borracha extractiva no Amazonas brasileiro das vésperas da guerra de 14, a revolução industrial datada do tear mecânico, a revolução de Cromwell ou a própria grande guerra de 1914-18 são exemplos dessa adequação correcta nas nomenclaturas da história.

Com a palavra «crise», que precisamos definir, também se faz uso cronográfico. Não só na história económica, mas na história geral (que sobretudo económica se tornou) contamos os anos de crise como vertentes do devir. A crise do café brasileiro no começo deste século converteu a «fazenda» paulista no parque industrial de São Paulo, e este acelerou a revolução de 1930 agravando por um lado as exigências hegemónicas dos grandes estados do Sul, o *trust* chamado do «café com leite» entre São Paulo e Minas, mas levando, por outro, à periferia brasileira pobre e proscrita do poder a consciência histórica do seu *deficit* e o vigor necessário à conquista dos meios políticos para saná-lo.

Mas — repito — não só em emergência de meios de produção: também em pura história geral (a dos bons tempos, aqueles em que a escola histórica era «risonha e franca», e se não via um diabinho «alienante» atrás de cada efeméride), a palavra «crise» rubricava um pouco solenemente certas tensões de Estado: as chamadas «crises da nacionalidade»: de 1385, com o mestre de Avis e Nuno Alvares ao leme do ressurgir; a de 1640, com os Restauradores.

«Crise» é pois — como na velha linguagem médica era o dia em que o morbo deixava o doente — quer o começo, quer o termo de um processo vital diferenciado: a tensão na passagem de algo a algo, o momento de risco e, logo, o de conversão de um estado em outro.

E o homem? Que é o homem? Não nos vamos com certeza radiofonicamente extraviar numa antropologia, ou ciência do homem em geral, poço sem fundo a abrir cada dia um pouco mais, em que o vedor e o cabouqueiro se confundem com a samaritana e o sequioso. Nem os construtores do poço conseguem mais que tirar sempre terra e uma mancheia de água em que mal enxergam a cara, ao lavá-la do suor do esforço. Para matar a sede, nem uma escorralha restaria.

Quem o homem é verdadeiramente não sabe ele: pelo menos, de um saber absoluto, de essência tal que lhe conferisse eternidade, por coincidência eficiente entre conhecer e durar. Mas se o homem não se conhece desse modo, é capaz de situar-se no contexto da natureza e da história. Sendo prisioneiro de ambas, consegue, pela segunda, sobrepujar a primeira. Nem mesmo a história é senão um limiar de sobrenatureza. Por ela participa o homem do divino a que aspira. *Ni ange ni bête* — dizia Pascal. Em que justo sentido? Um híbrido dos dois seria um monstro; um pouco das duas coisas, absurdo. Mais que animal e menos que anjo, sim.

Pois bem: para o homem actual, o homem da bomba atómica, esta definição antropológica de Pascal arrisca-se a não ter sentido. E não pela maneira evasiva como está formulada: a dupla exclusão — do anjo e do animal — que insinua o humano modo de ser entre um e outro. Por esse lado, como asserção por exclusão de partes, a frase de Pascal é bem do estilo do homem de hoje — ou Pascal não fosse, ao mesmo tempo que filósofo, matemático e físico: paradoxalmente, até, progenitor da era do átomo.

E não tanto por ter sido contemporâneo de Gassendi — o pensador que retomou, nos tempos modernos, a doutrina atomística de Demócrito. Mas porque o seu génio científico já pertence francamente ao tipo que há-de consagrar os grandes luminares da termodinâmica, da mecânica ondulatória e da física quântica: os Max Planck e os Einstein, os Broglie, Curie, Niels Bohr, os Rutherford. O Pascal do Puy de Dôme, da roleta e do ónibus, como que um bisavô da Técnica.

O seu *ni ange ni bête* tende a perder sentido para o homem actual na medida em que este se instala num universo sem anjos, ou que pelo menos prefere às asas de um anjo a cápsula de um *sputnik*…

Mas deixemos esta ontologia regional dos anjos em que já estávamos embarcados depois de termos prometido não nos deixar cair na tentação de uma antropologia de tropos. É certo que o mais modesto dos pensares sobre a crise do homem não vai sem um mínimo de especulação sobre o que ele é por essência. O que aqui mais interessa, porém, é o seu modo de ser histórico, existencial, concreto. Se se sente seguro e confiado no trem de vida que leva. Que estruturas sociais preenche e se está contente com elas. Como as recebeu do passado e as

está transformando. Como concebe o trabalho e a que fins o dirige. Se o seu domicílio é certo, fixo ou móvel. Se tem vizinhos estáveis e família de avó a neto com a mesma referência urbana e moral. Se tem religião ou outras crenças fortes e firmemente mantidas. Se sente que dispõe de si ou que vai arrastado. Se acode ao seu semelhante caído de repente na rua ou acha que isso é com a Polícia — quando a há...

São estas algumas das questões-tipo para o homem em crise. Devíamos acrescentar — *aguda*, já que a relacionamos com um determinado estado de civilização de que a bomba atómica é o expoente de aviso, o sinal vermelho. E isto nos obriga a voltar às considerações demasiado abstractas que queríamos evitar ainda há pouco.

Não se pode falar em crise do homem sem justificar o apelo. O homem está sempre em crise. Melhor: a crise é o próprio do homem. O pensamento, que o distingue, é constitutivamente crítico, isto é, espéculo e registo de crises. Não foi sem motivo forte que um dos pensadores-vertente dos tempos modernos, Kant, chamou à sua obra capital *Crítica da Razão Pura.*

Ela era, depois e com o *Discurso do Método*, de Descartes, a *magna charta* do pensamento do mundo ocidental, que a revolução industrial tornou cosmopolita contagiando-o ao Oriente. Não todo o texto da *magna charta,* mas uma das suas preceituações principais, cedo em dialéctica viva com a filosofia de Hegel e a sua triunfal progénie. Homem de crise, cartesiano, na defrontação do espírito com a realidade *extensa.* Homem de crise, kantiano, na fundamentação da moral sobre um imperativo interior. Homem de crise, ainda e sempre, quer sob o estatuto da angústia, do desespero e do «salto», com Kierkegaard, quer sob o signo da alienação denunciada ao mundo a transformar, com Marx.

Já com estes tópicos filosóficos o ser de crise que é o homem o é em tensão histórica: não simplesmente ontológica. Como homem, e sempre mesmo, o homem está em crise permanente, em pura instabilidade. Assim, não valeria a pena falar de crise do homem. Assim, há e não há crise do homem alguma de que se possa falar. Usurpando a linguagem da termodinâmica, que está na base de um saber capital do nosso tempo — a Teoria da Informação — diríamos que o homem se opõe à natureza dos corpos que manipula por ser «altamente improvável», isto é, perpetuaamente critico, imprevisível e indeterminável — entrópico.

Mas não é da crise consubstancial a esse homem critico que nos vamos ocupar. O nosso tema é mais simples, mais terra a terra. Questão de valores, fetiches, armas, manias, câmbios...

VI

Se introduzirmos as nossas modestas meditações sobre a crise do homem actual com uma tentativa de resumo da situação teórica da ciência no limiar da Era Atómica é porque a Ciência se tornou o denominador e expoente da civilização. Assim como a Teologia reinou na Idade Média e a exprimiu, sucedendo-lhe a Razão filosófica, laicizadora da Fé, a Ciência foi tomando o passo a ambas essas instâncias, do século XVII ao XIX, até dominar francamente o horizonte ao cabo do primeiro quartel do nosso século.

Se a Física Atómica avulta no feixe dos saberes positivos, já vimos que isso se deve ao espectáculo da bomba. Pelas teorias da Radiação e da Desintegração nuclear, a Física do Átomo e da Onda estreita os seus laços com o Electromagnetismo e com a Termodinâmica, num enfeixe radial de aplicações e de efeitos deslumbrantes. Recebendo da Química o foro do infinitamente pequeno e o privilégio da análise, a Física fê-la avançar miraculosamente, mas ao preço de uma tal ou qual inversão da ordem de grandezas e da posição hegemónica.

Com a espécie de progressão geométrica da especialização deu-se um estranho movimento contrário no âmago da teoria físico-matemática, árbitra do campo científico. Esse movimento resultou da hipótese de que fenómenos electromagnéticos, termonucleares, fotoeléctricos, todos serão redutíveis a uma unidade de explicação, pois o «fantasma» da Onda, complementar do do Átomo, tanto intervém na figuração das variedades daquilo a que se chama Energia como das especulações daquilo a que chamamos a Matéria.

Tudo isto importa uma desconcertante mobilidade teorética: uma verdadeira *leviandade*. Palavras como Relatividade, Probabilidade, Incerteza, Complementaridade tornaram-se correntes e centrais em Física teórica. Relatividade se chamou (em dois graus: restrita e geral) às grandes descobertas de Einstein. Heinsenberg formulou o princípio de Incerteza. Niels Bohr a lei de Complementaridade. A Probabilidade, que já consagrara uma variedade do Cálculo, alargou imenso o seu campo tentando substituir o reino das leis causais pelo das leis estatísticas.

E este é o maior golpe que o velho tipo de certeza científica, o de Kepler e de Newton, em que todos fomos criados e que parecia reger tudo e todos para sempre do alto do trono da Natureza, sofreu e levou em cheio.

Vibrou-lho a Física dos *quanta*, bem contra vontade do seu insigne fundador, Max Planck, e não menos contra os esforços do seu continuador, pelo efeito fotoeléctrico, nos domínios da óptica, o grande Albert Einstein, cuja mentalidade era tão ousada como conservadora.

Ou, melhor: cujas geniais concepções ele anelava inserir coerentemente no sistema explicativo causal da boa tradição científica.

Em que consistia esse sistema? Na objectividade da Natureza, isto é, na possibilidade de o homem se constituir observador dos fenómenos em boas condições de exactidão, ou seja: fora e em frente dela. Esta imagem de uma Natureza *descritível* e *legítima* (se ouso dizer), ou dedutível por leis, é a que criaram os grandes luminares do século XVII: Kepler, Galileu, Newton. Com ela se desenvolveu imponentemente a Mecânica ao longo do século XVIII. Ela dava unidade de explicação à queda de uma maçã na ponta do nosso nariz (se estivéssemos debaixo da macieira…) e ao giro fásico da Lua em torno da «nossa» Terra.

Este universo necessitário e uno, o Universo-Natureza, parecia desenvolver-se num espaço e tempo absolutos segundo leis sujeitas ao princípio de causalidade. Este, definido por Kant já em função das conquistas teóricas e experimentais de Newton, diz que «quando vemos que uma coisa acontece, pressupomos sempre que a precedeu uma outra, de que ela deriva segundo uma certa regra».

Já estávamos muito longe da noção escolástica de *causa*, filigranada numas quatro variedades, de que só a chamada *causa eficiente* se parece com a *causa* científica, moderna.

Esta crença segura num mundo ordenado de antecedente a consequente firmou a esperança de se poder calcular todas as situações materiais de acontecimentos e de coisas num contexto (como agora se diz) espacial, bem como de prever o comportamento e destino de todas as forças físicas, uma vez bem determinadas as posições dos objectos e pontos de aplicação. É a célebre utopia de Kepler, do observador colocado num ponto ideal do Universo e senhor de todos os dados de tempo e espaço das partes que o constituem — atrevimento que, afinal, renova e reedita o de Arquimedes: *Dai-me um ponto de apoio e levantarei o Mundo*.»

Ora, a grande surpresa e decepção trazida pela Micro e a Astrofísica é que não há tal observador em estado e condição de tomar nota dos tais dados. Não há ponto de apoio para levantar o Mundo... Nem sequer há mundo para que se imagine a alavanca...

Já apontámos aqui a situação experimental que levou a desprezar as leis da causalidade mecânica, de um certo nível da realidade física para baixo. A impossibilidade de determinar simultaneamente com exactidão a posição de uma partícula e a sua velocidade, numa câmara húmida ou em outro meio de observação adequado. Enquanto se calculava matematicamente a velocidade do corpúsculo, a sua posição já era outra. Ele já ia lá longe... — digamos assim, como de vultos taludos... E vice-

versa: quando se estava em cima da posição da poeirinha, a sua velocidade escapava.

E não só este *non possumus* nas operações de cálculo. Ainda um outro obstáculo, de mais graves consequências, se é possível. Quando, no infinitamente pequeno e nos seus campos operatórios infinitamente delicados, o observador e a sua armatura intervêm, o que fenomenicamente se passa já não é o puro reaparecer de um electrão ou onda livres, senão o desses mesmos «fantasmas» perturbados no seu *fieri* pelo observador metediço...

Questões sem solução? Sem solução positiva causal, sim. Mas as soluções desse tipo não são as únicas possíveis. Em frente das leis mecânicas, causais ou deterministas, levantam-se as leis estatísticas.

Ao operar de «certeza» adianta-se o operar de «probabilidade». A própria incerteza, quantificando-se, diminui de grau; e, assim, *menos incerto* igual *a certo menos… Pois* que até com palavras se pode dar uma pálida ideia algorrítmica!

Vamos porém mais chãmente ao que quer dizer lei estatística. Com esse género de fórmulas confessa-se que só se conhece incompletamente o sistema físico em questão. O exemplo clássico de lei estatística é o de jogar aos dados: não aos dados científicos, mas aos tentos. Dou-o tal como o encontro no breve mas precioso livrinho do grande físico que formulou o «princípio de incerteza» vigente na Microfísica: Werner Heisenberg, A *Natureza na Física Contemporânea.* [Hoje, 7.5.1976, data da revisão das provas deste texto, comovidamente nos concentramos em memória deste homem genial (quase da mesma idade do estéril autor destas linhas!), falecido há poucos meses. A sua morte quase passou despercebida na barafunda e no mísero anonimato do mundo de hoje].

Como nenhuma face do dado, escreve ele, *se distingue da outra, e não podemos prever de maneira alguma sobre que face ele cairá, pode supor-se que só a sexta parte de uma enorme porção de jogadas terá a sorte de nos fazer calhar a quina.*

E Heisenberg diz-nos como no começo do nosso tempo se passou do cômputo deste tipo à tentativa de explicar qualitativamente o comportamento da matéria. É o caso da relação entre a pressão e o volume de um gás, explicável pelos muitos choques que átomos gasosos isolados dão contra a parede de um vaso, como aventou Robert Boyle. Da mesma maneira se explicaram os fenómenos termodinâmicos: os átomos de um corpo aquecido agitam-se mais que os de um corpo frio. Física de gato escaldado, a Mecânica Estatística...

ESTUDOS E ENSAIOS

O AÇORIANO E OS AÇORES *

Num discurso de homenagem ao açoriano Teófilo Braga disse Anatole France: «As pátrias devem entrar, não mortas, mas vivas na Federação universal». Quis dizer Anatole que as pátrias não são o grau supremo e concluso da ordem social do mundo. Integram-se nas grandes comunidades históricas, nos equivalentes contemporâneos da *Republica Christiana* e outros blocos gregários. Do mesmo modo, as regiões e as províncias são como que sub-consciências da plenitude nacional.

Ora, eu quisera dar, numa hora de torpe obnubilação dessa consciência plenária, uma ideia quanto possível completa dos Açores e do açoriano; mas não só a exiguidade de uma conferência mo não permite, como teria que me embrenhar em questões que só conheço pela rama. Hinos à terra, no estilo das caravelas e das cruzes de Cristo dos cinzeiros, não sei nem quero fazê-los. Soam-me a ôco. São dispneia mental ou incontinência de língua.

Deixarei pois o género aos estilistas castiços de *um Portugal Maior*, e enveredarei pelo caminho mais simples, e a meu ver mais directo, que vos pode mostrar alguns aspectos das minhas ilhas e dos seus homens. Os srs. não sairão daqui com uma noção precisa sobre aquelas ilhas remotas; mas creio bem que adivinharão através das minhas palavras a existência de uma realidade açoriana que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é viva numa ética, própria, numa vida — em suma — em muitos pontos especializada e diferenciada. E, se assim for, não teremos perdido absolutamente o nosso tempo.

Que me perdoem, mas vou começar pela corografia elementar... Sei as razões porque o faço. Folheando em tempos um livro prestimoso mas desbancado pela velhice, destes cujo título enche o rosto de lés a lés e que os anóbios luraram de caprichosas siglas; folheando em tempos esse livro ia morrendo de pasmo e indignação com o que vou contar. O livro é *o Demetrio Moderno, ou o Bibliografo Juridico Portuguez… A benefício dos cultores da Jurisprudência Theoretica destes Reynos;* António Barnabé de Elescano o seu autor. O caso é este: No decorrer das biografias de jurisconsultos, qual deles o mais substancial e operoso, que enfeitam o venerável volume, deparei com uma, que diz assim: «Manoel Ribeiro

* Conferência realizada na Associação Académica de Coimbra em 13 de Fevereiro de 1928. In *A águia*, vol. I (XXXI), 4.ª série, Porto, Novembro-Dezembro de 1928; publicado pela Renascença Portuguesa, Lisboa, 1929; in *Sob os signos de agora*, Coimbra, Imprensa Universitária, 1932.

Neto: natural da Cidade de Angra, Capital da ilha do Funchal... ». Neste ponto parei, desconcertado. E logo adiante: ... «obteve um Canonicato na Cathedral da Ilha, e foi Vigario Geral da Diocese da mesma Cidade». Parei de novo. O meu reverendo patrício, cónego da Sé da ilha do Funchal e Vigário Geral da Diocese de Angra! E ambas as coisas sem que mudasse pé ou que um sismo embutisse a Angra no Funchal! Verdade seja que, lançando a verba da única obra jurídica do P.e Ribeiro Neto, Elescano acrescenta: «Esta obra é boa para encher as Estantes das Bibliotecas». Em todo o caso não me parece que a nulidade do meu patrício explique os tratos de polé que a corografia sofreu.

Mas este é um exemplo entre milhares de exemplos. É bem conhecida a anedota daquele Ministro da Guerra que, informado de que não havia vapor de Angra para o Faial e tendo de mandar um destacamento com urgência de uma para outra parte, telegrafou como homem que não conhece dificuldades: «Siga via ordinária». E eu dou aos srs. a minha palavra de honra de que o milagre do Mar Vermelho se não repetiu nesse instante... [1]

Começando pois pela corografiazinha, temos que os Açores são nove ilhas com alguns ilhéus de fraca importância e despovoados: as Formigas, perto de S. Miguel, e, dentre os menores, o de Vila Franca, junto desta ilha, e os das Cabras, do Espartel e dos Fradinhos junto da ilha Terceira.

Segundo Drouet, jazem os Açores entre 36° 54′ e 39° 44′ de lat. N., e 27° e 33° 38′ de long. W., a contar de Greenwich. São nove ilhas (nunca se esqueçam VV. Ex.as deste número!), das quais a mais próxima do continente, Santa Maria, está a 718 milhas de Lisboa, ou sejam 1.337 quilómetros. Se VV. Ex.as, pois, tomarem um dos cómodos paquetes da *Fabre Line* com destino a Nova York, tendo de percorrer 3.029 milhas, ao cabo de 767 estarão em Ponta Delgada; vencidas mais 92 (170 quilómetros), aportarão a Angra; galgadas ainda 71 ou 73, conforme o vapor tomar o rumo dos Rosais de S. Jorge ou o sul do Pico, terão chegado à Horta pela certa, faltando-lhes apenas 3.097 milhas para atingirem o Novo Mundo.

Mas VV. Ex.as sabem muito bem que não precisam de esperar, para conhecer os Açores, pela ocasião pouco provável de uma visita à América. Basta que se resolvam a gastar uns três ou quatro contos, — orçamento sem compressão, — para realizarem desde logo uma viagem magnífica, com plainos marítimos imensos diante dos olhos atónitos, perspectivas insulares de soberbo desdobramento, e um saldo de ar iodado, somente um pouco húmido, que os habilitará a viver dez ou vinte anos a mais.

[1] Manuel Bento de Sousa atribuiu ao compêndio de *História de Portugal* de Bonifácio Minerva a afirmação de que «o Prior do Crato fugiu da Terceira para os Açores!...» O *Doutor Minerva,* Lisboa 1984, pág. 18. [Esta nota e as seguintes são do autor].

Para isso, os que forem de Coimbra e modestos comprarão um bilhete de segunda classe para Lisboa. Indo no rápido da tarde, apear-se-ão à meia-noite na estação do Rossio; pernoitarão em casa amiga ou num dos hotéis da Baixa. E no dia seguinte, véspera da abalada, tratarão de conduzir as malas para o acostamente de Santos, munindo-se do respectivo bilhete nesse cais do Sodré que é o formigueiro variegado de forasteiros e embarcadiços. O vapor desatraca às 10 horas. É sempre um de dois, o *Carvalho Araújo ou o Lima*; e, se não tem turistas forçados a receber das prisões do Campo Entrincheirado, sairá a barra sem mais delongas.

Supunhamos, para sermos em tudo Pangloss e irmos portanto ao arrepio das contrariedades do nosso tempo; supunhamos que o mar é de rosas, o céu de seda, e que nenhuma nuvem moral nos barra os horizontes. Se temos um pouco a alma clara — e um pouco também o estômago — dos navegadores nossos avós, ao cabo de 48 admirabilíssimas horas estaremos no Funchal, que não é a ilha de António Barnabé Elescano, mas uma cidade-cosmorama, capital da vinhosa e montanhosíssima Madeira. Desembarcamos; vamos ou não ao Monte por tal dinheiro que seria o bastante para fazer um prédio nas Avenidas; compramos um bordadinho branco, dos que lembram discretas e sibaríticas intimidades; porventura fazemos aquisição de uma cadeira de verga com o ano da nossa aventura gravado nas costas amplas, e, entrando no barco, se é de noite, gozamos o raro espectáculo de uma cascata eléctrica. Porque o Funchal, a essa hora, é uma riça prodigiosa de renques de lâmpadas, no meio das quais o arvoredo e a casaria são figurações de presépio, cenas que lembram as formações cristalinas do fundo das garrafas de anis. Mais dois dias de tombo (ao sair da Madeira fecham-se as escotilhas), e estamos em Santa Maria, na Vila do Porto, que, por termos chegado no quarto de alva, se destaca em fundo estremunhado e cheio de leves neblinas, como o bafo de alguém que despertou. São os Açores. É, para o comum dos continentais, a trapalhada geográfica que o nome *a Ilha* abrevia. Para os açorianos desterrados, é o berço, o amor, são as reminiscências, a família, e, na esfera dos desejos que se criam mais ao peito, a tumba, a cova para o sono de que nunca mais se acorda e que o mar ali eternamente vigia:

> «Sinto-me às vezes rei nalguma ilha
> Tendo aos pés um leão familiar...
>
> (ANTERO, *Son.*)

Mas deixemos este relato, que cheira a agência Cook, e ataquemos a fundo o problema das realidades açorianas.

Várias circunstâncias — umas, de ordem geográfica; outras, de ordem histórica, — podem explicar o ambiente em que se criou e desenvolveu uma população operosa, diferenciada no conjunto

português, se não exagero nem deformo, pela sua predominante capacidade de adaptação. Com efeito, se observarmos *in loco* um natural dos Açores verdadeiramente típico (e já os vou mostrar carregados de destino islenho), teremos de concluir por um exemplar aproximado do português da segunda metade de Quatrocentos, introduzidos nele os coeficientes de correcção que o viveiro insular elaborou. Daqui, pois, a necessidade de tomar em linha de conta um como que pré-açoriano que entronca em nobre e plebeu, contribuindo assim para informar a população das ilhas dos seus elementos superiores de civilização, direcção e ordenamento, a um lado, e a outro, dos seus recursos de trabalho boçal, das reservas gerais da sua acção. Esse pré-açoriano foi o português dos descobrimentos.

Importa porém fazer aqui uma distinção necessária. Houve duas mentalidades ou rumos nas empresas marítimas do nosso povo, que, por insuficientemente adivinhadas até há bem pouco tempo, se misturaram no conhecimento vulgar da história de Portugal [2]. Esse conhecimento, aliás, é simplista. Supõe-se que por volta dos séculos XV-XVI, num cerco de condições singularmente taumatúrgicas, os portugueses se lançaram na devassa do mar tenebroso, realizando, quer na esfera da ocupação quer no que respeita à conquista, um conjunto de façanhas que por si próprias se explicam. As raízes últimas da causalidade da chamada epopeia marítima não mergulhariam pois noutro terreno que o de uma surda e quixotesca propensão para as maravilhas e os perigos. Esta concepção, aliás alimentada por pessoas cultas, embora empenhadas na estagnação mental do povo português, é como que um depósito dos detritos da nossa preguiça contemplativa. Está hoje desfeita. Nem aqui é o lugar de me entreter com ela. Importa-me, sim, chamar a atenção de VV. Ex.as sobre o orbe de solicitações que levou os primeiros portugueses ao mar remoto, porque foi nesse que o povo açoriano lineou as suas primeiras instituições.

Povoadas a partir do reinado de D. Afonso V, as ilhas dos Açores receberam uma primeira linha de colonização composta de alguma daquelas «gentes de diversas nações», de que Fernão Lopes rodeia o Infante D. Henrique. Quer isto dizer que à frente dos peões, da arraia miúda, de um ou outro moiro ou judeu — os *indesejáveis* desse tempo, — desembarcaram nas ilhas, e lá fizeram casa, destes aventureiros de origem estrangeira, aportuguesados no trato das cidades marítimas, meio cavaleiros, meio mercadores, que eram a nata da nossa burguesia e se infiltravam já pelas camadas da nobreza rural opiniosa e regalona. Gente desempenada, arguta, inquebrantável, cheia de avidez, é certo, que a labuta das feitorias lhe inquinava no ânimo, mas não destituída do rasgo que dá às nações um corpo e um pensamento, esses homens do século porventura

[2] «A história que se aprende nas escholas é ainda a da folhinha d'algibeira». Herculano, Cartas, t. I, pág. 8.

mais crítico da história do Ocidente nada tinham dos portugueses que, cem anos depois, em plena febre de descobrimentos e conquistas, se lançaram a parasitar meio mundo dessorando-se e dessorando-nos. Na fase quinhentista da nossa expansão, o homem é já outro. Aberta a excepção dos nautas e capitães que a nossa epopeia invulnerou, os que saem das marcas do Portugal agrário são por ventura os piores, porque são os inadaptados, os sôfregos, presos da molície e da cupidez. Dir-se-á que estes representavam, pela vetustez da sua estirpe no território pátrio, aquela espécie de progressão ou cadeia étnica que encanta o *chauvinismo.* Talvez... Mas, se eram esses os verdadeiros filhos da «pequenina casa lusitana», o certo é que desertavam dela pelo carreiro de Eleázaro. Eram os filhos pródigos. Os outros, os que nas caravelas do comendador de Almourol largaram para as ilhas, seriam menos castiços, menos representativos do limpo sangue godo, mas pertenciam com certeza à grei que nos assegurava a existência em bases possíveis e inabaláveis, enraizando nas terras e não fazendo delas a têta sangrenta e escorchada dum regabofe de alguns anos.

A proto-história dos Açores está impregnada como nenhuma desse espirito positivo e universalista que, lançando Portugal em cometimentos decisivamente europeus, deixaria na alma do ilhéu uma dedada indelével.

Não está feita a história da colonização das ilhas. Mas os dados até agora apurados habilitam-nos a esboçar as linhas gerais da sua índole, e essas nos convencem de que, como afirmei há pouco, nela tiveram predomínio os aventureiros e colonos da beira-mar. Das cartas de doação do Grão-Mestrado da Ordem Cristo, senhor das ilhas; da confirmação real dessas cartas; das referências das crónicas de história geral e peculiar insulana depreende-se que muitos dos primeiros donatários das ilhas eram flamengos ao serviço do Infante D. Henrique, ou de outro modo interessados nas explorações dos portugueses. A antroponímia açoriana dos apelidos, os próprios nomes de lugar nalgumas ilhas atestam este cunho nórdico de alguns dos primeiros habitadores.

Logo na carta do Infante D. Henrique, traçada em Silves a 2 de Março de 1450, se diz que o dizimo dos dízimos que cabem à Ordem na ilha de N. Senhor Jesus Cristo (a Terceira, no nome que ficou e na ordem da descoberta) pertencerá a Jácome de Bruges, «meu servidor, natural do condado de Flandres», o qual, tendo casado com uma espanhola, ali fundou a povoação de Porta Alegre e depois a Vila da Praia. De outro flamengo reza a carta do Duque D. Manuel, esta de 3 de Março de 1486, o qual foi Fernão Dulmo, empenhado na descoberta de uma hipotética ilha ao norte da Terceira.

Mas foi nas ilhas chamadas de Baixo, ao que parece, que mais o flamengo predominou. Jorge de Utra, ou Josse van Huertere, primeiro capitão donatário da ilha do Faial, deixou ali numerosa descendência, bem como sua irmã Josina e o seu parente Balduíno; e eram aqueles, a

acreditarmos nos linhagistas, filhos de Leo van Hurtere, balio de Wignendael e senhor de Halghebrouc. Das circunstâncias em que foram chamados a Portugal não há a certeza. Mas o célebre cosmógrafo Martim de Boémia, no seu *Globo de Nuremberg,* afirma que as ilhas do Faial e do Pico foram dadas a seu sogro Joss van Hurtere a instâncias da Duquesa de Borgonha D. Isabel, que de Portugal recebia constantes pedidos de gente. Mas não pára aqui o contingente dado por terras de Flandres à primeira camada de povoadores. A família Brum, a que pertenceu Manuel de Arriaga; a dos Silveiras e a dos Terras entroncam igualmente em varonia flamenga. Dos Bruns foi tronco Guilherme de Brum (Wilhelm van der Bruyn Kasmach), natural de Maestrich. Dos Silveiras, Guilherme Vandaraga (Wilhelm van der Haghe), apelido que por estranha corruptela disparou em Silveira. Dos Terras, finalmente, Josse van Aard ou Aertrijcke. Quanto à toponímia, pode dizer-se que só com dois nomes atesta o traço flamengo nas ilhas: o da ribeira e povoação dos Flamengos e o da cidade da Horta no Faial, tido como corrupção do apelido do donatário Josse van Hurtere.

Com a indispensável prevenção contra a tendência para generalizar factos de si mal joeirados ou insuficientemente estabelecidos[3], numa coisa podemos convir: na participação do flamengo na primeira camada de agentes da colonização açoriana. Esses homens organizando as suas expedições de reconhecimento e ocupação, abrindo depois na virgindade daqueles rochedos os primeiros núcleos de fogos e as primeiras moendas a água, cunharam decerto o ilhéu de um génio próprio, génio onde parece que preleva, não a têmpera exigida contra o aborígene rebelde às disciplinas civilizadas, mas a paciência, a resignação, e uma conformidade de quem muitas vezes teve de fazer o seu pão com as raizes do fieito. Mas repito, tudo isto é principalmente conjectura. Pelo que respeita a flamengos, nem todos os factos de que me sirvo têm o contraste da erudição: não vêm nas crónicas, mas alguma coisa às crónicas juntaram os estudiosos, — Júlio Mees por exemplo, que explorou os arquivos belgas sem que contudo encontrasse a riqueza de informes que esperava.

Resta avaliar do contributo português, por certo o maior, e principalmente decisivo na formação da psique do maior número de habitadores. O alentejano e o algarvio, a um lado, o beirão e o baixo-duriense, a outro, parecem ter sido os principais avós da prolífica grei. Em suma: como o demonstrou Luís Ribeiro em hora de lama e suspeitas, os açorianos são portugueses e *querem* sê-lo, — o que é mais. (*Os Açores de Portugal*.)

---

[3] Sobre estas questões podem ler-se, entre outros, Aires de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, 3 vols., Lisboa, 1899-1900, e António Ferreira de Serpa, *O Descobrimento do Arquipélago dos Açores*, Porto 1925, que se contradizem mutuamente. Para os nomes flamengos servi-me do livro do sr. Marcelino Lima, *Famílias Faialenses*, Horta 1923.

Se é certo que podemos conceber um tipo de açoriano que se caracteriza pelo afêrro ao trabalho e por uma docilidade de maneiras que esconde dureza de acção, rigorosamente falando ele não existe, mas sim dois ou três tipos bastante diferentes um dos outros. No ponto de vista do casticismo, é o micaelense sem dúvida o que mais se afasta do tipo metropolitano. O micaelense, com o mariense por adminículo, revela desde a fala, ao tom bosselado das feições uma preocupação de insulanismo estreme, tão rija e calada que em toda a parte o impõe como alguém que é alguém. Porventura lesado na partilha dos dons agradáveis, insinuantes, que foram ter de preferência aos seus irmãos das mais ilhas, é ele que levanta a enchada mais alto, a crava mais fundo, e com mais vigor lhe extrai a terra já dócil ao grão e já penetrável ao tubérculo.

É ele ainda o que melhor agencia. Industrializou uma agricultura notável, que transcende a rotina do pão, do vinho e da horta, para se alargar às culturas que pesam na balança económica, enchendo de oiro o prato a dividir pelo comércio interno. O ananás, o chá, a beterrabaeira são outros tantos valores que ele criou; e, não contente com o papel de produtor, lançou-se ao transporte, quer monopolizando, com a dinastia comercial-letrada dos Bensaúdes, as comunicações com a metrópole, quer afoitando-se à directa colocação do ananás nos grandes portos da Inglaterra e da Alemanha.

Quem desembarcar em Ponta Delgada e se fiar simplesmente nas aparências do burgo, terá a impressão de um convento de mercadores, baixo de tecto, soturno, com cercas de maravilhoso ajardinamento, é certo, mas inculcando uma regra acanhada de leigos ou mendicantes. As ruas são estreitas, as casas rígidas, os homens falam com uma palatalidade que irrita. Enquanto algumas carroças dobram as esquinas, nada se soma ao estreloiçar das ferragens: só o passo patudo do arrieiro se estuga um pouco mais, e a voz regouga o proverbial estribilho:

– Sai, asno!

Vai ali um pobre trabalhador rotineiro? Talvez… Mas vai também uma aptidão para toda a dureza de trabalho, uma resistência a revezes que diante dele se amontoam mas que acabará por demover. E vai, quanto a uma ética mais finamente humana, aquela doçura cristã que se traduz por isto: quando alguém se atravessa diante do burro micaelense, é enxotado a estas vozes:

– Eh, alma de pau! Deixa passar esta alminha de Deus!

Os outros dois tipos do açoriano pertencem aos naturais das ilhas de Baixo (da Terceira até à mais ocídua), e oscilam um para o outro até uma quase confusão. Um deles perfazem-no talvez o terceirense e o natural da Graciosa; o outro agrupa-se em torno do habitante do Pico, que é, sob certo aspecto, a nata do insulano [4]. O que no micaelense é aspereza, índole tenaz mas tosca, no terceirense é amenidade, alguma manha, e principalmente uma bizarria que trai a coabitação com o castelhano durante meia centúria. Dos ilhéus é ele o mais festeiro. Consagrando a sua actividade à pesca, à agricultura e principalmente à pecuária, o próprio trabalho dos campos e dos pastos é para ele uma festa, tão ligado anda aos seus divertimentos favoritos. Começa porque o toiro é o seu primeiro agente de alegria, quer amarrado patuscamente a uma corda e obrigado a levantar o pó de meia estrada, quer corrido segundo as regras de Montes, em praça fechada, e transformado em paliteiro por mãos de *diestro* ou de curioso. Durante a quadra das festas dos vinte e sete oragos da ilha, os primeiros dias da semana só por metade são úteis. Passante meio dia os trabalhadores despegam. Então os caminhos coalham-se de gente: há toiros algures.

Mas as suas festas características são as do Espírito Santo, desde a Pascoela ao Pentecostes, deitando às vezes até ao domingo da Trindade. É uma verdadeira instituição social esta usança que a todas as ilhas se estende e tem a solidez e a eficácia de um município ou de uma comuna. Cada freguesia, rua ou lugarejo erige a sua mordomia ou irmandade, com um templo próprio e inteiramente original na arquitectura religiosa de todo o orbe católico. Chama-se *império* ou *teatro;* e em verdade ali se representa uma tragédia mística, com bezerro imolado, pão de cabeça enfeitado de ervas cheirosas, e uma compassaria de foliões, de pagens, de aferes e vereadores que lembra a organização de uma comunidade medieval. A festa é pagã, de um ruido e de uma cor que desnorteiam e deslumbram; mas lá tem o seu fundo de caridade cristã bem entendida para lavar toda a mancha de profanidade desenvolta. Depois é uma coisa sabiamente organizada, com uma estrutura que se não espera das primeiras amostras exteriores.

Para demonstrar o seu poder de acção, basta dizer que tem resistido a tudo, à penúria dos anos escassos de pão como às disciplinas da Igreja, que, sempre ciosa do rigor litúrgico, em vão tenta quebrar o assomo inovador dos imperadores do Espírito Santo. Nos fins do séc. XVIII, o Bispo D. Jerónimo Teixeira Cabral viu-se em sérios apuros para acabar com um abuso. Depois da coroação, acto pelo qual o ilhéu reivindica para si a realeza dos esmoleres, era costume dos foliões, os bobos da corte do

[4] «Os homens do Pico são os homens mais sãos que conheço». (Raúl Bran*dão, As Ilhas Desconhecidas*, pág. 167).

Paráclito, dançarem a toque de caixa em plena capela-mor. O espectáculo era digno de Goya ou de Durero. Com suas becas ou opas de ramagens, os seus lenços brancos atados na cabeça, segundo a usança da minha ilha, ou as suas mitras de papelão à moda de S. Miguel, os foliões deviam bater uma espécie de *emmalia* ou *saltatio pyrrichial*, as danças execrandas de que nos fala Bernardes no passo dos bailarinos. Suponho que o Bispo conseguiu, com ameaças de interdito e excomunhão maior, pôr cobro ao acto nefando na casa de Deus: — *In circuit impii non ambulant...* Mas, ao ler as letras cominatórias, sempre D. Jerónimo se me afigurou Santo Heriberto, Arcebispo de Colónia, perdoando afinal aos míseros foliões a sua dança inofensiva.

Se o terceirense é festeiro, exuberante e perdulário, não lhe faltam também qualidades que fazem dele, no meio do agregado insulano, um dos mais desempenados obreiros do bem comum. Mas as suas qualidades de trabalho desenvolvem-se melhor na terra alheia, onde não há o toiro para servir de pretexto aos ócios dissolventes. Na América do Norte, como todo o açoriano, é expedito a ordenhar, a vigiar as ovelhas da Califórnia, como outrora era mestre na arte de pesquisar o oiro das cubiçadas pepitas. Mas, ao contrário do que vulgarmente se afirma, não pode estrangeirar-se. Se, em contacto com *o yankee*, apanha um pouco de picaresco *charleston* — «oh, sim! *it is enough* — bastante!» — no fundo ficou o que era: um português do meio do mar, sempre saudoso das reticências de lava donde o tirou um dia o *steamership* da *Fabre.* O terceirense que deita até Bastão (o seu Boston) tem uma ambição sobre todas: voltar daí a meia dúzia de anos com uma farpela decente, umas botas de bico inchado como batata doce e os pesos bastantes para comprar uns doze alqueires de terra ao morgado que rebentou.

Mas alguns saem desta doirada mediania e compram vacas na América, uma *estoa*, chegando às vezes a raiar pelos gordos interesses dos *trusts* e das operações de alta banca. São — os próprios continentais o confessam — o escol da emigração portuguesa no Novo Mundo.

O PICAROTO

Já o homem da ilha do Pico, tem outro feitio, outra ética. Afirmei há pouco que ele era a nata das ilhas, e, em verdade, nenhum açoriano se lhe avantaja na concepção séria da vida, temperada embora por uma ingenuidade que é o segredo do seu triunfo nas lides a que se entrega. O seu arcaboiço, de esbelta arquitectura, é vigoroso e tamanho que excede as marcas da média na escala da inspecção. Quase sempre, por isso, dá um artilheiro magnífico [5]. Mas o que ele é por vocação tradicional, é

[5] «Vejo-os diante de mim como torres e um olhar que não engana». (Raúl Brandão, *op. cit.*, pág. 167).

marinheiro, não da raça garrana dos nossos blusas de alcache, mas dos tempos heróicos, da galeria quatrocentista dos primitivos portugueses. O picoense ou picaroto (esta designação é muito mais expressiva) trabalha na vinha e na horta, poda o pomar, vai à moenda com o seu taleigo de novidade, mas está sempre pronto para saltar à canoa à saga da baleia. Este é o seu destino no mundo, o seu começo e o seu fim. É vê-lo então nessa vida admirável das companhas que vão de porto em porto, formam colónias temporárias nas ilhas do grupo central e, sem se afastarem da borda de água, sóbrias como a companha do pescador da Galileia, tiram ao mar o óleo do cachalote ou o âmbar raríssimo da baleia.

No critério que adoptei para classificar em três tipos o açoriano dos nossos dias, tive principalmente em conta os matizes da fala insulana, tão rebeldes à outiva como virgens ainda para a fonética experimental. As modalidades de índole, costumes, maneiras, acompanham esses matizes com uma precisão magnífica; e só tenho pena de que a minha intuição não venha socorrida das provas, dos vivos exemplares de que a minha memória anda cheia. É esse critério que me leva a pôr no mesmo plano do picaroto o jorgense, balieiro como ele, embora menos típico; o faialense, tão vizinho que pode ir ao Pico e vir em duas horas; finalmente o florense e o corvino, mais ignorados nas suas minúsculas ilhas.

CIDADÃO DO MUNDO

Passando agora da psique mais genérica para a do ilhéu citadino, ficaremos em presença da mesma riqueza de índole, dos mesmos valores de vida e de trabalho. Até às suas camadas superiormente representativas, o ilhéu vai percorrendo uma escala de harmoniosa integração. Vagaroso nos seus movimentos domésticos, a sua energia é como que abafada pela humidade atmosférica. Parece indolente. Não reage talvez bastante na política, na religião, nas categorias em que se exige um certo esforço desinteressado e um relativo pendor para a luta dos sentimentos e das ideias. Nisso, em verdade, é fraco. Dá a impressão de pouco vertebrado e disposto a sustentar os riscos duma atitude decidida. Se porém procurarmos as verdadeiras razões desta falha, iremos achá-las na lei da sociabilidade açoriana. A pequena vizinhança é o seu tipo de agregação: daí o perigo da excessiva combatividade, sempre inerente às atitudes de pura opinião, sem valor prático imediato. Se na ilha do Corvo houvesse dois verdadeiros partidos, metade da população acabaria por lançar ao mar a outra metade [6]. Mas tirado do ambiente um pouco estreito em que vive, o

[6] Já Raúl Brandão o notou n'*As Ilhas Desconhecidas*, livro admirável de impressionismo a que a maioria dos ilhéus não fez a devida justiça. Que dirão eles das páginas que Chateaubriand dedicou à Graciosa nas *Mémoires d'outre tombe?…*

ilhéu desentranha-se em vida e prodigaliza acção. É inventivo, tenaz, paciente, e dispõe de uma reserva de dons que, uma vez desatados, o guindam muitas vezes a notáveis posições de perigo e de comando.

Os continentes exercem sobre ele uma fascinação singular. Atravessa isolado a infância e a adolescência, e muitas vezes a mocidade, a virilidade, e a velhice o vêm encontrar no mesmo ponto, — as suas quatro paredes de lava basáltica e traquítica. Mas um dia vem para muitos em que o feitiço do mar já não cede, e ei-lo então a bordo do barco de emigrantes ou em demanda das metrópoles carregadas de sedução. Assim cumpre o açoriano o seu secular destino. Por toda a parte se desenvolve e adapta, e, — coisa singular! — já não é o mesmo homem aparentemente fatalista, lento de voz e meneios, que parece vergar na ilha sob o peso inclemente dum avatar geográfico. A sua adaptação não é cómoda, mas vigorosa e seguida de um rejuvenescimento salutar.

Não falarei da hospitalidade que o caracteriza, porque esse dom, mercê da circunstância de se ter feito das ilhas lugar de repouso para políticos revoltados, vai sendo já conhecido. Mas não posso esquivar-me a referir-vos que nas cidades dos Açores a sociabilidade é uma arte com refinado estilo. Angra do Heroísmo é sala de morgados. Ali se mantém uma tradição de mundanismo que não está talvez em equação com a fraca vida económica, e que é coisa de pergaminhos que já hoje de pouco lhe valem. Teima no entanto, pelo seu gosto, pelo seu património de suntuária e pela sua nativa distinção, em considerar-se a verdadeira cabeça e côrte das mais ilhas, como lhe chama o cronista micaelense Frutuoso, sem se lembrar do dito popular: *honras sem proveito fazem mal ao peito.* As suas mulheres gozam da fama de lindas, e na verdade (perdoe-se-me o natural desvanecimento de compatrício), Angra do Heroismo pode apresentar de improviso a qualquer concurso de beleza dois ou três coros de musas [7]. Na Horta a vida de sociedade é talvez menos discreta, menos passada à fieira da compostura e da pragmática. Por isso mesmo, toma as formas desembaraçadas do *sport* e da dança: e é afoita, porque sacrifica ligeiramente à forte nudez da verdade os tropeços da fantasia... Uma menina faialense da boa roda não se peja de mergulhar de *maillot*, ou de correr a rua do Mar dando o braço a um inglês. Verdade seja que deste modo se expões ao escárneo das demais. Não importa. Está no seu papel de civilizada; cumpre as leis da evolução da sua raça magnífica. Porque a faialense do vulgo que hoje dá a nota castiça às ruas estreitas da Horta, coberta dos ombros aos pés pelo seu capote arcaico, embiocada no seu capelo, que é uma espécie de abafador, será a primeira a despir essa excrescência arqueológica e a trocá-la pelo *maillot* da banhista ou pela jaleca da amazona. Se bem que o amazonismo seja mais próprio da Terceira.

[7] Também notado por mestre Raúl Brandão, o que é insuspeito e de peso...

Há na flora açoriana uma espécie de acácia, a *melanoxyllon* dos naturalistas, que tem o nome local de *pau de toda a obra.* Pois eu creio que esta etiqueta acertaria melhor em quem a escolheu e consagrou.

Do açoriano, como dessa árvore tão corrente na carpintaria insular, faz-se, com efeito, tudo, desde os raros exemplares humanos, como Antero de Quental e alguns outros, até aos primores de vulgaridade, infelizmente numerosíssimos. Um ilustre hispanista, o Prof. Marcel Bataillon, lendo um romance de acção açoriana pareceu-lhe que os Açores constituíam *une sorte de Portugal à la deuxième puissance*. Confesso que a fórmula me agradou. Simplesmente me atreverei a desenvolvê-la assim: os Açores são de facto um Portugal requintado porque receberam dele a forma e o pensamento quando Portugal na verdade era uma força em marcha. Do século XVI para cá, é do nateiro insular que têm partido as contribuições de algum preço, quer em metal sonante e a título industrial, predial e suntuário, quer em carne e osso, acção e pensamento.

Esta conferência integra-se num plano de reabilitações regionais, cuja iniciativa pertence à Associação Académica de Coimbra e que visa acordar na alma dos estudantes um inteligente amor às suas terras de origem [8]. Há pois nesta empresa um fim de alcance prático, qual o de fazer incidir sobre as actividades locais a atenção daqueles que, por sua condição de dirigentes, podem de longe ou de perto influir nelas, dando-lhes rasgo e eficácia. É certo que esse fim, por suas exigências de especialização e complexidade, se não atinge por meio de conferências da índole da minha, que não passa de um vago enunciado das propensões do açoriano e do condicionamento histórico dos seus cinco séculos de vida. Mas há também nestas conferências uma função de exemplaridade, que se dirige, não às capacidades de intervenção regional de cada um, à sua preparação de procurador ou de munícipe, mas a elementos mais profundos, mais largamente humanos. E, nesse caso, o que há a fazer é mostrar como um homem nado e criado num ponto que se furta aos grandes meios de comunicação e de labuta, ao poder sugestivo de uma civilização enérgica, imediata e concentrada, enriquece o temperamento que se lhe talhou na terra a ponto de chegar aos mais altos resultados de pensamento e de conduta.

Para os Açores, esse homem foi Antero. Ele nos dá o alto exemplo de uma vida que, partindo das mais estreitas limitações do espaço e do tempo, pouco a pouco se despoja delas até encontrar o fundo irredutível da sua própria humanidade. Em 1850 apenas se sabia, e tão somente em S.

[8] Foi a primeira da série, que não passou de duas. Pronunciada a 13 de Fevereiro de 1928, foi publicada n'*A Águia* do Porto e em separata.

Miguel, que uma criança de dez anos vivia e brincava, era filha do sr. Fernando de Quental, e que seu pai, como cadete, servira no Exército Libertador. Antero, enriquecendo a sua alma e entregando-a aos altos problemas do seu tempo, reduzia as suas efemérides de baixa efemeridade. Não porque fossem *indignas* de um destino seguro e honrado, de uma vida que, como a humana, tem na humildade e no silêncio uma das maiores garantias de se não perder de todo. Mas porque o essencial, neste mundo, é ganhar as asas que nos libertem da temporalidade e da matéria. Antero compreendeu-o. Por seu intermédio, os Açores partilharam das mais graves e nobres inquietações da Europa contemporânea. E, se pôs sempre em primeiro plano os problemas de lata solução, encarando as necessidades da sua pátria em função das necessidades da Península, do Ocidente e até do mundo, nem por isso foi patrioticamente um transviado. Foi um açoriano e um português, mas acima de tudo foi um homem. O seu regionalismo e o seu nacionalismo são pois um digno exemplar que todos devemos tomar.

Saído dos Açores na adolescência, só por excepção voltou Antero à sua terra natal. Nem a universalidade do seu espírito se compadecia com este apego à terra que o destino reserva às almas mais terrenas. Foi pois, em certa medida, um desenraizado. Todavia, rara será a obra de português que, mais do que a de Antero, traga no seio a marca da sua origem provincial. Embora inutilmente lhe procuremos cor, forma, externidade que nos revelem o pequeno mundo açoriano com o seu físico e os seus hábitos, a verdade é que toda a poesia anteriana está impregnada de açorianismo. Descontadas as argalhas de uma vida que se circunscreve a nove ilhas, nove minúsculos e pouco seguros apoios da frágil planta humana, a alma do ilhéu exprime-se pelo mar. O mar é não só o seu conduto terreal como o seu conduto anímico. As ilhas são o efémero e o contingente: só o mar é eterno e necessário. Um mar que, nas suas vagas revoltas, é como o espírito humanado, — dúvida e torvelinho, — mas que acaba por ser puro espírito na folha serena e luminosa, apenas encrespada pela aragem das ideias, que, para as necessidades de Antero, foram a «grande questão» [9].

[9] Quando digo que a obra de Antero está impregnada de açorianismo, quero dizer que a sua natureza de ilhéu pode explicar em parte o tom da sua obra, a um tempo filosófica e poética. A insularidade geográfica, nos espíritos superiores, é um poderoso excitante desta sorte de pessimismo que tomou na consciência de Antero a cor búcia que nela projectou a cega indiferença da natureza, tão bem representada pelos movimentos do mar. Mas também; como plateia de onde se vê o quase humano endereço das marés às rochas e aos algares, a ilha habitua à ideia de liberdade, que tanto se impôs a Antero. «II n'y a — diz Fouillé: — il n'y a, en effet, rien qui offre à l'oeil et à la pensée une représentation plus complète du monde que l'océan». *La Morale, l'Art et la Religion d'après M. Guyau,* Paris, 1889, pág. 9. E Herculano «Porque o vento e o oceano são as duas únicas expressões sublimes do verbo de Deus, escritas na face da terra quando ainda ela se

Quando o açoriano, certo de que procurou realizar neste mundo o ideal de humanidade que o exemplo de Antero lhe oferece, vir que se estende para ele a mão direita de Deus, — que saiba dizer, atravessando

Selvas, mares, areias do deserto,
Dorme o teu sono coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

chamava o chaos. Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurchecer». *Eurico*, 20.ª ed., Lisboa, pág. 28.

DA UNIVERSAL INQUIETUDE

A ESFINGE

As vezes, como em lufada, visitam-nos inspirações tão graves que parecem trazer nas asas ligeiras grandes orbes. A vida parece-nos uma infusão, um acesso. A nossa roda, como que gravitam nebuloses prestes a constelar. Donde nos vêm? Quem as criou? Que parte possuímos nelas e que ligação necessária no-las refere?

São, antes de tudo, imperiosas. Trazem tal força, tamanho poder persuasivo, que não há resistir ao seu halo convidativo e captável. Mas o mesmo vento que as traz pode desvanecê-las se não sabemos aprisioná-las na conchinha timpânica de uma intelecção sem categorias, em si virginal e mais aberta que Psiquê distendida na relva... Uma Psiquê esfíngica.

A Esfinge do mar é a ilha. Levanta-se no deserto de águas como a pétrea cabeça que afrontava Edipo na estrada de Tebas, mas não traga os transeuntes como o monstro sob o pretexto de que não sabem decifrar-lhe os mistérios terríveis. Agasalha-os, amamenta-os com a sua lava. É, neste ponto, mais parecida com a loba de Rómulo; e tem o ciúme das verdadeiras lobas no fojo.

O fojo desta loba marinha que se ergue ante mim como Esfinge é o próprio mar que lhe dá leite e a lava das feridas de fogo. A ilha em torno está lacerada de queimaduras. Vem dum drama geológico. Um lume implacável lambeu-lhe a epiderme.

E não é a Esfinge precisamente um tema, mas o complexo de todos os temas na sua carne viva de possibilidade e inquietação. Simbolicamente é pedra, — e meio leonina, meio humana. O possível desenha-se-lhe no rosto sob a forma de sulcos, siglas reticentes e ansiosas. E quando, numa das muitas tardes só crosta e amarelo em que o deserto se cansa de lançar-lhe as dunas em rosto, arqueia o sobrecenho crestado e sem pêlos, só poro e carcoma, parece que vara o coração de Deus com o derradeiro dardo.

Na verdade, cada flecha da Esfinge segue uma trajectória cujo arco assemelha o decisivo e irrevogável. Com ele dispende a energia de que dispõe nesse instante, e com tamanho arranco interior, que supomos, sentados à orla do deserto, no oásis disposto em plateia, que a fera nefanda e inefável estrebuchará ali mesmo. Ilusão... No nosso ponto de vista de espectadores pouco interessados no drama interior da Esfinge e

interessadíssimos no problema preceptivo da sua conformidade com a razão comum, esquecemos que o que singulariza a vida é o seu essencial esgotamento de possibilidades no módulo do tempo que flui. No drama da Esfinge, que é o do mundo *aludido*, tudo se passa aos olhos superficiais como se a vida não fosse cadeia de momentos maximamente tensos, mas um só momento em risco, que, apesar de uma experiência reiterada nos ensinar que não morre, mas agoniza, — quer dizer, que perdura em sístole e diástole, à lei agónica ou dialéctica, — vai ser como a última fera de circo ou o último toiro de morte.

Ora, esta ilusão é indispensável para que a vida assuma especulativamente o interesse de uma gesta, qualquer coisa que se desenrola aos olhos divertidos sob um verniz episódico e com aparência de que possui uma natureza marginal. Chegado o momento do desfecho (aquele em que deliberamos cortar a corrente da meditação *por hoje),* deixamo-nos subornar pela impressão de que reentrámos no seio da realidade diuturna, da vida objectiva, séria e válida que criou aquele pequenino teatro para as suas horas de ócio.

Mas a verdade é que somos levados por uma torrente tremenda e sem margens, que não teve nascentes e para a qual a foz é um absurdo. O que simboliza essa torrente é o corpo de leoa da Esfinge. Corre pelos seus quadris maternais um nervosismo, uma inconformidade que se chama ordinariamente inquietude e que a todas as horas lhe morre no rosto doloridamente humano sob a forma de esperança e de talvez. A esperança é o luar do deserto dando no rosto esfíngico: quer dizer, pouco mais que emoção. As vezes vai mais além e ganha valor de sentimento. Mas só quando se intelectualiza, quando passa no crivo da razão e de lá sai alanceada em *talvez*, só então tem verdadeiro valor dramático e metafísico.

Max Scheler, negando a filosofia agustiniana do plano providencial, escreve que «as ideias não existem *antes*, nem *em*, nem *depois* das coisas, senão *com* as coisas, e são geradas unicamente *em* o acto da contínua realização do mundo (*creatio continua*) no espírito eterno. Por isso a nossa correalização destes actos, em tanto que pensamos «ideas», não é tão pouco um mero achado ou descobrimento de uma ordem existencial e essencial independente de nós, senão uma verdadeira *comparticipação na produção, na geração* das ideias e dos valores coordenados ao amor eterno, *partindo da origem mesma das coisas*». (*O Posto do Homem no Cosmos*, II).

Esta última verdade, de relativo sabor espinosano mas reformulada por um ser menos impassível que o judeu português de Amsterdão, quebra a sua perfeita e consoladora construção de encontro ao sentimento estruturalmente humano da cisão entre o reduto egótico a que cada um de nós se reduz e essa porção comparticipante no universal devir que se

desprende do reduto para divagar no todo. Se é inteligível o contacto e a confusão do espírito vinculado ao ser de vicissitudes que nós somos com o espírito liberto e em *fieri*, nem por isso é menos real este sedimento amargo que diz *eu* e não pode dizer outra coisa. Eu é o nosso grito próprio, o timbre da voz com que clamamos. E mais uma dor que um sim.

A dificuldade *humana* (não filosófica) do problema, está na persistência desta nota rebelde que se circunscreve e situa, e que parece que quanto mais comunga nos grandes fundos universais, nos grandes mares de ideias e de sentimentos an-egóticos, tanto mais rica e recalcitrante sai para a sua ilha determinável: o homem indivíduo.

Há pois que estabelecer noutros termos a fórmula da comparticipação na *creatio continua* do mundo. Tal *creatio*, de ritmo torrencial, muda de signo ao receber a quota humana. O ritmo torrencial do mundo em perpétuo devir é humanamente um simples sentimento. Sentimos o mundo devir em corrente como podemos ouvir a cavalaria aplicando o ouvido ao solo. Da realidade do *noumenon* chega-nos apenas um *tremolo*. A nós, que estamos enredados, na *relação* com riças de ponta ubíqua, sentimo-nos sempre como réplica, segundo um dramático alternar. E uma coisa é surpreender um nexo essencial de nós todos, outra sentirmo-nos invariavelmente no avesso desse nexo implacável.

Como podemos asseverar a existência do ser que tudo envolve? Eu creio que, mais do que comparticipação real e actual do espírito em semelhante ser, o surpreendê-lo significa receber a repulsa da sua natureza inefável sob a forma de sombra dejectiva. No fundo participamos dele porque, recalcando a nossa natureza irridenta, ele se deixa momentânea e longinquamente intuir. Deus é uma nódoa negra na carne da vida que pactua.

Claro que a sombra divina não nos atingiria se não tivéssemos sido, de algum modo, porção *reliquenda* de Deus. Tudo se passa pois como se o mundo existencial fosse um atraso recuperável, e Deus é então o acelerador de um devir pático, duelístico, que se chama a vida humana.

No deserto, disparando pelos olhos de mulher uma fúria visual de leoa, a Esfinge, mau grado o percalço com Edipo, pede interlocutor...

Para os emotivos, Deus é uma recordação e jamais um problema. Parece que foram cortados como certos vermes em troços, e que cada troço rabia como se fosse a ténia inteira.

O sentimento trágico da vida não consiste apenas no duelo interior do mal e do bem, mas no combate que a vida se dá a si mesma para se liberar. A vida, por definição, é trágica e antinómica. Realiza-se dilacerando-se.

A unidade do espírito não consiste na emissão de uma única nota essencial que assumiria vários timbres, — o religioso, o ético, o poético, o metafísico, — nem sequer nas notas de um acorde solidário em torno à tónica. O espírito é, antes, dual. Desdobra-se para dialogar e sofre da própria contradita, mas é ela que o alimenta e sustém no meio de uma natureza inerte, surda e indiferente.

Quanto ao homem verdadeiramente religioso, entranha na eternidade, não como um momento dela, em certa medida indiferente ao seu infinito desenrolar, mas como a própria substância dessa ucronia. A atitude religiosa consiste em ser ao mesmo tempo o espinho e a gota de sangue, o calor e o suor; e Cristo fica sendo como que o corpo de que a humanidade é a viva e renovada maceração. Por isso escreve Pascal: Jésus *sera en agonie jusqu'à la fin du monde; il ne faut pas dormir pendant ce temps-là* (PENSÉES, fragm. 583).

O que há de divino na santidade é o conhecimento existencial do divino, um rebate do Deus que convoca; mas o santo sabe que nunca chegará enquanto homem à entranha do Deus que o seduz. A ideia da alma que carrega o corpo como um fardo e o deixa no sepulcro como pó, cria isso mesmo: um *homem* experiencial ou *provado*, uma vida de trânsito mitigada pela Igreja, para Gil Vicente «estalajadeira de almas». E todo o cristão que repousou sobre a confiança na tangibilidade do eterno, rebaixou a própria cristianidade a um nível conformista, da alma menor.

A salvação pela observância não faz o santo, mas simplesmente o justo, que na escatologia cristã dir-se-ia fruir de uma mansão pouco abrasada, com equilíbrio de gozos, mas por isso mesmo sem plenitude unitiva. Pascal, pedindo vigília até ao fim do mundo, postula um céu agónico onde o perfil do justo nos aparece quase inerte.

Capítulo XI

A VOLTA DO PROSCRITO

Vento amigo ao pátrio solo
Pelo mar guia o proscrito
.....
E da sua alma a dolorosa noite.

(«A Volta do Proscrito»)

O resto de Abril, Maio e uma grande parte de Junho passa-os o nosso poeta no seu quartel de Ponta Delgada, à espera da hora decisiva. O movimento da expedição dobava cada vez mais. Os académicos tinham sido os últimos a vir de Angra, a bordo do *Concórdia,* brique mercante inglês, e os seus fardamentos pareceriam a Luna indecentes se não fosse a apertura da época. Trajavam de pano azul-ferrete, calça de brim e peitos brancos, farpelas estas que tinham vindo para a legião francesa; e o Batalhão Sagrado, todo de oficiais, confundia-se um pouco com eles nas suas fardas encarnadas. As espingardas, mais leves que as dos ingleses, não embaraçavam as evoluções [1].

Na Ribeira Grande os rapazes divertiam-se assistindo aos outeiros das freiras, que em S. Miguel, como na Terceira, ardiam de amor ao ar livre. As de Santo André em Ponta Delgada tinham saudado Vila Flor pela tomada da ilha [2], assinando a abadessa soror Mariana Joaquina do Coração de Jesus uma vasta arenga em que se celebrava a coroa de loiros do Conde, que devia ter «diamantes», e em que se misturava «Deus Todo-Poderoso» com queixas do juiz Sarafana. No corpo da saudação as freiras chamavam-se a si mesmas «mulheres santimoniais» [3].

De Herculano nada se sabe. Continua apagado no murmúrio da onda colectiva. Garrett, nas horas vagas das tarefas que lhe dá Mouzinho, verseja na quinta do seu amigo José Leite Botelho de Teive, onde «uns olhos pretos de quinze anos», que a terra comeu pouco após, lhe inspiram a «A Noite de São João» que vem no *Romanceiro* [4]. Já os navios tinham bandeiras nos topes. Na antevéspera do embarque, a mesma deidade apanhava um raminho de cipreste, dava-o de presente

[1] Luna, pp. 111-112. [Esta nota e as seguintes são do autor].
[2] 5-VIII-1831.
[3] *Crónica*, n.º 20, 28-VIII-1831.
[4] Edição de 1843, p. 134.

ao Divino, e no dia seguinte, agoirenta, exigia a restituição. Garrett então devolveu-lho, acompanhado duns versos [5]:

> A esta fronte desbotada
> De angústias e dissabores
> Não cabe o louro da glória
> Nem as rosas dos amores [6].

Estava pressago; aludia mesmo à perspectiva da morte no campo da honra; mas, para dissipar nos camaradas a tristeza infundida pela marcha, conta Amorim que atirava o chinó ao ar armando em ludíbrio de uns quantos [7].

A 27 de Junho despediu-se da família Joyce, onde estivera aboletado [8]. A *Borodino,* com os voluntários a bordo, ainda não levara as Ancoras, mas Herculano já estava embarcado há três dias [9]. Os oficiais de engenharia tinham sido encarregados de preparar os transportes e vistoriavam as tarimbas. Ouvia-se o bater dos martelos por dentro dos cavernames, no cerne dos porões; e o vento, intermitente, ora punha os navios em perigo, frente ao porto, ora deixava entrar e sair a salvo os avisos. Mouzinho chegara da Terceira a 10, tendo soprado na antevéspera um oeste e sudoeste de respeito. Havia teatro à noite; e Barreiros, em substituição de Garcês, que adoecera, foi encarregado dos arranjos da 2.ª Divisão, a que Herculano pertencia. Compunha-se de Voluntários da Rainha, de Infantaria 18 e do Batalhão de Marinha de Hodges, e comandava-a o coronel Henrique da Silva da Fonseca, mais tarde Visconde de Alcobaça. Iam, a mais, a Divisão Ligeira distribuída a Schwalbach e a 1ª Divisão ao coronel Brito [10]. As quatro da manhã de 22 de Junho a tropa formou em parada na sua máxima força, D. Pedro proclamou, e o padre Marcos disse missa numa barraca-altar. O general Azeredo, mais tarde Conde de Samodães, irritado pela iníqua distribuição dos comandos, de que fora excluído, tinha envergado uma farda igual à de Herculano e entrado na forma entre os soldados [11]. Era a partida.

«A viagem da expedição desde os Açores até Portugal», escreve Palmela nos *Apontamentos Autobiográficos* [12], «é uma das coisas mais romanescas que a história de um país pode apresentar.» E Maria Amália

---

[5] *Flores sem Fruto*, p. 231.
[6] *Ib.*, p. 133.
[7] Amorim, *Garrett, I, p.* 112.
[8] *Ib.*, p. 563.
[9] Barreiros, I, p. 202.
[10] *Ib.*, pp. 200-202.
[11] Fronteira, *Memórias*, II, p. 226.
[12] *Apud* Maria Amália, Vida, II, p. 429.

[13] acrescenta que «havia na heróica empresa um não sei quê de romanesco, que ainda hoje, na distância a que estamos dos homens que a cometeram, nos fascina.» Só isso explica que, na ausência de pormenores que se refiram directamente a Herculano, gastemos tempo e uma retida emoção a narrá-la.

Com seus irmãos as sacrossantas juras,
Beijando a cruz da espada,
Repetiu o poeta: «Ela, partamos!
Ao mar!» Partia a armada.
Pelas ondas azuis correndo afoitos,
As praias demandámos
Do velho Portugal, e o balsão negro
Da guerra despregámos [14].

Mas fora difícil desferrar. Palmerston, em carta de 19 de Maio de 1832, prometera mandar uma esquadra à costa de Portugal para colaborar com D. Pedro no caso de a Espanha intervir. Com efeito, uma galera inglesa veio a aparecer a meia viagem. Mas, estando tudo a postos para à largada de S. Miguel a 10 de Junho, um «temporal de ventos sudoestes» fizera que alguns navios tivessem de pôr-se à capa [15]. Apesar disso, da parte da Regência, já de bordo do *Amélia*, escrevia-se a Lima a 25 de Junho as seguintes regras seguras: «Esta noite ou na madrugada de amanhã creio que estará todo o comboio à vela.» [16] Não estava: eram duas da tarde de 27 quando se fez ao largo.

Na *Juno*, crismada em *Amélia* por gentileza para com a Imperatriz destronada, seguia D. Pedro e comitiva. O padre Marcos, «um pouco taful» [17], dizia missa, e «às horas das diferentes comidas ouviam-se os vivas de entusiasmo que saíam das embarcações, saudando a Rainha e a liberdade». As bandas tocavam na tolda, e Mr. Bonard, cozinheiro-chefe, aquecia por igual as costas dos passageiros que dormiam ao pé da cozinha e os pitéus que apresentava a S. M. I. À falta de mulheres, dançavam os homens uns com os outros — «e eu tive a honra de dançar» com o Senhor D. Pedro «algumas vezes», refere Fronteira ingenuamente [18].

Iam ali plebeus, grão-senhores, recrutas ilhéus bisonhos, portugueses do Brasil e desvairada gente: ingleses, alemães, polacos e franceses. «Aqui apareceu um coronel Hamilton», escreve o Governo da

[13] *Ib.*, p. 427.
[14] «A Vitória e a Piedade», *P*, p. 86.
[15] Da Regência e Governo a Abreu e Lima, Ponta Delgada, 11-VI-1832, Carreira, *Correspondência*, pp. 520-522.
[16] *Apud* Carreira, *Correspondência*, pp. 522-523.
[17] Fronteira, *Memórias*, II, p. 227.
[18] *Ib.*, p. 229.

Terceira a Luís António de Abreu e Lima [19], «que diz ter sido ministro da Inglaterra em Colúmbia, e pretende servir connosco como voluntário». Aventureiro? Mas iam alegres e confiados. Ainda em S. Miguel, tinham-se recebido despachos do mesmo agente que notificavam o triunfo de Lord Grey em Inglaterra depois de um chuveiro de más novas. Os ânimos exultavam, e Angra esteve «iluminada espontaneamente por seus habitantes na noite em que lá chegou tão feliz notícia» [20]. D. Pedro havia proclamado à partida: «Cheios de confiança na protecção visível do Senhor, Deus dos Exércitos»... Era decerto o padre Marcos que entoava o *Dominus Deus Sabaoth*…

À ré dos barcos havia numeração desde um a cento e tantos, para dar aparato às guarnições. Afinal, não passavam de quarenta [21]. Mas as ilusões eram doces: «Imortal Pedro!», exclama Luna [22], «então tu e nós todos éramos felizes!» E como não haviam de sê-lo, se, à partida de Ponta Delgada, a população subia aos altos para lhes dizer adeus com os lenços[23], e as tripulações trepavam às gáveas, urrando. Os estudantes, no *Concórdia*, agarravam-se às barras do cabrestante. De resto, o alvoroço passara do secreto dos corações às cavilhas dos cascos dos navios. Lá iam, de vento em popa, a paradoxal *Concórdia,* a deusa Juno humanizada em *Amélia*, a *Coquete,* a *Esperança* e a *Prudência.* E até as naus tinham destinos românticos: a *Juno* afundar-se-ia às balas miguelistas, levando para o fundo, no seio, um papiro de Garrett — o Magriço — como outrora em Camboja naufragara o épico e *Os Lusíadas.*

D. Pedro, que, como dissera o padre Marcos no seu sermão da Terceira, «corre todas as povoações da ilha, examina os usos e costumes de seus habitantes, observa seu terreno, os recursos que pode dar» (era o político abrindo brecha na couraça do libertador), despede-se de Ponta Delgada a 25 de Junho e confirma: «Levo o importante conhecimento da fecundidade do vosso solo e do carácter e do espírito industrioso dos seus povos», chamando-lhes «bravos açorianos». E alguns, pelo menos, o eram. Se já ouvimos sobre eles os enervamentos de Palmela e poderemos ouvir no Porto as queixas dos comandos contra a timidez dos ilhéus, podíamos ter visto um recruta, na expedição a Ponta Delgada, despir a farda, atá-la pressuroso em volta do pescoço e nadar para bordo, para que ninguém lhe passe a perna [24].

---

[19] 18-IV-1832, *apud* Carreira, *Correspondência*, p. 514.

[20] Do Governo a Abreu e Lima, Ponta Delgada, 11-VI-1832: Carreira, *Correspondência*, p. 520.

[21] Soriano, *Vida do Marquês de Sá*, I, pp. 262-263.

[22] Luna, *Memórias*, p. 110.

[23] «Um prodigioso concurso de habitantes, que esperavam, apinhados pelas diversas praias e eminências» (Soriano, *Cerco*, I).

[24] *Crónica,* e Luna, *Memórias.*

Mas a expedição vai largar. Já D. Pedro, talvez pela pena de Marcos, que era o seu evangelista, proclama às tropas: «Soldados! A pátria aflita chama por vós.» [25] Soriano, então, já com as malas feitas, recebe ordem premente para imprimir o *Hino,* cuja solfa o Imperador fora trauteando em hora vaga. Nele se cantava a Carta, a «Rainha inocente», «a fida coorte», a esquadra ao «sopro galerno» com seu «trofeu bicolor». Evocavam-se os presos nas masmorras da Barra à espera de Pedro vingativo, e o estribilho mandava duas vezes fugir o «tirano» Miguel da «aflita Ulisseia», «Mesta Lísia».

> Já nas praias as mães lagrimosas
> Pelos filhos se escutam bradar...

Então, certos de que se batiam pela «causa do mundo» e de que estava com eles a pura «justiça do céu», levantavam as vozes mais convictos e o vento esgarçava a coda:

> Mas, eis régio santelmo aparece!
> Lá descora o cobarde furor,
> Cai a c'roa da fronte à perfídia,
> Treme o ferro nas mãos do lictor.

Soriano teve talvez ciúmes deste estro mais canoro que o seu. E, porque os tipógrafos tinham ficado na Terceira, meteu-se à caixa, e compôs ele próprio o *Hino* para se distribuir aos bravos. De quem era? Soriano atribui-o [26] a Luís da Silve, Mouzinho de Albuquerque, ministro que fora da Regência. Era, segundo um biógrafo dos parlamentares de 184... [27], homem com fama de sábio, um tanto excêntrico, optimista, e «mais poeta do que político». Entretivera-se na Terceira a colaborar na *Folhinha* e aí brindara Soriano com um exemplar das suas castigadas *Geórgicas Portuguesas*, que dedicara a D. Ana de Mascarenhas de Ataíde, sua mulher.

As bagagens não eram abundantes, mas o refresco pejava os paiós, e os artilheiros do Luna eram escalados por turnos para a confecção do rancho. As freiras micaelenses, sensíveis àquela juventude e peritas em pudim de grão-de-bico, tinham atulhado o *Concórdia* de «imensas condeças de doce, nossa única bagagem!, condeças que, apenas comido o rancho eram içadas [sic] para cima da tolda, e ali como em arraial de feira, o que naquelas se continha era comum para todos». Grandes rapazes! Livres da flor do ponto, que em Coimbra secara tristemente sob

---

[25] Algumas proclamações e decretos foram redigidos por Garrett.
[26] *Cerco*, I, pp. 546-549.
[27] Arga, *Quadro*, pp. 98-100.

o suão miguelista, nem por isso se esqueciam de armar «conclusões magnas» — para o que tinham até, se tanto fosse preciso, um lente em carne e osso, o artilheiro setenta, Joaquim António de Aguiar. E Luna evoca «aquelas vistosas tardes em que os navios de transporte, atraídos pela nossa continuada musicata, navegavam junto a nós, aplaudindo-se daqueles a nossa interessante suciata». Mas o bravo major, apesar da garra que põe nisto, não sente o baptismo dos poetas: «Reconheço que uma tal descrição pertence a mais hábil pena: mal pode um Soldado narrar factos, nos quais só deve entrar o agradável, que naturalmente lhe não introduza uma frase de guerra, frases que por certo não são agradáveis à humanidade.» E faz votos para que venha breve o Homero desta pequena odisseia-e, «em suma, que nem lhe esqueça o médico *Carlos Vieira* [homem a quem a mesma família neptunina, ao ouvir-nos chamar por ele, vinha à superfície dos prateados mares para conhecer o herói que tanto ocupava a mocidade académica]» [28].

As comunicações de bordo a bordo duraram toda a viagem, apesar de que, a 28 de manhã, como faltassem alguns navios e outros andassem dispersos, foi preciso fazer sinal de atravessar. Durante á manobra surgiu embandeirada a escuna do Searle, do Faial. Dois vasos da esquadra abordaram-na; e, como a *Rainha de Portugal* fosse um deles, o transporte que levava Barreiros tentou vir à fala com ela, interrogando Mouzinho e o administrador da Imprensa. Não lhe puderam responder. Mas pouco depois, bordejando junto ao *Tyrian*, souberam pelos ingleses que uma fragata da mesma nação trouxera novas de uma intentona republicana em Paris.

Amanheceu o dia onomástico do Regente, «havia pouco vento e o comboio navegava reunido». A fragata inglesa ia em gáveas e o Imperador abordou-a depois de ter jantado a bordo da *Rainha.* Ribombaram as salvas em ambas e puxou-se pelo código de sinais. Depois, reunião dos comandos da frota na câmara da nau-almirante: a fragata inglesa vinha simplesmente observar, e, ao toque de alvorada de 30, largava o pano todo singrando logo a outro rumo. Tudo parecia correr sem novidades de maior. Havia celeuma e alegria. Às tantas *post meridium*, afixava-se o resumo de observações e os clarins tocavam ao rancho.

Mas nesta casca de noz vai um mindeleiro que tem diário e que aproveita uma hora desocupada para escrever algumas notas. Está talvez assentado à beira do beliche. A pena de pato vai rapando: «30 — [...] O capitão Pombo [29] amanheceu doente com uma dor no estômago. Continuando mais forte de tarde, foi a bordo do navio-hospital onde o não quiseram deixar ficar (julgo que para se não incomodarem). Veio para bordo, deitou algumas bixas e de noite não passou pior. Refrescou

[28] Luna, *Memórias*, pp. 121-122.
[29] Joaquim José de Groot da Silva Pombo.

o vento.» O comboio dos bravos vai arfando. Voltemos a espiar o diarista: «1 de Julho. — Pela manhã, não querendo incomodar o Pombo, que eu supunha dormindo (por baixo do meu beliche) levantei-me e fui para o convés onde me vieram dar a triste notícia de que nessa ocasião já aquele bom amigo não dormia (ou antes: que dormia para sempre). O meu sentimento só eu o sei qual foi! O vento continuava fresco.» Mais um dia de derrotas que passa. A bordo tornaram a soar os martelos, e, positivamente, não é um berço o que os carpinteiros estão pregando: não consta que vão mulheres, além da saudade que anda em todos. Tornemos ao diário: «2 — Lançou-se ao mar o corpo dentro de um caixão de madeira com todo o cerimonial. O vento refrescou bastante.» «3 — Dia de melancolia. Não podia reprimir as lágrimas.»

Mas, como no barómetro, a agulha das almas andava no *variável*, e Barreiros, o nosso fiel diarista, volta ao registo seco e desenfadado da rota. A 4 «navegámos no rumo de este um quarto de noroeste e deu-se o rumo de este um quarto de oeste a este». A 5, pouco vento, novo conselho de comandos, e Barreiros à fala com a *Numa,* donde «o Amaral» lhe disse que o brigue *Mercúrio* se sumira. De amurada a amurada, os dois amigos lembraram facécias de Angra, uma ceia, mulheres... A 7, enfim, há voz de terra à vista, seriam dez e meia da manhã, pelas alturas de Viana. Mas a noite veio ainda, mandou-se atravessar, e acalmou o vento que tinha estado fresco», propiciando o desembarque [30].

É porém conveniente tomarmos uma lancha e mandar atracar ao *Concórdia.* Aqui, Luna concentra as emoções da viagem na véspera do desembarque. «Assim navegámos, até que na tarde do dia 7 de Julho de 1832 (já o Sol tinha baixado ao reino de Tétis) », «o marinheiro vigia deu parte de que avistava terra!» E diz-nos este homem que se exige «pena mais hábil», ele que até sabe a Camões!:

> Tétis, todo o cerúleo senhorio
> Tem para nós em dote aparelhado...

O brado do vigia lembra a *Nau Catrineta* de Garrett, que ele leva talvez na patrona:

> Acima, acima, gajeiro,
> Acima ao tope real,
> Vê se vês terras de Espanha,
> Areias de Portugal!

[30] Barreiros, I, pp. 202-205.

Vila do Conde à vista. Os rapazes, como se as freiras em terra lhes guardassem uns restos do doce com que iam brindando os oficiais do brigadeiro Cardoso, abraçavam-se com alegria. Alguns marinhavam aos vaus, e, não cabendo nas fardas, iam saber ao capitão Martin, comandante do brigue, a que milhas estavam da costa. «Milhares de vezes», escreve Luna, «fomos ter com o piloto do leme, e observar a ampulheta.» Lá iria também o nosso padre Ramalho, assim separado de Herculano sob o número noventa e quatro. Preparavam-se já os armões, e, para isso, talvez fosse preciso tirar da «palamenta» o «diamante de repuxo» e os «seis martelos de orelhas» que constam do mapa da força.

Entretanto, confessa o comandante, um arrepio passava às vezes nas espinhas. Era a visão do patíbulo. E Luna compara a tensão com que aguardavam o alvor da manhã aos peruanos em Quito esperando o romper do sol. Viram a estrela Vénus, depois o crepúsculo cor de leite — «gradações que a todos nós comunicavam a mais inexplicável emoção de prazer e alegria! » Os que estavam nos topes olharam a esquadra à capa: parecia um só barco a entrar a barra. Içou-se o estandarte na nau que conduzia Sartorius: troaram as salvas, fez-se «sinal para atravessar» e «safar escaleres e lanchas». D. Pedro proclamava: «Protecção aos inermes, generosidade aos vencidos.» [31]

Herculano conta a viagem maravilhosa, n'«A Volta do Proscrito», sem os precisos e pitorescos pormenores que abrolham da pena de Luna e sem as notas secamente braquigráficas do diário de bordo de Barreiros. Mas conserva-lhe o essencial de uma fenomenologia do regresso. É uma «canção» que lhe «sussurrou nos lábios», «rompendo da alma», com «os olhos nos céus» e um apelo prévio ao «silêncio»:

> Vento amigo ao pátrio solo
> Pelo mar guia o proscrito [32].

A sorte parece sorrir-lhe; mas o «rosto carregado», a «fronte torva e altiva sobre a dextra reclinou». A falta de melhores dados sobre o seu estado a bordo, temos a postura bem física do meditador nas ameias. A serenidade e a tristeza esperam vez no seu rosto para o tocarem de luz. Racionalmente, naquela alma clara, cartesiana, a alegria tende a vencer. Como ninguém sabe, a bordo, o ponto a que se destinam (nos conselhos da *Rainha de Portugal,* ao discutir-se o desembarque, houvera empate [33]), Herculano julga que a sorte o está devolvendo ao «pátrio rio», quando afinal é do Ave a primeira água que o espera. Mas não importa. Todas as veias da pátria são maternais para o proscrito. Já o

---

[31] Luna, *Memórias*, pp. 121-132.
[32] *P*, p. 150.
[33] Soriano, *Cerco*, I.

cabo que esconde
Verdes águas do meu pátrio Tejo

ficou à ré da nau. Se «a alma levam saudade e desejo», «o terror» abre frincha, como nos estudantes de Luna, e a forca miguelista — que o padre Marcos evocara retoricamente na Sé de Angra e que Herculano podia erguer à imaginação com o arrepio de quem lhe escapou — bífida, e nua, na fantasia, bailava. Ou antes, podia bailar, porque o terror prefere aqui ser outro.

Rasga as ondas do pego indomado
Leve barca; já freme o galerno:
Depõe iras o rábido Inverno:
Torna à pátria infeliz trovador [34].

Infeliz pelas agruras passadas, e ainda mais: porque não sabe (o terror é antes este) se os amores cá deixados lhe são fiéis na lembrança ou se

não irá murchas rosas
Tão-somente encontrar sobre a lousa.

E repara nos que vão a seu lado:

o nauta saúda a guarida
Aonde incólume o vento o há guiado;

adoça o rude olhar temperado pela tormenta. É «feliz»!;

em teu seio tranquilo
Pulsa em paz coração baixo e rude.

E o fado, ao passar, pôs-lhe nas mãos um calabre em vez do «alaúde» romântico.

Mas:

Já no porto a leve barca
Longa esteira desdobrou,
E ao clarão final do dia
Férreo dente ao mar lançou.
Eis as plagas da saudade;
Eis a terra de seus sonhos;
Eis os gestos tão lembrados;
Eis os campos tão risonhos!

[34] P, p. 151.

Acaba a incerteza? Os troços IV e V de «A Volta do Proscrito» são um balancete de mágoas. Até recorre ao estilo de narrar histórias infelizes:

Conta-se que o seu amor fora traído...

Mas o tema do amor mal-logrado frustra um pouco a narrativa que esperávamos do soldado vibrando a outros brios, e até do simples viajante a contas com céus e ondas. As derrotas, meteu-as estritamente em menos de dois versos:

Em breves dias
Viu-se cruzar errante incertos mares.

Fala de «além do oceano»:

Sobre a proa outra vez indo assentar-se
….....
Correu coa vista a ondas inquietasse. [35]

E é tudo. Mas nas «Cenas», cadernos gizados para aquele «ano da minha vida», já podemos colher as suas impressões do desembarque e o calor bélico que também lhe aquentava o coração. Aponta as barcas aproximando-se de terra, o silêncio quebrado pelo bater das ondas na areia «e pela pancada dos remos nos nossos batéis», a emoção da última passada do desterro nas quatro tábuas da nau, e, deixando-se tomar pela embriaguez geral, importa da linguagem liberalenga esta pequena tirada: «Vencedores ou vencidos, nossa era a glória.» Como se tivesse derramado de mais num período em que descrevia a confluência de temores e de bons agoiros daquela hora, corta-o no manuscrito. Mas escreve logo, comovido: «Saindo na praia solitária, caía-nos da fronte o ferrete da proscrição — nessa areia sáfara e deserta já víamos o céu puro da pátria, e ouvíamos o sussurro da noite nos pinhais das nossas montanhas.» [36] «Havia pois», como dissera antes, «o que quer que era de solene na saudação que fazíamos à pátria.» [37]

Para trás, que ficava? Naquele momento, apenas experiências dolorosas. Só mais tarde, ao canto do fogão da Ajuda ou da lareira de *Vale de Lobos*, chegaria a hora em que mesmo as lembranças aziagas ganham sabor e aroma..

---

[35] *P*, pp. 153-154.
[36] *Arquivo Histórico Português*, pp. 85-86 (CA).
[37] *Ib.*, p. 84.

Volve olhos lacrimosos
Aos mares tormentosos
O navegante, quando aproa às plagas
Da pátria suspirada? [38]

Não volve. E, depois, a chegada fora uma coisa homérica, uma *cena rude* e antiga. Já vimos Luna pedir «pena mais hábil» e lamentar a sua elocução de soldado, cortada de frases militares que ele supunha vazias de encanto. Lembrando-se de que leva entre os seus artilheiros Garrett, faz votos para que o Divino cante o que ele chama «nossas gentilezas» [39]; e talvez fosse desvanecido com o apelo ou ainda habituado à disciplina do batalhão, que Garrett escrevesse e lhe dedicasse o *Arco de Santana.* Mas o Arco era outra coisa. Só se ligava às recordações da campanha pelo facto de ter a acção nos muros do Porto e de derivar ficticiamente de um pergaminho achado no velho quartel dos Grilos. O que era urgente era cantar o entusiasmo do Mindelo e do cerco. «A Guerra da Restauração de 1832 a 1833», escreve Herculano a cinco anos de distância dos factos [40], «é o acontecimento mais espantoso e mais poético deste século. Entre os soldados de D. Pedro havia poetas: militava connosco o Autor de *D. Branca,* do *Camões*, de João *Mínimo*; o Sr. Lopes de Lima [41] e outros: mas a política engodou todos os engenhos e levou-os consigo. Os homens de bronze, os sete mil do Mindelo, não tiveram um cantor; e apenas eu, o mais obscuro de todos, salvei em minha humilde prosa uma diminuta porção de tanta riqueza poética. Oxalá que esse mesmo trabalho, ainda que de pouca valia, não fique esmagado e sumido debaixo do Leviatão da política. Todos nós temos vendido a nossa alma ao espírito imundo do Jornalismo. E o mais é que poucos conhecem uma coisa: que a política de poetas vale, por via de regra, tanto como poesia de políticos.»

Aos vinte e oito anos, o poeta já deixava infiltrar desesperanças no corpo ainda quente das emoções dos vinte e dois. Mas tais emoções nunca o largaram. Ao pintar Fr. Vasco no *Monge*, embebe docemente o seu caso nas recordações do frade: «Disse-vos», prosseguiu o mancebo, tomando a mão imediatamente, «disse-vos que, filho de um cavaleiro nobre e honrado, segui as armas mui moço. Há três anos, não longe da morada de meu velho pai, em Aljubarrota, pelejava eu na Ala dos Namorados por livrá-lo a ele e a terra da pátria do estranho domínio: pelejava na ala de Mem Rodrigues, porque amava a nobre donzela Leonor; e vós sabeis que Mem Rodrigues só dava entrada naquela ala aos que tinham uma dama

[38] «Mocidade e Morte», P, p. 59.
[39] Luna, p. 142.
[40] Nota a «A Vitória e a Piedade», *HC*, 2.ª série, 1838.
[41] José Joaquim Lopes de Lima.

dos seus pensamentos. Vencemos essa memorável peleja. Segui, depois, o pendão do Condestável. Passados alguns meses de recontros e pelejas, voltei à terra onde nasci. Pulava-me o coração ao ver ao longe o campanário da nossa abadia. Ia ainda ver o meu pobre pai, rezar um *pater* junto à lousa de minha mãe, abraçar Beatriz, minha irmã, tão linda!, tão meiga!, e que eu amava quase como Leonor. Oh!, e também ia vê-la a ela, que, por certo, nem um só dia deixara de se lembrar de mim; ia contar-lhe, não os feitos de armas mas as saudades do seu cavaleiro! Ribeiros, fazia-os galgar de um pulo ao meu ginete; veigas, fazia-lhas desaparecer debaixo dos pés; outeiros, obrigava-o a transpô-los como se fossem plainos. O último tinha-o descido quando o Sol, envolto na sua vermelhidão da tarde, entestava com a terra lá no horizonte. Sente-se, mas não se diz o que eu então sentia.» [42]

N'«O Mendigo», publicado em 1845, embora não cante expressamente a viagem da expedição, mas uma volta de emigrante, apelou decerto para a sua experiência marítima, e precisamente talvez para a da rota do Mindelo:

> Essa pálida praia, e esses rochedos,
> E lá no extremo os píncaros da serra
> Erma e saudosa! [43]

É aí que a vida a bordo ressurge com cor e detalhes:

> Restruge o mar cavado; o vento zune
> Pelos mastros da nau;

o pano pende das vergas, colhido, e o baixel flutua e arfa incerto. Em árvore seca, o navio na fímbria do horizonte parece uma alma penada, e sente-se à proa espadanar a espuma em sudário.

> Envolto no gibão amplo e felpudo,
> Rude piloto ao leme trabalhando
> Vela encostado;

(E logo uma nota camoniana):

> Que se não mentem cálculos, o porto
> Próximo está, dos lassos navegantes
> Tão suspirado [44].

---

[42] *MC*, I, p. 16 e segs.

[43] *P*, p. 116.

[44] *Ib.*, p. 115. «Como o navegante, que afrontando temporais desfeitos por mares incógnitos e aprocelados e chegando ao porto longínquo, quase que não crê pisar a terra de seus desejos [...]» («Arras», *LN*, I, p. 161).

Depois, o amainar do vento, o desmoronar das nuvens, o «diurno alvor» que Luna marcou na estrela da alva, e, enfim, o sol nivelando as vagas e dando largueza ao horizonte:

> Cava aragem ligeira a larga vela,
> E do cesto o gajeiro chama: terra!
> Ei-la acolá! [45]

Informes directos: no próprio dia 7 ordenou-se um rápido reconhecimento à costa, executado por Sartorius, Vila Flor, Baltasar de Almeida Pimentel e Luís Mouzinho, que relatou. E, na manhã de 8, com o mar chão cantado n'«O Mendigo», estavam resvés de terra. Às nove horas os navios salvavam ao pavilhão real içado no tope da *Rainha,* e a fragata *Stag*, inglesa, que vimos abordada ainda no alto mar pelos «prófugos» — tendo-se metido na Foz, por ser muito veleira, veio exprimir com vinte e um tiros a solidariedade tardia da Grã-Bretanha à aventura, à voz de Sir Thomas Troubridge.

D. Pedro, então, mandou Bernardo de Sá com palavras de paz a terra, a ver se trazia as tropas do Usurpador à rendição. Mas o brigadeiro Cardoso, que comandava em Vila do Conde, ameaçou o parlamentário com um pelotão de fuzilamento. Ao voltar ao cais, Bernardo «tomou uma pequena porção de terra portuguesa, que guardou na sua carteira». Era, depois daqueles «estados» de que ouvimos falar a Palmeia, e que se reduziam a umas rochas, o primeiro território conquistado para a Rainha. Cabia, como se vê, sobre o coração do paladino, que, quarenta e três anos depois (1875), nas vésperas da morte e vizinho do solitário de Vale de Lobos, se entretinha a evocar este romântico lance numa autobiografia comovedora [46].

O desembarque começou às duas da tarde. O primeiro-tenente Santa Rita, da ponte do brigue *Vila Flor*, dava ordens aos seus para que fossem os primeiros a pisar terra da pátria, e ele mesmo se adianta a cravar a bandeira nos areais do Pampelido [47]. Ninguém quer ceder aos outros a glória da primeira arrancada. Mas havia ressaca, e o Marquês de Fronteira, mandado por Vila Flor receber ordens do *Amélia*, caiu «ao mar, ficando em miserável estado e não podendo mudar de fato senão trinta horas depois» [48]. Não ficavam atrás os estrangeiros: Sartorius,

---

[45] *Ib*., p. 116.

[46] Publicado por Soriano, *Vida do Marquês de Sá*, I, p. 449 e segs.

[47] Soriano, *Cerco*, I, p. 675; Fronteira, *Memórias*, II, p. 231; *Crónica Constitucional*, n.º 1, 11-VII-1832. Vide também o movimento e desembarque de uma frota descrito por Herculano in *HP*, II, p. 34.

[48] Fronteira, *ib*.

Centurini e Rosenberg metiam-se à água até à cintura, e até o sorumbático Mouzinho da Silveira afivelara uma espada [49].

Fora preciso fazer dois tiros do brigue-escuna *Liberal* para obrigar a dispersar os postos avançados miguelistas — a que Soriano chama, pascaciamente, uns «cavalheiros». Porém às três horas o Estado-Maior estava em terra; e às seis, ainda dia claro, desembarcava o Imperador.

Às nove, apenas havia a bordo as tripulações e equipagens, incluindo os magros cavalos que os Açores, espremidos, haviam dado à remonta. Só as montadas de Vila Flor e de Schwalbach se tinham livrado do enjoo, levadas a nado para a areia [50].

É então, quando o Imperador chega a terra, que se dá a cena que faria passar sobre os sete mil e quinhentos um sopro de epopeia — «o mais belo espectáculo que tenho presenciado»[51]. O Batalhão de Voluntários da Rainha formara em coluna na praia, aguardando o Libertador. Sartorius, de pé, à popa do escaler, passa o estandarte real às mãos comovidas do Príncipe, e D. Pedro entrega-o, com uma breve arenga, à ala dos namorados da filha [52]. Herculano, que envergonhado rasurou o manuscrito das «Cenas» no passo em que escrevera — «iguais aos antigos cavaleiros combatíamos por uma dama» [53] — , descreveu aquele momento com a voz de soldado embargada, e decerto com aquele tremor de queixo que os íntimos lhe descobriam nas grandes ocasiões: «Curtas foram suas palavras e o silêncio nossa resposta. Um soldado, para isso escolhido, saiu das fileiras a recebê-la. Era homem já entrado em anos. A barba branca lhe caía no peito, avultando sobre a negridão das armas que vestia. Abraçado com o pendão o bom do velho ficou por largo espaço mudo, e as lágrimas lhe corriam pelas faces, que padecimentos e anos tinham sulcado, e um íntimo soluçar e longo choro se ouvia por todos os lados, que asselavam o juramento de vencer ou morrer. Mistério será para sempre o que em tal momento se passou nesses corações repassados de amargura: mistério mesmo agora, para os que então o sentiram.» [54]

«Um soldado para isso escolhido»... Quem era? O tom de Herculano, atirando-o para o anonimato severa e heroicamente, fá-lo supor um pária — daqueles obscuros ex-companheiros que mais tarde, despida a calça de brim, Ferrer o via saudar com alvoroço: «Eu o vi nas ruas de Lisboa, quando encontrava algum pobre artista, que tinha sido seu camarada no batalhão da Rainha e da Carta, correr a ele, apertar-lhe

---

[49] Luna, Memórias, pp. 142 e 144.
[50] Fronteira, *ib*.
[51] Fronteira, *Memórias*, II, p. 232.
[52] *Crónica Constitucional*, cit.
[53] Brito Rebelo, *Arquivo Histórico Português*, VIII, p. 87.
[54] «Cenas», *Arquivo Histórico Português*. VIII, pp. 86-87 (*CA*).

a mão calosa e até abraçá-lo.» [55] Mas não. Era D. Tomás de Melo Breyner, cavaleiro da Ordem de Malta, da estirpe dos Marqueses de Ponte de Lima e dos senhores de Melo e Ficalho, que se batera em Albuera e não tinha galões, como Herculano. A figura parece retocada, e não o está. Tinha quarenta e seis anos e, a dobrá-los, uma pequenina odisseia. O coronel Owen o diz: «D. Tomás serviu todo o tempo como alferes dos Voluntários da Rainha, tão distinto pela bravura como pelas maneiras. Deus sabe o que ele e o Conde de Alva padeceram de privações e de fomes!»[56] A promoção viera com a investidura em porta-bandeira do batalhão — episódio que uma litografia antiga reconstituí ingenuamente e que está em baixo-relevo na estátua de D. Pedro no Porto. Ficou um velhinho generoso, celibatário, vivendo no Palácio dos Caetanos com a Duquesa de Ficalho. Tinha um fraco pelos livros; e, como tinha feito com as próprias mãos história — é natural: preferia livros de história[57]. E talvez, se pudesse ter lido aquelas linhas de Herculano, experimentasse um orgulho mais límpido do que o que lhe vinha do sangue, sentindo-se, entre aqueles párias, filho das próprias acções. Fosse como fosse, Herculano é que não respeitava linhagens nem sacrificava a uma vénia o carácter sagrado daqueles tempos.

As nove da noite estavam os últimos bravos em terra e repregada a bandeira que D. Pedro oferecera à Ala dos Namorados. Palmela diz, nos *Apontamentos Autobiográficos*, que fora bordada pelas mãos de D. Maria II. Há engano. A soberana-menina bordara com efeito uma batedeira em 1828, nos seus serões de Inglaterra, mas para premiar a revolução que o 5 de Caçadores fizera em Angra com alguns morgados da terra, e que lhe dera a Terceira para a aventura ter ninho. Garrett cantara-a na sua *Vitória de Terceira*; e, talvez envolvida em gase, no gabinete de Quintino, o regimento guardara-a como penhor de fidelidade e com medo de que se evolassem os toques do dedal da Rainha. Não é natural que o Imperador despojasse aquele corpo de um troféu tão bem ganho para brindar com ele uma unidade bem-amada. Depois, Sorlano dá a entender claramente que se tratava de uma oferta feita por senhoras das ilhas — diz ele que do Faial, e destinada ao corpo que mais se tivesse distinguido [58]. Mas o Marquês de Resende, que foi camarista de D. Pedro e era homem para minúcias, afirma que as bordadeiras foram senhoras de Angra [59]. Fronteira nada adianta: escreve apenas que o Imperador dera a Breyner «o pavilhão real que o almirante Sartorius trazia na mão, quando desembarcávamos no Mindelo, e que,

[55] Ferrer, «Elogio», *Instituto*, vol. XXV, p. 553.
[56] Owen, *Cerco*, edição de Raul Brandão, p. 167.
[57] Conde de Mafra, *Memórias*, I, p. 22, nota 1.
[58] *Cerco*, I, pp. 745-749.
[59] *Elogio*, p. 26.

nesta ocasião, se tornava a bandeira daquele bravo batalhão [60] — de modo que, quem não puder aceitar a versão de Resende, deixe este caso em ponto aberto... Por decreto do 1 de Agosto de 1832, D. Pedro mandava pôr na insígnia dos Voluntários a fita da Torre e Espada, «com que por minhas mãos o condecorei no campo da honra», e que ali ficaria pendente da oferenda enquanto militasse nas fileiras do Batalhão, «oficial, sargento, cabo ou soldado daqueles tempos»[61]

Tudo isto, de mistura com o orgulho interior de quem bem cumprira o seu dever, enchia a alma de Herculano de uma flutuação inefável; e, saltando em cheio os erros dos homens e os desvios da doutrina, esquecendo os amargos de boca que lhe causava a torção do plano libertador, nas horas de alheia acusação ou de risadas escarninhas defendia o passado em bloco, tomando-o pelo lado emocional, gregário, que se simbolizava no desembarque. Considerava-se «um velho mindeleiro»; e não seria ele o criador da palavra, mas ninguém a empregou com mais galhardia e ternura. Já adiantado em anos, escrevia a Jaime Moniz: «Meu cunhado, o general Galhardo, dirigiu à Câmara dos Deputados um requerimento sobre pretensão que me parece fundada. É um velho mindeleiro, exactamente como o cunhado. O mindeleiro é, em regra, olhado com certo desdém colérico pelos homens novos, e a Câmara é na sua grande maioria composta por estes homens novos. Não lhes levo a mal essa espécie de zanguinha aos mindeleiros, que os privaram, creio que irremediavelmente, do regalo de serem açoutados pela mão do carrasco, através das praças e ruas, ao primeiro pio que dessem contra os direitos do altar ou do trono, chuviscados do céu. Receio, pois, pelo meu colega na asneirada de Mindelo.»[62] Com Oliveira Martins também finge rir-se da «asneirada», mas com este riso de senhor que, dando punhados de ouro, simula ter dado bagatelas. A Paulo de Morais, nas cartas sobre «A Emigração», em 1875, explicando o seu cartismo fala «nos sete mil e quinhentos loucos do Mindelo»[63]; e a Bulhão Pato, declinando o convite para uma viagem ao Minho com fundamento nos seus achaques, escreve a 3 de Dezembro de 1876: «Os homens de 33 têm quase desaparecido: os que restam estão na fileira esperando a sua vez. Desenganem-se de que eles não prestam para mais nada.»[64] Porém onde o aferro ao passado mais insubordinável parece, é quando responde a Barros Gomes, em 1876, um ano antes da morte, com esta tirada de relapso impregnada de bonomia: «V. Ex.ª deve achar-me

[60] *Memórias*, II, p. 320.
[61] *Crónica Constitucional*, n.º 36, 25-VIII-1832.
[62] *Apud* Gomes de Brito, *Alexandre Herculano*, pp. 75-76.
[63] *OP*, IV, p. 290.
[64] Carta de Vale de Lobos, publicada na *Revista de Guimarães,* XXXV, 1925, p. 8.

um desalmado ímpio. Que quer de um velho soldado do Mindelo?» [65]; ou quando, perante os sintomas de reacção congreganista, em 1858, no *Manifesto* […] *ao Partido Liberal Portu*guês[66], escreve, embargado, esta vibrante proclamação: «Velhos soldados do Duque de Bragança, sois já poucos para defender as suas cinzas; sois ainda sobejos para morrer ao pé delas. Soldados do Mindelo, rodeai o túmulo do Imperador!»

Acabara o prólogo, maior do que os actos subsequentes, do drama libertador. As divisões foram bivacar a Pedras Ruivas, ficando somente as tropas que haviam desembarcado às nove horas. Anoitecera; e Herculano descreve nas «Cenas» os batalhões dispersos pela praia, os sarilhos lampejando à claridade das estrelas (era em Julho, e o calor na marcha para o Porto[67] faz supor noites diáfanas), os soldados vagueando cansados dos dias de bordo. «Ao longe, à entrada do bosque, erguia-se uma habitação campestre.» Vem o apetite da paz. «Junto dela alguém acendera uma fogueira, cujo clarão batia nas feições ásperas e carregadas da soldadesca apinhada de roda do fogo. Era este um quadro digno do pincel de Rembrandt.» [68]

O manuscrito das «Cenas», como os pergaminhos imaginários que mais tarde serviriam de pretexto às novelas medievistas, tem uma clareira aqui. Também no bosque havia clareiras onde passaria apenas a cintila fugaz do lume que reunia os soldados. Não se aqueciam, porque era sazão da estiagem; mas, à falta de lar, criavam aquele simulacro de conchego, que custava tão pouco a sustentar.

O capítulo VIII diz isto apenas: «De um teso, por cujo cimo passava a estrada, descobrimos os campanários e os edifícios mais elevados de uma grande cidade — era o Porto. Ali estavam todas as nossas esperanças.» [69] Eram 9 de Julho e os relógios batiam a uma hora. Schwalbach, à frente da Divisão Ligeira e aproveitando a fuga da brigada de Cardoso para o Minho, tinha tomado Tróia pela Rua de Cedofeita e arrastava o carrasco pelas ruas. Gente do povo empunhava bandeiras da Terceira, e uma ou outra senhora, cheia de laços azuis e brancos, acenava aos libertadores.

---

[65] *C*, I, p. 59.

[66] *OP*, II, p. 308. Mas Afonso Domingues, cego, diz a D. João I que «um soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma medalha» («Abóbada», *LN*, I, p. 278). Aljubarrota e Mindelo são para Herculano equivalentes.

[67] Luna, *Memórias*, p. 146.

[68] «Cenas», *Arquivo Histórico Português*, VIII, pp. 87-88 (*CA*).

[69] *Ib.*, p. 88.

O POETA E O ISOLAMENTO: ROBERTO DE MESQUITA *

Tomo aqui a palavra «isolamento» no seu sentido etimológico: solidão de ilha. Um homem numa rocha e em volta o mar. Foi nesta equação que naturalmente se encontrou o poeta Roberto de Mesquita, de quem decerto nenhum dos bons conhecedores de poesia portuguesa ouviu falar, pela simples razão de que o único livro que deixou, *Almas Cativas*, foi pobremente publicado em 1931 num opúsculo de capa cor-de-rosa, em papel amarelento e tipo gasto, sem sedução nenhuma. Um opúsculo que bem podia ser um «Relatório e Contas» [1].

E não só por isso; também porque Portugal deixa correr a enxurrada dos seus livros de versos sem qualquer aparelho para filtrar poesia. Ainda se a moda ajuda, se o autor sabe lançar o seu produto, se uma roda sincera ou *snob* se forma, bem! Mas como é que tais coisas haviam de tocar a este escrivão de Fazenda da ilha das Flores, que morreu inédito, e passou uma vida inteira — 1875-1924 [2] – a fumar, de bengala aos ombros, à borda do Gulf-Stream («*Spleen*»):

> Fumo e passeio, a chuva cai, ninguém
> passa na rua; e ao choro do beiral
> sucedem uivos do Nordeste. Vem
> desta plúmbea manhã um *spleen* mortal...

Mas é sobretudo no soneto «Gethsemani» que Roberto de Mesquita dá a sua trágica desolação, o insulamento do seu ser vago e

---

* In *Revista de Portugal*, n ° 6, Coimbra, Janeiro de 1939; in *Conhecimento de poesia*, Bahia, Publicações da Universidade da Bahia, 1958; 2.ª ed. Lisboa, Ed. Verbo, 1970.

[1] A edição deve-se ao carinho da viúva do poeta, senhora D. Maria Alice Lopes de Mesquita, e aos cuidados do erudito faialense Sr. Marcelino Lima, que a acompanhou de um «Comentário». O que dizemos da apresentação gráfica significa apenas que o livro apareceu com pobres recursos. [Esta nota e as seguintes são do autor].

[2] Estas datas extremas da vida de Roberto de Mesquita são dadas sob reserva. Assim mas comunicou, com os outros dados biográficos espalhados neste ensaio, o Sr. Urbano de Freitas, patrício e companheiro do poeta nas horas mortais da ilha das Flores. Foi o Sr. Carlos Pinheiro, outro amigo de Roberto de Mesquita, quem me pôs em contacto com o Sr. Urbano de Freitas. Ambos têm pela memória do poeta um culto sincero, que me foi grato surpreender numa conversa de telefone entre os dois, da Rua Augusta para a Estrela, à hora em que a maior parte das comunicações feitas no automático de Lisboa não eram certamente para falar de ossos escondidos no mar — e sobre versos, o que é muito pior!

perdido numa terra que é metade água e pressão atmosférica noutra metade vulcânica em que o homem vegeta:

> Por esta noite de céu baço e sem luar
> a alma das coisas é viúva e taciturna.
> Nada na opressiva estagnação nocturna
> um sofrimento esparso, um avulso pesar...
>
> Que profunda tristeza o Imóvel acomete
> sob este céu de chumbo! Eu sinto suspirar
> e julgo ouvir-lhe a voz dorida murmurar:
> «Minh'alma está desamparada no Olivete!»
>
> Deserto todo o burgo. Eu divago através
> de quelhas negras, de uma tétrica mudez,
> sob o agoiro dos céus cinzentos e pesados,
>
> a alma afogada na maré da desesperança
> anónima, que inunda a noite bruna e mansa
> e me oprime como os sinos a finados...

O leitor vai ter paciência para este meu desalinho. Eu antes queria transcrever que tresler. Ou fazer um ensaio verdadeiramente denso sobre a poesia deste homem — poesia que é para mim, até nova ordem, a melhor imagem da dispersão e sonolência da vida nos Açores, um perfil difuso e abúlico da açorianidade — ou mostrar ao leitor, tirados do folheto cor-de-rosa, os poemas e passos de poemas que é urgente salvar e pôr em circulação. Meses, senão anos, tenho levado à espera do assento interior necessário à arrumação das minhas ideias sobre este amigo póstumo, que nos próprios Açores ninguém conhece ou louva. Porque ele exprimiu em parte uma coisa que todo o ilhéu gostaria de dar antes da morte: a angústia e doçura de ser Robinson no mar.

Há dois anos e meio fui às ilhas. Havia dez anos que estava para cá. Fui passar umas semanas, como de costume, ao Porto Martim, aldeola de lava onde medram a custo o pitosporo e a vinha. Falo do caso para pôr o leitor comigo numa situação que seria a de Roberto de Mesquita, com a pequena diferença de que Santa Cruz ou as Lajes das Flores têm talvez mais casas, e as casas formam urbanamente quelhas:

> as quelhas negras, de uma tétrica mudez,
> sob o agoiro dos céus cinzentos e pesados...

O sentimento de que alguma coisa foi abolida ou suspensa sai de nós e parece tornar-se o próprio meio: é isso que desenha os montes, perfila as coisas e os homens vagarosos, desvia um pássaro de um ramo

para outro e estende o mar. Encha-se esse sentimento de abolição com tristeza ou com simples atonia, *esteja-se* (por assim dizer) dentro dele desesperado até à morte ou alegre de uma alegria sem tónica, sem . crescendo nenhum. É esse o «estado de alma» açoriano («De Longe»):

> Esquissos vagos, serros esfumados,
> com que mágoa vos vejo desmaiar!
> Com que saudade os olhos vão beijar
> vossos contornos já tão apagados!...

Aqui está Roberto de Mesquita e a sua perdição, um homem abafado por uma nuvem triste e quente.

Haveria que vê-lo em carne e osso, no estado civil e no condicionamento social, nas circunstâncias geográficas, para se entender um pouco melhor esta sua poesia de Monte Olivete, sem verdadeira agonia cristã mas cheia de todo o isolamento, de toda a cinza dessa suprema forma de apartamento humano. Eu digo que, se a poesia de Roberto de Mesquita é importante em si mesma e no que representa adentro do simbolismo português — sua atmosfera literária –, lhe dou ainda uma significação regional muito ampla e, assim, é preciso que quem a queira entender veja como este homem está na terra que o inspirou.

Uma terra que é mais de metade mar, pois que numa ilha pequena como as Flores o *habitat* é realmente uma certa plataforma de terra com culturas e casas em cima, e um grande disco de águas próximas, de águas territoriais, onde está o peixe que se come e o barco que o pesca, a maior parte e as principais propriedades do ar que se respira, e, com o horizonte que se vê (de quando em quando, um veleiro romântico ou um grande paquete, medida das nossas ambições), a cor que nos passa à alma.

Socialmente, já se vê que uma grei assim tão confinada não pode ter grandes exigências... Estão-lhe vedados os grandes meios de comunicação, no sentido mais largo que isto tem. Nem transatlânticos (passam ao alcance de óculo, como uma negaça ou um escarmento), nem expressos, nem aviões. Um zepelim que cortasse o céu das Flores (e creio que já lá passou um) provocaria uma excitação tão grande, uma sensação de singularidade tal, que todos os inventores da aeronáutica estremeceriam de glória em suas covas: pois eu creio que os produtos do engenho humano são muito mais para a gente admirar que servir-se deles... Ora, ninguém sente mais uma coisa que tem em si mesma a liberdade de colocação do que um ilhéu de ilha pequena. O mar é livre de se mover: não de mudar de sítio. O ilhéu morre de mobilidade numa *situação* perpétua.

Mas, se as ilhas pequenas dos Açores são desprovidas de grandes meios, o seu grau de sociabilidade é grande. O isolamento força-as a

arranjar um mundo abreviado. As pessoas principais da terra são sabidas em tudo; o pescador e o homem do campo tornam-se mais perspicazes do que os habitantes de serra e vale do continente, às vezes a dois passos de grandes centros civilizados. Dobrado sobre si mesmo, o ilhéu tem de ser inventivo, suprir o seu racionamento (filho da solidão geográfica) por uma vasta virtualidade de que dota as coisas — especializando, por assim dizer, o que é particular num exercício geral, o que é privativo de uma, função em várias funções convizinhas.

O aspecto cultural da poesia de Roberto de Mesquita não poderia explicar-se sem esta sondagem rapidamente feita à atmosfera e ao meio ilhéu. Já veremos a que escola poética pertence a mensagem deste homem: um simbolismo em que portuguesmente se encontram Baudelaire com Verlaine, e a que algumas notas da metafísica de Antero e do seu timbre poético cortam o preciosismo — sem falar no sentimento da solidão atlântica, que esse, como já dei a entender, é que faz de Roberto de Mesquita um poeta original e duradoiro. O que vamos ver agora é a condição de vida do poeta, aquilo que dá preço e nobreza à sua obra, sem sombra de carreira literária.

Seu pai era pagador de Obras Públicas e advogado de provisão. É um tipo de profissão geminada, que documenta o que eu disse a respeito da contextura da sociedade nas ilhas. Mas há mais. Este pagador e homem de justiça é pequeno proprietário e pessoa da nobreza da terra — uma nobreza, já se vê, sem lustre nem feudos. Em todo o caso, gente de algo, estes Mesquitas Pimentéis das Flores, com ramificações na Terceira, muito dados às letras. Alfredo de Mesquita, cronista alegre do Chiado, viajante das *Cartas da Holanda* e da *América do Norte*, homem criado na estética salubre de Ramalho e na roda de Fialho, amigo e biógrafo de João Chagas, hoteleiro em Paris para ganhar a vida e esconder a sua sensibilidade e o seu mistério — é o autor mais conhecido da família. Nem lhe faltam senhoras cultas: a mãe de Alfredo de Mesquita, que fazia versos e fundava cozinhas económicas; D. Maria de Mesquita, esposa do grande humorista Câmara Lima; sua filha, D. Marta de Mesquita da Câmara, excelente poeta.

Mas o espírito mais profundo deste clã letrado é Carlos de Mesquita, irmão de Roberto. Carlos de Mesquita formou-se em Direito, foi professor do Liceu de Viseu. Não o conheci; mas pelo que dele me contava Manuel da Silva Gaio e por um pastel de António Carneiro que está numa sala de aula da Faculdade de Letras de Coimbra, onde acabou professor, parece-me homem melancólico, torturado por não sei que falha íntima ou escrúpulo pior que uma falha: uma pêra à Guise, um cabelo de cirurgião, e este cair das feições no perfil que me parece o sinal de concentração amargurada.

Suponho que essa depressão lhe viria, à parte as razões de temperamento, da consciência de uma expressão literária difícil, sem fluência, pois tentou vários géneros sempre de maneira tímida e pouco espontânea, mas em que se sente uma alta qualidade espiritual e sem dúvida alguma uma ânsia. Os poucos poemas de Carlos de Mesquita que conheço são de um surto pouco directo, e de uma glacialidade tanto mais trágica para o poeta e para o leitor que está sentindo o suor do seu esforço, quando é certo que recobre uma alma viva, um ser no cativeiro. Mas, se a sua poesia é um balbuciar, ou mesmo um equívoco, a sua crítica foi do melhor, se não o melhor que deu a geração simbolista. Com Manuel da Silva Gaio, foi ele o explicador dos primeiros livros de Eugénio de Castro, o intérprete de muita novidade poética que se recebia de França com mero alvoroço diletante e que ele penetrava com a sua intuição criticamente forte, de uma força que era a desforra de não criar ou criar com defeitos, criar «morto».

À sagacidade inata que tinha para as coisas literárias juntava-se a sua inteligência cheia de poder e uma cultura correspondente, este saber ao mesmo tempo ascético nos seus modos de aquisição e subtil na economia espiritual em que entra, que não é precisamente o tipo do saber dos nossos homens de letras. Germanista, mas sobretudo anglicista; autor de um *Romantismo Inglês* sólido e pessoalmente perspectivado.

A angustiosa solicitação poética de Carlos de Mesquita vai ter uma espécie de resposta de sangue na obra do irmão. Eu vejo em Roberto a efusão lírica, a disponibilidade de sonho, filha de uma inteligência inaplicada ou submersa em *rêvasserie*; a vocação de artífice, pronta a servir o decálogo formal de um simbolismo pontificado por Eugénio de Castro, mas nunca tão de oficina ou tão fria que não fosse avassalada por uma verdadeira voz de poeta, velada e chorosa, preocupada em bem chorar (lapidar lágrimas) — mas sobretudo velada, sobretudo muito ferida: «Como um esquisso vago e doce, o Outrora passa» (poesia «Ancestral»); «desmaia a voz da vida lentamente» (poesia «Tarde Mística»), e outras notas assim esbatidas. Quanto ao ferimento da alma de Roberto de Mesquita, visto que é um ferimento gostoso da própria dor, uma mágoa ressentida, não pode ter explicação nos simples dados naturais de todo o poeta, que é por definição um ferido, mas sim numa espécie de fraqueza esteticizada, numa cobardia voluptuosa de sofrer.

Uma longa nota como esta que estou fazendo precisaria de ser amplamente antológica para se resgatar da linha volúvel que leva[3]. De

[3] [Relendo agora — 1970 — este pequeno estudo, publicado pela primeira vez, lá pelos anos 30, na minha *Revista de Portugal*, não posso deixar de sorrir a esta autocrítica da «volubilidade». Com efeito, o pobre do escrito revela uma «candura», uma suficiência estranhas em anos já tão pouco verdes... Seja como for, não enjeito o feito, que até me comove, ou quase, por certa subtil simplicidade que infelizmente perdi...].

mais a mais, Roberto de Mesquita tem a sua obra na sombra; ninguém o leu. Por isso não desejo retardar a minha contribuição para o seu conhecimento.

Haveria que pôr aqui o problema do poeta sem Graça, mas com o violento travo do pecado na boca, para o opor ao caso de Roberto de Mesquita, que é mais um caso de melancolia que de dor. O poeta ferido a fogo de inferno é Baudelaire. Roberto de Mesquita conheceu Baudelaire. Di-lo o seu editor, um erudito das coisas e pessoas da ilha do Faial, o sr. Marcelino Lima. Mas, de Baudelaire, Roberto de Mesquita aprendeu pouco: talvez a sinceridade poética compreendida em novos termos, o tirocínio de uma expressão o menos convencional possível. Mais longe não vai. Um sentido de beleza ainda visual, concedendo demasiado à melodia e ao carácter «parado» do mito do belo, aperta a poesia de Roberto Mesquita num aparelho verbal cuidado, de gama já desusada na sua época. Mas é preciso abrir-lhe já um crédito quanto à linguagem poética. Este simbolista formado no cânone de Eugénio de Castro foi buscar grande parte dos seus temas ao Verlaine das *Fêtes Galantes* (leitura também recenseada, por Marcelino Lima), e, com os temas, a sua *détresse* atenuada, recoberta por uma atitude e um lançamento elegantes. Desconheceu a ingenuidade lírica de António Nobre; quase não há efusão lírica, apesar de haver alguns sinais de amor nos versos que deixou. Mas o seu equilíbrio expressivo era grande: desprende-se da sua poesia, apesar do tímido compromisso que toda ela é, uma tristeza suficientemente caracterizada, enfim uma voz bastante dele — além da mensagem de isolamento açoriano, que creio ser o seu valor principal.

As *Almas Cativas* significam: coisas e pessoas doridas na penumbra, prisioneiras da ilha, geográfica e da ilha que está em todo o homem, que configura todo o homem. De uma vez, chamam-se *Almas Penadas*, em dois sonetos. No primeiro, as almas estão no poeta, são as sombras do seu passado humano, os mortos que expiam as culpas misteriosas no «tenebroso e vestusto solar». Evidentemente, está aqui um «tema», uma tónica de escola, literária, a que Roberto de Mesquita procura dar os seus acordes. Em poemas como este, o fundo é bastante forçado pelo molde puramente estilístico. Mas já no segundo soneto, apesar de haver também «tema», e tema verlainiano — tédio de festa –, a voz é bem a de Roberto de Mesquita, e a sua harmonia admirável:

> O *cotillon* final. A orquestra sonolenta
> parece bocejar. Carnaval encerrado.
> Lá fora uma manhã chuvosa, macilenta,
> começa a abrir-se sobre o burgo amodorrado.

Ondeia a multidão das máscaras, tentando
em vão deter ainda um raio de alegria
que das almas se vai pouco a pouco escoando,
ao passo que o cinzento, o bilioso dia,

como maré de tédio, invade as amplas salas...
E pagens, arlequins, bobos, pierrots, zagalas
vão, numa languidez que o seu cansaço atesta,

dançando sem prazer o *cotillon* moroso...
Não conheces, minha alma, este encerrar de festa,
a um bruno acordar de dia pluvioso?

Entrou nesta rigorosa estrutura, como no seu verdadeiro vaso, todo o licor de uma solidão pessoal. Está aqui um tédio datado pela literatura e pela maneira de entediar-se que tinham os homens do tempo de Roberto de Mesquita (talvez com um pequeno atraso), mas está o tédio individual dele e o tédio da sua grei e do seu meio, a ilha e o seu *azorean torpor:* aquela «manhã chuvosa e macilenta» que abre na modorra da vila, «o cinzento, o bilioso dia» que não é de céu algum senão do céu dos Açores. «Não conheces, minha alma...?»

Agora é que eu queria ver se não perdia o fio deste insulamento que Roberto de Mesquita deu numa espécie de psicologia meteorológica, soldando estritamente ao clima as suas variações de humor. «Uma crepuscular penumbra permanente / empana as formas» (poesia «Relicário», II). Não há aqui margem humana nenhuma: tudo se fez meio — «grau de humidade», como nos boletins dos postos meteorológicos que, das torrinhas barrocas de antigos colégios de jesuítas adaptados à previsão do tempo, avisam a navegação a uma Europa quase tão longe como a América, uma Europa que pergunta a umas pobres ilhas portuguesas quando e donde é que há vento.

Entre as formas empanadas — como Antero entre «as formas incompletas» de uma metafísica que talvez também lhe fosse ensinada pela sua ilha — está Roberto de Mesquita com a sua papelada de escrivão de Fazenda, ora em Santa Cruz, ora nas Lajes das Flores, ora no próprio Corvo, no último isolamento, no mais sózinho e chegado a céu e mar, no que obrigou Raul Brandão a perguntar, ouvindo um sino cristão tocar por si: «Que vim eu aqui fazer?» (*As Ilhas Desconhe*cidas). Aí se entretém passeando de bengala aos ombros, tratando das suas matrizes prediais (era um excelente funcionário), esquecendo-se até do seu nome de poeta numa lista de comissão municipal do Partido Democrático...

Está desterrado e diminuído; o que lhe consentem pensar e construir — estagnou. São as suas *fêtes galantes* o que o recreia e paralisa. E com que prazer sentiria que os temas de Verlaine, recebidos num livro

talvez mandado pelo irmão do continente, ou pelo seu patrício António Maria de Freitas, redactor de *O Século*, se podiam adaptar às casas de morgados das Flores, aos vestidos de baile velhos que veria na Horta e em Angra, no tempo do Liceu (e a Horta servia de Paris, num aperto...), aos raminhos de flores secas, aos pianos coxos adaptados a cravos de evocação!: «E eu sinto o coração exilado e oprimido / nessa solene estagnação de antiguidade» (poesia «Relicários», I).

Foi a ouvir um desses cravos reais ou literários (a autenticidade do que ele sente não depende de cravo algum), que lhe saiu isto («Nocturno», II):

> Como me vibram n'alma o lastimoso vento
> desta cendrada hora,
> e essa triste canção de um lânguido andamento
> que se recorda e chora!
>
> Minha alma, donde nasce a mágoa que te invade?
> Que Éden sentes perdido?
> Oh! esta cheia poderosa de saudade
> sem alvo definido!

A importância destes versos na mensagem de Roberto de Mesquita seria enorme se o estado de alma que traduzem o tivesse levado a uma exploração profunda e afoita das causas, mesmo só emocionais, desse estado. Claro que o valor deste pedaço de poema é indiscutível. Roberto de Mesquita atinge aqui uma grande altura poética: os meios de expressão e a coisa expressa batem um auge; tudo quanto é dó domínio da arte foi conseguido. Mas há neste grito, nessa «cheia poderosa», uma indicação não prosseguida, um apontar em certa direcção a que o poeta se negou. Toda a poesia de Roberto de Mesquita responde evasivamente a uma angústia reiterada, detém-se na verificação e na fraca fenomenologia da tristeza mortal que ela lhe traz. É uma tristeza emotiva, quase climatérica, que aflora uma alma entorpecida pela humidade dos Açores. Mais um passo — e este singular simbolista, que mostra por baixo dos seus vestidos rítmicos a sombra de uma preocupação metafísica que foi quase alheia à escola, teria realizado a fundo o tipo do poeta que se interroga, que «faz da sua dor um poema», não no sentido de se livrar dela emblezando-a, mas de se libertar por ela, de lhe explorar o clamor procurando entender o que é que ele diz.

É neste ponto que a inspiração de Roberto de Mesquita o abandona. Não se torna a levantar na sua obra interrogação igual à deste «Nocturno» em que a grossura da vaga de mágoa rebenta na pergunta «donde nasce?», e em que a largura das zonas do ser que foram comovidas e abaladas postula a certeza de que está para trás um «Éden

perdido». Dir-se-ia que o murmúrio de uma fonte de graça se apagou aqui, antes que ela se desatasse e corresse; o «Nocturno», que esteve a ponto de ser cristão, desfechou num «Nocturno» de Chopin.

A característica deste poeta é, pois, um verdadeiro romantismo de alma, e precisamente um romantismo musical, do módulo Chopin. Se há na sua obra muitas composições sobre temas «antigos», concebidos à Leconte de Lisle (e são essas a parte menos viva do livro: «Agag», «Natan», «Tabita», outros temos orientais e helénicos), a lição de parnasianismo atenuado que lhe deu Verlaine mostrou-se mais adequada à sua propensão para uma espécie de arqueologia da saudade exercida através da sugestão musical dos «velhos tempos». Os móveis do século XVIII, os vestidos guardados nos armários da ilha, «os saraus sepultos num saudoso outrora» convidam-no a uma evocação que é refúgio da sensibilidade recalcada, desgostosa das Flores do triste escrivão de Fazenda. A sua poesia é por isso uma calma das coisas», como ele próprio chama a uma das partes do seu livro. Uma «alma das coisas» «cativa», insulada.

Desta «alma das coisas» antigas Roberto de Mesquita passa à das coisas da natureza, a uma alma segundo Lucrécio. E é aí, no tratamento das formas da terra e do mar, na aparência baça da ilha, que ele verdadeiramente se encontra. Numa «Tarde Sonhadora», «o mar entorpecido» «tem um cântico monótono que embala», «um como que nostálgico gemido» que lhe fala do Ausente e do Além. Roberto de Mesquita, por uma espécie de falsa afinidade com Antero — que era antes um desejo de «ser como», uma imitação excitada talvez pelo facto de ser o autor dos *Sonetos* um poeta açoriano, e portanto um precursor na sua peregrinação através da «crepuscular penumbra permanente» das ilhas –, importou dele não só o título da sua obra, *Almas Cativas*, mas «o Imóvel» — variedade do Inconsciente de Hartmann, tónica da Poética anteriana, que a Roberto de Mesquita pareceu a melhor encarnação do *pathos* insular. Daí uma tendência pronunciada para personificar tudo: o Outrora, o Hoje, o Ausente, o Além; o Imóvel e o Nada, típicamente anterianos; o Abolido, que lhe vem talvez literariamente dos lados de Nerval; e até uma «pessoa dramática» criada pelo seu próprio confusionismo, um «Morrente» formado linguisticamente por atracção de «poente» e com o qual ele exprime o seu pôr-do-sol interior, o seu sentimento da dissolução na noite.

É certo que às vezes diz coisas como esta: «neste esvair de luz que doce exala um mágico amavio indefinido («Tarde Sonhadora»). E certo que o seu «clima» dos Açores não é só «este céu de burel» do «Spleen», o «bilioso acordar das perspectivas» da «Alvorada Saturniana» (ainda Verlaine), senão também a humanidade bucólica e pastoril das Flores, ilha de prados e de sebes cortando a aspereza vulcânica, ilha de

hortenses, que por alguma coisa Diogo de Teive, que a descobriu em 1450, de volta dos mares da Terra Nova, chamou «das Flores»:

> Mugem num tom suave os bois pelas colinas;
> afogam-se na sombra os contornos distantes...
> Paisagem vesperal que palpitante espia
> a estrela do pastor, que já no azul flutua...

Mas, se traça este quadrinho rústico, se gosta do «aroma de matos e de prados» («Tarde Mística»), e de «uma manhã de Abril cheirosa a campo, a trevo» («A Bruxa»), é para logo perguntar, num encontro de amor raro na sua obra («Vesperal»)

> A saudade sem causa, a vaga nostalgia
> que enche como um perfume este apagar do dia
> gerou-se na minha alma ou acordou na tua?

Claro que, apesar da incerteza de fontes desta «saudade sem causa», apesar do vago do lugar onde ela se sente correr, neste enlace de amor travado na ilha pastoril «a vaga nostalgia» é decididamente gerada no coração deste poeta tão abúlico e tão pouco namorado que, mesmo no amor, prefere o contraponto triste das coisas, que estão em volta, à absorção sem reservas nem distracções no amor mesmo.

O meu informador biográfico dissuadiu-me de procurar fortes determinantes femininas na inspiração de Roberto de Mesquita. Pintou-mo como uma pessoa aérea, inapetente, inactivo apesar de funcionário escrupuloso (inactivo para tudo o que não fosse uma obrigação profissional que tinha muito de mecânica), e tão distraído que, numa terra de noites compridas, nem queria saber de cartas de jogar... Amigo de conviver, de «dar a volta» das Lajes, enchia o passeio de grandes silêncios. [António de Medeiros Gouveia, meu amigo fraterno, conheceu-o bem.]

Roberto de Mesquita é o próprio a revelar-nos a sua taciturnidade de feitio, precisamente sob forma de acusação de uma amorosa. A «esplêndida indolente» acusa o «eterno silencioso» («Janela da Bastilha»). Recolhido, todo ele era nervos, atreito a grandes explosões de temperamento — contrapartida natural de um humor introverso, «alma onicoeva» que suporta dificilmente os reptos do presente e do actual, e que até para amar se esconde no passado («No Parque»):

> Como a minha saudade ia pedir ao seio
> dos bosquezinhos das penumbras, um abrigo
> contra o banal presente — o áspero inimigo
> do nosso fino amor que já tão tarde veio!

Depois, Roberto de Mesquita era um curioso do espiritismo, senão espírita ortodoxo. Ainda aqui o seu sonambolismo faz lamentável prova: a «alma cativa» tentava evadir-se, transmigrar.

Espiritualmente, a sua poesia acusa uma religiosidade difusa, certamente esvaziada de uma antiga formação católica que aliás quase não deixa vestígios, a não ser que consideremos como tal certos temas bíblicos tratados fracamente, e que a atmosfera literária em que a sua obra se cria explica muito melhor. As poucas preocupações metafísicas que pode ter encostam-se a Antero. Os *Sonetos* ensinaram-lhe «o espírito incógnito de tudo», «o caos das formas indistintas», o Nada, «o portal tenebroso do Não-Ser» («Rolando o Abismo»). Foi Antero que o levou a sentir que no murmúrio de um pinhal da ilha das Flores «se aflige a desesperança universal»; que «na tarde de veludo» erra

> uma alma que se aflige, esparsa em tudo,
> um ser espiritual que não descubro.

Mas o «ser espiritual» é feminino; há um *tour de passe-passe* da metafísica à erótica... A sua inquietude não aguenta o tom inquieto; resolve-o num panteísmo de termos simples e num lirismo sem pretensões.

> Como encarais a Noite, a Noite augusta,
> a estranha mãe da sombra e do mistério?

é uma tentativa baldada para explorar «A Alma da Noite». De modo que o vocabulário anterior fica de quem era, resiste a temas como o I de «Universalidade», em que se trata de saber se as coisas «permanecem num sonho tenebroso»:

> Quando as vozes da vida desfalecem
> e a paz é triste e vasta como um mar.

Mas a influência de Antero em Roberto de Mesquita não é tão inassimilável que não dê, frustrada a questão de essencialidade com que abre este soneto, os seus belos tercetos de resignação ao simples entender afectivo («Universalidade»):

> Enquanto se detém o vosso olhar
> à tona dos aspectos, impotente,
> no âmago de tudo, claramente,
> eu descubro um espírito a cismar.

Deleita-se a minha alma a respirar
os afectos das coisas: a dolente
nostalgia dum serro olhando o mar,
a oração das paisagens ao morrente...

Sim, eu respiro como essência estranha
a orfandade que exala uma montanha
quando o outono a junca de destroços.

E esses casais, dispersos pelo monte,
sinto-os pensar, cravando no horizonte
os seus olhos humanos como os nossos.

Como sempre, é a solidão da ilha, a longitude açoriana coroada de gaivotas, o marasmo das vilas da ilha das Flores cujas ruas e «canadas» dão a medida do que seriam as quelhas de Sião para Marco Túlio («A Crucificação»), o estímulo e a autenticidade da poesia de Roberto de Mesquita. Raramente («Malditos»):

Sinto agora bem longe o tédio familiar
– o pântano onde esta alma entorpecida bóia.

A regra é que a sua alma beba «essa saudade avulsa» «que dimana da noite assim como um relento». O seu estado normal, ao mesmo tempo lírico e civil, do poeta e do escrivão de Fazenda, é «entre prédios sem luz, de um ar soturno e morto» («Nocturno», II). «Debruçado à janela, fumo e cismo.» Fuma ouvindo a chuva, o nordeste ilhéu, a «alma do Inverno» («Vesperal»). Também, quando ama, fuma e entristece: «Na tarde em que te foste, o céu era cinzento» («Remember»), e o seu único desejo é que a noite estagne e envolva a alma, que se fixe «a doçura dos dias apagados» («Epifania»): «voga um pungente adeus no entardecer» («Rondó do Outono»).

A esta solidão negra, enfastiada, em que todos os perfis estão embaçados e se ouvem as vozes em surdina, só um raro momento de amor faz uma aberta graciosa, com uma discreta nota de cidade açoriana ao escurecer. Ainda assim, a trégua precisa de um parêntesis no desterro; o soneto evoca certamente os tempos do estudante em Angra («Idílio», I):

Entrámos já de noite na cidade.
Silêncio, estrelas, uma aragem viva...
Impressionava-me a noite evocativa
de não sei que bafejo de saudade...

Ladravam os cães ao longe. Fugitiva,
uma estrela riscou a imensidade,
através da nocturna soledade
tu ias a meu lado pensativa...

Ermas as ruas, não rodava um carro.
Eu mergulhara num sonhar bizarro,
Fumava um boticário à sua porta,

Olhando o céu aveludado e belo,
e um clarim, a silêncio, no castelo,
tristemente apelou na noite morta...

De resto, quando o exemplo de certa poesia descritiva, que se pode colocar entre o parnasianismo e o simbolismo, não excita em Roberto de Mesquita o seu gosto natural e uma espécie de distinção de classe obrigada pela estreiteza do meio social nas ilhas pequenas a emburguesar-se e a perder-se, este tom elegantemente melancólico desaparece. O arrasto das horas, o sentimento de um clima em que parece que «as almas se atolam» voltam às suas exigências («Spleen»):

Olho em torno de mim: as coisas mesmas
têm um ar de desgosto sem remédio...

O véu cinzento e denso que se espalha
lá por fora, empanando as perspectivas,
dir-se-á também que as almas amortalha
e afoga as suas vibrações mais vivas.

Ou esta «Alvorada Saturniana» («lívido amanhecer; lufadas agressivas / batem os canaviais e os álamos da estrada»), que reçuma ao fastio da vida, o mórbido cansaço / de um velho coração que nada espera já»:

Dir-se-á senil e enferma a alma da natureza,
por este amargo abrir de fusco dia hiemal,
duma desconsolada e anémica tristeza...

a que fazem contraponto estas «Horas Paradas» do anoitecer ilhéu:

A sombra cresce, estrelam-se fachadas;
as coisas no crepúsculo apagadas
destilam drama nestes becos ermos...

Roberto de Mesquita, poeta das ilhas, trazia uma ilha em si mesmo. Foi um cativo do mar, do qual não teve um sentimento directo, vivo e largo, por isso mesmo que o sentia como ao seu carcereiro (diz-me um amigo que, contra o costume e o gosto ilhéu dos dias de vapor, não gostava de ir a bordo) mas que se sente por assim dizer implícito na sua, obra, rodeando-a, e dotando-a de angústia («As Grades da Prisão»)

As grades da prisão, olhos extasiados,
vêem descer o sol sobre o mar de metal.
Na tarde de âmbar há murmúrios espalhados
como preces da terra à estrela vesperal.

No horizonte rutilante, a toda a vela,
passa um navio; é todo de oiro e de rubis...
Onde vais, onde vais, brilhante caravela
do rei poeta de um quimérico país?

É triste o alcácer, com salões frios e anosos,
como as igrejas cheias de ecos cavernosos,
com grossas portas de mosteiro medieval.

Mas desse interior taciturno, afastado,
duma estreita janela, olhos extasiados
vêem descer o sol sobre o mar de metal...

É o mar que traz a quimera, a esperança de fugir, o navio encantado. O mar, por si mesmo, Roberto de Mesquita não o entende. Ou, se lhe sente a força, como então lhe não traz nenhuma ilusão de largada, é para se refugiar dele na tristeza interior da sua ilha («Ar de Inverno»):

Aves do mar que em ronda lenta
giram no ar, à ventania,
gritam na tarde macilenta
a sua bárbara alegria.

Incha lá fora a vaga escura,
uiva o nordeste aflitamente.
Que mágoa anónima satura
este ar de Inverno, este ar doente?

Alma, que vogas a gemer
na tarde anémica, de vento,
como se infiltra no meu ser
o teu esparso sofrimento!

Que viuvez desamparada
chora no ar, no vento frio,
por esta tarde macerada
em que a esperança se esvaiu...

Querendo dar a Roberto de Mesquita uma audiência um pouco mais larga que a do folheto cor-de-rosa das suas *Almas Cativas,* transcrevi muito e expliquei pouco. É bom assim. Procurar excitar com as circunstâncias do poeta o entendimento da poesia é já um pequeno esforço. A minha ambição seria que o leitor me acompanhasse em dois juizos: Que Roberto de Mesquita pede um lugar importante no simbolismo português, ao lado dos seus príncipes, que não devem ficar envergonhados por não ser companhia retumbante (António Nobre, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro), e que é o primeiro poeta que exprime alguma coisa de essencial na condição humana tal como ela se apresenta nas ilhas dos Açores [4].

[4] Pedro da Silveira, fino e profundo conhecedor da literatura açoriana, prepara um largo estudo biográfico e crítico sobre Carlos de Mesquita e Roberto de Mesquita, a acompanhar a edição das obras de ambos, com alguns poemas de Roberto que não entraram em Almas Cativas. [O meu querido amigo António do Sacramento Monteiro, prematuramente falecido, deixou uma pequena e cuidada dissertação de licenciatura, que argumentei, sobre o poeta.]

OCASO E DISPERSÃO
DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Relendo os *Indícios de Oiro* de Mário de Sá-Carneiro, volume póstumo de poesia publicado há quinze anos e que há trinta e cinco foi escrito, dei-me conta outra vez da injustiça com que, depois de um efémero entusiasmo pelo poeta da *Dispersão, os* círculos literários de hoje começam a submergi-lo no mar das novíssimas e mecânicas navegações do verso. O próprio Fernando Pessoa, em favor de quem esse olvido exclusivamente funciona, protestaria contra ele. Ninguém mais que o poeta da *Mensagem* procurou a autêntica inspiração onde quer que ela surgisse. E, tratando-se de um companheiro de tertúlias em que os novos caminhos possíveis à arte foram palpitados e descritos com tanto ardor como escrúpulo, a meia sombra que oculta o perfil de Sá-Carneiro seria ainda mais dolorosa ao amigo focado em plena luz.

Decerto que a riqueza espiritual de Pessoa, bem como a rica, variada e forte expressão da sua obra, lhe dão o primado da curiosidade e da influência. Mas o genuíno impulso poético não se mede pela extensão de recursos culturais concentrados em quem lhes deu forma, além de que as novidades estilísticas de Mário de Sá-Carneiro e a sua importância para o desenvolvimento actual da poesia de língua portuguesa não são para desprezar. A ele cabe uma parte importante na revolução de temas e estilo, que já de longe vinha. Gomes Leal desfeara muitos «bonitos» poéticos herdados do romantismo, levando a sua inspiração mais longe que os temas da poesia encarada como «voz da Revolução» pelo Antero de Quental teórico da poética de 1870 e para além dos motivos citadinos que Guilherme de Azevedo aclimatara de Baudelaire. O autor de *Fim de um Mundo* foi poeta de sarcasmos eloquentes, como Junqueiro, mas também poeta da «viuvez de alma» e dos símbolos da realidade *ordurière* em que se pesquisava beleza.

Cesário Verde levara a sua musa a um andaime, para de lá visionar a saborosa poesia das coisas sem vaporosidade nem prestígio. E logo a vaga simbolista entrou com os epítetos desconcertantes e os ritmos «mineralmente rubros» das palavras introduzidos por Eugénio de Castro e seus sequazes. Mas foi preciso esperar por António Nobre para que a poesia portuguesa perene começasse a desprender-se, com naturalidade reconquistada, dessa nova roupagem, da cristalização requintada e preciosa que correntes estranhas lhe ensinaram, para estar outra vez à vontade no seu movimento intimo, coincidente em forma e

fundo, determinando-se a si mesma e desenvolvendo-se com liberdade. A verdade porém é que a invenção poética, em António Nobre, instrumento certo e único do muito que ele tinha a dizer, encurtava de novo um pouco o horizonte de uma influência estilística fecunda.

O «tom» do *Só* era, afinal, inimitável; as suas sugestões rítmicas e de todo o campo psicológico é que eram susceptíveis de ampliamento. E foi esse progresso aquilo que Mário de Sá-Carneiro, com maiores afinidades com a estética do simbolismo, realizou.

A entrega virginal ao uso caótico dos sentidos foi a força e a debilidade do poeta da «dispersão». Ela lhe dissolveu a personalidade racional no fluido das visões, dos sons, dos cheiros, dos sabores, dos contactos, trocando-os uns pelos outros e erigindo-os em sistema de representação do Mundo. Mas essa desintegração não podia conferir à poesia de Mário de Sá-Carneiro, por si só, o valor decorativo e fantástico que em grande parte tem. Mesmo para dar o fantástico lhe foi preciso ir mais longe: povoar os seus cenários cromáticos, em que se figurava a si mesmo «mitrado de oiro e lua, em meu trono de esfinges», com o vazio doloroso deixado pelo seu «eu» ético, consciente, que só lá aparecia, como no poema «Não», para servir um pouco de intérprete em tão vastos salões arruinados.

Essa dissolução de consciência, a que ele próprio chamou «dispersão», partia de uma deformação do mundo físico, de um arranjo espectral e caprichosamente afectivo das vivências que dele tinha o «disperso». A esse transtorno geral da sensibilidade comum e da sua matéria, deu o poeta expressão adequadamente volúvel, feita de palavras saborosas e raras, de uma alquimia verbal que fluidifica o que é sólido e cristaliza o que é fluido, trocando o abstracto pelo concreto e este por aquele em proporções de escândalo para o senso comum.

Sendo o mundo de Mário de Sá-Carneiro muito menos expresso que aludido, a interpretação unívoca a que o leitor aspira e se lhe frustra resolve-se afinal num esfuziar de sentidos verbais que compensa o logro da evidência com a plenitude poética. Tudo aquilo se passa numa forja de transfigurações acesa por um mago rodeado de atributos herméticos: a cobra, a Lua, o «manto de Astro» (umas vezes dobrado, outras vestido), os «ímpetos tigrados», a «Íris-abandono», a sagração de Pierrot... Depois, uma caixa de tintas luxuosamente psicológicas, um laboratório em permanente operação de sinestesia.

É claro que uma parte desta aparelhagem poética veio a Mário de Sá-Carneiro dos lados do simbolismo, em cuja atmosfera se criou. Mas o que nesse movimento literário, sobretudo no pacato e decorativo simbolismo português, era simples trespasse de uma coisa ou de um estado anímico a um símil sensorial facilmente decifrável, em Sá-Carneiro é uma transfusão insólita, um passe do dado objectivo e do

nome comum correspondente a um sinal linguístico distante, que se não explica por nenhuma contiguidade significativa imediata.

E, no entanto, Essa poesia cifrada, resistente ao sentido trivial e à ordem comum das coisas, tem um estranho poder de comunicação. Desde logo, o seu aparato resplandecente — embora de uma beleza de excesso decorativo — lhe dá um ar de espectáculo, de fogo de artifício. Estamos diante de uma arquitectura nocturna, toda de linhas eléctricas e de planos e volumes fantásticos. Impondo-no-la e ligando o seu espectro a um começo de sentido, grandes e hábeis sonoridades nos chamam à cidade viciosa e pueril. Sá-Carneiro dispõe de uma versificação de pianista — mas, como ele diz, «o piano estala agoiro». A sua escrita lírica muitas vezes tumultuosa, de uma instrumentação intensiva e inconexa. Daí, a deficiente composição dos seus poemas, por assim dizer abertos no início e no fecho a correntes contrárias, que só conseguem acordar-se em confidência gradual nalgumas das suas últimas líricas.

O elemento racional recuperado torna-se então o suporte do louco monólogo de Mário de Sá-Carneiro, e surge vigilante a consciência do próprio delírio, o sentimento de vida ficta, a obsessão da falha e da queda. Contando a sua história como a de um menino mimoso que se tornou palhaço, Sá-Carneiro examina connosco a sua puerilidade incurável e o seu insistente artifício. É ele próprio que galga os mais simbólicos degraus do palácio oriental em que está prisioneira a sua alma: mostra o gesso das portas, e fala de autênticos jardins sobre que dêem as varandas (é o caso da poesia «Não»), a «nódoa duvidosa» que alastra numa alcatifa (poesia «O Fantasma»). A denúncia do seu fundo fingido é clara e corajosa no poema do «Ângulo»: não houve regatas de luar quando chegaram as princesas nos galeões de Barcelona (princesas mortas, aliás...); a ponte em que se debruçou era falsa; «o cais era abaulado», «sem mar à sua beira». Se só «metade» do poeta tenta o absurdo e o irreal, é que a outra metade precisa ficar alerta para que a vida se lhe não dissolva totalmente.

E essa metade racional o salvou. De resto, a presença transtornada, subliminada, do poeta, essa «outra» metade do seu ser, mais verdadeira porque louca, diz ele que «foi sempre um adeus em mim» — a pegada, de algo ou alguém de um mundo alheio. É ela que lhe dá — «a sensação, em mim ficada há tanto,/ De um grande património algures haver perdido». Nesta decomposição íntima assenta a sua convicção de que falhou, convicção reforçada pelo auto-espectáculo da imaginação desenfreada, voraz do ócio e do luxo. E tão depressa, como na «2.ª Canção do Declínio», Sá-Carneiro eleva a sumptuosidade a maldição social e o egoísmo a valores positivos ou a signos de grandeza, como apresenta a sua vida qual «mona» ressentida, embora lhe conheça bem dolorosamente

as raizes da trágica desistência: «A minha vida sentou-se / E não há quem a levante, / Que desde o Poente ao Levante / A minha vida fartou-se.»

Poeta de estreme ressentimento, os temas da sua lírica, por fulgurantes e lúcidos que sejam, sangram. O menino que se embrulha em cobertores e não está para a «minha rica»; o que brincava de bibe no trapézio de cima do poço; o da «ternura friorenta», com «amas pela vida inteira»; o que fazia cair oiro «se pensava Estrelas»; o que, se tocava em «dedos longos», os dedos desapareciam, e, se sonhava um trono, o trono caía, em pedaços, morreu da obstinação do próprio alheamento, do abuso aéreo do seu luxo («Escadas de honra, escadas só, no ar»), no fundo dos «pântanos de mim, jardim estagnado».

Essa beleza palúdica do seu universo nos encanta e confrange. Mas, se razões puramente estéticas nos impõem o nome de Mário de Sá-Carneiro como um dos grandes poetas portugueses, as razões humanas que as suportam enchem-nos de respeito por uma memória a que o sofrimento incontestavelmente deu preço.

«Eu fui alguém que se enganou / E achou mais belo ter errado. / Mantenho o trono mascarado / Onde me sagrei Pierrot.»

Triste confissão estética de precito — a menos que este Pierrot tenha sido apenas o menino sobrevivente no poeta, puerilmente agarrado aos seus ouropéis imaginários. Seja como for, o homem verdadeiramente «mal-logrado» em Mário de Sá-Carneiro, pela mocidade infeliz e pelo mortal desespero, foi o preço de um raro poeta «maldito» — para nos servirmos do rótulo francês de poetas que lhe foram estética e biograficamente modelos. Tão raro, no sentido da admoestada experiência expressa numa obra em tudo singular, na autenticidade e no estilo, na dolorosa humanidade e no perfil formal puro, que o relativo esquecimento em que mergulhou, pelo menos para uma consciência poética colectiva toda entregue a dogmas e a flatos, não pode deixar de entristecer.

*
* *

EURICO

«HISTÓRIA DE UM LIVRO» [*]

. . . . . .

Fazer tão longo argumento do *Eurico* junto do próprio texto pode parecer redundante. Mas um *Eurico* curto, espécie de esquema de filme, não deixa de ter interesse. Os valores romanescos dissolvidos nas tirades e nos quadros de batalha ressaltam talvez melhor. O 'realizador' contagia-se do estilo e da atmosfera; aguenta as linhas de crise numa mão emprestada, com guante gótico...

O livro é ao mesmo tempo arrastado e admirável. O conflito, decerto, está longe da perfeição. A este respeito, as duas obras-primas do romantismo português — *Frei Luís de Sousa* e *Eurico* –, gémeas no tempo e nos motivos, separam-se tanto quanto Garrett se afasta e diverge de Herculano. Um é a constante pessoal do Português aberto à ordem clássica, o Português lúcido e sensível da saudade e do pecado de delícia numa equação de tragédia, com sentimentos de Bernardim em formas de Camões; outro, a do Português de cerne, que peca sobriamente e supera em dureza o seu pecado, sentindo à Sá de Miranda e falando com ásperos soluços. Ambos bem nossos.

É singular que, tanto Garrett como Herculano, ao quererem recuperar dois séculos de literatura nacional vazia de invenção, sem teatro nem romance, e ambos guiados pela clara vontade de expressão de uma matéria típica da visão portuguesa do mundo, viessem a cair no tema do amor desesperado e na interferência religiosa no sistema do desespero. O amor de Eurico a Hermengarda tem a mesma fatalidade do de Manuel de Sousa Coutinho a D. Madalena de Vilhena. No *Eurico* o estado religioso começa por ser a solução do impossível do herói, como no *Frei Luís de Sousa* acaba por ser a do herói e da heroína. Somente, enquanto no drama os votos monásticos preenchem e esgotam a catástrofe, no romance preparam-na de longe. O sacerdócio de Eurico, contrapontado pelo amor, é a substância da peripécia; o de Manuel de Sousa é o coroamento dela. Eurico refugia-se do pecado do Presbítero na ética do guerreiro: morre em combate. Hermengarda, inocente, é imolada na loucura. Manuel de Sousa e Madalena abrigam-se no claustro: é uma solução suprema, mas pensada e social, com dia marcado para o escapulário e o hábito; solução de alma romântica e rosto clássico. Eurico e Hermengarda, esses não têm o domínio civilizado dos seus actos: vão até onde pode a situação sugerida

[*] In Alexandre Herculano, O *Monasticon*, tomo I – *Eurico, o presbítero,* Lisboa, Bertrand, 1978.

e a frase desdobrada. A própria corrida da frase em socorro da situação conduz Herculano a excessos e ingenuidades. Mas os lances patéticos verosímeis provocam quase sempre as palavras cheias e justas: solilóquios de Eurico, ambientes do Mosteiro da Virgem Dolorosa e da caverna de Pelágio, diálogo do gardingo e Hermengarda nos pontos de crise viva.

Deixemos isso. Convém agora só notar como o romantismo português luta e triunfa nas suas únicas obras-primas, a de Garrett e a de Herculano: na deste pela força íntima e livre; na daquele por uma sóbria e velada desesperança. «Mal do século» formulado românticamente no *Eurico* como «aspiração ao formoso e enérgico viver de outrora»; resolvido no *Frei Luís de Sousa* segundo o nosso messianismo e em regímen de compromisso entre a tragédia clássica e o teatro romântico. Pacto cristão do amor português em ambos: recurso sacerdotal do amor frustrado em ambos — apelo à morte heróica, que sana a violação dos livres votos de Eurico; apelo ao claustro, que redime a trágica bigamia de Madalena e a cega cumplicidade adúltera de Manuel de Sousa.

E, sobre esta pura economia de «fábulas», a sublimação do amor profano no divino. Eu sei quanto isto é antes de tudo romântico para que possa ser especificamente português. Chateaubriand baptizara Saint-Preux e Werther nas fontes de um episódio do *Génio do Cristianismo.* Lamartine pusera o problema (traduzido em fórmula de Herculano por «solidão de alma») na intriga de *Jocelyn,* bem mais natural que a de *Eurico.* Eram mandatos de escola, imperativos europeus. E *Frei Luís de Sousa* e *Eurico* são posições europeias de modos humanos nossos. Um país de frades, senão de monges, pedia soluções morfologicamente monásticas para o seu caso de alma. Manuel de Sousa Coutinho e Eurico voltam as costas ao século. Literatura de frades, como é que a nossa não havia de dar homens de letras ao claustro? Manuel de Sousa Coutinho leva-lhe o escritor embrionário no cavaleiro de Malta; Eurico oferece-lhe o poeta profético no gardingo. Não era *Eurico o Presbítero ou o último Poeta Godo o* título primitivo dó romance de Herculano? A saudade portuguesa dos «mosteiros desertos», talvez mesmo os remorsos dos dois voluntários de D. Pedro por terem ajudado a desertá-los [1], levaram Garrett e Herculano às castas e utópicas transacções entre poetas de carne e osso e monges de burel almaço... Poesia — evasão.

Garrett narcisa-se dizendo que o acusam de ter o «génio *frade,* que não podia fazer conto, drama, romance sem lhe meter o meu fradinho»; Herculano, alegando que «todos os lugares e todas as condições têm tido o seu romancista», pede que deixem que «o mais obscuro de todos seja o do clero», e faz da palavra MONASTICON a insígnia de uma série

[1] «Essa crónica de amarguras procurei-a já pelos mosteiros quando eles desabavam no meio das nossas transformações políticas». (Herculano, Advertência a *Eurico*). [Esta nota e as seguintes são do autor].

romanesca, «concepção complexa, cujos limites não sei de antemão assinalar», e que afinal ficou em díptico: *Eurico* e *O Monge de Cister*.

Uma circunstância formal reforça a originalidade portuguesa do livro de Herculano: o seu lugar nos géneros. O próprio autor sente o híbrido que fez: «crónica-poema, lenda ou o que quer que seja». Já havia hibridismo no romance romântico do *eu*. *A* carta, o solilóquio, a confissão alteravam o esquema efabulado da descendência francesa de Saint-Preux e de Werther. Benjamim Constant trouxe-lhe no *Adolphe* O modo analítico do ensaio. Mas *Adolphe*, tarde exumado por Sainte Beuve, não pôde influir em *Eurico*. Herculano, que psicologiza pouco, embora filosofe muito, enxertou o caso do seu desesperado *alter ego* ao mesmo tempo em dois troncos: numa ténue cepa épica e trovadoresco que o meu argumento pôde deixar pressentir (reminiscências de Amadis, Roldão e Romanceiro), e no robusto roble escocês de Walter Scott, predilecto do seu paisagismo de historiador.

Atrás do romance romântico estava o romance tétrico. O Cavaleiro Negro e certa tintura terrível esparsa por todo o *Eurico* aludem bem a ele. Ana Radcliff e o Lewis d'*O Monge* andam por ali tacitamente. Tão-pouco anda longe algum empreiteiro europeu do *genre troubadour* («poetas moyen âges» chamava Garrett aos nossos homens da ponte levadiça e da teorba): Herculano gostou da «acção dos templários cantando hinos a Deus no meio das chamas, e cuja morte Rainouart pintou divinamente num só verso: «II *n'en était plus temps, les chants avaient cessé*». E quem não vê aqui uma sugestão possível do coro das monjas mutiladas no Mosteiro da Virgem Dolorosa?

Com o romance romântico francês o parentesco de *Eurico* é (*salvo o Jocelyn*, que lhe é bem consanguíneo) uma afinidade de fundo, o chamado ar de família. Hermengarda não deve nada de directo a Atalá, que é uma sílfide americana. Se Eurico é melancólico e desesperado como Chactas, não é selvagem, senão tiufado, gardingo e padre — três vezes civilizado. Se o orgulho e o pendor para o suicídio irmanam Eurico e Renato, o obstáculo do sacerdócio substitui o incesto com nítida vantagem moral. E certo que Hermengarda, também atraída pelo abismo, está na tangente do claustro, mas não lá dentro, como Amélia. A melancolia de Eurico terá alguma coisa da de Renato; mas a triste fluidez do amante incestuoso desaparece sob a amarga e áspera pureza do Presbítero.

Não há rasto de *Obermann* entre as leituras de Herculano; além disso, se Eurico foge ao convívio dos homens, como o herói de Sénancour, não aspira a um regresso à natureza. Não é rousseauniano; a exaltação do seu *eu* é religiosa e moral. Um livro posterior de um ou dois anos ao *Eurico* — a *Vie de Rancé*, de Chateaubriand — é que prova bem quanto o tema do monge era endémico no homem de crise da Europa,

desde Heloísa e Abelardo[2]. As dissipações de Rancé levam-no ao claustro e fazem-no reformador da Trapa. Como Eurico, Rancé é saudoso do «enérgico viver de outrora».

Quanto à exemplaridade de Walter Scott perante Herculano romancista, não deve estar só na conquista de um leitor entusiasta, mas na sugestão, talvez, do fundo temático de *Eurico.* Scott publicara em 1811 uma *Vision of Don Roderik*, alegoria dos sintomas de regeneração peninsular na resistência aos Franceses. O fulcro do poema era a batalha de Albuera, o que marca o carácter circunstancial da obrinha, glorificadora de Beresford. Tinha-se organizado em Londres um *comité* de socorro às vitimas portuguesas de Soult e de Massena, a que Walter Scott aderira reservando-lhe o produto da sua obra. Ora, o romance de Herculano abre precisamente por uma meditação sobre a decadência dos Visigodos, comparada à de Roma. «O amor da pátria», desperto na Espanha «despedaçada pelos bandos civis», como que nos faz passar da atmosfera do século VIII à contemporaneidade imediata e próxima de Herculano, que sente na sua «voz de profeta» e na sua «harpa de crente» a alma do «último poeta godo». Não haverá uns longes da morte de D. João VI na de Vitiza? da aclamação de D. Miguel na «entronização violenta de Roderico»? a guerra civil nas «conspirações que ameaçavam rebentar por toda a parte e que a muito custo o novo monarca» (Roderico-D. Miguel) «ia afogando em sangue»?

Seja como for, o certo é que quando Herculano encontra em si a corda do romance do *eu*, já está iniciado na técnica do romance histórico e convertido às suas vantagens. *O Monge de Cister,* saído em volume em 1848, é de 1840; o *Eurico* é de 1843.

Novela ou história — escreverá Herculano no Panorama –, qual *destas duas cousas é a mais verdadeira? Nenhuma, se o afirmarmos absolutamente de qualquer delas. Quando o carácter dos indivíduos ou das nações é suficientemente conhecido, quando os monumentos, as tradições e as crónicas desenharam esse carácter com pincel firme, o noveleiro pode ser mais verídico do que o historiador, porque está mais habituado a recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o génio do povo que passou pelo do povo que passa. Então de um dito ou de muitos ditos ele deduz um pensamento ou muitos pensamentos, não reduzidos à lembrança positiva, não traduzidos, até, materialmente; de um facto ou de muitos factos deduz um afecto ou muitos afectos, que se revelaram. Essa é a história íntima dos homens que já não são: esta é a novela do passado. Quem sabe fazer isto chama-se Scott, Hugo ou De Vigny, e vale mais e conta mais verdades que boa meia dúzia de bons historiadores. — Porque estes recolhem e apuram monumentos e documentos, que muitas vezes foram levantados ou exarados com o intuito de mentir à*

[2] *A Epistola de Heloísa a Abaylard*, de Pope, «trasladada em versos portugueses por Maos», foi impressa em Londres, num belo opúsculo, na Ofic. de Guilh. Lane, em 1801.

posteridade, enquanto a história da alma do homem deduzida logicamente das suas acções incontestáveis não pode falhar, salvo se a natureza pudesse mentir e contradizer-se, como mentem e se contradizem os monumentos.

Não se pode esperar mais franca e autorizada apologia dos géneros fictivos da História: Romance e Vida. Scott, Vigny, Victor Hugo — acima do *Art de vérifier les dates...*

Walter Scott o convertera. Herculano chamava-lhe «o modelo e a desesperação de todos os romancistas», e nele pensaria ao queixar-se das próprias fraquezas numa nota d'O *Monge de Cister:* «No meio, porém, de estudos tediosos e positivos, é impossível que o imaginar não descore, que o estilo não ganhe asperezas». «O implacável destino» do historiador «chama-o de contínuo para as frases bárbaras dos pergaminhos amarelados amarelados e mofentos, e manda-o, novo Ashavero, caminhar, caminhar sempre!»

Dentro do próprio Walter Scott, o *Panorama* prefere as coisas escocesas das *Crónicas de Canongate* à grave *História da Escócia.* Quando Herculano queria satirizar os agricultores portugueses que liam por Virgílio e Columela, lembrava-se de Triptólemo. Scottista feroz... As traduções de Ramalho e Silva têm Herculano por detrás. Liam-se até então as versões francesas de Defaucompré. Herculano prefere as de Montemont. Em 1837 aparecem *Os Desposados*; a Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud (Paris, Quai Voltaire) publica *O Talismã ou Ricardo na Palestina,* traduzido pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, «natural da Baía». Ramalho traduz *Ivanhoe* e *Quintino Durward* em 1838; *Kenilworth* e *Ana de Gierstein ou a Donzela do Nevoeiro* em 1842. Em 1864 está esgotada não sei que edição do *Ivanhoe ou o Regresso do Cruzado,* que em 1851 circulava em grandes fascículos de cem páginas da Biblioteca Económica, impressos na Rua dos Calafates e vendidos a treze vinténs, sem nome de tradutor. *Waverley* não escapa ao dicionário, parecendo aliás que Ramalho era um tanto versado no próprio léxico escocês. Em 1838 o *Panorama* publica artigo sobre a Escócia e um casal escocês em gravura. Herculano compara a versão Defaucompré de *Ivanhoe* com a de Ramalho, para se decidir por esta. No mesmo ano critica-a no *Diário do Governo.* Em 1839 aparece em Coimbra, na Imprensa de Trovão, *O Lorde das Ilhas*, de Walter Scott, *poema de seis cantos,* traduzido por um Anónimo — e realmente muito mal, apesar de o pobre se sangrar em saúde: «não faltará mesmo quem embique com *governalho, reproches, cimeira*, etc. e quejandas expressões, a estes direi [*que pontuação!*] que abram Morais, e depois critiquem»...

É um nunca acabar. Interesse tão íntimo e vivo, que a *Revista Universal Lisbonense* anunciava em 1841, como coisa vendável, uma Vida de Walter Scott (a Memória de Lockhart ou as Lembranças de Fraser?). Formara-se uma sociedade para traduzir o romancista; e Castilho, na

Revista Universal, onde pontificava, faz votos para que Ramalho se lhe una, apesar de confessar que ele se «apodera de toda a individualidade inglesa» de Scott, e exigindo «menos sujeição» ao texto, «menos infidelidade» a Silva, o outro tradutor, e a todos mais liberdade de elocução, estilo mais vivo e nosso.

Garrett, também grande leitor de Walter Scott, e talvez o primeiro entre todos, bebera nele o exemplo para a sua desfiguração de poeta em João Mínimo e era guloso das introduções postas pelo romancista na boca de Iededias Cheishboton. Enfim, D. Pedro V deixa o seu real nome à cabeça do rol dos nossos entusiastas de Scott.

Herculano pouco mais pôde tirar dos romances de Walter Scott do que a estrita lição da urgência de uma ficção do passado português. Faltava-lhe imaginação, ductilidade psicológica, a abundância eruptiva e poética do mestre. Sensível a uma paisagem agra e essencial, como n'*A Arrábida,* nalguns discretos toques da *História de Portugal* e em belos troços do *Eurico* (o Calpe, o Sália, o caminho seguido pelo Cavaleiro Negro com Hermengarda desmaiada), não a dissolve bem na acção, não a faz fluida. É mais moldura do quadro do que o seu plano ou fundo. Há excepções, certamente; mas a rigidez é a regra. Na efabulação é escasso, simplista, demorado. E certo que o próprio Scott fraqueja às vezes aí: não na demora do sucesso, mas em motivações, num certo *a priori* da acção. Porém a veia fantástica e a identificação instintiva do cronista escocês com a matéria evocada não se transmitem ao narrador dos desesperos neogóticos e dos ódios da era avisiense, apesar ao propósito de «intuiçao quase profética do passado» declarado à entrada de *Eurico. O* humor de Scott é ligeiro e envolvente; o seu pitoresco é vivo. A graça de Herculano é pesada, e, não tendo lugar na história do Presbítero, n'*O Monge de Cister* dá a taberna de Nataniel, 'Mater Gala', a tia Domingas, o truão Ale n'*O Bobo* – e pouco mais.

O esquema mínimo de uma intriga recuada achou-o contudo Herculano no romancista inglês do *Mosteiro*; e, não podendo desenvolvê-lo com a efusão e a grandeza que Scott pôs nos seus vastos quadros das infelicidades jacobitas e dos tempos heróicos da Inglaterra, serviu-o com a sua segura compenetração da alma do «viver de outrora» e com a sua experimentada atenção aos movimentos morais, pelo menos, de uma dada vida interior.

Romance do *eu* romântico de tom e de tempo, o *Eurico* transporta o problema religioso de Herculano numa questão moral. Uma religiosidade consuetudinária e profética, filha da «religião de nossos pais», pedia a Herculano a liberdade da meditação e a sinceridade do treno numa igreja instituída de acordo com o que ele julgava ser a boa linhagem apostólica respeitosa da nação e da família. Preocupado com a pureza e a perenidade do dogma, mas mais canonista do que teólogo, buscara o que supunha ser os sinais delas ambas na linha conservadora dos concílios e dos sínodos.

O seu critério de historiador da nação portuguesa fá-lo-ia investigador da comunidade peninsular cimentada pelo cristianismo. Cristão livre, herdeiro do deus javético tornado pai de misericórdia («o Omnipotente» do *Hino a Deus,* «Sempiterno» do *Eurico*), profetizou e orou na *Harpa do Crente.* Cristão de confissão, pronunciou-se sobre os papiros e interesses do seu grémio em toda a sua obra histórica e polémica. O Concílio do Vaticano, ferindo a sua concepção plebiscitária da Igreja, acabou por fazê-lo velho-católico, cismático, quase herege.

Mas havia outro problema mais delicado e fundo, que Herculano não se atreveu a tratar senão romanticamente: o sacerdócio. A sua projecção caracteriológica e ética ficou n'O *Pároco de Aldeia.* A sua fundamentação moral converteu-se, através do *Eurico,* no espectáculo dos estragos causados pela «irremediável solidão de alma a que a Igreja condenou os seus ministros», «o triste vácuo da soledade do coração», «que desde verdes anos» lhe causara uma «impressão singular». *O Eurico* é, pois, a fenomenologia de uma situação humana que pressupõe um problema moral denunciado, mas não claramente resolvido.

Confessadamente filhos das suas impressões de infância, *o Eurico* e O *Pároco de Aldeia* mostram a intensidade da preocupação ético-religiosa no espirito de Herculano. Entendidas mesmo a uma luz de íntima análise, ambas as novelas são retratos espectrais de Herculano autobiografia de recesso e de reedificação do homem que se quer ser no homem que se é sem remédio.

Escutados aqueles imperativos, restava a Herculano situar a crise afectiva e religiosa de Eurico, heróica no plano da pessoa, numa época heróica e poética também no puro plano da história. Para isso, procurou as «eras que nas recordações da Espanha tenho por análogas aos tempos heróicos da Grécia».

O período visigótico deve ser para nós como os tempos homéricos da Península. Nos cantos do Presbítero tentei achar o pensamento e a cor que convêm a semelhante assunto, e em que cumpre que predominem o estilo e formas da Bíblia e do Eda — as tradições cristãs, e as tradições góticas que, partindo do Oriente e do Norte, vieram encontrar-se e completar-se, em relação à poesia da vida humana, no extremo ocidente da Europa.

Assim Herculano, lutando com «a majestade *escultural* que conserva sempre a raça visigótica, por mais que tentemos galvaniza-la», ajuntou à equação religiosa e étnica de Eurico o seu tratamento humano por uma fórmula literária que supôs conciliadora de mosaísmo, classicismo e germanismo, ao mesmo tempo latina e nórdica — romântica, em suma.

O tipo e a condição do Presbítero eram obsessivos neste autor. Há gérmenes dele no faqui Al-Muulin d'*O Alcaide (Lendas e Narrati*vas), «o monge muçulmano».

Apenas o moço Afonso — rei neogótico — alcançou conciliar o afecto dos seus súbditos, Vermudo voltou voluntariamente ao exercício do ministério sagrado, posto que, contra os cânones recebidos em Espanha, houvesse esposado Nunila, de quem teve Ramiro, o que veio a ser sucessor de Afonso II [3].

Outro saudoso... Este cruzou-se com Eurico...

As subtis insinuações da própria experiência de Herculano no cabedal de *Eurico* poderiam robustecer-se, como eu disse, pela sombra da guerra civil portuguesa que passa na luta dos bandos visigóticos:

Eurico «tiufado ou milenário do exército», como Herculano soldado de Voluntários da Rainha; «a severidade de costumes»; «a sua fronte quase sempre carregada e triste»; os seus hinos, reflexo de uma alma atormentada que «se entranhava nos sonhos de um mundo melhor»; o amor mal correspondido que parece obscurecer a mocidade de Herculano; a sua consciência de historiador transposta a Eurico cronista das desgraças morais dos Visigodos; o desterro do gardingo, vago símil do refúgio de Herculano em Plymouth; o sentimento da solidão; as «tempestades do passado»...

Outras vezes, a insinuação autobiográfica parece saltar de Eurico a Pelágio:

Debaixo do semblante severo, mas sereno, Pelágio sabia esconder a amargura que lhe transbordava do coração. No viço da juventude, o espírito lhe encanecera no meio dos dolorosos sucessos da sua ainda tão curta vida.

Quase todos os seus companheiros a monte tinham podido levar consigo filhos, mulheres: ele, «ao sair de Tárraco, para se ajuntar à hoste de Roderico», deixara a irmã — como Herculano, foragido na *Melpómene* por conspirador e incendiário, tivera de deixar, ao partir para Inglaterra, o pai cego e a irmã desamparada. Ele próprio partia carregado de fel e de experiências, com um grande gilvaz na cara, talhado numa refrega de amores [4].

Herculano achara a equação do seu *eu* com um herói de livro nos solilóquios, cartas e desesperos de Eurico; curara o espinho do sacerdócio concebido como estado ideal do homem religioso pondo-o em sério conflito com as paixões mundanas legítimas. Aliara tudo isto num fundo entre histórico e lendário, em obediência à vontade de mitificar as origens da sociedade cristã da Península e do seu ramo português. Assim, o poeta e o psicólogo, tratadista do humano, davam a mão ao épico e ao historiador.

---

[3] *História de Portugal*, I, p. 131.

[4] Vide o meu livro A *Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*, I, pp. 197-205; «As Primeiras Revoltas».

A minha intenção foi pintar os homens da época de transição, digamos assim, dos tempos heróicos da história moderna para o período da cavalaria, brilhante ainda, mas já de dimensões ordinárias. O meu herói do Chrysus é como o último semideus que combate na Terra; os foragidos de Covadonga são como os primeiros cavaleiros da longa, patriótica e tenaz cruzada da Península contra os Sarracenos.

Fixados os principais objectivos da fábula, Herculano delineou-a com o pouco vigor novelístico de que naturalmente dispunha, compensando-o, porém, com os seus largos dons poéticos, o seu poder descritivo, a sua intuição das almas e dos ambientes graves. Hermengarda é uma figura feminina de lírico, diáfana e simbólica. Se nem sempre age na intriga como mulher de carne e osso, suporta poeticamente a responsabilidade de média do sexo fraco; é a mulher-anjo, romântica: «presa, de um lado, à humanidade pela fraqueza e pela morte, aos espíritos puros pelo amor e pelo mistério».

«Mistura de esforço e timidez, de energia e fraqueza», aparecia a Eurico «em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo». «Emanação ou reflexo do céu», «a donzela vestida de branco» enfrentava o Cavaleiro Negro «como uma dessas estátuas que parecem orar sobre os sepulcros nas catedrais da Idade Média».

Todo o livro ressoa de pensamentos puros ou terríveis em frases exactas e cheias: «o triste vácuo da soledade do coração»; os campos depois do poente, cheios de «escuridão, fealdade e tristeza»; o homem, que povoa a noite, que «estampa nas sombras que o rodeiam um universo transitório»; aquele «cujo coração é há longo tempo morto, porque as paixões o queimaram; mas cuja inteligência por isso mesmo é mais fria»; aquele em cujas veias «há muito» que o sono «não derrama consolação nem frescor», e que meditara «imóvel sobre algum píncaro requeimado pelos sóis do Estio e puído pelas tempestades do Inverno», até que a Lua «se atufava nas águas do Estreito». «Trespassava-me a medula dos ossos o vento frio da noite»; brilhavam ao longe «as cimas agudas, dentadas, tortuosas, alvacentas das fragas marinhas». «Eu, o Silêncio e a Solidão éramos quem estava aí». Pouco antes, de pé n'«a penedia áspera das ribas hispânicas», «uma melancolia suave se me erguia lentamente no coração». «O viver é o ecúleo do espírito». «Eternidade, eternidade, a alma do homem está encerrada e cativa no ilimitado do teu império!» «Que me importa a vida ou a morte, se o padecer é eterno?» «Mão nenhuma tira sons de cordas que estalaram».

Assim o homem que atravessa «o delírio dos perigos» fez «a história das minhas agonias», pensando n'«esses que ainda se enlaçam às ilusões e esperanças, como a hera às ruínas». Se «o silêncio do sepulcro e a assolação do aniquilamento» esperam todo o mortal, «além

do morrer há o repouso do espírito». Os hinos de Eurico «eram o Getsémani do poeta».

A *O Monge de Cister*, escrito em 1840 mas só publicado em volume em 1848, seguiu-se o *Eurico*, escrito em 1843, extractado no *Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense* à medida talvez que ia sendo retocado, e saído em espécie em 1844. As palavras prévias da primeira edição são datadas de Novembro de 1843, na Ajuda. Segundo costume que datava do século XVIII e que a clientela do *Panorama,* fundado por Herculano, certamente apreciava, abriu-se uma lista de assinaturas que garantissem a extracção da obra em volume; mas os nomes dos subscritores já não figuram em apêndice, como rol de honra e pergaminho do possuidor. Passos Manuel, contra quem Herculano militara (revolução de Setembro, 1836), envia-lhe em carta de 5 desse mês de 1844 uma lista de seis assinantes, e diz: «Já tinha lido pedaços do teu *Presbítero*».

Quem o não lera logo, com a curiosidade aguçada pelas amostras dos magazines? A critica responsável, porém, tardou um tanto. Castilho só referenciou o volume a 16 de Janeiro de 1845, na *Revista Universal Lisbonense.* Acha-lhe «alguma luz, muitas sombras, contornos enleados, imagem exactíssima em partes, mas no todo perturbada». Louva a topografia da Espanha visigótica, como homem de quadros e minúcias. O livro é belo, mas moralmente perigoso: «a severa e sombria invenção do *Eurico* pode levar à ênfase». A seu ver, Herculano conseguiu aguentar o interesse da acção, o que outros não fariam. Já denuncia o predomínio ético dos critérios de Herculano romancista: «Eurico, um gigante moral, que se poderia decompor em três grandes homens: o sacerdote solitário, o poeta inspirado pela Religião e pelo amor, e o guerreiro, herói pela pátria». Sente que a experiência de Herculano informa as personagens. (Garrett, que admirava a descrição da batalha do Chrysus, dirá a Bulhão Pato que só um homem que viveu numa guerra civil poderia escrever aquilo.) Porém, Castilho, mais ou menos vencido quanto ao resto da fábula, não esconde as suas apreensões de pedagogo: *O Eurico* «é um livro muito notável para ser lido; muito impróprio para ser inculcado por vade-mécum». Querem-se obras correntes: *O Monge de Cister*, a avaliar pelas amostras, será melhor para a mocidade. Castilho gostara muito d'*A Abóbada*.

A mocidade do tempo é que não quis saber do alarme dos pais de família dado pela mesa censória... O «Sacristão de uma Ermida», pseudónimo do autor de um desforço lírico tomado contra os adversários de Herculano na polémica de 1866, e em que palpita a posição dos admiradores incondicionais do mestre, diz, referindo-se ao êxito do *Eurico*:

Alexandre Herculano é o autor do Eurico *e do* Monge de Cister*, desses livros cujas páginas me desanuviaram o espírito aos vinte anos. Insultarem-nos é como se quisessem aniquilar-me ou esmagar-me a alma.*

E o «Sacristão» defende a célebre frase ridicularizada do Presbítero: «Sabes tu, Hermengarda»...

Júlio César Machado, na *Lisboa de Ontem*, escreve:

Aclamaram o grande pensador e investigador como um deus. Sem que a política entrasse de nenhum modo nos seus escritos, Herculano teve o poder de despertar no País, e notavelmente nos portugueses que no Brasil viam de longe a pátria à luz da sua saudade e do seu amor natal, uma febre de adoração comparável apenas à que em Itália se tem consagrado a Garibaldi. E não teve leitores e admiradores: teve fanáticos.

Este magistério nacionalista dos grandes românticos portugueses, exercido a distância e sobre exilados do trabalho, como eles tinham sido proscritos da guerra civil, já provara no viático que *D. Branca* e *Camões* tinham levado, por exemplo, a Gomes de Amorim, marçano no Pará, a ponto de quase o forçarem a empreender a volta a Portugal, para conhecer o mago e servir-lhe de biógrafo.

Nas mulheres, o êxito não foi menor. A condessa de Samodães pede a Ramalho e Silva, em carta de 19 de Fevereiro de 1845, que felicite, Herculano por este ensaio «belo e sublime, como tudo que sai da pena» dele:

'A linguagem é belíssima, pensamentos soberbos abundam em toda a obra, que é cheia de belezas, apresentando posição dramática de um efeito impossível de exprimir. E como exprimir ao Sr. Herculano o meu reconhecimento na qualidade de mulher? Ah! como ele nos vinga das injustiças de que temos sido vítimas! como ele nos diviniza, nos eleva, e, posso dizer-lhe, com que delicadeza ele nos analisa e mostra conhecer-nos! Receba , pois o Sr. Herculano os meus agradecimentos, e saiba que, vingada pela sua pena elegíaca a metade da espécie humana, ela não tem precisão de novos triunfos, este lhe basta. A introdução ao Eurico está de tal maneira em harmonia com as minhas ideias, que me tem obrigado a repetir a leitura bastantes vezes: quem assim escreve, deve escrever sempre; é dever seu enriquecer a literatura pátria, e salvar-nos também da zombaria dos estrangeiros. Diga-lhe V. S.a que me conte como assinante para o seu Monge de Cister*, assim como para as suas publicações literárias'.*

Assim Herculano, recebendo o ramo de loiro de vingador do belo sexo, não só conquistava as raparigas do seu tempo, balzaquianamente amadurecidas, mas as mulheres de uma ou duas gerações atrás, a caminho da touca e do rosário... (A condessa tinha cinquenta e três anos.)

A segunda geração romântica, adolescente ou pouco mais à data da saída do *Eurico*, é unânime no seu entusiasmo, sem prejuízo de alguma *nuance* na sua crítica e aceitação. António Pedro Lopes de Mendonça vê no Presbítero «o mito de uma das mais atrozes posições da humanidade». Prefere-o ao *Jocelyn* de Lamartine; — «é um protesto lavrado com o sangue das veias». Rebelo da Silva [5] acha os seus quadros «iluminados de sinistro esplendor».

Ernesto Biester também lembra o *Jocelyn* (dizia-se, segundo Júlio César Machado, que René e o poema de Lamartine tinham inspirado *o Eurico*), e considera a obra de Herculano «uma das mais elevadas e enérgicas concepções deste século». Para Sousa Viterbo, que tem sentimentos de arqueólogo, «é uma espécie de *miserere* sobre a monarquia visigótica»; para Pinheiro Chagas, o *Eurico* e o *Monge* são «poemas de dor e de protesto»; e Alvares de Azevedo, poeta brasileiro, byroniano e «malogrado», compara o beijo da morte de Rolla, de Musset, com o Cavaleiro Negro em Hermengarda desmaiada.

De todos os que viveram sob o dogma da infalibilidade de Herculano, António de Serpa Pimentel é talvez o que mais acertada e livremente fala, do livro. O *Eurico* tem, para ele, mais de poema que de romance; nas outras novelas do autor «domina talvez demasiadamente a parte da imaginação». Falta intriga amorosa verdadeira; é grande o excesso de história: «havia um pensamento por assim dizer político e literário nestes escritos, diverso do simples propósito de fazer obra de arte».

Entre os espíritos criados já noutros signos e gostos perdura o mesmo ascendente irresistível deste livro-feitiço, em que nunca se sabe bem até que ponto a própria voga romântica se depositou lentamente, projectando a figura social e solitária de Herculano na tessitura da sua prosa e nas vicissitudes do Presbítero. Como João Penha admirava no *Eurico* «a pintura dos costumes», Luciano Cordeiro elogia-lhe «o colorido enérgico e natural tão apreciado em Tegner», o autor sueco de *Frithiof*, e acha-o «moldado na majestade do poema e na intimidade da elegia». Consiglieri Pedroso, professor de História e um dos primeiros entusiastas de Tolstoi em Portugal, chega a comparar a perda da razão em Hermengarda à loucura da filha de Polónio no *Hamlet*. «Fomos todos criados com este livro, que ainda não envelheceu», diz Zacarias de Aça.

Com efeito, apesar das cautelas de Castilho, o Eurico tornava-se 'o breviário da idade dos sonhos. Durante muito tempo, segundo Gomes de Brito, foi o livro mais pedido na Biblioteca Nacional. Cerca de 1870, um professor de Português no Porto, Emílio Dantas, segundo o testemunho do almirante Almeida de Eça, recitava trechos do *Eurico* e de outros livros de Herculano aos alunos.

[5] *Revista Peninsular*, 1856.

As gerações mais recentes bem podiam dizer, com Luís de Magalhães:

Quem esqueceu, lendo-a uma vez, a libertação de Hermengarda, a galopada pela serra ao luar, a passagem do Sália sobre o tronco do velho roble, o despenhar deste na corrente aos golpes furiosos dos franquisques, levando para o abismo os árabes que começavam a transpô-lo.

Mas não lhe faltam detractores, a começar pelo próprio autor. A geração crítica e realista de 1865, tão fiel ao Herculano moral e ensaísta na pessoa dos seus autênticos *leaders* (Antero e Oliveira Martins), não morria de amores por aquele produto, no que tinha de débil, sentimental e enfático. Antero, que saibamos, nunca se confessou sobre o caso. Mas Oliveira Martins, se não designa expressamente o *Eurico,* pronuncia-se assim sobre as *Lendas e Narrativas, O Monge de Cister* e *O Bobo:* «Sabiamente extraídos das crónicas por um erudito, que relação havia entre eles e as memórias e lembranças vivas da imaginação popular? Nenhuma». Garrett era «mais perspicaz». Antes aventuras, viagens, naufrágios. Não seria, porém, como vimos pelas palavras de Luís de Magalhães, a autêntica aventura do Cavaleiro Negro transportando Hermengarda em perigo precisamente uma das maiores atracções da mocidade pelo romance?

Eça de Queirós passa sobre Herculano um quase silêncio elegante e irónico. Que pelo menos a técnica do romance histórico o interessou, prova-o a novela com que Gonçalo Mendes Ramires, guiado pelo seu braço e com uma colecção do *Panorama* ao pé de um ramo de rosas, resolve celebrar a antiguidade da Torre e a glória do avô Trutesindo. O Raposão de A *Relíquia* e o Palma Cavalão de *Os Maias* desvanecem-se com Herculano como uma das glórias nacionais.

A opinião de Teófilo Braga está viciada pela sua posição acrimoniosa e ressentida, contra Herculano, tão largamente tomada nos seus livros sobre o Romantismo e n'As *Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*; mas não se pode deixar de lhe atribuir convicção. Teófilo acha Eurico uma pura «variante do tipo de Cláudio Frollo», e o livro uma glosa da *Notre Dame* de Victor Hugo. Outras vezes é Chateaubriand que arca com a paternidade da invenção: «A maneira d'*Os Mártires*, Herculano quis também fazer um poema em prosa». Teófilo preferia que, em vez de um gardingo feito padre, o romancista tratasse os amores do arcebispo Eulógio de Toledo por Leocrícia, donzela árabe, a quem finalmente converte, morrendo os dois de amor místico.

Nas mesmas ideias abunda um crítico mais moderno, pouco conhecido mas cultivado e sagaz, Eduardo Coutinho Garrido, que escreve: Eurico «*appartient à ce genre faux du rornan-poème, dont* Les Martyres *sont le modèle le plus célèbre*».

Mas é Guerra Junqueiro, n'*A Velhice do Padre Eterno*, quem melhor exprime a viragem de sensibilidade e de ideias que se produzira na grande geração céptica e naturalista em relação aos ideais do *Eurico*, determinando uma atitude sorridente e saudosa em face do Presbítero e da Donzela de Branco. Trata-se do soneto que é quase uma epígrafe d'*A Velhice do Padre Eterno*, e em que a humorística citação do artigo do Código Civil que estabelecia a validade do casamento extracatólico parece ter em conta a célebre polémica em que Herculano se envolvera:

> Eurico, Eurico, à pálida figura,
> Lastimoso, romântico levita,
> Que nos cerros do Calpe, em noite escura,
> Ergues as mãos à abóbada infinita!
>
> Rasga a página santa da Escritura!
> O espírito de luz, que em nós habita,
> Já não consente essa ideal loucura
> Que faz do amor uma paixão maldita.
>
> Deixa a soidão dos montes escalvados,
> Não soltes mais teus trenos inflamados
> Nem tenhas medo às garras do demónio.
>
> Beija Hermengarda, a tímida donzela,
> E vai, de braço dado, tu e ela,
> Contrair civilmente o matrimónio.

A mesma leve ironia transparece no seguinte trecho de *Mefistófeles no Cemitério,* de Gomes Leal (que consagrou à morte de Herculano um comovido e longo poema), mas em que o apego às atitudes do velho mestre é mais nítido:

> – Grande homem — sem orgulho ou vão enfeite,
> que depois de escrever, fizeste azeite!...
> apesar de te haverem sepultado
> entre reis e rainhas de alto estado,
> num túmulo tão gótico e tão rico,
> – *aí jazes, triste e só...* como o Eurico!

Os escritores que eram rapazes entre 1880 e 1890 são mais compreensivos em geral, guardando a justa medida entre a admiração e as restrições. Teixeira de Queirós (Bento Moreno) acha «erros de observação» nos romances históricos de Herculano e prefere-lhes, como

naturalista, *O Pároco de Aldeia* [6]. Mas, para Jaime de Magalhães Lima, a novela histórica deu a «clareza da visão do nosso ser», protegendo os leitores contra o excesso da imaginação; infundiu «estabilidade»; insinuou o sentimento da imutabilidade das cousas e dos homens», «associando as cousas vividas e as cousas sonhadas, a imaginação e a realidade». Reconhecendo embora «a invariabilidade das feições», a «magreza das criações» e a «debilidade da estrutura» dos romances de Herculano, Teixeira de Queirós considera-os «livros, por magia igualmente deliciosos e severos», escritos com notável «grau de concentração» de estilo, «mostrando-nos docemente o passado no presente e o presente no passado», conseguindo enfim a «unidade da história realizada na unidade do coração humano».

Se Fialho, nas *Pasquinadas*, censurava a Herculano «a contextura quase sempre enfática dos seus romances», Augusto Gil, não encontrando embora «a alma portuguesa» neles, considera o autor um «formidável artista» a pintar-se a si mesmo.

É agora talvez elucidativo da voga eficaz do romance mencionar a força de sugestão que a sua matéria, somada à massa de história e de poesia do passado acumulada noutros livros do escritor, levava aos rapazes de tendências severas e científicas, que se debruçavam sobre tanta página forte, humana e sólida. «Foi pelos seus escritos no *Panorama* — escreve Adolfo Coelho — que eu na minha infância fui introduzido no conhecimento e interesse da história nacional e muitos da minha idade se acham em igual condição». Conta Bulhão Pato que Jaime Moniz, no seu terceiro ano de Coimbra, se apresentou ao mestre: «Queria conhecer pessoalmente o homem a quem os rapazes do tempo votavam, não só admiração pelo talento, mas profundo respeito pelo carácter». E David Lopes, falando impessoalmente de si: «foi a leitura do *Eurico* e *das Lendas e Narrativas* que o levou [*ao autor*] ao estrangeiro a estudar a língua árabe».

Fazer com a sua sugestão e exemplo um filólogo e etnógrafo, um professor de Filosofia dotado da perspectiva da História, finalmente um arabista para lhe suprir deficiências no manejo de certas fontes e levar ao Algarve muçulmano o esforço historiográfico que ele ambicionaria se pudesse — não pode haver maior glória para um homem do tipo de Herculano. Como ele se sentiria vingado (o fraco do seu carácter) de Soromenho e da «*ciência arábico-académica*», se pudesse ler Os *Árabes nas Obras de Alexandre Herculano* e as sábias notas vocabulares de que o texto desta edição de *Eurico* aproveita!

---

[6] Herculano projectava dois contos de assuntos contemporâneos: o ferrador morto (que prefiguraria João da Cruz, de Camilo, como alguns personagens de *O Pároco* anunciam alguns de *As Pupilas do Sr. Reitor* – além do tema) e a estalagem do Policarpo em Quintela. (Vide *Cenas de Um Ano da Minha Vida* e *Apontamentos de Viagem*.)

Essa alegria serviria de desconto ao que Herculano considerava um pouco os seus pecados... Já não digo quando, em nota a *O Monge de Cister*, ironicamente se refere a «o deletério e anti-social *Eurico*». Teria então certamente ainda frescas na memória as reticências de Castilho, enquanto a farpada de um zoilo, «O Ermita do Chiado», lhe não reabrisse a ferida com «o monstruoso MONASTICON, que só tem de bom o nome». A verdade é que mostrou por mais de uma vez pouco amor ao seu *enfant terrible. O* pensamento severamente histórico, os anos, o esmorecer da imaginação e do calor da poesia, talvez também a novíssima geração, que ou polemizava com ele nas pessoas de Teófilo e de Ramalho, ou lhe aceitava o magistério a benefício de inventário nas de Antero e Martins, superando em tudo — ficção e pensamento — a ninhada literária que ele chocara nos sábados da Ajuda... tudo isso o levava a olhar desconfiadamente para esse filho das verduras da sua mocidade, ao mesmo tempo mimoso da fama e funesto. Agradecendo a tradução espanhola, em 9 de Fevereiro de 1875, a Sebastián Rodríguez Bermejo, escreve:

Pareceu-me o livro agora melhor em castelhano do que em português. Nisto digo tudo. É verdade que, de todos os meus filhos literários, foi este, apesar de primogénito, aquele a quem tenho tudo menos afecto, porque lhe conheço os defeitos, e não o suponho inocente em certas más tendências que às vezes se revelam no estilo de alguns escritos dos moços literatos.

(Aqui, Teófilo, que considerava Mendes Leal, Rebelo da Silva, Andrade Corvo, Oliveira Marreca e Arnaldo Gama como tristes resultados do exemplo de Herculano, esfregaria as mãos...)

Devem ser sensivelmente da mesma data as seguintes palavras dele em carta a António Alves Martins, brincando sobre as excelências comparativas dos vinhos do Norte e do Sul, a propósito de um dos seus presentes de frasqueira:

Desejava há muito achar um juiz imparcial e recto que fosse «moderador e árbitro entre o Setentrião e o Meio-Dia», para me servir de uma frase de um livro piegas que escrevi há mais de trinta anos.

Mas é preciso não tomar muito ao pé da letra estes desdéns de Herculano. Não só eles fazem parte do seu tipo de reacção no orgulho ferido, e quando lhe pulsa a consciência da solidez da própria obra no meio da insignificância ou da mediocridade gerais, como, no caso do *Eurico,* parecem em parte desmentidos pelas seguintes palavras, escritas pelo romancista em 28 de Novembro de 1871 no álbum de D. Cândida Ribeiro de Faria, espécie de inquérito mundano que era moda no tempo:

Vos héros favoris dans les romans ou la fable? Vos héroïnes féminines dans les romans ou la fable? — *Dans les romans, les héros et les héroïnes me plaisent quand il y a du terrible et du profond dans les caractères. Ce sont des cauchemars écrits au lieu de cauchemars rêvés. Le cauchemar donne quelquefois ce que j'appelle le plaisir de l'horreur, ce qui a pour moi de l'attrait.*

E quem não vê, por detrás deste «terrible», deste «cauchemar» e desta *«horreur», o* punhal de Cremilde, os dois bulcões brigando na imaginação nocturna do patriota de Carteia, a travessia do Sália e o delírio do amante na caverna de Covadonga?

A voga do *Eurico* (já dissemos) foi imensa. Resta documentar. Apesar de, uns quinze anos depois de aparecido (1856), já se lerem em Portugal, segundo Ernesto Biester, todos os estratos da ficção, desde Dickens e Dumas Pai a Musset e Gustavo Planche, as lamentações do Presbítero e os seus ambientes supremos prendiam sempre a atenção. Formara-se, digamos assim, o «complexo de Eurico», uma espécie de andaço de alma. Se em Portugal não havia vida suficiente para romances, não se sabendo que fazer de um Balzac que nos tivesse saído em prémio (como pretendia A. P. Lopes de Mendonça), talvez mais uma razão para que a substância moral e romanesca do livro de Herculano funcionasse de ópio nacional.

Desde logo, o nome do herói voou de norte a sul como semente de asa. Era uma realidade, um ente. Um tal Fortinho, vizinho de Herculano na Ajuda, emigrado para a América do Sul, fundou a revista o *Sul do Brasil* no Rio Grande, vivendo disso e de folhetos que circulavam no Rio da Prata sob o pseudónimo de 'Eurico'[7]. Na geração de 1870, Pinto Osório, amigo de Antero e de Eça, deixou sob o nome de Pedro 'Eurico' um bom livro de memórias. Enfim, fundada uma Sociedade Literária Alexandre Herculano — *avis rara* no culto português de autores canonizados — , o seu boletim tomou o título de *Eurico*, publicando um número cheio de sonetos ao gardingo... [8] E, embora moderadamente, 'Eurico', como *prœnomen*, entrava no registo paroquial e civil.

Se esta espécie de voga documenta sobretudo apegos pessoais e esporádicos, vem uma outra que se insere mais directamente no romance e no seu consumo geral. É o caso da ópera fastidiosa que Miguel Ângelo fez do *Eurico,* sobre libreto de Pedro Lima, subida à cena em São Carlos a 23 de Fevereiro de 1870, e no São João, do Porto, em Janeiro de 1874. Herculano refere-se-lhe algures com certa pena do fracasso. Nem faltou à

[7] Luís Augusto Palmeirim, Os *Excêntricos do Meu Tempo.*

[8] Mencionaremos ainda: «Herculano», *Revista Quinzenal de Literatura à Memória de Alexandre Herculano*, 1878. Redactores: Teixeira de Carvalho (Quim Martins) e Almeida Chaves.

chamada «a tuba canora e belicosa», dantescamente entoada por Martins do Soveral nos tercetos épicos a que reduziu o romance em 1897.

Em suma: leitores, discípulos, adaptadores, libretistas precipitavam-se atrás do vulto do Cavaleiro Negro levando o amado fardo através da corrente do Sália... O Presbítero era um farol, Hermengarda uma flâmula, a cor e a matéria do livro tornavam-se proverbiais. A irmã de Pelágio, segundo Teixeira de Queirós, mantinha o *record* popular da idealidade em face da sua posteridade romanesca: a Teresa do *Amor de Perdição* e a Guida de *As Pupilas*. O jornal setembrista *O Nacional*, a propósito da coligação do partido miguelista com a Junta do Porto, publicou a 9 de Janeiro de 1847 um artigo com epígrafe do *Eurico:* «Quando um grande perigo ameaça o país, não há ódio entre os Godos»... Até a unidade nacional se fazia ao clarim deste Roldão!

Aí fica a história externa, às vezes anedótica, de um livro português de irradiação talvez só comparável à que *Os Lusíadas* conheceram, guardadas — as devidas proporções de género, grandeza e lugar, na essência da nação, como vade-mécum dos seus filhos. E as vicissitudes de voga, que aqui reunimos e pudemos colher ao longo de alguns anos de investigação herculaniana (embora um pouco ao acaso), poderiam certamente alargar-se. Mas o mais interessante seria aprofundar a irradiação do *Eurico* nas almas e nos espíritos, o poder de proliferação do seu ideal amoroso, religioso, moral — as ressonâncias históricas e étnicas que envolve e acordou. Alguns dados que aí ficam entremostram pelo menos esse lado.

Se a «crónica-poema, lenda ou o que quer que seja» de Herculano se não recomenda propriamente pela efabulação delicada, por uma acção puramente encarnada, e vivida, personagens diferenciadas, notação justa e subtil (o que não era de esperar num romance romântico), há nela, todavia, uma atmosfera, um clima, em que respiravam naturalmente as almas das gerações românticas, e que ainda tinha condições de procura para espíritos já combalidos de outro modo. Além disso, páginas como as que dão a solidão de Covadonga e as que movem o exército árabe em perseguição da patrulha do Cavaleiro Negro são grandes no estilo de qualquer literatura do mundo. Seja como for, um ar de montanha, de providencial descampado — as Astúrias trazidas pelos barões formados na escola de Egas Moniz até alturas da Arrábida — vive e circula ali. E isso é que é importante, permanente, inegável.

1943 e 1972.

. . . . . .

Que sabe o poeta sobre a sua própria poesia senão o que disse nela?

Nesta pergunta formulámos o problema da validade da autocrítica, adiantando uma resposta aparentemente negativa. Podemos agora avançar que a poesia fala ao seu autor na mesma linguagem que a outrem. Tem-no diante do *dictum* como a qualquer leitor que com ele se defronte. Mas há uma diferença capital nestas duas situações da relação comunicativa e hermenêutica. Enquanto o poema fala ao leitor; a ele estranho *originariamente* — isto é, de improviso ou, quando muito, no pressuposto de outros poemas do mesmo autor já notórios ao intérprete, — dirige-se *originalmente* ao próprio de que tomou surto ou origem e, assim, como rio que tornasse às suas fontes, revolve e comove mananciais psíquicos idênticos ou contíguos àqueles de que brotou.

Se a estranheza do poema é absoluta para o leitor a ele alheio, ou apenas relativizada por outra e prévia entrada do intérprete na intimidade expressional do poeta, é para este relativa apenas à nova posição que ele toma, como leitor, ante o *seu*. Na medida em que o poeta sustém a sua defrontação com o próprio poema como coisa conclusa e pretérita, os sinais que dele recebe o esclarecem. Falam ao mesmo dele mesmo. Por eles o poeta se confere. Neles reconhece os traços de si e do seu mundo, que só uma conjunção passada, fixando-se no verbo, apuraria. Conjunção de dados e de efeitos psíquicos que a elaboração poética, conservando na tensão originária através dos signos linguísticos, conotou e remeteu a motivações posteriores pela recognição, pelo rememorar, pelo novo compreender, que reduz o velho a depreendido.

Podemos distinguir duas modalidades de confronto do poeta com o próprio poema acabado, ambas referidas a um certo tempo decurso sobre a composição. Uma é a leitura imediata ao acto criador. Comunicante e comunicado confundem-se no limite temporal da criação poética. O acto produtor de poesia só então chega ao termo: é o último tempo na sucessão verbal do perfigurar poético. A «figura» estética, perfeita, funciona então pela primeira vez. Como se diz em música, o poeta leitor de si mesmo *da capo* aos estímulos e motivos que o concitaram, ordenados na escrita segundo a linha de ritmo e de sentido resultante. A impressão que domina então é a de plenitude. Pôde chamar-se-lhe, na crítica francesa, *délivrance* porque lembra a situação

* Estudo introdutório a *Poesia* (1935-1940), tomo 14 do «Círculo de poesia»; Lisboa, Livraria Morais Editora, 1961. Também in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974.

típica da criação consumada, a maternidade: a comoção do alívio e do orgulho vitais pela presença original da criatura.

Mas o valor do símile pára onde a criatura poética se revela puramente espiritual, de uma autonomia que apela para a revivificação mental noutrem. O poema não «*é*» absolutamente na figura gráfica, discursiva, a que o consideramos vinculado: está lá virtualmente, como algo latente ou potencial. O seu texto concreto é o pretexto da sua realidade. A sua primeira vida autónoma, na primeira leitura do poema acabado, pelo poeta, é reassumida no campo espiritual de quem lha deu. A singularidade de tal acto oferece-se, assim, com a peculiar intensidade de algo que chega a destino. E essa leitura apresenta-se — tratando-se de sons significantes — como a ressonância imediata, global, da significação poemática, como o próprio poema enfim e só então chegado à plenitude ou perfeição.

Que estas duas palavras não implicam aqui juízo de valor mas só fim de processo prova-o uma atitude experiencial de todo o poeta que viveu tal situação. Para que uma possível decepção se instale como impressão do autor descontente com o próprio poema é necessário que aquele tenha cumprido primeiramente o dever de dar voz aos seus versos. Em silêncio ou em voz alta, essa primeira leitura parcial ou global do poema ainda é composição. Por vezes sugere retoques formais: epítetos e imagens novas, novas determinações preposicionais, câmbios de forma verbal. E quando nada altere, integra o discurso poético pela inflexão tonal significativa e pela oratória enfática, possível ainda quando o poeta tenha presente o preceito de Verlaine: «*tordre le cou à l'éloquence*»; pois mesmo sem impostação nem enriste o poema genuíno é *chanteclair*.

*

Da minha própria poesia, eu que sei? Aprendo com ela a apreender-me. A que reúno aqui compreende três obras sucessivas, as primeiras que publiquei, a não ser dois livrinhos não propriamente precoces, senão precipitados: *Canto Matinal* (1916) e *Nave Etérea* (1923). Destas coisas que se estampam no ímpeto da adolescência, sem critério. *Nugae* – como dizia Petrarca. Confessá-las agora é um acto de humildade. Somos responsáveis de nós mesmos, até no que nos atrasa ou desfigura o pobre perfil presunçosamente julgado definitivo e apurado.

Quando comparo estas três obras poéticas às quatro que assinei posteriormente — *Festa Redonda, Nem Toda a Noite a Vida, O Pão e a Culpa, O Verbo e a Morte* – parece-me que apenas a terceira — Eu, *Comovido a Oeste* – desenha o que se possa chamar o meu pensamento poético, com os temas coerentes e reiterados da busca do sentido da existência pela representação do passado: o mundo da infância no microcosmo da Ilha: o isolamento no seio de uma comunidade

patriarcal: a revelação de Deus e do próximo na vizinhança e na família, do destino no amor e na promessa da morte.

Mas é claro que estes temas não se oferecem ao poeta de uma vez. Embora só conquistassem um estilo poético amadurecido no pequeno livro em questão, esboçam-se nas duas recolhas anteriores, cujos poemas são, em parte, do mesmo tempo. O destino de uns e de outros no enfeixe foi determinado pela diversidade das línguas em que foram compostos, — e aqui se levanta um problema insólito e comprometedor: um poeta português quase se estreia exprimindo-se numa língua que não é, como diria Samuel Usque, «*a que mamou*».

Para depor sobre a autenticidade das circunstâncias que me levaram a poetar em francês precisaria de um ensaio à parte, em que alegasse o relativo domínio de ofício de uma língua românica que para nós, portugueses, é segundo veículo de cultura, e uma situação existencial em ambiente francês que pôde reduzir ao mínimo o artifício coloquial de semelhante recurso estilístico. Contento-me por agora em assinalar o símbolo-chave de *voyelle promise*, isto é: como se à língua nativa de um poeta português, que a Vogal portuguesa simbolize, uma Vogal alheia lhe viesse, *de surcroît...* Assim o mistério da Poesia coincide com o que um filólogo, meu mestre, Carolina Michaelis de Vasconcelos, cientificamente nos ensinava em Coimbra sob a poética rubrica de *O Milagre do Verbo.* «Milagre» pela gratuitidade deslumbrante e comovida dos signos, pelo tentador e perigoso equilíbrio instável de um *dictum* espontâneo e directo com outro *à coup de diccionnaire...*

Mas por agora, repito, limito-me a descarregar sobre o sentido profundo do título *La Voyelle Promise* a justificação do atrevimento. E ainda uma nota mais: a prova da validade «mensageira» de um livro de poemas como esse, que evidentemente leva um mínimo de conseguimento e um manifesto parentesco com os meus poemas portugueses, avulta se o leitor acreditar que o seu estilo excede em muito a capacidade prática que o autor então tinha para se exprimir em francês e em prosa, ou seja: *fora da exaltação imaginativa e lírica em que o discurso poético ocorre.*

De *O Bicho Harmonioso* direi, como o próprio símbolo diz: É esse meu duplo lírico, animal fabuloso, que me elucida das minhas aspirações profundas: amores, cuidados, sonhos, o mundo perdido da infân*cia* — o «*ovo que deixei, bicado e quente, / vazio de mim, no mar*» / / «*E que ainda hoje deve boiar, ardente / Ilha, / E que ainda hoje deve lá estar*».

A esse respeito, creio que o poema central do livro e, em grande parte, do que, não sem tal ou qual ênfase, poderei chamar toda a minha obra poética, é O *Canário de Oiro:* ainda e sempre *bicho harmonioso,* bestiola de fábula, como o licorne ou a fénix. Comparado, porém, a muito de *Nem Toda a Noite a Vida,* e sobretudo a O *Pão e a Culpa* e a O *Verbo e a Morte, O Bicho Harmonioso* é um cantor menor: pequeno Orfeu

que concita as pobres feras do Amor, da Saudade e da Morte, na paisagem de lavas de uma ilha, e que já começa a voltar a cabeça no regresso da descida ao inferno ilhéu de *A Furna*, com risco de só ver Eurídice já desmaiada e morta...

Será tudo o que sei da minha própria poesia? Ou fi-la ainda mais enigmática aos outros e a mim mesmo nesta espécie de poema dos poemas, com que me equivoquei?

ARTIGOS, CONFERÊNCIAS E OUTROS ESCRITOS

A ARTE DE ESCREVER

(COMFOSIÇÃO; SENSIBILIDADE; ATITUDE CRÍTICA) *

Começarei por dizer que não concordo com o rumo tradicional do ensino das disciplinas literárias, tais quais se professam nas universidades portuguesas.

Bem sei que os próprios professores discordam também, em muitos pontos, e procuram reagir contra ele, sem o enjeitarem de todo: nem por isso a declaração que deixo feita deixará de parecer leviana ou presumida.

Na moral mais aceite da profissão do estudo é princípio assente, julgo eu, que o estudante estuda como lhe mandam, e não discute como lhe convém estudar. Eu chamaria a isto uma regra de bom viver ou, com vénia do leitor, um principiozinho da ética do tem-te-mão-não-caias. Porque a questão é esta: não há a franqueza de romper abertamente com a rotina para proclamar que o ensino não é uma arte unilateral, espécie de comércio em que uns são eterna e invariavelmente fornecedores, os outros eterna e invariavelmente consumidores, mas, pelo menos no grau superior, uma instituição de livre-câmbio, oscilando continuamente entre a força expansiva das ideias do mestre e as instabilíssimas necessidades e curiosidades do discípulo. Ora, essas curiosidades e necessidades ou não existem, ou não podem satisfazer-se completamente com a rigidez do método histórico, biográfico quanto aos autores e cronológico quanto às obras, a que a tradição compele os estudantes na aprendizagem da literatura. Tenhamos pois a coragem de arrostar com o mostrengo, não sem nos precavermos, na probabilidade de malogro, com as palavras do Bispo de Silves: «Mas que faremos de tenções danadas que não recebem razão?» e ainda justificando-nos com outras palavras do mesmo bispo: «...porque, quando há diversos pareceres e diversas razões, acerta-se melhor o que cumpre; e com o bom que se toma, evita-se um tamanho escândalo do público, como o haver todolos pareceres por errados, afora os seus» [1].

Mas não quero esquecer-me de que não me proponho discretear sobre reformas do ensino, senão sobre a arte de escrever, a natureza do estilo, a interferência da sensibilidade e da atitude crítica na obra literária, e considerações limítrofes. Baste-me pois assinalar em dois traços o que considero urgente introduzir na profissão da literatura. Quisera-a eu um pouco desembaraçada dos ornamentos da erudição, que não desprezo, em favor de um múnus mais directo, mais

---

* In *O instituto*, vol. 76, 4.ª série, vol. 5.1, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.

[1] D. Jeronymo Osório, *Cartas Portuguesas*, nova ed., Coimbra, 1922, págs. 49 e 41.

concernente ao carácter vivo das obras de arte em linguagem. Um romance, um drama, um soneto, uma sátira são, antes de mais, expressões de ideias e sentimentos vivos, que se produzem segundo um mecanismo próprio e se organizam em função de um modo de ser também próprio, a que se chama génio poético, génio dramático, génio literário. Ora, em regra, o objectivo dos estudos literários em Portugal não é esse génio, mas a sua mera exterioridade ou aparência. A atenção, incidindo sobre factores externos, cai assim insensivelmente no ponto de vista filológico, não no sentido alemão de «amor do logos», o que não seria para condenar, mas no sentido da minudência vocabular, questões de purismo e idiotismo, propriedade e impropriedade, francesismo a mais, francesismo a menos. Sobre isso, a intromissão abusiva de noções que não são da esfera da literatura, mas da biblioteconomia ou da história da imprensa: cimélios, incunábulos, iluminuras, — conhecimentos por certo auxiliares dos estudos histórico-literários, mas que estão longe de constituir o que de essencial neles buscamos.

Dado ainda que se releguem para as ciências filosóficas os estudos sobre o estilo, o conceito do belo, a atmosfera estética em que vive o autor e a obra, ficam de pé, sob a designação de história da literatura, a distribuição das ideias por séculos e épocas, a arrumação das tendências e escolas[2], as aproximações que emergem do âmbito da literatura comparativa. Aqui, sim, que está a essência das coisas. É só por isso que vale a pena ocuparmo-nos com escritores e escritos, e não simplesmente porque com aqueles se deram determinadas efemérides.

Chama-se arte literária aos meios de exprimir através da linguagem o belo, ou seja o sentimento agradável que coisas e seres em nós despertam, reduzindo-se a uma trama de ideias e de factos que se denominam estéticos. A esta definição é preciso juntar dois elementos, que colaboram para o mesmo fim, a humanização da espécie humana; e é o primeiro o carácter eminentemente social de toda a obra literária, sendo o segundo a feição desinteressada que os factos estéticos apresentam. Eminentemente social digo eu, porque, sendo a linguagem o instrumento da literatura, esta recebe daquela o máximo poder comunicativo de que uma arte pode dispor. Quanto ao desinteresse, pressuposto do belo, para defini-lo tocaríamos numa melindrosa questão, que consiste em delimitar o âmbito de tal sentimento para concluir com segurança sobre a sua própria natureza. Deixemos pois a pretensão de determinar *a priori* essa subtil essência e procuremos ver

[2] Angel Ganivet (*Idearium Español*, 4.ª ed., Madrid, 1923, pág. 85) queixa-se de que «en España no es facil relacionarlos todos [*processos técnicos, estilos e escolas*] en una unidad superior, en un concepto general, en una verdadera escuela», e isto porque Espanha tem génios isolados e não *greis* de génios. Pode dizer-se o mesmo de Portugal. Mas justamente porque não é fácil é que a tarefa se impõe.

como ela se alcança em literatura: seus sinais de presença, modos de ser, formas que reveste [3].

Em primeiro lugar, a linguagem. É ela, como se disse, a matérial desta arte: exprime ideias e imagens; sentimentos puros, ou dados da sensibilidade que se não organizaram mentalmente; factos do mundo nervoso; simples verdades imediatas; o real desnudo e trivialmente visto[4]. Mas a linguagem, facto psicológico, é o meio mais geral da expressão, como que a imagem mais rica que o homem projecta na terra, — e nem toda a projecção humana literariamente se concebe. Portanto, só empregada em certas condições, com requisitos determitmdos, pode a linguagem assumir a categoria literária e penetrar então nos domínios plenos da arte.

É dessas condições e requisitos que nos vamos agora ocupar.

Tomemos a coisa em campo mais terreno, e vamos por exclusões. Suponhamos uma carta dum lavrador a outro. Diz assim: «Aqui por Coimbra tem chovido muito e o granizo tem feito mal às árvores que estão com flor, e eu não sei que hei-de fazer à minha vida, porque o ano passado perdi uns contos de réis com a azeitona e este ano estava a contar com o bom tempo para salvar o meu rico dinheiro. As coisas também não estão boas a respeito de crédito, como bem podes calcular, e cá por casa os rapazes têm andado doentes com gripe e a minha mulher, coitada, trabalha que se mata». É um documento, como se vê, da linguagem — humana, em que se relatam factos comezinhos, como a chuva e o granizo, uma má colheita de azeitona, dificuldades de crédito, doença de pessoas queridas. Tomemos outro exemplo. Diz assim:

«O homem resolvera escrever ao compadre sobre os apuros da lavoura, e, como tivesse os pequenos doentes e a mulher cansada da lida, ficou-se por casa, calçou os chinelos, e, por detrás da janela, chapéu desabado sobre os olhos, considerou os campos, que andavam ensopados da chuva e castigados do granizo como não havia memória». Os mesmos factos, pouco mais ou menos, ressaltam deste outro exemplo, e todavia este é literário e aquele não. Porquê? Porque o segundo é mais complicado, mais *bonito*, escrito de um modo mais elevado e difícil? Decerto que não. Se bem o examinarmos, não lhe

---

[3] Tolstoï, entre muitos, confessa que «la question de savoir ce qu'est la beauté reste aujourd'hui encore absolument sans réponse, chaque nouvel ouvrage esthétique proposant à cette question une réponse nouvelle». Comte Léon Tolstoï, *Qu'est ce que l'Art?*, trad. de Wyzewa, 6.ª ed., Paris, 1911, pág. 20.

[4] Julien Benda, negando que haja qualquer coisa de comum entre *emoção de simpatia e emoção estética*, define esta última como o «tipo de emoção de base intelectual». Pelo que respeita ao fundo ideológico da emoção estética, afirma que para produzi-la ou senti-la é preciso que se «seja capaz de formar ideas abstractas» (a *perfection des rapports* que M. de Sévigné admirava na *Esther* de Racine). Vid. *Belphégor*, 12.ª ed., Paris, 1924, págs. 56-58.

Adiante insistiremos sobre o predomínio do *intelectual* nas obras de arte literária.

encontramos um único vocábulo que não pertença, à fala trivial. Quando muito, assinalamos-lhe duas formas verbais eruditas: *resolvera,* por *tinha resol*vido, e *tivesse,* empregado como predicado de proposição causal. Podemos pois concluir pela identidade da linguagem nos dois empregue, salva a estrutura lógica e rítmica da segunda espécie de prosa, de que trataremos adiante.

O que diferença a primeira peça da segunda é o seu carácter utilitário: mera anotação de realidades para efeitos práticos restritos. O correspondente transmite ao destinatário, não as suas impressões desinteressadas sobre o tempo, a beleza do granizo ou a desolação platónica de que as flores das árvores dizimadas lhe povoaram o espírito, mas, pelo contrário, um desânimo muito directo, em que o interesse próprio entra em jogo. A alusão ao crédito dá inclusivamente a perceber que o homenzinho, com a fazenda danificada, espera do amigo um socorro que não quer pedir directamente. Tivesse ele outra têmpera, e já a carta conteria — quem sabe? — sua consideração sobre o infortúnio, a subordinação da vida agrícola aos caprichos das intempéries, aspectos pitorescos dos bagos de neve a cair. Em conclusão: não é por se tratar de uma carta privada que a arte literária não existe, mas porque, no exemplo, as linhas se cingem secamente à necessidade dos factos, à sua processão e vulgaridade.

A arte começa, portanto, onde o particular se elimina ou onde se manifesta em função da generalidade a que pertence. Daí o carácter social que lhe atribuímos a princípio: a literatura é um meio de contágio; sociabilizar é pois o grande papel que lhe compete. De que meios dispõe para isso?

Mas, deixando a pergunta em suspenso, revertamos ao segundo exemplo. As palavras usadas aí, como dissemos, afinam pela craveira da linguagem singela da carta. No entanto um arrumo diverso se lhes deu. A leitura delas resulta diferente: clara, duma clareza que se dispõe em gradações harmoniosas e induzidas. Isto da indução — apresso-me a dizê-lo — já Guyau referiu em páginas belíssimas[5], fazendo-a emparelhar com a simpatia nos processos sociabilizantes do estilo, que é a substância da literatura. Na arte literária, essa indução opera-se por duas vias, continuação uma da outra: pelo caminho objectivo do estilo, ou seja pelas malhas da rede rítmica em que o autor recolheu as emoções que fornece; pelo conteúdo do próprio estilo, suco emotivo ou ideológico de todos os valores em acção, que figuraríamos, em metáfora, pelas algas, musgos e gotas de água que escorrem de uma rede que se tirou do mar. O estilo é o espelho duma atitude: a do escritor perante o facto literário. Considerando *sub specie aeternitatis*, lança em circulação as energias da obra; é a ressonância de uma alma sob as abóbadas do seu

[5] Guyau, *L'Art au point de me sociologique*, 9ª ed., Paris, 1912.

mundo. *Sub specie particularitatis* acusa o autor, é o traço que o individua na sociedade dos seus pares, como que serve de marco no plano duma época multímoda. Falando talvez com mais clareza: o estilo apresenta dupla-face. Enquanto o vemos desprevenidos, enquanto exerce a sua verdadeira função, é a própria essência da literatura: o veículo da emoção literária, a um tempo conteúdo e continente. Por outro lado, submetido à análise, postos a nu e identificados os elementos de que se compõe, é o índice da refracção das coisas e dos seres através da índole do autor. Enfim, «o estilo é o homem».

Pascal, esse dizia: «lorsqu'on voit le styl naturel, on est étonné et ravi, car on s'attendait à voir un auteur, et on voit un homme». E Boileau, a propósito das personagens de Terêncio:

> «Ce n'est plus un portait, une image semblable;
> C'est un amant, un fils, un père véritable»[6].

Forma e fundo, na obra literária, implicam pois naturalidade e verdade. São como polos; mas, ao contrário dos do mundo, não constituem antinomia, antes se aquecem com o mesmo calor vivificante porque são dois modos da mesma essência espiritual. Enquanto a naturalidade, que toca à forma, é o sinal externo da autenticidade duma obra, a verdade, que toca ao fundo, à própria afirmação íntima dela, é o que nos garante que essa obra se insere na universalidade, — isto é, naquilo que, por seu carácter geral e permanente, é específico do génio criador.

Mas, em vez de levarmos por diante as nossas considerações sobre o natural e o verdadeiro nas obras de arte literária, ocupemo-nos das categorias inclusas no enunciado deste ensaio: *sensibilidade* e *atitude crítica.* Elas são, no pé em que tento defini-las, os dois pontos de vista em que o autor necessariamente se coloca em face da obra a traçar, reservando eu o termo composição para designar os problemas do estilo no seu sentido material ou exterior.

É preconceito enraizado, entre literatos e diletantes, que o escritor é exclusivamente um sensível, quer dizer, uma pessoa dotada, em alto grau, de permeabilidade aos fenómenos da emoção estética pura. Quem assim pensa, exclusivamente confia a factores infusos, a factores (digamos a palavra) *fatídicos*, o que afinal é função de faculdades intelectuais, doseadas embora nas proporções de um dom ou predisposição inata. Chamemos génio a esse condão (ou talento, ou inspiração, ou tendência); partamos da sua necessidade para que o escritor seja artista, mas atendamos a que a arte de escrever tem uma

---

[6] Boileau, *L'Art Poétique*, canto III, vv. 419-420. Diz António Sérgio: «O estilo, ou não existe, ou é o suco de uma individualidade e da experiência pessoal». Notas sobre os «*Sonetos*» e as «*Tendencias Geraes da Philosophia*» *de Antero de Quental*, Lisboa, 1909, pág. 15.

técnica que se não reduz à simples euritmia, senão que se alarga a processos lógicos e dialécticos, e que portanto se enquadra na arte de bem pensar. Nada mais falso do que tomar uma língua por simples matéria plástica, meio de dar a cor, o som, o impressionante, o pitoresco.

A linguagem, sendo um facto originariamente psicológico, é, no grau superior (e só este importa verdadeiramente à literatura), uma conquista racional, e portanto um instrumento de aparato inegavelmente lógico. Sendo assim, como rebaixá-la no escritor até aos umbrais do inconsciente, ao mundo surdo e nebuloso das sensações? Admitamos portanto o que a realidade nos ensina: a primeira condição do escritor é a inspiração, talento ou génio, e este consiste na faculdade de coordenar os resultados da actividade crítica do espírito sobre os materiais subministrados pela sensibilidade ou emoção. Tocamos agora no que há de específico na arte de escrever. Enquanto o escritor de ideias limita a coordenação a um mínimo de lógica e de clareza (em suma, enquanto se dirige à simples percepção), o escritor artista emprega também a clareza, também se serve da lógica, mas com o intuito de provocar uma atitude simpática, actuando pelo prazer, pelo sentimento, pela imaginação[7]. É claro que a dificuldade consiste em dizer onde termina o mundo frio da lógica, das ideias directas e despidas de redução, para começar o mundo excitante das ideias estéticas, — o mundo literário, em suma. De um modo absoluto, todo o acto de pensar implica um acto de amor, um acto, portanto, estético, visto que o padrão por onde aferimos a categoria é o prazer, maior ou menor, que os fenómenos de sua alçada acordam no nosso íntimo. No entanto é relativamente fácil destrinçar uma verdade evidente de aqueles valores intelectuais que nos não colhem indiferentes, mas vêm envolvidos, por assim dizer, num halo de excitação. Assim se separa a verdade de um teorema de geometria, simples e demonstrável: por exemplo, da verdade cartesiana dos turbilhões, ou das hipóstases dos pensadores medievais. Uma é concreta, evidente, limitada, — e, por isso, uma vez adquirida, não mais ocupa o espírito, que a encorporou sob a única forma que verdadeiramente comportava. As outras são discutíveis, vagas, hipotéticas, — portanto em permanente provocação à actividade, à consideração, ao assédio crítico. São como flores de que nunca se esgota o pólen; o nosso espírito, a borboleta que jamais se cansa de o procurar.

Insisto neste *diferencial-excitação* — digamos assim — pelos motivos que passo a expor, tirados da observação e da experiência de mim próprio. Como leitor, fui sempre um *estimulado*. O verso, a prosa sobretudo, quando provindos da minha esfera de afinidades (cá está a lei da simpatia no seu império insubornável), foram sempre, para mim, coisas actuantes, vivas, como que o regimento de um campo de contrastes

[7] É neste ponto que dissentimos de Benda, citado em nota, retro. Vid. adiante o esquema da teoria de Guyau, que inteiramente perfilhamos.

em perpétua germinação. Quase nunca, por isso, experimento o estado de espírito daqueles leitores por passatempo, para quem só valem os elementos da *intriga* e que se colocam, portanto, no ponto de inserção dos factos triviais do relato na sua verdadeira substância de idealidade ou estesia. Raro percorro as páginas dum romance, que me não surpreenda, no auge da acção, a interromper a leitura para compor, por minha vez, as laudas dum capitulo novelístico que me ficara em aberto.

Mas este é um caso de leitor-autor, em quem o fenómeno do contágio estético se resolve numa crise de imitação. Emoções e ideias que nos advieram da leitura, activam em nós qualidades semelhantes: dá-se uma interpenetração de coisas do mesmo nome. Mais interessante será observar o influxo duma obra na vida do simples leitor, e então se verá que uma corrente contínua de força espiritual caminha de acto em acto, crescendo aqui de intensidade, ali diminuindo, além fechando circuito. O pequeno universo de tais emoções e ideias ondula de dois modos: uma parte delas engolfa-se no mundo da acção prática; — os actos quotidianos são embebidos de estetismo, fecundados pelos valores ideais da obra de arte. A outra parte, mais radical ou mais rebelde, constitui-se em sociedade abstracta, e é uma como que população espiritual que sempre acompanha o leitor, continuamente pronta a fornecer emigrantes para as realidades da vida. O livro — poema, romance ou o quer que seja — põe assim em equação os dois aspectos humanos que nos parecem irredutíveis: a realidade e o ideal. Em vão buscamos classificar os autores segundo as fichas habituais. Não há realismo estreme nem idealismo sem mistura. Há, sim, campos de predilecta incidência do estilo, mais ou menos povoados segundo os caprichos da moda, a oscilação das tendências ou a coloração dos temperamentos; e assim, tal escritor se nos afigura realista, tal idealista, consoante a média dos processos literários e dos materiais eleitos por cada um [8].

Mas precisamos arrumar definitivamente as nossas ideias sobre sensibilidade e espírito crítico, quando é certo que nos perdíamos por caminhos já bem desviados. Falando negativamente: a sensibilidade não é no escritor a lei suprema, nem esse fantasma do cego instinto que os estetas da moda inculcam. Para esses tais bastará uma certa vibratilidade nervosa para que haja um escritor. Caem assim no impressionismo, apresentando-nos um ideal de artista mutilado dos dons racionais, simples estilete sobre película vibrante que risca em negro de fumo. Não senhores. A sensibilidade é o grande factor da inspiração, a grande matriz estética, mas sensibilidade *racionável*, riça de fios que a inteligência vai urdindo, enliçando a seu modo, compondo. É essa inteligência que vemos como *atitude crítica*, porque se nos apresenta

[8] Ver, a este respeito, Brunetière, *Le Naturalisme au XVII*° siècle, «passim», e especialmente *in fine*. In-*Études Critiques*, 1.ª série.

como um jogo de faculdades de rejeição e escolha. As grandes páginas, ou simplesmente as boas páginas não nascem fundidas de um jacto, como Minerva da cabeça de Júpiter; pelo contrário, são o precipitado de simples impressões ou ideações que surgem tumultuosas, e que o espírito vai assentando como faz o tempo aos vinhos. É preciso pois distinguir, na arte de compor, duas jornadas ou dois momentos. O primeiro é o do reino da sensibilidade, que põe a descoberto os mananciais da inspiração. O segundo é o reino do espírito crítico, e o único que realiza e afeiçoa. Está nele a operação capital do escrever: concepção dos meios estéticos, recusa de todos menos um, opção por este e linguagem. Este último estádio do acto de escrever é já o estilo ao vivo, concebido como o ritmo que vai regulando a cadência dos sentimentos e das ideias.

E entramos no assunto *composição*. Em primeiro lugar, definamos o termo como o trabalho realizado pelo estilo, que é neste caso uma disposição especial do maquinismo *linguagem*; e, pois que esta mos no domínio da literatura, convém descer da noção de *linguagem* à de *língua.*

Este novo conceito permite-nos, de resto, recuar no campo da abstracção: *a língua* oferece-nos já uma possibilidade mais restrita de estilos; é, contando-se o *dialecto*, o segundo grau na ordem ascendente dos estilos *impessoais.*

Insere-se aqui um problema curioso, a que se chama comummente *génio da língua* e que nós, para reforço da noção liminar de estilo, designamos por *estilo colectivo* ou seja um meio necessariamente condicionado para a formação da maneira individual do escritor. Mas o *génio da língua* implica outra questão, a do meio em literatura, tão predilecta de Taine e de terreno tão ingrato, certo como é que a inspiração de um escritor é sobretudo um fermento de revolução no ambiente em que se move [9].

No entanto, e apenas de passagem, chamo a atenção dos leitores para a maneira como Guyau concebeu o encadeamento dos valores sociais realizados em arte, alargando previamente o conceito de sociedade desde os liames positivos de um dado corpo gregário a uma simples solidariedade ou colectividade de ideias puras. Servir-me-ei do

---

[9] Quando o escritor, evidentemente, se eleva bastante acima do nível dos seus contemporâneos. Condorcet dá-nos a ideia do contrário: «L'homme ordinaire reçoit d'autrui ses opinions, ses passions, son caractère, il tient tout des lois, des préjugés, des usages de son pays, comme la plante reçoit tout du sol qui la nourrit et de l'air qui l'environne. En observant l'homme vulgaire, on apprend à connaitre l'empire auquel la nature nous a soumis, et non le secret de nos forces et des lois de notre intelligence». Condorcet, *Vie de Voltaire*, pág. 1.

A respeito da influência do meio sobre o homem vid., por ex., as sedutoras palavras de Taine in *fine de L'esprit gaulois*, 1, — *La Fontaine et ses Fables*, pág. 7-9, e ainda o mesmo A., *Histoire de la littérature anglaise*, t. I, 2.ª ed., pág. XLVIII e XXIII. Vid. também Brunétière, *Dernières recherches sur la vie* de *Molière, in-Études Critiques*, 1ª série, pág. 100.

esquema de Fouillée, gizado com três números: «1.º a sociedade real pré-existente, que *condiciona* e em parte suscita o génio [*Cruyau inclina-se aqui para Taine*]; 2.º a sociedade idealmente modificada que o próprio génio concebe, o mundo de vontades, de paixões, de inteligências que cria no seu espírito e que é uma especulação sobre o *possível*; 3.º a formação consecutiva duma sociedade nova, a dos admiradores do génio, que, mais ou menos, a realizam em si próprios pela *imitação* ou *inovação*» [10].

Ora bem. Seja qual for a intensidade das forças causais do meio, — políticas, económicas, morais, de toda a espécie, — nenhuma é mais decisiva do que a língua, que a todas engloba e activa e é o plasma forçoso da criação literária. Mas, para que assim a vejamos, é indispensável desterrar o seu conceito estático ou clássico. O classicismo da expressão é uma simples média, e as médias são falsas, inorgânicas, fictivas. Impossível, por exemplo fixar a significação duma palavra, que pode resistir morfologicamente durante séculos, mas que muda semanticamente de boca em boca, e até, na mesma boca, quase de instante em instante.

Donde se deduz que não há uma forma clássica geral e permanente, um ponto morto da língua, mas ondas de estilo que a vários níveis se encrespam, quebram e desenrolam, tendendo embora para aquele *nível do mar* que nos permite reconhecer, através das idades, essa língua.

E como é que esta compele o escritor a determinada direcção? Certo é, a latitude para a formação do estilo não tem os graus muito estreitos: a originalidade rodeia-se de possibilidades variadíssimas. Mas, sem o risco de ser expelida a breve trecho para girar na órbita do caprichoso e do abstruso, essa originalidade enquadrar-se-á no seu meio, — o *estilo original* na sua *língua de origem*.

É na curva que une os ressaltos inovadores de uma língua que está o cerne dela, — o seu elemento de coordenação ou classicismo. O disco de Newton dá a luz branca; a série de estilos, o génio da língua.

Agora vejamos, para bem compreender os meandros da composição literária, a lei melódica que preside a ela e é o seu *quid* artístico. Contámos, na definição de arte literária, com o elemento *agrado* ou *desinteresse*. Difícil é ele de explicar. Ainda o critério mais certo é o da *não-utilidade*, que se traduz na incapacidade imediata dos valores de ordem estética para produzirem riqueza. Quando percorremos um canto de *Os Lusíadas* ou lemos um romance de Eça não temos a consciência de resultado prático algum, senão a certeza de que cumprimos um desenfado ou diversão. Mas, enquanto as coisas assim se passam, uma

[10] Vid. Guyau, op. cit., e Alfred Fouillée, *La Morale, l'Art et la Religion* d'après M. *Guyau*, Paris, 1889, *passim*.

Sobre as ideias estéticas de Guyau há algumas notas no excelente estuda de Silvio de Lima, *Ensaio sobre a ética de Guyau nas suas relações com a crise moral contemporânea*, Coimbra, 1927.

observação nos convencerá de que tal desenfado é específico. Acompanha-se de uma excitação ou super-trabalho do espírito, de um *ir adiante,* de uma impulsão. As tenazes do diálogo, do descritivo e da introspecção arrancam de nós valores correlativos, e começa então a erguer-se em nosso espírito a cidade irreal das ideias, dos sentimentos fátuos ou robustos que nos transformam sem o querermos. Ortega y Gasset prefere chamar a este conteúdo a nossa *paisagem interior.* Talvez a imagem melhor se acomode a esta ordem de figurações, e o nosso espírito, que a Bíblia igualou ao ritmo errante das águas, seja regido pelas leis do bosque, metáfora de Gosset [11]. Eu prefiro o símbolo platónico da cidade, por mais consentâneo com a minha concepção humanista da vida e seu sentido *civilizante.*

Mas isto veio a propósito da melodia em literatura, ou seja da *métrica* do estilo. A tendência para dar ao discurso uma inflexão harmoniosa só é ninharia ou defeito quando estudada ou pré-concebida. A questão não consiste, quanto à prosa, em aliterar e rimar. Esse é o caso dos falsos escritores, dos rebuscados, da arte pela arte. O verdadeiro estilo não é um molde alindado, mas a própria consonância da ideia com a palavra que a reproduz [12]. O discurso é a sombra que a efabulação interna projecta, o eco das vozes íntimas do autor. Ora, se o pensamento é um fluxo regular e ordenado, nada mais natural do que aparecer-nos revestido dessa regularidade e dessa ordem. Fundo e forma, como dizíamos há pouco, são pois o verso e o reverso da realidade estética.

Por muito alheia que pareça ao capítulo *composição*, não deixarei no escuro a *ironia,* que se me afigura, na infinidade de graus que comporta e com relação à arte de hoje, matéria inseparável dos problemas estilísticos. A literatura grave e solene fez, com efeito, o seu tempo. O trágico, por exemplo, sendo de todas as eras e nações, só pôde viver portas adentro do solene enquanto adstrito à concepção da vida majestosa e heróica. Foi a leitura das biografias de Plutarco, dos textos de Tito Lívio, de Lucano, de Tácito[13] e das tragédias euripedianas que em parte informou os clássicos franceses da confraria de Melpómene. Corneille, em sua peugada Rotrou, Tristan, Du Ryer são os cabouqueiros do mundo literário impertigado, belíssimo embora em certos deslizes da dureza ou nalguns lineamentos conceituosos de larga curva parenética. O certo é que a leitura deles nos fatiga, como que desconcerta a nossa postura de modernos em frente ao facto literário. E não é sem um tal ou

---

[11] José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, 2.ª ed., Madrid, 1921, Pág. 56.

[12] «Como um cardiographo delicado que regista e corta as mais imperceptíveis pulsações do espírito, assim é o estylo». G. Moniz Barreto, *Oliveira Martins (estudo de psychologia*), 2.ª ed., Paris, 1892, pág. 71.

[13] Gustave Lanson, *Corneille* (Col. *Les Grands Ecrivains Français*), 7.ª éd., Paris, Hachette, s. d., pág. 80.

qual sentimento de desforra ou compensação que lemos em paródia do *Cid* estes marotos versos:

– Rodrigue, as-tu du coeur?
– Je n'ai que du carreau[14]

É que o *ferro de engomar* da paródia dá-nos a linha de desvio que é a base do modo irónico. Representa para nós o *cair das nuvens,* o salto, e, parecendo que não, é este um grande meio de provocar em nós a indução de Guyau. Para meu gosto e sob certos aspectos, a primeira comédia das *Mocedades del Cid* sobreleva em muito a tragédia que o grande Corneille ali bebeu. O *Cid*, bem sei, é o equilíbrio, o desenvolvimento mesurado e grandioso; mas a comédia de Guillén de Castro é o porto-franco do ímpeto, da *barbaridad* onde certa ironia fermenta. Exemplo, á fala do conde de Orgaz para Rodrigo:

Porque nunca acierta bien
Venganzas con sangre quien
Tiene la leche en los labios.

Quer isto dizer que o trágico desapareceu dá literatura sob uma camada de riso espesso? Longe de mim votar tal disparate. A ironia de que me ocupo não é alvar nem mesquinha, ou, como diz Anatole France, «elle ne raille ni 1'amour ni Ia beauté». Também o trágico se não apaga do mundo estético, onde representa a polarização das paixões. E pois que as paixões progridem na razão directa das ideias que não alcançam o próprio efeito, como no-lo vai dizer Espinosa, teremos na maior paixão a tragédia maior. As palavras de Espinosa são estas: «...a alma é sujeita a um número de paixões tanto mais considerável quanto maior for o número de ideias inadequadas [*isto é, imprevidentes do próprio efeito*] que ela tiver». O que desejo acentuar é que o trágico deve servir-se, na arte moderna, dos seus modernos equivalentes: o grotesco[15], e a piedade expressa por um sorriso de serenidade superior. Ambos os modos pertencem à província literária da ironia. Com referência à função desta no estilo, compará-la-ei à da dúvida metódica cartesiana no domínio da especulação. O nosso Antero exprimia-se deste modo a respeito do

[14] A paródia, segundo refere Tallement des Réaux, cit. por Petit de Joulleville, é da autoria de Boisrobert e foi representada diante do Cardial de Richelieu por cozinheiros...

[15] ...«Même on pourrait dire que moins la réalité est riante, et plus Molière la trane en farce: par la bouffonnerie seule, la comédie peut s'emparer de certains sgjets oìz déborde la tristesse, comme celui de Georges Dandin». Lanson, *Histoire de la Littérature Française*, 14.ª ed., Paris, 1918, pág. 519. Vid., a respeito do *enfático* e do *grotesco,* Brunetière, *Le Naturalisme au XVII› siècle*, apêndice II dos *Mudes Critiques*, 1.ª série, vol. XI, n.º 3, 1928.

emprego desse instrumento essencial do pensador: «Duvidar não é só uma maneira de propor os grandes problemas: é já um começo de resolução deles, porque é a dúvida que lhes circunscreve o terreno e que os define: ora, um problema circunscrito e definido é já uma certa verdade adquirida e uma preciosa indicação para muitas outras verdades possíveis» [16]. Segundo Antero, portanto, a dúvida exerce-se relegando o que se nos não afigura pertença daquela verdade que buscamos. Pois eu creio que a ironia é a sua coordenada literária. Deformando as ideias e os factos, traça em redor dos elementos reais dessas ideias e desses factos o seu exagero ou prolongamento. Permite assim que vejamos das altitudes do riso as profundidades do verdadeiro. Para nos habituar à verdade faz-nos passar pela mentira.

Mas além deste papel, a que chamaremos critico, a ironia representa na literatura um outro, mais propriamente estético. É um factor excelente de excitação, uma grande nervura do estilo. O riso, essência dela, é, falando à maneira de Spencer [17], o contrário dum *frottement du véhicule*: – quer dizer, uma maneira de poupar a energia, tão preciosa na leitura. Aquilo de que nos rimos concebe-se em menos tempo: é um esquema ou fogo-fátuo. E assim a ironia, temperando o estilo, enriquece-o de ritmos que não podemos desprezar.

Ramo das ciências filosóficas, há muito que a estética parece condenda ao destino da sua irmã metafísica, e, com a mesma velocidade de que esta se animou, parece fugir ao único terreno, o objectivo, em que é possível especular com proveito. Além disso, as questões em que a moral é chamada a depor são mais interessantes e prementes, a lógica teima em nada ceder do seu campo e a psicologia enriquece continuamente os seus horizontes experimentais.

Apesar de tudo, não nos devemos esquecer de que a estética tem seus pergaminhos, bastando para isso lembrarmo-nos dos nomes de Spencer ou Guyau, luzeiros dos céus do pensamento, ou de simples curiosos do mundo das ideias, como Edemundo de Goncourt. E ainda agora, no nosso tempo, os neo-tomistas em moda procuram ressuscitar as ideias estéticas do seu mestre. Mas entendamo-nos: não é para a estética das seitas que desejo chamar a atenção. De excesso em excesso, cairíamos no ridículo de conceber uma estética patrística, por exemplo. E não me parece demais insistir no carácter agnóstico dos ideais estéticos [18], quando é certo que chegámos em Portugal a um tão agudo grau de

---

[16] Antero de Quental, *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX, in-Revista de Portugal, vol.* II, Porto, 1890, pág. 6.

[17] Herbert Spencer, *Essais sur le progrès*, trad. de A. Burdeau, 5.ª ed., Paris, 1904, pág. 331.

[18] «Cette promptitude aux métamorphoses intérieures fait l'artiste véritable. Il n'est d'aucune classe ni d'aucune secte; il n'a ni préjugés ni parti pris»; Taine, *La Fontaine et ses Fables*, pág. 68.

sectarismo, que já se elevam à condição de novelistas geniais simples e cândidos rapazinhos, só porque traçaram com pena de pato um pequeno enredo de acção confissional. Não senhores. Quero exortar os aprendizes de Letras, mas para que se interessem tolerante e rasgadamente por toda a ideia estética, mormente pela arte literária, que é o que nos toca mais de perto. Não nos limitemos a decorar resenhas bibliográficas; vamos mais longe e mais fundo: quanto possível, à rocha viva de que brota a linfa mais pura do escritor.

AÇORIANIDADE *

Não sei se chego a tempo com a minha colaboração para a *Insula* no V centenário do descobrimento dos Açores. É uma colaboração estritamente sentimental, uma espécie de minuto de recolhimento em meia dúzia de linhas.

Entendo que uma comemoração deste vulto deve ser, mesmo quanto a palavras, rigorosamente *monumental,* feita de estudos e reflexões que ajudem a consciência açoriana a tomar conta de si mesma e contribuam para que os Açores, como corpo autónomo de terras portuguesas (um autêntico viveiro de lusitanidade quatrocentista), entrem numa fase de actividade renovada, de reconstrução, de esforço humano e cívico. E neste momento, é-me impossível dar a mínima contribuição nesse sentido.

Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apêgo à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; — e logo o sentitimento de uma herança étnica que se relaciona intimamene com a grandeza — do mar.

Um espírito nada tradicionalista, mas humaníssimo nas suas contradições com um temperamento e uma forma literária cépticos, — o basco espanhol Baroja, — escreveu um livro chamado *Juventud, Egolatria*: «O ter nascido junto do mar agrada-me, parece-me como um augúrio de liberdade e de câmbio». Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto ao mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes. Era este orgulho feito de singularidade e solidão que levava Antero a chamar aos portugueses da metrópole os seus «quási patrícios».

Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o *logos*, na água. Daqui partiria o fio das reflexões que me agradaria desenvolver.

Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo, — e o tempo é espírito em *fieri.* Mais outro tanto, e apenas tocaremos metade da memorialidade de Vergílio.

Somos, portanto, gente nova. Mas a vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projecta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem... Como

* In *Insula*, n.º 7-8, Ponta Delgada, 1932.

homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo *habitat* a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é debalde que ás nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.

Mas este simbolismo está muito longe de aludir com clareza aos segredos do ser açoriano, e mais parece um entretenimento literário do que um sério propósito de pôr o problema da nossa alma. Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba. Antes desse dia de libertação íntima mal poderei fazer-me entender dos outros. Um aceno de ternura, um vago protesto de solidariedade insular a distância é o muito que estas linhas podem significar.

Coimbra (Cruz de Celas),

19 de Julho de 1932.

LE MYTHE DE MONSIEUR QUEIMADO [1]

Permettez-moi d'oublier un instant ma condition de professeur et de vous parler, en poète, d'une expérience humaine arbitraire.

L'humain n'est peut-être pas le fort d'un professeur, quoique l'enseignement se soit, depuis trois siècles, préoccupé d'humain et d'humanisme. Mais je crains que cet humanisme ne soit qu'une honnête invention des lettrés. Quand on a des loisirs on va très loin dans l'invention. On arrive même à se surfaire une nature. Si cette nature relève de l'homme, c'est un homme qu'on invente: un homme avec un semblant de chair, de jouissances, de douleur, d'occupations et de temps perdu (celui de la recherche de Proust), un homme, enfin, avec tous les loisirs et toute la faiblesse d'une recréation. Ne serait-ce pas le type méme de l'*homo humanior?*

Veuillez bien détester pour une fois ces créations livresques. Je vous propose une heure d'oubli de la procédure classique par laquelle on arrive au modèle d'une nature humaine puissante, farcie de culture, toute absorbée dans la réflexion de ce qu'il faut faire ou ne pas faire pour devenir de plus en plus universelle et européenne. C'est peut-être mon tort si, arrivé dans cette belle ville méditerranéenne, dont le nom méme rappelle une invention grecque et dont le voisinage dit Rome, j'oublie tout ce qu'on doit à la raison de lieu et me conduis en barbare, en méprisant, tant soit peu, des valeurs universelles et unanimement edmises. Rome a gâté les Barbares en leur octroyant le droit de cité. C'est la faute de Caracalla, et j'en profite. Par là, je rends hommage au droit romain et à l'humanisme.

Mon expérience humaine, je veux dire celle qui fait l'objet de ma conférence, n'est pas seulement non-universelle, mais non-européenne. Elle est anti-humaniste et strictement privée. Et elle est vécue. Cela la sauve et l'explique. Elle est non-universelle parce que, tout en ne renonçant pas à être comprise par autrui, elle croit à son originalité foncière, et par là elle se déroble à tout ce qui peut être prévu. Cette prétention la ruinera sûrement, car, si l'on comprend bien ce que je veux communiquer de l'expérience humaine qui m'a été confiée, on finira par lui accorder de l'intelligibilité. L'universel finit par tuer, en l'absorbant, ce qui voudrait le fuir. Le singulier se détruit chaque fois qu'il s'attire des regards. Ne faut-il pas se passer de spectacle si l'on veut rester seul?

---

[1] Nice. Conférence (Centre Universitaire Méditerranéen. Instituto para a Alta Cultura). In *Bulletin des études portugaises et de l'institut français au Portu*gal, tomo VII, Coimbra Editora, l940.

Or, c'est bien dans la solitude que l'expérience humaine que je vous propose se place.

J'ai fait la connaissance, il y a de cela peut-être une vingtaine d'années, d'un jeune homme qui avait vingt-cinq ans, pas plus, et dont le nom de famille tenait à une variété du *Buteo vulgaris* classée par le zoologiste Drouet, ce qu'on appelle en langue française «milan», en portugais «milhafre», en dialecte açoréen «queimado». C'était M. Queimado et il était né dans l'une des Açores, je ne me rappelle plus exactement laquelle. D'ailleurs lui, qui était un peu bizarre — un grand garçon brun, au visage un peu flou, souligné de fines moustaches soyeuses qu'il retroussait, me semble-t-il, afin d'atténuer l'ombre de mystification qui flottait dans ses propos — tenait à voiler un peu ses origines. Pour ce qui est de son lieu de naissance, il s'abritait aisément derrière la nomenclature, devenue fantaisiste peu après les découvertes d'Henri le Navigateur, qui couyre d'un halo poétique les taches enluminées des vieux portulans représentant indifféremment les Açores et les Canaries. Les cartographes italiens, catalans, portugais, décoraient ces îles, figurées pêle-mêle, de noms de saints apôtres et d'oiseaux, ou plus rarement de belles désignations qui peuplaient ces rochers parfaitement inhabités de signes humains ou animaux de fécondité et d'isolement. On pouvait lire ainsi, à côtê de ces bandes de terre plus ou moins imaginaires et gauchement dessinées, des mots qui leur prêtaient la nature du mythe: *Insula di Corvimarini, Insula de La Ventura, Primaria sive Puellarum, Capracla, Canaria, Columbi.*

Je crois que M. Queimado hésitait, quant au choix d'un lieu de naissance, entre île des Pucelles et Columbi, c'est-à-dire île des colombes marines — en taxononnie *columba lurricola* ou plutôt *trocaza Bauvryi*, car Charles Bonaparte, qui en a vu des exemplaires à Terceira, prétend que la femelle du pigeon de cette dernière espèce doit constituer à elle seule une espèce nouvelle, qu'il distingue de celle du mâle par *trocaza laurivora*. Il paraît que cette femelle ne mange que des grains de laurier. Sa queue est barrée de blanc à son extrémité, tandis que le mâle porte ce signe au milieu, comme il convient à qui est responsable d'un nid: Les naturalistes ajoutent: «du gibier très rare et fort apprécié».

M. Queimado était un jeune homme naïf. On l'approchait toujours par je ne sais quel côté irréel car sa tenue, ses gestes, la façon ardente et craintive dont il tendait sa main fine et souple, comme s'il eût voulu retenir un aveu trop sincère, nous déconcertait. On était, en face de lui, sur les frontières d'un fou et d'un homme authentique; mais, peu à peu, cette folie devenait sagesse, et c'était bien d'une pareille sagesse qu'il composait l'authenticité de sa personne. Il fallait, pour ainsi dire, faire bon usage de sa compagnie; ne pas le déconcerter par trop d'opposition ou de surprise. Son intimité exigeait beaucoup de patience et un surcroît de finesse; mais

je ne sais si cette juste mesure employée à le connaître m'est venue de notre premier contact, ou bien s'il m'a fallu mettre beaucoup de temps à approfondir cette nature humaine dont je fais à présent l'objet de mes recherches.

Toujours est-il que M. Queimado m'intriguait. Je l'ai connu à bord d'un de ces petits paquebots qui font la croisière des Açores en ancrant le soir dans une île pour repartir le lendemain en quête d'une autre.

On arrivait au petit jour. Quelques canots à rames attendaient les deux ou trois passagers en destination; le médecin et le chef de douane montaient lentement à bord; on buvait le café, on arpentait le pont pour faire plaisir au commandant, lourd et brave marin formé à l'école des voiliers et grand amateur d'anecdotes. Il excellait à raconter les travers des politiciens dont relevait l'administration des îles. Il fumait la pipe. M. Queimado restait auprès de lui tant que le bateau mouillait en rade; puis un coup de sirène partait, s'éteignait, le petit bateau reprenait doucement le large, jusqu'à ce qu'un autre port nous eût réservé le même accueil, et que quelque bétail, péniblement hissé à bord et logé à fond de cale, eût accru le nombre des êtres vivants subissant d'île en île une destinée commune.

Pendant ces étapes de cinq à dix heures, c'était M. Queimado lui-même qui me pilotait dans ce voyage de plaisir que je n'eusse pas entrepris sans lui. Il est vrai que les Açores m'attiraient depuis que j'avais lu dans les *Mémoires d'Outre-tombe* le récit de l'arrivé de Chateaubriand, en route pour l'Amérique, à île Graciosa. Le parfum des moissons et des figuiers açoréens embaumait cette prose frémissante et sincère; il y était question d'une sorte de *maire* portant «un méchant habit vert, autrefois galonné d'or», et de beaux oiseaux projetant l'ombre de leurs ailes sur la lisière de l'Atlantique. Puis j'ai lu quelques pages du journal de Charles Darwin sur les roches de île Terceira, un récit de Mark Twain ayant quelque rapport avec île de Fayal *(The Inocents Abroad),* finalement des poèmes d'un romantique portugais, Almeida Garrett, inspirés par une jeune Anglaise habitant île Terceira, Isabel Hewson. Mais j'avoue que l'idée d'une pareille croisière faite sans un guide aimable et de toute confiance refroidissait mon enthousiasme.

M. Queimado m'instruisit sur l'histoire des îles, la densité des eaux, les différences de température entre leurs couches profondes et leur surface, et, en signalant de son doigt mince les assises rocheuses des côtes tachetées de jaune et de rouge foncé, il m'expliquait comment les largues nappes de cendres et de scories volcaniques avaient donné naissance à cette végétation désolée et grise qui couvre les îles et fait place à de gras et immenses pâturages.

Je me rappelle que nous préférions, au bout de ces randonnées à demi scientifiques, un petit coin à babord d'où l'on pouvait observer, outre la mer et la progression des côtes, les deux decks et le beau

mouvement de la proue. M. Queimado occupait à lui seul la moitié du banc, étiré de tout son long sur le dossier solidement cloué à des piliers de fer. Cette position prêtait à merveille à l'observation dans le sens de l'horizon. On découpait les rochers, on jouissait de prises de vue où se mêlait à des aspects de terre un peu d'eau, l'ombre d'un cable de manoeuvre ou l'aile d'une mouette attardée sur les traces d'un poisson. Et le calcul des milles navigués ou à franchir semblait être la seule opération possible à l'intelligence de deux hommes assis sur un pont et regardant la mer. Les contours des îles s'estompaient sur l'énorme masse salée et mouvante. L'image de la mer se réduissait à l'idée de couleur, qui n'était qu'une forme d'appréhension de cette étendue monotone et bleuâtre. Puis, cette nuance devenant presque intolérable et menaçant l'esprit d'une sorte de dissolution, M. Queimado se réfugiait dans les nombres en m'invitant à le suivre.

Il m'apprit que le ville d'Angra, à Terceira, se trouvant à peu près à égale distance de Bordeaux, du Cap Race de Terra-Neuve et de St. Vincent du Cap Vert, distance qu'il estimait à l 250 milles pour le premier itinéraire et l 300 pour le dernier, les Açores sont également écartées et libres de l'Europe, de l'Amérique et de l'Afrique. Il basait sur des arguments semblables sa théorie, s'il en avait une et non pas une conviction purement vitale et arbitraire, sur la singularité tellurique de son pays et, par là, sur l'isolement farouche et présomptueux de sa nature. Mais il se dressait d'un élan beaucoup plus obstiné que ses arguments contraires à la subordination géographique des Açores à n'importe lequel des trois continents, chaque fois qu'il était question de poser le vieux problème géogénétique de ces îles par rapport à l'existence d'une terre submergée. L'idée d'une Atlantide engloutie dans les eaux, dont les Açores, les Canaries, Madère et le Cap Ver n'eussent été que les sommets d'une cordillère affaissée, le mettait en colère, car elle ruinait la possibilité d'une structure açoréenne autonome et le mythe de l'homme açoréen sans ancêtres, le mythe de M. Queimado.

Je lui faisais observer que, la colonisation de ces îles ayant été faite par les Portugais et quelques Flamands vers la seconde moitié du XV^{ème} siècle, il fallait bien se résigner à une sucession humaine n'admettant pas d'Adam et d'Eve qui n'eussent été au Paradis. A quoi il répondait par ce que j'appellerai, faute d'une expression plus adéquate, le mythe de M. Queimado.

Ceux qui, ayant connu ce jeune homme mélancolique, étant au courant de ses études d'histoire et d'océanographie poursuivies à St. Andrews, en Escosse, et à bord de l'*Hirondelle,* le célèbre yacht du Prince Albert de Monaco, seraient tentés de voir dans les entretiens de M. Queimado sur les Açores et l'*homo açorensis* l'influence de sa formation scientifique et rien que cela. Ils se tromperaient lourdement. Quoiqu'il fît sa profession de la météorologie à titre d'adjoint du directeur de

l'Observatoire de Ponta Delgada, le colonel Chaves, il était beaucoup plus poète qu'homme de science. Son imagination, très grande, restait maîtresse de son savoir. Un psychologue de l'école de Claparède se serait cru en présence d'un angoissé. Un psychanaliste aurait parlé de refoulement. Moi, qui ai reçu le meilleur de ses confidences et qui ne manque pas d'une certaine observation pourvu que je puisse faire mienne la chose à observer, j'avoue que le mythe de M. Queimado est tout à fait sérieux.

En voici l'essentiel. M. Queimado prétendait que toute vie, et particulièrement la vie animale, apparaît chez l'individu avec toute la fraîcheur, tout le pouvoir de création, de disponibilité, de risque, dont elle était pourvue dans les premiers jours du monde. Et cela, non seulement quant aux différentes possibilités de détermination d'une série d'actes finissant par composer l'individualité même de cet être infiniment frais et disponible, mais quant à d'autres courbes d'avenir. Il appelait «courbes d'avenir», dans sa nomenclature un peux luxueuse, qui sentait le savant, ces lignes probables ou possibles de la conduite d'un être, soit dans sa vie morale, s'il en a une, soit dans sa physiologie par rapport à sa vie affective. Il allait même jusqu'à croire que, dans les frontières de l'espèce, chaque individu détermine, dans une certaine mesure, ce que M. Queimado appelait sa morphologie de conduite, c'est à dire tout ce qui, parmi les différentes fonctions des organes, y compris les facultés et les agents de notre âme, représente la seule adaptation possible à un but que l'individu est forcé de poursuivre.

J'objectais à M. Queimado que l'acte, fût-il le plus singulier, le plus difficile à accomplir par son caractère rare et individuellement nécessaire, ne saurait être qu'un produit de la volonté s'exerçant par l'intermédiaire de nos facultés et de nos bons organes naturels et tels quels. Je refusais de croire que, parce qu'un pigeon (et cela pour ne prendre que des exemples du cru de M. Queimado) un pigeon dit *trocaza Bauvryi*, doit s'accoupler avec une colombe dite *trocaza laurivora*, la queue de celle-ci doive se présenter à celui-là ornée d'une petite tache blanche, et qu'en réponse à ce signe le mâle fasse miroiter à la femelle sa petite tache à lui, également blanche mais portée avec une toute autre altura. Car telle était l'interprétation que M. Queimado donnait aux bigarrures des oiseaux: il les croyait des signes de prédestination ou de préférence, des consentements préalables.

Une autre objection m'est venue, toujours à propos de plumes et de becs de colombes, et je l'ai sans hésitation présentée à M. Queimado: à savoir, que, tout en admettant une nature capricieuse, sorte d'oiseleuse qui eût voulu oiseler en employant des pièges de grand art, il ne fallait pas exagérer la portée érotique de pareils ornements en ce qui concerne la destinée personnelle des oiseaux. Et cela parce que (l'argument lui donna beaucoup à réfléchir; il devint soucieux et presque triste) ler

taches blanches n'étant que des attributs différemment ordonnés des deux espèces de *trocasae*, mâle et femelle, il ne saurait être question de marques d'agissement individuel, des empreintes d'une fatalité qui ne fût que le fardeau d'un exemplaire donné de cette espèce colombine.

M. Queimado parut embarrassé, déconfit. Une lueur d'attente flottait au fond de son regard.

Nous débarquâmes à la remorque du commandant du bateau et de son second, toujours muni d'un lourd fusil de chasse, dont les coups, souvent manqués, retentissaient dans les falaises surplombées d'une sorte de seul et immense nuage qui fabrique, à l'usage des Anglais, l'*azorean torpor*.

Angra, le chef-lieu de Terceira, est une ville charmante. Les maisons s'alignent le long de petites rues désertes, régulièrement pavées. Ça et là, on aperçoit un char à boeufs, un chien à la queue tordue courbé sous le poids d'un panier dont il ne lâche pas l'anse, une vieille femme qui est la dernière à se servir d'un modèle de volets en train de disparaître, une chose presque marocaine, une sorte de cocon en bois peint, destiné à préserver celles que l'amour n'a point marquées.

Une auto nous conduisit à Serreta, village situé à l'extremité ouest de l'île. Le second nous avait recommandé cette promenade, car nous aurions moyen de concilier le tourisme avec la chasse, l'histoire naturelle et le mythe de M. Queimado. Et en effet nous fîmes un itinéraire ravissant: la banlieue avec ses villas à l'ombre d'énormes araucarias et de pittosporacées aux feuilles crêpues et aux baies jaunes, sentant l'encens et la houle; les hameaux accroupis au bord des criques d'un basalte noir et poreux. M. Queimado profita d'une halte pour me faire goûter un bourgeon de tamaris qu'il cueillit presque rituellement, car il prétendait que sa saveur âpre et salée cachait l'arrière-goût de l'expérience humaine sur ces îles. Cette remarque, faite preuve à l'appui sous la forme de ce petit bourgeon de tamaris écrasé entre les doigts de M. Queimado, me fit une profonde impression. En le regardant, j'étais presque ému. Il s'appuyait contre une muraille construite avec d'énormes blocs de lave un peu rougeâtre, et ces pierres, couvertes de lichens come d'une lèpre, travaillées par le feu et par le mouvement qui les avait transportées de l'intérieur de île jusqu'au bord de la mer, témoignaient d'une souffrance effroyable qui projetait son ombre sur M. Queimado. Et c'était bien une telle projection qui prêtait à ce paysage blafard, aux contours un peu flous, la douleur que j'étais sur le point d'interpréter dans les mêmes termes que mon ami. Mais je m'aperçus du danger de tomber dans un pareil animisme et je repris vite mes esprits. Nous avons d'ailleurs repris aussi la voiture.

Arrivés à Serreta, nous nous sommes engagés dans un long sentier pratiqué à travers dos bois de pins et de bouleaux exhalant un parfum exquis, presque épais. Cette odeur pénétrait l'île entière, se formait à

l'intérieur dos buissons et des arbrisseaux, se chargeait lentement d'humus et d'une brise lointaine qui soufflait du large et déchargeait sa pesanteur enivrante comme une fleur s'ouvre. J'éprouvais, en la l'humant, une étrange sensation d'alourdissement et de rêve. Une sueur agréable perlait à mon front.

En voyant l'usage constant que je faisais de mon mouchoir et l'air presque haletant que je prenais à gravir la montagne de Peneireiro (car nous devions atteindre au plus vite un rocher plein de cavernes où les pigeons ramiers avaient leur gîte), M. Queimado m'avertit dos inconvénients du climat des îles par rapport aux états d'âme. La température était excellente, une moyenne de l6 à l8 degrés. Mais sous la pression atmosphérique écrasante et l'invraisemblable degré d'humidité pris à l00 degrés de saturation, notre peau baignait dans une sorte de douceur angoissée; nous étions plongés dans une rêvasserie absurde.

Au fur et à mesure que nous approchions du rocher, je sentais que mes solides arguments opposés au mythe de M. Queimado perdaient de leur force et de leur densité. Une lente accomodation s'opérait entre ma clairvoyance et le délire de M. Queimado, comme si j'étais un caillou roulé par une vague qui êut toute l'étendue de la mer pour s'emparer de ma rugosité, de mes pointes, enfin de tout ce qui est dur et cristallin en moi, par le savant détour du rond et du mouvant.

Il se peut d'ailleurs que cette violence ne m'ait pas été faite sans quelque consentement. Je ne saurais nier ma curiosité en face de ce monde nouveau, à l'écart des continents, plongé dans la mer, géographiquement morcelé comme pour donner à chacune de ses parties le spectacle et l'exemple de la solicitude dos autres. Puis M. Queimado avait réussi à m'imposer sa personne comme la seule mesure humaine de ces îles. Il y avait un rapport nécessaire entre sa marotte et le vague des formes environnantes. Sa conviction de la valeur de l'empreinte de la terre sur l'homme qui la fuit devenait pour moi une hantise. Je tâtais ma tête, ma poitrine, mes doigts, à la recherche de quelque imperfection anatomique qui eût pu tourner au profit de mon étoile. Ce n'était pas du Taine et de l'influence du milieu, mais ce n'était pas non plus de la barre blanche sur la queue d'un oiseau à accoupler aves une femelle nourrie de grains de laurier. Je pensais à Pascal: «Ni ange ni bête». M. Queimado semblait dire: «Ni homme ni pigeon».

Je cherche humblement tout ce qui peut m'instruire sur ma propre faiblesse; je m'acharne surtout à la quête des raisons qui, sous l'influence d'un jeune homme aussi sincère et obsédé que M. Queimado, m'ont fait déraisonner. J'incline à croire qu'il m'a pris au piège en me tendant, sur le fond inépuisable de sa folie, le filet de son admirable savoir et de la qualité exquise de son jugement scientifique.

Comme je lui parlais de mon étonnement devant les masses de roches entassées à nos pieds, il prit plaisir à me faire connaitre le drame

géologique qui leur avait donné naissance. Il m'apprit que cette île était formée par des roches de type porphyroïde, des trachytes éruptifs très anciens se présentant tantôt sous l'aspect d'énormes blocs jaunâtres, consistants et friables, tantôt sous forme d'une matière extrêmement compacte et dure, où luisaient des cristaux de feldspath. Leurs assises sont puissamment étayées les unes sur les autres à l'aide de longues colonnades basaltiques, et l'ensemble, tel que je l'ai vu derrière la ville d'Angra, sur une pente massive, donne l'illusion d'une cathédrale à laquelle on eût interdit prudemment l'usage dos cloches. Couvertes d'une couche d'humus où l'humidité où les grands brouillards du printemps font pousser une herbe épaisse et grasse, ces roches constituent les fondements de la paisible bâtisse dos monts et des vallés.

A en croire M. Queimado, le noyau de ces formations primitives était doué d'une vitalité prodigieuse avant que les Portugais ne se soient emparés de ces recoins atlantiques et n'y aient introduit des hommes, des femmes et du bétail. De formidables explosions ont tracé le relief actuel des montagnes, apaisé la mer et les oiseaux, creusé de minces rivières où tremblent des peupliers et de beaux arums qui allument, au milieu de leurs corolles sucrées et blanches, de petits cierges jaunes.

C'est M. Queimado qui m'a signalé ces fleurs et la forme de cierge qu'ont leurs étamines, et il ajouta: «Voyez combien le symbole ordonne et commande ici la nature. Que c'est beau, cette coupe neigeuse, pointue, recelant son petit flambeau d'or, son sexe de feu qui frémit à l'approche d'un mystère». — «Avez-vous lu les grands romans de Lawrence?» lui demandai-je, guettant une petite influence littéraire derrière les mots du botaniste. Mais M. Queimado me donna une leçon de retenue en se taisant. Puis il reprit, d'un ton rassurant: «Savez-vous pourquoi ces corolles ont cette forme et ce feu? Eh bien, pendant les grandes éruptions qui ont sévi contre notre île en l'arrosant de cendres jusqu'aux bords, la population, prise de terreur, formait des processions le long dos courants de laves. Un Christ basané, le Christ de la Miséricorde, ouvrait ce cortège. Les scories ardentes éclairaient son visage. C'était une boue gluante, toute rouge, qui consentait à être apprivoisée pour des usages mesquins, tout autres que la trace volcanique de ce tapis de pierres que nous avons planté de figuiers et de vignobles. Voyez-vous? Ce sont des plantes magnifiques, des plantes à perpétuer le feu dans notre vie. Du vin et ce fruit sec. Quand on peut se procurer un peu de poisson soi-même, cela suffit».

«Et quel usage mesquin faisait-on de ce feu réel, celui des laves, pendant ces grandes éruptions?» fis-je, en rappelant M. Queimado au volcanisme. «Bon, dit-il. On s'en servait pour rallumer les cierges éteints, ceux de la possession. Et c'est pourquoi ces belles aroïdées portent encore les leurs. Elles conservent ce feu pour nos femmes, quand le doute s'empare de leurs coeurs...». «...Et quand il n'y a plus d'allumettes

à la maison», fus-je sur le point de dire. Mais j'ai débité tout simplement: «*Les parfums, les couleurs et les sons* se répondent. La Nature est un temple où de vivants *piliers laissent parfois sortir de confuses paroles...* Cela se passe ainsi, chez Baudelaire, n'est-ce pas, M. Queimado?» «Et chez nous, aux Açores, n'en déplaise aux touristes», répondit-il.

Je me mordis les lèvres.

Mais tout à coup, M. Queimado revint à sa leçon de géologie: «A une première formation trachytique des îles se superposa une formation de basaltes. Des cônes volcaniques se dressèrent un peu partout, projetant des scories, des décombres de pierres à cassure mate qui remplirent les creux de l'ancien relief. Cette lave basaltique traça son chemin vers la mer en recouvrant les vieux ossements trachytiques. Vous pouvez observer ce magma primitif couronnant les coteaux basaltiques actuels». Et il me signala de petites cordillères toutes brunes qui s'estompaient vers le centre de l'île et sur lesquelles planait un brouillard dense et noir. «II ne faut pas, d'ailleurs, aller si loin», ajouta-il. «Tous ces villages que nous venons de traverser ont été bâtis sur du basalte, rien que du basalte. Ces cailloux noirs et pointus, presque acérés, que la vigne et les pigeons d'Inde recouvrent, ce sont des trachytes greffés sur du basalte. Nous vivons de cela. C'est un monde de cendres, une nature sans éclat et sans bruit».

Nous étions arrivés au sommet du Peneireiro, un grand rocher donnant à pic sur la mer. J'ai reconnu, à moins d'un kilomètre, la tourelle du phare qui, à notre retour des îles de l'ouest, éclairait le bateau d'une petite tache de lumière clignotante. Du côté de la route menant à la ville s'étendaient quelques champs de blé et de maïs emmurés de tas de pierres, comme si l'on avait rayé régulièrement une feuille de buvard pour y dessiner des plantes. Ça et là, des glaïeuls, des tamaris, et, le long des rivières desséchées, de larges feuilles d'ignames veloutées et charnues.

M. Queimado attira mon attention sur les maisonnettes qui bordent la route et surveillent les champs. Elles rasent le sol, leurs petites façades irréprochablement blanchies à la chaux, une porte au milieu, deux fenêtres inégales aux linteaux arrondis, une entrée extérieure pour la cuisine, tout cela aplati et, dirait-on, humilié par des toitures qu'on fait réparer à l'approche de l`hiver. Une ou deux barges, face à chacune d'elle, marquaient le milieu de la cour. Des épis de maïs s'entassaient partout, noués par des liens faits de leurs propres feuilles et rangés sur de gros pieux de peuplier ou de pin, comme si on les avait fait monter à califourchon. Une fumée blanchâtre sortait lentement des cheminées.

Notre voiture s'étant heurtée, pendant tout le voyage, à de petits troupeaux de vaches qui barraient la route et se désaltéraient dans d'énormes abreuvoirs qui n'étaient séparés les uns des autres que par quelques centaines de mètres, j'ai demandé à M. Queimado si les

propriétaires de son île tiraient de gros profits de ce bétail. Le sourire un peu lointain de quelqu'un qui se réjouit de sa propre malchance souligna la réponse. Et j'ai appris qu'on ne réussit pas à bien placer les laitages sur les marchés extérieurs parce que les frais de transport les surchargent outre mesure et que les éleveurs, manquant d'initiative, ne s'aventurent plus aux produits raffinés. «Heureusement pour nous, dit M. Queimado, notre île se referme de plus en plus sur elle-même. Le destin ne l'a pas bâtie en lave pour que ce qu'elle produit soit gaspillé, soustrait à la destinée de toute chose sortie du feu et du mystère. Nous sommes entièrement soumis à la loi du secret et de l'encerclement. Pour nous et nos choses, point d'issue, aucun rayonnement possible. Défense d'exporter quoi que se soit, du lait pas plus que du basalte, ou de ces milans pilleurs et angoissés qui guettent cachés par le brouillard, l'heure d'une proie qui leur revient. Ici, le cercle d'une chose s'ouvre et se ferme en cachette; une alliance est un petit anneau discret et exact, comme l'enceinte des roches ou la ligne du raid attardé d'un milan. Vous voyez: c'est la marée montante. Qu'est-ce que c'est qu'une onde? Ça bouge. On ne fabrique cela nulle part, on ne marchande pas ces choses mouvantes et salées. On pourrait en extraire du sel. Parfaitement. Eh bien, pour la consommation, nous importons du sel de l'Europe, de la ville d'Aveiro, parfois du sel attique, souvent des choses *cum grano salis.* Notre sel est juste ce qu'il faut pour les besoins des eaux et des poissons. Qu'il conserve notre isolement, de même que cette couleur verdâtre de la houle garantit sa souplesse et éclaire le milan nocturne en lui apaisant les griffes».

Ce language me laissait interdit, mal à l'aise. Je me demandais à nouveau si je n'avais pas à faire à un farceur; mais dejá les propos de M. Queimado prenaient possession de moi par cette étrange fissure que je sentais s'ouvrir dans ce qu'il y a de plus clairvoyant et assuré dans mon esprit. J'étais devenu la proie d'une étrange embûche, dont ce paysage craintif, d'une lourdeur indirecte et agréable, devenait le complice. M. Queimado profita de mon trouble pour y verser encore quelques gouttes de son philtre. Et, comme nous étions assez éloignés du commandant et du second, qui tirait aux pigeons effrayés dans leurs nids, il me conduisit mystérieusement à un creux du rocher à travers un paysage extrêmement difficile. En le gravissant on risquait de tomber sur les falaises. On apercevait à peine leurs fondements à ras de terre. Une écume vivante, aérienne, déferlait sur des écueils formant un premier rempart à ce tournant de île; et ce double jeu du dur et du plastique fermait à mes yeux un anneau qu'aucune force ne brisait, car la marée elle-même ne semblait vouloir que le raffermir en le frappant.

C'était bien cet anneau qui nous étranglait en m'ôtant l'envie de comprendre et de fuir le sortilège. Il était, comme M. Queimado prétendait, une sorte de sceau, un droit sur une bouche. J'avais envie de parler à quelqu'un, et ce quelqu'un je me le figurais vivant sur l'une des

deux l'îles que l'horizon dessinait avec ces couleurs sombres, invraisemblables, dont les vieilles femmes toquées et fidèles à une illusion d'amour aiment à embellir leurs parures. Lui aussi, ce partenaire placé à Graciosa ou à St. Georges, souffrait certainement de ne pas atteindre à une présence pressentie. Il devait être forcé, comme moi, de regarder sa cage, la lisière des eaux et ce qui lui opposait une résistance résignée.

Mais déjà nous étions perchés au plus haut du Peneireiro et, dans le creux découvert par M. Queimado, quelque chose qui n'était pas de l'écume ou du vent frémissait. Nous étions mal placés pour voir exactement de quoi il s'agissait, car les gros clous des souliers de mon ami, ses souliers de naturaliste, n'avaient plus de prise sur les roches, et le bâton ferré que le commandant m'avait obligeamment prêté glissait sur le basalte. Nous fîmes un dernier effort et, raidis sur nos poignets, nous réussîmes à avancer nos têtes sur le bord de la falaise. D'un vol incroyable, où elle avait mis tout ce qu'il faut d'aile pour la fuite, une colombe partit. Et dans ce nid, si honnêtement jonché d'un fourrage sec, une paille marine à laquelle on n'avait connu ni grain ni fraîcheur, nous n'avons vu qu'un pur volume, un solide, à peu près comme on en voit dans les classes, rangés avec les pyramides et les polyèdres. Mais celui-ci était dépareillé et fécond. M. Queimado, tout ému, le toucha. C'était un oeuf, rien qu'un oeuf, et admirablement pondu.

M. Queimado, en le tournant sans trop le déplacer, comme s'il effleurait du bout de son doigt une toupie plongée dans sa rotation somnolente, m'invita à suivre la courbe de ce petit volume tiède et coloré. Il disserta longuement sur la valeur des nuances du bleu et du vert dans les tentatives de pronostic sur la définition du sexe de l'embryon; puis il me parla de la coque, du pôle nord d'un oeuf, celui que nous cassons d'un coup de cuillère à table et celui que le petit oiseau picore du dedans avec tant de peine. Comme il grimaçait en cherchant à imiter les étapes d'une éclosion, je ris. Jamais rire d'homme ne fut suivi d'une aussi amère surprise, d'une gravité plus profonde. Il me regardait comme s'il avait été blessé au plus pur de soi-même. On aurait dit que son âme était pourvue d'une coquille et qu'un maladroit l'avait émoussée brutalement comme du calcaire. L'air de Peneireiro sentait l'oeuf couvé.

Mais M. Queimado avait pris le parti de ne pas tourner au tragique la plupart de mes irrévérences, qu'il considérait plutôt comme des aveuglements naturellement produits par l'intensité de son mystère. Il me croyait à mi-chemin de la conversion, et je ne saurais pas lui en savoir mauvais gré. Il me traitait en conséquence. Et je ne peux pas oublier la preuve de confiance qu'il me donna ce jour même en me parlant de la foi qu'il avait dans l'oviparité comme moyen universel de reproduction. Il croyait que tout être provient d'un oeuf comme celui des oiseaux, quoique seuls les oiseaux puissent le couver au grand air, l'avoir directement sous leur chair et leur silence. Les femelles humaines

couvent par l'intention; leur pensée se fait tranquille et appliquée par l'amour comme la femelle d'un oiseau qui ne bouge plus quand tout est rond et parfaitement lissé sous son plumage. Notre espèce ne connaît que l'oeuf par l'effort, l'oeuf créé par la lumière dans le sang assoiffé de jour et d'évidence. Il a sa dureté dans le temps qui le compose; sa coquille est frêle et tenace dans l'espoir; et plus on y met de l'impossible, plus cela tient et chauffe.

M. Queimado reprit l'oeuf du nid découvert à Peneireiro. Le petit solide moucheté n'était pas du tout abstrait ni obtenu par métaphore. C'était tout bonnement ce qui restait d'une ponte de colombe sauvage, trocaza laurivora. Et sa solitude dans ce nid abandonné m'effrayait. La colombe survolait l'enceinte du rocher et osa même s'abattre un moment si près de nous que le second, s'il y avait été, n'aurrait pas manqué cette fois-ci un grand coup de fusil. Et c'eut été peut-être une bonne action, car elle était tellement angoissée, si hérisée et malheureuse, que la honte s'empara de nos coeurs et que nous lâchâmes le bord du creux sans faire attention au précipice.

M. Queimado observa alors qu'il considérait *trocaza laurivora* comme la plus maternelle parmi les colombes des îles. Il l'avait observée pendant plus de vingt ans dans ses moeurs, sa croissance, les modes de son choix et de son accouplement, dans ses élans auxquels préludait une façon toute particulière de remuer le col. Il fit allusion à la quantité d'espèces de lauriers qu'il avait fallu réunir dans la flore des îles pour nourrir cet oiseau frénétique et vorace. *L'Oreodaphné foelus* ou laurier aromatique et la *Persea indica* ou bois jaune avaient été transportés directement d'Amérique par les courants des typhons et par de petits oiseaux dociles au vent. La *Poeba barbusana* avait fait plus long voyage, apportée de l'Océan Indien par d'autres rafales et d'autres ailes. Finalement le *Laurus canariensis* lui donnait une pure nourriture européenne. Toutes ces espèces représentaient non seulement l'effort des courants aériens qui en transportaient directement les grains ou les oiseaux chargés de leur petitesse infinie, mais les durs travaux et les voyages des savants venus aux Açores exprès pour les classer, Watson, Drouet, Tralease, Godman, d'autres encore, dont les valises bourrées d'albums et de flacons étonnaient les crocheteurs du port d'Angra habitués aux sacoches des Açoréens émigrés. Puis les grains connaissaient la profonde épaisseur le l'humus du basalte, s'y formaient à l'école de la destinée insulaire: brouillard permanent, torpeur, racine, la croissance isolée, le premier frémissement d'une feuille verte et drue. Le *Laurus canariensis* était prêt à recevoir des naturalistes étrangers le baptême local, et c'était déjà en tant que *Persea azorica* selon qu'il a été identifié, qu'il tendait ses fruits à *Trocaza laurivora*.

M. Queimado insista sur la qualité excessivement mythique de cette nourriture par rapport aux besoins élémentaires d'une colombe

sauvage. Et, en me rappelant que l'une de ces espèces de laurier, et précisèment la plus aromatique, portait le nom d'*Oreodaphé foetus*, il soutint que la *Trocaza laurivora* participait de la nature de la nymphe Daphné, puisque, plus le pigeon la poursuivait, plus elle s'acharnait sur les fruits de laurier et semblait demander à l'écorce de ces arbres açoréens le déguisement et l'oubli.

Mais déjà le commandant venait à notre rencontre. Le second le suivait péniblement, tout essouflé de l'effort de tirer en vain contre des pigeons imaginaires. Car il les repérait là où ils n'étaient plus quand la charge de plomb partait. Son petit front brun suintait à faire pitié. Pour M. Queimado ce fut certainement une preuve de plus pour renforcer sa conviction que nulle chose née ou produite aux Açores ne doit enfreindre la loi de l'enceinte salée. Nous avions à peine gagné la voiture, qu'une bande de pigeons sauvages survolait Peneireiro et semblait saluer M. Queimado. Ils prenaient de la hauteur pour se griser de la mer, frémissants et inaccessibles.

Nous retournâmes par une route pratiquée à l'intérieur de l'île. Là, il n'y avait que de petites ondulations de scories sédimentaires, recouvertes d'une sorte de duvet gris d'éricacées. Les naturels de Terceira appellent ce terrain «mystères», le souvenir de son origine voltanique se transmettant comme un lourd héritage d'une génération à l'autre. Mais leurs intervalles ne font plus cet effet d'une végétation désolée et stérile. Ils sont remplis de riches pâturages trempés dans le brouillard, et M. Queimado m'a dit qu'aucun des gros propriétaires qui se croient des droits à ces immenses étendues n'est jamais parvenu à faire valoir ses titres, dérivés de considérations plus ou moins historiques sur le partage de l'île après sa découverte. A peine font-ils clôturer les domaines qu'ils revendiquent, que les mêmes manants chargés de bâtir les murailles profitent de la nuit pour les rendre inutiles. Ces paysans forment une véritable confrérie populaire appelée la Justice de la Nuit. Ils portent des cagoules ou des masques, et, enfonçant des pics et des pieux dans les interstices des pierres entassées par eux-mêmes la veille, ils les font crouler dans un effort unanime. Le lendemain ils reprennent leur besogne d'ouvriers et reçoivent un salaire deux fois dû.

M. Queimado semblait fier de ce peuple qui, travaillant sur le modèle de Pénélope, et empêchant de la sorte, avec l'industrialisation des laitages, la fuite des choses créées à la mesure de l'isolement et pour la joie des isolés, sert si courageusement son mythe, le mythe de la colombe Daphné nourrie de grains de laurier, — une nourriture chère, certes, un peu trop glorieuse, coûtant le meilleur de la terre brûlée qui la produit, mais aussi amère à faire qu'à avaler.

En vain, pendant tout le trajet, et à propos des Açores, ai-je posé à M. Queimado toutes sortes de questions m'intéressant beaucoup plus que cette drôle d'histoire d'une colombe marine à queue blanche, et de

son oeuf attendant dans un creux de rocher une éclosion symbolique et désormais improbable. A ma curiosité sur l'origine de cette population côtière, ces bergers, ces pêcheurs, ce chauffeur de notre voiture qui, au lieu de porter la casquette professionnelle, était coiffé d'un large feutre comme les autres manants et, très proprement habillé, marchait pieds nus et sans cravate (il demanda au commandant la permission de s'arrêter un moment pour traire une vache); à tout ce qui demandait un renseignement objectif digne d'un professeur et d'un naturaliste en voyage, M. Queimado répondait par de vagues indications, des raccourcis, manquant de précision, de statistique, de tout. Lui, le précieux guide que j'avais choisi à Lisbonne, qui savait par coeur les distances intercontinentales en milles et celle qui sépare les yeux de certains invertébrés en micromillimètres, lui, devenu définitivement étourdi, dévoré par son mythe!

Je sais, d'autre source, que les Açoréens vivaient, à l'époque de la colonisation, du commerce du guède, le pastel des teinturiers dont on extrait un bleu magnifique, une sorte d'indigo comme celui de la mer en ses jours disponibles. Un chroniqueur très savoureux et averti, Gaspar Frutuoso, licencié à Salamanque, me transmit le charme de la vie primitive de ce peuple à la voix traînante, remplie de paresse et de voyelles parasitaires, aux mots inconsistants comme de la fumée. Les premiers colons abattaient d'énormes cèdres dont ils faisaient les poutres étayant leurs toitures. Là, ils ancraient pour des siècles. Quelques-uns partaient, d'abord pour le Brésil, où ils ont fondé presque tout un Etat, celui de Sainte-Catherine; puis pour Terre-Neuve, qu'ils ont découverte (voyage des Corte-Real), et en Amérique du Nord, qu'ils ont percée avec les pionniers anglais en quête de l'or du Far West.

Ceux qui restaient fidèles au foyer insulaire fortifiaient les ports contre les corsaires d'Alger qui pillaient les villes naissantes, s'emparaient des troupeaux et des femmes, ne laissant derrière eux que deuils et ruines. Puis des fléaux, des années de famine provoquées par les cyclones ravageant les moissons, les grands séismes ébranlant la croûte et gonflant la mer inassouvie.

C'était une histoire sans éclat, sans Antiquité, sans Moyen-Age, sans Renaissance ni humanisme. Pas de Luther ou de Mirabeau, aucun Napoléon; rien que des hommes guettés par des milans, et le comte d'Essex cherchant à s'emparer de ce monde inconcevable, qu'aucun Anglais de bon sens n'aurait envié que plus tard et pour exporter des oranges.

Un seul européen, que je sache, a pu naître dans une contrée si lointaine et déshéritée. Je parle d'Antero de Quental, poète et philosophe. Mais M. Queimado le considérait un Açoréen infidèle; je lui ai promis de le rayer de mes entretiens sur les Açores, et je tiens parole.

D'ailleurs, ces îles me fatiguent. Rien que de les avoir effleurées, aller et retour sur un petit paquebot chargé de bétail et de fonctionnaires, d'un commandant extrêmement aimable, il est vrai, quoique épaulé d'un second têtu et maladroit, j'en ai assez. Quelque chose de la nature de M. Queimado m'a atteint à jamais. Et je ne vois de tout cela qu'un oeuf de colombe couronné de brouillard a 28° de latitude Nort et 27° de longitude Ouest, méridien de Greenwich.

O PROBLEMA DO ROMANCE *

Joaquim Paço de Arcos é o autor festejado duma dúzia de livros de ficção que ajudaram a sacudir o marasmo do romance e do teatro português, nobilitando a leitura dos nossos mais frívolos consumidores de imaginação novelesca. Um conjunto de qualidades, raras no nosso meio, contribuíram para esse êxito. A humanidade do escritor, cedo lançado na vida e de coração aberto às suas palpitações; uma experiência larga, apesar de curta em idade, das terras, dos mares e dos homens. Paço de Arcos viajou por necessidade e por prazer; negociou no Brasil; secretariou seu pai em África durante um governo probo e árduo; fez uma incursão na política polemicando por patriotismo (*Patologia da Dignidade*, 1928); foi emigrante e turista, espectador e quase operário. Acrescente-se a isto uma formação familiar rica de ensinamentos: sociedade, altos cargos, uma irmandade numerosa e de diversa vocação, — e teremos uma das condições humanas mais preparadas para que germinasse nela a curiosidade demoníaca (do bom «demónio») que faz um escritor.

Não tenho podido acompanhar com a atenção merecida a actividade literária de um camarada exemplar, de convivência primorosa, inesgotável paciência para as distracções do próximo, e um ponto de honra profissional que é uma lição para todos. Mas li-o bastante para admirar a sua fidelidade à arte escrita, o seu nervo de narrador, a humanidade de que repassa os seus personagens e com que embebe as acções em que os vai interessando.

Para ser sincero — coisa que custa muito aqui em Portugal mas de que a literatura precisa como nós de pão para a boca — devo dizer que o estilo de Paço de Arcos me parecia menos necessário e forte. Os seus primeiros enredos novelísticos tinham uma certa ingenuidade; os seus tipos uma vaga convenção. Mas, pouco a pouco, a espontaneidade do escritor foi colocando o seu estilo, a sua abundância de alma comunicando-se aos seus entes de ficção, e enfim o seu amplo e diverso convívio associando os elementos hesitantes e dispares da urdidura dos seus livros. E se o animador de *Ana Paula* pôde parecer, a um critério exigente, um romancista de entrechos superficiais e de caracteres cor-de-rosa, o autor de *Ansiedade* afirmou-se com nítidos progressos, até que o novelista de *Neve sobre o Mar* — que já teve as honras de uma tradução espanhola — pôde contar entre os poucos escritores verdadeiros do nosso minguado rol. A expressão rápida, cosmopolita, parece coadunar-se com o temperamento eminentemente sociável de Paço de Arcos, e a

* In *Diário Popular*, Lisboa, 8-5-1946.

notação dos ambientes e do sôfrego suceder das vidas tumultuárias de agora ajustar-se aos seus dons de dádiva e de invenção.

Tão longo e antipático exórdio tem aqui o lugar de um selo de verdade posto numa conversa breve com o melhor dos camaradas, que me vem visitar com a sua *Confissão e Defesa do Romancista*, antecedida de uma conferência sobre *O Romance e o Romancista.*

Paço de Arcos põe a sua primeira fala (na segunda também houve copo de água) ao abrigo de um passo de Mauriac, escritor que se sente ser um dos seus ideais de artista e de *clerc.* Tal devoção, denunciando um fino sentimento da boa companhia em arte e em doutrina («diz-me com quem andas»...), confirma a evolução de Paço de Arcos no sentido de um escritor exigente para os seus meios e ávido de fortes direcções. O passo de Mauriac é terminante: «não há obra romanesca que valha, fora da submissão absoluta ao seu objectivo que é o coração humano». «Progredir no conhecimento do homem, debruçar-se sobre todos os abismos encontrados sem ceder à vertigem, ao engulho ou ao horror» é o lema do perfeito romancista.

Possuído destas verdades, Paço de Arcos tenta deslindar os problemas do género literário que cultiva e situa-los no duro condicionalismo português. A sua crítica, concebida como defesa contra acusações sumárias de impotência do romance nacional, é algo quixotesca: tem um tónico ar de profissão de fé. Não creio porém que Paço de Arcos acerte em cheio com as causas profundas da nossa inegável e desesperante inferioridade novelística. O problema do estilo não me parece bem posto. Seria preciso distinguir entre a vocação oratória do escritor peninsular, hóspede contrafeito na casa de habitação que é o romance, e a contensão expressiva, o amor da exactidão, da economia verbal e do ritmo, que devem acompanhar e selar toda a escrita.

Nem o estilista é, por si só, um inapto para o romance. Depende da qualidade de estilização da sua arte. Uma pena rigorosa na notação psicológica e ávida da própria substância do mundo concreto que descreve, nem por isso será deficiente a confabular, a escrever vivo aquilo que vive vivo. A tortura do estilo, se fez às vezes dos romances de Eça embrechados de verbo cristalino e de virtuosidade humoral, vigiou a sua contextura, subtilizando as transições de plano psicológico e de plano de ambiente. Foi com estilo, e até com estilismo, que Eça desenhou caracteres, lhes traçou os quadros, moveu a vasta mole dos acontecimentos das suas diversas ficções, embora o seu acontecer seja mais superficial que profundo.

A afirmação, feita por Paço de Arcos, de que um grande estilista como Aquilino, contista da Beira, é dificilmente universal porque «as serranias da Beira não interessam ao mundo», parece-me equivocada. O problema da universalidade novelística não se põe em função da prévia notoriedade da matéria contada. A própria obscuridade dos meios e

agentes de acção ficta pode servir de estímulo à atenção receptiva da leitura, dobrar o interesse da acção para que o leitor é convidado.

É certo que, quando o romance, a novela ou o conto se instalam longe das confluências clássicas da agitação humana (longe de Paris, de Londres, de Moscovo, da província francesa, do condado inglês, da estepe russa, dos mares da China...), é necessário que o romancista, o novelista e o contista imponham com talento ou génio os meios sem prestígio que escolheram e as gentes sem nome que adoptaram. Antes de Panait Estrati, quem pensava nos recantos balcânicos? Quem revelou a aldeia romena se não foi Rebreanu ou o bosque e a cabana escandinava senão Knut Hamsun e Selma? Não há um *a priori* romanceável. Não há «cenários de interesse mundial», como crê Paço de Arcos. Os lagos e montanhas suíças só têm pergaminhos literários depois de Rousseau. A própria Bretanha só foi o país do «filtro» depois de Robert de Boron.

A ficção susceptível de prender o leitor assenta num mínimo de peripécia, de excepcionalidade ou tipicismo sentimentais, de sociabilidade das coisas, dos seres e dos actos fictícios. O padrão da universalidade mede-se pela média humana do ser e do acontecer que cada um transporta consigo: o autor que produz e o leitor que consome. Tudo o mais é um «dado», e como dado, pode e até é bom que seja desconhecido e imprevisto. Serrania beira em casa de leitor de Grenoble, que é montanhês alpino? Mas excelente! se na serrania beirã se passarem intrigas verosímeis, viverem fortes almas em rascadas autênticas. O Machadinhas pode ser acentuadamente pícaro, descritivo, vagante, que o seu lódão varrendo a feira há-de ser sempre um belo atributo de corredor de caminhos, que viveu, viu e tem que contar.

Claro que uma acção confinada, em que o pitoresco ceda à atmosfera surda e mate das motivações subterrâneas e dos desfechos íntimos, terá sempre uma maior valia romanesca, um poder de sugestão mais fundo e dilatado. Mas a própria novela etnográfica, quando bem construída e servida por um estilo coerente, a partir de um impulso sincero, é uma leitura viva, em que o tempo se vai sem se sentir.

Paço de Arcos acha também que a «memória exacta», — isto é, o depósito esteriotipado que a observação faz na mente do romancista, — é inimiga da criação do romance, do conto e da novela. E fala num «poder criador» só conquistável a partir da libertação de tal memória. Ora, eu não creio que as coisas se passem assim no recesso da imaginação. «Imaginar», em arte, é uma operação remissiva do ficto ao real que o supedita: um fecundar da invenção pelo dado, e do dado pelo invento. O romancista é o «lugar onde» do ajuntamento das suas criaturas fingidas, — e nem o fingimento é o puro advento de pseudónimos, de protagonistas, de personagens, mas o cruzamento de seres em estado fantástico com seres em estado civil, meio por meio

formados na reminiscência e na inventiva, ao mesmo tempo utópicos e moradores, convividos e sonhados.

Paço de Arcos, leitor de Mauriac e ouvinte das suas confidências de criador, pôde reparar no valor da confissão mauriaciana da «espionagem» do adolescente fadado para romancista, no meio despreocupado dos parentes e amigos que amanhã serão carne de novela e osso de conto... Como, pois, conceber semelhante espião sem memória? Seria o mesmo que pedir ao informador de guerra que esquecesse os braços da sedutora do general em chefe e as cadeiras do *bistro* em que lhe arrancou os segredos de Estado Maior...

Nem o estilo (verbal) nem a técnica me parecem elementos acessórios na arte do romance. Concordo com Paço de Arcos que não há um magistério técnico por via preceptiva ou crítica: mas há o magistério infuso do autor que fecunda outro autor, lhe passa nas malhas do estilo o ademã do escrever e do compor, lhe sugere onde está a vara mágica a cuja vibração saltam e actuam os títeres. A vida do guinhol, essa é que se não ensina: inspira-se.

Voltando ao problema, do romance português, eu lembraria a vantagem de o examinar à luz da vocação do génio nacional e do hispânico. Os estudos de Vossler sobre *Alguns Caracteres da Literatura Espanhola* elucidam muito sobre essa relativa impotência do peninsular para um género que não é historicamente o seu campo de expressão. O individualismo ibérico deu, na ficção, o ramo picaresco, que é a afirmação itinerante do isolado, socialmente excêntrico e insubmisso. Quando «novela» quer dizer notícia ou caso, o peninsular refere-o com ardor e com gosto. Prende-o na xácara (o nosso «romance») e na narrativa de andadas. Mas quando «novela» ou «romance» são formas de expressão de solidariedades humanas, de inter-acções e de convivências, o peninsular só os trata capazmente mercê de uma árdua atenção técnica ao paradigma estranho: aventura inglesa, análise francesa, confissão russa...

Não há dúvida de que os romances de Paço de Arcos (e nisso está o valor «autorizado» da sua *Confissão e Defesa*) são das poucas e honestas provas recentes da viabilidade do romance português. Menos individualista que os espanhóis, nossos irmãos de engenho, a nossa sociabilidade é sensível ao abalos do amor, da fatalidade, da simpatia, — terrenos própícios às melhores flores da ficção. Mas essa mesma sociabilidade, em nós mais capaz de texturas e de peripécias, é demasiado extroversa, pitoresca, fátua. Só será bom romancista o português que se encher de experiência essentada e de ouvidos atentos ao mais vago e fluido de si próprio e dos outros. Não é difícil, entre nós, achar escritor que leve, como homem, um mundo interior povoado. O difícil é abri-lo com calma a esse mundo: fazê-lo espectador de pessoas e acções não espectaculosas.

«ROMANCE, EXISTÊNCIA E VISÃO DO MUNDO» *

É a terceira vez que preludio a uma série de conferências sobre *O Romance Contemporâneo*, promovidas pela Sociedade Portuguesa de Escritores sobre o patrocínio da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, cujo ilustre Presidente, o Doutor José de Azeredo Perdigão, honrou a primeira versão desta palestra com a sua atenção exemplar de incitador e de amigo. E, pois que não escrevi a minha conheferência, não tenho, ao menos, para facilitar a tarefa (para que realmente o que eu disser possa encostar-se ao que se chama habitualmente inspiração), a atitude e a posição do pianista diante do teclado, entregue ao improviso real e efectivo que ele garante. Se não trago escritas as palavras que vou dizer, as reflexões sobre que repousam, a concepção do tema que escolhi têm sido aprofundadas numa meditação reiterada. Por aí, ao menos, posso oferecer a garantia da autenticidade do que disser.

Vão portanto VV ex.as assistir á uma conferência pensada em voz alta, embora sobre um tema que, se não me atrevo a dizer que me é familiar, procurei trazer comigo com calor e inquietação, — o mais que *pude.*

É claro que se eu tentasse uma história do romance moderno, ou uma teoria das estruturas formais do romance, — embora qualquer destes temas seja de grande amplitude e apele para conhecimentos também difíceis de cingir, — estaria mais à vontade do que escolhendo o tema que escolhi. Mas pareceu-me que ele tinha mais interesse à entrada de uma consideração descritiva e, digamos, inventariante do romance moderno, repartida pelos seus vários sectores das línguas nacionais e realizada em várias conferências, a algumas das quais assisti, em Lisboa; e essas, posso dizer, foram notáveis.

É pena, pois, que o meu prelúdio (para continuar com o símile de há pouco) não venha a estar à altura dessas conferências descritivas e especiais, nem porventura ao nível atingido das outras vezes que tratei o assunto, talvez com maior felicidade do que hoje.

O título diz — *Romance, Existência e Visão do Mundo.* A palavra «existência» — que é muito velha, e no sentido comum bastante conhecida, com os derivados «existencial», «existencialismo» — tornou-se ultimamente palavra panaceia e, daí, fonte de equívocos.

É claro que o romance não estava à espera do chamado «existencialismo» — nome aliás fluido que designa atitudes filosóficas e alguns sistemas bastante diversificados, — para acertar o passo com essa tendência do pensamento ocidental; nem é propriamente de existencialismo que aqui se vai tratar. De «existência» sim, como conceito

* In *Romance contemporâneo*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Escritores, 1964.

genérico, palavra instrumental do domínio da filosofia, mas acima de tudo noção viva e concreta que todos temos de nós e levamos connosco mesmos — nós existentes, — como a atmosfera que respiramos, o meio em que vivemos (como o peixe vive na água). Assim, o nosso ambiente integra a nossa existência, pelo menos como o lugar onde ela ocorre. Mas, mais do que isso, é também existência nossa, é o mundo para nós, o mundo que não seria se nós não fôramos, o mundo que no pensamento e na acção se organiza para nós e por nós. Ora bem: é dessa existência em sentido concreto e corrente que tratam em geral os romances.

É frequente falar-se, no vocabulário crítico francês do romance, em *tranche de vie*, — como quem portuguesmente dissesse «fatia de vida», — exprimindo-se assim a correspondência ideal entre representação novelística e vida vivida. O realismo e o naturalismo novelísticos arvoraram — como os próprios nomes indicam, sobretudo o de «realismo» — a intenção de representar exactamente, em condições de suposta frieza objectiva, o mundo em torno.

Cronologicamente, o realismo e o naturalismo, no romance de Flaubert, Maupassant, Zola, Daudet, Eça, de Queirós, outros ainda, coincidem com a era do positivismo em filosofia, do racionalismo crítico, no sentido geral de expoente de correntes várias mas todas elas intérpretes de uma época de euforia, de esperança nos efeitos benéficos do conhecimento científico. A ciência tinha-se como chave da existência, destinada a abrir seguramente a porta do futuro.

Semelhante prospecto encontrava o seu fundamento no crer dos homens de então, que garantia uma apropriação efectiva e correcta do mundo circundante, — o mundo físico, natural, no sentido de resistente — (a *natura naturata* da gíria dos filósofos) — e, ainda, a natureza humana, psicofísica, — o mundo das sensações, dos sentimentos, das volições, das ideias.

Tudo isto parecia susceptível de ser domado, explicado, convertido mediante a ciência. Claro que, para esse efeito, a ciência tinha que se desdobrar quase infinitamente; e uma das tarefas mais importantes, mais urgentes, para um grande pensador desse tempo, Augusto Comte, foi a de organizar uma classificação das ciências. A ciência tinha de constituir-se metodologicamente de uma maneira rigorosa, por analogia com as ciências que primeiro o tinham estado, as ciências matemáticas, depois as ciências da natureza.

A coincidência do romance naturalista com a vigência da filosofia positiva, do racionalismo e, em geral, de um pensar crente na omnipotência científica, devemos retê-la aqui. Mas o romance coincidente com essa época, de que podemos considerar diversor ou equador cronológico os anos de 1850-60, não responde tão exactamente a essas correntes ideológicas e filosóficas como o romance realista: quer

dizer, não é necessariamente o eco dessa aspiração da ciência a tudo dar, a tudo resolver.

Contemporaneamente com o realismo novelístico francês, o romance inglês segue o seu curso, menos «prometeico» do que o francês na sua modernização, em direcção ao mistério, ao fantástico, à «poesia dos túmulos e das ruínas», tendo dado o romance negro e de fantasia, mais eficaz para a transformação do romance moderno, talvez, do que o romance de viagens ou o didáctico do século XVIII francês.

Outro romance surgiria, insuspeitado então na Europa Ocidental: segunda metade do século XIX. Esse trazia o elo capital para entendermos o romance russo, de que apenas se deu conta tardiamente, já na dermos o romance já como um género que nem sequer isso era na poética de Aristóteles, na preceptiva literária tradicional: forma híbrida, equivoca, nascida da epopeia, transformada depois laboriosamente com contributos vários, até se degradar em formas ainda hoje subsistentes, as formas menores do romance policial e de aventuras.

Não quer isto dizer que todo o romance policial e de aventuras seja uma forma degradada, — e já veremos que um dos romancistas mais representativos do nosso tempo, e dos mais importantes do ponto de vista do reflexo da existência e da originalidade da visão do mundo, — Graham Greene, — adoptou o esquema do romance policial. Todo o romance, aliás, é fundamentalmente uma aventura resolvida numa série de peripécias, — caminho imprevisto, ao longo do qual o leitor corre como caçador atrás da presa, esperando filhá-la a cada recanto e momento, mas sempre surpreendido e equivocado no fio dos vários acidentes que o terreno das situações e a vegetação dos motivos lhe apresentam.

O esquema aventuroso do romance desenvolve-se numa série de posições, de obstáculos a transpor mediante estratagemas que o autor vai resolvendo por assim dizer com a colaboração e a cumplicidade do leitor. Mas o romance, sendo isso, é também como que um vaso destinado a receber alguma coisa de diferente e de maior que o puro acontecer.

Género literário impreciso, de compromisso, oriundo da épica por um processo prosaico de transformação longo de historiar, o romance chega ao mesmo tempo, paradoxalmente, a duas situações: à de degradação heróica no romance-entretém (romance cor-de-rosa; romance negro; romance histórico, num breve movimento de retorno às suas fontes épicas; romance em fascículos, à Firmin Caballero em Espanha ou à Ponson du Terrail em França, o romance que se traz no bolso e que o adolescente furtivamente lê na école *buissonnière*, — e à situação de superior refúgio e espelho dos grandes problemas humanos, como no romance de Balzac, de Dostoiewski ou, no nosso tempo, o de Proust, de Mauriac, de Graham Greene, de outros ainda.

O romance reverte, deste modo, ao mito de que se afastara ao originar-se da épica. Chamamos mito, aqui, à configuração estética do

mistério. Tornando-se mitográfico, o romance metamorfoseia-se ele mesmo em mito. Já não é apenas a narrativa de uma série de ficções arranjadas segundo um certo dispositivo, mas é ele mesmo, nos casos supremos, mito.

O romance de Dostoiewski oferece-nos como um dos maiores exemplos de uma vasta mitologia, desenvolvida num acervo de situações típicas, referidas a certas e determinadas formas da condição humana. N'*Os Irmãos Karamazov*, essas situações são extremamente tensas: o parricídio, a cumplicidade fraterna no crime, a difícil e ambígua imputabilidade discriminatória, enleada no *fatum* que envolve tudo e todos.

O assassínio com que se abre o romance foi premeditado a frio, cometido com um ânimo que rejeita a moral como coisa para uso de medíocres, pauta convencional de que se isentam os fortes, os superiores. A possessão do homem fáustico ou prometeico, que a si mesmo se isenta da obrigação e da dependência, palpita como um inferno nas situações-limite do romance de Dostoiewski, tornando-as exemplares da condição humana.

Mas não é preciso chegar ao nível deste homem de génio, — o mais alto de todos na invenção da aventura maravilhosa do romance moderno e uma das cumeeiras da cultura humana. Em zonas menos asfixiantes, em atitudes menores do género encontramos também esses complexos tensoriais de situações e de tipos elevados à condição de exemplaridade ou escarmento, e, assim, promovidos à ordem simbólica e mítica.

O romance mito erige-se, assim, como configuração estética de situações existenciais, enlaces humanos e motivações psicológicas que reconhecemos concretamente nos personagens e comparsas: por exemplo, os irmãos Karamazov, no romance deste título, — o pai, Ivan Karamazov, Dimitri, as mulheres que com eles contrapontam. A leitura faz-nos penetrar nos caracteres e nos lances: somos capazes de reproduzir tal ou qual caso em que se encontraram, e como. Mas o segredo último das relações entre essas pessoas fictas, o porquê da sua conduta, o juizo sobre a intencionalidade própria de cada um deles, — um juizo que seja condenatório ou absolutório, — esse, finalmente, escapa-nos. A situação geral mantém-se tensa e indeterminada.

N'*O Idiota*, o príncipe Muskin aparece como um simples, um homem infantil, de uma pureza irreal, mas ao mesmo tempo dotado de ironia. Não se trata de um tolo ou de um ingénuo, senão de um homem que, conservando a frescura vital, se encontra em situações de abnegação e desinteresse. O seu próprio destino não é claro. Apresenta-se com uma analogia ousada e surpreendente com o Cristo. Tudo entende e tudo perdoa; suporta as afrontas com o mesmo ânimo com que Cristo sofreu as suas. Ao ser esbofeteado por uma mulher, empalidece e diz: — «Ah, como V. se vai arrepender do seu gesto! ».

Quer dizer: no que está sofrendo, não é o vexame que o aflige. Supera-o, sofrendo e doendo-se pelas consequências, noutrem, do acto que foi praticado nele mesmo.

Este poder de abnegação numa situação limite é admirável. Mas este homem acaba também de uma maneira intimamente trágica: está dividido pelo amor a duas mulheres, e não se sabe determinar. Vive como um joguete. E é sobretudo nestas situações de extremidade, num movimento pendular entre o bem e o mal, que ele sofre as vicissitudes da liberdade, correndo o risco acarretado pelo poder de escolher.

A opção a que em cada momento da existência é convidado o homem raramente se resolve mediante o simples juízo imediatamente ocorrente sobre os seres e sobre as coisas. No universo de Dostoiewski, a questão principal consiste nisto: a determinação dos nossos actos não deriva, como crê o senso comum e, sobretudo, uma espécie de panglossismo moral, de uma iluminação forçosa e necessária da razão, prévia ou concomitante com a situação existencial, de modo a facilitar a intervenção da vontade, — a dispará-la, por assim dizer, na decisão.

O juízo, como projector do acto iminente, encasilha apenas teoricamente as coisas nas categorias éticas do bem, ou do mal, ou até do menos mal, ou da pura neutralidade. Mas essa iluminação não é bastante para determinar e encher o acto. O que é típico no universo romanesco de Dostoiewski e, em geral, no dos romancistas da sua estirpe, — Balzac, Proust, Mauriac, Kafka, Graham Greene, — é esse carácter aventuroso, não só da aventura ou incerteza dos desenlaces, mas do aventuroso da vontade e do sentido da existência.

É espantoso, repito, que um género literário que tão dificilmente conquistou um lugar na poética, — que se degrada, se espalha em formas mil, — o romance de Alexandre e o de Eneias (e por aí deita uma linha ainda nitidamente épica, isto é, de aventuras passadas entre deuses, semi-deuses ou homens responsáveis pela conduta humana) e logo outro ramo no romance bretão ou arturiano, em que homens travestidos de cavaleiros contrapontam com bestas, feiticeiras e génios do mal, — venha a assumir, nos tempos modernos, significação tão profunda.

O romance bretão como que contém em si o núcleo dos destinos simbólicos do romance ulterior, a prefiguração do romance moderno. A sua morfologia, modelada pela estética cisterciense, corresponde à estrutura da sociedade medieval, cavalheiresca, e é suporte do ideal de adoçamento de costumes que, mais do que os de hoje, reflectiam a dureza do domínio do homem sobre o homem mediante a rapina, a conquista, o dolo. O rei Artur e os cavaleiros de Távola Redonda dulcificam a imagem da existência pela sublimação do agente dessa rapina, dessa guerra perpétua: o cavaleiro, que, mediante várias transposições e conversões culturais. é transformado no defensor dos

fracos, dos oprimidos, das donzelas: no homem que aspira a ser uma espécie de arcanio, guardião do tesouro escondido.

Esta nota do oculto é fundamental na evolução da essência do romance posterior e, em geral, acompanha todas as formas da cultura humana, desde a do mito às da arte. Oculto é o próprio Deus, — o «*Tu, Senhor, és um Deus escondido*» do evangelista. Essa ocultação de Deus torna-se o móbil essencial do homem em luta com o mistério da existência, no debate consigo mesmo. Mas não só Deus é oculto, nas suas pessoas, nos seus atributos, nos seus símbolos. E oculto o vaso sagrado, que guarda o sangue do Filho como fonte de carismas.

Ora bem: o ideal latente no romance bretão exprime-se no tipo arturiano do cavaleiro, segundo um repertório de qualidades que o torna digno do tesouro escondido, da coisa ocultada. Essa coisa ocultada, preciosa, guarda-se no meio de uma floresta, para furtar-se à cobiça e à sanha dos perseguidores, dos maus. Está oculta, ainda, porque é necessário uma dignidade rara, uma unção, para poder realmente assinalar-se o lutar do tesouro, e tirá-lo como a um troféu: o vaso recelado por José de Arimateia.

Essa distinção, essa eleição do descobridor final da coisa oculta, do tesouro sagrado, consagra o tipo do cavaleiro quebrantador do encanto, que entre nós foi o ideal de Nun'Álvares alimentado à leitura das proezas de Galaaz, e que o modelou como herói representativo do Outono medieval: cavaleiro *sans peur et sans reproche*, puro, casto, forte, leal, benigno, asceta, com todas as notas próprias da direitura e da abnegação.

E é caso para perguntar se a criação do Zaratustra, de Nietzsche, não conserva uma analogia paradoxal e secreta com o mito do Graal. O herói do romance de cavalaria é virtualmente a pessoa que vem libertar o tesouro, e essa libertação está intimamente ligada à morte do Dragão que o guarda e defende a entrada do esconderijo, à glorificação do herói e à exibição do símbolo sacral. Assim o mito medieval do Graal parece gerar paradoxalmente o mito moderno de Zaratustra, o super-homem que se levanta sobre a derrocada dos valores e os transmuta, — o homem que vem anunciar a morte de Deus aos aldeãos, ao descer da montanha.

Esta correspondência ou simetria de criações, a poder sustentar-se, estaria na linha dos mitos centrais da história humana. Mas o romance moderno não trata frontalmente o mito da ocultação, como tratava o romance de cavalaria e, sob a sua influência, até certo ponto, o romance romântico, — o de Walter Scott, por exemplo, na medida em que podia encostar-se à tradicão da Idade Média escocesa, ou o romance histórico de Herculano, no *Eurico*, concebido sobre o duplo tema da libertação do povo neo-gótico e da luta pela conservação de duas purezas contraditórias: a do amoroso e a do presbítero. Do «oculto» como mitificação do mistério (para Eurico, Hermengarda é um tesouro

escondido na caverna de Covadonga), este estilo concreto ainda próprio do romance romântico não podia passar inacto à nova novelística.

Esta maneira, ainda quase figuradamente simbólica, do tratamento do mito do oculto não podia passar ao romance de Dostoiewski senão transposta da sua concreção alegórica à interioridade psicológica, onde agora se instala o antigo acontecer externo da luta entre o bem e o mal. Para o homem moderno, herói do romance de Dostoiewski, o dragão arturiano já não é um monstro a descobrir e lancear à entrada de um antro na paisagem, mas uma hidra, cujas cabeças se perdem na sua alma, inextricável nos motivos das suas próprias paixões.

Consideremos agora o romance, configuração do mito existencial, como modo de visão do mundo.

A visão do mundo de um grande pensador, de um grande poeta ou romancista, será o modo peculiar como a perspectiva do universo (mundo concreto, pessoas, coisas) se organiza para ele, — a coloração sentimental que essa perspectiva de seres e de valores nele toma.

Max Scheler diz a propósito de Goethe, que o universo de um pensador ou de um poeta lhe é revelado num momento excepcionalmente intenso da sua vida, sob uma súbita iluminação do ânimo, que o intelecto vai convertendo em explicação inteligível, coerente. As vezes uma ideia-força, um sentimento ou imagem polariza-se numa palavra, que se torna como que a chave do vocabulário de alguém, — conceito central no pensador, ritornelo estilístico no romancista ou no poeta. É o caso das palavras «imo» em Santo Agostinho, «transcendental» em Kant, «vida» em Nietzsche, «espanto» e «grotesco» em Raul Brandão. Esse retorno conceptual ou simplesmente vocabular aponta à respectiva «visão do mundo» («cosmovisão», «mundividência») –, como que a indica ou adianta.

No universo de Graham Greene, por exemplo, a fatalidade, constitutiva dele, atrai por anelo e contraste a palavra «paz», que tanto ocorre na boca dos personagens dos seus romances: «deixar em paz». Todas as criaturas romanescas andam à procura da paz. Mas este «deixar em paz» dos personagens de Graham Greene, — muitos deles *out-low* ou pequenos *out-siders* da moral, ou verdadeiros *gangsters*, — significa ficar em paz com eles mesmos, fora ou acima da lei e contra todos os demais. É, no fundo, uma ânsia de encontrar o sossego absoluto, solipsista, em soluções existenciais constantemente frustradas.

Certo personagem d'*O Rochedo de Brighton*, Spenser, é um chefe de *gangsters.* Domina friamente aqueles seus companheiros de inferno que se começam a mostrar hostis às *consignes* do bando, ou que de algum modo lhe fazem sombra. Spenser vai-os eliminando friamente. Fá-lo para ficar só e em paz consigo mesmo.

De facto, o anelo profundo e vivo do homem irregular é realmente de paz, igual ao da paz sincera sentido pelo homem pacífico, de

intencionalidade correcta, e ao do homem sacrificial, abnegado. Tem o mesmo nome e o mesmo fim aparente. Simplesmente, a eliminação dos adversários não serve de nada a Spenser, pois à medida que os vai eliminando vão surgindo outros piores.

No romance de Graham Greene, em que a existência é tomada a um certo nível de concentração da fatalidade, há dois planos estruturais: um, o do romance policial, técnica novelística degradada de que o autor se serve dando-lhe um conteúdo superior; outro, o do romance de aventuras, situado em país exótico e longínquo, — o que também facilita a acuidade das situações.

Muitas das acções dos romances de Graham Greene passam-se em países tropicais, como a de *O Fundo do Problema*, obra prima de tonalidade romanesca e de significação humana profunda. Scobie, o herói, vive como funcionário numa cidade oriental, uma feitoria. O calor, a espessura da selva, todo o condicionamento próprio do meio colonial funciona como uma presença insinuante e corruptora, um elemento de degradação que constela e comprime as situações em que os homens fatalmente se encontram, dando-lhes, por assim dizer, uma espessura concreta, envolvente. As coisas físicas têm aí uma dimensão opressiva, uma consistência premente, uma espécie de realidade psíquica reflexa.

O mesmo acontece noutro estranho e grandioso romance do mesmo autor, *O Poder e a Glória*, cuja acção se passa no México. As andadas do herói, padre precito, sempre fugido à perseguição religiosa, às emboscadas de fronteira, à tocaia e à delação, tudo se passa também numa atmosfera moral que o meio físico carrega e satura.

Um critico recente, Jacques Delesalle, afirma que os grandes romancistas mostram fictivamente, na encarnação dos personagens, o que os filósofos revelam conceptualmente sobre a natureza humana.

Este paralelismo ou confluência do modo da representação filosófica do mundo com o modo da representação mítica própria do romance é realmente impressionante em muitos casos. O mais notável é, ainda, o do universo de Dostoiewski.

Nos romances de Dostoiewski o motivo central é a luta entre o bem e o mal, Deus e Satã. Essa luta apresenta-se sob formas concretas e oposições encarnadas. Trava-se muitas vezes intramuros do mesmo homem, que a vida converte em títere. A esse respeito, os romanoes de Dostoiewski organizam-se com uma coerência notável: *Crime e Castigo*, *Os Possessos*, *O Idiota*, *Os Irmãos Karamazov.*

No *Crime e Castigo* o tema nodal transfigura-se no esforço de Prometeu, o grande mito do programa de vida ou empenhamento capital do homem moderno. Quem o exprime filosoficamente com maior inteireza, e de uma maneira pessoalmente dramática, é Nietzsche. Filosofando «a golpes de martelo», como ele diz, Nietzsche esforça-se por destruir as pretensões da razão a tudo governar, erigindo a

vitalidade em norma de conduta. A expansão triunfal do homem arranca da morte de Deus, tomando-se morte de Deus em sentido concreto e convergente: interiormente, no homem; sacrificialmente, no Cristo. Com Jesus, morre, para Nietzsche, o Deus até então definido e cultuado. Esse grande acontecimento significa, para o filósofo de *Zaratustra*, o triunfo de unia das duas naturezas da pessoa de Cristo, a humana. Segundo a sua interpretação fáustica, paradoxal, em Cristo morre Deus para ressuscitar o homem, dele liberto; e, assim, o triunfo deste passa a ser o programa espiritual que sucede ao cristianismo.

Nietzsche faz a conhecida crítica do cristianismo como moral de escravos, religião de ressentidos, ressalvando sempre, embora de uma maneira ainda fundamentalmente ressentida, a pessoa de Cristo, que o filósofo considera como a mais alta figura humana.

Ora, esta aventura prometeica, implícita no pensamento de Nietszche, configura-se contemporaneamente a ele, ou com pequena diferença dianteira na ordem cronológica, na criação romanesca de Dostoiewski. Pouco anterior a Nietzsche, Dostoiewski põe com outra agudeza psicográfica o problema do que Nietzsche chama o super-homem.

Que novo tipo de humanidade é esse? O super-homem é precisamente o sucedâneo de Deus morto, seu sucessor por eliminação do *de cuius*: herdeiro dele como o príncipe que sobe ao trono nas monarquias despóticas, e cujo cuidado principal, se é que não matou o pai para suceder mais depressa, seria (tratando-se de um príncipe romano) matar o seu preceptor, suprimir tudo quanto lhe lembre o passado, a sua filiação noutra coisa, tudo quanto corte a relação dele, herdeiro, com o pai como pai e como rei, com o preceptor como ascendente moral, e, assim, maior do que ele. Esse déspota tende a erigir-se sózinho, ferozmente isolado, senhor do seu destino, sem nada que lhe lembre de perto ou de longe uma derivação ou subordinação, por vaga que seja, a alguém. Ora bem: o super-homem é a realização mais largamente elaborada, ideológica e miticamente, no espirito moderno: é a apologia do homem novo, fáustico, — Prometeu que roubou o fogo sagrado e viu matar Deus: que ajudou a matar Deus também e é agora, ele mesmo, Deus.

Na pessoa de Nietzsche, nas suas vicissitudes biográficas, — um pobre vivente, mal do estômago, tomando cloral, modestíssimo em seu viver arrastado pelas pensões da Suíça, da Áustria e da Itália, — esta visão interior, expressa na criação épico-novelesca de Zaratustra, protótipo do super-homem, é vivida em euforia conceptual, mas em puro fracasso efectivo. Vitalmente, Nieztsche soçobra na loucura.

No universo romanesco de Dostoiewski estão configurados vários exemplares de super-homem. É o caso dos heróis de *Crime e Castigo* e de *Os Possessos*. É o tema de Prometeu encarnado em Stavogrine, o homem

que se crê acima da lei, despreocupado de toda a conduta moral, desprendido até do sentimento da própria dignidade, pois casa com uma débil mental para se aviltar, deixando-se esbofetear e ficando impassível.

Roskolnikov, o herói de *Crime e Castigo*, sente a tentação típica do super-homem. É para fazer bem à sua própria família que resolve matar a velha usurária, afinal uma megera. Semelhante eliminação, assim pensada, não põe, à primeira vista, um problema moral. Mas, afinal, a irmã de Roskolnikov, que sem o saber iria beneficiar desse acto, cai nas mãos de um aventureiro, Sviriagrov, um sensualão ordinário, — e o gesto de Roskolnikov não serve para nada; o acto criminoso fracassa por esse lado.

Mas há pior: e é que, para matar a usurária, Roskolnikov tem de matar também quem estava presente, Elisabete, para não ficar testemunha viva do acto criminoso. Numa casa promíscua, uma pensão de acaso, Roskolnikov encontra Sónia, bela e extraordinária figura de mulher que se prostitui para dar pão aos filhos de uma companheira sua de casa de hóspedes. Roskolnikov apaixona-se por Sónia e vem a descobrir nessa figura maravilhosa uma analogia com Elisabete, com quem aliás era bastante parecida, até fisicamente.

A tentação prometeica, o roubo do fogo sagrado expresso no acto de matar a velha, revela-se inane e fruste, pois Sónia, pouco a pouco, pelo seu procedimento, mostra praticamente quanto isso tudo foi vão.

Sónia pratica também um acto, até certo ponto análogo ao assassínio cometido por Roskolnikov: prostitui-se. É um acto catastrófico também. O outro fez-se assassino. Esta podia fazer-se ladra, mas faz-se prostituta. É um acto igualmente violento e instrumental, pois foi praticado como um meio para conseguir outra coisa.

Mas esta prostituição revela-se estranhamente, um acto de entrega e de dádiva. Era o meio de que Sónia dispunha naquela ocasião para poder obviar a uma situação trágica, a penúria dos entes que estavam junto de si.

Outro caso de tentativa prometeica é o de Stavogrine. Como quase todos os heróis de Dostoiewski, este não é um homem forte, de vontade polarizada. Homens que se neutralizam moralmente, impetuosos e possessos, tomados de volições diabólicas, intensivas, e que por isso ajudam ao fracasso: o contrário dos personagens de Graham Greene, que, em geral, pela sua frieza congénita, concebem mais cinicamente as acções de que afinal também são vitimas, como n'*O Rochedo de Brigton* e no *Matador a Soldo:* vítimas de ratoeiras que a extrema concentração de criminalidade em que vivem lhes arma. Astutos, defendem-se até à última, ou julgam poder defender-se até à última, dessas ratoeiras a outrém.

Os personagens de Dostoiewski são existencialmente mais fracos, talvez porque no mundo do genial romancista se reflecte aquilo que durante o seu tempo se via em primeira mão no humano: um mundo de psicopatas, de excêntricos, de anormais. Epilépticos, como o filho

natural do pai Karamazov, que executa a morte em nome dos irmãos e finge uma crise de epilepsia para escapar à polícia. Epiléptico o próprio Dostoiewski, como é sabido (Maomé também o foi).

Conhecemos duas interpretações algo superficiais e caducas do romance de Dostoiewski. Uma, a do eslavismo deste romancista. Os seus romances seriam interessantes para nós na medida em que exprimiriam *o pathos* de uma comunidade étnica que nos é alheia em larga medida, apesar do fundo indo-europeu que partilha connosco. Os eslavos, de mimo extremista, mercê de certa compleição racial e de determinado dinamismo da sua complexa história, encontravam-se, à data dos romances de Dostoiewski e de Tolstoi, imersos numa sociedade de tipo quase feudal, análogo à sociedade medieval do ocidente europeu, pelo menos no termo desta, e ao mesmo tempo já invadidos pelos núcleos aristocráticos e burgueses do individualismo capitalista que se enquistaram nessa teia de senhorio e servidão: os grandes senhores russos, parentes e satélites dos príncipes de Kiev e de Moscovo, contrapontando com uma burguesia rudimentar, constelada desde S. Petersburgo a Odessa.

O território da Rússia encontrava-se assim dividido e contrastado entre um fundo de sociedade dominical, opressora do mujique, e uma escassa classe média polarizada nas capitais e vivendo, como a aristocracia tzarista, à moda ocidental. Neste contraste se criaram o filho do burguês e o filho do aristocrata, divididos entre o espectáculo dessa sociedade metropolitana e fruidora que vivia de prebendas, de rendas senhoriais e de lucros urbanos, criada, nos ideais do Ocidente, copiando as modas de Paris e Berlim, depois da política ocidentalista de Pedro o Grande e de Catarina. Esse novo estilo russo contrastava com os costumes senhoriais, com o chicote ou *knut* aplicado ao mujique.

Tal era, sensivelmente, o estado económico e cultural da sociedade russa de 1850, 60, 70, gerador do misticismo exacerbado e transposto a que se chamou niilismo, que Albert Camus tão agudamente analisou n'*O Homem Revoltado.* Essa mocidade protestária e extremista vivia, por assim dizer, uma mística sem claustro, de exaltação existencial, transposta à esfera mundana pelo social ou colectivo. Essa era a jovem Rússia da contemporaneidade de Dostoiewski e, em grande parte, dos heróis dos seus romances, que teriam, assim, uma explicação sociológica: gerações anormais numa estrutura histórica anormal, em cuja determinação se descobrem factores etnopsicológicos tais como o arrebatamento de ânimo, o carácter enigmático e misterioso de um povo de encruzilhada, tarde aflorado à civilização ocidental através do contacto bizantino, e só no século XVIII obrigado, por Pedro o Grande, a partilhar dos ideais do Ocidente. Como diz Toynbee, «a literatura russa do século XIX exprime os sofrimentos de uma alma que se vê obrigada a viver em dois universos espirituais ao mesmo tempo.»

Mas — coisa curiosa — os leitores russos dos romances de Dostoiewski, contemporâneos da sua publicação, queixavam-se de que a atmosfera desses livros nada, tinha que ver com a Rússia. *Os Possessos*, por exemplo, foi escrito em Dresde, com um espírito de sátira a um acontecimento social concreto e recente da Rússia. Os romances de Dostoiewski soavam pois como uma crítica acerba e estranha à vida nacional, qualquer coisa de estrangeirado, ou seja todo o contrário da interpretação ocidental, que os vinculava estreitamente às condições da vida do povo russo, considerada arcaica, anormal. Essa anormalidade, concebida em sentido histórico concreto, levava a considerar as acções romanescas de Dostoiewski como coisas passadas entre outra gente, num povo de características diferentes das do ocidente europeu. Portanto, a experiência do genial romancista não teria validade universal.

Ora, essa interpretação é superficial, senão falsa, porquanto todos os homens — e seguramente os ocidentais — se sentem reflectidos nos problemas que dividem e atormentam essa gente ficta e trágica, tão exaltada e estranha, a gente de tensão e de catástrofe que são os irmãos Karamazov, o príncipe Muskin, Roskolnikov, Stavogrine. E como poderíamos viver os seus conflitos e desfechos, se essa experiência não partisse de um fundo humano comum?

A partir de Dostoiewski intensifica-se o poder mitográfico do romance, e o poder de conversão do próprio romance, como género literário, em mito — isto é, numa figura simbólica, viva e actuante, mediante a qual se reconquista o tempo passado, pela memória, refazendo-se a vida como se ela fosse uma jarra partida em cacos, — para me servir de uma imagem de Fernando Pessoa a respeito da própria personalidade. Fernando Pessoa tem um poema em que compara o seu eu a uma jarra que se partiu ao rolar escada abaixo. O poeta entretém-se então a juntar os cacos um por um. É a imagem da dispersão, da pluralidade psíquica, incoerente — da dissolução da personalidade.

Mas é com Proust, sobretudo, que o romance dá um grande passo em direcção à reconstituição da consciência existencial, não tanto sob o aspecto da pluralidade e da dispersão das unidades psicofísicas de vida, como do ponto de vista da fluidez temporal que as ameaça: os momentos perdidos que se recuperam na reconstituição do vivido pela memória, as coisas insignificantes que se enchem de sentido na perspectiva do passado reassumido na evocação. É essa a dimensão principal do romance de Proust, que ele próprio classificou de «investigação do tempo perdido». Nele não se acusa tanto a linhagem prometeica do super-homem nietzschiano que Dostoiewski tão genialmente focou à luz implacável do «castigo» mas também ao calor do perdão, Os personagens proustianos não atentam contra Deus para reinarem não roubam o fogo sagrado como revoltosos, senão que sofrem a chuva desse fogo às portas de «Sodoma e Gomorra» (título proustiano).

Já no romance de Malraux nos surge outra variedade do homem fáustico (Spengler), que já não é o possesso do romance de Dostoiewski, o super-homem votado ao desespero e ao fracasso, — o que acaba no crime, no suicídio, na morte violenta ou na loucura, — mas o homem que se encontra, sem saber como nem porquê, só e desamparado. Os revolucionários da China de Chang-Kai-Chek, os companheiros daquele herói d'*A Condição Humana* que reparte com eles a ampola de cianeto de reserva num gesto de paradoxal caridade — para morrerem mais depressa, escaparem à tortura que os espera em Shangai. Este é, digamos assim, o filho do assassino, do homem que matou Deus, o que se encontra há muito órfão, sózinho, e que não se sente super-homem. Super-homem é só aquele que toma o destino a pulso, como que satanicamente, — a herança violentada de Deus: - o que nela se instala e se sente bem. Este novo desamparo, herói do romance de Malraux, é o homem para quem Deus é morto, mas que, com matar Deus (ele ou qualquer da própria estirpe), como que se matou também a si próprio, à sua espécie. É esta uma dúvida expressa pelo próprio Malraux como ensaísta, Malraux falando por si e não como autor de um *guignol* novelesco: — Se realmente o homem não foi de algum modo morto pelas suas ousadas experiências, pela sua aventura prometeica dos últimos tempos do mundo.

E é esse também o sentido, em parte, da produção teatral e romanesca de Sartre, — menos interessante, talvez, na ordem da pura criação estética, do que como ilustração simbólica do seu pensamento filosófico.

O romance sartriano afigura-se-nos demasiado ensaístico, apesar das qualidades estilísticas e psicográficas; mas, em todo o caso, extremamente representativo da última maneira existencial do homem fáustico. O título de uma das peças mais significativas do teatro de Sartre, *Huis-Clos*, oferece-nos o símbolo trágico da situação contemporânea: o homem encontra-se num beco sem saída, como que fechado num desvão, — chegado à última nudez, ao «*anéantissement*». O homem está aniquilado, sózinho. Só lhe resta a liberdade, pela qual, no sistema de Sartre, não só comutamos o querer e realizamos a opção, mas criamos o próprio acto.

Para o homem sartriano, sózinho e despojado, a moral corrente é uma *supercherie*, — não já, como para Nietzsche, uma moral de escravos, mas de porcalhões («*salauds*»). O homem cria os seus próprios actos, dá-lhes valor pelo arbítrio. Mas, à parte este escape metafísico, o mundo concretamente descrito no *Huis-Clos* é um mundo fracassado, mundo de homem entregue aos extremos da angústia e da «náusea», que vive no inferno, como se diz num romance de Simone de Beauvoir, para quem o inferno é o nosso semelhante: « L'enfer c'est les autres».

É esta a situação trágica do humano explorada por uma das mais poderosas e significativas correntes do romance moderno e contemporâneo. Evidentemente que não estamos aqui a fazer o romance negro da novelística, sob a forma de conferência. Mas parece ser esta, sensivelmente, a situação de que dão conta os romances mais representativos dos tempos actuais. No romance sartriano campeia essa desolação extrema, mas como que ataráxica. A única nota em que o coração se empenha é a da liberdade, construtora do acto e fiadora do sentido da existência.

Já no romance de Camus e no de Malraux outra sorte de impulsos, uma espécie de nobreza ao nível do vital acende «*une lueur*» de fé dinâmica, de crença acesa à chama da coragem. Mas já não é a crença orgulhosa ou satânica no destino do homem Prometeu, roubador do fogo sagrado. Em Camus e em Malraux, essa confiança não é prospectiva de uma sociedade a construir como uma torre de Babel, senão a pedra que Sísifo rola, ladeira acima, sabendo muito bem que sempre do alto lhe cairá.

Outras correntes se esboçam no romance moderno, sobretudo ensaios ousados de técnicas novelísticas em que os jovens escritores jogam a esperança falaz de um renovo do género. E esses experimentos, se geralmente empobrecem a «visão do mundo» do romancista, cada vez mais coloram a criação novelística de matizes existenciais. Quase todos eles se empenham num tratamento concretista do tempo, como que espacializado no quotidiano pela insignificância: notação infinitesimal da duração humana prisioneira dos recantos do contorno.

Então o romance, ousando mais ao insólito ou ao inédito do que realmente ao inexplorado, ameaça tornar-se numa crónica do fracasso universal, habilmente combinada com um inventário, tão minucioso quão estopante, da esterilidade em que comummente se «ambienta» o homem contemporâneo, náufrago de «nova vaga».

Mas o que se não pode negar, mesmo nos casos extremos desse experimentalismo estilístico, é que o romance, ainda quando amesquinhe deliberadamente a existência, é ainda e sempre o grande *test* existencial...

«ÚLTIMA LICÃO» *

Dou a minha última lição de professor na efectividade e em exercício, segundo a lei. Claro que a lei só tira o exercício ao funcionário: o homem exerce enquanto vive. Como sou *filólogo* — linguista à antiga penso por dentro das palavras e, aqui, recorro a Virgílio: *Exerceo diem* : — hoje ganho a última jorna cumprindo a tarefa estipulada. Isto me leva a perguntar se sempre a cumpri bem, e a resposta é naturalmente negativa. Assim uma lição se torna exame de consciência, que é acto do foro íntimo mas que bem posso publicar, como dádiva aos meus alunos. O ensino não é mera informação do saber mas norma de humanidade, testemunho do autêntico. Uma sociedade que só instituísse informações teóricas aplicáveis ao êxito rentável teria a civilização moribunda. É o grande risco da nossa.

Hesitei quase um mês entre escrever esta lição e fiá-la à situação oral do encontro com os ouvintes, como em quarenta anos fiz. Também estive perplexo entre os temas de curso que abri há semanas sabendo que em breve o fecharia e uma lição de despedida perigosamente autobiográfica mas talvez mais fecunda, como última. Semelhante indecisão espelha e resume a minha carreira didáctica, explicitando o método de um professor que parecia não preparar as lições. E realmente era raro trazer um plano de aula articulado ponto a ponto. Respeitava apenas o que se pode chamar as leis do campo de interesses — o título do curso e o assunto — procurando manter um mínimo de nexo didáctico. Isto me criou fama de professor interessante e persuasivo mas pouco fiel aos padrões. Sofri com o «mas» sabendo-o exacto. Mas a vocação era essa, e ou me salvava resgatando a deficiência metodológica com certo poder socrático de acordar o *nosce te ipsum* fornecendo-lhe contudo, de caminho, algumas noções aferidas, ou teria de concluir por um desacerto de carreira imputável à escola que me seleccionara e sobretudo a mim mesmo.

Já forte de alguns testemunhos abonatórios por parte de antigos alunos, discretamente dados na óptima posição para deporem, que é a da vida prática, nunca deixei todavia de me sentir alarmado ou em má consciência. Até que um dia um jovem colega me contou o seguinte: — «Sabe? Tenho um assistente muito apto que foi seu aluno em História da Cultura Portuguesa e que me confessou que durante as primeiras aulas

* Pronunciada em 9-XII-1971 no Anfiteatro I da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na qualidade de professor catedrático efectivo e em exerdcío, por atingir o limite de idade de funções públicas no dia 19 do mesmo mês. In *Criticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974.

perguntava a si mesmo onde iria parar ensino tão profuso e feito de incidências. Porém ao cabo do ano conseguira apanhar o sentido global do curso e se sentira satisfeito.»

Ouso cometer esta indiscrição como atenuante de um juízo censório que adopto e que apesar de tudo está longe de me instalar na paz de espírito. Mas a nós todos cumpre a humilde lealdade de nos aceitarmos como somos e pelo melhor que trazemos.

Um mês de pêndulo entre o projecto de uma lição final dada oralmente sem adeuses e esta confissão escrita e de algum modo solene, fez com que afinal eu me tenha preparado para este acto com dezenas de lições-fantasmas, meditações quase em voz alta no recolhimento ou na rua, pois sou de temperamento psicomotriz extroverso e, por assim dizer, desfaço-me em linguagem. Sessenta anos de letras fizeram de mim uma espécie de corrente contínua da fala: — penso em acto, e como que já nem posso fazer funcionar o interruptor, esperar a caridade de um pouco de vida vegetativa, que os velhos tanto apreciam à imagem e esfíngica semelhança dos *Gatos* de Baudelaire, texto que por acaso não saltei nas minhas negligências de ofício...

Pois bem. Esta minha vivência de vigília no fim da carreira repete fielmente o arquétipo das minhas preocupações de professor e de publicista, tão certo é aquele pensamento de Herculano que decorei nos anos felizes em que preparava o doutoramento, e diz: O *homem imprime necessariamente em todos os actos da vida as condições do seu ser.* Toda a vida estudei de tudo e o mais que podia, para o que desse e viesse. Não me preparava dia a dia para amanhã e depois ou racionando, como a formiga, do Verão propício ao Inverno rigoroso. Mas talvez não fosse apenas leviano, como a cigarra, pois nunca tive de dançar no Inverno e cantei sempre.

Nisto de fabulário, que caía no campo do meu ofício ao menos por Esopo e La Fontaine (além de que a minha primeira exibição em público, ao nível da escola primária, foi recitar *A Cabra*, o *Carneiro e o Cevado na versão* de João de Deus), cheguei a pensar em escrever eu mesmo a minha fábula, que seria *O Rouxinol* e o *Mocho,* para tentar tirar a limpo o que seria a moral da minha passagem por este mundo: pois já nos bons tempos de Coimbra eu era, entre os sábios aquiescentes, um poeta extraviado, e entre os poetas maliciosos um sábio enganado no número da porta...: — o que me faz lembrar outro subtil fabulista, Pedro de Moura e Sá, que vendo-me um dia atrapalhado numa roda de auto-suficientes presunçosos me comparou fidalgamente a um flamingo numa capoeira.

Mas as fábulas apenas alegorizam problemas caracteriais de fronteira, que se quereriam resolvidos na claridade da autognose. Apesar de ter estudado e ensinado um pouco La Fontaine e algum bestiário medieval, não vim fazer uma lição de fabulário. Sugiro-a a alguns dos meus alunos romanistas vivamente atraídos pela atitude

estruturalista saussuriana, como um tema exemplar de convergência hermenêutica, um desses objectos intersectoriais das ciências humanas que tanto me interessaram em tempos em que por cá se não sonhavam, mas sobre os quais infelizmente, ultrapassado, pouco fiz. Então se verá que a Fábula é uma ambição de metapsicologia descaminhada numa meta -estilística de Divina Comédia animal.

Evitados os riscos transfiguradores da fábula, adopto a história pregressa, género de discurso prático que promete autodiagnóstico mas talvez antes traia frustração, pois uma das minhas ambições de rapaz foi ser médico. Para isso escolhi Ciências no sexto ano do Liceu; porém a Física, do Capitão Resende decepcionou-me. A sua Física era honesta, embora atritiva no giz. A minha atenção de imaginativo absorto é que não foi corrigida por um tipo de ensino vivido, que se não usava então. Dois anos antes eu errara em exame uma prova sobre a composição centesimal do metano ou gás dos pântanos: — o que arrastou a Química no carro dos meus fracassos. De modo que se há três para quatro anos mergulhei a fundo em leituras de epistemologia, de micro-física e de biologia molecular, com os encargos paralelos e tormentosos de Introdução aos três Reinos (como dizia meu tio farmacêutico), atribuo-o talvez tanto ou mais a um secreto impulso de reparação das culpas do mau estudante do que às seduções do rosto da Esfinge, que hoje nos sai ao caminho com uma coroa de electrões numa asa e a Hélice do ADN enrolada na outra...

A determinação vocacional obedece a motivações sociais e a estímulos diversos, que num garotito dotado de representação versátil desconcertam pela frequência. Assim, quis ser instavelmente: padre, militar, marinheiro, médico. E isto não só pelo lúdico mimetismo da infância e da adolescência, mas por um forte imperativo de intuição e vivência de situações humanas tópicas no contexto social em que cresci, — o que já tem muito mais que ver com a personalidade radical em crisálida do que com as suas leis de desenvolvimento etário. Volubilidade parecida (salvo o atrevimento de me comparar a nível de tal pessoa) me confessou Karl Vossler, dizendo-me que aspirava a ser cocheiro de fiacre em Berlim, e logo actor, vindo afinal a parar muito simplesmente num filólogo romanista! E acrescentava que, pensando bem, entre esses três ofícios havia uma certa afinidade ou coerência.

Na anedota autobiográfica do grande mestre de Munique há uma filosofia profunda. A verdade é que a criatividade humana, filosófica ou tecnológica, artística ou científica, nutre-se de múltiplas experiências, e como que precisa encarnar-se em mais de um tipo operativo de eficácia social, em mais de um agente mágico da cultura de grupo. Ora, à parte a sedução que exerceu sobre mim o modelo do soldado, num quadro castrense arcaico, vivido numa ilha cuja profundidade histórica abrangia os terços filipinos, os mosqueteiros da Restauração e os fuzileiros da Liberdade, e a atracção pelo ofício de piloto sentida no Atlântico dos

portulanos e calhetas insulanas que o Inverno, tornando ermas, impelia a fazer comunicantes, o mago social mais premente para mim como exemplo a seguir foi o médico, já que a puberdade matara a firme pureza indispensável para eu pensar no sacerdócio.

Como é que de tantos travestis quase realmente ensaiados veio a sair um professor — eis o que só o humor e a autoridade de interpretação autobiográfica de Vossler poderia coonestar, se a analogia não falhasse pelo parâmetro das obras...

Falei há pouco de Divina Comédia animal. Ora, é curioso que fosse por aí, pela *Divina Comédia* autêntica, que há quarenta anos comecei o meu ensino de cátedra. Azares de uma Escola que, firmada nas humanidades etnológicas, tinha que improvisar na romanística especial. Devo a minha entrada aqui a João da Silva Correia, subtil e inovador filólogo que, oferecendo uma derivante lisboeta aos meus arrufos finais com a Minerva coimbrã, num ano decidiu da minha carreira docente. Não tenho agora tempo de apurar dívidas de gratidão, mas deixo esta flor, de passagem, a uma memória honrada e aqui tão esquecida.

Lasciate ogni speranza, voi che entrate… — ensinara-nos o Dr. Francisco Lourenço Valadão a giz no quadro, no 3.° ano do Liceu. E fez-nos decorar o trio — meros nomes — do Renascimento italiano: Dante, Petrarca e Boccaccio. Por muito mal que se diga deste modelo pedagógico, chamando-lhe psitacista, estou certo que estimulou secretamente as minhas alvoroçadas e longas leituras dos anos 20 no sector histórico-humanista: desde *O Renascimento na Itália*, de Burckhardt, deletreado em pormenor, ao Fustel de Coulanges de *A Cidade Antiga*, que, é certo, focava outra cronia, mas precisamente a do estado germinal da cultura mediterrânea que o trio tão admirado pelo Dr. Valadão fizera renascer.

A influência de Fustel de Coulanges permite-me ligar os meus antecedentes de Letras com todo o naipe das minhas curiosidades coimbrãs, já que em Coimbra fiz a maior parte dos meus estudos superiores e a ela me prendi com raízes de casa e família. Evocar esses interesses não é apenas ceder *à laus temporis acti*, tentação egolátrica, mas tentar surpreender certo estado de espírito português, como que um meridiano de esfera cultural abalada, não longe de ter de se abrir a temas e problemas novíssimos, ou revolucionariamente propostos e formulados, mas ainda como que jurando por um geocentrismo teimoso — quero dizer: uma situação de sobrevalia erudita nas ciências humanas (que nem sequer assim se chamavam): enfim, uma certa desconfiança perante tudo que saísse fora das ideias claras e distintas, da informação apoditica, do eclectismo de opinião, ou do *magister dixit.*

E, todavia, que fervor e seriedade a certo nível de estudos! que vigilância intelectual, às vezes até provada nos próprios meios arcaizantes da sapiência do tempo! *A Cidade Antiga*, de Fustel de

Coulanges, dava-me respiração no estudo compressivo da norma, — *antiqua* ou *noviter emmendata*, afinal estrita e um pouco fóssil apesar de o seu sólido lineamento nos iluminar o caminho do preceito ao sistema, tão útil num direito substantivo — sobretudo no romano, o arquetípico — como a toda a extensão do saber racional, qualquer que ele fosse, desde que sujeito ao esquema de: enunciado, relação de complexo auto-regulador estruturante-estruturado, sistema de relações, transformações por vector, conjunto. Vector e conjuntos já há muito se dizia em Matemática (ouvíamo-lo a Manuel Esparteiro e a Manuel dos Reis, por exemplo). Cá pelas nossas bandas letradas tardava em dizer-se «estrutura» para se lançar mais um *-ismo*; mas «grupo», «sistema», «matriz» (de «campo» havia uns eléctricos zunzuns dos lados de Mário Silva...), tudo ia quase lá ter.

Numa encruzilhada de inclinações diante de um feixe de saberes acabei por seguir o meu destino escolar. À parte a veleidade médica, restava-me inscrever-me em Direito. A tradição social quase que impunha aos rapazes Medicina ou Direito — a cura do corpo ou a curatela de pessoas e bens — , de tal modo que uma figuração estatística e radial das Faculdades daria altos números e dois grossos raios amarelo e vermelho a Medicina e Direito, e só diminutas cifras e risquinhas das cores simbólicas às escolas restantes, trocado o verde de Cânones pelo roxo de Farmácia. Fiz pois três anos jurídicos, — um já cumulativo com disciplinas de Letras –; e, assim, coube-me a sorte de ouvir a um grande mestre, ainda felizmente vivo, que, por assim dizer, binava em História do Direito Português num claustro e História de Portugal no outro. Falo do Prof. Paulo Merêa, a quem devo o principal magistério de fontes e problemática no domínio medieval, pelo rigor da informação e pela compreensão original do enfeixe de factores. Filho de musicólogo e desviado burguesmente de uma vocação de filólogo (como me confessou), Merêa evitou as profissões jurídicas, tratando o Direito pela diacronia das fontes e indagando afinal, na projecção consuetudinária e legística, muito da fenomenologia de toda a cultura medieval.

O ensino de D á Carolina Michaëlis ampliava-nos e especificava letristicamente esse campo, mas era sobretudo livresco na sua formidável e embrenhada polimatia. humanizava-se porém no ardor de a tudo acudir e fazia-a descer maternalmente da cátedra até junto de nós (oh! deslocação sacrílega! um lente, descer? jamais!) com os primeiros fac-símiles e fotocópias que em minha vida vi. Ela e o Prof. António de Vasconcelos, que nos fazia uma Paleografia e Diplomática *quantum satis*, com pouca noz de galha mas ricas e elegantes imagens desde o carolíngio ao uncial (esse, já descia também...), iniciavam-nos magistralmente num aspecto prático das ciências auxiliares da História que as deixava neles indemnes à sátira que Augusto de Castro certeiramente ousou a O *Culto do Osso em Portugal.* Destes mestres me

veio muito do pendor medievalístico que entremostrei nalguns cursos de Literatura, especialmente preparados num estilo de pesquisas convergentes: léxico da guerra de assédio e *poer batalha* nas crónicas de Fernão Lopes; sintagmas da vivência temporal quatrocentista do tipo «alto serão», «grande manhã», etc.; pormenores da vida quotidiana do *Livro da Montaria* e de notas de vida interior no *Leal Conselheiro*; enfim, por via linguística, tudo quanto nos textos medievais, originais ou vertidos, relevasse amplamente as pautas culturais do «tempo de Outono» (Huizinga). Esse curso, que preparei sobretudo como professor visitante para a Universidade da Bahia e para que afinal os alunos se mostraram pouco receptivos ou imaturos, aproveitei-o depois em cursilhos na História da Cultura Portuguesa e noutras assinaturas. Mas o respectivo aparato espera nas siglas e cotas a lápis dos livros de meu maneio a hora da elaboração, à parte um punhado de fichas a que Virgínia Rau deu benévolo abrigo no seu Instituto de História e que Jorge de Macedo também pacientemente folheou.

O mesmo aconteceu ao grosso do ficheiro que em quatro anos de investigação aturada e exclusiva acumulei em torno de Herculano e do Romantismo. Daí tirei duas dissertações académicas e alguns estudos herculanianos menores, e material de edições criticas. Essa documentação me servia de base a lições; era como que o lastro ou «obras mortas» de um veleiro talvez demasiado atrevido a navegar à bolina. O piloto, pondo o pé muito à borda, e a mão distraída no cabo, faria desconfiar ou tremer a tripulação. Mas lá se chegava ao porto, mais ou menos a salvo, e em todo o caso ancorando: — que, se alguma estabilidade havia, com balanço de través, não caía do céu aos trambolhões...

Mas eu preferia depor mais objectivamente sobre o clima da minha aprendizagem. O que é, é que ele se me oferece demasiado nos meandros do modo pessoal como a intuo. Se abuso do que soa a justificação, é resíduo talvez da má consciência de que me confessei de início.

O Direito vestibular, dos primeiros dois anos coimbrões, apontava das Doze Tábuas e normas justinianeias e do *Fuero Juzgo* peninsular à História inteira. A Economia Política — mesmo a tímida e charles-gidiana Economia de Salazar, admiravelmente sumariada e aforística mas dada por um mestre que parecia preferir-lhe as simetrias e ajustes do Orçamento — induzia-me também aos móbiles do acontecer humano. O mesmo quanto à revelação da estrutura da regra de direito, à qual, no elegante e conciso ensino de Fezas Vital e de Beleza dos Santos (meu padrinho de caloiro), se seguia a sinopse do Civil Elementar, mero horizonte dilatado dos meus dias de menino comarcão, espectador de cartórios e audiências: a enfiteuse, o crédito penhoratício, a posse, a prescrição, todo o dorido ou eufórico contraponto pactual da vida quotidiana: afinal História também.

O plano de estudos das Faculdades de Letras sofria, no meu tempo, da sua recente instituição. Ambas resultaram da reforma universitária de 1911. Só a de Lisboa tinha a forte tradição que D. Pedro V condicionara. Adolfo Coelho e Teófilo Braga são os nomes polares da arrancada: Teófilo com a Enciclopédia histórico-positivista de uma cultura nacional miticamente focada, e tenazmente descrita numa obra monumental frágil nas grandes audácias; — Adolfo Coelho na introdução da filologia românica, e de uma psicologia a duplo endereço — pedagógico e etnológico — tratadas com um método e uma informação rigorosos mas cuja propedêutica minuciosa e actualizada (até Simmel, imagine-se!) excedia o alcance em resultados. A compensação chegou depois com vários especialistas insignes, de que Leite de Vasconcelos foi de longe o mais representativo pela conexão de campos que gigantescamente lavrou. Com ele aprendi livrescamente quase tudo o que sei de filológico, e até me promoveu benevolamente a fonte do seu léxico açoriano! Dessa vertente lisbonense das nossas ciências humanas tentei um esboço histórico-epistemológico no meu *Perfil de Adolfo Coelho*, para o qual me atrevo a remeter os estudantes que me ouvem, aconselhando-lhes sobretudo as belas e sólidas páginas: *Trinta e Cinco Anos de Estudos de Geografia Humana*, devidas a Orlando Ribeiro, modelo inexcedível de mestre europeu desta casa.

Quanto a Coimbra, matriz dos meus estudos, a Faculdade de Letras nascia por assim dizer dos escombros de uma Faculdade de Teologia regalista, alfobre de cónegos e bispos do Direito de Apresentação. Foi o esclarecido Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos que deu o golpe de misericórdia numa escola, de repetidores de Escritura e de Dogma, sapientíssimos muitos deles e decorativos cultores da arte concionatória na Capela da Universidade, mas sentindo-se, os melhores, desviados dos estudos sagrados de que afinal eram lentes. As obras de erudição profana de José Maria Rodrigues e António de Vasconcelos, de Mendes dos Remédios e mesmo de Alves dos Santos testemunhavam desde o fim do outro século, a vários graus de valia, a necessidade dessa mudança de rumo que a iniciativa de Vasconcelos consumou oferecendo à reforma universitária de António José de Almeida um razoado projecto de Faculdade de Letras moderna. Oliveira Guimarães, benjamim dos teólogos coimbrões por força do anel doutoral, juntou-se-lhes com a sua operosidade um pouco diletante mas de forte vigor dialéctico e de sentido educativo. Todos ainda foram meus mestres. Não eram decerto irrefragáveis, mas o seu convívio respirava um autêntico respeito pela esfera de valores que consideravam à sua guarda, um vago ar de antiqualha e de sapiência *ex cathedra* — é certo — mas logo humanizado no exemplo do trabalho e de um *amor intellectualis Dei* que nem por ser divisa de Espinosa eles, clérigos ou quase, hesitavam em adoptar.

Geração de pioneiros. Aquela que ainda ensinou a par e deles recebeu o facho teve naturalmente mais pressa na formação dos moços do meu tempo. É o nível etário de Joaquim de Carvalho e de Manuel Gonçalves Cerejeira. Eu ouso falar deles num tom intemporal por isso que os sinto e respeito já numa espécie de aura intimamente perpétua, como quem também passou a Linha e se prepara com o primeiro para puro antepassado e — *suus cuique modus est* — para resignatário com o outro, a quem daqui diz *ad muitos annos!*

Mas vamos mais devagar, que querendo dar conta de um *de vita* precipito um pouco os planos. Aí por 1923-24 os próprios conteúdos históricos e teoréticos do Direito, de que era aluno cotado, me inclinaram de vez para as ciências humanas, amparado na decisão por um amigo e fraterno confidente, Mário de Castro — o futuro causídico e jurisconsulto que o pudor me proíbe adjectivar mas por quem as obras falam. Aí, porém, novos signos de perplexidade intervieram. Agora era a vocação de uma História em geral, omnicompreensiva do mundo e especulativamente convidada a analisar as distinções e ambiguidades entre natureza e cultura, necessidade e liberdade, homem e mundo — em suma, a «razão histórica» que só mais tarde me formularam Dilthey e Ortega y Gasset, mas também, sob outros parâmetros, Max Scheler e Cassirer, Max Weber, Karl Jaspers... E, neste flagrante de tal ou qual versatilidade de que a mim mesmo me acuso, ouso ao tremendo atrevimento (que o estado de legítima defesa e sinceridade desculpa) de lembrar como exemplo de caminho sinuoso o do próprio mestre Jaspers, que passou de Direito à Medicina de base, desta à Psiquiatria, à Psicologia, à Filosofia pura enfim. Porque uma coisa — tanto nos duces do saber como nos soldados rasos — é o modo como se recebe o olhar de fogo da Esfinge: outra como se aprendem as artes de decifração dos seus códigos, e até as técnicas de contagem dos pêlos que traz na cauda, — erudita tarefa à Tópsius a que outro meu mestre socrático, Miguel de Unamuno, redondamente se negava.

A sugestão fora-lhe feita quando, vencidas as *oposiciones* para professor de Grego, o queriam editor crítico de códices de interesse helenístico existentes em arquivos espanhóis. Mas Unamuno, dizendo — «sei o grego suficiente para iniciar os meus alunos; quanto ao resto, é comigo», — teimou em continuar a escrever nos jornais *Contra esto y aquello* e não fez a vontade aos zelotas da miúda erudição. Eu é que, embora atraído pelo mestre desde que, em companhia de outros Cerejeira e Carvalho — e em bando de capa-e-batina, o ouvi encantado exortar-nos no Paraninfo de Salamanca, em 1923, não fui sempre fiel ao desafio frontal da Nova Esfinge, e, *dando la vuelta* — como dizia Unamuno - *empezé a contar las cerdas de su cola…*

Assim chamo a estas excessivas operações de micro-história a que tenho procedido em estudos meus, com basta braquigrafia a nível de

rodapé mas sem avanço visível daquilo que importaria conhecer, salvo o externo e episódico. Talvez seja esse em parte o caso de A *Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*, a que não faltaram alabanças, mas onde sacrifiquei demasiado ao contexto epocal do crescimento do historiador.

O meu primeiro desígnio era uma tese sobre o Romantismo português na Emigração. A enorme massa de fontes guardadas no Museu Britânico desencorajou-me depressa. Ainda não havia o luxo de bolsas no estrangeiro para indagações desse tipo, e então restringi-me ao exílio de Herculano, mas não sem investigar *manu diurna et nocturna* (como diziam nossos mestres), em três anos de *full-time,* todo o âmbito da operosidade e da espiritualidade do escolhido. Interessava-me o homem inteiro: letrado e prático; o pensador do destino humano e do trem-de-vida do grupo; historiador aqui e agricultor acolá; o bardo à escocesa e profeta à Lamennais, além do lírico nas duas radiografias do «eu» — a métrica e a novelesca –; teórico e filósofo da história praticada a todos os níveis ou camadas de estruturação de uma etnia dotada de Estado, e por isso economista da ruralidade ao mesteirado, da gleba ao município e ao alvor dos mercados portuários; lavrador e técnico de azeite, mas também jornalista e político; perito em direitos reais, em constituições e ensino; religioso ecuménico e conciliar, mas sempre e em tudo indistintamente filósofo, poeta, — *homo sum, nihil humani a me alienam…*

Fiado em captar tal microcosmo (ao que a mocidade se atreve!), pensei que era possível atingir com fichas tudo isso; — e enchi a gavetinha que um carpinteiro da Quinta das Albergarias me ajeitou...

A minha tese de doutor pouco mais destinei que minudências externas, como se a história de um espirito pudesse ser ecológica! De modo que, à parte uma análise posterior das motivações do «retiro», e pouco mais, tive que resignar-me ao meu diálogo interior com o Herculano íntegro, face à investigação amarelecida no ficheiro.

Mas tenteemos o fio processivo, que a meada é comprida. A História, no plano de estudos, aparelhava com a Geografia, jugo de que esta só tarde se desprendeu, graças a esforços reiterados de Amorim Girão, Orlando Ribeiro e outros. Desprendeu-se porém para logo se jungir a outro ramo, a Filosofia, indo formar um novo par entitativo, destes que entre nós têm adjectivado e casado à força as ciências da cultura. Foi pelas «Histórico-Geográficas» que, sem largar o Direito, comecei. Manuel Lopes de Almeida, que de pouco me precedeu ao som da trombeta jubilar hoje para mim tocada (e só quem foi mesmo soldado sabe o que custa entrar na forma!), conservou de memória o humor com que o nosso mestre Cerejeira comentou na aula um exercício meu, a que não queria negar cota elevada mas que em cinco dados — digamos — adivinhava três contra dois apenas, apontados à pressa pelo cábula, num cartão de visita do «Espírito Santo de orelha», — o próprio condiscípulo que reteve o episódio... O caso traduz a dificuldade de transição de um

jovem imaginativo para os hábitos da reflexão frenadora de imagens, que só não são pascalianamente «mestras de erro» quando brotam de mente firme e unânime.

O Direito positivo começara a disciplinar-me; agora era a vez das ciências nomotéticas, na nomenclatura de Rickert, que eu, quase a furto, como a Windelband, ia lendo. E a furto digo porque, com certos mestres (nunca o da anedota em questão — pelo contrário!), não só era inútil como perigoso alargar conhecimentos, por suspeita de alarde ou emboscada do aluno. A Arqueologia, vivificada no ensino de Virgílio Correia — cujo convívio esfuziante e rico de saber devo a Afonso Duarte, também nosso mestre socrático além de grande poeta –, enriquecia-me as perspectivas; e até um limiar de Geografia Física acabou por estimular-me na medida em que Anselmo Ferraz de Carvalho e José Custódio de Morais eram hábeis em chamar-nos ao concreto dos mecanismos da erosão ou às regularidades quase vivas de uma estrutura cristalina.

Em História de Portugal o rendimento escolar foi maior. Aí nos propunham os temas centrais da nossa criação de povo, sem perdermos de vista as coordenadas da História Universal. Podiam pois a História Oriental e mesmo a Antiga não passar do manual de segunda mão, que o lúcido saber de dois mestres, concitando-nos o esforço e a reflexão, se encarregava de dar interesse e verdade ao estudo. A Paulo Merêa já confessei o que devo no domínio medieval. De Gonçalves Cerejeira emanava a clareza e a elegância expositiva, o gosto de matizar os juízos não ocultando a carência ou a ambiguidade das provas, e sobretudo a coragem de não comprometer no calor das opções do âmbito religioso o critério formal no aquilatar dos eventos e o respeito devido às razões dos hermeneutas anteriores (Herculano e a lenda do milagre de Ourique, Herculano e a Inquisição), além desse outro denodo de não poupar a própria testada aos incómodos polémicos impostos pelo culto da verdade em crise de revisionismo arbitrário (General Morais Sarmento e «o valor histórico de Fernão Lopes», etc.).

O aspecto moral desta lição do mestre não é certamente o menor. Vivia-se então em Portugal uma época de inquietude e mútua suspeição, embora de fervor prospectivo. Nas vascas de uma liberdade constitucional abusada ou mal empregue agravava-se a perda de alcance do seu exercício cívico com a multiplicação passional de reais ou falsos problemas. As ideologias aceravam-se defrontando-se, não só pelo apego dos contendores aos postulados dos seus credos, mas pelos tristes tropismos de bandos que se criam grupos livres e que às vezes o mais cego gregarismo obnubilava. A «bando» convém «bandeira». Nuns casos havia várias, sinal de que o perigo era menor. A bandeira política, a religiosa, a literária, a desportiva... Mas mais depressa estas todas baixavam diante de duas, só variantes nos nomes — republicanos e

monárquicos, católicos e livres-pensadores, reaccionários e avançados. Assim o país prolongava desmedidamente um tipo de crise perigoso, porque já não era o livre jogo diacrónico das opiniões polarizadas a um ritmo normal de vida pública, mas uma dialéctica de contrários em que se punha em dúvida a própria natureza da estrutura do agregado nacional e se queria voltar a um principio amorfo em cada cabeça ou rígido como elas se mostravam — o que é, para o caso, o mesmo –: um questionar, enfim, do próprio ser do povo português em razão de regime e de igreja, um absurdo e obsoleto «crê ou morres». Como se a Inquisição não tivesse cedido à Real Mesa Censória, a Viradeira não tivesse dado uma volta à roda de vez das vítimas, o eclectismo livre-cambista dos ministros do Príncipe Regente um jeito ao mercantilismo do Marquês de Pombal, o catonismo burguês do Vintismo um xeque-mate ao *ancien régime*, o Miguelismo uma injecção desesperada ao Portugal Velho em coma, o Liberalismo um volta-face em proveito de classes dominantes congraçadas e pouco abertas a novas, a República um pequeno piparote aos Conselheiros amesendados e aos Abades seus mordomos! Eu ia a dizer: «e assim sucessivamente», como se fosse rectilíneo um círculo vicioso...

Os temas históricos correspondentes a, ou na ordem do dia deste estado arcaizado da consciência nacional ao nível dos anos 20 eram propostos em termos de revisionismo histórico ou de polémica de visões retrospectivas, informadas por duas ideologias frontais redutoras do passado a dois tópicos arbitrários: Reacção e Progresso, Tradição morta e Revolução deixada a meio termo em 1820 e 1910 — as ocasiões perdidas. E, concretamente, recapitulavam-se os autos de uma história a sacões: Absolutismo e Liberdade, Inquisição e Pombalismo. Detestava-se D. João III para se exaltar Sebastião José. Amava-se D. Miguel para se execrar D. Pedro IV. Assim o pais culto perdia pé do presente refugiando-se numa ronda de espectros. O presente, deferido à pura administração, precária de si e do abandono a que os próprios correligionários ideólogos desdenhosamente a votavam, parecia uma travagem de salve-se-quem-puder no Tempo, uma utopia existencial de alguém, as elites, que se tinha mudado para o como-deve-ser deixando de tratar do *hic et nunc*.

Símbolo deste estado de mentalidade nacional culta e cívica — politizada até ao absurdo na viva relação, também política, que devia ter com o pais — deu-o um grande escritor, Carlos Malheiro Dias, chamando *O Piedoso e o Desejado* a um livro de *élan* nacionalista que documenta bem um dos lados da pugna. Do outro — a rica bibliografia de Sérgio, periodicamente empenhado, no seu vigoroso magistério crítico nacionalista, em clarificar os problemas da «grei» — como se dizia ao tempo com um arcaísmo tirado à divisa de D. João II, sinal estilístico inquietante de mentalidade mítica. «Grei» se chamou uma

revista de Sérgio e Ezequiel de Campos; «grey» — com «y» (mais estilizado, mais críptico…) — se bradava por tudo e por nada no culto e castiço campo do «Integralismo», palavra não já mitográfica mas reveladora, em sua alta semiótica, e que tanto podia lembrar «cálculo integral», «integral de acção» ou «de estado», como ética inteireza, — garantia, enfim, de precisão e coerência: — reveladora, dizia eu, de tal ou qual sentimento de culpa por parte de corajosos moços dos tempos modernos empenhados numa miscelânea teórico-política do passado para o presente, mas receosos de a si próprios se surpreenderem em falta de realismo. Pois conciliar o Marquês de Penalva e Frei Fortunato de São Boaventura com De Bonald, Maurras e as excelentes fontes de saber económico de que Pequito Rebelo se servia para justificar uma monarquia patriarcal e agrária não era tarefa fácil.

O exemplo do vocábulo «grei», comum às bandeiras polémicas, indica como uma mente mítica se contagiara aos dois campos da dialéctica nacional, de que o mito maior, por aqueles anos, foi o Rei Desejado, tema da «Questão Sebástica». Escusado é lembrar que o sebastianismo, esteticizado em «saudosismo», afectou igual e harmoniosamente a monárquicos e republicanos. A Renascença Portuguesa é um momento praticamente apolítico da encarnação cultural desse mito, que Unamuno vinculara às feições de Portugal numa bela poesia do seu *Rosário de Sonetos Líricos*, que nos simboliza em «matrona» sentada na praia, ao poente da Europa, em cujas brumas «*reina Don Sebastiãn, rey del misterio*».

Mas se o *Encoberto* de António Nobre, padrinho do saudosismo, unira ao nível de 1912 e de *A Águia* quase todos os letrados portugueses, fossem eles Jaime Cortesão ou Vila-Moura, Pessoa ou Sardinha, Leonardo Coimbra ou Mário Beirão, — o rei D. Sebastião, em 1925, é que já era Desejado para monárquicos e Indesejável para republicanos, Arcanjo para bem-pensantes e «Pedaço d'Asno» para avançados. Os apodos políticos, de intencionalidade social segregante — quase que ferrentes — tinham voltado a terreiro como no tempo fradesco de José Liberato, em que o nome de «philosopho» — dizia ele — era um sinal de suspeição.

Demorei-me neste quadro um pouco impressivo e arredondado do Portugal dos anos 20 para melhor situar as vicissitudes da minha formação universitária, indissociável das vertentes ideológicas da geração. Também paguei o meu tributo na liça teórico-política, com mais verdor que reflexão. Alinhei com Mário de Castro, António de Sousa, Sílvio Lima, César Abranches, Paulo Quintela, Alberto Martins de Carvalho, tantos outros, nos terços anti-sebásticos, pró-Sérgio *adversus* Antero de Figueiredo *et quibusdam aliis...* Mitomania à parte, não esqueço que na história polémica o alto espírito de Sérgio dispunha de uma óptica límpida, cristalina no diagnóstico de uma mentalidade nacional

confusa em seus planos e visos. Mas do outro lado também havia alguns espíritos superiores, que não tinham os olhos fechados.

Paladinos eram todos. Agostinho de Campos — como Sérgio empenhado, embora sem grandes compromissos, na pedagógica obra da mente nacional esclarecida — consagrara ideal e estirpe na expressão «Paladinos da Linguagem», seu único atavio de Quixote. Não foi meu mestre de cátedra; mas, Director da Faculdade à data do meu concurso, devo-lhe a enérgica defesa da minha *venia docendi.* Aqui deixo também à sua nobre memória uma flor recolhida.

Paladinos — dizia, eu — eram todos os prós e contra-«sebásticos» de então. Quando a viseira não fosse do modelo de Alcácer Quibir tinha — em Sérgio, por exemplo — o talho bem visível do elmo de uma Palas Ateneia que não era estranha, de todo à *Prière sur l'Acropole* de Renan, e por aí ficaria tão mítica como o Encoberto do outro lado e, assim, arriscada talvez numa panaceia sujeita à contraprova de um realismo histórico que cada um queria de seu lado... Em suma, o malbaratado, o intempestivo era o «pathos» colectivo em que o escol da nação se dissipava — não a boa-fé e os acertos que de um e de outro lado se apurem.

Lembro-me de que, da falange oposta à minha, surgiu um mestre meu com uma *Exortação* aos estudantes: Luís Cabral de Moncada. Respondi-lhe com as minhas razões e com uma pimpante impertinência, que ainda hoje me dói pela injustiça mas que felizmente não empanou as nossas relações cordiais. A filosofia ensinaria o sorriso de indulgência a quem não fosse, como o mestre, já gentilíssimo de raiz. Cabral de Moncada é um dos nossos mais fecundos e engenhosos filósofos da cultura para os tempos modernos e, partindo dos objectos de saber implicados pelo Direito, foi ter a questões fundamentais como a de Verney e o Método, em que se encontraria afinal com Sérgio em pontos essenciais. Isto diz muito do equívoco nacional dos remotos anos 20 que tenho tentado focar. Equívoco, afinal, academicamente relevante, pois nos rapazes de ambas as cores teve pelo menos o mérito de preludiar ao que agora se chama a «contestação»; e tudo o que em história se adianta, se assim se pode dizer, custa, menos história ao futuro. Se acaso foi menos pitoresca — pois teve menos papelinhos, — a nossa contestação foi talvez menos atreita ao inimputável das massas. Um pouco romântica, se quiserem, mas mais defrontada entre pessoas. E em todo o caso aceitamo-la a ganhos e perdas, porque naturalmente foi a nossa.

Aqui, guino mais estreitamente ao rumo biográfico que tomei na carta desta última lição — ao pequeno mar bravo da minha formação e carreira, evocando o meu mestre principal dos anos dilatados de Coimbra: Joaquim de Carvalho. Não o tive em aula alguma que não fosse uma espécie de jardim de Academo, — os terraços do claustro dionisiano da Sé Velha, onde se instalara a imprensa da Universidade, de que ele era administrador e eu revisor ganha-pão. Lá entrei pelo seu

braço e, assim, posso dizer que dele recebi pão e ensino, — o que, sendo-me contado em tempo de serviço público, faz com que agora, jubilado, não fique a meia-ração...

Carvalho, pelas convicções, devia alinhar entre as hostes anti-sebásticas do tempo. Era um republicano com muitos amigos nos partidos e um democrata cioso da burguesia vintista da Figueira da Foz, sua terra, à qual deixou a sua preciosa biblioteca na esperança e apologia de uma cultura universal feita sem abalo dos núcleos do viver provinciano. Mas o seu fino humor de sábio ao canto do lume, às vezes com a gorra de Erasmo, não lhe consentia vir à arena. Julgar um rei moçalbete pela castidade jogada em arraiais desmedidos, num deserto, e partir dos ideais cavaleirescos da mocidade anacrónica do príncipe para uma teoria da decadência ou para um proclame de «resgate» — palavra mágica também — não era caminho que o tentasse. Por isso, sem negar admiração e um mínimo de solidariedade ao grito de «ruços, além!» contra o Encoberto messiânico, Carvalho preferia apreciar o grosso da contenda ao largo, de mãos atrás das costas. O seu estilo de não virar a cara ao risco pela verdade tinha outras aplicações: por exemplo, a defesa dos colegas de Direito e de Letras ameaçados de demissão por pseudodelitos de ideário em 1919.

E, depois, polemicar sobre o passado exigia entono ou facúndia, além das preclaras armas de Sérgio; e Joaquim de Carvalho, homem de estudo planeado e cumulativo — a cada asserção, sua prova! — , tinha dificuldade em redigir *currente calamo:* um escrito custava-lhe maturação e vigília, a ele que afinal como que cristalizava as ideias numa linguagem rigorosa e densa, nesse críptico mas fulgurante apontar para o concebido que é o segredo dos filósofos e o desespero dos triviais. Assim, como um modesto lapidário, tal seu mestre Espinosa, Joaquim de Carvalho lavrou esse *Ensaio* sem par sobre Antero de Quental; e o precioso estudo sobre a «saudade» como sentimento de uma etnia indagada até longe, aos alvores do homem dolménico; e a saudação a Pascoaes consagrado pelos estudantes — Pascoaes que afinal, como o Leonardo Coimbra das aporias mediúmnicas, tão fora e distante estava do Universo ontológico de Carvalho, que ia de Platão a Descartes, Kant e Hegel (pelo menos) sempre sereno, ao mesmo tempo orbicular como em Galileu e Hume, aberto a noéticas mais ousadas — e sobretudo bem sabido! Foi com este homem, um dos humanistas europeus do melhor saber deste século, que me foi dado conviver e esbanjar aprendizagem. Mas, em suma, devo-lhe sobretudo — lição inestimável para um poeta metido a lente de sabedorias (bastante por culpa dele!) — a disciplina e á curiosidade insaciável na leitura, a desconfiança na facilidade, a advertência ao váculo que geralmente espera o improviso. O seu espírito era subtil e percuciente no voo de uma álacre dialéctica tão do seu gosto nos Actos Grandes em que o seguíamos encantados — tirar e pôr de

óculos, falar maçajando as pálpebras cerradas, não resistir a dizer «mas, como é óbvio, menino! se a memória me não atraiçoa!...» a quem já ia embalado em sofismas ou fazia ouvidos de mercador à certeira objecção.

Na nobre memória deste professor comovidamente resumo o meu débito escolar coimbrão. Salto, é claro, nomes a que devo exemplo e experiência humanística. Manuel da Silva Gaio, que ainda trazia convívio da geração de Eça de Queirós, ia-o eu esquecendo, em sua desprendida, e fina intuição da cultura. Aurélio Quintanilha, espelho fraternal de amigos e modelo europeu de cientista, um dos iniciadores da biologia em Portugal e investigador cedo imolado por aposentação compulsiva — *vendetta* pretextada em razão de Estado — num curriculum de descobrimentos genéticos que a hélice do ADN, mensagem telenómica da vida natural, prometeria coroar como ambiciosa chave dos mistérios do ser. Omitia quase também o calmo perfil de outro mestre que tanto me alentou no caminho: Carlos Simões Ventura, excelente helenista atraído pelo léxico de Gil Vicente, e que assim, com D.ª Carolina, nossa mestra, esteava em Coimbra a ali nascente Filologia Românica de que tão frouxamente vim a fazer carreira.

Nesta disciplina fixado por sugestão de Joaquim de Carvalho, vim para Lisboa em 1930 acabar de formar-me. Da nossa escola, a que tanto quero, já disse o bastante para me situar. O ânimo largo e vigilante de Hernâni Cidade foi um dos meus fiadores. A Queirós Veloso, já firme em seus achados quinhentistas de Simancas, devo a melhor simpatia; Manuel de Sousa Pinto iniciou-me solidamente nos estudos brasileiros, em que me acantonei. Manuel Rodrigues Lapa, dinamizado já pela bravia e nobre independência da sua ética do saber, mal teve tempo para se cruzar comigo e deixar-nos injustamente privados da sua companhia. Mas vive e trabalha rijo; que por muitos anos seja! Quem mais? Manuel Heleno, incansável e tímido sabedor, tendo-me por mais do que eu era. Vieira de Almeida, socrático e sagacíssimo, o maior dos aríetes do ensino compendário, a humanidade em pessoa. Rebelo Gonçalves, mais novo, mas que me precedeu cá no ensino, como Carlos Eugénio Paço de Arcos, em suas fulgurantes vocações de sábios filólogos-clássicos. Creio que já fiz a chamada aos que me acolheram mais velhos, — mas que me não julguem distante Luís Schwalbach e Simões Neves, dois *gentlemen, os* sábios David Lopes e Manuel de Oliveira Ramos, que ainda acompanhei a casa nos seus passos de cego — mas que vidente interior! O finíssimo João Barreira e esse obstinado e vigil doador de um grande património de livros que enriquecem a «sua» Faculdade, — Matos Romão, — que estimei tanto tardasse a avalizar-me o saber, pois este era fraco e ele desconfiado. Dos camaradas ceifados pela morte citarei apenas, por mais próximos de mim, Delfim Santos, Mário Tavares Chicó, Adolfo Cabral e Joaquim Monteiro Grilo, estes dois meus alunos. Mas nesses só posso ver agora o espírito gentil que lhes animou longo saber e vida breve.

A «família românica» que tenha paciência na fidelidade e no afecto que nos liga. Nós não gostamos nada das malhas da suspeição. Só uma palavra amiga para os bons romanistas de Coimbra — Paiva Boléo, Costa Pimpão, Herculano de Carvalho, companheiros de bancada aqueles, antigo aluno este, convidando-os *in articulo... vitae* – a que ajudem depressa a resolver o maior paradoxo da Universidade portuguesa, em estranha *panne* e perda de velocidade precisamente quando ao topo, enfim vigilante e eficiente, se pensa em acelera-la: a titularização do grande germanista a toda a prova (mas que já as deu todas), que Paulo Quintela é. O concurso já vai para lá da meta, e dir-se-ia que se esperam nascituros para juizes de campo. Docente e decente é cancelá-lo. Não somos de mais nem melhores uns que os outros na expectativa gradiente da cultura nacional que nos obriga à fé e ao trabalho.

Perdão, se me «remonto muito» — como diz o Governador Civil dramatizado de Raul Brandão n'*O Doido e a Morte*, outro meu mestre socrático: não o Governador nem o Doido, mas o criador deles ambos, e daí talvez também um pouco o salvador pelo «peróxido», pois não faz mal envergar a máscara do Doido pela gratidão e a justiça quando a cara da Morte, que namora a todos, já se adianta. Inconveniente é só o que não vem na sua hora.

Mas ainda faltam uns minutos e eu tenho com que os preencher. Em 1935, já auxiliar docente, a minha formação derivou. Parti como leitor para Montpellier e lá vivi dois anos de fervor e renovo espiritual: o domínio francês na revelação da poesia noemática de Valéry e soterológica de Claudel, além da «caligramática» de Apollinaire. (Perdoe-se-me esta algorítmica sem cálculo; mas os signos verbais, se o código é bem usado, dizem mais curto o que é comprido.) Alarguei em França também a minha experiência cosmopolita. O Scot's College, onde vivi, era um mundo abreviado reflectindo o espírito dos Encontros de Pontigny, de que Sir Patrick Geddes, o seu fundador, participara, incutindo à fundação um humanismo spenceriano de utopia e mãos dadas. Os livros da biblioteca e as pérgulas dos jardins do Colégio falavam simbolicamente a linguagem da união. Aí fiz amigos russos, polacos, balcânicos, da Suécia, do Canadá. Éramos um punhado de moços, à beira do barril de pólvora da segunda guerra europeia, mas só tínhamos alma para a esperança. Lembro-me de uma israelita de Praga, de quem as astúcias da inspiração fizeram — *à son insu…* – a Hélène de um poema à Ronsard, arcaizante, que escrevi: (*Dans son jardin, qui fort l'ennuie, /Mainte promesse d'avenir. / Son cceur, étoile qui ne luit, / Attire et craint le repentir*...). O pai, com fábrica em Dresde, já prudentemente vivia *à califourchon* ou pendularmente entre a Alemanha e a Hungria. Perguntarei a mim mesmo, horrorizado, se o forno crematório não foi o destino desta gente.

Contactos eventuais com Valéry Larbaud, Jules Superville, Jean Cassou, nalgumas saltadas a Paris que Medeiros de Gouveia preparava com o seu bom coração disfarçado, ampliavam a minha intimidade com uma literatura de *finesse*, que seria chamado à ensinar. Mestres de Paris — como Marcel Bataillon e Robert Ricard — e de Montpellier — como Villeneuve, Vianney, Grammont, Fliche, e sobretudo Jules Sion, amigo incomparável — davam-me dia a dia a medida do nada que a gente é ao pé dos que suaram, como Sánchez, para um *quod nihil scitur* autenticamente conclusivo. E «encarregados de curso» de uma nova geração — a minha, — vindos dos quatro quadrantes de França, fraternalmente me advertiam, só de vê-los *à l'oeuvre*, do muito que eu tinha de «esfolar» para emular com eles: Jean Bourciez, Pierre Jourda, Émile Bouvier, Jacques Perret, Aristides Rumeau, Pierre-Maxime Schuhl... De Jean-Baptiste Aquarone, cruzado comigo para Coimbra, só posso falar como de irmão, bem como não esqueço Léon Bourdon e Pierre Hourcade na boa camaradagem do Instituto Francês de Lisboa e nas minhas incursões culturais a Paris.

Mas acima de todos, numa vigilância paternal e com um discreto saber de abelha carregada em suas flores, Georges le Gentil, patriarca do lusismo em França. Sob a sua discreta e firme influência, que amaciava à distância os clássicos atritos criados ao candidato na fileira, preparei o concurso de professor auxiliar, com minha mulher como formiga enceleirando nos ficheiros. Na minha vida de poeta quase a não chamei Hélène ou Cassandre (já que falamos francês), mas sempre teceu como Penélope, embora as minhas batalhas de Ulisses fossem de trazer por casa. — E *assez*, ao metaforismo!

Seguiram-se dois anos de Bruxelas, numa Universidade genuinamente Livre pela variedade e tom de estudos. Aí e em Paris pude ver o que o país ganhou em confiar a direcção das suas relações culturais incipientes a um cientista de crédito europeu: Celestino da Costa. Manuel Valadares, Aniceto Monteiro, Marques da Silva, Leite Pinto, Zaluar Nunes, Mário Silva: as esperanças não mentidas da nossa renovação científica em Física Nuclear e Matemáticas, ao nível dos anos 30, — quantas delas desviadas do proveito docente nacional por imprevidência de escola e discriminação de Estado! — puderam credenciar-se com o apoio daquele homem tão sábio e civilizado.

Na Bélgica, charneira da Europa, apreendi muito do sentido das tensões culturais de língua e etnia. Sem escolaridade, embora, — chamavam-me *professeur agréé*, e eu narcisava-me no título sem abusar da complacência, — aproveitei do saber de Georges Smets, de Paul de Reul, de Henri Thomas, de Gustave Charlier, de Lucien Paul Thomas, meu garante de vénia e amigo. Étienne Vauthier, hospedando-me familiarmente, debatia comigo com ardor os temas da poesia e do orfismo. Por ele e Veva, sua mulher, recebi de Émile Noulet maior

iniciação valéryana e pude adivinhar os dramas de Garcia Lorca fuzilado na discreta dor dos irmãos, Isabelita e Francisco, nossos companheiros no esforço de dar a *Yerma* em francês. Finalmente, experimentara o nada da nossa às vezes presunçosa condição de pitonisas da História no trágico destino de Charles Beckenhaupt e Henri Laurent, espíritos de escol, mortos num navio afundado quando esperavam alcançar as livres ribas da América..

Mas o meu estágio belga teve ainda a sorte de atrair a Portugal uma aluna minha de então, Andrée Crabbé Rocha, hoje ensinando connosco e que, por isso mesmo, irmã na «família românica», me inibe de a elogiar.

E creio que é tudo — tão prolixo! — o que hoje posso apurar da minha experiência forasteira, à parte os tardios contactos do Brasil, que profundos foram e contarei de outra vez, e algumas peregrinações que tive a honra de fazer como conferencista por Universidades inglesas e alemãs, estas sobretudo devidas a esse companheiro coimbrão de humor fraterno e bom saber que é Joseph Piel.

Mas isto parece um relatório, numa «viagem sentimental»! Agora é que é o caso de aplicar o que o nosso mestre Cerejeira disse, segundo Manuel Lopes de Almeida, ao comentar na aula, com generoso elogio, o meu exercício escrito de Propedêutica Histórica: «– Mas parece uma página da *Histoire Comique* de Anatole France... »

Não sei se o mestre tinha mais em vista o estilo ou a filosofia da prova. História cómica é que a minha só será por algum pedantismo inconsciente com que a conte. Mas de onde vem «pedante» senão de *paideuein* – «educar»? A maneira de dizer de Erasmo divulgou as formas românicas da palavra, ainda quase inocente no séc. XVII maneirista. Os humanistas, à força de fechados no *scriptorium*, quando falavam uns com os outros não perdiam de vista a linha das suas sombras no chão. Sete palmos de terra os rasariam por fim.

Umas palavras mais, para o meu tempo de Lisboa, ainda e sempre aprendiz. O que fiz como poeta, historiador e biógrafo (o género tem má fama…) já não é desta conta. Só serve para pôr a questão: se um criador verbal pode ser professor. A tradição italiana de Leopardi a Ungaretti — escalas à parte — diz que sim. A francesa quase que só apresenta o caso de Valéry, ainda assim apenas chamado a uma rubrica de Poética no Colégio de França por força do fascínio cartesiano dos noemas formais de «Monsieur Teste», que assim doutorou o modesto agenciário de uma companhia de seguros. Sábio oficial, na família, era só o irmão, Jean Valéry, que ainda conheci e tratei decano de Direito em Montpellier.

Já o exemplo espanhol de Miguel de Unamuno e alguns outros é mais animador para um poeta português que se veja nestes assados. E mesmo o de Ortega y Gasset, que, como Unamuno, fez em moço as suas «*oposiciones*», não é bem concludente. Sabe Deus os remoques que ambos

sofreram por parte das vestais da pureza integral de Minerva! Mas tinham as costas largas e não servem de bitola a um pobre de Cristo como eu. De mestres sim, ambos mo foram, no mais puro platónico sentido. De Unamuno já disse como o lia e buscava em pessoa, aproveitando do seu amor a Portugal e de algum magistério epistolar e dialogal devolvido do que recebera, de Herculano, de Antero e de Oliveira Martins.

Fecho com o imenso que devi à sorte de ter tido Ortega y Gasset nos seus anos de exílio como mestre semanal à mesa de platónico banquete de uma casa amiga em Lisboa: o casal Martins Pereira. Aí, eu e Pedro Moura e Sá, mocho de profundas vigílias, mas sem a doutoral anilha — e que Gabriel Marcel também tanto estimava, — ouvíamos, pensávamos, atrevíamo-nos a objectar, e até a contender. — *Nemésio hace una colección de viúdas…* — brincava ele, reparando que me honravam com a sua atenção aigumas senhoras nesse estado civil e canónico. Mas *Sabichonas* de Molière — só nas edições de Castilho que o anfitrião tinha muito caladas nas estantes. O magistério de Ortega estava aliás nos livros e vinha-me dos anos de Coimbra, 1923, quando uma excursão do Orfeão de Madrid mo fez conhecer, apresentado por Vásquez Díaz. Por ele se nos abria a porta do moderno pensamento ocidental, tardo a chegar por outras vias, que, salvo um Bergson malfamado de que Leonardo Coimbra fazia o lábaro da sua influência estimulante nos estudantes do Porto, só um Quintela e um Delfim Santos, a nós que ingnorávamos o alemão, vieram a abrir-nos um pouco, para os lados de Hölderlin e de Rilke e das *Sendas Perdidas* de Heidegger, já quando Sartre universalizara a vulgata de O *Ser e o Nada* originalmente refeita em termos de uma *nóia* bem mais emocional que noética, e de uma dialéctica niilista a que os seus geniais esforços para congraçá-la com Marx não conseguiam tirar a meus olhos o ar de uma opção conceptual sem perfil de certeza.

Ora, Ortega, por si e pelas Edições da *Revista de Occidente,* dava-nos acesso a um panorama filosófico mais dilatado e fiel, texto a texto. Assim pude descobrir e alimentar-me da *Ética* de Max Scheler e da sua *Natureza e Formas de Simpatia*, que Joaquim de Carvalho tanto estimava e que me induziu a uma psicologia ao menos eficaz para poetas antes que a *Gestalt*, o Dilthey da «compreensão» e — noutro sentido, descritivo normal e patológico — o Jaspers da *Psicopatologia Geral* me encaminhassem melhor. Werner Sombart e Max Weber puderam dar-nos uma economia susceptível de nos não encarcerar na mera visão narrativa dos tópicos da Idade Moderna: luxo e capitalismo, o tratante ambulante e o sedentário, a *societas maris,* a banca, a colónia de plantação…

Mas que demónio isso tinha com a Filologia Românica da tabela? E o Merleau Ponty da «percepção» e da apologia de Saussure, que eu lia de mais — em vez, não digo já de Von Wartburg, mas dos

foneticistas pontuais aos congressos da especialidade, — o que era uma falta grave, cometida porém no direito de escolher com a minha consciência o meu caminho.

Não... Os poetas talvez não devam ensinar nas Faculdades, senão, postumamente, os que o mereçam. Nesse sentido, Jacinto do Prado Coelho, Luís Filipe Cintra, Maria de Lourdes Belchior, David Mourão-Ferreira, Esther de Lemos, Eduardo do Prado Coelho já quase me promoveram a clássico: isso porém é uma dádiva como que filial que eu sei muito bem que só mereço a título de documento de temas e formas líricas. Mas aqui já começo a abusar do tempo e do *quod decet et solet.* Tenham os colegas paciência para o apego a si mesmo dum velho que afinal ninguém leva à charneca *et qui ergote un peu en partant*... (o francês vai aqui pela força do hábito).

Muito obrigado a todos por este jubileu cum *laude.* Aos meus velhos e últimos alunos, todos tão fiéis, ou então discretos censores, comovidamente digo o meu «até à vista!».

– *Decíamos áyer...* — começou Fr. Luis de León a sua lição, anos depois de o cárcere lhe ter interrompido a última. Eu, que resisto atrevido ao divino dom da humildade de que fiz tão mau uso, gloso assim, ao fechar:

– Diremos amanhã...

– Pois quem pode afirmar que isto não continua?

ANTOLOGIA CRÍTICA

Chama-se a atenção do leitor para a colectânea de textos de crítica sobre Nemésio publicada com o título *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974. A recolha de textos críticos (posteriores) que se seguem foi organizada segundo um critério cronológico, e no caso do mesmo ano, segundo ordenação alfabética. Chama-se ainda a atenção, pelo seu carácter fundamental de visão da obra e do homem, para José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio-a obra e o homem* (Lisboa, Arcádia, 1978).

UM ITINERÁRIO: DA CONFISSÃO DA CULPA AO MERECIMENTO DO PÃO*

É o próprio Vitorino Nemésio quem, analisando a sua obra poética em época de plena maturidade, afirma que depois da transmutação operada na cultura ocidental pelo Romantismo e sua tendência a substituir as formas essenciais pelas existenciais, a poesia passou a irmanar-se à metafísica e à mística na inquirição dos mistérios do Ser, pois «poetas e filósofos falam fundamentalmente do mesmo» [1]. E, tomando pé na teoria platónica da reminiscência, confere estatuto de igualdade à comum tarefa de perscrutar e reconstruir o Ser repelindo o Nada, mesmo quando os caminhos de tal demanda assumam aparências contraditórias.

Se a esta concepção básica, que sem canonizar procedimentos exclusivamente mentalistas, ignorantes da natureza própria do fazer literário, repele qualquer formalismo, juntarmos uma outra, também sua, sobre os limites do fingimento poético no que diz respeito à poesia religiosa, teremos encontrado uma boa via para desvendar a significação de O Pão *e a Culpa* como poesia do transcendente e como mensagem poética.

É que, para ele, a palavra, mesmo (ou principalmente?) poética, tem de juntar ao lúcido do significante a densidade dum significado, e o signo e seu uso devem estar ao serviço da construção do Homem, segundo leis de coerência e responsabilidade avessas à hipocrisia dos sentimentos: «Não se pode ser crente na clandestinidade silábica do discurso disposto em linhas partidas, e céptico no discurso razoado da afirmação quotidiana» [2]

Por essa via, cujas bermas são a intencionalidade significativa e a veracidade dos sentimentos, iremos percorrer os cinquenta poemas que formam a obra que assinalou, sem dúvida, um dos marcos mais importantes dum itinerário poético onde a ânsia do transcendente é sentida e vivida nas contradições e complexidade do *ni ange ni bête.*

Logo à partida, o título estabelece a bipolaridade da temática e problemática em que se concentram as tensões existenciais: a do Ser *vs* Nada, sob as roupagens cristãs do «pão» (Deus, graça, vida, eternidade) e a da «culpa» (nada, pecado, morte, tempo). Entre estes dois pólos se joga a vida do homem com suas exaltações e abatimentos, e entre eles o poeta encontra a forma e a substância dos seus poemas.

---

* *In Brotéria*, vol. 108, n.º 2, Lisboa, Fevereiro 1979.

[1] «Prefácio: da poesia», in *Poesia (1935-1940)*, Morais, Lisboa, 1961, p. 9.

[2] «Poesia e Religião», in *Conhecimento de Poesia,* Progresso, Salvador, 1958, p. 56.

Mas, se nos manuais dos teólogos e na formulação dos catecismos a pauta da condição humana se enuncia em formas mais ou menos sintéticas e conceptuais, assim não acontece na cadência livre do poeta cristão. Autenticamente humano, ele conhece por experiência a complexidade não programada do viver; autenticamente poeta, ele não abdica dum modo muito seu de a formular, e de uma linguagem de fábula, carregada de símbolos.

Ao esquematismo da linguagem e leitura aristotélico-tomista de outros poetas, ele prefere os voos e mitos de Platão. Daí que na sua vivência poética cristã não avulte a arquitectura grandiosa dos dogmas e mistérios, como em Gil Vicente, mas a condição dramática do homem decaído.

No seu modo de poetar, o transcendente é apresentado por via indutiva e não dedutiva. As realidades sobrenaturais são conhecidas a partir das naturais, a graça divina é exaltada a partir da experiência do que lhe é contrário, o pecado, a fim de que pela degradação da ausência divina se entenda o valor e plenitude da presença do Absoluto. Na vivência do tempo fugídio e finito aprendeu o valor da eternidade, e pelos sinais da caducidade do corpo (já no outono da vida) entendeu a imortalidade da alma, tal como pela baixeza da culpa se iniciou na libertação da graça e inocência recuperada. Em suma, pela experiência e confissão da culpa mereceu o pão — símbolo da saciedade natural e sobrenatural — , e nele encontrou o próprio Deus.

Poesia do confronto das duas realidades que compõem a aventura humana, mais da culpa que do pão, onde a tradicionalidade dos conceitos é transfigurada pela modernidade da forma — tal se apresenta a poesia religiosa de Nemésio.

Como pano de fundo que a todos os poemas se estende, há uma concepção geral da vida sobre a terra, vincadamente cristã: a vida terrena continua-se na eterna, porque tudo neste mundo é ordenado para o outro, e só na mansão divina se encontra a plenitude.

Para o poeta, as realidades presentes não são simplesmente sombras dos arquétipos eternos, mas começo de uma ordem nova, depois da provação do pecado e da transfiguração da graça.

A teoria da reminiscência platónica que lhe é tão cara como matriz cultural é assim ultrapassada pela doutrina cristã da criação e redenção, e a genial alegoria da caverna, símbolo da dualidade dos mundos e das diferentes formas de conhecimento, transparece nos poemas não como sobrevivência poética dum mito aculturado, mas como opção confessional a definir uma poética autenticamente religiosa e católica.

Profundamente mergulhado nas realidades terrenas pelo peso do corpo, aspira às eternas pela libertação do espírito. E essa outra dualidade, paralela da primeira, é na fé e na mudança de vida que encontra lugar para a superação das contradições do mundo e de si mesmo.

A maneira poética de o exprimir vai ser a da apresentação, forte e impressiva, das realidades humanas, e a do repetido emprego da alusão, esfumada, das coisas eternas.

Das primeiras tem o poeta, saber experiencial intenso, das segundas a intuição e sabedoria que a fé, recentemente reavivada, lhe ensinou.

Na verdade, é sobretudo a natureza humana decaída e pecadora, como carecida da misericórdia divina, que os cinquenta poemas esboçam. Essa, conhece-a ele bem, do duro ofício de viver; mas da felicidade reservada aos justos e pecadores arrependidos, ainda pouco sabe ou imagina:

> Nada sei dos jardins daí — e é esquiva.
> A luz que cria ortigas cá nos meus [3].

Por isso, as realidades que estão para além da morte não são descritivas em enunciados teológicos, mas simplesmente aludidas. E de duas maneiras mais relevantes: ou nos seus suportes e indicadores mais seguros, tais como Deus, a graça, o céu, os anjos, ou em símbolos já tradicionais na poética do transcendente: da estrela, prefigurando a alma pura que a Deus há-de regressar, da vela aguardando o vento, prenunciando o impulso decisivo do Espírito [4].

Logicamente, pois, neste livro de poemas, a expectativa da bem-aventurança a haver é largamente dominada pela confissão do mal, e consequente arrependimento.

I — *UMA ESTÉTICA MAIS DA CULPA QUE DO PÃO*

Se as referências à beatitude futura não abundam (delas os livros santos e os teólogos não dão grandes explicações), nelas também não se atarda a imaginação do poeta. Não porque lhe faltasse inventiva criadora, mas porque nele é largamente dominante o sentimento do arrependimento e o desgosto pela fraqueza humana.

Aqui sim, o poeta se detém em juízos severos sobre a imperfeição terrena e a fugacidade do tempo, tão severos que só a fé o impede de tombar no pessimismo.

---

[3] In «Rosa da Terra».

[4] In «Colheita», «Hino ao Espirito Santo» e «Ninho, Estrela e Vela».

1. FRAGILIDADE DAS COISAS TERRENAS E DO CORPO, NO TEMPO QUE FOGE

Em *O Pão e a Culpa* já o poeta está bem longe do hedonismo tranquilo manifestado em La *Voyelle Promise* quando no «credo» proclamava:

> Je crois que mon être est bien ce qu'il doit être,
> .....
> C'est , pourquoi mes os durs,
> Malgré cette foncière et universelle évidence,
> Tiennent bon [5].

Esse optimismo dionisíaco deu lugar agora a uma visão depreciativa do mundo e do corpo, porque a erosão do tempo fabrica rapidamente ruínas, e só a eternidade é que conta:

> Um dia e outro, à sucessão que corta
> Cada qual que tem de ir,
> Já são a nossa conta e vida, morta:
> Só o mais é porvir.
>
> Claro cadáver somos no horizonte
> Que o remorso nos dá:
> Já lá vamos defronte
> E ainda parecemos cá [6].

Descrevendo a morte dum pescador, estabelece uma ligação entre o cheiro do peixe, que sempre o acompanhou na vida, e o da podridão próxima do seu cadáver. Fá-lo em termos de tal realismo e lirismo misturados, que ficamos com a sensação nítida de que o exagero do símile mais quer evidenciar a fraqueza e miséria do corpo humano enquanto sua condição ontológica, do que enquanto cadáver sujeito ao natural fenómeno biológico da decomposição:

> Disto sim! limpo grão
> Leva a companha ao senhor!
> E, bem pesadas no caixão,
> As cinco arrobas de fedor [7].

Chamando à vida «estrumeira», caminho onde se apanha sarna, e ao seu corpo «sangue em odre», «cesto de ossos» [8], é a própria situação

---

[5] Edições Presença, Coimbra, 1935.
[6] In «Extrema-Unção».
[7] In «A morte do pescador».
[8] Respectivamente, in «Roseira». «Bucólica», «A Morte», «Presépio».

corporal que estigmatiza, como se o mundo e o corpo nada mais fossem do que invólucros desprezíveis do espírito. Aliás, tal modo de pensar vem na linha platónica de se entender o espírito como prisioneiro e inimigo do corpo, e na melhor tradição medieval do *contemptus mundi* que levava alguns ascetas a ordenar todas as manhãs o seu próprio levantamento do catre com um insultuoso *surge bestia.*

Nesta consideração severa do próprio corpo, que ainda antes de ser instrumento de pecado é já digno de pena pelos limites da sua finitude, ocupa lugar de relevo uma frequente simbolização do corpo através dos elementos essenciais do sangue (vida e morte) e dos ossos (suporte e resíduo). E nem sempre em tropos de sinédoque ou metonímia, mas em formulações simbólicas mais amplas que até já vêm de obras anteriores. E não seria forçado ver-se na selecção de tais elementos, a projecção da simbólica da paixão de Cristo.

Neste particular, a menção repetida dos ossos [9] tem acentos bíblicos que participam por igual da visão desoladora do profeta Ezequiel no oráculo do campo de ossos (capítulo 37 do seu livro), e do grito de exaustão do Messias profetizado no salmo 21 de David.

Do mesmo teor disfórico são ainda, outras projecções poéticas da pequenez humana, surpreendida, por exemplo, num dado da experiência tão simples e tão comum como o da roupa despida e dependurada em cabide:

> É murcha a roupa que componho,
> Com minha forma, atrás da porta:
> Espelho a que me envergonho!
> Minha natureza morta! [10]

Semelhantemente, a velhice é para o poeta não a idade da prudência e do repouso que tanto agradava aos clássicos celebrar em termos de Outono dourado e brando, mas a antecipação do espectro da morte.

---

[9] In «Guerra» e «Extrema-Unção», especialmente.

[10] Registe-se, a propósito, como esta experiência banal, transfigurada pelo carácter simbólico da poesia, encontrou também noutro poeta, Carlos Drummond de Andrade, uma ressoância, de tipo contrário optimista. Entre os livros que Nemésio deixou, há um exemplar da 2.ª edição de *Viola de Bolso*, da Livraria José Olímpio, de 1955, onde ao lado do poema do grande poeta brasileiro ele assinalou a última estrofe com o seguinte comentário: «Conheço bem esta situação, que creio ter dado n'*O Pão e a Culpa*». A observação é de 8 de Julho de 1975.

São estes os versos de Drummond:

> Há na roupa uma presença
> Um elo qualquer, um nó,
> Que ao sózinho de nascença
> Faz menos só.

Daí o tom melancólico e dorido: o pulso por *espiga o tenho,* as *veias já palha* [11], porque o dia da vida já cede à noite e ao frio da morte:

> Virei velho. A carne é fria:
> Conheço-o pelo consumo
> De bem mais noite que dia
> E pelo gosto do fumo
> Do pão que já não cozia [12].

2. A FRAGILIDADE MORAL TORNA O HOMEM AINDA MAIS DECADENTE

A consciencialização dos limites da condição humana junta o poeta o sentimento vivido das suas culpas, pois já foi lobo *aqui no vale*: Entende o pecado como uma ruína que torna ainda mais precária a existência sobre a terra. Por isso o tom do seu arrependimento é tão pronunciado.

Pecado que se situa quase exclusivamente na infracção à pureza e inocência, e se caracteriza mais como falha individual que social. Culpa que se identifica com a noite, até porque nela tem um espaço-tempo privilegiado para existir. Mancha que provoca o remorso e faz designar os tempos passados como *dias impuros*.

Inspirado certamente pelos escritos de Santa Teresa de Ávila, é através dum conjunto de metáforas, unificadas na alegoria do castelo, que visiona o triunfo sobre o pecado e o ideal da vida em graça:

> O castelo da Pureza
> Talvez sempre se faça,
> Se houver monte e firmeza:
> Que já há terra de Graça [13].

Do concurso da acção divina («monte», «terra de graça») com a vontade humana («firmeza») nasce a morada roqueira da pureza espiritual onde a alma quer habitar.

A alegoria, inspirada sem dúvida no *Castillo Interior o las Moradas* da santa castelhana, é feliz, tanto na síntese definidora dum itinerário religioso pessoal, como enquanto súmula da espiritualidade ainda predominantemente individualista e moralizante do catolicismo português da década de 50, em que o eixo privilegiado da tensão religiosa se situava no afrontamento pureza *vs* impureza.

---

[11] In «Colheita».
[12] In «Bátega».
[13] In «Morada».

Mas, pelas mesmas razões já anteriormente assinaladas, se o crente é à teologia que vai buscar o seu alimento espiritual, o poeta é nas sugestões lendárias dos castelos medievais ou, melhor, no imaginário dos contos de fadas, que encontra inspiração.

A alma, como castelã, é no castelo da pureza que se julga a salvo dos seus inimigos, os vícios (*a fossos ponho os infernos*), esperando a hora radiosa em que o príncipe (Cristo) a venha libertar para a união mística.

Uma nova forma, afinal, de entender e prolongar a significação da alegoria platónica, ao passar-se do prisioneiro da caverna para a prisioneira do castelo: o espírito, que neste mundo é prisioneiro por condição, prefere à prisão dos vícios a eclusão do castelo que ele próprio escolhe, porque lá se encontram as condições para o exercício da liberdade a que foi convidado e quis aceitar.

O castelo interior é, deste modo, construído não só face à planície rasa e cheia de perigos sem defesa do mundo pecador, mas também em oposição ao que no íntimo do próprio homem o combate. Em resumo, contra tudo o que na síntese bíblica e tridentina se designa como «Mundo» e «Carne» (*Mundo e Carne mais podiam*).

Fora deste refúgio impera o mal, que o demónio comanda, e de que o poeta já teve experiência:

> Que por ora só o Inferno
> Que me tocou mereci. ·
> .....
> Assim ao diabo me dei
> Segundo todas as regras [14].

E tem a alma boas razões para se acautelar do Mal, pois conforme uma leitura interpretativa da «porta estreita» do Evangelho, muito próxima da leitura comum de certos aspectos da «Mensagem de Fátima», haverá razões para pessimismo. Aliás, os acontecimentos e personagens das aparições da Cova da Iria têm lugar de relevo neste livro de poemas [15]. Um inferno descrito, sob o ponto de vista poético, em imagens cruzadas do evangelho de S. Mateus (a eira de que falava o Precursor) e o mito clássico da barca de Caronte, e em que os condenados, «grãos gorados», têm sorte muito diferente dos justos, «limpo grão»:

> Isto é o Inferno. Se te espantas,
> Encobre a face e chora. Tantas
> Almas não esgotam a eira vã

[14] In «O peixe».
[15] Especialmente em «O anjo da loca» e «A virgem da cova».

Que mói o grão gorado e espera
Mais sacos podres. A galera
Entrou sem lastro esta manhã [16].

3. CONTUDO, A VIDA TEM UM SENTIDO!

O desenvolvimento normal das concepções do poeta sobre a realidade terrena, e o seu conhecimento da corrupção do homem levá-lo-iam inevitavelmente a um pessimismo algo pirrónico ou, pelo menos, ao cepticismo, se a luz da fé não o guiasse de modo a preferir o Ser ao Nada, e a descobrir, por repulsa e contraste, o eterno no efémero, e a pureza na degradação.

Assim aconteceu não por simples aceitação intelectual duma doutrina que lhe pareceu sublime, mas por via duma autêntica conversão em que o arrependimento o levou do pecado à graça, conforme a bela imagem construída a partir da parábola evangélica do banquete:

Mastiguemos a palha,
Irmãos culpados!
Arrepela o cabelo, adúltero furtivo!
Vomitámos o vinho na toalha
Aos convidados
Do Senhor vivo [17].

Arrependimento que, por si só, não era suficiente para uma purificação, mas na iluminação da fé e no banho purificador da paixão de Cristo encontrou a fórmula sobrenatural de fazer passar o «homem velho» a «homem novo», depois de vencidas as resistências do pecado:

No sangue vivo do Anho
Banha-se o corpo flectido
No jeito que o leva ao lodo [18].

Tendo começado uma vida nova, pela fé, confiante na força divina (*eu finjo que o apuro, / Mas Deus é que lavra*), então o pessimismo narcisista dissipa-se para dar lugar à alegria do anúncio da boa nova da sua felicidade:

---

[16] In «Inferno».
[17] In «Guerra».
[18] In «Resistência».

Que o nosso coração como o floco de neve se evapore
Antes que podre se sepulte.
Quem leve palma na mão sem ferida
Curve-se e adore o Pai da vida.
.....
Tirei do homem velho o novo
Como quem tira o espinho ao pé
E a novidade dei ao povo
E o sangue e o pus lavei na fé [19].

Agora sim, está em condições de merecer o Pão.

Dos trabalhos e sofrimentos para merecer o pão terreno (*Desde que me conheço sei o pão*) aprendeu que antes da união mística se impunha o longo e pedregoso caminho da ascese; do calor e intimidade de comê-lo e partilhá-lo (E *em sua dobra quente / Grelava outrora a alegria*) conheceu a transformação e partilha que a eucaristia opera e exige:

E eu sei o pão de cada dia e trago-o:
Ontem, como amanhã, já hoje mo dão;
Mas, vago, a meio da dentada, trago-o,
E não, não é bem o mesmo, ou então não posso...

Ou pelo menos não é todo nosso
Este que levo à boca, o nosso pão [20].

Porque a fé deu sentido à vida, que em si mesma parecia não tê-lo, e porque se decidiu a fazer desse novo viver o seu estatuto existencial (*Seja eu grão, Senhor, / Alvo no pão vivo*), então os conflitos que já anteriormente se travavam entre o corpo e o espírito, mas sem rumo certo por lhes faltar um sistema de coerência à medida das suas exigências espirituais, ganharam a forma de luta constante por um objectivo bem definido: o triunfo da virtude para a união com Deus.

Ele sabe que entre o que Miguel e Satã representam, tudo se joga de maneira violenta e sem tréguas, (*As espadas contrárias / Decidirão do que amo*) [21], mas, agora que a graça o visitou, e com a força do Pão, não teme o confronto:

Desfaleço a pensar-te,
ó ser de anjos e Deus
Que baixa em mim:
Sobe-me na alma, que ando a procurar-te
E dizendo-te Deus
Acho-te assim.

[19] In «Hierusalém».
[20] In «O pão e a culpa».
[21] In «Espírito da noite».

Anjos são os terríveis
Modos de Deus connosco;
Nós, as suas possiveis
Transparências a fosco [22]

Deste modo o poeta venceu o pessimismo e o desespero e passou a encarar a vida como um combate que vale a pena travar, o «bom combate» de que fala S. Paulo. Pelo arrependimento e a força do Pão, ele espera vencer o tempo contingente e alcançar a eternidade que começou a construir como as abelhas o favo. É o que afirma no poema dedicado à morte de seu pai:

O tempo eterno que já tens, merecê-lo
É o meu favo de obreiro, no Outro Pai! [23]

Se *O Pão e a Culpa* se demora mais nas variações temáticas da culpa e da fraqueza do que nas da Graça e do Pão, pode isto ser *entendido*, por um lado, como resultante de ser a poesia expressão de uma experiência mais largamente vivida, por outro, como escolha dum modo de falar de Deus aos homens que se torna mais compreensível por não se limitar à poetização das verdades sobrenaturais, mas por se radicar em situações e experiências que têm muito de comum no desgosto do mal e na aspiração do bem.

Em *O Pão e a Culpa*, o homem tende irresistivelmente para Deus; por isso Deus não é aí entendido como abstracção filosófico-teológica para degustação intelectual, mas sim como plenitude duma existência precária:

Como o pobre que leva escondido um pão quente
Que contra o peito lhe fumega,
Guarda o teu coração mal amado ou doente,
Homem de Deus — e entrega! [24]

Por isso Nemésio, poeta tão consciente da dualidade da vida, se reclama não só do filósofo da reminiscência, mas também do conselho de alguém, que na órbita da mesma filosofia soube fazer uma síntese cristã perfeita do pensar e do viver — Santo Agostinho.

Efectivamente, é do livro das *Confissões* que é extraída a epígrafe da portada da obra, responsável pela uniformização dos poemas: «Ecce cor meum, Deus meus, ecee intus».

---

[22] In «Anjos».
[23] In «Pai».
[24] In «Pão quente».

Dificilmente se encontraria divisa ou emblema que melhor caracterizasse o itinerário espiritual traçado nestes poemas. Também, como o bispo de Hipona, só em Deus o coração do poeta encontrou o repouso que pôs termo a uma busca sempre ansiosa e sobressaltada.

II — *MODERNIDADE NO VIGOR DA PALAVRA RECRIADA*

A mundividência religiosa de *O Pão e a Culpa*, que não ultrapassa a visão tradicional nem com ela se afronta, contrasta com a intensificação dum factor de modernidade que já estava presente nas obras anteriores: uma linguagem poética nova com que Nemésio contribuiu para á renovação modernista da poesia.

São tradicionais os temas, triviais as imagens mais usadas (rosa, pomba, nuvem, pão, pastor, ovelha, vento, anjos), mas algo de diferente continua a afirmar-se: o valor da palavra.

Torna-se mais rica a sua carga semântica, porque se abriram ou alargaram novas fronteiras de polissemia, e é mais funcional o seu processamento morfemático.

Tal fenómeno parece originar-se na mesma matriz espiritual que provocou essa quase doença do aludir: nada é singular, tudo é plural, e os elementos do múltiplo relacionam-se, correspondem-se ou implicam-se.

Em contraste flagrante com a aceitação submissa dos valores contidos no significado, bem outra é a atitude do poeta na elaboração das formas expressivas. Aqui impera a rebeldia à ordem estabelecida: a palavra poética está frequentemente a infringir as normas, só respeitando, verdadeiramente, o código da inteligibilidade, e, ainda assim, o da inteligibilidade culta.

Semelhante modo de proceder manifesta-se principalmente na recusa da linearidade, de qualquer linearidade que se queira introduzir na espiral lírica: fuga a estruturas de narração, ultrapassagem de normas linguísticas, mudanças inesperadas de isotopia.

1. SOBRIEDADE NO RECURSO A SUPORTES NARRATIVOS

O sentimento lírico, que de si mesmo tende mais ao círculo fechado das repetições e à espiral das expressões quase paralelas, do que à caminhada mais ou menos linear da narração, apoia-se frequentemente em estruturas narrativas simples, destinadas a evitar a monotonia e a facilitar o jogo metafórico e simbólico.

Em *O Pão e a Culpa*, o recurso a tais apoios não só é parco como se caracteriza pelo modo ilusório ou descontínuo de os utilizar. Muito poucos são os poemas em que um travejamento narrativo articula a efusão lírica, e quando isso acontece, o suporte assemelha-se mais a uma

moldura alegórica ou a um quadro esparso de referências, do que a uma progressão discursiva.

Os poemas «Anjo da loca» e «A Virgem da cova», por exemplo, prestavam-se facilmente, e sem prejuízo do seu *tónus* lírico, a uma sucessão narrativa, pois estão basicamente assentes em formas verbais que abrem funções-núcleos (respectivamente: vem, prostra-se, abre; toca, aparece, volve, assume, deixa). Mas assim não o consentiu o poeta, que de tal modo esbateu e anulou as funções seguintes que neutralizou completamente as acções anunciadas anteriormente. Daí que os poemas não reflictam tensões dinâmicas mas estáticas, verdadeiros invitatórios de contemplação.

Quanto ao recurso à alegoria, obedece ao mesmo modelo de contemplação e alusão, porque a forma escolhida é a da moldura, fixa, e não a da efabulação progressiva.

«Morada» mostra-o bem. Todo o poema está construído sobre a metáfora que toma por base o castelo medieval situado em alto monte com suas fortes muralhas, torres, prisões, ponte levadiça.

Cada um destes elementos alude a uma realidade espiritual, e as acções supostas decorrem não ao nível do símile, mas do que por ele é exemplificado: a luta interior pela conquista da pureza, nos termos em que atrás a descrevemos.

Curiosamente, a narratividade transparece não no simbolizante, que é apenas moldura estática, mas no simbolizado em que a dinâmica da luta se afirma.

Mais frequente do que o uso desta esquadria é o processo de utilizar referências avulsas que só recebem unidade da coesão do campo semântico donde provêm. É o caso, por exemplo, de «A morte do pescador».

Não há aqui narrativa propriamente dita nem moldura, pois os cabos de amarração da outra realidade prendem-se nos apoios do pequeno mundo significativo da pesca: o mar, a companha e o seu mestre, os fios de pesca, as redes, o cação, o cheiro do peixe, os caixotes da embalagem…

O leitor é convidado a colaborar na explicitação do paralelismo das duas realidades. O mar simboliza a vida, a companha a Igreja ou a humanidade, o timoneiro da traineira é o «Divino Mestre», os fios e as redes apontam a morte, os caixotes o caixão, o cação é a imagem da alma, o cheiro-fedor denuncia o pecado de que ela foi libertada, e assim por diante.

O mesmo tipo de correspondência pode ser encontrado em «A morte da bezerra», onde a história da Branca da Neve apenas fornece pontos de apoio coerentes entre si. E ainda dentro da tendência para a fuga à linearidade narrativa se deve situar o conjunto de processos

metafóricos em que é pródigo Nemésio, segundo formas tão bem caracterizadas por Fernando de Guimarães em estudo que lhes dedicou [25].

2. REBELDIA CONTRA AS NORMAS ESTILÍSTICAS E LINGUÍSTICAS

A palavra é tão importante que o poeta entende não dever ser ela prisioneira das convenções, sejam quais forem, semânticas ou outras, que limitem o campo da significação ou a livre movimentação frásica. Por isso a usa livremente, e tão livremente quanto a criatividade e a cultura lho possibilitam.

É já esse o sentimento de rebeldia expresso em *La Voyelle Promise* (*«sous nos cuisses de fer hennissent les chevaux / Vers une autre Poésie*) [26], e nesse querer se filiam outras afirmações posteriores sobre arte poética.

Rebeldia que o leva a ultrapassar as normas estilísticas e linguísticas, impulsionado por um ímpeto criador de tal modo seguro de si que não teme nem as ousadias da inovação, nem o recurso a imagens e lugares considerados comuns. O importante é que lhe agradem.

Por isso, a sua poesia não é popular nem erudita, nem simples nem complexa, mas tudo ao mesmo tempo.

Há demasiadas rosas, porventura, em *O Pão e a Culpa*? A isso o poeta responderá com outra pergunta: *Dar poesia sem rosas é custoso / Quem aceita uma pedra por emblema.* Assim insinua, indirectamente, que é tanto mais poético e legítimo usar imagens convencionais, quanto é convencional e ilegítimo decretar que certas imagens se encontram gastas. E mais, que o novo não está forçosamente na novidade, e que a inovação e a rebeldia cabem tanto no convencional como no anticonvencional.

Do mesmo modo que não enjeita a trivialidade do quotidiano e das imagens gastas, também se mostra indiferente às recomendações dos tratados poéticos sobre a pureza musical, a harmonia imitativa e a rima, porque outra é a sua autenticidade.

Acontece isso, em especial, com a recusa de fluência e espontaneidade que caracteriza o seu modo de poetar. À cadência e ritmo heterofónicos, ele prefere arriscar os perigos da monotonia homófona e das sonoridades em dissonância.

Parece estar empenhado, com tais processos, em que a leitura dos poemas não se faça rápida, antes obrigue o leitor a deter-se em cada palavra e conceito, para lhes apreender o sentido. Daí a multiplicidade e colisões de vogais ásperas endurecendo o verso e, sobretudo, a assídua presença das consoantes oclusivas surdas e sonoras.

---

[25] *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Bertrand, Lisboa, 1974, pp. 91-104.

[26] «Art Poétique».

O esforço prosódico dispendido obriga ao andamento vagaroso, e estabelecendo um novo ritmo, mais favorável à lógica que à emoção. Impossível o arrebatamento e os grandes gestos na declamação dos poemas de Nemésio. Antes os registos graves da voz, a frequência de pausas que impede os arroubos da intensidade favorecidos por qualquer ritmo acelerado. Uma poesia mais para ser lida do que declamada, tanto mais que, segundo a observação de Croce, à voz interior da poesia nenhuma outra voz se assemelha, e entre a escrita e a voz da declamação, a voz intermédia da leitura se impõe como a mais próxima da autenticidade poética. Leitura que deve ter em atenção não apenas os conceitos mas a própria palavra, a sua imagem acústica, porque, como avisadamente também adverte Mikel Dufrenne, «o sentido é imanente ao sensível; separar o sentido do sensível é omiti-lo para ir indevidamente ao sentido conceitual, e omitir a experiência do belo que não tem conceito [27].

Poesia que prefere o destinatário individual ao colectivo, até porque no seu conteúdo há pouco de temática social, e quase tudo é inquirição existencial, ainda que jogralescamente jogada.

Um exemplo, entre muitos possíveis, desses aspectos de poesia para leitura:

> E eu sei o pão de cada dia e trago-o:
> Ontem, como amanhã, já hoje mo dão;
> Mas, vago, a meio da dentada, trago-o,
> E não, não é bem o mesmo, ou então não posso... [28]

Parece bem claro que a prolação dos versos é esforçada, e tal situação lhe advém de factores como: acumulação excessiva de consoantes oclusivas no primeiro verso - p, t, d, c, g — cujo ritmo travado se repete no segundo hemistíquio do terceiro verso; repetição da mesma palavra como rima (teoricamente pouco recomendável até pelas conotações de hiato e ambiguidade); demasiadas ocorrências do ditongo *ão* — 5 vezes –; repetições da mesma palavra ou do seu aproveitamento em rima interna, de modo a que as sonoridades nasais, por serem aos pares (não / não, então / não) se entrechoquem por tenderem foneticamente à unidade e, semanticamente, à independência.

Se a harmonia externa e formal foi prejudicada num certo conceito de fluência e beleza eufónica, o certo é que à vibração interna foram dadas mais amplas possibilidades. Provocou-se um entendimento, do mesmo tipo do causado pela revalorização semântica do verbo «saber» («sei o pão») que numa transitividade chocante obtida pelo cruzamento das significações de *scire* (saber) e *sapere* (saborear) vai implantar outros

[27] «Leitura e declamação», in *O Poético*, Globo, Porto Alegre, 1969, p. 16.
[28] In «O pão e a culpa».

sentidos e conotações. Uma poesia, portanto, que recusa o entendimento linear dum significado, e se impõe no cruzamento de muitos.

Este emprego do verbo «saber» é, aliás, uma excelente mostra do modo como Nemésio infringe e manipula outras linearidades como a das normas linguísticas recuperando significações etimológicas antigas ou ampliando outras modernas, porque inconformista em face do comportamento padronizado da linguagem.

Tanta acontece recorrer a palavras eruditas caídas em desuso («anho» em vez de cordeiro, «sirtes» em vez de recifes ou bancos de areia, «áscua» em vez de brasa, «ancila» em vez de criada...) como lança mão de regionalismos, frequentemente de teor arcaico, que o leitor normal desconhece («redrar» em vez de cavar a vinha, «esquila» em vez de chocalho, «lêvedo» em vez de fermentado...).

A linguagem poética por estes meios extravasada da norma torna-se assim mais rica e abusiva, prolongando, em novas direcções, a situação já naturalmente ampliada pelo trânsito da metáfora.

Em todos os poemas estes processos se repetem em maior ou menor grau, substituindo a espontaneidade, fluência e rigor da norma pela atitude barroca, no sentido mais positivo do termo, de conter a exuberância pela disciplina do sentido. Barroquismo pois que, muito diferentemente do que alguns críticos interpretaram como simples jogo verbal de redundância, também pretende ser provocação do sentido, como deseja vivê-la o poeta:

> Envergonhado de palavras doces,
> Farto de água sonora,
> Pedia-te que te fosses,
> Poesia, ao menos por ora...
>
> Que me deixasses nas pedras,
> Sangue de ladrão fugido,
> Já que, afinal, só medras
> No bem silvado e bem gemido [29].

3. FUGA À LINEARIDADE ISOTÓPICA

Não gosta o poeta de progredir num só caminho. Prefere seguir por vários, simultaneamente, e de uns passar para outros para que o contraste, a correspondência, a imbricação conjuguem duas autênticas categorias do seu espírito: a coerência dos passos entre si (ainda que múltiplos e surpreendentes) e a recusa de margens, lados ou fronteiras, para que tudo seja campo livre e aberto.

[29] In «Zumbido».

Daí que as mudanças de isotopia, que ocorrem como artifício comum em qualquer poética, e de uso mais ou menos frequente, provocado pela prática simbólica, sejam em Nemésio especialmente significativas.

Dessa quebra de isotopia, semântica, nos pode servir de exemplo o poema «Terra de lume», articulado a partir de dois caminhos principais, expressos pelos vocábulos «gente» e «vides», que servem de bases a duas séries vocabulares e conceptuais: a que corresponde à Graça («gente», «céu», «mãos postas», «anjos», «cântaro», «rio») e a que identifica o Pecado («vide», «inferno», «terra de lume», «mãos podadas», «queimar», «água salgada»).

Qualquer das séries, considerada em si mesma, não remete para situações simbólicas, mas ambas, conjugadas, ultrapassam a acepção literal e passam a simbolizar a problemática da alma entre a felicidade do céu e a danação do inferno.

Do nível de sentido, próprio de uma série, se passa bruscamente ao da outra, pelo que, na leitura do poema, o que antes julgávamos portador duma significação meramente real, transforma-se, retroactivamente, em simbólica. O que vem a provocar uma leitura cautelosa e lenta, porque o que de início é apreendido necessita de aguardar confirmação ou correcção posteriores, só possíveis depois da verificação do estatuto semântico de cada elemento do verso.

A ambiguidade simbólica resulta, portanto, ainda mais das mudanças de isotopia, do que das metáforas propriamente ditas:

> Terra de lume implanta
> O meu corpo de velho
> Enrolado na manta.
> As minhas mãos estão postas ou podadas?
> Sou gente ou vide?
> O chão, com minhas folhas amontoadas,
> Do Inferno me divide.

Mas onde essas mudanças bruscas de sentido se tornam mais características é na infracção ao que poderíamos chamar a isotopia estilística: de uma determinada linha de estilo se passa inesperadamente para outra, bem diversa, geradora de perplexidades.

Isto acontece de modo relevante com o tão controverso humor de Nemésio.

Sirva-nos de exemplo o que se passa no poema «Enterro pobre». O tom lírico e calmo da primeira estrofe dispõe-nos para um poema sereno. Para mais, a paisagem descrita é de quietude, e tranquila a morte evocada:

O sossego deste dia
São casas de rua morta
E um enterro ao entardecer,
Com o padre e a companhia
Que um pobrinho pode ter
Quando Deus lhe bate à porta.

Ambiente sereno e duma espiritualidade ademais reforçada pelo tom geral da obra, em que o tema da morte é frequente e sempre desenvolvido em termos de seriedade reflexiva e grave. Inesperadamente, porém, depois de tanta sisudez, adensada pela paisagem triste dos ciprestes, o poeta dá uma autêntica guinada, estilística para a irreverência e a comicidade:

E neste, ainda por cima, tiro ao alvo
Num campo que prolonga o cemitério,
E a calote do céu num tipo calvo!

O morto, ao fundo, cada vez mais sério.

É humorístico o contraste entre a sisuda compostura do morto e um certo ridículo da paisagem do cemitério, figurando um calvo. Imagem essa sugerida pelos contrastes da mancha escura dos ciprestes com o claro dos campos e a calote (chinó) do azul do céu. Do choque de ambas as imagens, a do morto e a da paisagem, unificadas na situação do enterro, nasce um efeito de comicidade. Mudou-se subitamente de isotopia, quebrou-se a linearidade dominante, por convir ao poeta não se deixar enlear demasiado por um lirismo que degenerasse em comoção fácil.

Ainda dentro da perspectiva deste humor tipicamente modernista ocorre outro processo de alteração isotópica: o de misturar linguagens de níveis diferentes.

Em regra, tal acontece pela intercalação de expressões ou frases feitas de carácter popular, oriundas de outros contextos, e com razoável acento humorístico.

O título «A morte da bezerra», por exemplo, assenta numa expressão que se emprega normalmente com sentido cómico para designar o alheamento de alguém numa conversa de nível diferente e mais elevado do que o das preocupações simplórias do quotidiano («está a pensar na morte da bezerra»), e contrasta com o desenvolvimento do poema que subsume.

Na verdade, a expressão, mais usada pelo seu valor conotativo que denotativo, foi aproveitada pelo poeta segundo este último, pois da morte duma bezerra se trata, chamada Branca da Neve, e do poema está ausente, à primeira vista, qualquer intenção humorística, antes ele se

notabiliza por uma acentuada ternura, de laivos panteístas. Também no já citado «Enterro pobre», pelo uso ambíguo da expressão «um lindo enterro» se obtêm semelhantes efeitos de sentido, aparentemente sem nada se querer da intenção cómica que lhe é própria. E o mesmo se poderia dizer de ocorrências como a do abrasileirado «virei velho» do poema *Bátega* ou do «Raio te parta!» de *O moscardo.*

Sempre a vontade de não querer trilhar um só sentido, uma só isotopia. Umas vezes mudando de registo bruscamente, outras explorando as situações de ambiguidade: uma espécie de estilística do querer não querendo, do cortar as arestas ao absoluto pela relativização de alguns dos seus aspectos.

III — *UMA POESIA RELIGIOSA MAIS ASCÉTICA DO QUE MÍSTICA*

A atitude religiosa, que por si exprime o relacionamento com o Absoluto, é passível de muitas e diversas vivências. Daí que a poesia que lhe corresponde vá da expressão das asperezas ascéticas aos arroubos místicos da aproblematicidade rústica à complexidade teológica, do fingimento diletante à autenticidade do crente, convertido, ou mesmo ateu, quer rejeitando Deus quer interrogando-se sobre Ele.

E dessa variedade tonal participa o espaço católico português, ainda que desigualmente, em poéticas tão diversificadas quanto as de Gil Vicente, Camões, Frei Agostinho da Cruz, Pascoais, Pessoa, Casais, Régio ou Torga.

A poesia religiosa de Nemésio em *O Pão e a Culpa* situa-se predominantemente na dramática tensão da redescoberta de Deus como o Absoluto e o Perfeito, e a áspera caminhada do homem contingente e corrompido até à união com Deus. Inspira-se visivelmente na ascese do esforço e da aceitação, mais do que dos sentimentos de louvor e contemplação divinas.

Pelo que já mostrámos na explicitação de como a poética de Nemésio é mais da culpa que do Pão, impõe-se identificar a via percorrida, pelo poeta como a da luta do homem contra o mal e o pecado. Travessia da noite escura dos sentidos e do espírito, prenunciando a contemplação e a união.

Das três vias ou, melhor, etapas com que a teologia baliza, não ontológica mas psicologicamente, a caminhada do homem para Deus (a purgativa, a iluminativa e a unitiva) é a primeira, quase em exclusivo, que tipifica este estádio poético. E não por coincidência, antes conscientemente por parte do seu autor que em «Morada» não utilizou a moldura alegórica do castelo e das moradas como simples estereótipo cultural, mas conhecendo a proposta da santa de Ávila, sobre a forma de habitar e escolher as moradas do «hermoso y deleitoso castillo».

Nesta problemática característica das «moradas primeras» estamos, pois, perante atitudes típicas dum convertido, muito ao sabor duma corrente religiosa e intelectual que ao tempo da publicação de *O Pão e a Culpa*, 1954, era corrente.

Na verdade, abundavam nos meios intelectuais as discussões sobre a conversão ao catolicismo, e eram do conhecimento geral os exemplos e testemunhos de convertidos prestigiosos do mundo das letras, tais como F. Jammes, Charles Péguy, H. Ghéon, Charles du Bos, Claudel (e a sua famosa correspondência com o «imoralista» Gide), Julien Green (cujo *Journal* documentou até 1954 um exemplar itinerário moral e religioso), Maritam, S. Undset, Jackson de Figueiredo, ao mesmo tempo que se mantinha alto o prestígio de François Mauriac, premiado em 1952 com o Nobel da literatura.

Os exemplos, se não arrastavam, pelo menos interpelavam; e a maior parte deles, além da, força individual de que eram portadores, uma outra desencadeavam, a do peso e prestígio da cultura, sobretudo francesa.

Diferentemente da poesia rebelde de Casais Monteiro e Miguel Torga, que ainda pouco antes *(Alguns Poemas Ibéricos*, de 1952, *Penas do Purgatório*, de 1954, e Voo *sem Pássaro Dentro*, também de 1954) reafirmavam a sua solidariedade com esta terra e este mundo, em disjunção prometeica relativamente a um Deus transcendente, a poesia de Nemésio contrasta pela aceitação incondicional da fé. Aceitação cheia de humildade, sem questionamentos nem reticências, bem distanciada das perplexidades de José Régio cuja caminhada avançava e recuava entre Deus e o Diabo, sempre enredada em encruzilhadas cujo processo tão bem nos descreveu na *Confissão dum Homem religioso* [30].

Para Nemésio, há que acrescentar, a conversão de que *O Pão e a Culpa* é expoente, é uma segunda, e não uma primeira conversão (*O homem de Deus perdi-o, / Só salvei o menino* [31]). E mais um regresso à fé do que a descoberta do sobrenatural.

Aliás, tal fenómeno é típico dos países tradicionalmente cristãos em que as propostas e compromissos da educação religiosa da infância são frequentemente esquecidos depois da adolescência, impondo-se que, na idade adulta, se realize uma opção definitiva.

Desse regresso, uma segunda conversão é modelo inevitável: a de Pascal que em noite memorável de 1654 teve a iluminação de espírito que transformou a sua vida.

Bastam para demonstrar que em Nemésio a fé é anterior a esta «segunda conversão» poemas como «De profundis» de *O Bicho*

---

[30] Brasília Editora, 1971.

[31] In «Senhor, nas minhas veias», de *Eu, Comovido a Oeste*, Rev. de Portugal, Coimbra, 1940.

Harmonioso, «No mão de Deus» de Eu, *Comovido a Oeste,* «Remorso», «Anjo da Guarda» e, sobretudo, o «Cólofon» do *Nem Toda a Noite a Vida* [32]

Mesmo quando segunda, uma conversão é sempre uma ruptura e, como tal, envolve uma radicalidade porque raramente a escolha é pacífica e sempre exige um preço de rejeições. Em consequência, o convertido tem uma psicologia e teologia especiais em que domina a simplicidade e a firmeza.

Tendo optado pela fé, uma nova lucidez mostra-lhe que só o essencial é importante e que não vale a pena perder tempo em questões menores, teóricas ou práticas, pelo que desta poesia está ausente qualquer contestação.

Gosto pelo essencial e impaciência pelas demoras. Desse modo, figurando no anjo uma nova forma de humanidade (*«Ser anjo é espanto da demora / Nossa e do peso pdvido / Que nos estende*») inquieta-se com o lastro da materialidade do corpo e com a lentidão do espírito em entender as evidências sobrenaturais.

> Que o anjo, de si, é ávido
> De transe e rapidez,
> E é ele que chora
> Nosso chumbo, hora a hora:
> ele que não entende
> A nossa estupidez [33].

Parece até, nesta estrofe, que estamos a ler um parágrafo da convertida Simone Weil em *La pesanteur et la Grâce*, que foi obra muito conhecida nos nossos meios católicos do tempo: «La pesanteur fait descendre, l'aile fait monter: quelle aile à la deuxième puissance peut l'aire descendre sans pesanteur?» [34].

Impaciência e veemência que se manifestam também na maneira de o poeta entender a sua missão cristã: porque cristão, a coerência com o que sente e vive obriga-o ao testemunho; porque poeta, esse testemunho deve ser veiculado sobretudo pela palavra, que é, em última instância, tanto ontológica como etimologicamente, reflexo do Verbo divino.

Entende assim que a palavra não pode ser vazia e auto-suficiente, mas «grão do pensamento» semeado pela acção conjunta de Deus e do homem:

---

[32] Publicados, respectivamente, em 1938, 1940 e 1953.
[33] In «Anjos».
[34] Plon, Paris, 1948, p. 4.

Ó germe no escuro
Quente da palavra!
Eu finjo que o apuro,
Mas Deus é que lavra [35].

Importante, pois, usá-la, não de modo diletante como o fazem os que nada têm para dizer, mas perigosamente, à maneira dos profetas bíblicos:

O poeta cristão seria o que viesse
De látego e, dele pálido, batido:
Não o *amuseur* de quermesse,
Das Cinco Chagas desvanecido.
.....
O poeta é terror no ermo adornado,
Lâmpada e vara quente.
Já me sinto aterrado:
Falta-me ser ardente [36].

É a veemência que caracteriza qualquer das três séries de significantes essenciais deste poema, quer a substantiva do actante («látego», «agreste», «terror», «lâmpada», vara»), quer a adjectiva da sua qualificação («pálido», «batido», «desvanecido», «compungido», «quente»), quer a verbal definidora de funções («catar», «sibilar»). Essas três séries traçam, como num desenho, o perfil do modelo: o de Cristo expulsando os vendilhões do templo, pois é com ele que o poeta desejaria identificar-se, no cumprimento da sua missão.

Na mesma perspectiva da radicalidade de convertido está a aceitação incondicional e humilde da fé sem subtilezas. Essa a razão por que aceita sem atenuantes o que poderíamos chamar a «teologia do vale de lágrimas», com o que se ajustam as suas tendências pessimistas de *contemptus mundi.*

A teologia de *O Pão e a Culpa* revela-se, pois, como reflexo do ensinamento pastoral então comum, em que as exortações moralizantes acompanham uma reflexão teológica demasiado eclesiástica e escolar, e em que a doutrinação mais acentua os temas da graça-pecado-paixão de Cristo, do que os da criação-encarnação-ressurreição.

Porque no comportamento de qualquer convertido a força dominante é a da rejeição do passado e do mundo, não aparecem traços da «teologia das realidades terrestres» — especialmente exigente na solidariedade com a cidade dos homens –, e que já nesse tempo conhecia certa voga precursora das modernas correntes das teologias radical e da

[35] In «Colheita».
[36] In «Missão».

prática, favoráveis ao enquadramento do religioso em novos moldes culturais e de compromisso.

Por semelhante motivo, as aparições de Fátima e seu contexto doutrinário ocupam lugar apreciável, traduzido pela evocação dos acontecimentos e pelo relevo dado à temática dos anjos.

Diferentemente de outros intelectuais cristãos não envolvidos pela ambiência da conversão que, sem negarem os acontecimentos miraculosos, marcariam sempre um certo descomprometimento relativamente a eles, distinguindo entre a adesão absoluta à fé revelada e a aceitação discreta e relativizada das chamadas «revelações particulares», o poeta de «A Virgem da Cova» e de «O anjo da loca» não estabelece nem distâncias nem planos distintos, porque o inimigo da sua alma não se apresenta a combate no campo das objecções do espírito, mas no do corpo e das suas fraquezas.

A sua fé é simples no enunciado e complexa na enunciação vigilante, irmã da fé do povo com quem conservou um contacto sempre vivo, até porque, segundo reconhece, foi nas relações de vizinhança e convívio familiar que a recebeu [37]. Tal não obsta à sua profundidade cristã e poética, e nisto muito se equivocou Gaspar Simões ao designar a poesia religiosa de Nemésio de «mais beata que mística» [38].

Efectivamente, mística não é, no sentido próprio do termo, mas beata o será ainda menos, porque nela estão bem patentes quer o teor ascético, quer a energia do *miles Christi* que não se compadece com as untuosidades beatas.

O que acontece é que pertence ao estilo do poeta açoreano uma despreocupação lúcida aparente que a dureza do convertido não logrou apagar (os traços de humor apontados o comprovam), um alheamento pela problemática intelectual directa, e um gosto em trabalhar a palavra que podem aparentar superficialidade. Mas, do parecer ao ser, a distância é muito grande.

O importante para ele era aceitar. Lucidamente, Eduardo Lourenço o entendeu ao definir a poesia de Nemésio como «verbo submisso, transido do mistério da realidade que o alimenta e arrasta após si» [39]

Nemésio é pois, a justo título, um grande poeta cristão, a quem a experiência do pecado ensinou o caminho áspero que leva à transfiguração em Deus, e que soube explicar, em poesia autêntica, o porquê do seu confronto com o Ser, o Nada, o Tempo e a Morte.

---

[37] «Prefácio»: da poesia», in *Poesia (1935-1940)*. Morais, Lisboa, 1961, p. 14.
[38] *Perspectivas Históricas da Poesia Portuguesa*, Brasília Ed., p. 362.
[39] *A Capital*, Lisboa, 20 de Outubro de 1971.

«MAU TEMPO NO CANAL»
O HOMEM E O DESTINO *

Gesta moderna do individual e do colectivo, onde o realista e o simbólico se aceitam sem conflito, *Mau Tempo no Canal* pode ainda entender-se como a transferência para a instância da literatura de imaginação dum questionar pessoal da flexibilidade do homem perante o destino.

O que é possível sem ruptura da autonomia do microcosmos que todo o romance tem de ser, porque as grandes inquietações do homem moderno se refractam no âmbito das coordenadas individuais de cada ser de ficção.

E quer dizer que o repensar de certas dominantes existenciais se processa sem o esquecimento da dispersão a que obriga o cuidado com o singular.

Que as personagens de primeiro plano mutuamente se reflectem e desdobram num paralelismo de significações, facilmente se admite e justifica. Porque, embora verificável a sua pluralidade nos espaços exteriores que a acção lhes destina, elas se harmonizam na área mais imprecisa, mas não menos significante, das afinidades fundas.

Assim, a busca duma coerência amadurecida. processa-se sempre em qualquer delas nos termos duma intimidade que raramente se comunica. Apesar da verdade dos sentimentos em que se empenham, do esforço de compreensão a que se não furtam, das marcas de generosidade que multiplicam.

De uma *solidão povoada* seria aceitável falar, aproveitando o título dum dos capítulos do romance, uma vez que este fechamento de cada um sobre si mesmo se justifica enquanto timidez, pudor, indecisão perante as reacções do outro, mas nunca pode ser esclarecido como egoísmo ou recusa ao compromisso.

E é por isto que a rede de relações entre as personagens, em vez de ganhar contornos e se clarificar, se alarga sempre no sentido da ambiguidade que se não resolve.

Mais ainda. Em nenhum dos protagonistas, esta vida a sós parece ter resultado duma livre escolha, ou constituir manifestação gratuita dum modo pessoal de enfrentar o mundo dos outros.

Ela é o ponto de chegada dum circunstancialismo biográfico idêntico, em Margarida, João e Roberto. Do seu passado, cada um

* In *Brotéria*, vol. 108, n.º 2, Fevereiro de 1979.

recolhe a experiência dolorosa da ausência duma mãe e da intervenção agressiva dum pai que não respeita.

Objecto do despeito corrosivo duma cunhada, a mãe de João é afastada de casa e morre antes da reconciliação que lhe é devida. Ambicioso e grosseiro, o pai reparte o seu tempo entre o apuramento dum projecto de vingança e uma actividade profissional exclusivamente virada para o lucro. A mãe de Margarida reside com a filha, mas esgotam-na a prolongada doença do velho pai e a ostensiva infidelidade do marido. A este, seu pai, pela brutalidade e pela degradação moral que exibe, Margarida não pode mais que estima-lo friamente. Filho ilegítimo, Roberto só acidentalmente se apercebe do carinho duma mãe retirada ao convívio dos outros pelos preconceitos machistas dum pai de quem cedo vem a afastar-se.

Bloqueados os três por uma infância privada da fecundidade da convivência familiar, Roberto, Margarida e João Garcia refazem assim, na sua medida individual, o caminho de todo o homem mutilado na raiz da sua esperança de partilhar o amor. De todo o homem que amadureceu na carência, que cresceu incompleto.

Por isso, eles são também a imagem da escassa confiança, do ser humano na capacidade transformadora das suas próprias palavras e actos. E, consequentemente, da cedência dolorosa a padrões estranhos, a interesses dos outros, a uma continuidade de hábitos que se não deseja, mas, verdadeiramente, se não intenta romper. Repare-se que Roberto nunca analisa o seu afecto pela sobrinha, que João hesita demasiado na explicitação do seu amor, que Margarida recolhe sempre em si o que pensa e sente.

A este propósito, não deixa de ter interesse verificar o lugar privilegiado que no romance adquirem algumas das raras situações de confissão espontânea e inesperada. Como também é impossível ignorar o valor da escrita como forma de comunicação.

Isto, uma vez que a revelação ao confidente ocasional ilude a solidão, sem reclamar alterações de comportamento. É o que justifica o diálogo de Margarida com a ama, em torno das relações familiares (capítulo II), ou as conversas de João com o amigo, em Lisboa (capítulo VII), ou com o tio Jacinto, na Praia (capítulo XXIV).

Por outro lado, é mais fácil, a quem tem o hábito de reprimir-se, escrever que dizer, participar a distância que expressar de imediato. Daqui a importância das cartas de João e de Margarida (capítulos VII e XIV).

Enoveladas sobre si mesmas, estas personagens caminham, pois, sempre, numa zona de tensões, em que o apelo à felicidade individual só existe como sonho impreciso, e a realidade é a *teia* que as intenções e as normas duma sociedade, a que são alheios, lhe vão urdindo.

Sem que o consciencializem ao nível da reflexão teórica, elas são campo do dilema universal do homem entre o centrífugo e o centrípeto,

a edificação dum projecto próprio e a cedência ao esquema alheio, entre a resistência e a desistência. E desistem.

Ora é exactamente a destrinça atenta das raízes deste abandono que obriga qualquer meditação sobre o isolamento do homem, em *Mau Tempo no Canal*, a enlaçar-se com uma meditação sobre o destino.

Quebra definitiva num percurso que aparentava ir-se delineando, esta desistência não é apenas o saldo negativo dum confronto entre uma escolha pessoal e os obstáculos que do exterior lhe travam o alcance. É, e isto decorre necessariamente de tudo quanto foi dito, num primeiro momento, o estigma dum destino que se impõe de dentro de cada ser humano. Um destino que debilita o esforço de busca das personagens, e cerceia, na origem, o poder da sua liberdade. Não há riscos corridos até ao fim, não há a coragem dos sentimentos nítidos e da actuação decisiva.

Um quase fatalismo psicológico pode assim referenciar-se, na medida em que o motor primeiro do processo e do desenlace da acção — primeiro, não em grau de importância, mas no sentido da anterioridade em relação aos outros — está nos alicerces da própria personalidade dos participantes no drama.

A verdade, porém, é que esta face inicial desse destino, que acompanha os homens, se complementa com outras.

E uma delas, aquela que importa, numa linha de prioridade temporal, considerar em segundo lugar, obriga a uma nova perspectivação do sistema de relações entre os protagonistas e o mundo dos outros. Considerado já como fonte do conflito que se resolve pela dor da rejeição do projecto pessoal, ele tem, agora, de ser também equacionado como chamada premente a uma solidariedade do indivíduo com a sua comunidade familiar e telúrica.

Quer isto dizer que a renúncia ao modelo de felicidade pessoal não é ponte para a frustração ou meta forçada pelo sem-sentido da vida. Se o isolamento se não ultrapassa pelas vias esperadas da mudança e do afecto dominante, ele é, pelo menos parcialmente, superado pela segurança da fidelidade a um passado cujas vozes ainda têm força. A resignação assume-se como um acto solidário para com a comunidade que a terra e a família constituem.

A Margarida teria sido grata a partida para Inglaterra, mas, constrangida a permanecer nos Açores, ajusta-se ao desenho familiar que lhe é proposto e à amizade calma que a liga a André. Repete em si feições e movimentos da avó, a quem tanto se assemelha, formas de explicar a vida que o velho tio Mateus continua a ensinar-lhe, uma missão de mulher que a mãe lhe transmite. Preenche o lugar que se lhe aponta, junto da mãe; a quem é necessária, dos irmãos mais novos, para os quais é a instabilidade afectiva, dos parentes mais velhos, a quem oferece a juventude amadurecida, do marido que de longe a aguardava.

Num terceiro sentido, é, porém, através dum conjunto de ocorrências, que umas às outras necessariamente se interpelam, que, de momento para momento, se presentifica a inflexibilidade dum destino inexorável perante a trajectória de cada personagem. Destino que, examinado por este novo ângulo, se desliga do foro íntimo do homem e da pressão do seu grupo natural, e se denuncia, como entidade própria, por meio de sinais e vestígios. A opor-se, fatalmente, às intenções e anseios mais vivos dos seres humanos, a trocar-lhes os caminhos e a confundir-lhes os planos.

Assim se multiplicam, ao longo do romance, os anúncios de remate trágico, articulados, em séries, por vezes, inter-relacionáveis.

Há, antes de mais, uma sequência de situações de incidência comum sobre o grassar da peste nas ilhas e, consequentemente, de contacto acelerado com a contingência da morte. Pense-se, por exemplo, na cadeia de breves acontecimentos que antecedem e acompanham o falecimento de Emília, a mãe caluniada, de João Garcia, ou no peso emocional que adquire a prolongada doença de Manuel Bana, o criado de Margarida. E, naturalmente, em todos os diálogos acidentais sobre o curso do mal, as proporções que atinge, as vítimas em causa. Factos e situações que é impossível não colocar num percurso que se adensa com a morte de Roberto e com o corte que ela impõe à esperança de Margarida.

Há, desde o início do romance, o perfil inquietante do anel de Margarida, uma serpente cega que vigia com desconfiança e amargura os encontros e desencontros das personagens. Nela repara João Garcia, no inicio da narrativa; a ela são sensíveis vários olhares, no decurso da acção; nela se fixa ainda o espírito ansioso de André, no epílogo de *Mau Tempo no Canal*. A essa serpente, tal como lhe foi legada, cega e incompleta, se sente vinculada Margarida que rejeita a possibilidade de lhe corrigir a aparente imperfeição.

Há a repetição dos jogos de azar, em que as cartas, pela disposição que o acaso lhes reserva, apontam sempre para uma aproximação entre homem e mulher que é independente do sentir mais forte dos protagonistas. E justamente Margarida virá a casar com André para quem só dispõe de amizade; João Garcia será para Laura um marido sem amor e sem entusiasmo.

Há, por fim, em certo circunstancialismo aparentemente secundário, sinais dispersos de insucessos e desesperos. Assim, a história de amores mal sucedidos que João é convidado a ouvir, no capítulo XVII. Assim, a morte inesperada do pombo incauto por André que, por muito pouco, não alveja a tiro simultaneamente o próprio Garcia, no capítulo XXI.

*
* *

Que este destino, o imprevisto, ou o *fatum* de cada um, jogam sempre contra sonhos e planos amorosamente acalentados, documenta-o o que ficou dito e pode confirmá-lo a atenção a algumas situações complementares. Lembre-se como o achado duma velha lança começa por dar a Roberto e a Margarida o prazer do passatempo em comum e acaba por converter-se num real instrumento de separação entre eles. O aparecimento duma baleia no Canal, tão justificadamente aguardado pelos baleeiros como um ganha-pão seguro, precipita-os afinal num caminho de maior incerteza e desânimo. Pensados, antecipadamente, como momentos de comunicação e estreitamento de formas de sentir, os encontros acidentais entre as personagens acabam por manifestar as reais dimensões do desentendimento que elas não chegarão a superar. O que é definitivo no caso de João Garcia, para quem a alegria rápida dum cruzamento com Margarida se anula sempre no agudizar duma tomada de consciência da distância que entre ambos vai alargando.

Um espaço-tempo de tragédia se pode, pois, com relativo rigor, detectar, a propósito de *Mau Tempo no Canal*. Tragédia que não cabe nos limites duma crise, mas se espraia, através dum acontecer mal definido cujo desenlace demora. O que, em certa medida, é conseguido, porque à apresentação directa dos grandes sucessos, que transformam as situações, se prefere quase sempre a análise das marcas persistentes que eles deixam.

Deste modo, por exemplo, a chegada de Roberto à ilha, anunciada por uma carta, é comprovada pelo comentário às suas deambulações com Margarida pelas ruas da Horta. Mas nenhum registo acompanha o desembarque ou as emoções que imediatamente o seguiram. Roberto é mortalmente tocado pela peste. Desta morte, porém, em vez do relato directo, o leitor recebe a informação, através dum telegrama, que a prevê, e da posterior evocação saudosa dum criado. Ambas em poucas palavras, porque o que verdadeiramente vale é o que ela veio modificar no futuro dos que ficaram.

E algo de parecido se poderia dizer daquele fogo que só ao longe se avista e cujas amplas consequências se medem mais tarde; do arresto das canoas que apenas sabemos ter-se processado pelas observações dum grupo de pescadores; do cerco ao cachalote que, seguido de perto, numa primeira fase, só é totalmente dado a conhecer quando relembrado pelos pescadores e por Margarida.

São, portanto, os vincos que as ocorrências deixam e não elas em si mesmas que polarizam o cuidado do romancista e retêm a simpatia do leitor.

E esses, sim, são miudamente percorridos, porque as figuras humanas de Mau *Tempo no Canal* estão libertas de actividades exteriores que as desviem do trabalho do seu próprio pensamento. Roberto, Margarida, João vivem um tempo lento de dias e de noites iguais que adensam os problemas que eles arrastam consigo. Um tempo que preenchem com a música e com a leitura que convidam à divagação, com os passeios por caminhos que não trazem estranheza, com o jogo e com o bordado que prendem as mãos, mas não ocupam a mente.

Um tempo que se empenha em favorecer o regresso duma inquietação que o remete sempre para a encruzilhada em que as suas escolhas se confrontaram com as direcções estranhas que acabaram por aceitar.

«*LIMITE DE IDADE*»
EXPERIÊNCIAS DO LIMITE *

O livro arranca da situação individual concreta, bem como da expressão convencional, quase burocrática: *Limite de Idade*. O fim de uma carreira; a aposentação; o drama da reforma e da velhice. E também a perspectiva da morte que se aproxima.

A mesma circunstância é ponto de partida da *última lição* [1], cujo confronto com o livro de poemas se torna frequentemente esclarecedor. A partir daí, «pensando por dentro das palavras» [2] o poeta explorará o *limite*, guiado, ou perdido, na sua polissemia, nas suas irradiações e derivações: o trabalhador das palavras[3] conhece-lhes o poder de abertura, de invenção e lança-se numa insólita viagem através do limite. O que há no tema de circunstância pessoal e de conteúdo afectivo — pungente, doloroso — é dominado rigorosamente por uma linguagem tão desdramatizante quanto possível, frequentemente roçando o humorismo.

> Mandei fazer o electrocardiograma
> A minha «Beatriz de mão gelada»:
> Mas fui eu, fui eu só que fui à cama,
> Eu, claro! não Beatriz, nem Dante, eu nada [4].

O brincar com as palavras, o jogo de conceitos e das referências põe em surdina a situação subjectiva. Raramente ela aparece com a clareza e aquele mínimo de confessionalidade com que se expande em *Epígrafe*:

> Já, de vagar, dos Fiéis avança o dia
> Com carroças no Céu, disposições de Outubro.
> Minha morte civil, folha de vencimentos,
> Cairá também como ao choupo amarelo,
> Aposentados nós nos escudos do exílio:
> Filhos que tenho, um a cada ombro,
> Filhas, cada uma a sua asa,
> Do pássaro poeta ampararão o extremo (*p. 15*).

---

* In *Brotéria*, vol. 108, n.º 2, Fevereiro de 1979.

[1] «Última lição», in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Livr. Bertrand, Lisboa, 1974, pp. 21-50.

[2] *Ibid.*, p. 21.

[3] «Requiescat», *Limite de Idade*, p. 126.

[4] «Escherichia», p. 28.

Neste auto-retrato em madeira tudo fala uma linguagem de morte, mas contida, ritmada. E o eu lírico expõe-se, resguardado assim por uma dignidade melancólica, sóbria.

De resto, dir-se-ia que quase desaparece a situação concreta, se não fossem as emergências da dor intolerável: que a morte, por muita contensão e estoicismo, não se pode aceitar. Não é possível «ficar resignado, / Sossegar no ADN / Meu vão destino insone»[5]. E também não é de Vitorino Nemésio embalar-se em consolos fáceis: as alusões à ressurreição são esporádicas, carregadas de saber que a morte real será

> Ca-dá-ver
> Até ver
> Se sou ressuscitado [6],

embora seja a «única porta a Deus aberta» [7].

É uma esperança difícil, a sua, (uma esperança verdadeira…) bem incarnada na situação do limite.

Mas a morte não é mais que um dos aspectos; o limite em toda a extensão é o que o poeta explora: limite de idade civil, limite de idade do mundo, limite físico do universo, limite da misericórdia divina — tudo isso se invoca no poema que se intitula justamente *Limite.* Porque o limite — um limiar onde se convocam os mortos e com eles se convive, um limiar entre a vida e a morte — é um lugar único donde, como nunca, se pode e se tem de interrogar a vida. E é disto que se trata no livro: uma insistente interrogação da vida, do homem, do mundo.

Nesse sentido, a situação individual des-subjectiviza-se e universaliza-se com facilidade, pois o eu lírico sabe-se apenas um homem entre os homens: «Cá me vou, como os mais» [8]; um homem que apenas pode servir de intérprete aos outros: «A tal selva de Dante é a dor da espécie» [9].

E transpõe-se para o limite que se assinala no mundo: uma civilização no «limite de idade», a acabar, estéril (cf. «Eurátomo»), moribunda; novas ciências que vêm subverter a nossa antiga visão da vida; novas técnicas que alteram a relação do homem com o mundo, que abrem novos horizontes, com um aceno de esperança, talvez, mas carregadas de ameaças de destruição: as alusões à desintegração atómica são frequentíssimas, e á «Fúria entrópica», no horizonte, faz já parte do quotidiano.

---

[5] «Molécula», p. 35.
[6] «Ca-dá-ver», pp. 38-39.
[7] «Fibra enrolada», p. 101.
[8] «O limite», p. 20.
[9] «Tubo de ensaio», p. 55.

Limite, limiar: um intervalo de angústia entre um passado que se conclui e um desconhecido que se depara, grávido de ameaças que os clarões de esperança não dissipam.

Torna-se inevitável, nesta situação, um balanço da vida, um exame de consciência. Na *Última lição* alude mais claramente ao plano profissional: a carreira de homem de letras — professor, investigador, jornalista; o poeta e o homem estao em primeiro plano no *Limite de idade.* «Tentar tirar a limpo o que seria a moral da minha passagem por este mundo» [10]: abranger o decurso dos anos, o trabalho, a obra; e apurar-lhes o sentido — ainda que este jamais se possa encontrar porque «o desordeiro / quebrou o ordenador», e tudo ficou desordenado neste mundo que uma *Semântica electrónica* procura sem êxito perceber. Na sua maneira irónica e (aparentemente) volúvel de jogar com as palavras, o poeta parte do *ordenar* (e *ordenhar)* para uma evocação da vida onde surgem diversas vocações (explicitamente referidas na *Última lição*), de padre, militar, poeta e o aperto dos condicionalismos económicos derivados de um mundo desvairado, absurdo, desordenado — que é, por ironia, o mundo dos ordenadores — e no qual o homem acaba desgraçadamente «ordenhado» a «chorar leite (condensado»), «céptico»[11].

Neste balanço da vida, dá de si uma imagem humilde, sem prosápia, «Fogueteiro maneta, pela mão da Velhinha / Que de pedras me encheu o bolso contra apupos»[12], forçando-se a aceitar a velhice («Envelhecer é tão afinal»)[13] numa recusa estóica da comoção e da exibição — uma das notas fundamentais do livro. O que não impede, contudo, que as imagens de degradação, deperecimento e morte se não insinuem por todas as frinchas, suportadas por uma objectividade indiferente e irónica[14] que não ilude contudo o leitor: «Sofro /Sofro como um cão / A desintegração»[15].

O sentimento de culpa, o remorso e o arrependimento marcam amargamente o fazer as contas com a vida: «Meus pecados contidos, se

---

[10] «Última lição», p. 23.
[11] «Semântica electrónica», pp. 65-66.
[12] «Epígrafe», p. 16.
[13] «O limite», p. 21.
[14] Os reactores do avião serão sucata um dia
Nós seremos chumbados a maçarico
Pelos hospedeiros da Funerária,
A viagem terá o seu termo ou não, biosférico,
E tudo finalmente se arranjará
Na rosa dos ventos elíseos
A 1400 Km à hora, com um empurrãozinho à cauda.
(«*Nova esfinge*», p. 59).
[15] «Câmara húmida», p. 58.

explodissem / Fariam bem pior que eu morto a voo»[16]. Pesam e oprimem com uma angústia que o sujeito não pode desprender de si e que lhe lembra as infidelidades aos mais pobres[17].

O «puro perdão de Deus»[18] é a «água da consolação»[19] desejada, a confiança a que humildemente se ampara. Mais uma vez, uma esperança pobre, que não se proclama, e muito menos se exibe apologeticamente, mas em voz baixa se anseia, se pede.

A humildade constitui, aliás, a nota que melhor caracteriza a imagem que Nemésio dá de si mesmo enquanto personagem lírica: humildade que consiste em aceitar-se tal como é, na sua limitada medida, na sua fraqueza, que obriga a aceitar todos os condicionalismos fisiológicos, genéticos («Tudo A.D.N. inscreve no meu rosto») [20], a saber-se matéria e por isso perecível: a doença faz parte de si, integrada na personalidade; o medo da morte não se oculta nem se confessa em desabafos retóricos, é apenas um «medo à morte na algibeira» [21]; a decadência e a desagregação, verdades que constantemente repete.

De certo modo, poder-se-ia dizer que — por via desta humildade ou deste realismo — nenhuma visão do homem é na poesia do nosso tempo tão «materialista» e ao mesmo tempo tão espiritual ou, melhor, tão confiada na *fé*. De outra maneira, nenhuma é tão *incarnada*.

Em resumo, a imagem do eu e do homem em geral surge humilde, longe da complacência ou do narcisismo românticos, consciente das suas misérias que também não exibe. Há em toda, a obra uma reserva, um pudor, e por outro lado uma auto-ironia que serve como que para moderar os impulsos mais fortes; como que a dizer: «nada de presunção. Tudo isto é pouca coisa. Coisa comum. Pouco vale». Ou, como dizia a Suze de António Patrício: «C'est un détail».

Quando incide sobre si próprio, assume o vezo da autocrítica e da auto-ironia; mas, quando voltada para os outros, esta consciência das limitações humanas (a par com a vastidão de horizontes onde situa o homem, na longa escala do evoluir das espécies, dominado por múltiplos e complexos determinismos) volve-se numa compreensão compassiva destas limitações, manifestada nesse poema maravilhoso que é o *Afilhado*.

No entanto, tudo o que acabamos de apontar não teria o carácter, a marca incomparável deste livro, se não fosse a tónica mais saliente para a qual convergem todos os temas e formas de expressão: o sentimento de absurdo, de perda do sentido.

---

[16] «Canada-Flight», p. 42.
[17] «Muito pouco fiel aos mendigos de côdea». *Ibid.*, p. 44.
[18] «Praia e pinho», p. 115.
[19] «Óxido de magnésio», p. 105.
[20] «A. D. N.», p. 27.
[21] «Canada-Flight», p. 42.

Já vimos que o texto nasce da interrogação premente feita na situação do limite: O que é a vida? Para que serve? Que sentido tem? Porque é a morte inevitável? O que está para além dela? Porque se tem de sofrer? O que é o homem?

São interrogações que constituem a própria palpitação da obra do Nemésio que com elas se confronta recorrendo a toda a sua vida e a toda a sua cultura. O saber não é um depósito que possa ficar alheio ao humano. Nemésio convoca-o — com inteligência lúcida e imaginação fulgurante –, ele que nunca separou saber e vida. Na *Última lição* alude diversas vezes à *Esfinge*, designando assim a fascinação e a gravidade enigmática com que o saber o interpela. *Nova Esfinge* é também o título dum poema. Impenetrável, a *Esfinge* figura a interrogação que o mundo e a vida lançam ao homem e com a qual este se debate procurando a resposta, a solução. (É límpida a alusão ao mito de Édipo). Não é a Esfinge, mas sim o homem que pergunta: «Perguntamos ralados à Esfinge por seus pêlos» [22], verso que se esclarece recorrendo *à Última lição*:

«Porque uma coisa [...] é o modo como se recebe o olhar de fogo da Esfinge: outra como se aprendem as artes de decifração dos seus códigos, e até as técnicas de contagem dos pêlos que traz na cauda, — erudita tarefa à Tópsius a que outro meu mestre socrático, Miguel de Unamuno, redondamente se negava.

«A sugestão fora-lhe feita quando, vencidas as 'oposiciones' para professor de Grego, o queriam editor crítico de códices de interesse helenístico existentes em arquivos espanhóis. Mas Unamuno, dizendo

– 'sei o grego suficiente para iniciar os meus alunos; quanto ao resto, é comigo' –, teimou em continuar a escrever nos jornais *Contra esto y aquello* e não fez a vontade aos zelotas da miúda erudição. Eu é que, embora atraído pelo mestre desde que, em companhia de outros — Cerejeira e Carvalho — e em bando de capa-e-batina, o ouvi encantado exortar-nos no Paraninfo de Salamanca, não fui sempre fiel ao desafio frontal da Nova Esfinge, e, *dando la vuelta* – como dizia Unamuno — *empezé a contar las cerdas de su cola*»[23].

Trata-se da destrinça entre o que é grave na pesquisa científica e as pequenas questões — às vezes idiotas — com que se ocupa certa erudição míope.

O curioso é que, segundo o poema, o homem se põe nesta situação de interrogador imbecil, fascinado com a Esfinge mas incapaz de lhe dirigir perguntas adequadas. Está absolutamente mergulhado na perplexidade, embrulhado no labirinto onde não possui um fio decifrador, esmagado pelo peso dum enigma, pela angústia do

[22] P. 60.
[23] «Última lição», pp. 32-33.

desconhecido que sobre ele se abate e que nem consegue ao menos anunciar com justeza.

É isto que constitui o essencial no *Limite de Idade*: o homem depara-se com as «seduções do rosto da Esfinge, que hoje nos sai ao caminho com uma coroa de electrões numa asa e a Hélice do A.D.N. enrolada na outra» [24]. Interroga-a e sente-se questionado. Adopta a sua linguagem: passa a falar em termos de microfísica e de biologia molecular, tenta apreender-lhe as técnicas, as «Relações de incerteza», a «Fúria entrópica», para se colocar num terreno comum e propiciar o entendimento.

E com isto, não é capaz de lhe perguntar mais que «por seus pêlos». A realidade dá-se-lhe apenas em formas incompreensíveis, ridículas e, ainda por cima, fragmentadas, avulsas: uma insólita condição humana: «os passageiros eólicos, dóceis no rebanho sentado, provam tempo / São só mortos possíveis» [25]; um estranho «progresso» técnico que em vez de aproximar os homens os divide; e uma supercivilização que deixa de lado os problemas mais prementes, que não é fraterna, *fiel* aos homens:

> Agora voo mais que o peixe aéreo,
> Plano mais que a gaivota flutuante
> Mas sempre a cálculo, a reactor, na combustão da pena,
> Revelado com Deus, lido em Job e Niels Bohr,
> Ondulado na luz cogitada e fotónica,
> Muito pouco fiel aos mendigos de côdea
> Que só apertam o cinto ao descolar da fome [26].

Outra forma do desconcerto consiste na poluição irracional (cf. «Rosa sintética») para já não falar na perspectiva de destruição total, por nossas mãos preparada, ou involuntariamente, virá inexorável prometendo o «estoiro» ou o desgaste, a exaustão, a morte universal:

> No dia, no dia (digo)
> Entrópico, falaremos:
> Espera-nos a morte
> Na última bolha fria
> Da caldeira estoirada,
> No positrão oriundo de um urânio exaurido,
> Com orbe, coração e o dizê-lo — perdido [27].

---

[24] *Ibid.*, p. 24.
[25] «Santa Maria/ Montréal», p. 45.
[26] «Lisboa / Santa Maria», pp. 43-44.
[27] «Relações de incerteza», p. 74.

Parece entrever-se o que poderia remediar esta desordem:

> Parar, pedir ao chão outra vez planta
> E juízo comum, modéstia [28].

Reencontrar a medida humana, a meio caminho entre o primitivo e o ultracivilizado; numa vida agarrada ao chão, ao meio, à natureza; enraizada («planta»). Então seria possível o *juízo comum*, isso: a *modéstia* — do homem que se reconhece e está certo no seu lugar. Mas esse meio termo (nova manifestação da «aurea mediocritas»?) está irremediavelmente perdido. Porque «os homens perderam a Razão / Que hoje serve de osso ao cão / Escapo ao cogumelo nuclear»[29].

Semilouco, ausente do Sentido, perdido na escala da evolução biológica, reduzido apenas ao fisiológico, «Hoje o homem é bicho sem sentido, / A formal secreção da morte, / A escada da vida a quatro lanços: / Adenina, Timina, / Guanina, Citosina» [30].

Afundou-se no naufrágio e ficou imersa no absurdo, alheada do sagrado, da distinção (do sabor) do bem e do mal, da verdade e da mentira:

> Pobre rosca de zoo, espiral de sentido:
> Pois para mim, Senhor, o Mar era Sagrado,
> O último, Senhor, foi ao fundo no Atlântico.
>
> Sal de siso, gusano em casco de navio:
> Para os homens ficava reservada a verdade,
> A saudade do sino do apelo
> E a vergonha de negar[31].

Como sair desta situação onde «O símio louco toma o assento ao corpo humano», onde «O Diabo leva a Deus a palma no fingido», e até «O poeta bateu o record da mentira?»[32].

Como?

> Ninguém responde e tudo finge:
> É isso a Esfinge.

---

[28] «Canada-Flight», p. 44.
[29] «Cão atómico», p. 64.
[30] «Hélice», p. 26.
[31] *Ibid.*, pp. 25-26.
[32] *Ibid.*, p. 26.

*
* *

Mais do que os conteúdos, chama-nos a atenção neste livro a linguagem insólita, completamente renovada.

Aliás a linguagem é sempre nova em Nemésio — versátil, surpreendente, fruto duma imensa curiosidade e duma incansável faculdade de aprender. E — derivação sinuosa, mas também encontro, compreensão — liga-se necessariamente com o saber, a apreensão do sentido que, como vimos, constitui um dos impulsos fundamentais desta obra.

O trabalho na linguagem fá-lo com uma consciência oficinal muito lúcida do funcionamento da complexa máquina: «Perdoe-se-me esta algorítmica sem cálculo: mas os signos verbais, se o código é bem usado, dizem mais curto o que é comprido» [33]. As fugas à norma, um certo desleixo ou desarticulação da linguagem explicam-se porque o código bem cumprido, de acordo com as normas «diz mais curto o que é comprido», mutila a realidade. Só atropelando esse código, torpedeando-o — inventando uma nova linguagem — se pode atingir o real e comunicá-lo.

Quanto mais se trata de uma realidade nova, de uma «Nova Esfinge»! Aqui o mais relevante é o emprego dum novo vocabulário, duma nova semântica, duma nova imagética e, por vezes também, duma sintaxe aberrante; vocabulário e imagens bebidas nos domínios das ciências mais avançadas: a biologia molecular, a genética, a física atómica.

À primeira vista, parece que o poeta, maravilhado pelo que acaba de descobrir, fica fascinado por esta nova linguagem. Mas, mais do que deslumbramento ou moda (era tão pouco sujeito a isso!) verifica não ser já possível falar do que o preocupa (o homem e o mundo em crise) senão através duma linguagem diferente. E a sua receita dir-se-ia ser esta (aliás, sempre a mesma): ir para as coisas, aproximar-se delas, cingi-las — através do termo mais exacto, mais concreto, mais específico. Nenhuma poesia foge tanto às generalidades e às abstracções.

E, ao ir para as coisas, constata que elas são outras: o livro é motivado juntamente pelo desafio que lhe lança esta outra face da realidade, esta *Nova Esfinge.* Terá de ser decifrada através de instrumentos, técnicas, perspectivas que os últimos decénios inventaram: o microscópio electrónico, as conclusões da biologia, da microfísica... O mundo já não pode ser captado com a linguagem do homem comum. Sabêmo-lo agora uma realidade descontínua, abrindo para o infinito nos dois sentidos, o infinitamente grande e o infinitamente pequeno: os espaços siderais da astrofísica e as

[33] «Última lição», p. 24.

complexidades do átomo; o tempo com os mais diversos ritmos: os biliões de anos da evolução biológica, as vertiginosas velocidades do avião, das viagens interplanetárias; e os ritmos biológicos cheios de significações («Velocidade qual? De sedimentação?») [34]. A destruição planetária nuclear e a destruição invisível do homem por um fungo ou uma bactéria. Um progresso científico vertiginoso coexistindo com a perda do norte e da medida, pelo homem; com a perda da razão [35]. Um superpoder que vai a par com a perspectiva de destruição apocalíptica e com a incapacidade para resolver os problemas humanos mais conhecidos e antigos: a miséria, a velhice, a doença, a angústia.

Além disso, o real está em mutação constante, pelo que não basta uma nova terminologia, mas se necessita uma outra sintaxe capaz de estabelecer de modo, digamos, surrealista, inesperadas e incertas relações entre os dominios mais díspares.

A poesia torna-se então «confusão dirigida»[36], apanhada na vertigem do turbilhão, mas mantendo um mínimo de discernimento, de clarividência ou de faro que a obriga, meio cega, a guiar assim os outros cegos:

> Levando à mão um verso como um cão gafo e cego,
> Um verso cuspido por dizer,
> Sem sentidos na estrada da Literatura Nacional
> [cheia de carqueja e morgue [37]

Ela pode, como desde Orfeu, convocar os mortos (cf. «O Limite»), estabelecer ligação entre cá e lá, entre o conhecido e o desconhecido, e constituir-se assim uma zona intermédia — um limiar — onde o que existe convive com o que não existe.

E pode sobretudo interpretar — «transformador de pilhas de palavras» [38] — os sinais herméticos do mundo e os «sinais dos tempos» e transpô-los em linguagem verbal, estabelecer-se assim como medianeira entre um mundo desconhecido e os homens decifradores, à cata do sentido, ainda que o faça tacteando na escuridão, com o risco de errar e de só traduzir fragmentos em «mensagens mal cumpridas» [39]. Como executa o poeta os desígnios?

Em primeiro lugar recusando-se em absoluto à oratória. Os textos assumem decididamente um tom anti-retórico, antiliterário, quase

[34] «Canada-Flight», p. 43.
[35] «Cão atómico», 2, p. 64.
[36] «Autocarro», p. 51.
[37] «Diálogo polimérico», p. 95.
[38] «Canada-Flight», II, p. 48.
[39] «Fúria entrópica», p. 53.

mesmo antilírico. Isto representa a rejeição da facilidade, das fórmulas gastas, banalizadas, da convenção que perdeu toda a energia informativa; e a rejeição ainda de formas arredondadas, perfeitas, acabadas, que dariam a falsa impressão de dominar a realidade aludida de forma global, quando — pelo contrário — esta poesia nada domina, se sente à deriva e apenas se debate com um universo infinito, angustiadamente, num esforço sempre em parte malogrado.

Recusa-se a banalidade, o convencional, porque, decisivamente, esta poética visa o verdadeiro e o desconhecido: desconhecido no sentido de real — porque o conhecido não é mais do que uma chapa batida, fórmula gasta que já não corresponde ao descoberto; e desconhecido também no sentido de por-vir, o qual também se não pode designar por lugares comuns. Por isso toda esta procura insistente, a constatação do absurdo, os clarões de entendimento e a esperança religiosa soam tanto a autêntico, de tal modo desprovidas de «clichés» e cheias de imprevisto.

Por outro lado, constitui-se em tensão entre tendências opostas que não disfarça nem tenta conciliar superficialmente: a nível pessoal, é o conflito da vida com a morte, o cansaço e a tendência para a abdicação e um incoercível amor à vida, sentimento de juventude e desejo de renovação; ainda ao mesmo nível, o apego à terra, o apelo das origens e o impulso para o futuro, o novo — que se exprime sobretudo no símbolo do voo (tão polissémico) que no livro aponta de preferência a capacidade da poesia de transcender (ao mesmo tempo que a assume) a miséria humana. Num plano mais vasto, as mesmas tendências ganham a forma da desintegração, da entropia — visível na confusão dispersiva que a linguagem reflecte, «disparate verbal, isómero da incoerência» [40], paredes meias com a loucura ou com a inconsciência («Numa túnica ardente de sentido a apagar-se») [41]; e a luta tenaz pela integração; a poesia sabe-se — apesar de tudo — força integradora que, trabalhando numa matéria in-significante (ou dessignificada), se esforça por lhe captar o sentido:

> E depois levantei-me sobre este mandato urgente,
> Menos litográfico e mais ósseo, como realmente sou.
> [...]
> Assim, bem mandatado como poeta, exulto e emendo-me,
>
> Nos pedreiros da pedra encontro os irmãos que procurava,
> Na lavra do destino averbo o próprio fogo
> E em tudo um bem de amor, um socorro inesperado[42]

[40] «Saudade lípida», p. 37.
[41] «Química oceânica», p. 111.
[42] «Diálogo polimérico», II, p. 97.

Tenaz, exigente, entrega-se ao trabalho de nomear o que está por dizer, num esforço que lembra o de Sá de Miranda:

> Empenho-me no esforço verbal da tarde,
> Lento a lápis, peptídico, pensando,
> Pois quem mais catalisa mais reflecte[43].

A poesia tem de catalisar e de condensar; se não o consegue, «o polvo revira o tinteiro e atira-o à cara de quem / Gasta tinta de mais a dizer isto a alguém!» [44].

Catalisar, condensar e congregar: invocada a *Matéria orgânica a distância astronómica*, imediatamente acorre «aos sons ilógicos, / como uma seta» [45]; e logo se reúne o que estava ausente, escondido, disperso: «a manhã com fósforo de mar e olivina das Ilhas», «as cinzas de meu Pai», «E até — meu Deus que chamo e não oiço».

Para além disto, «Imago alado, polínico / É o canto do poeta»; e «Os poetas, pais de verbo, / [são] Fecundadores de entedimento» [46]. Finalmente no *Tubo de ensaio* afirma-se o poder, inspirado na química, de transmudar os elementos: a poesia apercebe-se, obscuramente, da misteriosa comunicação de tudo, das insondáveis «correspondências» que tudo unem. Tudo se transforma e tudo comunica. Daí, que a metáfora estabeleça as mais surpreendentes relações — aproximando ou despistando. A *Metáfora metábola*, mediante o recurso que mal se explicita à etimologia, liga o verbal e o fisiológico, insinuando a unidade real dos diferentes «transportes» e «transformações» do homem.

Radical unidade que se exprime com máxima clareza na *Esponja*:

> Pobre esponja nervosa e luva alveolar
> Com que limpo a minha alma e lavo o meu menino
> E na ponta da cana engano o meu Senhor
> Com ácidos que embebes
> Tu mesma, fofa, a dor em rede, inchada e enxuta,
> Esponja minha mãe e minha gruta [47].

---

[43] «O polvo», p. 90.

[44] *Ibid.*, p. 92. Em «Evocação» (publicada no Panorama, n.º 16/IV Série, Dezembro de 1966 e também em *Críticas sobre V. Nemésio*, Bertrand, Lisboa, 1974, pp. 62-65), V. Nemésio afirmava: «Quer dizer: a linguagem realizada num poema condensa mais pensamento e imaginação do que o autor pudera dizer em discurso corrente. É o problema do homem situado na linguagem, sua essência, e não exterior a ela ou utente dela, que tão profundamente Merleau-Ponty tratou num dos ensaios de *Signes*».

[45] P. 80.

[46] «Bombix muri», pp. 93-94.

[47] P. 86.

Não se pense entretanto que esta poesia pende para a indistinção ou confusão de tudo: pelo contrário, tudo se nomeia com extremo rigor. As coisas são o que são, embora incessantemente mudem; ou o que foram. Nada lhes dissolve a identidade. Os poemas são concretizações absolutamente situadas, incarnadas, embora transportem ideias gerais que o estudioso abstrai.

A metáfora não serve apenas para aproximar ou estabelecer correspondências; mas também para afastar, designando com o mesmo termo realidades opostas (cf. a metáfora do Voo em «Canada-Flight», versos 40-48 e 60-61).

Papel idêntico ao da metáfora desempenha o jogo de palavras:

> Faremos todos uma fogueira
> Dos dentes deles às rosas novas
> No meu quintal
> Da Faculdade
> Do Mundo ter idade
> (Sem limite a idade, claro:
> O Mundo não,
> Que esse é finito na expansão) [48].

As palavras puxam umas pelas outras, arrastando sempre um novo significado que se acrescenta e altera o anterior; o que também se vê na *Semântica electrónica*, onde a iniciativa, meia louca, mas de facto sábia, parece caber às palavras que em derivações fantasiosas vão chamando pelas coisas.

Estas, algumas das «experiências» que o poeta ensaia no «louco laboratório». Porque o poder da poesia não deixa de ser um poder enlouquecido: num mundo em crise, fascinado com o abismo, no limite... também a poesia enlouqueceu.

Reflecte assim — com que habilidade neste livro –, na desarticulação da frase e na dissonância do verso, a desagregação da vida, a fragmentação do homem, a perda trágica da unidade.

Poesia desarticulada e dissonante: um discurso agreste, cheio de anfractuosidades, onde a rima e a euritmia se sentem como momentos de graça súbita e inesperada em textos adstringentes, rudes: feitos de cortes, enumerações caóticas, diversidade de perspectivas que se entrechocam; feitos de solavancos, de superfícies cortantes e de rigor. A beleza é qualquer coisa de raro e imprevisto neste novo mundo em que nos adentramos guiados por Vitorino Nemésio: o mundo dos microrganismos ou dos espaços siderais; dos ritmos biológicos ou da milenária história das

[48] «O limite», p. 20.

espécies. Qualquer coisa de raro ou então dependente de um ponto de vista exacto, difícil, com que raramente se atina.

Por isso, o que melhor se sente nestes textos é a aspereza intervalada por clarões de beleza que mais parecem ocasionais. E não tanto clarões (o que implica visão, claridade) mas descobertas mais obscuras, menos conscientes, o «sentido-perfume», ainda que encontrada pelo *faro* de um «cão gafo e cego».

Como se o esforço do impulso integrador, anti-entrópico ficasse inacabado, apenas em processo, por concluir. Uma tarefa difícil, imperfeitamente cumprida, levada apenas até ao limiar do possível:

> E vendo
> Que sou assim como a espora no flanco
> Do cavalo fugido, e o casco, e o pó,
> Paro à porta de Deus e choro,
> Paro à porta de Deus e choro só [49].

[49] «O cavalo Sidério», p. 125.

NEMÉSIO E OS AÇORES *

> Não espero amor nem glória de ninguém:
> Espero terra e cinza,
> […].
> Como as gaivotas levo água e ferro no bico:
> Por isso passo e fico.
>
> («*Desabafo*», *in* Nem Toda a Noite a Vida.)

«Açoriano de treze gerações», como ele próprio se apresentou, Vitorino Nemésio mergulha as raízes da sua obra numa experiência de ilhéu distanciado da sua ilha, apenas visitante de circunstância em curtas estadias. Nascido na ilha Terceira (19 de Dezembro de 1901), conservaria dela uma memória de factos, pessoas, sensações, clima, cores, coisas vividas e coisas ouvidas, o bastante, enfim, para que, pela sua ilha, intuísse a verdade histórica e geo-humana do arquipélago inteiro. Memória total, genesíaca e geológica, verbal e histórica, onde, como num *écran* gigantesco, aparecessem sucessivamente ou em fusão constante a terra, a fala, a história social dum povo vivendo há cerca de quinhentos anos numa região fragmentada. «Microcosmo exemplar» — como já salientou David Mourão Ferreira a propósito de *Mau Tempo no Canal* [1] − terra de ancestralidade familiar e histórica onde se plasmaram os traços duma peculiaridade que Vitorino Nemésio assumiu e elevou ao plano universal. Diríamos mesmo que a principal característica da insularidade em Nemésio é a profunda humanidade das personagens que criou e a autenticidade do mundo que representou: *quanto mais regional mais universal*.

A significação açoriana da obra de Vitorino Nemésio não está, pois, no seu *localismo,* mas no seu *universalismo,* no ser criador — poeta, poeta em prosa, contista, romancista ou ensaísta, ou ainda cronista *sui generis do Corsário das Ilhas* — por imperativo interior e força das reminiscências de infância e adolescência («O menino que eu fui, parado nos meus olhos, / O garoto que eu fui, e os sinos que rachei à pedra ainda a vibrar»...) [2], por impulso de recriação verbal dum mundo cuja distância (temporal e espacial) se sublima no verso.

---

* In *Colóquio-Letras*, n.º , 48, Lisboa, Março de 1979.

[1] «Sobre a Obra de Vitorino Nemésio», in *Tópicos de Crítica e de História Literária,* 1969, transcrito em *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, 1974, p.126.

[2] *Nem Toda a Noite a Vida*, 2.ª ed., Lisboa, 1973, p. 18.

A transfiguração do real vivido na infância, volvido em mitologia fantástica, surge, como nota confessional passada ao leitor, nesse notável livro de crónicas de viagens aos Açores (em 1946 e 1955), que é ao mesmo tempo ensaio, interpretação histórica e geo-humana, livro de viagens, memórias, diário:

> *Os Ilhéus das Cabras não tinham cabra alguma, mas uma cisterna salobra e meia dúzia de carneiros. Eu, que tinha a mania da geografia fantástica, chamava-lhes a Terra do Perrexil — a plantazinha rasteira, de folha carnuda como a da beldroega, que se curtia num frasco e nos servia de* pickles. *Mas a grande lição dos Ilhéus não era nem o perrexil, nem o carneiro: era a prova provada do nosso emparedamento num vasto calhau atlântico: por assim dizer, a estátua da nossa solidão arrancada das nossas entranhas e ali posta, junto ao Porto Judeu, como o símbolo de um destino e o padrão de uma vida interio* [3].

Corsário das Ilhas — um livro, pois, que é um roteiro sentimental e evocativo, mas constantemente apoiado em notas históricas e em verificações rigorosas. Um livro, pensamos, indispensável para o conhecimento dos Açores e dos Açores vistos por Vitorino Nemésio, mormente da Terceira, onde o autor passou a infância e a adolescência. Sob a aparência de títulos «impressionistas» («Isolamento: Solidão de Ilha», «Agarra: É Ilhéu», «Uma Pista de Aviões numa Eeira», «Corisco», etc.) esconde-se nesse livro um conjunto de reflexões que, sem género literário catalogável, por isso mesmo fiéis à convergência de perspectivas do historiador da cultura, revelam também o poeta que pulsa no *Bicho Harmonioso,* no *Eu, Comovido a Oeste,* na *Festa Redonda,* em *Nem Toda a Noite a Vida.* Diversidade de expressão, por detrás da qual corre uma unidade no pensar e no sentir uma região, um povo, um passado e... um modo dorido de estar longe deles. Um modo de, pela justeza, das intuições e fundamentação do saber, dar universalidade ao conhecimento duma região.

Repare-se na dinâmica interpretação que dá, em poucas linhas, da génese das cidades açorianas no todo insular a que pertencem, fazendo convergir as componentes histórica, económica e geo-humana, exprimindo-as com recorte literário:

> *As cidades dos Açores não foram urbes traçadas a rego de arado, nem empórios crescidos em embocaduras de rios férteis, nem aglomerados feitos em arraiais de feiras ou em grandes nós de comunicações terrestres naturais. De nove ilhas que conta o arquipélago só duas tiveram durante quatro séculos o timbre de cidade: a Terceira e S. Miguel. Angra e Ponta Delgada cresceram primeiro como fixadores das populações dotadas de*

[3] *Corsários das Ilhas*, 1.ª edição, Lisboa, s/d, p. 42.

maior área insular, e logo como chaves de situações geográficas mais acessíveis e demandadas. Das ilhas maiores só uma – o Pico – não chegou a atingir densidade citadina. [...] *E foi preciso que a crise baleeira de meados do século XIX acossasse os veleiros americanos para o médio Atlântico e aí os fizesse refrescar, para que o Pico, apoiando-se no Faial e o Faial no Pico como ilhas satélites alternas, ajudasse a fazer a Horta carvoeira núcleo de desvios de excedentes demóticos para a América, privilegiado em moderno foral por um marinheiro nato que navegara nas ilhas: o rei D. Luís*[4].

Mas as reflexões do historiador *doublé* de geógrafo humano são aqui e além penetradas de sentimentos pessoais, duma dimensão nostálgica que faz história colectiva coada pelo filtro das vivências do autor:

A Praia, para mim, é a torre da Câmara e o seu relógio inerte e sedativo. Mais altas que elas ficavam as torres da Matriz, plantadas na colina da vila. Os seus altos perfis tinham um sentido urbano muito mais vasto e agudo. Dali se convocavam os cristãos para o culto e, nos enterros ricos, se tocava «a benesse» antes de dobrar a finados. [...] *Só este facto piedoso me basta para entrar na entranha moral da vila e senti-la pulsar nas torres* [5].

Enfim, fusão ou alternância de imagens e ideias, de presente e passado, mostram como o espírito irrequieto, móbil, constantemente viageiro («Sou ilhéu e, portanto, embarcadiço...») de Vitorino Nemésio o leva pelas ruas da cidade de infância redescoberta na maturidade:

Agora é o coração que se constrange. Vivi aqui e ali. Uma, duas, três casas que abrigaram o adolescente e parecem olhar o homem maduro com olhos cegos, janelas ocas... Tudo isto do sonho e da saudade é uma mentira arranjada, em embuste literário, ou o quê? [6]

Vai percorrendo a cidade, e o mundo de outrora aparece-lhe agora como sombra impossível, como voz que comove sem lágrimas: «As coisas chegam às vezes a um ponto de saturação no regresso e no amor que não há lágrimas vivas que sejam dignas de nós!» Mas o analista das urbes quinhentistas, o ensaísta, refreia-se e refreia o estranho sentimento em nome da razão: «Desaforo expressivo... Excesso confessional... Vou-me conter»[7]. Conter-seria, pelos parágrafos mais próximos, mas toda a sua obra seria marcada por essa peregrinação interior que o leva a percorrer terras, cidades, países, mas igualmente a alma dos homens para refluir

[4] *Corsário das Ilhas*, VI, «Corisco», p. 69.
[5] *Ibid.*, III, «Praia da Vitória», p. 129.
[6] *Ibid.*, «Encontro de Angra», p. 111.
[7] *Ibid.*

sempre à sua, lá no regresso onde encontrava o eco das vozes de infância, o Matesinho de «vida caipora», o Abílio, velho colega de escola, o «cabeça de boga», as lições de solfa do Sr. Isaías, quando, naquela noite, um barco naufragou na ponta da Màmerenda...[8] Tudo recortado com precisão de historiador social e de si mesmo, perspectivado à luz placida duma província remota no espaço e no tempo...

> *A casa das tias [conta Mateus Queimado] era o recesso da minha vida. Em nossa casa divertia-me mais* […]. *Mas em casa das tias abria-se-me um mundo mais largo de intimidade e de experiência.*
>
> *Era um casarão confortável, quase um palácio. Com as suas dez janelas rasgadas sobre a sacada de rexas, a que lá chamam ralos…*[9]

Mas desse mundo semiprivado salta para as largas andanças do Matesinho de S. Mateus, o das «Quatro Prisões debaixo de Armas», que viajou por esse Portugal do interior até às tabernas de Badajoz e acabou os seus dias sofrendo o seu temperamento rude e assomadiço, mas leal, junto à mulher, que o ouve, embevecida, contar as arriscadas viagens e aventuras. O Matesinho é, de facto, bem ilhéu na linguagem (quase dialectal) que usa e na riqueza humana que patenteia, parente, de certo modo, do Malhadinhas de Aquilino.

As obras de Nemésio reflectem, nos títulos e nos conteúdos, essa tendência das viagens constantes, duplas, entrecruzando-se no mesmo texto: *Corsário das Ilhas, O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos, Caatinga e Terra Caída (Viagens no Nordeste e no Amazonas), Viagens ao Pé da Porta,* para não falar em poemas relacionados com viagens contidos no *Bicho Harmonioso,* no *Limite de Idade,* na *Sapateia Açoriana.* Viagem, movimento, *exterior ou interior,* mobilidade de imagens e mobilidade verbal, inquietação, curiosidade universal — que leva a *viajar* no tempo e no saber, da física newtoniana à física atómica, do *nosce te ipsum* às profundezas do «eu» de Jung, Jaspers, Dostoievski, Lins do Rego, ou Gomes Leal, ou Pessoa, ou Roberto de Mesquita... O homem, por toda a parte, ou seja, um humanista autêntico escorado num saber sem rígidas fronteiras de inibição especialística. Importante salientar a fidelidade a padrões ilhéus, de qualquer modo familiares, mesmo quando contempla terras longínquas, como as do Brasil. Fernando Alves Cristóvão, em *As Viagens «Longe da Porta» de V. N.*[10], examina as viagens «longe da porta», verificando nelas a atitude de redescoberta de um novo Pêro Vaz de Caminha, detectando as marcas do Professor, do Poeta, do Romancista e Cronista (o estilo do professor, do poeta, o hábito da explicação

---

[8] *V. O Mistério do Paço do Milhafre.*

[9] Conto «A Lição de Solfa», de *O Mistério do Paço do Milhafre (*in *Quatro Prisões debaixo de Armas*, Livros RTP, p. 103).

[10] Sep. *da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 1977, IV série, n.º 1, 1976-77.

semântica ou etimológica), para constatar, enfim, o paralelo que Nemésio estabelece entre o que vê no continente ou nas ilhas e o que vê «longe da porta», o jogo das «correspondências», a procura de «uma réplica cultural a quanto é observado» [11]. Mas viajar, em Nemésio, depreende-se ainda do artigo de F. Alves Cristóvão, não é só comparar o que se descobre com o país onde se nasceu ou com a ilha de infância — «viajar é conhecer e conhecer-se, numa espiral em que o 'diverso' confirma o 'mesmo'»[12].

Viajar, em Nemésio, implica a longa maturação de conceitos e termos que pertencem a um campo semântico — *mar, lonjura, barco, vela, espumas, algas, corais, estranhas maravilhas, concha, sal, pedra de cais, gaivota;* enfim

> O silêncio aprendido
> No mar foi perdido […]
> …
> O mar só quis dar-me sina […]
> espumas […]

escreve no poema significativamente intitulado «Barcarola», em *Nem Toda a Noite a Vida* (Lisboa, 1953, 2.ª ed., 1973, p. 37). São poemas em que a insularidade ressalta no tecido de linguagem, nos campos semânticos no *mar*, no *sal*, nas *verdes ondas*, na *lonjura.* Alguns poemas são mesmo intitulados «Navio», «Segunda Vaga Verde», «Barcarola», «Pedra», e no poema «Desabafo» se lastima:

> Não espero amor nem glória de ninguém:
> Espero terra e cinza,
> Os blocos do abordar lá na doca esquecida,
> E ao longe o rolo branco
> Livre e amargo do mar
> Que traz com água e indiferença
> O cadáver e o fraco azul do adeus marinho.
> Como as gaivotas levo água e ferro no bico:
> Por isso passo e fico [13].

E no «Desengano», forte de força interior conquistada a pulso, entrega-se agora ao navegar que lhe não é nunca negado como poeta, o navegar na própria criação verbal:

---

[11] Estudo cit., p. 42.
[12] *Ibid.*, p. 45.
[13] *Nem Toda a Noite a Vida*, 2.ª ed., Lisboa, 1973, pp. 18-19.

Assim se faça. E aumente
No mar a força do mar.

Que grande vela de repente!
O que eu gostei de navegar! [14]

No poema «Navio» alimenta aves que partem de saudades nutridas:

Tenho a carne dorida
Do pousar de umas aves
Que não sei de onde são:
Só sei que gostam de vida
Picada em meu coração.
Quando vêm, vêm suaves;
Partindo, tão gordas vão

Mas, no mesmo poema, reitera a saudade em pungente prazer de quem contempla o mar de que vive afastado... (em momentos de desabafo quereria contemplá-lo de uma casa a construir no Cabo da Praia ou na Serra de Santiago, aí comprar uma casinha, como se isso fosse já possível após a reforma, vinda ao fim de cinquenta anos de continente, com filhos, netos e preocupações domésticas!... Mas essa ideia persistiu nele, especialmente nos tempos imediatos à reforma, em 1971)

Como eu gosto de estar
Aqui na minha janela
A dar miolos às aves!
Ponho-me a olhar para o mar:

– Olha um navio sem rumo!
E, de vê-lo, dá-lho a vela,
Ou sejam meus cílios tristes:
A ave e a nave, em resumo,
Aqui, na minha janela[15].

Viagens aos Açores... eram esporádicas, mais amiudadas no fim da vida, facilitadas pelos voos directos da TAP à Terceira, ou também directas a S. Miguel, com um salto à Terceira, esconjurando o medo de voar na companhia de algum conhecido ou na expectativa da chegada[16].

---

[14] *Ibid.*, pp. 20-21.

[15] *Ibid.* p. 23.

[16] O poema «Canada Flight», publicado em Colóquio /*Letras* (Set. 1971, pp. 56-59), depois inserto em *Limite de Idade,* foi escrito durante uma viagem Santa Maria-Montreal, «para esconjurar o medo»... O «modelo» da viagem era ainda, para ele, a longa viagem de navio, a que, de resto, fora habituado desde estudante ou nas suas primeiras idas ao

A ilha natal marca a obra de Nemésio como um mundo de referências constantes, de evocações directas ou indirectas. Origem primeira, mundo de arquétipos, «a ilha matricial do poeta é um reino 'arcaico' onde tudo é ainda genuíno, 'germinal' e quase sem tempo», escreve Eduardo Lourenço [17]. Essa relação com a ilha natal faz-se ao longo da vida de Nemésio por várias formas: pelas personagens que evocam figuras reais da sua infância ou adolescência, pela memória das coisas, dos factos, dos pequenos nadas triviais recortados do tempo distante na memória visual e auditiva do romancista ou do cronista, nas evocações dos Açores quando faz viagens «longe da porta», nas reflexões histórico-ensaísticas dispersas por toda a sua trajectória literária (a sua indesmentível vocação de ensaísta e *maitre de conférences),* enfim, como também temos visto, na transfiguração poético-simbólica de elementos atlânticos — as algas, os corais, o mar, o mar verde ou azul ou cinzento, a pedra de lava, o nevoeiro — ou simplesmente elementos marítimos, o navio, o barco, a vela, a lonjura (do mar), a gaivota, a espuma, etc.

Em 1924 deixara no soneto «O Paço do Milhafre» (in *O Bicho Harmonioso)* as marcas duma insularidade sublimada pela distância e pela, saudade (mal chegara ainda ao continente, para ficar...):

> À beira de água fiz erguer meu Paço
> De Rei-Saudade das distantes milhas:
> Meus olhos, minha boca eram as ilhas,
> Pranto e cantiga andavam no sargaço.
>
> Atlântido, encontrei no meu regaço
> Algas, corais, estranhas maravilhas!
> […] [18]

Encontrara, efectivamente, no seu *regaço de memória*, a reminiscência pungente da «distância», da «saudade das distantes milhas», transfigurando «algas, corais» e outras «maravilhas» em símbolos das suas próprias vivências de açoriano ausente. Um soneto que vale um longo comentário que os limites deste trabalho não consentem. Igualmente merecedor de atenção e análise é outro belo soneto d'*O Bicho Harmonioso*, «*A* Concha», no qual, de novo, a sua «casa», em que o seu ser

---

Brasil. As metáforas de Nemésio são «marítimas»; o avião só tardiamente penetrou na sua obra. Note-se, porém, o *raid* a bordo dum avião militar da Terceira a S. Miguel, referido no *Corsário das Ilhas* («Segundo Corso», cap. XII, «Um voo a S. Miguel»).

[17] Eduardo Lourenço, «Vitorino Nemésio ou da Livre Navegação (No mar poético de Deus)», in *A Capital*, 12 e 19 de Maio e 20 de Outubro de 1971, incluído nas *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, 1974, p. 148.

[18] *O Bicho Harmonioso*, p. 61.

habita (não esqueçamos Heidegger: «A Língua é a casa do ser»), a segregou de si mesmo, com «Fachada de marés, a sonho e lixos; / O horto e os muros — só areia e ausência». *A* sua casa, passado e presente feitos de palavras, é apenas o estar ali, ao vento e à chuva, «sentado numa pedra de memória»... [19]

E uma ilha que surge no horizonte, ao longe, é a surpresa genesíaca que volta, é o tudo que se faz do nada quando o nevoeiro se dissipa (experiência bem sensível num alto de ilha ou ao largo da costa…)

> Por fora só o sinal duro
> Altera o estéril horizonte:
> Chega-se perto, e sai do escuro
> O fôlego, o pão, a vaca, a fonte.
> Ilha, capuz sem testa no mar ermo, […] [20]

Mau Tempo no Canal é um romance profundamente marcado de insularidade e da riqueza de conhecimentos de Vitorino Nemésio. Obra que, de resto, beneficia da experiência de ter estudado algum tempo na cidade da Horta e ter fixado uma geografia bastante pitoresca e açoriana, um, por assim dizer, «coração de arquipélago», com a noção de vizinhança de ilhas e o canal Pico — S. Jorge, visto da cidade faialense, «a cidade [que] era um camarote de frente para aquele palco de todo o ano»[21]; daí se pode assistir aos espectáculos aéreos de nuvens de nácar em forma bizarra, ora em anel, em montão, ora em «eterno capote-e-capelo», às vezes mostrando-se o Pico «com o cabeço roxo, cortado de uma nuvem cinzenta»[22]. São estes céus, desde a neblina fantástica às nuvens de nácar, ao «céu de algodão sujo que cobre todo o arquipélago»[23] e gera *o azorean torpor*[24], que mostram um dos traços da sensibilidade do autor ao clima, tornada uma segunda natureza. O clima, o céu, as nuvens, o azul ou o cinzento do mar não são elementos pitorescos ou regionalistas: são, sim, o resultado duma experiência quotidiana, bem mergulhada nos recessos da personalidade e jamais esquecida. Mas as nuvens e o tempo triste (com o «mormaço nas pedras e fastio de morte nas almas»[25]), o «cheiro a ressalga», o mar que faz parte do panorama do quintal de cada casa e se adivinha pela «ressonância remota e permanente»[26], as pedras de lava, os «torrões de bagacina esboroada»[27], o «cheirinho a figueira e ao bafo da

---

[19] *Ibid.,* p. 11.
[20] «Ilha ao Longe», in *O Verbo e a Morte.*
[21] *Mau Tempo no Canal*, Lisboa, s/d, p. 29.
[22] *Ibid.*, p. 140.
[23] *Ibid.*, p. 434 («*Epílogo*»).
[24] *Ibid.*
[25] *Ibid.*, p. 253.
[26] *Ibid.*, p. 228.
[27] *Ibid.*, p. 25.

lava quente» que vem das bandas de S. Jorge[28] — não são tudo. Há ainda todo o mundo rural e bucólico da ordenha e do amanhecer na montanha, o mundo marítimo e abissal onde se arrisca a vida, em lances em perseguição de uma baleia, e, sobretudo, o mundo provinciano e patriarcal da Horta, «terra em que tudo são heranças e negócios» e onde pouco vale a vontade duma rapariga[29] – exclama Margarida, magoada com o pai, que a quer casar com o tio Roberto para a fazer esquecer o João Garcia.., Este, aliás, com o seu feitio frouxo, apesar de estudante aplicado lá no continente, não podia aspirar à mão duma Clark-Dulmo, ainda para mais distanciada dele pelo conflito que afastara Januário da casa Clark & Sons, Ld.ª. Com efeito, o ressentimento e o ódio, a frustração e o isolamento curtido pelos sóis tímidos entre nuvens atlânticas, o lento fluir do tempo (de vez em quando suspenso pelas longas divagações do *narrador-historiador* e cronista erudito), a disponibilidade perante o Destino, que pesa sobre o futuro incerto daquela rapariga decidida e «com veneta», aquela Margarida enigmática que está *acima* e *além* da sociedade onde vive — essas, sim, são as notas predominantes do grande romance que, açoriano na alma e na substância, se eleva à universalidade do Homem confrontado com o *Fatum.*

O destino de Margarida resolve-se pela canoa que o mar leva a S. Jorge, afinal, à casa e à guarida dos futuros sogros; aqui a jovem faialense veria mais claro sobre os seus sentimentos a respeito do tio Roberto, e o leitor dá-se conta do discreto apoio afectivo que ela recebera daquele homem maduro, fleumático, sereno perante uma sociedade que se examina sem envolvimento. Morto Roberto, Margarida faz o que tem a fazer, o que a sociedade *esperava* que ela fizesse [30]: curva-se às garras dum destino que é o dela mas também o duma sociedade «aperreada atrás daquelas reixazinhas verdes lá das nossas Ilhas» [31]. Mas em Margarida Dulmo, «enigma vivo», predomina uma força interior, quase viril, uma determinação, uma corajosa aceitação do futuro — e lança, na baía de Angra, o anel de cabeça de serpente... Aceitação resoluta de partir, porém sem total desenraizamento, com aquele amor à terra que é o do próprio autor:

> [...] o *amor à nossa terra*... [...]. *Esse é talvez à parte; mais parecido com o outro... um pouco mais exigente... mas por isso mesmo também sujeito às suas loucuras e ao capricho da sorte* [...] [32].

---

[28] *Ibid.*, p. 338.

[29] *Ibid.*, p. 70.

[30] V. Maria Lúcia Lepecki, «Sobre *Mau Tempo no Canal*», in *Colóquio / Letras*, n ° 4, Dezembro 1971, transe. in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, 1974, pp. 167-175.

[31] Ed. cit., p. 105.

[32] *Ibid.*, «Epílogo», p. 457.

Outra faceta, não menos característica e profundamente assumida em Vitorino Nemésio, é a de poeta ao gosto popular (de resto, já no próprio *Mau Tempo no Canal* o Ti Amaro e o Manuel Bana documentam abundantemente o falar regional e a sabedoria popular); *a Festa Redonda* (*Décimas e Cantigas de Terreiro Oferecidas ao Povo da Ilha Terceira por Vitorino Nemésio, natural da dita ilha*, Lisboa, 1950, seis anos depois do *Mau Tempo no Canal*) apresenta quadras ao gosto popular em que se projectam aspectos da vida pastoril e uma *sabedoria* própria da sociedade rural insular. Não falta a nota folclórica (que nem sempre é só conhecimento de superfície e divulgação turística regionalista! — e em Nemésio geralmente nunca o é:

> Toiro na ponta da corda,
> Pancada, cana do ar,
> E o guarda-sol do Boi-Negro
> A abrir, a abrir e a fechar!
> O toiro, quando saiu,
> Com a pancada, estacou:
> Assim o meu coração,
> Quando te viu, parou[32].

Mas não é só a nota lírica popular do namoro nas touradas à corda; nem o quadro pastoril da ordenha e do conduzir o gado; a nota do sociólogo que confronta dois mundos, o antigo rural e o moderno nó de comunicações, a base das Lajes, também encontra expressão na poesia ao gosto popular:

> A mola da gasolina
> Secou o trigo do chão;
> Fez das Lages um terreiro,
> Oh que dor de coração![34]

Contribuição para o estudo da *açorianidade,* isto é, da insularidade historicamente assumida pelos Açorianos? Toda a obra de Nemésio o foi: a que escreveu, a que deixou nas suas lições, na exemplaridade do homem humaníssimo que tantas vezes se exprimia com a simplicidade do adagiário ilhéu (sabedoria do povo, memória das gerações...). Ao partir de férias (sempre curtas, porém retemperadoras da «alma» insular), dizia-nos irónica mas tristemente perplexo: «– E agora, como vai ser isto? Como é que vou lá dar aulas outra vez com esta pronúncia 'à moda da Terceira'?» Mas ia, reconciliado com Lisboa (e com o seu Tovim, aonde se deslocava tão pouco ultimamente, mau grado seu!).

---

[32] Obr. cit., pp. 91-92.
[34] *Ibid*., p. 103.

«Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba» — escreve em curtas linhas, no artigo «Açorianidade» (in *Insula*, n.os 7-8, Julho-Agosto 1932, número comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores). Não o fez; mas este artigo deixou definido lapidarmente o conceito de *açorianidade*; Nemésio, humanista e homem de cultura universal e abrangente, sente nos Açores um «corpo autónomo de terras portuguesas», mas igualmente «um autêntico viveiro de lusitanidade quatrocentista». Lá está a consciência de ilhéu, que só os grandes poetas ilhéus, como Roberto de Mesquita, ou talvez os grandes visitantes, como Raul Brandão, souberam exprimir: «Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; — e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar. […] Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu [...]» — ou, como dissera no Mau *Tempo no Canal*, «sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo»[35]. Açorianidade passa, pois, por ser uma alma que nos precede, com que nascemos, e uma memória histórica e geológica:

> *Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitdvel de tempo — e o tempo é espírito em* fieri.
>
> [...] *Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo* habitat *a uns montes de lava* [...]. *A geografia, para nós, vale outro tanto como a história* [...]. *Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.*

Efectivamente, a memória dum «açoriano de treze gerações» tem de ser longa em conhecimentos e em instintos; tem de espelhar os recessos íntimos da infância, a casa dos pais, a velha casa das tias, a sociedade insular da Praia, Angra ou da Horta dos Garcias e dos Dulmos, mas também ser «pedra de memória», a «pedra torrada, transtorno do mundo», que dá a casa, o pão, o vinho, o leite e os nevoeiros, que exige de cada ilhéu que regresse, ainda que idealmente, para a retribuição final.

> És isto, Ilha da noute,
> Evocação de légua.
> O que me deste dou-te
> Como ao pêlo do poldro a saliva da égua[36].

Angra do Heroísmo, 19. XII. 1978.

---

[35] Ed., cit., p. 16.
[36] «Ilha ao Longe», in *O Verbo e a Morte*.

NEMÉSIO
CLOWN DE DEUS

– glosa lírica a *Limite de Idade* *

Afinal sou assim, infeliz e volúvel,
Porque minha alma guarda uma ordem diversa
De pulsões celulares ao longo do seu eixo:
Decifre-me quem saiba, — que, dispersa,
Com nome de A. D. N. aqui na cruz a deixo.

(«*A. D. N.*», *in* Limite de Idade)

Como Caeiro, mas sem ficção alguma, Vitorino Nemésio guardou até ao «limite de idade» a sua «formidável infância». A infância merecida por quem nunca quis habitar nem conhecer muito a sério a realidade, a ficção da vida e a vida como ficção chegando-lhe e sobrando-lhe como tapete voador. Os aspectos mágicos da aventura humana e, entre eles, os da ciência, sempre o inspiraram. Jovem, dedicara, como todos os aprendizes de letras nacionais, o seu poema à viagem de Gago Coutinho. Em fim de vida, ou de viagem, este alto astronauta da fantasia continuava a deslumbrar-se, mais do que nunca, pelo lado icárico do destino humano. Nada de prometeísmo na sua inspiração que não foi nunca de revolta ou de combate de armas de luz com o anjo bíblico, território cedo ocupado por José Régio e Torga. O seu signo é o de Ariel, a sua vocação ascensional para compensar a plúmbea força de uma culpabilidade à Caliban, com que a vida, ou apenas o equívoco prazer dela, lhe enxarcou as asas de fogo do seu verbo livre e submisso no círculo de um Deus de misericórdia e de perdão. Mas à medida que a viagem se aproxima do seu termo previsível, o campo da sua experiência vital em vez de se encolher dilata-se, o universo vem ao seu encontro de eterno ilhéu de infância pobre, em termos de maravilha, com pânico ao fundo, e é através dele que o poeta de *O Pão e a Culpa* passeará como Pinocchio numa espécie de Luna Park biocósmico, selva dantesca iluminada a néon mais parecida com o paraíso que com a misteriosa entrada do inferno. *Limite de Idade* é o paradoxal roteiro de um poeta que caminha ao encontro da sua infância eterna na galáxia, que o conhecimento e a técnica construíram a meias convertendo a antiga morada humana numa permanente *feérie* com mudança de cenários à vista para esconder do nosso olhar aquela «árvore» plantada no coração da vida que dele não se esquece.

* In *Colóquio /Letras*, 48, Lisboa, Março de 1979.

Limite de Idade é a resposta do Poeta à idade que o ameaça e anula num tempo que se tornou o da Idade-Limite por não ter limites. Sob o manto mais que diáfano de uma fantasia verbal a poucas comparável, é menos o fascínio do mistério em plena luz que às grandes descobertas míticas corresponde que o fascínio filológico, porta aberta para sonhos improváveis e mera rampa de lançamento para a esfera imóvel dos seus propósitos e obsessões de Poeta (Morte, Pecado, Desejo, Memória, Alegria e Pânico). As cansadas palavras, à entropia semântica que as invade, Vitorino Nemésio opõe o rebanho apoético, enigmático todavia pela sua precisa imprecisão, dos conceitos-mitos que da Física e Biologia passam ao serviço do seu arbítrio justo de poeta,

> Transformador de pilhas em palavras,
> Campo electromagnético de delírios
> A que Maxwel algum equou perturbação,

e com este novo «traje de luces» se oferece couraçada ao «Touro sem Europa», coração plural como Rubén Darío, em transe de presságio e agonia. A sua lábil e ardente curiosidade encontrou sempre pasto na vasta pradaria da alta vulgarização, lida e pensada com deleite, mas seria ofender o homem de imaginação nele glosar com ademanes profundos, alusões ou fórmulas de carácter científico que não foram nunca para ele senão metáforas líricas e cenário lúdico para o teatro da sua dramática interioridade subvertida e salva pela graça humana e divina do humor. Sob as distracções (autênticas) de diletante, V. Nemésio foi um homem de larga e omnímoda informação, atento a tudo como o seu admirado Montaigne, mas tudo submetendo às operações de um imaginário ao serviço dos seus fantasmas, ou vive-versa. Max Planck, Einstein, André Lwoff ou as musas ADN, Adrenalina, Keratina e consortes, são referências ou divertidas entidades cujo mecanismo governa o ingovernável mundo da vida humana com destino ao mesmo tempo programado e aleatório. Este passeio fictício entre a realidade submetida à cronologia profética dos cromossomas e a ucronia anterior a tudo quanto tomou forma e vida é evocado por Nemésio com plausível magia num dos poemas mais característicos do seu penúltimo livro, «A Idade do Mundo»:

> Da fundura do tempo ucrónico, sem duração nem forma,
> Rebenta tempo real, tempo de coisas,
> E assim a Idade se forma na informação e na contagem.

Não se pense que a viagem à sombra da ciência nova sirva ao poeta do *Verbo e da Morte* para redourar à sua maneira o brasão um

pouco delido de Mister Darwin. Também não a incita à sua recusa, mas a uma espécie de recriação mítica em que evolução e criação se conjugam no advento de um mundo como escapado das mãos de Deus para auroras improváveis de que o Poeta não exclui a pior:

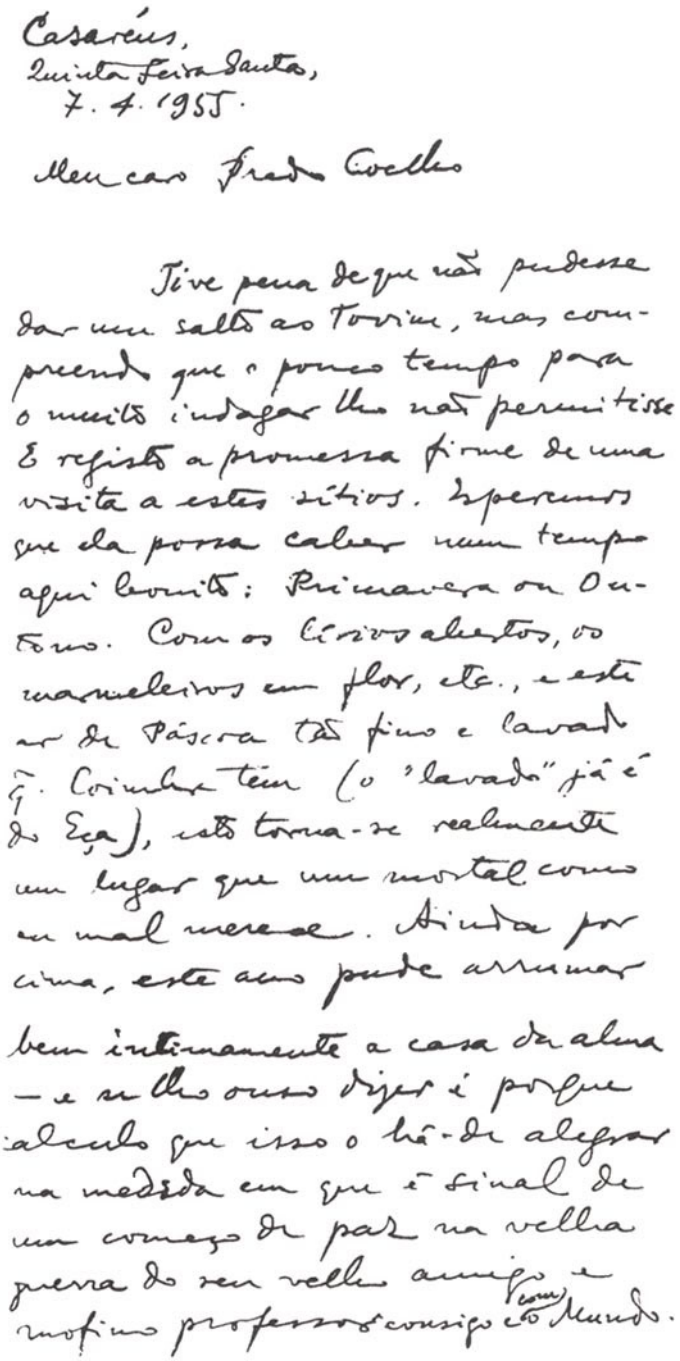
> Do humilde dia astral, já suado no hominídeo
> Erguido da brutalidade e do espanto ainda bronco,
> O tempo universal encorpa como um tronco.
> Ainda não é a manhã de todos e já é a aurora de alguns.

Os dados estão lançados, menos no chão do destino que naquele espaço-tempo ou tempo-sem-espaço que Pessoa evoca como reflexo de um outro espaço e tempo para nós impensáveis, dados que da pedra lascada onde o foguetão já está inscrito prosseguirão por dentro do homem a viagem programada e o sonho imóvel à espera de Freud para o saber:

> Assim, para que a Idade se delimite e o tempo avance,
> Há um sofrer nocturno na alta noite de gelos,
> Um furor suposto de macho único assassinado.
> A clínica de Viena ainda não tem divã
> Mas já o homem se deita num colchão de ventre e epitélio.
> O hidrogénio nasceu prometido ao carbono:
> Vem aí, vem aí uma alvorada de hélio!

Este final onde a angústia pela aventura cósmica da humanidade transparece terá noutros poemas, e em termos mais próximos dos outros livros de V. Nemésio, a sua permanente expressão. Não há hiato entre o autor de *O Verbo e a Morte* e este passageiro tardio, um pouco extemporâneo, das naves astrais ou do simples avião em que a antiga obsessão da «Velhinha» encontra uma ocasião singular para lhe destilar no corpo, na alma, e na fantasia até ao fim coladas ao seu universo açoriano de bruma, sonho e evasão, o cravo da nostalgia infinita das presenças sem presença:

> Chamarei os velhos que foram
> No bosque humano
> Eu velho agora
> novo para eles
> No tronco antigo
> de Neanderthal.


Casarões,
Quinta Feira Santa,
7. 4. 1955.

Meu caro Prado Coelho

Tive pena de que não pudesse dar um salto ao Torrão, mas compreendo que o pouco tempo para o muito indagar lho não permitisse. E registo a promessa firme de uma visita a estes sítios. Esperemos que da possa caber num tempo aqui bonito: Primavera ou Outono. Com os lírios abertos, os marmeleiros em flor, etc., e este ar de Páscoa tão fino e lavado. Coimbra tem (o "lavado" já é de Ega), esta torna-se realmente um lugar que um mortal como eu mal merece. Ainda por cima, este ano pude arrumar bem intimamente a casa da alma — e se lho ouso dizer é porque calculo que isso o há-de alegrar na medida em que é final de um começo de paz na velha guerra do seu velho amigo e mofino professor consigo (e com) o Mundo.

Trecho de uma carta inédita de Vitorino Nemésio

No mundo da informática e dos *robots* próximos que lhe fornece «imagens» novas mas não mais insólitas do que sempre foram as suas, o poeta de *Limite de Idade* conserva e reforça o cordão umbilical que o liga não apenas à terra perdida e viva das gerações, mas à pura e viva infância de ilhéu outrora e agora feliz de se rememorar boieiro junqueirianamente morto como seu bisavô:

> Não negarei poesia de antes
> Com poesia de depois
> Mas sim direi com moléculas:
> Fosse eu o niño dos bois!
> Sim, o menino da aguilhada
> Do meu bisavô boieiro:
> Dono de bois,
> Dono de bois,
> Cheirando fusco de pêlo,
> Raspa de chifre, bosta de vaca,
> Verde erva verde no leite branco,
> Azul azul do céu rogado
> Em genes meus cromossomado;
> O céu do mar, amplo de lua
> Com coisa que fosse tua.
> Que fosse tua
> Como eu já sou
> Nem de ninguém nem de nada,
> Apenas tinta encarnada,
> Pobre guanina mutada
> Na Dupla Hélice nada.

Como em toda a poesia de Nemésio, alterna em *Limite de Idade* o mais pungente mergulho nas suas abissais interrogações de homem vogando por entre a constelação misteriosa da existência e o humor subversivo que lhe é reverso e tábua de salvação, quando não é também amor filológico do delírio que o mundo, por assim dizer, autónomo das palavras «em liberdade» organiza com a complacência e a bênção do poeta e de que o impagável «Semântica Electrónica» é exemplo ímpar:

> Ordeno ao ordenador que me ordene o ordenado
> Ordeno ao ordenhador que me ordenhe o ordenhado
> Ordinalmente
> Ordenadamente
> Ordeiramente.
> Mas o desordeiro
> Quebrou o ordenador
> E eu já não dou ordens

Coordenadas
Seja a quem for.
Então resolvo tomar ordens
Menores, maiores,
E sou ordenado,
Enfim — o ordenado
Que tentei ordenhar ao ordenador quebrado.

É deste lirismo paródico da nova Idade com o «cogumelo venenoso» plantado no centro do artificial paraíso, no sítio exacto da árvore divina, que Nemésio inunda a segunda parte de *Limite de Idade,* intitulada quase surrealisticamente «Cão Atómico, etc. e Biopoemas». Quase, pois não é da pura pulsão do inconsciente que V. Nemésio fia a sua imprevista, insólita e calculada visão poética mas de um espírito de «jongleria» mística, mais próxima de Apollinaire e Max Jacob que de André Breton e seus companheiros. De Max Jacob, sobretudo, clown de Deus, como Nemésio, a quem o humor, aqui mais que em livro algum, serve de voluntária máscara de afogado em vida à espera de passar são e salvo para a outra margem:

Estendo-me na morte,
Ainda em lençóis de vida:
As enzimas alerta,
A catálise certa
Na carne arrependida.
Preparo-me sangrando
Só na circulação:
Bate a ritmo brando
Meu áspero coração.
[...]
Saberei no disperso
Do ácido aminado
Que a rima do meu verso
Diz amor
Acabado:
Ca-dá-ver...
Até ver
Se sou ressuscitado.

É nesta íntima sístole e diástole de angústia e humor que o poeta de *Eu, Comovido a Oeste* joga na praça da vida e de Deus o seu destino de poeta metafísico que nunca se tomou a sério senão sob a máscara burlesca da contorção verbal ou da contrição do pecador. Sem máscara aparente pode interrogar a esfinge com a ressonância do verbo heideggeriano:

Quando voltará o Sentido à casa do Homem?
Quando chegará a Loucura à árvore do Símio
E o Siso ao Equinoderme,
Cucumária abissal esmagada nas ondas?

mas é para si mesmo como esfinge para sempre indecifrável que reserva o humor, última carícia, com rosto do eterno feminino onde se afundou sempre com armas e bagagens:

O sorriso da hospedeira passou do círculo à elipse,
É gomo e foco a voo:
[...]
Faz-se triste em ganhar sua vida sorrindo,
Mas dispõe bem, voa connosco.
Eu sei que ela envelhece,
Os reactores do avião serão sucata um dia,
Nós seremos chumbados a maçarico
Pelos hospedeiros da Funerária,
A viagem terá seu termo ou não, biosférico,
E tudo finalmente se arranjará
Na rosa dos ventos elísios
A 1400 km à hora, com um empurrãozinho à cauda
Pois é...
Nasce o animal à tarde, cresce de noite, vai a Tebas,
Perguntamos ralados à Esfinge por seus pêlos,
Ninguém responde e tudo finge:
É isso a Esfinge.
«Mas» — como diz o Régio — «ao terceiro dia hei-de acordar».
Nessa Presença sim, é que estamos os dois,
No dia de lá:
Por enquanto voo, amigo, com sílabas e iões, do Canadá.

Entre o círculo de Régio e a elipse da hospedeira celeste, o voo assimptótico de Nemésio, algures entre o Canadá e a Morte, sempre entre a sua infância imaculada e o seu coração amassado no lodo gostoso do mundo, traça a sua curva programada desde a origem no ordenador de Deus, curva de poesia sem outra idade que a da Idade a que entregou sem reticências sentidos, paixão, humor, fantasia e um fundo e doloroso amor.

Vence, 19 de Janeiro de 1979

NEMÉSIO: O LANCE DO VERBO *

É difícil fazer caber na dimensão de um ensaio uma síntese que seja realmente compreensiva da *pessoa poética* de Vitorino Nemésio. Prefiro a expressão pessoa poética à de voz poética, porque me parece que ela dá mais exacta e *per-sonante* conta da dimensão humana (o que não é evidentemente o mesmo que biográfica ou anedótica) da escrita literária. E prefiro também não tentar os riscos de tal síntese, discorrendo sem programa prévio, à volta de alguns aspectos da poesia de Nemésio.

Pode dizer-se e tem-se dito, com efeito, que ele foi uma certa afinidade com o presencismo, ou uma certa derivação do simbolismo, ou uma certa vivência do popular na sua radicação mais genuína, ou uma certa expressão mística e filosofante da nossa poesia; mas Nemésio sempre escapa de algum modo às classificações, pelo que pode também dizer-se que, tendo sido tudo isso, ele foi muito mais do que tudo isso: e foi sobretudo uma consciência que existencialmente dramatizou ou pôs em questão, sem olhar a «ismos» ou escolas, mas atendendo essencialmente ao impulso interior transbordante no verbo que nele e *por ele* se viabilizava, a palavra na sua relação com o mundo. E talvez valesse a pena aplicar a Nemésio muito do que ele próprio escreveu sobre outros autores, operação que, comportando perigos, não deixa também de proporcionar iluminações importantes, entre elas a que põe à vista a íntima complementaridade entre o Nemésio crítico e o Nemésio poeta, por vezes até no plano imagístico. Os riscos da critica de poesia conhecia-os ele: «Nem sempre o modo crítico é o melhor para falar de poesia: o modo poético também lhe convém como uma forma de hermenêutica — arte de interpretação do que é simbólico». E, pegando no título de um dos seus livros, mais adequado seria falar do Nemésio *conhecedor* de poesia, no preciso sentido em que ele próprio também escreveu: «a poesia é, mais do que uma arte, uma actividade espiritual e específica, no exercício da qual não buscamos entendidos que no-la contem, senão espíritos afins a quem gratuitamente a comunicamos».

Começando por aqui, e aproveitando dois textos de heterogénea natureza, é interessante observar que da própria poesia de Nemésio se pode dizer, como este faz de Verlaine que «a consciência da culpa irrompe na sua lamentável carcaça — e um confessor, uma igreja em silêncio, a mesa deserta e azeda de um café, o catre de uma prisão ou a infecta cama de uma casa de hóspedes, tudo lhe serve para tomar o peso

* *O lance do verbo*, Lisboa, s.e.,1980.

de uma responsabilidade que se não efectiva, em última análise, senão pela entrega total de um destino miserável em mãos de misericórdia.» Confronte-se com estes passos do *De Profundis*:

> Sejam vossos ouvidos atentos (ah, Senhor
> Assim se diz, assim seja!)
> À voz da minha culpa e do meu nada —
> Maior, neste clamor
> E na miséria que esse olhar deseja,
> Que toda a coisa principiada.
> (…)
> Levanto o meu queixume,
> Pura evaporação,
> Secada pelo teu lume,
> (…)
>
> Senhor que me sujei na força da agonia
> E em minhas lágrimas me lavo,
> Como um velhinho fazia
> No catre do hospital, fedendo a murta e alho bravo –
> Uma algália nas partes, algodão num ouvido:
> Só por cima da colcha uma mosca o afagava
> Enquanto ele chorava,
> Todo borrado e comovido.
>
> (*O Bicho Harmonioso*)

Nemésio é portanto, como deste texto aliás logo ressalta, um poeta do concreto da vida e da angústia, das experiências da morte e de Deus; é-o também da responsabilidade do *sentido* e da alegria dos sentidos, da interrogação e da curiosidade incessante, das coisas humildemente artesanais (escreve ele de Supervielle: «acerca-se das coisas, toma-as na sua humildade e, convidando-nos a uma operação interior de simplificação e desadorno é em nós que talha o vestido radiante dessas coisas»); tudo isso e o mais que, aliado ao seu sentido da tradição e da inovação, ele soube elevar a uma intensíssima densidade de expressão, faz da sua obra um incomparável mo(nu)mento criador do nosso século XX.

É um poeta que eu gostaria de aproximar de Goethe na quase universalidade da vastíssima informação inter-disciplinar e inter-relacionadora, na sensibilidade extremamente agudizada, na grande versatilidade expressiva, que lhe permitiam chegar a uma certa e íntima verdade das coisas e do mundo, muitas vezes com uma simplicidade aparentemente total. E Nemésio também cultivou com preferência uma aparente «ingenuidade» de meios para surpreender,

através dos registos mais variados, certas zonas crispadamente angustiadas da condição humana.

Não se esqueça, por outro lado, que Nemésio sustentava encontrarem-se «os momentos mais felizes e originais da poesia portuguesa (…) nas escolas, movimentos e personalidades que assimilavam à lei do génio nacional o inevitável influxo estranho e hiperculto». E também: «apesar da permeabilidade a círculos culturais mais latos, nenhuma das nossas experiências poéticas com o de fora resultou em pura perda». Esta ideia era-lhe cara, e basta ler, para constatá-lo, os seus textos sobre as fontes da poesia portuguesa, ou sobre António Nobre, Roberto de Mesquita ou Eugénio de Andrade. Daí que, nesta perspectiva do cruzamento de *seivas nossas* com influxos alheios, seja possível e importante fazer uma aproximação, de tipo por assim dizer genético (mas não só), da poesia de Nemésio com o simbolismo, como aliás tem sido pressuposto, implícita ou explicitamente, pela maioria da critica que dela capazmente se tem ocupado. Como ele também disse, «poesia e símbolo aliaram-se estreitamente na literatura europeia — na sua consciência estética — quando a vaga de confissão do romantismo ficou espraiada, sem força para inventar mais». E é a partir deste europeu tronco comum que, sem perda de substância portuguesa tal como naqueles casos, Nemésio tem muito a ver com os simbolistas, enquanto procuravam chegar, através da palavra poética, àquele núcleo íntimo das coisas de que, uma vez posto a descoberto (com ressalva de quanto também era o íntimo mistério da essencialidade delas), iluminantemente irradiasse, em surpresa intuição, a pura evidência da nossa relação com o mundo, assim mediatizada em termos de «inteligência sensível», embora não discursiva ou logicamente inteligível (Nemésio sobre Guillén: «mais que experiência lírica, dir-se-ia uma teoria do conhecimento inefável, a exploração dos termos em que é possível falar dos sinais misteriosos das coisas»; Nemésio sobre João Maia: «*selva essente*: quer dizer, o campo em que o homem inquieto procura *fazer o ser*. Esse homem é o poeta e o filósofo situados na fronteira que os indetermina. Assim poesia e ontologia se tocam naturalmente»). A isto voltaremos.

A *hantise* da infância perdida é, de resto, um dos tópicos mais recorrentemente explorados no sentido daquela pura evidência, desde um precursoramente arrojado William Blake — e creio estar por estudar a fundo a relação de Nemésio com ele, bem patente, aliás, e por vezes quase literalmente, em vários textos, como, p. ex., «Uma rosa cortada / E roida do bicho / Boia na água estagnada, / Minha força e capricho» — até um Rainer Maria Rilke elaboradamente essencialista e vários outros. O que tem a ver com uma espécie de *diáspora interior* que, na idade adulta, leve à recuperação, de carga poético-existencial, dessa fase inicial da vida em que o homem, num certo sentido, não se opõe ao mundo, antes se encontra em indiferenciada comunhão com ele. Essa consciência do *exílio*

da infância — vai de par com uma recusa do império real ou fictício da razão na vida prática (Nemésio: «Este orbe de coisas, pessoas e relações profundamente animadas é regido por uma espécie de inocência ou, se ouso dizer, divina estupidez, que deve ser a garantia que Superville lhes dá para se deixarem captar com confiança». Cf. ainda: «A razão, o conhecimento pertencem ao plano da existência; a realidade está no Ser de Deus e na divina ignorância do poeta»). Ora, nas poéticas simbolistas, a razão não domina a história e muito menos o indivíduo; e já Pessanha falava dos desvios em que a razão se perde (adiante veremos em que termos se pode falar da razão em Nemésio). Aliás, bem poderíamos perguntar-nos, ante a frequência do fenómeno, se a experiência ou a consciência vivida do exílio, qualquer que ele seja, interior ou exterior, no tempo ou no espaço, ou em ambos, não constitui um dos motores constantes da criação poética. Eis-nos perante um tempo perdido que obsessivamente se busca, como momento lustral da existência *inocente*, ou de pura identidade com uma curta dimensão órfica do mundo, a inaugurar este no acesso aos seus mistérios *gratificantes*; o que implica se lhe confira um potencial de irracionalidade recuado até às fronteiras verbais de uma evidência imediatamente integradora das coisas e dos seres num todo ilimitado — e também permite um contraponto de teorização que vai desde *o Apeiron* de Anaximandro até ao *das Offene* de Rilke (e é sintomático que também em Nemésio apareça o anjo…).

Percorrendo a esta luz os textos de Vitorino Nemésio, creio que pode dizer-se ter sido ele o *simbolista possível*, depois de Camilo Pessanha, do séc. XX português, com toda a inexactidão que esta formulação também comporta. E o possível porque, não se tratando de adesão de escola, mas de parentesco decorrente de uma especial maneira de poeticamente ser ou se inserir («todo o campo poético é de interioridade»), redundou ela em situação contaminada por outras experiências do seu tempo (Orpheu, *presença,* surrealismo, etc.) e ela mesma contaminante de outras ainda. Nem Nemésio ignorou as dialécticas da razão pessoana (e valéryana) — e também o simbolismo tinha a ver com elas — nem as audácias do confessionalismo presencista e das explorações que, em vários registos e não menos vários mergulhos, este fazia do mundo interior, nem algum automatismo de «sotie» ou até surrealizante, nem a tradição místico-barroca, nem o tropismo regionalista insularizado, nem nenhum dos elementos que compõem a vastíssima gama modal da literatura contemporânea. Poeta mais de confluências do que de influências, digamos que integrou isso tudo na síntese pessoalíssima e humoralmente irisada da sua arte poética — agilmente adestrada a articular os processos e a caldear os materiais, com uma vivacidade, uma autenticidade e uma capacidade de surpreender que o tornam um caso único (e exemplar) da nossa literatura. Por isso Vitorino

Nemésio é o poeta de um *estilo* (o seu, pessoal, único e intransmissível), mas não, a rigor, de uma escola.

II

Um dos exemplos mais antigos e mais perfeitos do modo como as componentes referidas se encontram na sua criação poética são os «Versos a uma cabrinha que eu tive», texto incluído em *Eu, Comovido a Oeste*, que vale a pena nos detenhamos um pouco: seis estrofes regulares, das quais cinco de quatro versos e uma de cinco, oscilando entre o verso de seis sílabas e o de sete, com excepção dos dois últimos, que são de quatro sílabas. Logo no título vem implícita a referência à infância: o verbo no pretérito perfeito (*eu tive*) provoca a remissão para um passado inequivocamente qualificado e situado pelo termo *cabrinha*; e a própria expressão *ter tido uma cabrinha* coloca um contexto infantil imediatamente relacionável, e recuperado, em termos de experiências semelhantes ou próximas, com a primeira fase da vida, o que se reforça pela toada dos versos, aparentemente simples e, como de narração para crianças, e ainda pelo emprego de outros diminutivos (*badalinho, casquinho*) próprios da fala infantil. Mas, já no texto, o pequeno animal que uma vez se *teve*, é *presentificado*, como decorre das formas verbais empregadas, todas no presente do indicativo. Não é só uma operação de memória que lhe confere uma existência no agora; é também e principalmente uma vivência restituída e instituída pela palavra, o re-fazer(-se) de um momento da existência tornado simbolicamente actual e actuante quanto a uma «misteriosa» complementaridade pressentida entre a vida e a morte e quanto a uma passagem por e entre:

> Com seu focinho húmido
> Esta cabrinha colhe
> Qualquer sinal de noite
> De que a erva se molhe.

A noite, noutro texto de *Eu, Comovido a Oeste*, é chamada «*matéria da morte*». Identicamente, aqui, é algo de que a cabrinha tem de proteger-se (3.ª estrofe). E matéria que *deposita* ou *precipita* elementos imprescindíveis à vida, água, orvalho que fica sobre a erva. *A cabrinha* é o pequeno animal palpitante de vida (*focinho húmido* – e aqui uma primeira contiguidade entre a humidade do focinho e a que da noite vem à erva) que procura sobre a paisagem os sinais de noite de que alimenta a vida; e é também um ser de passagem entre o reino vegetal e o animal, numa indiferenciação com o mundo que se vai acentuando ao

longo do texto e até numa indiferenciação entre o visual (*flor pendente)* e o sonoro (*o badalinho*)

> Daquela flor pendente
> Pra que seu passo apela
> Parece que a semente
> É o badalinho dela.

Atraída pela flor (e repare-se em como uma sugestiva aliteração marca habilmente os tempos curtos do trajecto: *pendente / Pra que seu passo apela / Parece*), na belíssima imagem dos 3.º e 4.º versos desta estrofe insinua-se o sinal de vida (*semente / badalinho*). Por isso, e embora a noite lhe forneça alimento (não só a noite, como veremos), a cabrinha, ser vivo e portadora de vida, dela tem de abrigar-se:

> Sua pelerina escura
> Vela-a da noite sentida;

o que lhe permite prosseguir na passagem resguardada através do mundo que vai interligando. Porque esse trânsito a marca e lhe deixa vestígios, tal como a *noite* (pre-) *sentida.* Às gotas de orvalho, *sinais de noite*, que procura nas ervas, e que alimentam, sucedem-se as que também se depositam por miríades na pelerina escura que daquela a protege, sinais de noite também, sim, mas igualmente *sinais de vida* porque a reflectem e contêm (esta tangencialidade íntima de uns e outros é, aliás, reforçada pela oposição noite *sentida / vida*):

> Tem cada pêlo uma gota,
> Com passos, poeira, vida.

Este lado itinerante ou deambulante constitui a secção central do poema, vindo insinuado em cada uma das 2.ª, 3.ª , 4.ª e 5.ª estrofes. Significativamente o verso passou, entretanto, para as sete sílabas.

A mesma aliteração já referida é retomada com idêntico fim (*Tem cada pêlo uma gota / Com passos, poeira*). Mas à passagem não se assiste apenas no campo visual. Se até aqui tínhamos a cabrinha vista de fora, nas 4.ª e 5.ª estrofes é-nos dada a síntese de todo um processo biológico, de vida interna e interior, observado (por um momento através da consciência adulta) na transmutação daquilo que vai atravessando e colhendo na sua própria condição:

> De silêncios, silvas, fome,
> Compõe nos úberes cheios
> Toda a razão do seu nome
> E fruto dos seus passeios.

Ao badalinho, seguem-se os silêncios, à flor pendente as silvas, à erva molhada a fome; mas de tudo isto se elabora a vida (*compõe nos úberes cheios*), à semente segue-se o fruto, tudo germinou e os próprios obstáculos e condições difíceis se transformam em elementos de renovação da existência. E assim às ásperas condições do primeiro verso (*silêncio, silvas, fome*) se opõem os úberes cheios e o fruto. Mas não é só a atenuação da fronteira entre o vegetal e o animal, ou entre o fora e o dentro que se suprime. A passagem também se faz do sistema vegetativo para a mente. E devagar, com uma imagem (*já marcha grave / como os navios entrando*) que neutraliza o passo miúdo sugerido pelas aliterações mencionadas, introduz um novo andamento e modula no sentido de preparar a imobilidade final, a cabrinha avança, com alguma «suave consciência» através de admiráveis oposições implícitas (*marcha grave, pesada dos pensamentos* – que não pesam porque são... *da sua vida suave*):

> Assim já marcha grave
> Como os navios entrando,
> Pesada dos pensamentos
> Da sua vida suave.

Até que se equilibra, suspensa e imóvel, numa imagem de grande qualidade visual e sugestão emblemática, resumindo o secreto acordo das tensões vitais que confluem no «mistério» da existência, tal como o ovo, forma perfeita da origem da vida, e a ave, ser pronto a levantar voo. A fechar, o verso contrai-se, para as quatro sílabas, aumentando a força do efeito final. A mesma aliteração principal *(pendente, pura, passo, apela, parece, pelerina, pêlo, passos, poeira, passeios, pesada, pensamentos, puro, penedo)* cuja labialidade, ao longo do texto, reforça a imagem da cabra (ao que outros efeitos poderiam acrescentar-se: *cabrinha, colhe, gota, úberes, grave, casquinhos, tocada, grande, equilibrado)*, constitui um autêntico prodígio técnico, reforçando sucessivamente a expressão da marcha, o pensamento e a imobilidade (no *puro penedo)*, como o constituem também o entrecruzar de novas aliterações na estrofe final, a resolver as tensões musicais (*casquinhos tocado / …como o ovo e a ave / grande segredo / equilibrado)* e ainda o contraponto feito às oposições que ficaram referidas por uma série de correspondências: *húmido / molhe; erva / flor; pendente / badalinho; pelerina / pêlos; sinal de noite / gota; semente / fruto; grave / pesada,* etc.:

> E enfim, no puro penedo
> De seus casquinhos tocado,
> Está como o ovo e a ave:
> Grande segredo
> Equilibrado.

III

Dado este exemplo, que se afigura suficientemente característico da criação nemesiana e de alguns dos processos técnico-literários nela usados ao longo de praticamente toda a obra, dispenso-me de explorar o catálogo temático desta para mais do que seja tentar o enfoque de um percurso de que vimos um dos primeiros momentos e que, em termos de obra poética publicada em volume, se encerra com *Sapateia Açoriana.*

Têm sido muitas vezes citadas as palavras de Nemésio sobre o seu pensamento poético, «com os temas coerentes e reiterados do sentido da existência pela representação do passado: o mundo da infância no microcosmo da Ilha: o isolamento no seio de uma comunidade patriarcal: a revelação de Deus e do próximo na vizinhança e na família, do destino no amor e na promessa da morte» –. Sigamos aproximadamente a ordem desta síntese.

E, começando pela insularidade, há que enquadra-la em duas perspectivas. Na primeira, a originária, a própria condição de ilhéu desenvolve uma determinada capacidade de enfrentar a existência e de recusar o isolamento (Nemésio: «Tomo aqui a palavra *isolamento* no seu sentido etimológico: solidão de ilha. Um homem numa rocha e em volta o mar»), mesmo que o mundo, para tanto, tenha de ser recuperado pela palavra poética que redescobre a Ilha e a dota de um funcionamento na memória e de um sentido no presente: «dobrado sobre si mesmo, o ilhéu tem de ser inventivo, suprir o seu racionamento (filho da solidão geográfica) por uma vasta virtualidade de que dota as coisas — especializando, por assim dizer, o que é particular num exercício geral, o que é privativo de uma função em várias funções circunvizinhas». Isto, que sobre Roberto de Mesquita escreve, retrata-o a ele também. Nemésio viveu intensamente essa insularidade e, na recusa do isolamento que lhe correspondia, buscou reencontrar pela memória poética e pelo símbolo investido de poderes de acesso à totalidade, a solidariedade perdida com os grandes ciclos reguladores da natureza e da vida, com a família, célula base da vida social na sua projecção espacio-temporal, com o *Erlebnis* primordial, a experiência vivida de um mundo real, mas a um tempo concreto e simbólico, que só o verbo pode restituir (instituindo-o) e transfigurar (o mar, a ilha, a casa, a família, os animais, os ofícios).

Para a segunda perspectiva em que convém enquadrar a questão da insularidade ou isolamento, deve pensar-se em que, na moderna sociedade industrial, de hipertrofia organizacional do Estado e de dia a dia cada vez mais regrado pela desumanização cibernética, acelerada por um processo tecnológico que ameaça a vida de extinção e em que o individualismo egoísta, na crise e confusão dos valores, o afasta cada vez mais de um são sentido comunitário da existência, o homem, do mesmo passo que se vai des-solidarizando da comunidade, vai-se tornando uma

ilha em si mesmo. E Nemésio viveu também esta outra e generalizada insularidade, redutora da condição e da vocação da pessoa humana. A ela reage, de modo a abrir a esse outro «exílio» as necessárias portas para o ar livre, não só pela integração da ilha e da sua vida ancestralmente regida numa ordem mítica que reinstala no presente um modelo ético-social em contraposição a este, como por um comércio quotidiano com a simplicidade das coisas como primeira via para chegar à graça de Deus e, mais tarde, por uma tentativa de equacionar vida, ciência e conhecimento poético, reintegrando-os numa visão cósmica, como é a de *Limite de Idade.* Isto será talvez uma chave para o conhecido não-empenhamento político de Nemésio, ou, dizendo melhor, para o seu alheamento face à contingência política e ideológica. Na verdade, Nemésio estava muito mais preocupado com uma dimensão ontologicamente restituidora da plenitude do homem, ou, como ele escreveu, com «uma ordem superior de que o homem fosse degradado e de que conservasse virtualmente os lineamentos da figura que tem de reconstruir». É na tarefa dessa reconstrução que normalmente se degladiam ciência e poesia, conhecimento positivo e conhecimento poético, cibernética e mensagem metafísica, como a seu tempo veremos.

Entretanto, se a memória angustiada e a vivência do tempo o levam a recriar o universo da infância na ilha, reanexando-o como província central da sua realidade íntima, a força e a vontade de vida e a palavra que nele transbordam abrem-lhe também caminho para as incandescentes fulgurações da experiência de Deus, de Eros e da Morte. Nestas entidades, sucessiva ou simultaneamente, se resolve o drama, por qualquer delas poder dar *um* sentido (o sentido) ao mundo. E advirta-se que a parte mais importante da poesia escrita por Nemésio sob o signo de Eros não é ainda conhecida senão fragmentariamente, bem sendo de prever que se venha a tornar necessário *repensar* Nemésio quando essa zona inédita da sua obra for publicada.

IV

Passemos agora à revelação de Deus: no exemplar de *O Pão e a Culpa* de que me servi encontra-se uma comovente dedicatória do autor oferecendo-o a pessoas amigas. Essa dedicatória é de 25-1-77, ou seja, menos de um mês antes da sua morte, e aí se lê: « (...) estas 'asceses' passadas, mas que muito marcaram o seu velho e grato Vitorino Nemésio».

Este auto-testemunho de um homem às portas da morte sobre um livro publicado vinte e dois anos antes, aponta, com rigorosa e total economia, uma das faces mais importantes da criação nemesiana: tratou-se de uma *ascese* em que ela fundamente se implicou e de que lhe vieram as correspondentes marcas. Ascese, e portanto uma elevação, no sentido

do transcendente, do homem na sua humanidade. Por aqui, uma diferença com Rilke: não estamos perante uma *reine Uebersteigung*, a partir das metamorfoses operadas pelo canto, mas sim ante uma humana *impureza* que como tal se assume e procura: superar-se. E termos, assim, não tanto a fuga mística em êxtase de fogo que noutro Nemésio se nos depara, como um envolvimento e desenvolvimento (uso quanto a *O Pão e a Culpa* uma expressão que é de E. do Prado Coelho a propósito de *O Verbo e a Morte),* no e pelo quotidiano, em busca da Graça divina a partir da humildade do plano em que humanamente se situa. E que arranca simetricamente do concreto das coisas mais humildes do dia a dia, buscando encontrar nele a presença imediata do divino (mais tarde, a tentativa será antes a de procurar *os modos de Deus* através da relação angélica que, se bem atentarmos, percorre toda a sua obra, desde os «Anjos de matéria nenhuma e de toda a arrogância» (*O Bicho Harmonioso*) até aos mediadores, «ávidos de transe e rapidez», que podem ser também dotados de uma rilkeana *Schrecklichkeit*:

> Anjos são os terríveis
> Modos de Deus connosco;
> Nós, as suas possíveis
> Transparências a fosco.
>
> *(O Pão e a Culpa)*

Trata-se pois de apreender essa função intercessora entre o humano e o divino, de iluminar a fosca transparência, o que supõe um trabalho sobre o real e a sua intimidade. Porque Nemésio, anti-Caeiro, é aqui um poeta do real íntimo, espécie de alimento *comunicante* e desvendado –

> Desde que me conheço sei o pão
> E o corto em companhia.
>
> *(O Pão e a Culpa)*

– a partir da sua própria concreção, da sua espessura de existir, simultaneamente restituída e transfigurada na palavra poética, a mostrar que a relação do homem com Deus supõe uma relação prévia do homem com o mundo. E reside aqui uma das qualidades essenciais do seu *realismo*, bem como uma das razões (há outras) por que a grande poesia de vocação religiosa é susceptível de tocar o leitor não crente: há uma *verdade* do real em relação à qual ela nunca perde o pé. E essa verdade, afirmada ao nível de enunciados do concreto redescoberto, transpõe-se para outros registos, sem deixar de se afirmar e de reorganizar a nossa percepção, como nesta

Roseira

A área da rosa é o seu perfil de orvalho.
Abro à manhã quantas cultivo:
Se espinhos têm dos pregos do meu soalho
É que ainda moro vivo.

Mas mesmo rosas de madeira,
Com a cor da lama do meu passo,
Sem graça, aroma, nem maneira,
Dou-as a Deus. É do que faço
Nesta estrumeira.

(*O Pão e a Culpa*)

Ou como nessa obra-prima que é o soneto A *Virgem da Cova* e em tantos outros exemplos que poderiam chamar-se à colação, sobretudo naqueles em que ao *peso* do real recuperado verbalmente se alia a elegância da formulação:

Ó concisão das árvores esguias,
Que se acusam num nada exactamente!
Os ciprestes são tristes só pelas guias;
Um lindo enterro só com pouca gente.

(*O Pão e a Culpa*)

Um torrão de barro!
Eu vi um torrão de barro
Fresco, na enxada, e uma minhoca!
Aquele torrão cheiroso
Era a toca!

(Nem toda a noite a vida)

Ou ainda, quando uma única metáfora basta para suporte de todo o desenvolvimento, porque a sua exactidão inova a descoberta de uma relação *diferente* quanto o pode ser partir de um coelho para as operações da memória:

Tal o coelho minucioso
Com a serralha que desfia,
Vem a memória ao silencioso
Cortar lembranças todo o dia.

Guarda as mais grossas para o que olha;
No amor a cólera humedece;
Finas e últimas desfolha
As que mal lembra e logo esquece.

(O Pão e a Culpa)

V

Generalizando muito, poderíamos apontar em Nemésio a confluência de três grandes linhas: uma intuição da arquitectura do mundo e da estrutura da matéria, simbolicamente apreendida e relacionada com *o todo* e, mais tarde, cientificamente aprofundada, como é o caso de *Limite de Idade,* mas de tal modo que não perde por isso o carácter simbólico - e atrever-me-ia a dizer que esta é uma linha de raiz esotérica, quiçá maçónica, de grande intenção emblemática (aliás, um título como *Eu, Comovido a Oeste* pode implicar uma contemplação do... *Oriente,* e, de *Limite de Idade* poderia citar-se, embora com prudentes reservas, um verso como: «Nos pedreiros da pedra encontro os irmãos que procurava»); uma vivência ou humildemente religiosa, a que já me referi, ou mística e barroca, de raiz marcadamente ibérica e seiscentista, da experiência de Deus e do pecado, que por sua vez se reconduz à tradição judeo-cristã da culpa original agónica e autoflagelantemente assumida na abjecção da existência e no sentido de que esta se pontua de ofensas a Deus, a quem há que implorar o perdão, acedendo-se à entrega total a ele pela via da expiação; finalmente uma especulação ontológica, de remota raiz pré-socrática, recuperada pela via do romantismo alemão e sua leitura existencial, nomeadamente por uma refracção heideggeriana da poética de Hölderlin, por vezes literalmente presente nalguns textos de Nemésio, como alguns confrontos mostrarão, e apontando a uma filosofia da linguagem simbólica nas suas relações com o Ser. De modo que essas linhas acabam por combinar-se indissociavelmente, como acontece com frequência em *O Verbo e a Morte.*

Mas, assim como a originalidade em Pessoa estará porventura no modo como ele introduziu a razão (e seus absurdos) no simbolismo, pulverizando-o, a de Nemésio está antes em que, entrelaçando aquelas linhas, ele dialectisa, pela aplicação de uma espécie de cogitação racionalizante, os próprios potenciais de irracionalidade que se contêm

em cada uma delas e na linguagem que nelas se investe. A razão, em Pessoa, joga radicalmente nos avessos metafísicos de um reduzido número de significantes descarnados; gira na pura abstracção dos próprios mecanismos instalados no deserto da alma; como que procura uma estrutura formal de funcionamento exterior ao próprio discurso ou nele não contida. Tudo se passa como se, parodiando Nemésio, Pessoa escrevesse *Língua, Casa da Razão que lá não mora* e, a despeito disso, a utilizasse... como veículo da razão, na espiral sem fim da auto-voracidade desta, a funcionar como fria consumidora do sentido de tudo, no transcendente e no imanente: é uma razão-morte de si mesma no absurdo sem saída a que se confina. Ora, em Vitorino Nemésio, a razão é precisamente o contrário disso. O que em Pessoa era espiral ilimitadamente devolvida ao vazio, é em Nemésio espiral continuamente *desenvolvida* no cheio: o mundo não é uma *Waste land* e a alma muito menos, a *questão de limite* («A posição, o oco cheio / Por cada um no seu limite») é também o limite da questão — os seres e as coisas interligam-se, comunicam(-se), aludem(-se), encontram-se («Como a pegada, que é o resto / Do caminheiro na terra firme»); se são comunicantes, se são *reuníveis,* a razão não há-de ser implacável, mas sim *complacente:* não se *aplica* de fora aos seres e às coisas, é derivável delas no fio interior do discurso, não joga no avesso, mas na bainha, ou no direito, ou no de dentro; e, se vive no concreto, tudo lhe serve no concreto de que e por que se exprime: a imagem, a metáfora, o símbolo, os mecanismos alusivos, paronímicos, os processos etimológicos, sintácticos, derivativos, etc., etc., isto mesmo quando atinge as indizíveis zonas da especulação ontológica mais rarefeita — onde, se, como veremos, há uma maior abstracção, esta não deixa em geral de *corporizar-se*. Assim, se em Pessoa a razão é um deserto da alma, em Nemésio é um *povoamento* da consciência. Se Pessoa introduziu a razão no simbolismo, Nemésio introduziu-a no próprio símbolo, não o derivando absurdamente mas por congruência vitalmente implicada.

Sirva de exemplo, no Soneto

Águia de fogo

Brado o nome das coisas que comovo,
Mas o sono me cala e as arrefece:
Não me vem ave à mão dizendo «ovo»
Nem se chamo Jesus ele me aparece.

Mas se me calo, então o Mundo é novo,
Clara a noite, Deus lembra, a terra esquece,
Amplia-se o futuro no que louvo,
O sentido da morte se esclarece.

Oro no prolongado vácuo ouvido,
Interiormente mar, ou mesmo menos
Que marulho remoto ou enxame haurido,

Onde o eterno levanta, com pequenos
Sinais de tempo astral que a carne capta,
Uma águia de fogo que me rapta.

a densa rede de oposições entrecruzadas e exploradas até ao extremo limite de uma combinatória de contrários: entre bradar o nome das coisas redundando em mutismo ou silêncio inanimado e a suspensão ou (outro) silêncio da palavra (mas *se me calo*) a desvendar-se em *sentido* renovado e iluminante da presença de Deus pela lembrança (*Deus lembra*) e da morte, aqui insinuada como equivalente a vida autêntica; entre a impotência do clamar ou do clamor humano (*nem se chamo Jesus ele me aparece*) — e até a própria inutilidade de *dizer* as origens quanto à possibilidade de captar as energias da vida (*Não me vem ave à mão dizendo* «*ovo*») — e as virtualidades do silêncio *animado* (*o Mundo é novo, Deus lembra, amplia-se o futuro, o sentido da morte se esclarece*); entre *Terra* significativamente contraposta a *Mundo* (*o Mundo é novo, Deus lembra, a Terra esquece*) e ao futuro que ganha uma nova dimensão; entre o acto inicial de interpelar e a vigília mística, passando pelo *sono:* a voz progride do fisicamente audível ao inaudível, do verbalizável à pura tensão interior, através de vários estádios, do som ao sono e ao louvor, até se transformar na escuta *«do vácuo»* (cf. as experiências da câmara anecóica) para depois ser já só a própria carne a recolher «sinais»: *brado* (*dizendo, chamo*), *o sono me cala, mas se me calo, Deus lembra, louvo, oro, o vácuo é ouvido, a carne capta sinais;* entre o sujeito que assim se vai *reduzindo* e o eterno que *ganha corpo* (o emissor tornou-se apenas receptor e, mais do que isso, *recebido*); entre a ave que se nega do terceiro verso e a águia que arrebata do último; finalmente a tensão resolve-se pelo arroubo em Deus, ou *enthousiasmos* místico na recorrência indirecta do mito helénico de Ganimedes associado a Jesus e ao Deus cristão e susceptível aliás de outros desenvolvimentos implícitos (como, por exemplo, o de ser tal a beleza do homem na contemplação do eterno que Deus desce sobre ele a arrebatá-lo para que participe no *agape).* Mas uma outra leitura «herética» é ainda possível quanto a este ponto: Cristo, o que participa da natureza humana, convocado pela voz, meio humano por excelência, não aparece; Deus, no silêncio, ocorre à vigília; e só o eterno, no *prolongado* vácuo, acorre, só a este nível do divino «despersonalizado» se dando a *comunicação* com o homem, através da assunção de uma forma por esse divino: a da águia de fogo (fogo que, por sua vez, segundo os textos cristãos, desceu sobre os apóstolos para lhe conferir o dom das *línguas...* e recordemos que no início do texto a

palavra é ineficaz). Possivelmente ainda os símbolos *nome, sono, ave, ovo, Mundo, noite, vácuo, mar, águia de fogo,* cuja própria sequência faz um sentido, são susceptíveis de uma interpretação esotérica, tal como as acções descritas no soneto.

Observa óscar Lopes que o que Nemésio «exprime de mais impressionante é a imanência de *outrem* (e superlativamente de *ti*) a *mim*, *o mais mim de mim mesmo* e de *isto à* relação entre ti e mim». A justeza desta observação serve-nos para referir a Heidegger esta característica do autor de *O Verbo e a Morte*. Com efeito, no seu ensaio sobre Hölderlin e a essência da poesia, Heidegger trata da *unidade* do diálogo que somos e que «consiste em que cada vez, na palavra essencial, seja revelado o Uno e o Mesmo em que nos unimos, em razão do qual somos Um e autenticamente nós próprios. O diálogo e a sua unidade são o suporte da nossa existência (Dasein)». E também: «o diálogo que somos nós próprios consiste no nomear dos deuses e em o mundo chegar a ser na palavra». A palavra essencial é portanto eminentemente simbólica e esse diálogo que somos implica-a no sagrado. O sagrado intimida: é da sua incandescência não deixar aproximar-se ninguém sem que se queime; é do seu fulgor ilimitado que a consciência por ele se sinta atraída e o circunde obsessivamente como borboleta encandeada e zonza; é do seu sentido pleno a orla de mistério que o rodeia e forma o oráculo sibilino e ambíguo: os humanos encontram os acessos interpretativos num campo equívoco de sentidos. «É a linguagem que cria primeiro o lugar aberto da ameaça e do erro do ser e a possibilidade de perder o ser, isto é, o perigo» (Heidegger). Do sagrado se sabe que vela sobre os secretos acessos do ser e da totalidade, que guarda um poder íntegrador do tudo no todo, que une primordialidade e fim último, que absolutiza o relativo. E que é intocável (*noli me tangere*). Que está impregnado de uma expressão indecifrável e última, chave definitiva do mundo e da noite intérmina, apenas intuída no tosco aparelho profano da linguagem. E todavia esta, na própria consciência da profanação que comete, e não só do risco que corre (dois dados reflexivos muito importantes em Nemésio), sente a tensão do acesso àquele núcleo fulgurante. Conhecimento total e, portanto, liberdade total, o sagrado admite epifanias. *Revela-se* em sua omnipresença. «O poeta está exposto aos relâmpagos de Deus», na bela expressão de Heidegger. Sabemo-lo pela indizível vivência de termos pertencido a um todo, pela presentificação do mito (e este só o é quando nos dinamiza no presente), por algumas fossilizações recuperáveis da linguagem a nível do significante, pelo próprio reflexo dele que é a possibilidade adâmica de nomear (cf. Génesis, 11, 19 e 20), acto pelo qual nos vinculamos cosmogonicamente. «Nomear não consiste em só prover de um nome o que já é conhecido de antemão, mas sim em o poeta, ao dizer a palavra essencial, nomear com esta denominação, pela primeira

vez, o ente pelo que é, e é assim conhecido como *ente.* A poesia é a instauração do ser com a palavra» (Heidegger):

> Com medo de o perder nomeio o mundo,
> Seus quantos e qualidades, seus objectos,
> (…)
>
> Nomeei as coisas e fiquei contente:
> Prendi a frase ao texto do universo.

Há pois um texto universal e este tem um Sentido; e é pelo Verbo que ambos se formam e são um limite absoluto para que tendem as precárias tentativas da voz humana.

E porque no limite absoluto da totalidade, *Ser, Verbo e Sentido* identificam-se, equivalem-se, coincidem, sem antes, nem depois, nem causa, nem efeito. Se deles temos indícios, porque vão *sendo,* só a via do símbolo permite *reunir os* fragmentos a partir dos quais os pressentimos. E só pela voz se chega ao símbolo. Por isso a língua é a *casa do ser,* enquanto detém uma possibilidade de em si o instaurar e enquanto ele a marca dos seus vestígios nos seus recessos mais íntimos e é por eles revelável. O mundo *é* porque o nomeamos e nesse acto existe e aí se institui a história; mas a língua é casa do ser «que lá não mora», acrescenta Nemésio, marcando a sua diferença. O verbo demora-se em nós «como sombra de sol e eco de amor». Para se aventurar ao encontro do «Verbo unívoco e sagrado», do Ser, apenas dispõe o «Homem, menos que nada e mais que tudo», do risco permanente do *flatus vocis*, do «verbo equívoco falado», lugar aberto da ameaça e do erro, diria Heidegger:

> Minha vara que fará
> Senão bater no Sentido,
> Correr o risco das vozes?

Sendo este verbo equívoco, pois «a palavra enquanto tal nunca oferece imediatamente a garantia de ser uma palavra essencial ou uma ilusão» (Heidegger) e arrisca portanto o que tem de mais próprio, vários são os seus sentidos possíveis (Rilke virá a dizer do poeta que «Sein Sinn ist Zwiespalt»): não se reduzindo a nenhum deles, o Sentido absorve-os, incorpora-os a todos, calcinando-os no seu fogo perene. O próprio tempo deixa de ser mera categoria da experiência subjectiva para se tornar também absoluto (sem relação com o de aqui *e agora,* em que «Tudo é cá tempo em espaço pervertido»). Aí, na suma sincronia, que será também uma utopia no sentido nemesiano («*Utopia*, isto é, ausência de lugar determinado do acontecer», como ele escreve) se encontram o ser de Deus

e a face de Deus. É o *tempo de ser*, em que o mar funciona como grande metáfora da diluição (como é também insinuado em *Águia de Fogo*)

> Entro com Deus no forno
> Do seu ser. Oiço o mar.

A criação poética vive na dupla dimensão, que é também um conflito latente, de a palavra ser uma via de acesso («a poesia é a instauração do ser com a palavra»), mas também uma forma de equívoco e uma *prisão verbal*. Enquanto via de acesso, pode proporcionar a revelação súbita do Ser e do Sentido, como neste passo em que «dado» é o significante bivalente do verbo *concedido* e do jogo de azar (outra vez Heidegger: «a poesia mostra-se na forma modesta de um jogo»); *o lance do verbo* traduz uma procura que é, ao mesmo tempo, fruto da fortuna dextra e do empenhamento vigilante:

> No lance do verbo jogo,
> Mas, se vigio o meu dado,
> A boca sabe-me a fogo
> Do sentido inesperado.

Mas enquanto verbo *equívoco*, falado pelo ser individual em ânsia do absoluto, a palavra é também privadora da liberdade, factor alienante, girando sobre si no beco sem saída assim expresso:

> Com a chave da voz abri a vida:
> Mas sair? Onde o passo? e como, a porta?
> Assim rolo em redondo e mesmo, alheio
> À liberdade, aço da chave, aberta
> À noite da prisão verbal deserta.

Confonte-se com aquele trecho de Hölderlin, citado por Heidegger onde se diz que ao homem foram dados «livre arbítrio e poder superior de ordenar e realizar, à semelhança dos deuses, e se lhe deu também a linguagem, o mais perigoso dos bens, para que com ele crie e destrua, desapareça e regresse à eternamente viva, mestra e mãe, para que mostre o que é, e que herdou dela o que de mais divino tem, o Amor que conserva o universo». Para a libertação no conhecimento absoluto e nesse regresso a ele, ,o poeta só dispõe da sua febril loucura transbordante de palavras, do impulso da sua voz, da sua inocência,

> (…) apenas poeta por castigo,
> Com um pouco de insânia e de inocência

ou:

> (…) ofereço
> minha razão de ser no que deliro,

coisas que lhe permitem escapar às limitações da razão («Somos tão pouco no mundo, / Apesar de Kant e o mais...»), para chegar a esse outro *logos*, como Hölderlin, que é, para Nemésio, «o íntimo dos deuses e das fontes, / Divino louco, amado de astros»,

> Pois só no rigor a fogo
> Das palavras exactas e sofridas
> Abre o estame de amor, pólen do Logo,
> Que é maneira de Deus com nossas vidas.

Estamos já a afastar-nos de Hölderlin, pela redução dos deuses a Deus, e o consequente empobrecimento da carga mítica e do diálogo com as forças mitificadas num plano historicamente actuante. A escatologia judeo-cristã substitui-se ao paganismo de raiz helénica. E esta transição passa pela maior subjectividade, que só não é desactualizante e desactuante porque Deus se mantém no centro da experiência da morte e lhe são referidas a consciência de culpa, e o sentido da expiação. Estamos também muito longe da incandescência, violentamente barroca que, em *O Bicho Harmonioso*, concentra a experiência de Deus:

> Ah! Tu, Toiro de Fogo, e eu lesma fria!
> Tu Roda de Navalhas retiradas
> Das Sete Dores de tua Mãe!
> Tu, Tubarão de Amor, e eu a enguia
> Que até as águas estagnadas
> Têm!
> Tu, Sol cortado a diamante,
> (…)

Nos dois casos a intensidade é *de fogo*, mas na primeira fase, a experiência é, na sua vivência e na sua expressão, mais de raiz místico-barroca e ibérica, como já disse, elaborando-se a partir do concreto metaforizado, enquanto na segunda se caracteriza mais pela meditação ontológica de cariz romântico-existencial a partir da própria linguagem, a corporizar a especulação abstracta e a teocentrá-la numa perspectiva cristã. Semelhantemente o notou David Mourão-Ferreira, que, tratando *O Verbo e a Morte* de *quintessência,* fala da depuração do circunstancial, biográfico ou etnográfico, dos livros anteriores, para dar lugar a «este

decisivo encontro da Graça divina, esta transferência da sede da memória, esta subida de tom no registo da gravidade». E também Fernando Guimarães o observou: «A realidade, agora, deixa de assumir aquela forma concreta e imediata que vimos ser uma característica dos primeiros livros de Nemésio; o mundo transforma-se numa região de carência, um lugar de perda que, todavia, poderá ser compensada pela possibilidade criadora de que a linguagem parece estar investida». Nos dois casos, porém, é convocada uma remotíssima tradição mítica e a experiência de Deus faz-se pela mediação da dor e da morte.

> (...) mostra-te digno
> Da Nova que por ti será cantada.
> Por ti, — não ossos teus, mas plectro e corda
> Que desfiras e sejas juntamente
> Na dor que às vezes tua carne acorda
> Com o pouco de ser que te faz ente.
> (…)
> E humilde torna a ti, só tubos de osso
> No silêncio mortal do órgão de medo
> Que ínvios dedos de Deus vibrando exigem.

A palavra é portanto uma interlocução da morte, uma adesão a essa instância moral de reunião ao Ser, em que «o processo de destruição ou de autodestruição purifica a contingência individual», como escreve Furio Jesi. Aí o seu valor comunitário: toda a grande arte decorre dessa emergência violentadora do existir aqui, dessa regra geral cuja aplicação a nossa existência só precariamente suspende ou interrompe ou que só através do acontecer alheio se experimenta em termos de possibilidade de conhecimento expressável ou descritível. Há quem fale da permanência e da essência congenital instintiva da ideia de Morte (Michel Guiomar); se a linguagem é via de acesso ao Ser e a morte a este é congenital, a palavra há-de também reflecti-la e implicá-la; se «flato de voz é morte irreparável, / só Verbo é vida», há que encontrar o sentido real desse Verbo, invocado «ao ser que ainda não é mas nela (a palavra) se futura»,

> Pensemos a promessa da palavra
> Na esperança de ser mais que som no ouvido.
> (…)
> Contra as portas da morte o seu poder
> É esse acto de fogo em língua pura.

De maneira que o equívoco se desfaz por uma reversão de significados (aliás igualmente equívoca no plano da linguagem prática):

a vida sem o Verbo é morte, o Verbo é «ao abismo idêntico», a morte, como caminho até ao Ser é vida « no além lá dela», como em *Manhã na Morte* (e já vimos processo semelhante a propósito de *Águia de Fogo*).

> Clara via, a tal passo, que pusesse
> Corpo e alma em repouso, pura estando,
> Morte seria vida que amanhece
> Na breve área de lábio que diz: — «Quando...
>
> Quando eu morrer» –

VI

Chegados aqui, será de ponderar que o fervor religioso e místico de Nemésio, mesmo quando mais parece exprimir-se no respeito de posições da Igreja romana, é tudo menos ortodoxo em relação a esta.

Já implicitamente o demonstrou Eduardo do Prado Coelho num finíssimo ensaio sobre *O Verbo e a Morte.* Mas acresce que é pura heterodoxia o investimento simbólico em si, comportador e reivindicador da liberdade herética (e gnóstica) nas suas máxima extensão e profundidade, a substituir-se ao respeito da mera «letra» do símbolo, próprio da atitude institucional que não admite «interpretações» ou «derivações» profanas dele.

Mais tarde, em *Limite de Idade,* toda esta temática é retomada em nova e desconcertante aglutinação, por um processo integrador em que poesia e ciência se *realizam* numa unidade fundamental, inquiridora do destino da vida, do homem e do Ser, procurando ordenar em perspectiva escatológica a divergente escala de valores e a floresta de noções da consciência moderna, a estrutura molecular e a arquitectura universal, o precário e o eterno, a finitude individual e a infinitude cósmica, o limite e o ilimitado, a *idade* e a não-idade, tudo isto não à maneira de um Lucrécio que instrumentalizasse a expressão pondo-a ao serviço da exposição de um sistema, mas antes pela neutralização dos antagonismos entre poética e ciência, deste modo reformulando o papel de ambas no acesso à totalidade. Com efeito, a ciência tem vindo a apagar historicamente a carga simbólica da poesia, a força reveladora investida no significante; a ciência procura estabelecer certezas unívocas no conhecimento do mundo, verificáveis através de recorrências regulares e mensuráveis até aos limites do quantitativamente concebível, e não aceita portanto o princípio de coabitar com uma forma de conhecimento irredutível à formalização abstracta ou à tipificação rigorosa: tende até a negá-la como conhecimento; o seu campo não é o da imaginação simbólica e aos seus resultados não conduz nenhuma epifania do indizível existencialmente apresentado e a que se não

chegaria por outras vias; a ciência é o domínio da objectividade por excelência, enquanto a poesia o é da inter-subjectividade pressuposta no próprio *projecto comunicante* que o poema é, estrutura incessantemente recriadora de sentido *intransportável* para outro sistema, mesmo homólogo, e cujas *verdades* são qualitativamente diferentes daquelas certezas.

É esta dualidade que torna à partida singularíssima a proposta, ao mesmo tempo simbólica e irónica, de *Limite de Idade*. Simbólica, porque toda uma série de dados da ciência moderna, da biologia à física quântica, aqui surge, pela palavra, carregada de valências ontológicas e de interrogativas tensões para o transcendente. E daí a pergunta: «Quando voltará o sentido à casa do Homem?», ou, nas duas estrofes da A.D.N., a remissão significativa para a indizibilidade última do que, no elementar, implica espírito e matéria:

I

Afinal sou assim, infeliz é volúvel,
Porque minha alma guarda uma ordem diversa
De pulsões celulares ao longo do seu eixo:
Decifre-me quem saiba, — que, dispersa,
Com nome de *A.D.N.* aqui na cruz a deixo.

II

Nervo a pavor, fonte renal de rijo,
Cor dos meus olhos, estatura, gosto,
Quanto me importo, ó Deus, quanto me aflijo,
Tudo *A.D.N.* inscreve no meu rosto.

Simbólica ainda, no visionarismo do *tempo ucrónico* (sic) gerador do tempo real em termos de *Idade do Mundo* e da progressão genética, da inconsolabilidade de Deus «fora de seu criado e já quente e amor nele» e da transformação do universo:

A clínica de Viena ainda não tem divã
Mas já o homem se deita num colchão de ventre e epitélio,

O hidrogénio nasceu prometido ao carbono:
Vem aí, vem aí uma alvorada de hélio!

Mas irónica proposta também, consciente do desfazamento em contracorrente entre progresso científico e progresso moral, –

Hoje o homem é o bicho sem sentido,
A formal secreção da morte.

pondo em questão esse homem e a inevitabilidade da morte, a coerência do eu, a vertigem da técnica e a crise da civilização, pela via quase mozartiana do divertimento e pelo jogo verbal de inesgotável fantasia destes «delírios microfísicos e biopoéticos», como ele próprio lhes chama, indo da ternura ao burlesco, na ilimitada e ubiquante capacidade de relacionar tudo com tudo, naquilo que um dos seus melhores críticos, Eduardo Lourenço, designa por «lirismo paródico da nova Idade», depois de sustentar que «alusões ou fórmulas de carácter científico não foram nunca para ele senão metáforas líricas e cenário lúdico para o teatro da sua dramática interioridade e salva pela graça humana e divina do humor», o que é uma perspectiva algo diferente da minha própria. Efectivamente, e nisto discordo pelo menos em parte de Eduardo Lourenço, sem deixar de reconhecer-lhe algum fundamento todavia, não é o diletantismo de grande qualidade que interessa destacar aqui. Que por ele se aceda a uma informação científica relativamente rigorosa, por sua vez pretexto para «metáforas líricas», é um ponto de vista de tipo genético ou autobiográfico em relação à obra. Mas a mim interessa-me muito mais o que Nemésio faz dessa informação, isto é, o facto de ele a problematizar (e *nos* problematizar) enquanto toca a sua humana condição de sobrevivente num mundo em que o *sentido* não abunda. Decerto estranhar-se-ia menos se de mera informação histórica, ou filosófica, ou literária se tratasse. Já estamos habituados a vê-la simbolicamente caldeada na criação, de *Os Lusíadas* à *Mensagem*, passando por Antero. Aliás parece que Nemésio intuiu isto mesmo:

> Em gráfico de sismo a sina veio
> Nessa foto cardíaca: — «Receio
> Que morra, Daisy!» — Não: morra, Dolly!»
>
> Pois eu não sou o Fernando Pessoa
> Ou Antero, nem em inglês seu nome soa,
> Que minha Musa é Escherichia Coli.

Ou, quando fala em «Nossa angústia habituada — portuguesmente vil-tristeza, — / Nosso cansação clássico, vitaminado a C», para concluir:

> Que não é sensato esperar do nada alguma coisa
> Mas só de morte fiar puro perdão de Deus,
> Entre pinhas reais e Afonso LV, Dinis II,
> Com um búzio e uma vieira — or piango or canto — muito fina,
> Por conta de Camões e um pouco de Petrarca,
> Devendo aliás chorar muito mais do que canto
> E calar a buzina!

A estranheza virá pois mais de nos sentirmos, por tradição e inércia, mais afastados da ciência, ou, se se quiser, mais afeitos a vê-la num compartimento estanque em relação à poética. E, se nos envolvermos com as duas, mantemos em geral essa estanquicidade. Por tudo isto é que, para mim, *Limite de Idade* é talvez a obra de poesia mais importante do séc. XX português, pelo arriscadíssimo salto que antecipa, como que a instalar-nos na criação poética que há-de ser a do século XXI. E recordarei que um Gregory Bateson, ligado, com Wiener, von Neumann, McCulloch, à fundação da cibernética e a outros recentíssimos domínios da ciência, acaba de publicar, oito anos depois de *Limite de Idade, o* seu ensaio *Mind and Nature: A Necessary Unity*, onde, tratando o rigor e a imaginação como «the two great contraries of mental process», e daí procedendo para encarar a evolução cultural como resultante do jogo das forças respectivas («Rigor alone is paralytic death, but imagination alone is insanity»), sustenta que a ciência nada tem a ver com a verdade, não passando de «uma ficção disciplinada no sentido de que cada hipótese é uma sobresimplificação deliberada» (cito John Pfeiffer em recensão a esta obra); e sustenta mais, que «ultimate unity is aesthetic», sendo esta a forma de superação, ou espécie de *acto de* fé possível, «para além dos factos reunidos pela *ciência quantitativa*» (Pfeiffer). Ora eu creio que isto tudo já se encontrava, não em teoria, mas *in actu* em *Limite de Idade*...

VII

São estas algumas das notas características que encontramos no arco que vai de *O Bicho Harmonioso* a *Sapateia Açoriana*, nos seus momentos mais significativos. Tanto em qualquer uma das obras anteriores como neste último livro continuamos a encontrar ecos de um simbolismo de intuições por vezes rilkeanas aliado a uma certa dramatização do «eu» de raiz presencista, bem como uma sageza que, sabendo ser serena, consegue também ser irrequieta e curiosa na capacidade de amar a vida, as pessoas, as terras e as coisas; e encontramos também a desenvoltura do divertimento (Nemésio: «A poesia é filha do mistério, mas também nasce do humor. Talvez até porque o humor é misterioso e genésico. O humor gera o riso, a decepção, a tristeza»), e até do pastiche, o sábio manejo das formas e dos géneros, em utilização dinâmica e transformadora que obedece sempre às necessidades expressivas.

Tudo isto servido por um léxico vastíssimo, usado com descontraída precisão, e pela impressiva naturalidade de formulação em que os diminutivos, os coloquialismos, a referência às realidades mais comezinhas (às vezes a lembrar António Nobre) fazem contraponto constante com os mais altos voos da cultura, da erudição e do pensamento

abstracto especulativo (Nemésio: «Eu acho graça quando vejo certos bons servidores da Filosofia fecharem-se ao segredo da Poesia, que a prepara ou que, pelo menos, concita: os que não querem ou não sabem ver, nos ritmos e metáforas do poema, ao menos os primeiros lineamentos da face do mistério, como vêem ou dizem ver o rosto da Esfinge no alinhamento dos conceitos»).

E há também um sentimento tonificante de insularidade, em afirmada (e política) reivindicação de autonomia, mesmo quando o texto arranca de um propósito de circunstância:

> As furnas são nossas,
> As pipas de vinho velho são nossas,
> O leite das tetas que ordenhamos,
> As pontas com poucos faróis e muita craca,
> Os caminhos seculares mal calçados.
> Os chafarizes com um tapete de bosta quente cheiram bem
> Vamos salvar as Ilhas: Eu tenho lá ossos de Pai e Mae.

Uma grande e diversificada cultura alia-se, melhor, *compreende* também, um saber preciso dos ofícios alheios assim apropriados, um gosto do artesanal e do popular às vezes nas próprias formas literárias (Nemésio: «o esquecimento do pouco folclore orgânico que tinhamos, a arcaização dos romances e das xácaras, a decadência da vida popular colectiva deram à quadrinha ou cantiga um poder de improviso que faz dela uma espécie de lâmpada de bolso, qualquer coisa de pronto e rápido que nos faz companhia»), muito menos ingénuo do que parece e de que darei dois exemplos:

> Uma cadeira de pau, flor dos dedos do Avô
> – Polimento, esquadria, engrade, olhá-la ao longe
> Dava assento a Florália, o meu primeiro amor.

e

> Que a vergonha no Alentejo
> De fome pede alegria:
> Recatada só a vejo
> Nas pinturas da Pavia.

De assinalar também a grande riqueza das sugestões e impressões de viagem a combinar-se com os processos e a temática habituais em Nemésio, e a culminarem na série *Andamento Holandês*, incluída em *Sapateia Açoriana*, depois de uma primeira edição fora do mercado. Mas o que é a «temática habitual» neste poeta que arranja sempre maneira de

renovadamente nos surpreender? O que pode uma rápida e incompleta nota dizer da *poiesis*, da *alegria de fazer,* da juventude e da maturidade, da ternura e do erotismo, da vigilância e do abandono, da destreza e da liberdade de um poeta que, aos 75 anos, nos deu uma obra-prima, como a *Pedra de Canto,* publicada no n ° 35 da Colóquio / Letras?

Também na *Sapateia é* de salientar a preocupação de articular o saber científico (como já acontecia em *Limite de Idade)* aos problemas da vida, à experiência do envelhecimento e à antevisão da morte. Desta «Morte pensada» (título do penúltimo poema e expressão riquíssima de implicações poéticas e não só), sobre a qual lemos:

> Experimentei a morte na cabeça
> (No coração, só se ele parasse).
> Mas, por mais que a conheça,
> Não se pensa a Morte: dá-se.

E à morte continua a ligar-se a intensidade incendiada do sentimento religioso, que em Vitorino Nemésio é experiência de humildade ardente, como quando diz:

> Com que torrentes de fogo me visitas,
> Senhor!

a prolongar as linhas que neste sentido já percorrem as obras anteriores.

*
* *

Isto posto, e descontando o que há de bombástico e contestável em tais afirmações, eu devo dizer que considero Vitorino Nemésio um poeta pelo menos tão grande como Fernando Pessoa. Acrescentarei (para fins de eventual auto-suspeição) que não gosto muito de Pessoa, embora reconheça que se trata de um grandíssimo poeta e deva dizer, para obviar á alvoroços esperáveis, que «não gostar muito» não exclui gostar «muitíssimo» de alguns momentos dele.

É certo que entretanto Pessoa adquiriu o estatuto público de mestre da sensibilidade (duvido que de pensamento) e que Nemésio está longe de ter chegado a esse nível nas cotações da praça; mas isto pode significar que a sensibilidade e a capacidade de pensar das gerações que têm venerado aquele sejam discursivamente prolixas e relativamente limitadas; nomeadamente que sejam, ou se digam, mais agudamente sensíveis aos jogos da razão e das palavras no Pessoa ele-mesmo; ao aparentemente contrário disso em Caeiro; a um decadentismo conscienciosamente horaciano em Ricardo Reis; a uma violência

futuristicamente datada, mas que se sacralizou na intocabilidade, em Álvaro de Campos. Fiquemos por aqui em matéria de intervenientes no drama em gente.

Também, e por isso talvez, é certo que Pessoa teve (e tem) uma projecção muito maior do que Nemésio e que, muito mais do que este, marca uma data revolucionária na literatura; mas, se a importância histórica respectiva pode, para já e por agora, ser medida por aqui, não é do mesmo modo que, qualitativamente, as grandezas relativas se hierarquizam. E pode apostar-se de caras que, no dia em que Nemésio der aso à intensidade de leitura e ao labor interpretativo que Pessoa tem vindo a suscitar, muitas ideias, em quantidade e qualidade, se alterarão a seu respeito. Só é de esperar que Deus o livre do fervor eclesial a que Pessoa já não escapa...

VITORINO NEMÉSIO:
DA POESIA COMO MODO DE SER *

I — Identidade e particularidade, diferença e relação, carácter que define no próprio movimento de estar: o caso de Vitorino Nemésio presta-se especialmente a esta consideração pela importância que o poeta atribui ao ser e à intermediação do objecto poético, a uma certa ética da poesia. Ao contrário de muitos outros poetas desde a segunda metade do séc. XIX, Vitorino Nemésio não ontologiza a especificidade literária, não radicaliza a originalidade, não cultiva a ruptura como porta-voz de uma vanguarda, não afronta a História na identificação de acto poético e acto de contestação do passado. Não direi que vem na linha de Teixeira de Pascoais ou de Afonso Lopes Vieira no respeito da tradição. Direi, antes, que nele a primazia é a tradicionalidade, isto é, o poder transmissor de um antes para um depois sem que, com isso, se transfira o bloco de valores. A osmose com valores do passado vai a par da atenção ao Saber contemporâneo, à auscultação do sentir do próprio tempo, à vivência comunitária. Daí a transmissividade crítica ou personalizada. O acto poético assume o sujeito como assume o Tempo, trabalha a palavra para a fecundar, imola mesmo o sujeito, resgata-o do que é falível no verbo para a criação de um objecto comunitário: o acto poético é também um acto de sacrifício.

É verdade que esta posição joga com a paradoxalidade, terreno dilecto do autor. Dizer «os poetas, pais de verbo, fecundadores do entendimento» (*Limite de Idade*, p. 94), é colocá-los precisamente no espaço simultâneo da criatividade que é diferença ou traço de desunião inicial, e da função transmissiva que aprofunda a similitude, a re-ligação. Esse é o espaço também do sacrifício: destruir para que o lugar destruído seja tempo de construção, perder-se para melhor se encontrar, pôr de lado para uma mais íntima reunião. Ideia que não se torna, no entanto, uma expressão do trágico, ou do escatológico, ou do místico, mas se apresenta na boa consciência da tradicionalidade e no rigor da ascese. O sujeito, esse sim, é o sujeito da consciência da pequenez, da percepção de uma deficiência em si, levando-o humildemente - não é excessivo o termo - ao acto sacrificial. A altitude de Deus absorve o poeta que se remete, então, ao mesmo tempo, para uma ascese expiatória e para um lúdico ou ironia reequilibrando o sentimento de estar em família.

---

* *In Outros sentidos da literatura,* Lisboa, Ed. Vega, 1981. [Para as citações de *La voyelle promise, O Bicho Harmonioso* e *Eu, comovido a Oeste* foi utilizada a obra de Vitorino Nemésio *Poesia (1935-1940)*, Lisboa, Círculo de Poesia, Liv. Moraes, 1961].

Ora tudo isto se passa fora de uma «escola», como se costuma dizer, um saber circunscrito, um Saber de ambiente, um Saber na linha do gregário. Ao falar de «capelas», no livro *O Retrato do Semeador*, Vitorino Nemésio denuncia o tipo de agrupamento literário que preenche o vazio religioso com outra espécie de crença, quase como se fora uma seita. Mesmo que se não aceite esta opinião, não deixa ela de ser significativa em relação ao autor que a emite. Na realidade, Vitorino Nemésio tem a ambição do Saber ilimitado, pretende não coarctar os movimentos para os dirigir na crença do Absoluto, e o seu pôr em comum da experiência continua preservado no culto sossegado da própria margem. Interessa, porém, não iludir o problema dos movimentos literários com a ideia falaciosa de que isso nada significa, ou é ultrapassado, ou é escolar, etc. Chame-se-lhe o que se quiser, *isso não* deixa de existir na História como algo que é apropriado por determinado circuito com certa constância e permeabilidade. Importa mais o núcleo ou o fulcro do que a determinação dos limites ou a enumeração de um quadro de elementos. O que acontece, por vezes, é que esse núcleo se forma por uma espécie de cerramento de fileiras perante a hostilidade ambiente que se insurge e eriça contra aquilo que «não existe», ou «nada significa». Falar do modo de ser da poesia de Vitorino Nemésio é ter em conta também a sua relação, as coordenadas em que dialoga, os circuitos em que se torna similar ou diferente. Com efeito, tendo toda a obra escrita um lugar, faz parte de uma toponímia e, sendo a escrita um traçado, insere-se numa rede em que também significa distintamente.

A primeira questão diz respeito, naturalmente, à *Presença*. Digamos resumidamente: Vitorino Nemésio é um poeta do eu em história mas não é um poeta narrativo ou orador, busca mais a originalidade do que a «sinceridade», assimila a doutrina da independência (e *La Trahison des clercs* de Julien Benda terá aí muito a ver) sem incorporar a rebeldia, seja de cariz regiano ou torguiano, substituindo-a acintosamente pela ironia. Vejamos como exprime a sua distância em relação a José Régio:

> Ninguém responde e tudo finge:
> É isso a Esfinge.
> «Mas» — como diz o Régio — «ao terceiro dia hei-de acordar».
> Nessa Presença sim, é que estamos os dois,
> No dia de lá:
> Por enquanto voo, amigo, com sílabas e iões, do Canadá.»
>
> (*«Limite de Idade»*, 60).

Esta distância explícita a vários níveis, mas amigável e irónica, é bem característica deste poeta sólido e sossegado no seu percurso próprio. Curiosamente, não é um poeta que celebre a má consciência, aceitando a deficiência de origem, o «pecado original» de que fala a

doutrina cristã, com a ortodoxa simplicidade e resignação. Prefere imolar-se no acto poético a confessar ou celebrar o mal do seu ser, como prefere a discrição do dizer, o que se poderia chamar a sua poesia sigilar, à exteriorização penitencialista. Do mesmo modo, o devir não está sujeito à impetuosa nostalgia de poetas saudosistas ou nacionalistas até aos anos 50. A relatividade da ideia de Tempo, confrontado com a ideia de eterno, permite-lhe um certo distanciamento das solicitações de empenhamento, mesmo de um programa de «literatura viva», olhando com ironia as metamorfoses ou os movimentos parabólicos da História, assimilando criticamente elementos de diferentes linhas histórico-literárias e prosseguindo o ofício próprio, interior e estético. E se não é possível considerá-lo uma espécie de cenobita da nossa história literária, é porque essa interioridade é modelada no estudo e na simpatia do Tempo envolvente.

Mas o núcleo da *Presença* não é linear, podendo mesmo os dois irmãos, José Régio e Saúl Dias, representar a dupla directriz do movimento, duplicidade fraternalmente competitiva. No primeiro caso, predomina a especulatividade, o drama do eu em história e na praça pública, a reflexividade sobre a condição narcísica frente à sociedade, o carácter de poeta-pregoeiro. No segundo, o poema procura mais autonomia surgindo, também formalmente, mais recortado, combinando, numa tensão particular, a tendência disjuntiva da escrita com a linearidade e o geometrismo emocional. O ideal de «literatura viva» continua a ser comum, como que familiar, com isso se significando não apenas a aproximação de uma literatura em carne viva, de sujeito implicado no drama de se sentir vivo na escrita, mas ainda uma literatura que se pretende voz do próprio tempo contra a remanescente tendência ao lirismo exterior, ao bucolismo nostálgico, ao alegorismo histórico. Que tanto se insista, no seio do movimento, noutro grande princípio, o da intemporalidade, é o problema que se pode pôr. A *Presença* vive numa difícil tensão, num equilíbrio oscilante, mantendo no fundo uma certa vertigem do abismo. Esse duplo princípio como a dupla directriz são sinais, afinal, de uma *vida* imperiosa e complexa enfrentando sinuosamente a *literatura.*

Ora é a segunda tendência, sem dúvida, que mais se prolongará para além dos anos 30, e não por incidências de longevidade, já que estas, só por si, apenas alongam uma experiência, mas pela especial capacidade de germinação que em si própria possuiu, pela força heterogeneizante que em si alimentava. Dessa ambiência parte Vitorino Nemésio, que se tornará a mais diversa e fecunda intermediação para gerações ulteriores. De entre a poesia recente, pode-se exemplificar com o colectivo *Exercícios de Dizer* e, como conjunto de obra, Fernando Echevarria: poesia estruturada na resistência da palavra, traçando um percurso paciente e comedido, assumindo reflexivamente a retórica em particular no ritmo que traduzirá

essa mesma resistência ao avanço, poesia agudamente consciente dos limites que se tornam, por vezes, minuciosos e vários, a própria configuração do poético como se eles fossem o material interior desejoso de se desencadear nessa circum-inscrição do poema. Eu diria que esta poesia se organiza como «dificuldade de confessar» para tomar a expressão com que Vitorino Nemésio fala da poesia portuguesa em geral (*Conhecimento de Poesia*, 245) – o que é excessivo, evidentemente, mas que revela, mais uma vez, como o poeta se *confessa* melhor quando representa de crítico, por vezes.

Essa «dificuldade» ajuda mesmo a compreender a diversidade da obra de Vitorino Nemésio. Torna-se surpreendente comparar, por ex., *O Bicho Harmonioso, Festa Redonda, O Verbo e a Morte, Limite de Idade*. Não está em causa o que se poderia chamar o fantasma do excesso que tanto perseguira Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoais, Sá-Carneiro ou José Régio. O drama de Vitorino Nemésio é, antes, o da secura, da esterilidade, do nulo, levando-o à múltipla pesquisa. No primeiro caso, o poeta escrevia como sob o efeito de catarata, enquanto neste o poeta escreve porque tem sede, sentindo-se «poeta por castigo» (*O Verbo e a Morte,* 63), ou ainda o cavador irado:

> Às vezes creio que sou terra. Cava
> Em mim com ira um cavador.
> E o eco De tal enxada é a luz com que disseco
> O muito ou pouco amor que a eira me dava.
>
> («*Canto de Véspera*», 37)

ou o sujeito da experiência tacteante:

> Experimento a noite nas palavras,
> Escurece o sentido que não sinto
>
> («*Canto de Véspera*», 48)

Se Vitorino Nemésio não é o poeta com o sentido da catástrofe, também não é o poeta da glorificação do ofício, da euforia do acto, da alegria da abundância. Nele torna-se sempre necessário procurar mais longe e mais fundo a matéria, acorrer sempre a outro espaço na experiência e na descoberta, perseguido da sede, levado pelo fantasma do deserto. Mas exprimindo, isso sim, a dor e a alegria da voracidade.

*
* *

Poeta da tradicionalidade, Vitorino Nemésio não pode deixar de ser encarado em confronto com o movimento à volta de Teixeira de Pascoais e de Afonso Duarte. O sentido do cósmico opera uma re-ligação do espírito à Natureza conferindo a cada elemento uma vivência de comunicação sob o signo da religiosidade. 0 cosmos é também a garantia de uma continuidade, o *bem-estar* da tradição, o objecto de apelo de uma sociedade ainda fundamentalmente agrária mas já ferida pelo rondar da Revolução Industrial. A essa intencionalidade não podia ficar indiferente Vitorino Nemésio, A fonte, a pedra, o ovo, o deserto, o sal, a ilha, o mar, o poço, a concha, eis alguns dos tópicos principais do seu «texto do universo» (*O Verbo e a Morte*, 75). Esta expressão, contudo, marca já o desvio da flutuação saudosista para uma fixação, uma objectivação de *leitura*, que mais recorda Vítor Hugo. O poeta sente as coisas, não segundo um fluir da cosmicidade e, muito menos, na deriva panteísta, mas a partir de uma interioridade controlada e estruturada. O cosmos é o campo do profano, do demasiado relativo, do que se sujeita ao mesmo tempo ao absoluto de um Deus e à razão, esta sim, relativa e mesmo fascinada, do poeta. Os elementos naturais são veículos da subjectividade humana, ora como mundo infantil de fascínio, lugar apetecível, onde o desejo pode transcorrer compensatoriamente, ora como instância de rejeição, comunhão de uma deficiência a sacrificar:

> Ó páginas do céu por ler ainda,
> Que inocência no azul perdi sonhando?
> Já o Sol se fecha sobre a vida finda.
> Regressai, flores abertas, às raízes!
> Não posso mais com tudo o que me dizes...
> Terra, que gosto a fel teus seios têm!
>
> («*Nem Toda a Noite a Vida*», 82)

Se é, portanto, lugar da memória, o universo, é, sobretudo, e segundo, aliás, a tendência mais comum, o lugar da metaforização. Para Teixeira de Pascoais a matéria é porosa, permeável, é a face visível do invisível, conforme uma fórmula em uso, permitindo que a História humana ali se acumule ou sedimente, absorvendo anseios e fantasmas interiores, depósito fluido de uma memória humana e divina. Tudo isto diz bem a distância a que Vitorino Nemésio, finalmente, se colocaria: a sua tradicionalidade possui mais o sentido do religioso e menos o do cósmico, mais o sentido da Lei e menos o da deriva, mais os segredos da Letra e menos os influxos da sensação.

*
* *

Pelo que antecede, será, então, Vitorino Nemésio um opositor do movimento do *Orfeu* enquanto este se assume como ruptura, consciência da vanguarda, utopia do novo? Primeiramente é de considerar que não é possível confundir poetas como Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Angelo de Lima, nem tão-pouco prescindir da fundamental contribuição do Simbolismo decadentista para a estética deste movimento (como noutros países, de resto, em relação a similares movimentos modernistas). Mas, ainda aqui, há uma figura que se destaca, Fernando Pessoa, e com ele, a problemática original do drama e jogo pensar / sentir. Aqui entronca a poesia de Vitorino Nemésio distanciando-se da «dispersão» ou dilaceração de fragmentos, de Sá-Carneiro, como, relativamente à *Presença,* se distanciava também da linha dilacerada de José Régio. O núcleo pensar / sentir toca particularmente Vitorino Nemésio que prossegue a questionação do sentimento e o uso emocional da razão, não segundo o abandono e a vertigem da negatividade de Fernando Pessoa, mas segundo o sentido dos limites e o cálculo da eficiência. Daí o carácter bem marcado, nos seus poemas, da construção, da arquitectura, embora atravessada pela autocrítica e pela ironia que a agitam quase anarquicamente, e daí também aquela utilização das subtilezas de pensamento que não deixam de lembrar a tradição barroca. É claro que lhe repugna em Fernando Pessoa o que nele é o «Poeta autista / E idólatra» *Sapateia Açoriana*, 81) opondo-lhe a estética como ética, renúncia e dom, em função do Outro divino, o Verbo Absoluto.

Não foi, porém, ocasionalmente que aludi à negatividade. A ideia de sacrifício e a problemática da secura, ou o fantasma do deserto, como lhe chamei, a que acrescentarei a recorrência do sentimento do frio e das figuras do anjo, da Virgem e do cisne, podem justamente evocar a estética de Mallarmé. Eu diria, porém, muito em síntese, que o que em Mallarmé é objectivo, em Vitorino Nemésio é ponto de partida. O poeta português luta contra uma força da origem, procura o Saber histórico e o Saber espiritual num anseio de excesso de dizer, enquanto o primeiro cultiva a boa consciência do silêncio, pratica-o como materialização do ideal, acata-o como sinal poético no branco da página. A Letra e a Brancura, eis duas noções comuns mas entendidas de modo muito diferente: em Vitorino Nemésio é a relacão entre duas entidades a níveis desiguais, a Letra como Lei cumprida e acto de ascese na intencionalidade da Brancura que é, por sua vez, encarnada como *pureza* perdida e, por aí mesmo, procurada e esperada; no poeta francês a sua relacão é homogénea é um frente a frente, dupla materialidade, significância recíproca. Valerá a pena citar o início de um extenso poema, denso, irradiante, a desdobrar-se de forma labiríntica, no fascínio e no drama íntimo, retido:

Lume e rosa antiga como um lago de gestos
Torre do Anjo por suas mãos inquietas pedra a pedra
Ela mesma se faz polindo-se e ondulando
Madrigal de manhã didáctica, sinédoque
Cisne emplumado a negro hipérbole e harmonia

(«*Canto de Véspera*», 16)

De entre o grande leque de significações eu chamo a atenção para uma que é fundamental, a dramaticidade das figuras do Anjo e do cisne que tocam o conflito e o fogo interior do poeta, manchados, digamos, na relatividade da palavra humana. É que a tendência essencialista da poesia de Mallarmé se quebra, com a sua distância auto-suficiente e quase beatífica, e relativiza-se o ser do poema como modo de ser, debatendo-se na fabilidade do verbo. E a *pureza* busca-se dificilmente, diria mesmo a ferro e fogo, na ambiguidade do acto expiatório. O «doce nome nulo» (*Canto de Véspera*, 21) remete mais para o desejo do inonimado, o ser do porvir, do que para o desejo do inominável, o ser aí mesmo fixado. Quero dizer, está em causa, de novo, mais uma estética do sacrifício do que uma estética da negatividade.

*
* *

Situar a poesia de Vitorino Nemésio é, como se vê, uma questão complexa pelas diferentes ordens literárias a que o poeta recorre e recusa. Propenso à tradicionalidade, apreende a lição cósmica de Teixeira de Pascoais renunciando ao apagamento da identidade num universo absorvente. Também Gomes Leal e Guerra Junqueiro foram um exercício de atenção de Vitorino Nemésio que os coloca, sintomaticamente, nesta relação: «Pascoais, além da abundância e da fluidez estrófica daqueles seus próximos antepassados, oferece uma consistência poética e uma pureza intencional que lhes faltaram.» (*Conhecimento de Poesia*, 120). Nesta «consistência» e nesta «pureza» pode-se ver, acima de tudo, a simpatia projectada de Vitorino Nemésio. No fundo, esses três poetas sempre o fascinaram, chegando mesmo a um certo ofuscamento crítico, pela tal «abundância» e «fluidez» que nele não eram um motor da poesia mas um objecto do desejo de poesia.

Também significativa é a seguinte aproximação ao falar de Pascoais: «Grande poeta que, com Fernando Pessoa (por muito que custe esta forçosa camaradagem...), partilha a herança lírico-espiritual de Antero» *(Conhecimento de Poesia*, 123). O que eu entendo mais custar nesta opinião não é a proximidade de Pascoais e Pessoa mas que esses três poetas se

partilhem assim, como em boa mesa fraternal, a mesma herança. Seja como for, há uma exploração de hermenêutica que os congrega, tomando esta em Fernando Pessoa uma forma dramática e lúdica no vaivém do sentir e pensar no ser interrogativo, e isso não podia deixar de prender a atenção de Vitorino Nemésio, como poeta.

Já a deriva de Sá-Carneiro e a deriva de José Régio lhe suscitam muita reserva, marcadas embora de diferentes orientações. Próximo da *Presença,* tomará antes o rumo que nela era menos patente, mais descontínuo, aproveitando a sua força heterogeneizante para se evadir em direcção a outras experiências.

Isto mostra suficientemente a linha sinuosa que Vitorino Nemésio segue por entre a tradição mais próxima, a do meio português. Possuindo grande erudição, possuía também o sentido do relativo de movimentos literários, deixando-se livremente compenetrar por variados veios de inspiração. O seu percurso poético combina uma interioridade sólida (que não é o fantasma da mineralidade de Miguel Torga) com uma grande diversidade de terreno, fruto de uma quase raivosa juventude através dos anos:

> A minha vida está velha
> Mas eu sou novo até aos dentes
> (…)
> Bendita a Milha, o espaço ardente,
> E a mão cerrada
> Contra a vida esmagada.
>
> (*Sapateia Açoriana,* 13)

A mesma insatisfação, ou sede de re-novação, se manifesta na grande tentativa de canto lírico e lúdico do científico e tecnológico, *Limite de Idade*, publicado em 1972. Faz lembrar o que o autor diz de João Cabral de Melo Neto: «Quanto mais o universo que cerca João Cabral de Melo Neto é mecanizado e utilitário, mais ele o tenta transfigurar pelo sonho, criando uma expressão que desafia a subtileza dos hermeneutas de tipo lógico.» (*Conhecimento de Poesia*, 260). Um século depois de Zola surge esta reformulação da relação ciência-literatura, relação que tem encontrado no pensador Michel Serres o grande teórico e crítico em termos de interdisciplinaridade. Que um poeta que já revelara tanta mestria da frase poética, que tanto usara a experiência e o cálculo, que possuía um tão grande sentido do humor, tenha tentado a poeticidade da Ciência, não é, afinal, de estranhar. De certo modo, o autor celebra o que os seus poetas estudados e admirados, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoais, vituperaram ou sepultaram no silêncio. Secreto fascínio do blasfematório? Pelo menos, renegação sub-reptícia de uma tradição literária

que nunca pudera assimilar, na poesia, a doutrina naturalista. Não estando no âmbito deste estudo fazer uma análise deste livro em particular, faço estas breves observações apenas para melhor salientar a tentativa de perene juventude em Vitorino Nemésio, de insatisfeita metamorfose, de constante questionação poética, juventude, no entanto, mais de carácter lúdico ou irónico que de carácter rebelde ou intempestivo.

II — É, na realidade, difícil de abarcar as principais significações da poesia de Vitorino Nemésio ao longo de uma obra tão diversa. Pelo que anteriormente deixei dito, afigura-se-me, no entanto, que é possível traçar um quadro do seu carácter distintivo pela conjugação de duas componentes genéticas e formais já apontadas: o sentido da ascese e o sentido do lúdico. Apenas pela ascese poder-nos-ia parecer um poeta da austeridade e da gravidade do Sobrenatural, da integridade religiosa, da ortodoxia do sagrado cristão. Curiosamente, este poeta da tradicionalidade está muito longe do drama metafísico, da chamada angústia espiritual, de um Antero, por exemplo, ou dos arrebates lírico-religiosos, intermitentes mas fogosos, de um Gomes Leal e de um Guerra Junqueiro, ou da vertigem de José Régio entre Deus e Satanás. Poder-se-ia prolongar facilmente a enumeração. Dir-se-ia até que Vitorino Nemésio contraria a tendência tradicional na nossa poesia de inspiração religiosa, levada à solenidade, à eloquência do vitimismo, à ambiência pungente da crucifixão ou então, à glorificação lírica ou eclesiástica. Não se pense que isso é exclusivo da literatura castelhana por oposição ao nosso ameno e saudoso lirismo: o que sucede é que a nossa literatura não possui, como a castelhana, uma mística cristã, mas isto é diferente.

Não é, com efeito, a crucifixão nem a glória que apaixona este poeta que não deixa de estar profundamente ligado à mensagem bíblica. É o *espírito de sacrifício* de que fala a doutrina cristã, no que aí se inclui de interioridade, de consciência de uma perda ou um mal na origem exigindo a continuada luta pela expiação e pela perfeição. No capítulo «O Sentido da Penitência», de *O Retrato do Semeador,* Vitorino Nemésio refere-se precisamente à evolução individualizante e interiorizante que o Cristianismo operou: «Subtraído o pecado, pela confissão auricular, à manifestação retumbante e dramática, passou-se coerentemente da vigência de um tipo de ânimo colectivo, próprio das sociedades ainda fortemente comunitárias, ao império do ânimo sigilar ou do foro da consciência» (*O Retrato do Semeador*, 178). Esta passagem ao sigilo faz-se por intermédio da palavra que substitui a exteriorização penitencialista. O objecto sacrificial não é uma vítima expiatória de sangue mas a própria palavra: nesta o poeta sacrifica a Deus e no seu percurso se exercita a imolação do sujeito. O poema repõe, então, uma certa *inocência*, a inocência perdida originariamente, regenerada dramaticamente na possível *pureza.*

É evidente que aqui há algo de mais universal que o simples Cristianismo. Este, porém, colocou distintamente a oposição «sacrifício cruento da Cruz» — «sacrifício incruento sacramental», não se anulando mas complementando, o primeiro exclusivo de Cristo e o segundo como repetição ritual, rememorativa, ao longo dos tempos. É na esfera do segundo que se opera a interiorização do sacrifício e a sacrificialização da palavra. Aqui se insere o acto poético de Vitorino Nemésio através do qual se *consagra*, de certo modo, a palavra em poema. É útil, a este propósito, notar certas diferenças significativas: de Claudel e a sua simbólica religiosa e severa, numa dimensão comunitária e cósmica, de Saint-John Perse expandindo na poesia um *mistério sagrado* através dum canto que é ao mesmo tempo hieratismo e cerimonial, de Pierre-Jean Jouve entre um sentido de catástrofe imanente no homem e a prossecução de uma «matéria celeste» regeneradora, ou ainda de Jean-Claude Renard no seu intimismo vasto impregnado do sentido de adoração. Não. Vitorino Nemésio, se é o poeta do mistério criador do «ovo», é também o poeta da realidade óssea, da pedra marítima ou montanhosa — não da pedra das catedrais — onde o Sobrenatural, a Razão e a Ironia fazem um comércio íntimo e onde a poesia se constitui, sobretudo, como efeito de ascese.

No final de *Limite de Idade* aparece justamente este balanço:

> compro o silêncio que se me deve
> Por ter cumprido a palavra,
> Trabalhado nas palavras,
> E por elas merecido a terra leve
>
> («*Limite de Idade*», 126)

Cumprir a palavra, trabalhar nas palavras: toda uma ética na poesia. Em Vitorino Nemésio esse é o fio de tensão entre uma realidade espiritual segundo a tradição cristã e uma realidade material e social que se não recusa mas transfunde. Foi sua virtude ter compatibilizado as duas formas na palavra poética, instaurando a familiaridade do sacrifício. Nem celebração nem adoração: este poeta do sagrado, como se diz, prefere o acto intermediário, sacrificar no altar doméstico da palavra, com um sorriso lúdico e uma intencionamidade expiatória:

> (Aproveita a palavra que te veio
> E reza devagar.
> Ajoelha.
> Tudo isto vai passar)»
>
> («*Canto de Véspera*», 50)

Com efeito, se a celebração e a adoração se reduzem ou apagam é porque o sentido da ironia intervém favorecendo a economia e o rigor do acto: «Justement, l'ironie, c'est de s'arrêter en route, arbitrairement, par ascétisme, et de se raidir contre toutes les complaisances du pathos» (Jankélévitch, *L'Ironie*, Flammarion, 1979, p. 95). A ironia introduz a descontinuidade no acto, é um jogo do pudor e da obliquidade, manifesta uma sub-reptícia desculpabilização ou até mesmo uma mitigação da dor e do sacrifício. Sacrifício e ironia assim se combinam num jogo de cabra-cega onde o imaginário do primeiro é submetido à razão especulativa do segundo mas onde, igualmente, esta razão especulativa se exerce num terreno de insuficiência de si e, neste caso particular, de insuficiência em ritual de sacrifício. A homogeneidade do sacrifício é questionada pela heterogeneidade da ironia: entre os dois pilares se desenrola a ascese. 0 próprio autor declara: «A poesia é filha do mistério, mas também nasce do humor. Talvez até porque o humor é misterioso e genésico. O humor gera o riso, a decepção, a tristeza» (*Conhecimento de Poesia*, 195).

A ironia, por natureza, não desenraíza a realidade primeira, antes lhe confere um novo semblante estabelecendo-se, em definitivo, como simulação e alusividade. Daí o seu carácter lúdico. E daí também que nem Deus nem a morte estejam fora do circuito irónico de Vitorino Nemésio. Reparemos neste modo de exprimir a insuficiência de si perante a grandeza divina:

> Ah! Tu, Toiro de Fogo, e eu lesma fria!
> Tu, Roda de Navalhas retiradas
> Das Sete Dores de tua Mãe!
> Tu, Tubarão de Amor, e eu a enguia
> Que até as águas estagnadas
> Têm!
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 117)

A figura do morto é especialmente atingida pelo jogo irónico, como se ele representasse a vítima nesta poética do sacrifício, patenteando-se a realidade cadavérica cheia de uma vida significante e permitindo aquela levitação ou suspensão da catástrofe que melhor alimente a continuidade sacrificial e proporcione como que a grelha semântica do efeito morte:

> O morto, esse, em livor não sente nada:
> Apenas, entre a cera derregada,
> O sentido das coisas descobria
>
> («*Nem toda a Noite a Vida*», 54)

A dupla perspectiva componencial da poesia de Vitorino Nemésio, a ascese e o lúdico, conforme tenho vindo a desenvolver, surgem num movimento de revelação e de escondidas, à volta do núcleo poético idêntico, apontando sempre algo que logo escapa no desvio, de maneira contorcida, criando, como figura básica e definidora, a espiral. A Regra e o Prazer jogam em mútuo confronto, a maneira de espiras, elaborando-se um sentido concêntrico na dificuidade de ser, na necessidade de moldagem, no retorno ao dever espiritual, e um sentido excêntrico na insatisfação de ficar dentro, na suspeita da intimidade, na experiência derivante e simulante. E aqui a sossegada paciência de retomar sempre o cicio na convivência das espiras, na sua impossível eliminação. Mas sucede também que o poema se crispa, se contrai, se retorce, pára em aberto como à espera, se sustém no momento crucial, se continua em entrecortes de ritmo. Este problema do ritmo existe igualmente noutros poetas contemporâneos sendo, no entanto, os seus limites e a sua compreensão diferenciados, como não é menos evidente.

Falando da importância e da necessidade da ironia na arte moderna, diz Vitorino Nemésio no pequeno estudo «A arte de escrever» de 1928: «Com referência à função desta no estilo, compará-la-ei à da dúvida metódica cartesiana no domínio da especulação.» Ironia entendida, como se vê, ao modo de metodologia para atingir o verdadeiro, questionação, vigilância sobre si, suspeita do irracional. Assim se converte em elemento cumulativo e vivificante e assim também se compreende que seja não só o que retém a ascese fora da absorção mística no Sobrenatural mas ainda um acto mesmo de ascese e de tensão.

Não há, porém, de maneira nenhuma, uma linha registada de grau sempre igual ao longo da sua obra. Há intermitências e mesmo esporádicas suspensões. Em *Nem toda a Noite a Vida,* por exemplo, nota-se uma grande diversidade nos poemas coligidos, o que por si só constitui, no conjunto, a tensão polifónica do livro. Pode-se, no entanto, verificar ainda, mais em pormenor, a propensão para a amenidade e para uma ascese resignada, lírica, cósmica. Relativamente aos livros anteriores, reunidos em *Poesia* (1935-1940), torna-se sintomático o predomínio da figura do lago sobre a do mar, da pedra do monte sobre a da rocha marítima, do sal sobre a da vaga. E, em geral, o forte desejo, eu diria mesmo o desejo tenso, de uma mudança distensiva:

> Já não estou para rosas! Gastei tudo.
> Queimem o dia até ao fim!
> Só sinto gosto no que mudo
> E, se restar, é para mim.
>
> («*Nem toda a Noite a Vida*», 20)

O Verbo e a Morte será de uma construção mais cerrada na tensão sacrificial e lúdica. Domina a ascese do despojamento na brevidade do verso, na frase nominal, na mudança brusca de modulação, na análise caleidoscópica da palavra, na predicação alógica, no desdém do supérfluo, na implantação da dificuldade como modo poético. O poema autonomiza-se em *exercício espiritual.* E a tensão de fogo e água:

> Entro com Deus no forno
> do seu ser. Oiço o mar.
>
> («*O Verbo e a Morte*», 14)

Ou ainda o esforço repetido sobre a própria deficiência:

> E disto apenas minha pena curta
> Remando escreve
> O que a água repetida à areia furta.
>
> (*Ibidem,* 13)

*
* *

Que é então, para Vitorino Nemésio, a palavra, esse lugar e objecto de sacrifício de que falei? Há autores para quem a palavra é um dado meramente material cujo trabalho fornece o chamado produto, para outros é mero instrumento ou significante mimético para uma *outra* realidade a transmitir. Para Vitorino Nemésio, como para muitos outros poetas, a palavra é um mistério, ou antes, é uma participação de mistério. Nele, porém, esta noção assume uma dimensão religiosa. E isso porque, no fundo do problema, de forma mais explicita ou menos explicita, está o confronto de verbo-Verbo:

> «Chamo verbo ao equívoco falado
> Que em tábuas decorei de tempo e modo,
> Mas o Verbo é unívoco e sagrado,
> Junto a Deus, mesmo Deus, único e todo.
>
> («*O Verbo e a Morte*», 67)

A palavra humana é falível e ambígua como marca da própria insuficiência do sujeito, da sua degradação original. Este ser «equívoco» é a vertigem do sem-sentido ou da morte, a confusão dos limites, tendo como referência absoluta o Sentido divino do Verbo. A tão característica humildade deste poeta compreende-se por essa consciência da palavra

como saber dos próprios limites. Com efeito, não dramatiza a barreira erguendo-se com revolta contra o obstáculo opaco de si próprio, à maneira do verbo rebelde de Miguel Torga; nem o verbo se difunde cosmicamente com a exaltação profética e social de V. Hugo ou com a nostalgia paradisíaca de Teixeira de Pascoais. Ele assume o humano limite com a simplicidade de um dado natural, como ao «cavalo encantado» é natural e empolgante o obstáculo. Na verdade, o limite é transponível e entre o verbo e o Verbo estabelecem-se nexos de re-ligação que resgatam o primeiro.

> Desse Verbo que falo, mal declino
> O caso do meu nome, nele divino;
> Anónimo, sem ele vagueio mudo
>
> («*O Verbo e a Morte*», 67)

O mistério vive na própria matéria verbal que é, simultaneamente, sinal da degradação e objecto da redenção. Não é, portanto, para estranhar o título do livro *O Verbo e a Morte*. Na ideosfera cristã a morte é o sacrifício do falível e do efémero, o sacrifício fecundante, a transição dialéctica necessária, com que, em Vitorino Nemésio, o poema se faz e de que se alimenta, revelando-se na osmose de dois mundos:

> Assumo a face da morte
> Cá não sei onde,
> Que já mais lá parece,
> Entre gelar-me e ter
> Calor do outro.
>
> (*Ibidem*, 57)

A ideia de morte não é, pois, pura negatividade integrando-se antes no sentimento da perda e da insuficiência de si que move esta poesia na procura e na espera da regeneração, possível na «modéstia»:

> Já com modéstia ao Verbo inclinarei
> As sílabas sagradas no segredo
> Seu hausto em mim divino, do que sei
> Digo à noite fechada e ao dia cedo.
>
> (*Ibidem*, 69)

Não será demais insistir na frequência, ao longo da obra, da dimensão do negativo, silêncio, secura, frieza, pequenez, encerrando-se na ideia geral de morte, não, porém, como manifestação masoquista ou delimitação narcísica do drama mas como sentimento da deficiência profunda que faz apelo a uma transcendência recuperadora, isto é, a uma

restituição da harmonia. Assim se entende, de resto, por exemplo, o título *O Bicho Harmonioso*. A miserabilidade converte-se, por meio da ascese, na harmonia compensatória do poema. Nesse contexto aparece a simbologia da torre, não revelando nem a altissonância nem a rebeldia nem marcando a eroticidade com sinal positivo mas surgindo como expressão do degradado que se reorienta para a conciliação com o divino:

> De palavras viscosas fiz a torre
> Do castelo do nada em que me achei:
> (…)
> Assim tu, ó Deus da Ira, me conheces
> Calcinando as pegadas que esclareço
> De mente fria ao coração sem preces.
>
> («*Canto de Véspera*», 45)

Poder-se-ia ainda tomar outra simbologia, a do lago ou do poço, que tão frequentemente manifestam na história literária, formulações narcísicas, no encantamento ou na vertigem da própria imagem, aparecendo antes em Vitorino Nemésio na associação à suspeita e ao desdém da imagem de si. É o caso ainda da figura do espelho. Um poema intitulado «Espelho» é, sobretudo, a tentativa de se não ver, a constante dificuldade de se confiar, iludindo-se o desdobramento especular com a enumeração de coisas ou circunstâncias ambientes, para no final deste modo se descrever:

> O fruto seco
> E, como os pêssegos, peludo,
> Roído, cheio de peco,
> semente estéril de tudo.
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 68)

A voz retém-se, a emoção filtra-se como incerto veio de água ou decorre sinuosamente no dizer compacto, a opacidade predomina, a diversidade de proposições e de perspectivas parece obedecer a uma estratégia de sigilo sobre o fundo *mal* interior, surgindo um traçado sincopado e contorcido. A auto-ironia joga aí o papel de denegação, tradicional em tópicos de enaltecimento:

> Eu, dejecto de estrela e desperdício de anjo
>
> («*Nem toda a Noite a Vida*», 66)

É o ser caído. Pesado e sólido como uma pedra. As pedras, os muros, o cais, são a obsessiva contrapartida de um imaginário à partida na ordem do fascínio: os anjos, a água, a neve, as virgens. Entre o peso

de si e a volatização ou transparência, entre a resistência ou a dificuldade de ser e o apelo à altitude, à transcendência, entre o reconhecimento dos limites humanos, terrenos, e a esperança na magia do sacrifício expiatório, perpassa o drama sinuoso e discreto da poesia de Vitorino Nemésio:

> Sim, daqui, deste abismo trivial
> A que só as palavras dão fundura,
> A ti clamo.
> Abre o meu pedernal,
> Que a seca estéril rege.
>
> («O *Bicho Harmonioso*», 116)

É ainda o binómio de Regra e Prazer, a consciência do Verbo e a deriva fácil do verbo, a bipolaridade que representa, ao fim e ao cabo, a forma de sacrifício e a forma de jogo. Tão antigo e tão cultural, digamos, este binómio: a tradição clássica grega nos mostra o costume político-religioso de criar no centro da cidade o templo e o estádio, duas formas de estar em sociedade, a sociedade embebida no culto sacrificial e lúdico dos deuses, bifurcando a Lei num sentido de limitação e num sentido de libertação. O Cristianismo, porém, fascinado pela Lei e pelo sentido dos limites, recalcará o lúdico retirando-o da *cidade de Deus* e, pelo mesmo facto, proporcionando a sua libertação a nível de heterodoxia (lembremos os goliardos medievais) ou de marginalidade que o próprio oficialmente desconhece, isto é, dissociando a primitiva conjunção verificável em culturas de diferentes origens. Aqui, com Vitorino Nemésio, estamos dentro de uma poética. A palavra reconcilia em si o sacrifício e o jogo, imolando no seu fogo o falso, o *impuro*.

> Sua coragem na palavra o espera.
> Aguardado silêncio pensativo,
> como a hora que a torre negra dera
>
> («*O Verbo e a Morte*», 85)

O apelo à palavra dá-lhe mesmo um cariz de oração com que a própria condição pode ser superada, já que ela se tornou o lugar *santificado* pelas interconexões do verbo e Verbo:

> Eu quisera do dom da língua feita
> Tirar a minha vida perdoada
> Que a tão vil existência foi sujeita.
>
> («*Nem toda a Noite a Vida*», 74)

Será que o elemento água tem, então, na poesia de Vitorino Nemésio uma função purificadora e benéfica? Será difícil de o confirmar. Ela surge predominantemente com a característica de «frio», enquanto sentida, e de objecto dessedentador, enquanto desejada. Mais patente será o carácter de imersão purificatória sob a forma de «mar», figura de rivalidade para a recuperação de si próprio na identificação à sua vida vasta e excessiva. Por isso, esta frequência fascinada do mar, o mar criador:

> Todas as tardes levo a minha sombra a beber
> como uma nuvem ao mar de que saiu o meu ser.
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 68)

Desta fidelidade à génese passa-se, com o poema «Para que me deixem», para a imersão dramática, desejo radical de identificação sobre o momento coincidindo com o desejo de não perder a identidade antiga, força fantasmática de rivalidade e de superação:

> Deixem-me, só no mar, não aluguem o bote:
> Medi o salto e o mundo antes de me atirar.
> Assim, não há ninguém que me derrote:
> Afogado ou flutuando hei-de chegar:
> (…)
> Nunca fui senão mar numa coisa peluda,
> Mar numas veias cheias de ânsia
> De o derramar na superfície muda
> Que está à minha espera desde a infância.
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 89/90)

Pelo mesmo poema se poderá ver, nesta figura verdadeiramente problemática do mar, em Vitorino Nemésio, a voz da vertigem que se assume, a memória do *mal* que ele descobre e liberta, a presença perigosa de Outro. O imaginário da alteridade concentra-se aí, complexamente. Pode permitir, na conciliação amiga, o encantamento e a viagem interior, o percurso a outro território do desejo:

> O meu amigo mar chegou-se a mim
> E depôs o seu sal e o seu aroma.
> (…)
> Fui sempre o fruto que sobrava
> O ramo torto, estéril, peco!
> (…)
> Mas o perfume... Penetrei-me
> Do que ele de longe me dizia

(…)
Vi-me nas terras procuradas
(…)
Viagem aérea e breve
Ao outro lado da vida

(«*Eu, Comovido a Oeste*», 127)

Mais frequente que esta relação de alteridade linear é a que se pode compreender a partir de outro poema, em forma mais nitidamente mitopoética, «Ode ao Mar» de *O Bicho Harmonioso*. O mar é um mundo de coisas vivas, a vaga, as conchas, os peixes, o sal, as sereias, onde tudo é íntimo e prodigioso, é um reino com uma organização onírica, ali flutua, livre, uma eroticidade lírica, vasta, oceânica, e ali o poeta é rei:

Amplo, cheio, sufocado,
Vestido de um azul viril que me bebia,
Dentro do mar fui proclamado
Rei, e ali logo embalsamado
Por causa das dúvidas que havia.

(«*O Bicho Harmonioso*», 100)

Dúvidas, com efeito, justificadas. A vaga é água de múltiplos meandros, resumindo, no fascínio e no repúdio, na transparência e na sufocação, na vida interior e no movimento excêntrico, a existência carregando a infância com ressaibos de reino fabuloso e de reino tirânico. Daí a rivalidade ambígua, desde o efémero desfrutar do excesso:

Salgadas extensões imperiais que eu herdo

(*Ibidem*, 100)

até ao desvendamento do frente a frente e à súplica humilde de perenidade:

Eu, o Rei da Ilha Negra, o das águas tocado,
O coroado de peixes
Que vêm sobre ele à uma,
E que te pede a ti, Pai Mar, que o deixes
Viver na imitação da tua espuma.

(*Ibidem*, 102)

Estando a poesia de Vitorino Nemésio marcada por um sentimento contrário à *origem doirada,* enquanto origem do humano, predominando o sentimento da degradação originária, a figura da Mãe,

paralelamente, apaga-se em face da figura do Pai ou surge, sobretudo, como presença rejeitante ou maléfica, ao contrário do que sucede com poetas de onirismo regressivo envolvendo-se no fantasma do bem-estar uterino. Como exemplo:

> Já uni os artelhos para a morte.
> Minha mãe velha espera o tempo nos seus ais.
> (…)
> O pecado é maior que a escara, a compressa, a bugia
>
> («*Canto de Véspera*», 70)

Contexto de morte, de velhice, de pecado: o espaço materno marcado negativamente. De modo mais geral e vago, na medida em que está em causa a mulher não identificada, mas de modo mais preciso enquanto relação desejada e difícil, aparece-nos o problema profusamente explorado em «A Vaga Verde» de *O Bicho Harmonioso,* onde o tema do navio vem completar o enquadramento fantasmático. Navio não possuindo aqui a carga histórica de mediador de terras e povos mas a carga erótica de percursor das águas, de mediador da «vaga» e do «capitão». Fica assim apropriado o que no mar era a identificação satisfatória com o poeta, assumindo-se o poeta na força viril, sem a rivalidade anterior de «rei» de um reino maravilhoso e partilhado. O navio é a figura que faz ocasionalmente coincidir os dois campos opostos, materialidade sólida e liquidez flutuante, formando um conjunto complexo que se associa ao próprio ser. A imediatez e a clarividência da relação aparece mesmo na auto-interpretação da escrita:

> A vaga verde, aquele navio desesperado,
> Aquele navio humano, cheio de porões,
> Sou eu. Isto é: eu — o navio desarvorado;
> Que a vaga é Ela. Nada de confusões!
> E em luta! O Capitão não tem barbas
> (Isso era literatura): tem medo,
> Medo da vaga verde, de águas bravas;
> Disso fez a coragem e o segredo.
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 81/82)

O elemento água não surge em Vitorino Nemésio como lugar narcísico nem mesmo, o que se poderá mais estranhar, dentro da ritualidade da purificação, mas como expressão de transparência por vezes, ou, sobretudo, na formulação erótica da voracidade de que anteriormente falei de maneira genérica. Voracidade, porém, vigiada, controlada, não deixando a água de ser o lugar de uma imagem, mas imagem da alteridade. Aliás, esta mesma citação alude a um tipo de

alteridade a que já fiz referência, para além da relação existencial, e que se poderia considerar relação de alteridade estética. O poeta conhece bem o território da tradição, os criadores e os seus espaços, sabendo escrever os próprios marcos ao escrever com a palavra comum. É uma experiência e uma procura de trajecto por entre um mundo de palavras carregadas de história, habitadas pelo Outro. O sentido da ascese e o sentido do lúdico permitem-lhe, precisamente, distanciar-se da eloquência / repetição. O estilo anafórico tem uma significativa ausência na sua poesia que vive menos de núcleos repetitivos, da nostalgia do retorno, da perseguição reiterada da origem, que da descoberta insatisfeita de outro terreno onde a sua identidade se revele sob outro prisma. Eu diria que, ao fim e ao cabo, o poeta busca sempre outras *imagens,* frustrado no reflexo primeiro de si, esgotando uma *imagem* à medida em que nela excessivamente se descobre. Neste caso, poder-se-á definir o seu trajecto poético segundo a ânsia, ou ainda a voracidade, de captar sempre um *outro* na própria identidade. Dir-se-á que a água dessedentadora seca rapidamente perante o perene desejo de outra coisa, surgindo, então, nos interstícios do seu movimento criador, a fecundidade do vazio:

> Quelqu'un, qui fut possible en moi, peut-être pense:
> Qu'il est net, le cerceau du vide, à la lueur
> Des grands lacs dédaignés du cygne voyageur!
>
> («*La Voyelle Promise*», 45)

E o percurso continua na envolvência e na nitidez daquele vazio que tanto persegue sempre o asceta, instalando-se na experiência do deserto interior e daí retirando o fascínio de um ideal ao modo de «cygne voyageur».

A repetição aparece, sob uma face diferente, no género popular, em *Festa Redonda* e em *Sapateia Açoriana*, representando bem, afinal, a ocasional adopção de uma outra imagem, a popular, sendo talvez possível falar-se mais numa tentativa de exorcizar o fantasma da repetição que de explorá-la para inserção nos fundamentos da sua poética. É que existem nela velhas reminiscências tentadoras, a miragem erótica e fascinante de perseguir mesmo que seja regressivamente, a colagem à ideia de tempo que corre e se deseja recuperar. O poeta não será, então, apenas um criador-transmissor mas um recuperador-transmissor:

> Os poetas, pais de verbo,
> Fecundadores de entendimento,
> Capazes, como Bombix muri,
> De dançar de erótica alegria
> Sobre uma página de poesia
> Que cheire, cheire só

Ao sentido-perfume concentrado
Milionesimamente
De alguma frase tonta
Há mais de dois dias morta.

(«*Limite de Idade*», 94)

Em rigor dever-se-á dizer, porém, que está mais em causa o cálculo do que a repetição, nesta poesia fora da espontaneidade popular. *Os saltos* no seu percurso, à procura de *outro*, deixam, é certo, o vestígio e mesmo uma certa nostalgia do vestígio mas é maior o impacto da imagem diferente encontrada, alargando a alteridade que passa a significar uma previsão e um horizonte da rota no sentido dos outros e até de Deus:

Deus, que é cálculo e amor (…)

(«*Limite de Idade*», 75)

Agora voo mais que o peixe aéreo,
Plano mais que a gaivota flutuante:
Mas sempre a cálculo, a reactor, na combustão da pena,
Revelado com Deus lido em Job e Niels Bohr

(*Ibidem*, 43/44)

A erudição em Vitorino Nemésio patenteia na sua poesia que o eu não está só, multiplica a presença discreta e insinuante da alteridade, demonstra a convivência com imagens securizantes. Por esta fissura se dilui o sentimento dramático da insuficiência do eu, prosseguindo, no entanto, a função salvífica da escrita onde o poeta deposita sempre a esperança de completude. De reparar ainda que esta alteridade securizante se integra no sentido do lúdico, relativizando, por isso mesmo, a sua capacidade compensatória, como se, mais do que fazer-se completar pelos outros, pretendesse fazer-se acompanhar na insuficiência de si, somar-se e não salvar-se. O resgate, com efeito, é na sua poesia uma instância do Sobrenatural.

*
* *

A nostalgia discreta da recuperação a que antes aludi como débil fio no poderoso movimento de avanço e descoberta, a voracidade de outras imagens, introduz um problema que se torna fundamental pela desconstrução operada: o Tempo.

Desde as primeiras obras é bem sensível o problema do envelhecimento, predominantemente na versão irónica, traduzindo a obsessão do desperdício do ser, a consciência de perecer em forma viva. E

esse problema surge numa dupla perspectiva, a que remete para a infância contaminada pela degradação da origem colectiva e a que remete para um final, a morte, a partir do qual se assiste ao lento arder da idade, ao quotidiano desperdício do corpo. A existência decorre numa combustão progressiva trazendo desde a origem um gérmen da morte. Se Vitorino Nemésio não é um poeta da forma narrativa, não deixa, por vezes, de o fazer, sobretudo nos primeiros livros. É o caso precisamente de «Fábula da Serpente», em *O Bicho Harmonioso,* rememorando mitopoeticamente os inícios da queda no tempo degradado, e não apenas referindo a *história* mas insistindo também na *memória*:

> Foi nessa noite.
> Ainda me lembro,
> Como se este meu peito ressequido
> Tivesse as fontes do seio de Eva.
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 69)

O Tempo estiola, perde-se na própria carne, deixa atrás de si a pele ressequida da serpente, tornando-se esse desgaste da matéria o sacrifício do relativo e efémero que liga fantasmaticamente, no sentido de perda ou mal originário, o actual ao arcaico. Por isso o poeta não renuncia à alegria e ao canto perante a desconstrução do Tempo *aparente*, fixando-se, porém, na ambiguidade da consumação: por um lado destrutiva (e isso significa também que o mal não foi apenas herdado e conjurado de uma vez para sempre mas deixou um embrião na efemeridade da carne) e por outro expiatória, repondo uma integridade que, paradoxalmente, não perde o carácter de efémera.

O ideal é certamente regenerar a harmonia no Tempo, um Tempo que não fosse progressivamente redutor ou uma metamorfose negativa mas a re-integração quotidiana na plenitude e na perenidade do ser. Este desafio Vitorino Nemésio sente-o desde o início da sua obra. E com *Limite de Idade* tenta, afinal, a vitória prometaica contra a vertente do tempo, iludindo a repetividade ou a estiolação para escrever, com tenacidade e lucidez, a utopia poética da tecnologia e da ciência. Nesta outra maneira de tentar a reconstrução do Tempo chama-se à escrita o ancestral e o futuro, o símio e o autómato, onde a subjectividade do poeta seria o comum ponto de apoio. Mas ainda aqui o sentido do lúdico exerce a sua função relativizadora, deixando a percepção ou a leitura dos tempos com a carga de Saber neles acumulada, no espaço da ironia que permite a supremacia do que é *revelado*, do Sobrenatural. A poesia reveste-se de uma engrenagem de dureza e de opacidade que corresponde ao seu fascínio de sempre, ao fantasma do deserto, sendo a visão maravilhada,

encantatória, do científico, a sua *versão.* Versão formulando o encontro cerrado da Regra e do Prazer.

O poema é o lugar eleito das ressonâncias harmónicas, o objecto estruturado como marco a *permanecer*. O Tempo desperdiçado no corpo, abalando constantemente a harmonia do ser, é procurado na palavra que suscita ao poeta a ideia de perdurabilidade de modo que não seja em vão o sacrifício de si, se fixe a chama ardente sobre a matéria falível:

> Triste poema
> Da hora de espera,
> Submisso e pronto no pensamento.
> Leva-me todo ao tempo intacto
> Que uma palavra pura atinge,
> E, já conexo em mente e alma,
> Dura no eterno retornar.
> Só tu comoves o alto enigma:
> Nós não sabemos decifrar.
>
> («*Nem toda a Noite a Vida*», 65)

Entre esse «tempo intacto» ideal e o tempo real da degradação estabelece-se certa correspondência com a relação de Verbo (Absoluto) e verbo (relativo). O verbo e o tempo são dados do que é *demasiado humano*, são passagem, caducidade. E, no entanto, o poeta escreve, isto é, faz um pacto com o Verbo e com o Tempo harmónico, situando nessa complexa encruzilhada de fluir e permanecer o «alto enigma».

Esta posição ideal que o poema permite — «palavra pura» como acesso ao «tempo intacto» — é um ponto privilegiado donde o poeta olha os vestígios à sua volta, a sua multiplicação, a erosão do corpo cada vez mais sentindo a vertigem do deserto, deixando escapar uma invocação nostálgica e apelativa:

> Oh janelas ardidas, oh morte
> De tanta coisa viva ou esperada:
> Galeota do sul, águia do norte
> Que hoje vê por vidros, empalhada!
> (…)
> Estar aqui, em osso, atento
> Ao que já vou de transformado!
> Ouvir em mim toda a pachorra do caruncho
> Lá nos trabalhos com que me estraga»
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 88/89)

Se anteriormente eu assinalava que o sentimento de insuficiência de si não levava o poeta ao penitencialismo exuberante, é que, na realidade,

também o sentimento de culpa nele existe de maneira muito esparsa e genérica. Eu falaria antes em culpabilidade. A culpa, para Vitorino Nemésio, é algo de anónimo, colectivo, remoto, inerente ao corpo, ao humano, de que o verbo e o tempo são expressões. O ser é menos culpado do que culpável. Seria interessante verificar, por exemplo, a metáfora do frio, e concretamente em *O Pão e a Culpa*, nesse campo semântico da culpabilidade. O que absorve boa parte da responsabilidade contribuindo para a fluidez da culpa (assumida, então, em bloco segundo a tradição cristã como algo que passa de ser em ser desde a origem) é precisamente o tempo. É ele que nos antecede, atravessa e arrasta, é ele que faz e desfaz perante os nossos olhos, passivo enquanto carne de tempo degradável mas activo enquanto elemento macro-cósmico exercendo-se punitivamente:

> O tempo gasta a minha voz como se fosse o seu pão.
> É ele, é ele o que tem tudo escondido,
> Ele o que A desviou e A violou no vento
> (…)
> Tempo, molde de todos os lugares,
> Pegada de quem desaparece,
> Esquema de bocejos e de esgares,
> Frio de tudo o que arrefece.
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 63/64)

Este tom grave que o poeta adopta, incriminatório, não deixa de surpreender quando se compara com a ironia reiterada sobre a morte ao longo de toda a obra. A invectiva do tempo visa uma entidade intermédia entre si e Deus, concentrando-se aí a culpa, o mal, ou melhor, o veículo da culpa e do mal conforme o modelo demoníaco. O que está verdadeiramente em causa é mais o envelhecimento do que a morte porque é aquele o sinal mais evidente e sensível de como o tempo corrói, cria a ruína, curvando o orgulho humano até à terra. A morte é, acima de tudo, o «morto», o «cadáver», isto é, a consequência do tempo desconstrutor, concentrando já um carácter de ser isento, expiado.

Pode, no entanto, o tempo tornar-se objecto lúdico, esvaído então da substância humana culpável e tratado nos seus estratos gramaticais e cronológicos:

> De era se faz o meu futuro,
> Será será o meu passado
> Como da hera se faz muro
> Mais que de pedra levantado.
>
> («*O Verbo e a Morte*», 22)

Um tempo de superfície, manipulado como a pele da serpente, sobre que é possível mesmo uma sub-reptícia represália contra a vaga demoníaca do tempo-memória, memória interior e cultural. A seriedade neste tratamento lúdico é a do encantamento infantil, aquele modo extático de manipular os objectos que tanta persistência terá no modo poético de trabalhar a palavra. Recorda-se logo Fernando Pessoa. Em Vitorino Nemésio tudo se passa mais delimitadamente ao nível do «verbo» cuja relatividade ou insuficiência, na perspectiva infantil, o fascina, não radicalizando o lúdico até à própria identidade. A palavra, dependente e fascinante como uma criança, pode derivar e alargar-se a sectores de gravidade onde o poeta se entretém. Assim, há uma tendência para evocar ideias e figuras religiosas — Deus, anjos, céu, inferno, etc. — na boa relação existencial de entidades domésticas, fora do êxtase místico ou do drama escatológico. Isso permite o admirável poema «Padre-Nosso Nuclear» de *Limite de Idade,* para dar um exemplo. Eu diria, porém, que o lúdico, sendo de ordem mais global, se caracteriza sobretudo pela posição de fascínio rememorativo de *uma* infância enquanto a ironia se dirige mais no sentido adulto de derivação do problema ofuscante, do desejo impossível. O poeta joga com Deus mas ironiza sobre a morte: é que nesta se rasura, através da ironia, a dor do envelhecimento e se ilude o desejo da perenidade corpórea. Ironia que traduz, afinal, um fundo interrogativo na linha lúdica poética, surgindo, por vezes, a superfície quebrada, a geometria hesitante, porque o *verbo* com que se joga ou questiona é *equívoco*:

> Ser o que é? Sabor a morte no ar.
> Uma árvore de sangue é folha ou osso?
> Estes jogos de fumo é o mais que posso
> Na vida que me é dada ao interrogar.
>
> («*Canto de Vésperas*», 41)

Uma ideia de Mikel Dufrenne ajudar-nos-á a rever este problema avançando na sua compreensão: «Jouer, c'est produire un imaginaire. Mais qui n'est plus image de, c'est-à-dire reflet, comme de Narcisse dans le miroir de l'eau, ou copie, comme du héros par l'aède platonicien; cette image a Ia consistance et Ia suffisance d'une réalité, ele n'accepe pas Ia concurrence de cette réalité.» *(Esthétique et Philosophie,* Éditions Klincksieck, Paris, 1976, t. II, p. 139). Importante é, sem dúvida, o lugar aqui concedido ao imaginário no jogo e, conforme o mesmo autor entende, ao imaginário dionisíaco. Poder-nos-emos perguntar, porém, se esta concepção estética do jogo não terá em conta apenas uma área restrita. O facto de o jogo não se limitar a ser reflexo ou cópia não implica necessariamente que possua natureza autónoma de realidade. Não poderá o jogo desenrolar-se precisamente numa espécie de concorrência com outra realidade, criando o

prazer do confronto ou do evitamento ou da vitória? Eu diria que na ironia é mais sensível o confronto do que no lúdico embora se não trate de duas noções dissociadas, funcionando, tanto num caso como noutro, o espaço imaginário do entre-dois, uma relacionalidade que pode, no entanto, existir apenas em forma latente, derivada ou reprimida. 0 código de relação habitual é posto em causa, operando-se a partir da própria fissura constituída um traçado de prazer e tensão, a rearticulação de outro código. Em Vitorino Nemésio, em particular, onde a Regra e o Prazer muitas vezes se envolvem e revolvem num jogo complexo, é fácil verificar-se o imaginário do entre-dois cheio de sinuosidade e de obliquidade:

> No lance do verbo jogo
> Mas, se vigio o meu dado,
> A boca sabe-me a fogo
> Do sentido inesperado
>
> («*O Verbo e a Morte*», 59)

O imprevisto revela a vertigem da realidade outra e esta iminência da visão súbita e funda comprova a não gratuitidade, dependendo afinal da vigilância, sentimento este tão típico do poeta, prevenido contra a insignificância e a inanidade:

> Flato de voz é morte irreparável,
> Só Verbo é vida
>
> («*O Verbo e a Morte*», 61)

O lúdico, com o sentido de humor que supõe, não deixa de chegar fundo e de revelar mesmo uma zona sombria na difícil alusividade, ficando suspenso entre a luminosidade aparente e a obscuridade que dentro de si nasce. Com efeito, «o humor é misterioso e genésico» *(Conhecimento de Poesia,* 195). A relação com a ideia de sacrifício, por essa vigilância mantida e exercitada, e com a ideia de morte, pelo que no sacrifício é corte e transformação, torna-se, então, evidente no acta poético, ao mesmo tempo sacrifício do sujeito e criatividade do objecto misterioso:

> Do fundo do verbo ardente
> Nasço, qual homem de mãe,
> E sou de repente gente
> Por tudo o que o verbo tem.
>
> Mas de mim mesmo ali morro,
> Em sangue e nada esvaído:
> Se houver gritos de socorro
> Seja o nado-morto ouvido
>
> («*Sapateia Açoriana*», 90)

É muito significativo em Vitorino Nemésio que as referências ao mistério, ao obscuro, à morte, decorram a um nível que não é o da sua exploração. O poeta prefere anotar que o horizonte em frente é negro a abalançar-se na sua pesquisa, prefere entendê-lo na perspectiva textual de acto poético a partir à aventura dramática do seu labirinto. A poesia de Vitorino Nemésio não possui propriamente um sentido arqueológico, não se vira na ansiedade do mítico-colectivo, não se caracteriza por trazer na sua carne os vestígios do ancestral através da vivência onírica. O cavalo impulsivo, tal como aparece em O *Cavalo Encantado*, domina-se e conduz-se na via segura do solo. Não será estranho a tudo isso o fantasma do deserto de que falei, a secura sentida pateticamente como drama do presente íntimo (a este propósito, um livro de prosa, *Caatinga e Terra Caída,* vem ilustrar essa dor mas também essa paixão da secura). O sentimento de insuficiência estende-se ao sentir da própria poesia que se desejaria ardente, fogosa, exaltada, como anacoreta descendo à povoação e trazendo nos seus gestos os rasgos do deserto:

> O poeta cristão seria o que viesse
> De látego, e dele pálido, batido:
> Não o *amuseur* de quermesse
> Das Cinco Chagas desvanecido.
>
> O poeta é terror no ermo adornado,
> Lâmpada e vara quente.
> Já me sinto aterrado:
> Falta-me ar ardente.
>
> («*O Pão e a Culpa*», 20)

O que caracteriza a religiosidade na poesia de Vitorino Nemésio não é o êxtase místico, nem a piedade lírica e menos ainda a devoção fácil e passiva, é o fervor da ascese coadunada com uma prática lúdica.

Daqui retira também a poesia uma força artesanal e arquitectural que se combina intimamente com o enquadramento do Sobrenatural que a atravessa, a cerca e a molda.

Ora isso deve-se, acima de tudo, à supremacia do histórico em Vitorino Nemésio. Não se caracterizando a sua poesia pela ingressão no ancestral, no mítico, no onírico, quer a ideia de religiosidade quer a ideia de Tempo são antes encaradas como devir no presente a que a infância por um lado, e, por outro, o sentimento dum mal originário conferem a dupla abertura alargada da vivênvia histórica. Pode o poeta assim dizer:

> Como o peso do pássaro no ramo
> Sinto a memória na alma
>
> («*O Pão e a Culpa*», 51)

O Tempo não surge sobrecarregado de uma memória excessiva. De resto é sintomático verificar a ausência de figuras de interioridade cósmica ou, mais particularmente, de figuras espeleológicas como a mina, o subterrâneo, etc. O Tempo impõe-se como figura maléfica corroendo o ser físico numa lenta combustão ou como categoria manipulável ao modo infantil, um êxtase na manipulação do objecto que bem pode representar a tentativa de exorcizar a outra dimensão, o Tempo degradado e degradante. A memória da poesia releva sobretudo da fixação histórica com o saber e a sensibilidade que se lhe proporcionam através do *escrito,* a Letra. A poesia de Vitorino Nemésio torna-se então muito mais uma «vibrante arquitectura» (*Nem toda a Noite a Vida,* 89) da memória do que uma onírica arqueologia da memória.

É verdade que há figuras de um tempo arcaico, a serpente por exemplo, e, em sentido oposto, de um tempo vertido no futuro em *Limite de Idade* (associando-se aqui aliás, as duas directrizes, numa vitalização mútua). O que, no entanto, domina ao longo da obra inteira, dando-lhe um fundamento comum, é muito mais o imaginário da casa no que ela evoca de cristalização e de vivência actual, de fabricação e de efemeridade do estar. O soneto «A Concha» de *O Bicho Harmo*nioso é significativo a este propósito e dele extraio momentos que corroboram até ideias já anteriormente referidas:

> A minha casa é concha. Como os bichos
> Segreguei-a de mim com paciência
> (…)
> Minha casa sou eu e os meus caprichos.
> O orgulho carregado de inocência
> (…)
> A minha casa... Mas é outra a história:
> Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,
> Sentado numa pedra de memória
>
> («*O Bicho Harmonioso*», 58)

Da mesma maneira que a pedra, surgem no mesmo campo imagético os muros, as grutas, os búzios, os cardos, os fósseis, etc. Por outro lado, a memória é mais propriamente identificada à liquidez, à figura da água, como conteúdo flutuante, indeterminado:

> Pus-me a contar os alciões chegados
> (Minha memória era água, água...)
>
> («*Eu, Comovido a Oeste*», 131)

Assim prossegue o movimento de espiral na poesia, na habitação, de Vitorino Nemésio. A memória parte do sujeito na sua aderência de

sempre à mineralidade, em sacrifício nas aras do Tempo, inscrevendo-se pelo próprio acto poético num desafio à perenidade quando em si mesmo sente o avanço da pulverização e a vertigem do deserto. Algo desaparece, morre, como a semente de que fala a linguagem evangélica, para que outro ser surja e permaneça. E a memória, em rigor, é a matéria fluida e inocente, persistindo como fixação do que morreu, a matéria significante numa ausência:

> Água, água, espelho liso
> Da cara que já perdi...
>
> («*Nem toda a Noite a Vida*», 97)

Movimento, na realidade, sinuoso, o desta poesia cheia de obliquidades, ligando-se à superfície simples e dura da convexidade e à fundura sublimada da concavidade, entre o lado do Pai e o lado da Mãe, percorrendo uma espiral através do sólido e do líquido, da opacidade e da transparência não especular, da perenidade e da efemeridade, da Regra e do Prazer, da ascese e do lúdico. De qualquer modo, o tempo infantil, quer como evocação do mal originário, quer como sinal de fascínio extático, é o fundamento desta memória e desta poesia:

> É na memória que outra vida hiberna.
> Em casa de meu Pai, já fechada ou caída,
> A primeira mulher que amei — foi uma cisterna.
> (…)
> Eu sou o que ficou todo nas coisas ágeis
> E embebe as solidões como o simune e a lua.
> Se lá forem agora, a minha cara
> Na água velha ainda flutua
>
> («*Eu, Comovido a Oeste*», 132/133)

Vestígio e testemunho, a poesia fica, liberta do sujeito e definindo-o, caminho que se fez com os próprios passos e se largou, expansiva a tudo com força autonímica, cais que vive entre o chegar e partir da ondulação, absorvendo e não restituindo, como água diferente, velha talvez, parada esperando, circunscrita ao poço, à cisterna, ao lago, ao mar, uma água na delícia e no sacrifício de um muro, difícil à transparência, contorcendo a circum-inscrição, diferente no ser de imagens que reflectem um modo de ser, ser de imagens que é um modo de dizer.

VITORINO NEMÉSIO:
NA SENDA DO VERBO PRIMORDIAL *

Sou como a macieira carregada
De palavras a mais cobri o chão.

(Vitorino Nemésio, *Eu, Comovido a Oeste*)

Real e fictícia, nem real nem irreal,
a palavra poética desprende-se do real
e actua no cerne em que o
real se desfaz e se refaz.

(António Ramos Rosa, *A poesia moderna e a interrogação do real-I)*

Redenção da «palavra da tribo», a
palavra do artista, que é a palavra
poética, realiza-se no espaço de subtilização
que está na palavra comum,
recoberta do lixo donde a retira.

(Vergílio Ferreira, *Espaço do Invisível-III*)

Escritor de poligráfica expressão, poeta da açorianidade e simultaneamente atraído pelos grandes temas universais, dividido entre a memória da infância (que pretende recuperar intacta) e as graves reflexões da maturidade, Vitorino Nemésio é bem o artista que expressa na sua poesia as perplexidades da escrita. Perplexidade não pela carência das palavras, que na posse delas sempre foi privilegiado[1], antes da acomodação das mesmas ao mundo que elas próprias criam, mundo que um gesto mágico, mimese do primordial acto da criação, faz surgir, por obra e graça do próprio verbo que o nomeia.

Émulo de Deus lhe chamou José Martins Garcia[2], pela identificação da função criadora do seu verbo com o «In principio erat Verbum» do Evangelho de S. João. Segue-se ainda que na poesia moderna, de um modo geral — Nemésio incluído — a palavra artística surge impregnada de

---

* *In Arquipélago, IV,* Ponta Delgada, U. A., 1982.

[1] «[...] sou de temperamento psicomotriz extroverso e, por assim dizer, desfaço-me em linguagem. Sessenta anos de letras fizeram de mim uma espécie de corrente contínua da fala: – penso em acto, e como que já nem posso fazer funcionar o interruptor [...]» (Vitorino Nemésio, «Última Lição», in *Críticas sobre Vitorino Nemésio,* Lisboa, Bertrand, 1974, p. 23).

[2] José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio: a obra e o homem,* Lisboa, Arcádia, 1978.

poderes mágicos que a situam não só na linha do citado evangelista, mas também na senda de toda uma série de mitos cosmogónicos, segundo os quais ela tem a supremacia, convertendo-se, de facto, «numa espécie de potência primária, donde procede todo o ser e o acontecer»[3]. É com base nesta concepção que Ernst Cassirer aproxima do verbo primordial a palavra de toda a criação artística. Ressalva, contudo, as devidas distâncias, ao reconhecer na poesia a liberdade de se subtrair à força subjugadora do mito[4] para atingir, num mundo de ilusão e de fantasia, a sua realização plena, onde o espírito se mova sem coacções nem obstáculos, tomando a palavra e a imagem, nas suas formas sensoriais, como formas da sua própria auto-revelação[5].

1. UMA POESIA EM AUTO-QUESTIONAÇÃO

Poesia como processo de auto-revelação e de autognose podemos considerar - pelo menos em grande parte — a de Vitorino Nemésio. Todavia, e disso nos ocuparemos neste trabalho, o seu acto de criação, apesar de surgir com um poder transfigurador de efeitos súbitos e luminosos, passa não raro por uma profunda interrogação, mediante esse processo de auto-reflexão (espécie de metapoesia) que é a poesia pensando-se *in actu*. Isto equivale a dizer que também o poeta, questionando o poema, se questiona a si próprio, equacionando, mediante um sistema complexo, os problemas que o seu posicionamento no *cosmos* e no *logos* incessantemente lhe levanta. E nesta tarefa, que se não resolve em suavidade, joga todos os seus trunfos, ignorante ainda dos resultados, porquanto estes se traduzem frequentemente em espanto, devido à instauração de um sentido ou de uma polifonia de sentidos inauditos, como se a própria criação poética o lançasse numa aventura de desfecho imprevisível, mediante uma expressão cujo alcance o ultrapassa:

> No lance do verbo jogo
> Mas se vigio o meu dado,
> A boca sabe-me a fogo
> Do sentido inesperado [6].

---

[3] Ernst Cassirer, *Linguagem, mito e religião,* Porto, col. Substância, ed. RES limitada, 1976, p. 80.

[4] Há, porém, um reino intelectual, em que a palavra não só conserva o seu poder original, como também o renova, cada vez mais, permanentemente; dentro destas confinações, experimenta uma espécie de palingenesia constante, de renascimento, ora sensorial, ora espiritual. Esta regeneração opera-se enquanto a linguagem se converte em caudal de expressão artística. Aqui recobra a sua plenitude vital, embora de uma vida não já sujeita ao mítico, mas esteticamente liberta» (op. *cit., p.* 163).

[5] Cf. *idem*, pp. 163-164.

[6] *O Verbo e a Morte,* Lisboa, «Círculo de Poesia», Liv. Morais, 1960, p. 59.

Já em «O Canário de oiro», que Nemésio considera o poema central de *O Bicho Harmonioso* e, de um modo geral, de todo o seu pensamento poético, declara-se surpreendido com uma voz que se expande em harmonia, simbiose de musicalidade e de sentido profundo, uma voz/canário de oiro, de que ele é apenas a gaiola. Por sua vez, o canário, identificando-se com o seu sangue, é antes expressão de uma realidade *ab imo* que, ao ser feita arte, se desprende do seu criador, de tal modo que este, olhando-se ao espelho, acaba por desconhecer a sua própria face:

> Ai, que o canário é o meu sangue talvez!
>
> Mas então isto que é? Que violino engoli?
> Que frauta rude aveludou a minha noite?
> Em que prato de cobre bateu o nó do açoite?
> Tão exacto, meu Deus, só vibrado por ti! [7]

A palavra poética adquire, assim, uma dinâmica própria, como se uma iluminação súbita a fizesse ressaltar da esfera comum em que denotativamente significa para ser enriquecida com novos sentidos. Por fulgurante intuição ou morosa demanda, é sempre na procura de um verbo sublimado que o artista se move, de um verbo que seja «redenção da 'palavra da tribo'», como o define Vergílio Ferreira. No caso de Vitorino Nemésio, ele tem por detrás uma força que o sustenta («Tão exacto, meu Deus, só vibrado por Ti»), de que adiante falaremos.

Após uma aturada busca da sua expressão poética, largamente manifesta em *La Voyelle Promise* e *O Bicho Harmonioso*, seria lícito pensar que, para tranquilidade do poeta, ela fora definitivamente conquistada em *Eu, Comovido a Oeste*, expressão acabada do seu modo de ser lírico, e solidamente conservada em obras como *Nem toda a noite a vida, O Pão e a Culpa, O Verbo e a Morte*. O que se verifica, porém, é que essa procura da palavra que cria, recria e que metamorfoseia o real («digo saudade e tudo reverdece») [8] a há-de prolongar-se infinitamente, sendo ele o eterno insatisfeito consigo próprio, pela ausência de uma quietação que o verbo poético lhe não proporciona. E nos casos em que teria sobejos motivos para se fascinar com o seu canto, não se atribui os méritos dessa harmonia vocal, dada a distância que medeia entre ela e o farrapo de si «a que se agarram uns limos» e que, remexendo no seu «tanque pútrido», apenas depara com «bichos, limos, vozes e tristezas» (*O Bicho Harmonioso*, p. 14). E não é difícil encontrá-lo, ao longo do seu percurso lírico/vivencial de mãos vazias, quando o seu desejo seria assumir-se em inteireza no seu discurso poético («Ir eu, ser eu no que digo e mantenho»), do que «A

---

[7] *O Bicho Harmonioso,* Coimbra, «Revista de Portugal», 1938, p. 17.
[8] *Nem toda a noite a vida*, 2.ª ed., Lisboa, Colecção «Poesia», Ática, p. 75.

nortada encheu de ilhas o horizonte» (poema que, por ser bem revelador da condição do poeta, transcrevemos na integra) nos dá conta:

> A nortada encheu de ilhas o horizonte.
> Olhando bem, nenhuma é verdadeira,
> Mas cada uma em mim tem porto e monte,
> Que eu sou homem que vé doutra maneira.
>
> Carregado de sonhos, vou de leve,
> Ao comprido do mar, que o inverno esturra;
> Vou, como uma velhinha no pinhal,
> De lado, na sua burra.
> (A minha é a triste pena que isto escreve
> De boa mente e tão mal...)
>
> E agora, por pinhal, por burra e ilhas,
> Que eu levanto de mim, sem me mexer:
> As saudades que eu tenho! As maravilhas
> Que a cada instante faço e hei-de perder!
>
> O asno puro e lento que eu me sinto
> Mas com cascos e felpa, e os atafais
> Quando desejo ser (bem sei que minto)
> Só paciência e marcha, como os mais!
>
> E, sendo burro, no pinhal que eu tenho,
> Vasto e vergado, meu pinhal de ouvido,
> Ir eu, ser eu no que digo e mantenho,
> Assim, só racional e comovido![9]

2. A ANGÚSTIA DAS PALAVRAS

«Homem que vê doutra maneira», assim se autodefine, expressão que, por si só, sintetiza a posição de todo o poeta, entidade para quem o real não existe *em* si, sujeito a um fenómeno de interiorização que o modifica, dando-lhe nova configuração. E na quarta estrofe Nemésio reitera esta percepção de si próprio, ao afirmar-se ávido de enfileirar numa padronização com os demais, embora concomitantemente a expressão parentética (brecha por onde a sinceridade do poeta se escoa) anule esse desejo, obrigando-o a render-se à evidência («bem sei que minto»). O asno «só paciência e marcha» a que aspira (símbolo da tranquilidade de quem vai entregue a uma deambulação que se alimenta do próprio ritmo, sem nada fora dela a que reenvie) é inviável para este homem de horizontes insulados que se procura na sua criação poética. A

[9] *Eu, Comovido a Oeste,* Coimbra, «Revista de Portugal», 1940, pp. 20-21.

própria estrutura frástica é sinal revelador de uma dicotomia que eficazmente sugere a impossibilidade de se assumir em tranquilidade num determinado plano, sem interferência de outros que o perturbem. «Carregado de sonhos [vai] de leve» (leve da concretização dos mesmos; leve, portanto, de realizações vivenciais que lhes correspondam). Igualmente essa dicotomia patenteia, por um lado, uma necessidade vital de expressão, um impulso incontrolável em ordem à escrita, e por outro os seus frustrantes efeitos, os quais ficam aquém do ambicionado («a minha é a triste pena que isto escreve / De boa mente e tão mal») e ainda a oposição referente às «maravilhas que a cada instante [faz] » anuladas seguidamente pela sua perda.

Ser de excepção, carregado de sonhos, ele é tanto o operador de maravilhas como o «pobre e estéril jardim que seca tudo o que amanh[a]», o que reconhece ter sido sempre «o fruto que o sorvava... o ramo torto... estéril... pêco» (*Eu, Comovido a Oeste*, p. 11), enfim, o «semeador» de palavras que se angustia mais do que repousa nelas (embora isto também aconteça). É esta angústia que habita muitas das suas composições poéticas, de que destacamos, por exemplo, «A minha voz», conquanto o seu ponto de partida venha repassado de uma nota de esperança que, estimulando-o ao canto, neutraliza um pouco uma inicial atitude dubitativa que também aí se faz implicitamente representar:

> Vamos a ver se te levanto
> Com estas palavras escuras
> Que são a luz do meu canto
> Vamos a ver se pode ser.
>
> (*O Bicho Harmonioso*, p. 11)

Só então, no próprio acto de erguer a voz, esta se transforma alquimicamente em timbres ignotos, desdobrando-se o poeta eu *eu real* e seu *duplo lírico*, no qual se mira. O êxito do canto não chega, todavia, para eliminar a «aflição» das palavras que o construíram, as quais se tornam parte integrante de si próprio, passando a viver dele (ou não fora a hipálage, cujo processo de funcionamento é, como se sabe, a transposição dos atributos do sujeito para o objecto), sendo nelas que, finalmente, se materializam as suas preocupações:

> Quando te cito, canta,
> Longe, uma voz diversa,
> Uma voz aguda como um grito e o espinho que
> o fez dar.
> Ninguém lhe conhece garganta
> É uma simples coisa imersa
> Em mim, na noite e no mar.

Outras vezes não te cito: tu me citas,
A tua angústia trava o meu mínimo gesto,
Tremo diante do teu látego,
Cheio de palavras aflitas [10]

E do suor do meu protesto.
Então do meu transe se adianta
O teu vulto coberto do meu vulto,
E é sempre assim que o meu duplo canta.

(*O Bicho Harmonioso*, p. 13)

Privado de rasgos poéticos que lhe renovem a expressão e levado pela atomização que fatalmente atinge o homem hodierno («meu coração atónico / De homem moderno» [11], a angústia que deposita nas palavras é a da insuficiência pessoal e da sua falta de genialidade, o que o obriga a uma repetida procura e a uma monótona, porque reiterada, afirmação em circulo fechado:

Encheste de alta angústia as palavras sem génio,
Monótono no círculo atraído:
Só tens um electrão, como o hidrogénio,
E repetes a volta, aborrecido.

(*Limite de Idade,* pp. 76-77)

Estas perplexidades, se bem que se invistam de uma notória intensidade, não têm, contudo, força suficiente para emudecer o verbo do poeta, que persiste na sua árdua (mas fascinante) tarefa, assumida com uma humildade que não deixa, por vezes, de trair uma arreigada (e obstinada) autoconfiança, indício de uma «profissão de fé» na poesia (e, por simpatia, nos poetas, «pais de Verbo») [12], que outros poemas explicitamente proclamarão. «Pai de Verbo» (penetrado da plenitude e sacralidade do sentido, não estará ele, na linha de Novalis, a trilhar os caminhos do «autêntico real absoluto» e, por conseguinte, a gozar de um estatuto de superioridade, relativamente ao homem comum, ao ter acesso a esse mesmo real? Se o considerar-se nascido para soldado de uma guerra (*O Verbo e a Morte*, p. 85) aponta para a dureza da missão a empreender e, simultaneamente, para a incerteza da sua eficácia, a preocupação de

[10] Sublinhado nosso.

[11] *Limite de Idade*, Lisboa Col. Auditorium, Estúdio Cor, 1972, p. 76.

[12] *Limite de Idade, p.* 94. Aqui Heidegger poderia ser também chamado a depor a favor do poeta: «A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação» (Martin Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, Lisboa, Guimarães e C.ª Editores, 1973, p. 37).

ciosamente guardar o sentido («Fazei guardar por anjos a significação»)[13] faz-nos pensar no êxito do empreendimento pelo acesso a uma realidade que a outros estará vedada, exclusão que abarca implacavelmente o próprio crítico, para o qual suplica ironicamente a piedade divina («Tende piedade dos críticos / Perdão para os seus juízos»)[14].

3. NA DEPENDÊNCIA DA «VAGA VOCÁLICA»

Totalmente dependente da «vaga vocálica», o poeta deixa de se afirmar independentemente da palavra que profere, sendo esta que vulgarmente o domina. Paradoxalmente, num homem que entre palavras facilmente circulou em toda a sua vida, destacado mestre (e alquimista) do verbo é, normalmente, numa situaçao de perplexidade que o defronta, receoso de trair o seu valor sagrado. E quando o aflora, é sempre num abandono à acção de Deus, cuja voz empresta o timbre à sua, do que o seu verbo resulta um outro, por ele incontrolável:

> Já da vaga vocálica dependo
> Como a alga que a onda leva à areia:
> Mas eu mesmo, que a digo, mal entendo
> A voz que clama a minha vida e a enleia.
>
> Se intervenho no som gratuito, ofendo
> Seu sentido secreto e íntima cheia:
> Transtornado por ela, emendo, emendo.
> E é ela que me absorve e senhoreia.
>
> («*O Verbo e a Morte*», p. 80)

Completamente submetido ao reinado da palavra, e incapaz de se subtrair ao respectivo jugo, aceita render-se, como se reconhecesse que é ela, afinal, quem tem razão.

Curiosamente, é na sua acepção mais impessoal e abstracta — rumo a uma plenitude que só se atinge com o silêncio — que a palavra refulge, repositório de todo um tesouro que as suas realizações particulares no acto da fala empobrecem, prendendo-a a um contexto que lhe fixa os limites («A fala atrasa / Como um vento dianteiro ao peregrino»). Daí a apologia do silêncio [15], onde a palavra, ainda não pronunciada, encerra uma ilimitada riqueza potencial:

---

[13] «Seta», in *Canto de Véspera*, pp. 14-15 (cf. também «Noz de Fogo» in *Sapa, teia Açoriana*, p. 43, onde o mesmo poema surge com pequenas variantes).

[14] Ibid.

[15] É este silêncio (ao qual se opõe «A palavra como barreira») que, segundo Alberto Pimenta, o conhecimento estético expresso na arte literária moderna persegue, «silêncio que resulta de não ser preciso falar para tudo ser entendido»

Proferida palavra, germe ardido,
Que searas darias taciturna
No recesso silente, âmbula ou urna?

(«*O Verbo e a Morte*», p. 81)

O poema «Pelo Sinal do Fogo», primeiro da colectânea 0 *Verbo e a Morte,* começando por uma abertura à função interventora de Cristo, exprime também a necessidade de travar a libertinagem da palavra / ovelha tresmalhada solicitando pastor. Ao contrário do que poderia logicamente supor-se, ela não volve ao seu criador. Tendo saldo dele, não é, contudo, o poeta que a senhoreia, reduzindo-se preferencialmente ao silêncio, «perdido de si», do que resulta a vivência autónoma da mesma, que só o bafo de Deus sustenta:

Prelúdio... Fiz apenas o prelúdio;
Toco a palavra como piano louco;
Ovelha tresmalhada, toco-a e toco-me,
E é o som tão oco
Em gado pouco!

Fala induzida pede-me pastor:
Cristo mo seja,
Eu não, que é ser o Amor.
Só perdido de si alguém dá lume
Como uma concha ao sol que não é ela:
Apago-me no rápido perfume
Da onda que me soa pela janela.

(«*O Verbo e a Morte*», p. 14)

Tocar a palavra é também tocar-se («toco-a e toco-me»), sendo, pois, a ressonância vocálica portadora de ressaibos existenciais. Tocá-la «como piano louco» é fazê-lo freneticamente, numa atitude de quem se joga todo na missão em que apostou («sua coragem na palavra o espera») [16], cujas

(*O silêncio dos poetas*, Lisboa, *A Regra do Jogo*, 1978, p. 99). Por seu turno, Sartre, que ele também cita, afirma: «Le poète est hors du langage, il voit les mots à l'envers, comme s'il n'appartenait pas à la condition humaine et que, venant vers les hommes, il rencontrât d'abord la parole comme une barrière» (Jean-Paul Sartre. «Qu'est-ce que la littérature». *Situations 11,* Paris, Gallimard, 1975, p. 65). Numa perspectiva filosófica, a questão também ocupou Heidegger, nas suas reflexões sobre linguagem e «verdade do ser»: «Mas também isto é importante: a questão do pensamento não é atingida por um conversar à toa sobre «Verdade do ser» e sobre a «história do ser». Tudo depende do facto de a verdade do ser atingir a linguagem e de o pensar conseguir esta linguagem. Talvez a linguagem então exija muito menos a expressão precipitada que o devido silêncio. Contudo, quem de nós contemporâneos quereria pretender que suas tentativas de pensar estejam familiarizadas na senda do silêncio? (op. *cit*., pp. 88-89).

[16] *O Verbo e a Morte*, p. 85.

consequências são (nós o sabemos, a despeito da acérrima autocrítica do autor que, enquanto «*homem menos que nada*» [17], se olha com desconfianca e ironia) a construcão de um mundo poético totalmente acabado e plenamente realizado, contrariamente ao mundo real, onde as realizações são sempre fragmentárias.

Numa luta pertinaz tendente a preservar «a lição do sentido», agarra-se veementemente, quando o sente ameaçado, («Sinto-me e sento-me vestido de vozes, povoado / numa túnica ardente de sentido a apagar-se. / Então meu sopro silabado torna o dito alteroso, / salvando as sues formas ao que declaro e aclamo»), às palavras, às sílabas e aos sons, como último e único recurso, elementos que, engendrados no sangue do poeta («Feito de altas vogais, como o mar de cloretos e medusas», / *De consoantes ligadas nos abismos salgados do sangue»)* trazem uma vez mais a marca de origem, na aflição de que são portadores:

> Mas sempre com a túnica em fogo,
> Sempre com a sensação de que sou isso mesmo,
> Os sons, os gritos, os pp e os bb, partículas
> Num mar de sangue e *significação aflita*[18]
>
> («*Limite de Idade*», p. 111)

A rebeldia das palavras que se têm de moldar à expressão de um «real outro», traduzida em «Pelo Sinal do Fogo» no simile ovelha tresmalhada, sofre de uma sobrecarga conotativa bastante mais vigorosa na comparação das mesmas com feras de que o poeta seria o domador («Domador de palavras como feras»)[19]. E «um cansaço de morte» é o preço por que Orfeu paga as suas ousadias, ele que dolorosamente se ressente da sua divisão entre o ser e o parecer, entre a imagem que dele têm os outros da que ele próprio se conhece:

> Asa de ave sem canto é aquele ramúsculo
> Que me caiu na testa. — E tanta gente
> Vê nossa alma coroada! Oh triste músculo
> O coração do poeta que o não sente!
>
> Um cansaço de morte gela o ousado
> Domador de palavras como feras,
> Orfeu sem Orco, ínvio ladrão de lume.
>
> Quando, afinal, doméstico e roubado
> Foi ele na paz da pedra, — e a atras quimeras
> Sua coroa de rosas se resume.

---

[17] *Ibid.*, p. 67.
[18] Sublinhados nossos.
[19] «Orpheu», *O Verbo e a Morte*, p. 78.

«Poeta de alma coroada», porquanto, do ponto de vista da estética da recepção, só os efeitos últimos do poema são visíveis, enquanto a sua íngreme gestação permanece gravada a letras invisíveis de suor e sangue no seu autor.

Em «lenga-lenga pueril»[20] (que de puerilidade só terá um pouco a estrutura formal, algo decalcada nas composições deste género, porquanto a significação em muito as ultrapassa), Nemésio fornece mais umas achegas para um desnudamento da sua conflitualidade como poeta, fatalmente condenado à solidão («Levantar a voz começa / A pôr o homem sozinho / Como o morto numa essa») [21] e à incompreensão, revolvendo no íntimo de si uma dor sem linguagem. Esta não é, todavia, uma situação de singularidade, advindo-lhe antes como consequência lógica do seu próprio estatuto lírico, no que se irmana com todos os seus confrades, cientes como ele de «que sérias são estas coisinhas de soar»[22]. Sintomaticamente, no poema de *Canto de Véspera* a que nos referimos, velando o eu e referindo-se genericamente ao poeta (uma forma, embora, de também — e sobretudo — aí se incluir) generaliza a sua experiência, conferindo, assim, um carácter universal às suas afirmações que, neste caso, são as de alguém dividido entre duas posições igualmente insatisfatórias: se não materializa em poema as suas virtualidades poéticas, como entenderem os outros o que ele diz? («não fala — chamam-lhe mudo»). A exprimir-se, tem, por outro lado, a consciência de que a essa voz escapa a essência da sua poesia («Inexprimido se falado»). Desta inexpressão nos fala ele em «Poesia e metafísica», com conhecimento de causa e aquela penetrante lucidez crítica que lhe é bem peculiar:

> *O poema não «é» absolutamente na figura gráfica, discursiva, a que o consideramos vinculado: está lá virtualmente, como algo latente ou potencial. O seu texto concreto é o pretexto da sua realidade. A sua primeira vida autónoma, na primeira leitura do poema acabado, pelo poeta, é reassumida no campo espiritual de quem lha deu. A singularidade de tal acto oferece-se, assim, com a peculiar intensidade de algo que chega a destino. E essa leitura apresenta-se — tratando-se de sons significantes — com a ressonância imediata, global, da significação poemática, como o próprio poema enfim e só então chegado à plenitude ou perfeição*»[23].

E aqui ousamos uma aproximação com o célebre poema «Isto», de Fernando Pessoa [24], pelo estabelecimento de um paralelo entre o «terraço»

---

[20] *Canto de Véspera*, p. 26.
[21] «Silêncio», in *Nem toda a Noite a Vida*, p. 17.
[22] «O Canário de Oiro», in *O Bicho Harmonioso*, p. 17.
[23] *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, pp. 58-59.
[24] In *Poesias de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1978, p. 238.

e o «aspecto gráfico, discursivo», do poema, por um lado, e, por outro, entre essa «outra coisa ainda» e a essência mesma da Poesia que só virtualmente residem no discurso poético.

Via «por onde o quem somos [os escritores] ou o que sentimos há-de passar» [25], toda a criação literária (e, muito particularmente, a poesia) é um discurso animado pela respiração do seu criador. No rasto da concepção holderliniana e heideggeriana de que «a língua é a casa do ser» (que Nemésio, aliás, cita em epígrafe ao poema «Casa do ser», dessa colectânea sugestivamente intitulada *O Verbo e a Morte*, um dos mais altos momentos da sua vida poética) impõe-se-lhe uma necessidade de nomear as coisas não só para que elas existam, mas também para tentar fixar definitivamente no texto uma realidade que, de outro modo, correria o risco de pulverizar-se. E então, após este acto de fixação das coisas pela linguagem, pode, enfim, respirar aliviado porque o verbo revificado fica e palpita no poema — palpitação que é a do seu próprio criador — preso à realidade que significa:

> Com medo de o perder nomeio o mundo,
> Seus quantos e qualidades, seus objectos
> E assim durmo sonoro no profundo
> Poço de astros anónimos e quietos.
>
> Nomeio as coisas e fiquei contente;
> Prendi a frase ao texto do universo.
> Quem escuta ao meu peito ainda lá sente,
> Em cada pausa e pulsação, um verso.
>
> («*O Verbo e a Morte*», p. 75)

5. POETA POR GRAÇA DO INVOCADO

Se a palavra poética nemesiana revela a nostalgia do Verbo primordial e se orienta incessantemente na mira dessa palavra da era pré-babélica, é porque ele está ciente de que o verbo humano, exilado do mundo edénico, mais não é do que um pálido reflexo do Verbo total, unívoco e sagrado, que se identifica com o próprio Deus, Verbo feito carne. Mas sabe ainda que, sendo poeta «pela graça do Invocado» é dirigido por «suas vozes secretas». Já em «a minha voz» reconhece que a primorosidade da sua expressão só pode ser por intervenção divina: «Tão exacto, meu Deus, só vibrado por ti». Tocado por essa inspiração, esquiva-se modestamente à colheita dos louros («Humilde de alma seja o poeta: / Quando se fere por amor, / O sangue é teu, que é tua a seta») [26], nem

[25] Vergílio Ferreira, Espaço do *Invisível III*, p. 21.
[26] Seta», in *Canto de Véspera*, pp. 14-15 e «Noz de Fogo», in *Sapateia Açoriana*, p. 73.

sempre se considerando digno de uma devida apropriação da palavra dada por Deus.

Na senda do verbo primordial, assim definimos as linhas de rumo dos caminhos poéticos de Vitorino Nemésio, peremptoriamente confiado de que não há alternativas e de que uma única possibilidade lhe está ao alcance:

> Pois ainda e sempre, só por semelhança
> Do Verbo se chega à esperança
> Do que se quis.
>
> («*O Verbo e a Morte*», p. 58)

Passagens como esta vêm esclarecer a origem das «maravilhas» realizadas por ele e retirar o que de glorioso lhe poderia advir do exercício da sua arte poética. E aqui uma distinção se impõe entre o homem comum que se reconhece quando reduzido à sua pequenez de mortal imperfeito e o poeta que a luz divina ilumina. Enquanto o primeiro chama a si a responsabilidade de tudo o que na sua expressão poética é portador de negatividade e de imperfeição e daquilo que (da esfera do homem limitado) lhe obstruiu um destino que deveria ser de plenitude, o segundo, conseguindo-a pela instauração de uma fulgurante realidade que a riqueza do seu verbo proporciona, não se atribui os méritos de tal facto. As múltiplas referências que encontrámos neste aspecto, não podem, contudo, levar-nos a uma precipitada conclusão sobre a passiva irresponsabilidade do inspirado que assim se deixa conduzir. Á semelhança da concepção cristã, segundo a qual Deus não salva o homem sem a participação activa e voluntária deste no seu próprio projecto de salvação, Vitorino Nemésio, sabendo-se «poeta por castigo» [27] (quase diríamos por força de um *signo zodiacal* que o marcou à nascença) entra no processo poético de que o Verbo Divino é fonte inspiradora com uma não pequena (nem ligeira) quota parte de labor e de angústia, embora também de esperança no poder ilimitado de um verbo que é fonte de Vida e de renascimento:

> Do fundo do Verbo ardente
> Nasço, qual homem de mãe,
> E sou de repente gente
> Por tudo o que o Verbo tem.
>
> («*Sapateia Açoriana*», p. 90)

[27] «Razão de Ser», in *O Verbo e a Morte*, p. 65.

Menos do que uma dádiva absolutamente gratuita, a criação poética só se efectiva, por conseguinte, mediante um empenhamento activo numa tarefa em que Deus e homem se dão as mãos.

CONCLUSÃO

De tudo o que foi dito, fica-nos a pergunta: «Émulo de Deus» em tamanha fragilidade? Ter a ousadia de competir com a divindade quando se sabe, de antemão, que se perderá a batalha? Se retomamos aqui a expressão de José Martins Garcia, à laia de interrogação, não é bem porque a contestemos. Já atrás reconhecemos, aliás, que, liberta da concepção mimética do real, a poesia moderna, à semelhança do verbo primordial, tem o condão de magicamente criar o seu próprio universo. Simplesmente, as limitações que Nemésio se atribui tornam a sua «emulação» algo complexa. Luta inglória? Também não, sabemo-lo — e o poeta soube-o bem. Se a emulação comporta já implicitamente uma superioridade do objecto que persegue, dela também não estará de todo ausente uma certa confiança em lá chegar, por parte do émulo. Mas, suficientemente débil para o conseguir com os seus próprios recursos, *bebe* nas fontes do «'Outro' maiúsculo» [28] a inspiração que há-de motivar o seu verbo e agora, numa espécie de emancipação da paternidade, reutiliza-o por conta própria para igualar esse outro no gesto da criação. E só por esta via o «homem menos que nada» ascenderá a «mais que tudo».

Ponta Delgada, Julho de 1981.

[28] *Sapateia Açoriana*, p. 92.

LA VOYELLE PROMISE: * VIAGEM E VIRAGEM[1]

Uma das grandes paixões de Vitorino Nemésio sempre foi a viagem. Pendor natural, reforçado sem dúvida pela situação geográfica da terra em que nasceu. Como o feto se deseja libertar do espaço fechado que o encerra, assim o ilhéu aspira geralmente a partir. Viajar é realizar a conjunção de dois esquemas: um horizontal — a fuga ao real monótono e deprimente, a atracção pelo exótico e pelo desconhecido; outro vertical, visando ultrapassar os limites do humano, pela procura de uma dimensão transcendental.

Vitorino Nemésio sonha com novas terras, faz projectos, parte. E em 1935 vamos encontrá-lo em França, na Universidade de Montpellier, onde, durante dois anos, ocupa o lugar de leitor de Português.

É em Montpellier, e logo no primeiro ano da sua estadia, que Vitorino Nemésio compõe La *Voyelle Promise*. Colectânea de 32 poemas todos em francês, esta obra marca uma viragem e uma ruptura do poeta com a sua primeira poesia; e é, pode dizer-se, o seu primeiro livro poeticamente válido [2].

La Voyelle Promise é importante, em especial, pelo seu significado dentro do itinerário poético de V. N., pois representa a arrancada corajosa para uma nova poesia e uma decisão firme que vai concretizar-se na série de obras publicadas a seguir [3]. Trata-se de uma colectânea heterogénea, tanto pela variedade das formas como pelos temas cultivados. No entanto, ela contém já, em germe, aquela temática que vai ser uma constante na obra nemesiana e que se desenvolve, sobretudo, em torno das recordações da infância do poeta.

Como características principais desta obra, apontaremos, entre outras, a propensão para abordar problemas relacionados com a criação poética e o acentuado gosto pela linguagem simbólica. Gosto que a se manifesta imediatamente no título da obra. Para além do significado

---

* In *Vértice*, n° 448, Coimbra, Maio-Junho, 1982.

1 Texto utilizado: Vitorino Nemésio, *La Voyelle Promise*, Ed. R.-A. Corrêa, Paris; Ed. Presença, Coimbra, 1935.

2 Até então V. N. tinha publicado apenas dois livros de poesia; «dois livritos precoces e precipitados, coisas que se estampam no ímpeto da adolescência, sem critério», no dizer do próprio poeta. Foram eles *Canto Matinal*, quando tinha apenas 15 anos de idade, e *Nave Etérea,* aos 21 anos. Havia, pois, treze anos que as musas de V. N. pareciam adormecidas.

3 Sobre as razões que levaram V. N. a poetar em francês, vejam-se as suas próprias palavras em *Poesia e metafísica,* in *Críticas sobre V. N., L.* Bertrand, 1974, p. 60.

simbólico de muitos dos seus poemas, um outro simbolismo está presente na organização da colectânea; simbolismo extratextual, a presidir ao agenciamento dos poemas, segundo uma determinada ordem: começa pelo desejo e projecto de partir, termina com o sonho do regresso — como uma viagem de ida e volta. *La Voyelle Promise* é assim um, percurso poético a significar um período da vida do seu autor.

Ao nível de cada poema descobre-se uma simbologia múltipla, representativa de diferentes aspectos das preocupações do poeta, aspectos que então forjaram o seu destino: logo no primeiro poema, por exemplo, deparamos com uma série de correspondências verticais, difíceis de decifrar, relacionadas com conceitos e sentimentos; e, paralelamente, desenvolve-se um processo de transferências sinestésicas, em que o perfume do tomilho aponta ao poeta os campos meridionais da França, meta geográfica a alcançar nesse momento.

A estes símbolos iniciais se sobrepõe aquele outro, global, que presidiu à organização da colectânea, e que instaurou uma imagem nova, com as suas próprias vias de significação.

Descrever a obra consistiria em descrever as suas redes de imagens simbólicas singulares, ligando-as aos modelos gerais do imaginário, para fazer ressaltar a imagem compósita, concreta, à qual a obra se identifica. Pesquisa essa que nos exigiria uma análise pormenorizada de cada poema, o que não cabe dentro do âmbito do trabalho que nos propomos fazer. Limitar-nos-emos assim a uma rápida análise do título da colectânea, depois do que passaremos à interpretação do segundo poema, por nos parecer particularmente significativo dentro do conjunto.

Sobre o título dado à colectânea, escreve V. N.: «Contento-me por agora em assinalar o símbolo-chave de *Voyelle Promise* isto é, como se à língua nativa de um poeta português, que a Vogal portuguesa simbolize, uma Vogal alheia lhe viesse, de surcroît...»[4]. Quer dizer, vogal é aqui empregada com valor de sinédoque. Não como som isolado, mas no seu conjunto articulado com as consoantes: Vogal é símbolo de Língua.

A sua associação a *promise* leva-nos a evocar *Terre Promise* e a fazer-nos pressentir uma relação misteriosa com a divindade. Aliás, nas civilizações hebraica e árabe, a vogal aparece como símbolo do mistério do Ser. Segundo a tradição da Cabala, as letras do alfabeto hebraico contêm um poder criador que ultrapassa o do próprio homem. Se este as conhecesse por ordem, ao lê-las, poderia criar o mundo, animar os mortos, fazer milagres. As vogais da Tora são como a alma no corpo do homem; elas representam a psique, por oposição à matéria, figurada pelas consoantes. A vogal é ponto, circulo, alma, Deus.

Na tradição islâmica há uma ciência das letras muito desenvolvida, sobretudo o seu valor simbólico. Com elas compôs o Corão, porque elas

[4] *Ob. cit.*, p. 60.

têm o poder de traduzir a força de Deus. As letras são a materialização da palavra divina.

Na Índia a deusa Shakti é a deusa-alfabeto e cada letra identifica-se com uma das partes do seu corpo. Brahma tem um colar de 50 letras: lendo-as por ordem do alfabeto, produz a evolução; em ordem inversa, produz a reintegração. A criação é vista como um livro cujas criaturas são letras.

Também V. N., ao dar ao seu livro o título de *Voyelle*, terá provavelmente associado ao termo vogal o mistério da criação. É com a vogal, elemento básico na construção da palavra, que ele vai construir o seu mundo poético. Pela sua diversidade e combinações infinitas, ela vai dar origem a uma multidão de criaturas-palavras, habitantes do mundo sonhado; e é pelo sonho que o poeta vai descobrir a *vogal* com que traduzirá a sua mensagem. Ao dizermos «pelo sonho», pretendemos significar aquela «exaltação imaginativa e lírica em que o discurso poético ocorre» e fora da qual o poeta tinha dificuldade em utilizar a língua francesa[5].

Considerando *vogal* como o símbolo da língua e esta como manifestação da cultura produzida e radicada num certo país, vogal poderá significar, por metonímia, a própria França; e *Voyelle Promise* seria assim o símbolo de uma *Terra Prometida*[6]. Tal como os judeus, no deserto, suspiravam pela chegada àquela terra onde corria mel e leite, também V. N. suspirava pela sua chegada ao país da luz:

> Reine-Soleil toute couronnée d'ordonnance,
> Mademoiselle Clarté...
>
> (*prière Portugaise à la France*)

No entanto a *Terra Prometida* dos judeus só imperfeitamente, e no plano do desejo, corresponde à do poeta. Enquanto que o judeu é depositário de uma promessa divina, para o poeta esta promessa parte dele próprio. É projecto e intenção; ou melhor, operação em que o destinador e o destinatário se fundem num só ser.

Em *promise* pressente-se uma dualidade conotativa: procura esperançosa no desejo de obtenção; e, ao mesmo tempo, incerteza ou receio de decepção. Não há reivindicação, porque dador e receptor são um só.

Há sim um querer em tensão, perseverante na obscuridade, angustioso no esperar, hesitante por vezes. A interpretação que damos de *promise* é baseada na leitura dos quatro primeiros poemas da colectânea; e também nos seguintes versos do poema *Arte poética*, de alguns anos mais tarde, e inserido em *O Bicho Harmonioso:*

---

[5] Ob. cit, p. 60.

[6] A associação de *Voyelle Promise* com Terra Prometida já foi proposta também por J. Martins Garcia.

Uma vida
Vale como promessa,
E prometer é arquear
A grande flecha.

Promise implica, pois, um acto a realizar em duas direcções: uma em verticalidade, visando o intelecto, a outra em horizontalidade, relativa a uma deslocação espacial[7]. Viagem dupla, duplamente significativa: uma criação poética com espírito novo e a fixação num país estrangeiro. Viagem que é projecto, mas que é também símbolo: o poeta ainda não partiu e já lá está, já partiu e ainda espera (*le milan voyageur*), ainda não regressou e já se vê em casa (*L'enfant prodigue*). Um eterno retorno em que o ser universal procura continuamente a ilha da infância, a terra prometida, a idade do ouro, como refúgio e espaço de felicidade.

II

O leitor atento à dimensão plena da obra poética, e que tentar comunicar a experiência múltipla que ela provoca, sente enormes dificuldades em traduzir essa experiência, sobretudo logo que o poeta se exprime através duma simbologia pessoal.

Decifrar símbolos é sempre uma prática que comporta riscos, pela inadequação do percurso imaginário do leitor àquele que seguiu o poeta. Este instaura imagens novas que contêm no agenciamento dos seus elementos relações internas, portadoras de significação; aquele procura compreender e interpretar, ligando essa rede de relações ao quadro real que serviu de ponto de partida ao poeta, tentando descobrir os arquétipos que estão na base do seu pensamento e lhe regem o funcionamento.

É na procura deste encontro entre criação e decifração que vamos tentar uma leitura do poema *Le pin reverdit en français* [8]. Decifração que não tem apenas em vista descobrir uma funcionalidade semântica clara, mas interpretar com espírito de auto-interrogação e visão intuitiva.

Ao abordarmos este poema, a primeira dificuldade de leitura situa-se imediatamente ao nível do título. *Le pin reverdit en français* surge-nos como uma frase paradoxal. *Reverdecer em francês,* ao nível da linguagem comum, de sentido directo, é um erro; não sintáctico, mas semântico. O acto de reverdecer não se projecta em matéria linguística consequente, portanto não admite este tipo de complemento. *Reverdecer* realiza-se por si só, a um certo ritmo ou intensidade, num dado tempo ou espaço; e são estes os quatro complementos que o verbo admite. Mas a palavra poética transcende a lógica verbal do quotidiano. Transborda e desrespeita

[7] Veja-se a leitura que propomos para *Le pin reverdit en français.*
[8] Ver o texto integral do poema na secção antológica do Autor, neste volume.

sentidos e funções, criando tensões e significações contraditórias. Desse caos gramatical e semântico emergem revelações informadas de energia nova. *Reverdecer* torna-se polivalente e passa a significar segundo uma lógica poética. O mundo que faz surgir é, à primeira vista, opaco, mas duma opacidade transparente. O espaço semântico abre-se sobre uma outra realidade, surge revivificado por desvios e transgressões, enriquecido de uma pureza originária: *Reverdecer* é criar de novo. No universo de percepções diferentes que é o poema, a mistura de categorias do animado e do inerte fazem ressaltar na palavra valores e potencialidades que afinal já possuía, diluídos no plano da comunicação prática, mas que agora são postos em destaque; é que também o poeta pode praticar o acto de reverdecer. *Reverdecer em francês é* criar renovando e utilizando a língua francesa. E, deste modo, o pinheiro surge impregnado de uma mentalidade e de um destino, como uma incarnação que sugere sentido sem o dizer, dela emanando um poder virtual de enfeitiçamento: aquele pinheiro é o próprio poeta.

O significado desta alusão inicial à língua francesa é fácil de decifrar, desde que saiamos do texto e façamos apelo a dados da biografia do poeta. Trata-se com efeito de uma vivência pessoal do autor, de um projecto que, no acto da escrita, é já realização: a intenção de poetar em francês [9].

Le pin reverdit en français é, deste modo, uma pequena história autobiográfica. Um conto que não conta nada, mas que evoca e sugere. Uma história sem elementos de narração, mas que cria emoção e transmite impressões; que não descreve, mas insinua.

André Breton tinha redigido o Manifesto Surrealista havia bem poucos anos (1924). E era a imaginação que aí pontificava: «la seule imagination me rend comete de ce qui *peut être»;* «je m'abandonne à elle sans crainte de me tromper»; «Le merveilleux est toujours beau, n'importe quel merveilleux est beau, il n'y a même que le merveilleux qui soit beau». É certo que V. N. não pode ser considerado como surrealista. No entanto respira-se em alguns dos seus poemas de *La Voyelle* Promise uma atmosfera de maravilhoso. A sua linguagem situa-se naquela fronteira instável entre o objectivo e o subjectivo, lá onde o mundo e o eu se contactam e se separam. Zona de intercâmbio com o inconsciente, em que o maravilhoso se produz e o homem e a coisa se distinguem com dificuldade. Vai-vem de fusão e confusão em que, pelo poder mágico da palavra, a matéria se torna espírito e a fronteira entre poeta e pinheiro deixou de existir. Como dizia Mallarmé, nomear um objecto é suprimir três quartos do prazer que se experimentará, se o adivinharmos aos poucos. V. N. não nomeia, apenas sugere. Nesta obra a sua linguagem tornou-se simbólica, indirecta; linguagem que sugere conteúdos emocionais ou sentimentais. Que insinua, que estabelece relações entre a palavra e o objecto.

[9] Veja-se declarações de V. N. no seu artigo já citado, *Poesia e Metafísica,* p. 60.

E quais são essas relações entre o objecto nomeado, simbolizante, o pinheiro, e o ser simbolizado, o próprio poeta?

A indeterminação ou imprecisão do sentido é sempre uma porta aberta a todas as possibilidades de interpretação, cada uma contendo uma percentagem maior ou menor de verosimilhança. Vamos então analisar o pinheiro-árvore, para vermos em que medida e porquê ele pode e vai exprimir o pinheiro-poeta. Em que medida pinheiro é síntese e centro dinâmico de uma verdade que se dissemina em todos os sentidos e, pelo menos, sobre dois planos — o do ser vegetal e o do homem sonhador.

A palavra *pinheiro*, colocada em posição de símbolo, reencontra uma força e valor de grande complexidade que lhe dá possibilidades infinitas. Iremos analisa-la primeiramente como árvore e depois na sua especificidade de pinheiro.

Porque produz frutos, a árvore é devir vital: emblema da continuidade e da fecundidade, símbolo da vida a todos os níveis. Em razão da sua verticalidade e resistência às mudanças meteorológicas, a árvore simboliza também a força, a solidez, a firmeza, a perseverança, a segurança e a estabilidade.

No que diz respeito à simbologia do pinheiro, ela é frequente sobretudo no Extremo Oriente. Arvore resinosa, o pinheiro é aí considerado como isento de corrupção e tomado como símbolo da longevidade e da imortalidade. No Japão, em especial, o pinheiro simboliza o homem indomável, que soube conservar intactos os seus pensamentos, apesar das críticas que o rodearam.

Entre o poeta e o pinheiro haverá assim factores comuns de natureza e situação que justificam a comutação. Correspondências que levam a uma transposição para o plano dos conceitos e dos sentimentos pessoais.

Tal como o poeta, o pinheiro do poema habita a ilha, espaço fechado, jardim edénico, talvez; mas, sobretudo, espaço isolado dos outros mundos, propício ao deambular da imaginação, criadora de fantástico. Espaço situado dentro desta mer/mère, como um feto que aspira a emancipar-se, a libertar-se do envólucro que o asfixia e lhe tolhe os movimentos. Espaço criador de utopias que dá ao pinheiro o fastio da sua vida sem amanhã: apenas olhado pelas mulheres, que lhe colhem a caruma e lhe cortam os ramos.

O desejo de mudança vagamente evocado pelo pinheiro é o mesmo que Vitorino Nemésio já havia expressado antes, claramente, em *Varanda de Pilatos* (p. 175):

«...o cabedal quase todo da minha vida até ali, era o mar sem ondas. Eu não vivia, meu pai não vivia: adiávamos de instante para instante a ocasião de renascer. Porque eu devia ter a impressão de que irava numa matriz surda e constante, sempre em redor do mesmo ponto, e projectado numa órbita escura que não se alargava de um palmo.»

Referência à vida na ilha, durante os seus tempos do liceu, em que exprime já o desejo de espaços abertos, horizontes largos, vida nova. O jovem adolescente, como agora o homem maduro, não se contenta com a passividade de uma vida apagada, sem aspirações.

Na sua solidão insular, o pinheiro sofre com a indiferença dos aviões e das pombas que passam sem o olhar:

> Ni les colombes de Lisbonne
> Ni les avions, oiseaux étudiés,
> Ne faisaient aucun cas de ce fût sans colonne.

Como todos os alados, a pomba simboliza o predomínio do espírito; e, para o poeta, Lisboa era sem dúvida o centro da cultura do espírito. No entanto, quando Mallarmé escreve «Ce toit tranquille où marchent des colombes» está a referir-se aos barcos sobre o mar. Ora também as pombas de V. N. poderão figurar os barcos. Enquanto que *les avions são oiseaux étudiés,* o fruto de uma técnica actual, exímia em rapidez, capaz de ultrapassar a dos elementos naturais, a *colombe*, voando ao sabor do vento, figura de certo modo o barco, a cortar as águas do oceano.

Os aviões e as pombas que passam ao largo e nem se dignam olhar o pinheiro, sugerem-nos a falta de correspondência relativa à partida do poeta para França, a que ele se refere noutros poemas da colectânea; tanto mais que o correio para os Açores era então levado de barco ou de avião.

O pinheiro sente-se como um «fuste sem coluna», imagem bizarra e contraditória, de difícil decifração. O fuste constitui o próprio corpo da coluna, a parte que lhe é essencial. Poderão existir colunas sem base ou sem capitel; mas admitir a existência da coluna sem fuste já é mais problemático. Como interpretar então o inverso, a existência de um fuste sem coluna? Teremos de conceder que o poeta atribui à coluna um significado particular; talvez, por metonímia, a sua função de sustentáculo. E assim, «fuste sem coluna» corresponderia a uma frustração: um fuste que nada sustenta, que é como uma coluna vertebral a que falta a cabeça.

O tema simbólico da coluna truncada deverá exprimir no poema a vocação do poeta a desabrochar; sonho que quer tornar-se realidade, virtualidade em espectativa, potencialidade em promessa:

> ...ce fút sans colonne
> Mât à la voile dêchirée.

Um ser incompleto e frustrado, este pinheiro. Na primeira imagem há uma sugestão de espera, uma necessidade de complemento. Na segunda, uma insinuação de impossibilidade acidental: viagem que se não pode realizar, porque a vela está rasgada. Mas ter mastro e ter vela é

ter recebido uma missão: é ser apto a galgar oceanos. Por isso. neste lugar rochoso e solitário, no extremo do mundo, o pinheiro chora e implora o auxílio divino: Il *implorait le creux / Du ciel...* Lamenta a sua solidão, como lamenta o facto de ser resinoso, pois a resina lhe cola à casca fugitiva o vento de Nordeste, *la bise:*

> Seul, tordu, malheureusement résinaux,
> Collant la bise à son écorce fugitive.

O vento é subtil, ligeiro, móvel, rápido. Por toda a parte se insinua, incapturável. Ele é a expressão da própria liberdade; e igualmente a força motriz que conduz os barcos em demanda de novas terras.

Gratuitamente? A Agamemnon exigiu o sacrifício de Ifigénia..... Que vai ele exigir ao pinheiro-poeta?

Colado à casca, o vento torna-se certamente insinuação de movimento e acusação de apatia. Além disso, o vento aparece associado ao fogo e ao Espírito Santo. O pinheiro recebe, no silêncio, *la voix muette, // Sans un mot,* uma mensagem de vida nova: *son devoir sous le vent.* E é porque o pinheiro tinha esquecido a *venteuse secousse,* que ele chora a sua vida medíocre. Mas sonha, e no seu sonho sente-se leve, mergulhado *d'azur*, neste infinito do ar ilimitado, sem nuvens nem bruma, puro e transparente. Como na poesia romântica, *l'azur* representa a espiritualidade triunfante, um elevar-se da terra em demanda de mais alto: *Et son pied sanglant rêvait des chevelures à la mousse l / trempées d'azur…*

Situado à beira da água, nela se diluem as suas lágrimas; e esta água do mar, *la mer,* dá ao poema um matiz de sensualidade, traduzido em particular pelo registo simbólico relativo ao sonho do pinheiro: *chevelures, mousse, ivres...*

A *chevelure* é um ornamento do corpo humano (aqui feminino) que evoca um número grande de sensações pela sobrecarga simbólica de que se investe, habitualmente, na literatura. Susceptível de evocar os três reinos da natureza, pela sua semelhança com os ramos da árvore, com a crina do cavalo, ou com a espuma da água, a chevelure tornou-se um dos motivos preferidos em poesia, não só pelo seu valor estético, mas também por exprimir certas construções do inconsciente. A propósito de *chevelure* escreve Marguerite Yourcenar: «J'ai toujours goúté la beauté des chevelures, cette partie soyeuse et ondoyante d'un corps, mais les chevelures de la plupart de nos femmes sont des tours, des labyrinthes, des barques, ou des noeuds de vipères»[10].

No poema presente, *chevelure* é símbolo aquático e parece funcionar como mediador erótico: o pinheiro vê no mar cabeleiras de espuma que

[10] *Mémoires d'Hadrien, Folio 921*, p. 77.

nele se espelham, que parecem acenar-lhe de longe, *trempées d'azur,* como uma tentadora insinuação.

A água do mar separa, isola, mas é também sugestão de viagem. Se as cabeleiras acenam para o alto, a aliciar o sonho da verticalidade, o mar, por sua vez, oferece a atracção de uma dimensão horizontal: massa imensa que faz nascer o desejo do exótico e a curiosidade do ignoto. Mar é convite à aventura.

Fixado na sua rocha à beira-mar, o pinheiro contempla a ilha, vê tudo em ordem, *c'était très bien*, mas não pode mais suportar a mediocridade daquela vida monótona, inútil. Dar apenas umas braçadas de caruma é pouco[11]. Servir apenas para assar sardinhas é muito pouco. O fogo fornecido até então era anónimo, banal, de utilidade doméstica, quotidiana:

Il pleurait ses rameaux rôtissant des sardines

Até agora, só ardiam os ramos, o exterior, o visível, aquilo que passava à superfície. Chama útil, apreciada pelas mulheres do povo, imagem sem dúvida daqueles que se contentam com pouco... *les pauvres femmes des pêcheurs...*

Aos ramos se opõem as raízes, parte firme, sólida e invisível. Sustentáculo do simbolizante que o mantém vertical; mas também prisão do simbolizado, que o apega demasiado à terra e lhe corta as asas do sonho. É destas raízes que o pinheiro-homem precisa de libertar-se: é a elas que precisa lançar fogo.

As gentes da ilha apreciavam esse fogo exterior. Mas eram pessoas qui *longent l'inlongeable*, que não se apercebiam da existência de um outro fogo a queimar por dentro o pinheiro. Fogo do conflito interior, da aspiração insatisfeita, do desejo de ir mais longe e mais alto. Fogo que permite ver *dans l'invisible, à l'aveuglette.* Fogo interior, a arder sem chama por enquanto, que lhe garante que ele existe, *puisqu'il existe*, e o leva a perguntar-se:

Pourquoi ne faire toujours son devoir sous le vent?

Pourquoi ne faire toujours son devoir sous le vent?

É a conjugação do vertical com o horizontal que leva à interrogação, passo preliminar no processo de um renovar de vida. Constatada a mediocridade do passado, e consciente de uma missão a cumprir, uma primeira operação se impõe — a do corte com esse passado:

[11] Nesta caruma podemos ver talvez uma vaga alusão aos dois livros de poesia já publicados.

…priant la lance blême
Qui tranche le fil
A l'inutile.

A lança do sacrificador transforma a oferenda ritual em força espiritual. Corta a matéria tornada inútil com vista a valores mais altos: morte que conduz à ressurreição. A lança é símbolo de dor, mas o corte que opera no pinheiro é como o corte da charrua a penetrar a terra, com vista a uma colheita futura.

Desde os tempos mais remotos que o destino do homem aparece simbolizado pelo fio: frágil, ténue, ele pode ser cortado num momento rápido, com um golpe de tesoura. Nada melhor que o fio incarna o determinismo e a continuidade; ele prolonga-se no espaço como a vida se prolonga no tempo. Cortá-lo é parar a marcha. Por isso o pinheiro suplica à lança que o liberte daquilo que nele é inútil: os seus ramos secos *(ses chicots).* A eles deitará fogo e por eles atingirá as raízes: assim será tocado o coração do problema e assim lhe será dada solução.

A tatear na obscuridade, o pinheiro procura fósforos... Há nele um desejo de se ver e de ver:

Pour voir un peu dans l'invisible, à l'aveuglette.

E, como por milagre, as chamas brilham na escuridão. Fogo destruidor e regenerador, como o fogo das queimadas. Fogo ambivalente que reduz a cinzas até a própria raiz, para que uma nova vida delas se levante. Fogo que é purificação do passado e gestação do presente:

De sa racine brulée suçant les cendres,
Reverdit
Le pin.

A palavra poética é destruição do real dado e dos significados fixos. Metamorfose constante daquilo que tende á fixar-se. Sabemos que uma experiência vital subjaz ao poema, uma realidade anterior que é pretexto de criação e renovação poética. A linguagem figura essa realidade por um apelo à natureza — o pinheiro como figura do poeta. Mas as relações estabelecidas entre as coisas e as palavras não se situam no plano da lógica: o pinheiro atingido pelo fogo, pelo facto de ser resinoso, está inexoravelmente condenado à morte. Outras árvores podem reverdecer mais tarde, mas não o pinheiro. Há entre palavras e coisas uma correlação a funcionar livremente no espaço poético, o que faz que significantes, significados e referentes, por uma interacção transgressora de códigos, operem transformações no domínio das

realidades: o pinheiro arde até à raiz e volta a tomar vida, o que é uma forma de exprimir as raízes obscuras do ser humano.

E o poema termina numa apoteose quase pentecóstica de flamas providenciais: *Comme au tableau du Saint-Esprit.*

Desejo de mutação, iluminação, purificação e renascimento, eis as quatro operações a que se submeteu o pinheiro-ser pensante. O fogo não só iluminou e permitiu ver, como purificou e fecundou. Ressuscitado das cinzas, portador de uma mensagem de vida nova, o pinheiro vai agora cumprir a sua missão. Está pois, consumada a ruptura com o mundo banal e monótono, aberto o acesso àquela verdade pressentida e tomada a decisão de partir à aventura, no encalço de uma nova sabedoria. E assim, na sua poesia, «se fundem ou coabitam veios tradicionais e uma apurada cultura modernística de raiz francesa, tradicionalmente retórica, e aflorando, sem comprometimentos, o fantasismo dos poetas que precederam o surrealismo», como escreveu Jorge de Sena[12].

[12] Artigo publicado em 1961 no jornal «Estado de S. Paulo».

ÍNDICE

Prefácio 6
Introdução 9
Notícia sobre *Canto matinal* 22
Bibliografia 23

ANTOLOGIA

POESIA

Canto matinal

Tormento 40
Ideal 41

La voyelle promise

Le pin reverdit en français 42
Art poétique 44
La nuit dans le port 45

O bicho harmonioso

O bicho harmonioso 46
A concha 48
Arte poética 49
O canário de ouro 50
Primavera embuçada 53
Imagem 55
Navio de sal 56
O paço do milhafre 58
Azorean torpor 59
Para que me deixem 60
Correspondência ao mar 62
Ode ao mar 64
Canto à boa esperança 67

Eu, comovido a Oeste

(Versos a uma cabrinha que eu tive) 69
A minha vida fechou-se entre árvores 70
(Onde o mar me levou) 71
Eu me construo e ergo, peça a peça 72
Pus-me a contar os alciões chegados 73
Desocupado 74
É na memória que outra vida hiberna 75
Aquele cais ali, agudo e nu 76

A nortada encheu de ilhas o horizonte....77
O sol fechou o dia....78
Senhor, nas minhas veias....79

Festa redonda

Cantigas à minha viola....80
Cantigas à ilha Terceira, à cidade, à Praia, e aos montes....82
Cantigas ao campo das Lajes....88

Nem toda a noite a vida

Desabafo....90
Desengano....92
Navio....93
Quadrante....94
Bobo....95
O ovo....97
Lápide....98
Áspera vida....99
Anjo da guarda....101
Cólofon....103

O pão e a culpa

Hino ao Espírito Santo....104
Anjos....106
Visita....108
O moscardo....110
Colheita....111

O verbo e a morte

Sono e sossego....113
Ilha ao longe....114
O verbo e a morte....116
Flatus vocis....117
Casa do Ser....118
O poeta é o portador....119
Prece....120

O cavalo encantado

O cavalo encantado....121
Memória e queda....122
Regresso....123
Poldro de som....124

Canto de véspera

Nenhuma....126
Tio Matesinho....127

Limite de idade

A. D. N.....128
Canada-flight....129
Nova esfinge....133
Eurátomo....134
Relações de incerteza....135
Matéria orgânica a distância astronómica....137
O cavalo sidério....138
Requiescat....139

Poemas brasileiros

Romance do lugre «Flor d'Angra»....140
Romance do emigrante....142
Romance de Água de Mininos....143

Sapateia açoriana, andamento holandês e outros poemas

Largada à baleia....145
Corsários à vista....146
Noz de fogo....148

*
* *

Poemas ilhéus....150
Quando falarem de vergonha ou pejo....152

FICÇÃO

Varanda de Pilatos

O pai de Venâncio delira e a revolução fracassa....154
Epílogo....157

A casa fechada

O tubarão....160

Mau tempo no canal

A serpente cega....172
Encontros....186
Epílogo....192

O mistério do paço do milhafre

Os malhados 207
Quatro prisões debaixo de armas! 221
Cabeça de boga 241

*
* *

A dança da morte 247

CRÓNICAS

Ondas médias

O capuchinho da Arrábida 257

O segredo de Ouro Preto e outros caminhos

Noite de S. João 261
As ruas desertas 265

Corsário das Ilhas

Os Açores 268
«Isolamento»: solidão de ilha 276
A cidade do canal 280
Encontro de Angra 284

O retrato do semeador

No trânsito aos bons propósitos 288

Viagens ao pé da porta

Meditação ocasional 292
Primeira crónica das águas novas 295

Caatinga e Terra Caída

Igrejas e cais do Pará 298

Jornal do observador

Número 1 300
Memórias alheias 302
Memórias íntimas 304

Era do átomo / crise do homem

I 306
II 309
VI 312

ESTUDOS E ENSAIOS

Sob os signos de agora

O açoriano e os açores 316
Da universal inquietude 330

A mocidade de Herculano

A volta do proscrito 334

Conhecimento de poesia

O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita 351
Ocaso e dispersão de Mário de Sá-Carneiro 366

*
* *

Eurico. História de um livro 370
Poesia e metafísica 388

ARTIGOS, CONFERÊNCIAS E OUTROS ESCRITOS

A arte de escrever 393
Açorianidade 406
Le mythe de monsieur Queimado 408
O problema do romance 423
Romance, existência e visão do mundo 427
Última lição 441

ANTOLOGIA CRÍTICA

Fernando Cristóvão

Um itinerário: da confissão da culpa ao merecimento do pão 462

Maria Idalina Resina Rodrigues

'Mau tempo no canal' — o homem e o destino 484

Maria Vitalina Leal de Matos

'Limite de idade' – experiências do limite 490

António Machado Pires

Nemésio e os Açores 503

Eduardo Lourenço

Nemésio clown *de Deus – glosa lírica a 'Limite de Idade'* 514

Vasco Graça Moura

Nemésio: o lance do verbo 521

Duarte Faria

Vitorino Nemésio: da poesia como modo de ser 547

Rosa Maria B. Goulart

Vitorino Nemésio: na senda do verbo primordial 576

Fernando Cristóvão

'La Voyelle promise': viagem e viragem 589